

A historiografia culturalista, sob influência de Miguel Reale, reuniu Gonçalves de Magalhães, suposto primeiro filósofo brasileiro, a Farias Brito e Tobias Barreto, como os fundadores da filosofia nacional. Tobias Barreto se consagrou com duas afirmações tão célebres quanto caricatas: *não há domínio algum da atividade intelectual, em que o espírito brasileiro se mostre tão acanhado, tão frívolo e infecundo, como no domínio filosófico*. Em outro lugar, sem mesmo se dar o trabalho de apresentar uma justificativa, ele foi ainda mais categórico: *o Brasil não tem cabeça filosófica. Renuncio ao prazer e à glória de uma tal demonstração*. Na pena do maior polemista brasileiro do século XIX – Sílvio Romero –, tais afirmações foram suficientes para decretar a pretensa ausência de filosofia durante todo o período colonial.

Diversamente, nas últimas décadas, filósofos como Antônio Joaquim Severino, Paulo Margutti e outros estão escrevendo uma nova historiografia filosófica brasileira, inclusive retomando sua gênese desde o século XVI. É nessa perspectiva que a edição crítica de Sílvio Romero preenche uma lacuna secular. Os editores dão o devido destaque à sua figura, inserindo-o no curso da história do pensamento nacional que tem nele a expressão de um grande momento, mas que só alcança pleno sentido e justa compreensão em diálogo com as sabedorias lusa, indígena e africana que moldaram a *intelligentsia* brasileira e, por sua vez, ensinam a pensar a Colônia e as lutas pela Independência em um país que ainda precisa se reconciliar com sua história para não ser escravo de seu passado.

Lúcio Marques (UFTM / CNPq)

SÍLVIO ROMERO – A FILOSOFIA NO BRASIL (1878)

Tomás Troster
Roger Xavier
(Editores)



FILOSOFIA NO BRASIL (1878) SÍLVIO ROMERO



Tomás Troster
Roger Xavier
(Editores)



FILOSOFIA NO BRASIL (1878)
SÍLVIO ROMERO

SÍLVIO ROMERO
A FILOSOFIA NO BRASIL (1878)

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Ministro de Estado	Embaixador Mauro Luiz Iecker Vieira
Secretária-Geral	Embaixadora Maria Laura da Rocha

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

Presidente	Embaixador Raphael Azeredo
Diretor do Centro de História e Documentação Diplomática	Embaixador Gelson Fonseca Junior
Diretor do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais	Ministro Almir Lima Nascimento

A Fundação Alexandre de Gusmão – FUNAG, instituída em 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores. Sua missão é promover a sensibilização da opinião pública para os temas de relações internacionais e para a política externa brasileira.

A FUNAG, com sede em Brasília, conta em sua estrutura com o Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais – IPRI e com o Centro de História e Documentação Diplomática – CHDD, este último no Rio de Janeiro.

Tomás Troster
Roger Xavier
(Editores)

SÍLVIO ROMERO
A FILOSOFIA NO BRASIL (1878)

Ensaio crítico

Edição crítica e anotada de Tomás Troster e Roger Xavier com base na edição original, publicada em 1878 pela Tipografia da Deutsche Zeitung, em Porto Alegre, e amparada nas edições de Luís Washington Vita (1969) e de Luiz Alberto Cerqueira (2011)



Brasília – 2025

Direitos de publicação reservados à
Fundação Alexandre de Gusmão
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H, Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília-DF
Tel.: (61) 2030-9117/9128
Site: gov.br/funag
E-mail: funag@funag.gov.br

Coordenação-Geral de Publicações e Eventos:

Henrique da Silveira Sardinha Pinto Filho

Coordenação de Publicação e Editoração:

Fernanda Antunes Siqueira

Revisão:

Gabriela Del Rio de Rezende

Equipe Técnica:

Alessandra Marin da Silva
Ana Clara Ribeiro Teixeira
Eliane Miranda Paiva
Luiz Antônio Gusmão
Nycole Cardia Pereira

Programação Visual e Diagramação:

Denivon Cordeiro de Carvalho

As opiniões emitidas nesta publicação são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a posição oficial do Ministério das Relações Exteriores e da Fundação Alexandre de Gusmão.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R763f Romero, Sílvio

A filosofia no Brasil (1878): ensaio crítico / Sílvio Romero ; editores Tomás Troster e Roger Xavier. -- 1. ed. -- Brasília : FUNAG, 2025.

404 p. -- (Scripta Brasiliana 2)

ISBN: 978-65-5209-007-2

1. Filosofia brasileira. 2. História da filosofia – Brasil. 3. Filósofos - Crítica e interpretação – Brasil. I. Troster, Tomás. II. Xavier, Roger. III. Título. IV. Série.

CDD-199.81

Depósito legal na Fundação Biblioteca Nacional conforme Lei nº 10.994, de 14/12/2004.

Elaborada por Sueli Costa - Bibliotecária - CRB-8/5213

(SC Assessoria Editorial, SP, Brasil)

COMITÊ CIENTÍFICO DA SÉRIE *Scripta Brasiliana*

Alfredo Carlos Storck	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Antônio Martínez de Rezende	Universidade Federal de Minas Gerais
Cláudia Regina Bovo	Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Célia López Alcalde	Universidad de Granada / España
Diomar das Graças Motta	Universidade Federal do Maranhão
Geraldo Tibúrcio de Almeida	Universidade Federal de São João Del Rei
Heloísa Helena Siqueira Correia	Universidade Federal de Rondônia
Jacyntho Lins Brandão	Universidade Federal de Minas Gerais
Joerg Alejandro Tellkamp	Universidad Autónoma Metropolitana / Mexico
Juan Dejo Bendezú	Universidad Antonio Ruiz de Montoya / Peru
Ivan Domingues	Universidade Federal de Minas Gerais
Leni Cazelli Anzai	Universidade Federal do Mato Grosso
Lídia Lanza	Universidade de Lisboa / Portugal
Mário Santiago de Carvalho	Universidade de Coimbra / Portugal
Paulo Roberto Margutti Pinto	Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
Roberto Hofmeister Pich	Pontifícia Universidade Católica do Rio G. Sul
Sidney Francisco do Nascimento	Universidade Federal do Maranhão
Valeria Buffon	Universidad Nacional del Litoral / Argentina

VOLUMES DA SÉRIE *Scripta Brasiliana*

1. Dom Antônio Ferreira Viçoso, *Correspondência* (1823-1875)
2. Silvio Romero, *A Filosofia no Brasil* (1878)

SOBRE OS EDITORES

TOMÁS TROSTER é bacharel e licenciado em Filosofia pela PUC-SP e doutor em Filosofia pela USP, com período sanduíche na École Normale Supérieure de Paris. Atualmente, é professor colaborador do Mestrado Profissional em Filosofia (Prof-Filo) da Universidade de Brasília e pós-doutorando no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, produzindo uma tradução anotada dos *Primeiros Analíticos*, de Aristóteles. Entre 2021 e 2023, foi professor da Universidade Estadual do Norte do Paraná e, entre 2023 e 2025, da Universidade de Brasília. Também é autor de duas coleções de obras didáticas de Filosofia pela Editora Santillana e tradutor de uma série de artigos acadêmicos – do inglês, do francês e do espanhol.

ROGER XAVIER é graduado em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina e mestre em Filosofia contemporânea pela Universidade Paris X Nanterre. Atualmente, trabalha na École Supérieure de Commerce de Paris e faz doutorado na Universidade Paris 8 – onde desenvolve uma pesquisa interdisciplinar sobre teorias da mídia e comunicação, com foco nos efeitos da mediação sobre a percepção, os corpos e os espaços. Paralelamente, tem atuado em alguns projetos de tradução e lecionou em instituições como a École de Condé e o centro de formação do clube Paris Saint-Germain. Também estudou jornalismo na Griffith College Dublin e comunicação na École Française des Métiers de la Communication.

APRESENTAÇÃO DA SÉRIE *Scripta Brasiliana*

Há dois rios situados em frente ao Hades. O primeiro é o Lete. Quem nele sacia sua sede, perde completamente sua memória. O segundo é o Mnemosine, cujo efeito é oposto ao anterior, quem dele se serve, conserva perenemente sua memória. O rio do esquecimento jorra abundantemente, uma vez que o acesso à memória parece um risco quando se tiraniza a memória social. A violência do vencedor não agride somente o corpo do vencido, ela visa destruir a memória da derrota. A pior derrota que se imprime ao vencido é o sequestro do objeto lembrado e o aniquilamento da forma de sua representação (Ricoeur, 2007, p. 72)¹. Isso se opera à medida que se instaura o drama do esquecimento pelo “impedimento de ter acesso aos tesouros enterrados da memória” (*Ibid.*, p. 452). O resultado do drama é duplo: de um lado, cria-se uma história oficial para ser apreendida e celebrada às custas do esquecimento e, de outro, a inviabilidade da memória gera o trauma do esquecimento que se transforma em recalque histórico. A produção do esquecimento impede a resolução do drama histórico por meio da reconciliação entre vencedor e vencido. O drama se transforma em trauma, que retornará em forma de compulsão à repetição sob a forma de violência entre as partes ou sob a forma de novas políticas do esquecimento (Freud, 2006, p. 147)², e quem não se reconcilia com seu passado, torna-se seu escravo. Tal qual o drama histórico do sujeito, a historiografia brasileira sofre duplamente, tanto pelo esquecimento deliberado e pelo recalque de formas alienígenas ao discurso histórico, quanto

1 Ricoeur, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. A. François et al. Campinas: Unicamp, 2007.

2 Freud, S. *Além do Princípio do Prazer – Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. 2. Trad. e org. L. A. Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

pela sistemática negação e pelo revisionismo falseador. O resultado se nota na lógica do esquecimento e na reescrita das narrativas do passado negando o inegável como a crueldade da escravidão e os traumas da ditadura, por exemplo. A forma de resistir à ação letal do esquecimento se opera no resguardo da ação corrosiva do tempo através da oferta de acessibilidade a fontes da história, a saber, pela produção e divulgação de acessibilidade aos documentos históricos capazes de abrir novas possibilidades interpretativas na historiografia brasileira (Carrara, 2008, p. XXV)³.

É no intuito de romper as políticas do esquecimento e divulgar fontes inéditas para nossa historiografia que temos a honra de inaugurar a *Série Scripta Brasiliana* com a epistolografia de Dom Antônio Vicente Ferreira Viçoso, seguindo, neste documento, o conselho expresso por Angelo Carrara (2008, p. XXIV) na apresentação da epistolografia de Dom Frei Manuel da Cruz. Com isso, estamos dizendo que a referida *Série* inscreve-se no rol das edições de fontes historiográficas nacionais, sobretudo, de escritos filosóficos, mas também de escritos teológicos, jurídicos e históricos-sociais. A intuição era atermo-nos apenas aos escritos filosóficos do período colonial com uma espécie de *bibliotheca philosophica antiqua*, porém a riqueza das fontes conduziu à expansão do escopo dando azo à sua extensão até o final do período imperial e incluindo fontes que servem à história jurídica, teológica e social. Contrariando a proverbial afirmação de destruição completa das fontes por imperícia ou decisão lusitana ao longo dos referidos períodos, podemos afirmar, antecipadamente, que há uma quantidade surpreendente de escritos filosóficos, jurídicos, teológicos e históricos a serem editados. A maior parte dos escritos proveem da lavra acadêmica e estão redigidos sob as formas de *conclusiones philosophicas ex* ou de *cursus philosophicus* datados do final do século XVII até meados do XIX. Nesse sentido,

3 Leoni, A. L. (editor), *Copiador de algumas cartas particulares do Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Manuel da Cruz, Bispo do Maranhão e Mariana (1739-1762)*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

contamos com a generosa acolhida de muitos administradores e curadores desses acervos que os disponibilizaram, com gentileza e presteza ímpares, possibilitando o acesso para estudo e edição sem fins lucrativos. A eles, reiteramos nossa estima e gratidão.

A Série *Scripta Brasiliana* vem sendo gestada há anos, desde que priorizamos a pesquisa da filosofia brasileira, e recebeu pronta acolhida mediante o projeto apresentado em primeiro de dezembro de 2022 e aprovado em primeiro de março de 2023 pelo Ministério das Relações Exteriores, na pessoa da Embaixadora Márcia Loureiro e do Ministro Almir Nascimento, a quem reiteramos nosso agradecimento, e reafirmamos o orgulho de publicizar tais documentos pela Editora da Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG) com acesso livre, irrestrito e gratuito para as pessoas interessadas. Por priorizarmos a edição de documentos inéditos tornando-os acessíveis à comunidade científica brasileira e estrangeira, em forma de edição digital e impressa, queremos tão somente devolver ao público uma parte de sua própria história, por isso nosso compromisso é com o respeito às fontes e com o propósito de publicar edições críticas, com seus devidos aparatos, à altura dos documentos estudados.

Dada a envergadura do projeto, agradecemos a todas as pessoas envolvidas. Reunimos colaboradoras(es) de diversas instituições nacionais e estrangeiras que se uniram sem quaisquer fins lucrativos e se disponibilizaram a colaborar na pesquisa e edição das fontes sem ônus às suas funções específicas. O resultado se nota na diversidade de membros do comitê científico interno da Série que se unem no projeto com membros de seus respectivos grupos de pesquisas como o Pensamento Filosófico Brasileiro (ANPOF), o *Scholastica Colonialis* e a *Enciclopédia da Filosofia Brasileira*. Assim, agradecemos às pessoas envolvidas por meio dos nomes dos membros apresentados no comitê científico.

O elenco de fontes apresentadas no projeto desta Série reúne menos da metade dos manuscritos já identificados e catalogados

até o presente, o que significa que há muito mais a fazer no futuro. Sem medo de errar, reafirmamos o diagnóstico apresentado por Serafim Leite (2006, p. 224)⁴: “a história da cultura escolar colonial ainda não está feita em bases científicas, o que vem a significar que ainda não se estudou nas suas fontes, dentro do ambiente e dos livros que foram veículos dela”. Somados os esforços da pesquisa recente, sobretudo com os programas de pós-graduação em história e educação, não há como negar que muito já se fez, mais ainda resta muito por se fazer. Por isso, esta Série inscreve-se humildemente no rol dos esforços de constituição da história do pensamento brasileiro através do acesso às fontes de sua pesquisa. Tal como historiadores da filosofia, voltamos às fontes para propiciar ao público um encontro com elementos da história e memória brasileiras, lutando para que sejam salvas do rio do esquecimento. Isso não significa um apego ao passado como monumento, mas uma volta às fontes à luz das questões e dilemas do nosso tempo, justamente, para desmistificar os traumas e impedir que a história siga como narrativa dos vencedores e produtora de esquecimento.

Por fim, à medida que releemos o passado, nós o desatamos da política do esquecimento e damos voz às palavras silenciadas, feito isso, a Série terá cumprido sua função social, pois colaborará na tarefa da educação por vir, como se lê no manuscrito do *Cursus philosophicus* de Frei Manuel dos Anjos proveniente do Mato Grosso, 1756 (II, i, disp. 1, q. 3, c. 3, fol. 357, §23): “a educação é a ação transformadora do sujeito, por isso ele se distingue dos objetos da criação (*eductio est actio transmutativa subjecti, et per hoc distinguitur a creatione*)”.

Lúcio Álvaro Marques

Coordenador da Série *Scripta Brasiliana*

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM / CNPq)

4 Leite, S. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, v. VII. Belo Horizonte: Itatiaia, 2006.

SUMÁRIO

PREFÁCIO DOS EDITORES.....	13
Tomás Troster & Roger Xavier	
APRESENTAÇÃO.....	19
Tomás Troster & Roger Xavier	
PARA COMEÇAR A HISTÓRIA	29
Júlio Canhada	

A FILOSOFIA NO BRASIL, DE SÍLVIO ROMERO

NOTA INICIAL.....	45
I. FRANCISCO DE MONT'ALVERNE (1784-1858)	49
II. EDUARDO FERREIRA FRANÇA (1809-1857)	67
III. DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES (1811-1882)...	79
IV. PATRÍCIO MUNIZ (1820-1898)	97
V. JOSÉ SORIANO DE SOUZA (1833-1895).....	111
VI. PEDRO AMÉRICO DE FIGUEIREDO E MELO (1843-1905)	117
VII. LUIZ PEREIRA BARRETO (1840-1923).....	143
VIII. JOSÉ DE ARAÚJO RIBEIRO (1800-1879).....	185
IX. DOMINGOS GUEDES CABRAL (1852-1883)	215
X. TOBIAS BARRETO DE MENEZES (1839-1889).....	239
CONCLUSÃO	293

ANEXOS

ÍNDICE ONOMÁSTICO	315
NOTAS BIOGRÁFICAS	333
I. Francisco de Mont'Alverne (1784-1858)	333
II. Eduardo Ferreira França (1809-1857)	335
III. Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882)	337
IV. Patrício Muniz (1820-1898)	339
V. José Soriano de Souza (1833-1895)	340
VI. Pedro Américo (1843-1905).....	342
VII. Luiz Pereira Barreto (1840-1923).....	343
VIII. José de Araújo Ribeiro (1800-1879)	345
IX. Domingos Guedes Cabral (1852-1883)	347
X. Tobias Barreto de Menezes (1839-1889).....	348
XI. Sílvio Romero (1851-1914)	351
PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE SÍLVIO ROMERO, EM ORDEM CRONOLÓGICA.....	355
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	373

PREFÁCIO DOS EDITORES

*Um homem não teria o menor prazer em descobrir
todas as belezas do universo,
mesmo no céu, a menos que tivesse um parceiro
com quem pudesse compartilhar suas alegrias.*

Cícero, *Da amizade*¹

No irreparável mês de março de 2020, com diversos propósitos, estes dois pesquisadores passaram a se encontrar virtualmente algumas vezes por mês – Tomás, em São Paulo, e Roger, em Paris. A pandemia da Covid-19 impunha, então, uma situação de confinamento que se revelaria alheia a todos os prognósticos. Eis que, depois de algumas tantas reuniões, surgiu o projeto de confeccionar uma edição *total* da obra que – nas palavras de Júlio Canhada – é a primeira “em que se repertoria a produção filosófica brasileira”². Como público-alvo, projetamos aquele com o qual nos identificávamos anos atrás – alunos de primeiro ano de filosofia, ou pessoas apenas curiosas – e nos esforçamos para produzir um livro que nós mesmos gostaríamos de ler. Consideravelmente ignorantes no universo filosófico, político, cultural, histórico e literário do Brasil do século XIX, foi preciso que aprendêssemos uma infinidade de coisas. Embora nossas copiosas horas de pesquisa nem sempre nos recompensassem com descobertas

1 Cícero, *De amicitia*, §88. A tradução citada figura no livro *Encaixotando minha biblioteca*, de Alberto Manguel (2021, p. 7). Eis os versos em latim: “si quis in caelum ascendisset naturamque mundi et pulchritudinem siderum perspexisset, insuavem illam admirationem ei fore, quae iucundissima fuisset, si aliquem cui narraret habuisset”. De forma mais literal – porém menos intensa –, a passagem também pode ser traduzida da seguinte maneira: “se alguém subisse aos céus e contemplasse a natureza do mundo e a beleza das estrelas, insuave lhe pareceria tal encanto – que absolutamente sublime lhe seria, caso tivesse alguém para quem contá-lo”.

2 Conferir abaixo a introdução de Júlio Canhada – “Para começar a história” –, p. 29.

suficientes para enriquecer as notas, a fabricação desta edição se transformou em uma aventura que nos permitiu criar novas pontes, fruir de inesperados encontros e dividir um interesse crescente pela história da filosofia brasileira, proporcionando-nos preciosos momentos de alegria e de genuína surpresa. Esses sentimentos – que se tornaram um oásis no imensurável isolamento – e a vontade de compartilhar o livro – realçando *todas as suas cores* – foram as nossas maiores fontes de motivação para prosseguir. Depois de mais de quatro anos de trabalho, muita pesquisa e inúmeros contatos com arquivos, humanos e bibliotecas, acreditamos ter produzido uma edição que servirá de base para futuros estudos não só sobre Sílvio Romero, como também sobre aqueles que deram vida à filosofia brasileira do século XIX.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaríamos de agradecer ao Júlio Canhada que, além de nos ter fornecido obras de difícil acesso, dispôs-se a revisar praticamente toda a edição e, como se não bastasse, escreveu uma magnífica introdução. Obrigado demais, Júlio! Ao querido amigo Helyton dos Santos, agradecemos por resolver alguns enigmas biográficos que nos pareciam simplesmente insolúveis. Ao Alain El Youssef, agradecemos pela excelente consultoria historiográfica – e se, nas notas deste livro, houver algum erro grosseiro em relação à história do Brasil, tal erro certamente se deve ao fato de *não* termos recorrido ao Alain.

Aos generosos e prestativos funcionários das bibliotecas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Faculdade de Medicina, da Faculdade de Direito e do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, bem como da Biblioteca Gonçalo Moniz, da Universidade Federal da Bahia, da Faculdade

de Direito do Recife da Universidade Federal de Pernambuco, da Biblioteca Pública Epiphany Dória, em Aracaju, do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco, do *Center for Research Libraries*, em Chicago, e da *Library of Congress*, agradecemos especialmente às bibliotecárias Ana Lúcia Albano, Cheryl Adams, Dayse Paraíso, Dilma Santos, Elizabeth Santos, Gildete Batista, Isabel Figueiredo, Julyanne Barbosa e Silvana Bonifácio, e aos bibliotecários Charles Pereira Campos, Luiz Torres, Ricardo Gama e Wagner Carvalho. Sem vocês, não teríamos conseguido reunir e oferecer tantas informações para nossos leitores e leitoras.

Em ordem alfabética, agradecemos também àqueles e àquelas que contribuíram – com alguma indicação bibliográfica, uma revisão textual, uma solução sintática para a interpretação de certas passagens, uma consultoria sobre a tradução de algum trecho, um contato valioso, uma visita a um cemitério de Recife em busca de informações etc. – para que este livro contasse com os recursos dos quais ele dispõe; e àquelas e àqueles que, embora não tenham colaborado diretamente, são nossas fontes de inspiração e para quem dedicamos este trabalho: Ádamo da Veiga, Adriana Dias, Aglaé Porto Alves, Alexander Gonçalves, Alexander Orlov, Alexandre Escatambulo, Alexandre Guimarães Tadeu de Soares, Alexandre Rahal, Alfredo Gallino, Alon Mieli, Álvaro Silva, Amanda Camasmie, Ana Castellani, Ana Clara Di Toto, Ana Laura Ferrareze, Ana Macarena Troster, Ana María Furlani, Anderson Ribeiro, André Oliveira, André Porto Alves, Andrea Chapchap, Andressa Zanona, Ángeles Furlani, Anna Luiza Velloso, Anne Dominyque Oliveira, Anne Sauvagnargues, Annick Boorée, Antoine Toubert, Antônio Carlos de Souza, Apoena Meirelles, Aurélien Velly, Beatrice Tirapelli, Beatriz Souza Dias, Benjamim Saviane, Bruno Conte, Bruno Lenarducci, Bruno Rico, Bruno Trivellato, Caio de Andrea, Caio Souto, Caio Xavier, Camila Rodrigues, Carla Battolla, Carlos Matheus,

Carolina Castro, Carolina Correa, Carolina Troster, Cassio Motta, Catherine Menezes, Charles Ramond, Christian Perret, Christio Wijnhard, Cibele Cambuí, Cláudia Troster, Claudio Marchioni, Cristian Arão, Cristiana Bassoli, Cristina Greco, Dagmar de Paula, Daiane dos Santos, Daniel Ávila, Daniel Lopes, Daniel Tibério Luz, Daniela Santos, Débora Rojas, Denise Wingter, Diane Toubert, Didier Boorée, Diego Arvate, Diego Sampaio, Diego Valério, Dimitrios Christofis, Dolores de Vedia, Domytille Guitton, Dora Mota, Edélcio Gonçalves de Souza, Edelmira Gallino, Eduardo Cole, Eduardo Guelman, Eduardo Troster, Elaine Troster, Eleanor Teruya, Eleonora Branco, Elias Kobelt, Elisa Naves, Elisabeth Toubert, Elise Boorée, Emma Di Toto, Ennio Salvador, Enrico Porro, Ericka Marie Itokazu, Estela Di Toto, Fabiano Souto, Fátima Amaral, Fátima Belo, Felipe Gall, Fernanda Rahal, Fernando Carceller, Fernando Gazoni, Fernando Perelmutter, Fernando Quirino, Fernando Troster, Florencia Luci, Francine Savisky, Francis Wolff, Franco Di Toto, Gabriel Kerhart, Gabriel Kolyniak, Gabriel Xavier, Gabriela Biló, Gabriela Doll, Gabriela Miranda, Gastón Lucca, Gerson Vasconcelos Luz, Gilberto Braga, Gisele Meleiro, Giselle Duarte, Gloria Benavente, Guido Ballesi, Guilherme Coube, Guilherme Jordão, Guilherme Müller Júnior, Guilherme Oliveira, Guillaume Tessier, Helena Troster, Hélio Ázara de Oliveira, Herbert Gondo, Herbert Lash, Horacio López, Hugo Tiburtino, Inés Benavente, Inês Trezza, Iratan Gomes, Irma Brown, Isabella D'Aquino, Ivone de Jesus, Jannah Oliveira, Javiera Gutiérrez, Jeferson Ferreira Coronado, Jennie Gubner, Jessyca Pacheco, João Dias, João Índio, José Alves Cardoso, José Paulo Silva Santos, José Quinto Júnior, José Rodrigues Alves, José Veríssimo Teixeira da Mata, Josefina Furlani, Josh Stenberg, Juanita Furlani, Júlia Bettencourt, Juliana Abramides, Juliana Becheli, Júlio Sá, Kalinka Prates, Karina Pichinin, Kelen Telles, Kelly Koide, Laura Belo, Lautaro Di Toto, Lelia Prommel, Leonardo Belo, Leonardo Gallino,

Letícia Trezza Vezzani, Lidiane Moreira, Lidiane Orestes, Lisandro Massa, Lívia Sampaio, Lucas Xavier, Luccas Gissoni, Luciano Volpe, Lúcio Machado, Luísa Fraga, Luiz Amaral, Luiza Marques, Macarena Troster, Mara Amaral, Marcel Brandão, Marcella Gabriades, Marcelo Capannacci, Marcelo Maccaferri, Márcia Paveck, Marcio Carreri, Marco di Cara, Marco Zingano, Margarida Silva, María Amalia Díaz Guiñazu, Maria Cecília Goi, Maria Cecília Loschiavo, Maria Emilia Leme, Maria Naylora Lima Leme de Troster, Mariana Alves, Mariana Conde Lemos, Mariana Saes, Marília Arantes, Marília Côrtes de Ferraz, Marina Tambelli, Marinho Leme, Mário André Oliveira, Marízia Belo da Cunha, Marjorie Yamaguti, Marta Troster, Martin Amorim Xavier, Martín González, Matthieu Goudenhoof, Mayara Medeiros, Mecu Alvarez, Mel Montero, Miguel Troster, Mônica Nacaratto, Nana Ribeiro, Natalia Ribeiro, Nathalia Braga, Neuza Góes, Nini Aun, Olavo Souza Aranha, Osny Correa, Otávio Conde Lemos, Pablo Felino, Pablo Fico secco, Pascal Richou, Patrícia Troster, Paulino Di Toto, Paulo César Teles, Paulo Margutti, Pedro Bonani, Pedro Falcão, Polina Alaska, Rafael Limongelli, Raphaël Maureau, Rebeca da Silva Santos, Reginaldo Yasuoka, Renan Baggio, Renata Truys, Ricardo Feitosa, Ricardo Freitas Cavalcante, Ricardo Lalaoui, Ricardo Leão, Ricardo Meireles, Roberta Colin, Roberto de Hollanda, Roberto Lemos, Roberto Luis Troster, Rodrigo Inácio Ribeiro Sá Menezes, Rodrigo Lima de Oliveira, Rodrigo Pasinato, Rogério Basali, Rômulo Alexis, Rosana Xavier, Santiago Gallino, Santina Ferreira, Sara Maria, Sarah Poupinel, Serena Souza, Sérgio Menezes, Sérgio Salvador, Sheila Carvalho, Silvia Campolin, Sílvia Faustino de Assis Saes, Sônia Conde Lemos, Sônia Paixão, Stephanie Stecher, Suelen Miranda, Tânia Magalhães, Tarcísio Reis, Tatiana Trezza Vezzani, Teresa Ribeiro, Thereza do Amaral, Thiago Cavaloti, Thiago Coutinho, Thomas Lolliot, Tiago Andrade, Tomás Di Toto, Urgel Lima, Vanessa Rodrigues, Vicente de Arruda Sampaio,

Victor Toubert, Victória Vic, Victória Vilas Boas, Vítor Reis, Wagner Lemos, Waldo Hoffmann, Walison Vasconcelos, Walter Victor Scatolin Serra, Weby Mizael e, *in memoriam*, a Ana Maria Yamin, Ary Leme, Beatriz Elias, Leonor Troster, Luiz Henrique Lopes dos Santos, Luiz Pinho e Raúl Tomás Di Toto.

Por fim, agradecemos ao professor Lúcio Marques e à Fundação Alexandre de Gusmão, que permitiram que este livro finalmente saísse *no papel*.

Brasília e Paris, novembro de 2025

Tomás Troster & Roger Xavier

(ou, simplesmente, TT&RX)

APRESENTAÇÃO

O texto que o leitor tem em mãos é uma edição atualizada e anotada da versão original de *A Filosofia no Brasil*, que foi publicada em 1878, na cidade de Porto Alegre, pela Typographia da Deutsche Zeitung (um jornal alemão editado por Carlos von Koseritz, para quem Sílvio Romero dedica o livro). Ao reproduzir e escrutinar cada linha do texto original, também contamos com o amparo das edições de Luís Washington Vita (1969) e de Luiz Alberto Cerqueira (2011). Vita, que não pôde apreciar o resultado de seu trabalho – lançado apenas no ano seguinte ao de sua morte –, ofereceu uma valiosa contribuição à obra de Romero, traduzindo todas as passagens em línguas estrangeiras, que incluem expressões e citações em espanhol, italiano, francês, inglês, alemão e latim. Cerqueira, por sua vez, além de atualizar a ortografia da edição de Vita e disponibilizar uma versão integral do texto em seu *blog*, localizou alguns dos livros e artigos referidos por Romero em acervos digitais de livre acesso, indicando seus *links* para consulta. Reconhecemos e agradecemos o trabalho de ambos os editores.

Sobre a presente edição, em primeiro lugar, destacamos algumas *intervenções e adaptações* que fizemos no texto, sempre com o propósito de facilitar sua inteligibilidade. Dentre elas, as mais frequentes foram as mudanças na pontuação – respeitando, obviamente, o sentido original da obra –, incluindo as citações de outros autores feitas por Romero (que, por sua vez, também se deu o direito de alterar a pontuação de alguns dos trechos por ele reproduzidos)¹. Buscando

1 Por exemplo, no capítulo VII, substituímos algumas vírgulas por travessões:

“A observação e a experiência ficam [...] condenadas, como estão, *a priori*, e irremediavelmente, a nada revelar da matéria” (Romero, 1878).

“A observação e a experiência ficam [...] condenadas – como estão, *a priori*, e irremediavelmente – a nada revelar da matéria” (presente edição).

Além disso, algumas (não raras) ocorrências de “!...” foram substituídas por uma única exclamação: “!”.

uma maior afinidade com a regência do português contemporâneo, suprimimos ou substituímos certas preposições² e, eventualmente, reposicionamos um e outro pronome³. Também acrescentamos alguns colchetes ao texto, com distintas finalidades: (i) apresentar traduções de expressões ou títulos de obras estrangeiras; (ii) indicar omissões em excertos citados – com o uso de reticências, “[...]” –; (iii) em alguns casos, esclarecer uma passagem do texto com o acréscimo de palavras que podem ser subentendidas⁴; e (iv) oferecer sinônimos de palavras ou expressões que caíram em desuso ou são empregadas com sentidos diferentes daqueles que são mais comuns atualmente, além de termos menos familiares para um leitor leigo⁵. Além disso, destacamos que todas as correções apontadas na errata da edição de 1878 foram incorporadas (o que nem sempre foi feito nas edições de Vita e de Cerqueira).

O trabalho de pesquisa, verificação e correção dos *nomes próprios* mencionados no livro constituiu um capítulo à parte de nosso trabalho e culminou na produção do *índice onomástico* – que abre a seção dos anexos. Entre os mais de 270 autores citados na obra, é certo que muitos – como Kant e Schopenhauer – talvez

2 No primeiro capítulo, por exemplo, substituímos “por amor da frase” por “por amor à frase”; no capítulo IV, “decidir da natureza das opiniões” por “decidir a natureza das opiniões”; no capítulo IX, “do tocante a” por “no tocante a”; no capítulo X, “prazer da vida” por “prazer pela vida” e “puxou por um violão” por “puxou um violão”.

3 Por exemplo, no capítulo II, a passagem “o eclético que se não julgou obrigado” foi alterada para “o eclético que não se julgou obrigado”; no capítulo VI, “o mesmo se não dá” para “o mesmo não se dá”; no capítulo X, “se me não engano” tornou-se “se não me engano”.

4 Por exemplo, no capítulo II, “se fosse possível sermos privados dos [sentidos] interiores”; no capítulo VI, “a maior das descobertas de todos os tempos [seria] uma pretensão”; no capítulo VII, “não [são] assim os sectários obcecados, como o Dr. Barreto”; no capítulo X, “na antiga capital brasileira [Salvador]”. Também adotamos os colchetes acrescentados por Vita que indicam os séculos aos quais se refere Romero, como em “no século passado [XVIII]” (capítulo VI) e “neste século [XIX]” (capítulo VII).

5 Por exemplo, “mofa [escárnio]” (nota inicial), “coevos [contemporâneos]” (capítulo I), “precisão [necessidade]” (capítulo VIII) e “exarou [exprimiui]” (capítulo X). O critério para o acréscimo de tais colchetes foram as dificuldades lexicais (isto é, a ignorância em relação a termos e expressões) que nós mesmos tínhamos (ou teríamos) quando éramos graduandos.

dispensassem maiores apresentações. Por outro lado, para identificar um certo Laurent (mencionado nos capítulos IV, VI e X), foi preciso recorrer ao catálogo da biblioteca pessoal de Romero e a uma série de referências indiretas, para que pudéssemos ter certeza de que – entre Laurent de l'Ardèche (1793-1877) e François Laurent (1810-1887), ambos bastante citados na literatura da época e ambos normalmente referidos apenas como “Laurent” – Romero de fato se referia ao segundo. O caso do psiquiatra francês Alfred Sauze também é digno de nota, uma vez que foi mencionado erroneamente em todas as edições como “Saure” e exigiu horas de pesquisa para que fosse devidamente identificado e referido em nossa edição por seu nome correto. Assim, tanto no texto de Romero, quanto no índice onomástico, corrigimos a grafia dos nomes dos autores citados⁶ e, eventualmente, apontamos nas notas alguns deslizes do autor sergipano em relação às nacionalidades de tais autores. Quanto aos nomes dos autores brasileiros, substituímos a grafia original apenas quando a ortografia vigente requer um acento para manter a pronúncia ou quando uma “nova” versão se tornou unânime – como é o caso do próprio *Sílvio* (e não mais *Sylvio*) Romero.

Outro eixo essencial de nossa pesquisa foi a verificação dos *excertos de outros autores reproduzidos* na obra. Em todos os casos em que Romero transcreve uma passagem ou uma expressão de outro autor, tratamos de encontrar e consultar as suas fontes originais, a fim de averiguar a fidelidade dessas citações. Com algumas poucas omissões – como é o caso de uma monografia de juventude do autor sergipano, intitulada *A poesia contemporânea*, e algumas passagens de periódicos da época, principalmente aqueles que foram editados por Tobias Barreto –, conseguimos localizar as fontes primárias da grande maioria das citações feitas no livro. Assim, sempre que

6 Substituindo, por exemplo, “Storkenau” por “Storchenau” e “Genuense” por “Genovesi” (capítulo I), “Küs” por “Küss” (capítulo II), “Creuser” por “Kreuser” (capítulo VII) e “Herschell” por “Herschel” (capítulo VIII).

possível, indicamos nas notas ou na bibliografia as suas referências precisas. Em relação às citações de autores estrangeiros, vale destacar que Romero nem sempre adota o mesmo padrão, ora citando trechos traduzidos por ele mesmo, ora incluindo no texto passagens em espanhol, italiano, francês, inglês, alemão e latim. Nesses casos, quando os trechos citados eram mais longos, eles foram substituídos no corpo do texto por traduções já existentes (devidamente referidas nas notas) ou traduções que nós mesmos fizemos. Por outro lado, nos casos em que Romero cita nomes de obras estrangeiras, transcreve expressões curtas ou, no capítulo VI, escreve algumas frases em um francês de sua própria pena (para debochar do estilo de Pedro Américo), mantivemos o idioma original no corpo do texto, sempre fornecendo traduções para o português – entre colchetes ou nas notas.

A maior contribuição de nossa edição para os presentes e futuros leitores de Romero – sem sombra de dúvida – são as cerca de novecentas *notas de rodapé* que produzimos para o texto⁷, que são de diversas naturezas. Nelas, em primeiro lugar, tratamos de elucidar o sentido de alguns termos e expressões – principalmente do jargão científico e filosófico⁸ –, além de esclarecer frases cuja sintaxe ou cujo vocabulário poderiam eventualmente produzir interpretações ambíguas⁹. Além delas, muitas notas examinam minuciosamente as citações reproduzidas no livro, enquanto outras oferecem esclarecimentos contextuais essenciais para a plena compreensão da obra. Algumas das notas mais extensas que produzimos tratam de apresentar de forma clara quais são as referências políticas, históricas, literárias,

7 Ainda que, por um momento, tivemos a tentação de “atualizar” certos termos e expressões arcaicos – substituindo-os por outros mais familiares para o leitor contemporâneo –, com o decorrer do trabalho, essa proposta acabou sendo abandonada por se mostrar indevidamente anacrônica e arbitrária. Em uma versão prévia da edição, o número de notas chegou a ser superior a mil e trezentos. Porém, seguindo uma sugestão dos pareceristas deste trabalho, decidimos substituir algumas notas mais breves – principalmente de vocabulário – por colchetes que foram acrescentados no próprio texto.

8 Como “espiritualismo” (em vários capítulos), “panteísmo” (capítulo IV) e “transformismo” (capítulo VII).

9 Dois exemplos: “é o que se dá pela China” (capítulo VI) e “isto é que fora naufragar no golfo” (capítulo VIII).

filosóficas e culturais implícitas em determinadas passagens do texto. Como aperitivo daquilo que o leitor encontrará na edição, transcrevemos aqui três das notas cuja produção nos deram mais satisfação. A primeira delas aparece no capítulo VIII, com o objetivo de elucidar uma passagem do texto na qual o autor sergipano critica a classe dos juristas brasileiros e toma como referência certos *doctor Joannes a Regulis* e *doctor Mater-Galla*. Ao nome deste último, acrescentamos a seguinte nota:

Referência ao personagem do romance histórico *O monge de Cister* (1848), do escritor português Alexandre Herculano (1810-1877), retratado da seguinte forma no capítulo XI do livro: “Eleito vereador, poucos anos depois de voltar a Celorico, não tardara a ocupar cargo mais importante, o de juiz de foro, ou ordinário, da sua terra. Então é que bendisse o talento e ciência que Deus repartira com ele, e deu por bem empregadas as vigílias que dedicara a fazer a conversão do próprio nome. As palavras *Doctor-Mater-Galla-Dictus-Asinipes*, escritas em letra grande e garrafal no fundo de um pergaminho, davam às suas sentenças uma solenidade, um ar de mistério científico, um grandioso, que infundia santo e salutar temor na gente de Celorico, embora no trato ordinário, e sobretudo pelas costas, lhe chamassem o doutor Pataburro”. Quanto ao *doctor Joannes a Regulis*, Romero provavelmente se refere a João das Regras, conselheiro de D. João I, que teve um papel determinante em sua ascensão ao trono português e é personagem de *O monge de Cister* e também do conto *A abóbada* (1851). Neste último, Herculano escreve: “D. João I, que conhecia serem esses dois homens [João das Regras e Nun’Álvares] as pedras angulares de seu trono, escutava-os sempre com respeito, salvo quando falavam um do outro; posto que o condestável [Nun’Álvares], homem mais de obras que de palavras, raras vezes menoscabava os méritos do chanceler [João das Regras], contentando-se [...] em que João das Regras mostrava o grande peso da sua pena”. O que Romero parece sugerir, então, é que os juristas brasileiros de sua época – fossem eles influentes em todo o Império ou apenas em uma pequena localidade – eram todos antiquados (cf. Herculano, 1918, p. 190, e 2023, p. 14).

No capítulo X, para explicar o que seria o regime poético da *bomba* – que, segundo Romero, teria sido protagonizado por Tobias Barreto e Castro Alves –, apresentamos no rodapé o seguinte parágrafo para o leitor:

As chamadas “bombas” eram poemas feitos para serem declamados para grandes grupos de pessoas, em contextos de anseios revolucionários. Escritos nesse estilo “áspero e retumbante”, como descreve Romero, esses poemas são repletos de frases exclamativas, invocando ideais políticos e valendo-se de imagens de forma bastante emotiva. Baseando-se em cartas e depoimentos do próprio Castro Alves, o escritor Carlos Willian Leite criou uma entrevista fictícia simulando como o poeta baiano responderia a uma questão sobre suas divergências com Tobias Barreto, mencionando de passagem as suas bombas: “O Tobias? Isso é coisa do passado, não tem mais importância... Nem sei se vale a pena voltar ao assunto. Mas o que posso dizer?... Vamos ver... Começamos como amigos – temos, inclusive, poesias dedicadas um ao outro; passamos a colegas, tornamo-nos rivais e acabamos inimigos. Intrigas pessoais e literárias. Discordamos em quase tudo, tanto na poesia quanto no teatro. Olhe que nossos desencontros se acaloraram a partir de 1866, quando ele teve o deslante de, em público, dizer que a atriz Adelaide Amaral era superior a minha amada D. Eugênia Câmara, um talento fulgurante que Portugal nos legou; inigualável, como o Brasil jamais tivera oportunidade de assistir. O Senhor Tobias Barreto é feio, velho, escreve mal e declama pior ainda. Não conhece a língua que fala, o significado das palavras; já o aconselhei a fazer, de quando em quando, uma viagemzinha ao [dicionário] Moraes [Silva]. Nos recitativos fica nervoso, tem um jeito desastrado, não controla a voz. Não possui o domínio cênico que eu tenho, se veste mal. Eu entro no palco vestido de negro, chique, com uma flor na lapela, óleo nos cabelos, madeixas minuciosamente espontâneas e pó-de-arroz no rosto, para parecer mais pálido. Começo logo com uma das **minhas bombas** ‘O século’, ‘Pedro Ivo’, ‘Visão dos mortos’..., com resultado previsto e certo: a plateia me ovaciona.

Lembro-me de um sarau em São Paulo, organizado pelo Arquivo Jurídico, no Salão Concórdia. Nessa noite todas as honras foram minhas; o entusiasmo tocou ao delírio, quando arrematei a última estrofe de ‘Visão dos mortos’ e, a pedido geral, encetei ‘O livro e a América’. Se algum dia obtive um triunfo, não foi noutro lugar. Até a senhora do cônsul inglês Richard Burton veio entusiasticamente dizer-me: ‘Mim gostar muito de sua recitativa’ (rindo e imitando um sotaque inglês). Atualmente não tenho mais debatido com o Tobias Barreto” (Leite, 2023).

Já em nossos estudos para compreender e esclarecer o capítulo VII – dedicado a um dos primeiros filósofos positivistas brasileiros –, ficamos encantados ao saber que Luiz Pereira Barreto adotava um calendário próprio criado pelos positivistas. Complementando uma nota de Romero, que observa que “o seu primeiro livro é datado de Jacareí em 18 de César de 86 (10 de maio de 1874)”, escrevemos:

O seu primeiro livro é datado de Jacareí em 18 de César de 86 (10 de maio de 1874) (SR). O chamado *Calendário Positivista – ou Sistema geral de comemoração pública, destinado sobretudo à transição final da grande república ocidental, formada pelas cinco populações avançadas, francesa, italiana, espanhola, germânica e britânica* [em francês, *Calendrier positiviste, ou Système général de commémoration publique, destiné surtout à la transition finale de la grande république occidentale formée des cinq populations avancées, française, italienne, espagnole, germanique, et britannique*] foi publicado por Comte originalmente em 1849 (ou no ano 61, segundo o calendário). O calendário positivista tem como início – ou ano 1 – o ano de 1789 do calendário gregoriano, no qual ocorreu a Revolução Francesa. Conservando a mesma duração de 365 dias – e também os anos bissextos –, os anos do calendário positivista possuem uma semelhança essencial com o chamado *calendário maia*, a saber, que ambos são compostos de 13 meses de 28 dias (divididos em quatro semanas de 7 dias), além de mais um dia ou dois (em anos bissextos). A evolução dos meses no calendário positivista pretende representar

uma evolução da história (predominantemente europeia) com os seguintes momentos: 1. Moisés; 2. Homero; 3. Aristóteles; 4. Arquimedes; 5. César; 6. São Paulo; 7. Carlos Magno; 8. Dante; 9. Gutenberg; 10. Shakespeare; 11. Descartes; 12. Frederico II; 13. Bichat. Uma edição francesa de 1852 (ou 64) do *Calendário Positivista* está disponível em: <<https://bit.ly/3VVvsBYM>>, (acesso em 25 mar. 2025 – ou 28 de Aristóteles de 237) (TT&RX).

Ao longo de nossa edição, então, o leitor encontrará diversas notas que apresentam em linhas gerais certos eventos históricos¹⁰, movimentos políticos e religiosos¹¹ e, em alguns casos, transcrições de alguns poemas e passagens aos quais Romero faz referências, mas não os transcreve no corpo do texto¹². Como é possível observar a partir dos exemplos acima, as notas escritas por Sílvio Romero são destacadas com o acréscimo de “(SR)”. Caso tenhamos feito algum complemento nas notas de Romero, acrescentamos “(TT&RX)” depois de nossas contribuições. E, nas notas que são inteiramente de nossa autoria, não fizemos nenhuma indicação, já que correspondem à imensa maioria dos casos.

Considerando que um leitor sempre pode pular a leitura de um capítulo ou outro, produzimos uma nova nota ou um colchete novo quando uma expressão ou um termo anotado reaparece em um capítulo diferente, ora reproduzindo ou reescrevendo o que foi dito anteriormente, em casos breves, ora fazendo referência a notas anteriores, em casos de notas mais extensas.

Por fim, entre os anexos, além do já mencionado índice onomástico, nosso último grande trabalho foi a elaboração de breves notas

10 Como a Revolução de Julho (capítulo I) e a Questão Religiosa (capítulo VI).

11 Como, por exemplo, o *neogueifismo* (capítulo I) e o *ultramontanismo* (capítulo V).

12 Um exemplo curioso é o caso do poema “No banho”, escrito por Tobias Barreto em sua juventude, que Romero omite no texto por uma espécie de pudor. Em suas palavras: “a severidade deste opúsculo priva-me do prazer que teria, se pudesse mostrar aos olhos dos meus leitores essas joias da poesia nacional”.

biográficas sobre os dez autores examinados por Romero, além de uma sobre ele próprio. Sem qualquer pretensão de exaustividade, esses textos reúnem alguns fatos interessantes sobre suas vidas e obras, com o objetivo de estimular o interesse pela filosofia brasileira. Depois de mais de quatro anos de trabalho, pudemos recolher uma série de anedotas e fatos admiráveis sobre tais autores. Em nossas notas biográficas, então, decidimos compartilhar um pouco dessas descobertas com os leitores, com o intuito de instigar investigações sobre os autores estudados por Romero. Por mais que o livro dele tenha várias limitações – nós mesmos temos várias críticas a ele –, *A Filosofia no Brasil* tem alguns méritos. Uma das qualidades da obra é ter sido a primeira a reunir uma pesquisa consistente sobre diversos autores brasileiros no campo da filosofia. Com a nossa edição de Romero, acreditamos que o leitor poderá se deparar com um capítulo sobre determinado autor e, a partir daí, desejar se aprofundar em seu pensamento. Por fim, o último dos anexos é uma bibliografia com todas as referências utilizadas na produção desta edição.

Brasília e Paris, maio de 2025

TT&RX

PARA COMEÇAR A HISTÓRIA

Na América falta à paisagem, à vida, ao horizonte, a perspectiva humana; na Europa nos falta a pátria, isto é, a forma em que cada um de nós foi vazado ao nascer. De um lado do mar sente-se a ausência do mundo; do outro, a ausência do país. O sentimento em nós é brasileiro, a imaginação europeia.

Joaquim Nabuco, *Minha formação*

Este livro, publicado em 1878, é a primeira obra em que se repertoria a produção filosófica brasileira. Polêmico desde seu aparecimento, foi ao mesmo tempo criticado e utilizado por muitos trabalhos que lhe seguiram, ensejando uma já longa historiografia. Esta é uma obra central para compreender não apenas os caminhos da filosofia no Brasil, mas da história da vida intelectual brasileira como um todo. Passados 147 anos de sua estreia, contudo, ela não é de fácil entendimento. Há diferentes camadas de sentido presentes no texto de Sílvio Romero; além disso, há elementos de sua recepção que acabaram por desviar o olhar numa direção nem sempre adequada.

Existe uma interessante sobreposição de razões que compõe o mosaico pelo qual o livro de Sílvio Romero foi recebido. A primeira delas surge já entre seus contemporâneos. Araripe Junior escreve que, em 1880, quando da chegada de Sílvio Romero ao Rio de Janeiro, diziam que uma “cascavel, vinda dos sertões de Sergipe, tinha-se emboscado à Rua do Ouvidor, e ameaçava a todo o mundo com a violência de sua mortífera peçonha”. Visto como “bárbaro nortista”, Sílvio Romero, em *A Filosofia no Brasil*, não teria tido “outro cuidado, nesse trabalho violento, senão em mostrar a ignorância do Sul, relativamente ao Norte”. Embora elogie o livro como “um dos capítulos mais vibrantes de nossa história literária”, Araripe Junior

(1963, v. III, p. 273, 274, 282, 283 e 293) o qualifica como um “livro de ataque antes do que expositivo de doutrina”¹.

A virulência de Sílvio Romero também é destacada por Herculano de Souza Bandeira Filho, em seu artigo “Uma renovação literária entre nós”, publicado em 1879. “Demolidor” e “imodesto”, Sílvio Romero “quer destruir sistemas com uma penada” e “conceder ou negar diplomas de sábio”. Juntamente a essa desmesura, haveria uma falta de “critérios sólidos” em sua crítica a outros filósofos brasileiros, o que faria de sua posição um “dogmatismo sem provas” e um “ecletismo inconsciente”. Neste ponto, o crítico destaca a injustiça cometida por Sílvio Romero contra Victor Cousin – ponto sensível no debate filosófico brasileiro oitocentista, de que falarei adiante. O ecletismo de Romero, distinto do de Cousin por não assumir critério algum que não seja o seu “juízo individual”, resultaria em uma “liberdade para criticar” que salva apenas a Tobias Barreto, “ídolo colocado em um deserto”. Sílvio Romero seria, então, essa figura destruidora e vaidosa – “e a mocidade brasileira que acompanhe a marcha vertiginosa desse cometa, que passa por toda parte sem parar em parte alguma” (Bandeira Filho, 1879, p. 187, 178, 175, 176, 169 e 176).

Os juízos dos contemporâneos de Sílvio Romero devem ser entendidos no interior de disputas próprias ao século XIX brasileiro. A oposição entre a Corte e as Províncias recobre sentidos político-institucionais, econômicos e de prestígio; além disso, dissemina-se para diferentes posições acerca dos códigos de conduta corporal e discursivos. O “bárbaro nortista”, portanto, encarna um *ethos* desviante em relação ao bom-tom da Corte. O recurso à polêmica, por exemplo, não era exclusivo de Sílvio Romero: pelo contrário, era procedimento de disputa intelectual muito difundido². A dissimetria

1 O texto “Sílvio Romero, polemista” é composto por artigos publicados na *Revista Brasileira* em 1889.

2 Podemos supor o que o autor a seguir afirma de Recife vale para o Brasil como um todo: “era a polêmica, então, o entretenimento predileto dos intelectuais do Recife no tempo. O estudioso, que

entre o “centro” do Império e suas “periferias” também era marcada pelo peso e prestígio de instituições de ensino (Colégio de Pedro II, por exemplo), de pesquisa e difusão do conhecimento (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, por exemplo) e de órgãos da imprensa. Haveria muito o que falar sobre isso. Penso que o importante a reter é que as críticas dirigidas a Sílvio Romero devem ser entendidas em uma chave que as despersonalize, ou seja, que considere os critérios particulares que estavam em jogo no campo discursivo do Brasil oitocentista – critérios que são coletivos e variam conforme os interesses dos participantes desses embates. Se Sílvio Romero era visto como violento, essa violência era requerida, segundo ele, para lidar com a “aura mórbida e corrupta que se exala da famigerada Corte”, essa “grande ladra” (Romero, 2025, p. 244 desta edição).

Mas há outra ordem de razões pela qual o livro de Sílvio Romero foi avaliado e que vale a pena mencionar. Enquanto seus contemporâneos em geral o criticaram por sua virulência e parcialidade, já no século XX seu livro foi lido como um total despropósito, e isso porque seu objetivo seria despropositado. Ou seja, produzir uma história da filosofia no Brasil seria um contrassenso porque não haveria filosofia no Brasil como objeto a ser historiado. E, o que é surpreendente, interessante e um tanto paradoxal, a própria obra *A Filosofia no Brasil* contribuiu para essa enorme mudança de critérios, a qual incidiu posteriormente tanto sobre o texto de Romero, quanto sobre a filosofia brasileira de modo geral. Adiante desenvolverei melhor esses pontos. Por ora, quero salientar que estamos em meio ao dilema de como pensar ou construir uma *história da filosofia* no

queria aparecer, já sabia o recurso mais eficiente de que dispunha: aguardava uma oportunidade para entrar em polêmica com quem quer que fosse, a propósito dos assuntos em que se sentisse mais à vontade. O fato, apesar da sua frequência, despertava sempre a atenção dos círculos intelectuais e *fazia ou inutilizava para sempre o polemista*” (Carlos Süssekind de Mendonça, 1938, p. 76-77). A diferença, portanto, entre a prática de intelectuais do Recife e da Corte não se dava pelo uso ou não da polêmica, mas no seu grau ou intensidade, ou, ainda, pelos meios e códigos considerados legítimos dada uma ou outra proveniência dos intelectuais em disputa.

Brasil, o qual não está distante da questão sobre a possibilidade *da filosofia* no Brasil.

Esse dilema se liga às palavras de Joaquim Nabuco citadas como epígrafe, em que o autor de *Minha formação* formula a duplicidade entre alma europeia e corpo brasileiro que habita o intelectual do Império na forma de um conflito. Mas não apenas o intelectual do Império, porque o “transoceanismo” do “mal de Nabuco” comporá as preocupações de Mário de Andrade, por exemplo, ao dizer a Carlos Drummond de Andrade (2002, p. 51): “nós temos que dar ao Brasil o que ele não tem e que por isso até agora não viveu, nós temos que dar uma alma ao Brasil e para isso todo sacrifício é grandioso, é sublime”. O desajuste do intelectual faz parte da eterna questão sobre a identidade brasileira, cujas imagens de país paradisíaco ou país do futuro (Chauí, 2013), e, de outra parte, de país destinado a um absoluto fracasso são seus casos limite.

Nas décadas que se seguem à Independência de 1822, essa questão é central a intelectuais e artistas, sejam eles poetas, romancistas, pintores, músicos, historiadores, críticos literários e, também, filósofos. O livro de Sílvio Romero, portanto, incide diretamente nessa discussão, uma vez que seu assunto são as “criações espirituais” que possuem alto prestígio – a filosofia. Seriam os filósofos brasileiros apenas seguidores de modas europeias? Seriam somente produtores de cópias cujos originais não estariam aptos a criar? Mas será interessante supor que por trás da cópia haja um original? Estariam eles habilitados a conferir uma identidade ao Brasil?

Sílvio Romero constrói o seu relato sobre as obras filosóficas brasileiras a partir de um ponto de vista específico, o qual é por ele coletivizado como sendo o da Escola de Recife. Por essa razão, há uma dissimetria no livro, em que os nove capítulos anteriores àquele dedicado a Tobias Barreto – seu parceiro intelectual – são sobretudo negativos. Sílvio Romero passa em revista os autores e suas obras

guiado por um ideal crítico que é inseparável de sua avaliação sobre o estado da filosofia brasileira. A década de 1870, segundo ele, seria o momento de uma virada, de uma sublevação contra o senso-comum eclético e espiritualista que então grassava. Em suas palavras:

O decênio que vai de 1868 a 1878 é o mais notável de quantos no século XIX constituíram a nossa vida espiritual [...] Até 1868 o catolicismo reinante não tinha sofrido nestas plagas o mais leve abalo; a filosofia espiritualista, católica e eclética, a mais insignificante oposição [...] Nas regiões do pensamento teórico o travamento da peleja foi ainda mais formidável, porque o atraso era horroroso. Um bando de ideias novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte. (Sílvio Romero *in* Tobias Barreto, 1900, p. XXXIII-XXIV)

Esse “bando de ideias novas” era fornecido por leituras de autores como Auguste Comte, Herbert Spencer, Charles Darwin, Ernst Haeckel e ainda outros, muitos deles de origem alemã. Esse ponto, aliás, também marcaria a distância entre o novo momento que se inaugurava e o “atraso horroroso” que vigia antes: pela apropriação de autores alemães, Sílvio Romero e Tobias Barreto pretendiam sacudir o *francesismo* hegemônico entre intelectuais e artistas brasileiros³. O entusiasmo com que brandiam as ideias de autores de língua alemã lhes valeu, a Sílvio e Tobias, a crítica de quererem fundar uma escola “teuto-sergipana”, nas palavras de Carlos de Laet referidas por Carlos Sússekind de Mendonça (1938, p. 248).

Além de uma crítica a romancistas e poetas brasileiros que orbitavam o francesismo em suas formas romântica e indianista, Sílvio

3 Adet (1843, p. 37): “Percorrendo-se o círculo dos conhecimentos humanos no Brasil, vê-se que a França é a nação que mais tem contribuído neste século para o rápido progresso civilizador deste império. Descobre-se no seu desenvolvimento intelectual, debaixo de todas as modificações que são inerentes ao caráter nacional, a ideia francesa dominadora. Porquanto, percorra-se o campo da política, e distinguir-se-á fragmentos do sistema francês; explorem-se as ciências, físicas ou naturais, sociais ou filosóficas, incomensuráveis domínios, a ideia francesa é que sempre primeiro aparecerá”.

Romero, em *A Filosofia no Brasil*, tem em vista sobretudo a posição privilegiada que a filosofia de Victor Cousin ocupava entre filósofos brasileiros. Há muitas passagens em que o autor faz referência a esse fato. Considero haver dois elementos que bastam para a descrição do ecletismo espiritualista: em primeiro lugar, a centralidade da psicologia; em segundo lugar, sua concepção de história.

Resumidamente, Cousin compreende a psicologia como o estudo dos fatos da consciência. Se no século XVIII as ciências naturais voltavam-se aos objetos sensíveis para empreender seu exame, já no século XIX a filosofia deveria considerar outra ordem de fatos – fatos interiores –, constituindo a consciência como seu campo de observação. A “observação interior”, assim, seria o procedimento filosófico fundamental a ser realizado pelo filósofo enquanto exame de si. Por isso Cousin afirma que a “psicologia é a condição da filosofia” (Cousin, 1833, p. 12).

Também afirmando a centralidade da psicologia, há outro autor francês central ao debate filosófico brasileiro oitocentista: Théodore Jouffroy. Um de seus textos⁴, especialmente, teve grande fortuna entre os intelectuais do Império. Referido como sua *confissão*, nele Jouffroy descreve a perda de suas crenças religiosas e sua entrada na filosofia, justamente por meio do procedimento da observação interior ou exame de si. Trata-se de um relato em primeira pessoa que constrói suas peripécias subjetivas como uma luta de sistemas filosóficos, lutas essas desenroladas na história da filosofia francesa na passagem do século XVIII para o XIX. A incorporação de embates de escolas filosóficas como embates pessoais, cuja narrativa produz efeitos de cientificidade ao mover-se no interior de um novo laboratório, o “laboratório da consciência” (nas palavras de Jouffroy), serviu como modelo de voz autoral filosófica a muitos intelectuais brasileiros.

4 Cf. Jouffroy (1861 [1842]).

Um dos mais significativos dentre eles é Domingos José Gonçalves de Magalhães, que em 1858 publicou *Fatos do espírito humano*, obra analisada no capítulo três deste livro. Gonçalves de Magalhães foi autor de larga consagração, desde o livro de poemas *Suspiros poéticos e saudades*, de 1836, pelo qual foi considerado o fundador da poesia romântica brasileira, até seu livro de estreia na filosofia, também qualificado pelos contemporâneos como a primeira obra de filosofia publicada por um autor brasileiro. Uma dupla inauguração – duplamente criticada por Sílvio Romero. Gonçalves de Magalhães acompanhou o curso sobre direito natural de Jouffroy em Paris, em 1833, e encarnava exemplarmente a filosofia eclética e espiritualista. O próprio título de sua obra – *Fatos do espírito humano* – indica um alinhamento com as posições de Cousin sobre a centralidade da psicologia e da observação interior.

Outro elemento a compor a perspectiva filosófica de Victor Cousin é sua concepção de história. Seu ecletismo pregava o princípio da tolerância na consideração dos sistemas filosóficos: deve-se aproveitar o que os sistemas possuem de verdadeiro e afastar o que possuem de falso. Cada sistema seria definido por uma *ideia* fundamental, ideia depreendida da filosofia vitoriosa de determinada *época*. Sua concepção de temporalidade, assim, é a de uma luta entre ideias a organizar a passagem do tempo e da história, ideias encarnadas pelos filósofos. Decorre de sua posição, assim, uma história agônica da filosofia, com sistemas em perpétua luta, tornando infrutífera a adesão exclusiva a algum deles. Daí provém sua crítica ao “espírito de sistema”, posição que também terá grande repercussão no Brasil. Tendo isso em mente, é possível compreender melhor, sem anacronismos, porque os filósofos brasileiros do século XIX não almejavam produzir sistemas, já que estava associada à ideia de sistema uma posição dogmática e não atenta à filosofia contemporânea de seu tempo. De tal modo estava difundida a crítica ao espírito de sistema que

autores com posições filosóficas muito distantes, como Sílvio Romero e Gonçalves de Magalhães, dela compartilhavam.

O ecletismo espiritualista, com o primado da psicologia como observação interior e sua concepção de história como luta entre sistemas definidos por uma ideia central, é a perspectiva filosófica descrita por Romero como hegemônica no Brasil antes de 1870. Considero ser pertinente atribuir ao ecletismo tal posição no campo filosófico brasileiro, uma vez que ele parece ter mesmo se constituído como uma condição de possibilidade da filosofia no Brasil após a Independência. Para atestar esse fato, basta considerarmos um autor como Antônio Pedro de Figueiredo (1814-1859). Figueiredo era negro e desenvolveu sua atividade intelectual em Recife, tendo sido chefe de redação de uma importante revista, *O Progresso*, publicada entre 1846-1848. Os membros da revista seguiam as posições socialistas de Charles Fourier; não obstante, Figueiredo traduziu do francês a então mais conhecida obra de Victor Cousin, o *Curso de filosofia* de 1828, o que nos leva a pensar o quanto era importante posicionar-se diante do ecletismo naquele momento. É curioso, aliás, que Sílvio Romero não trate de Figueiredo em *A Filosofia no Brasil*.

A concepção de temporalidade de inspiração cousiniana leva a uma compreensão da história enquanto identidade e origem. No caso do Brasil, filósofos como Gonçalves de Magalhães a pensaram como uma história espiritual que se distinguiria do materialismo próprio da opressão colonial – relendo, portanto, em chave diferente da de Cousin a oposição ao materialismo sensualista do século XVIII francês. Além disso, para compor uma ideia de história nacional, era necessário construir um povo que atendesse aos desígnios de povo originário, como se desde sempre estivesse aguardando a constituição da nova nação – e esse foi o papel conferido aos indígenas por parte de intelectuais como Magalhães.

Sílvio Romero, por sua vez, pensava diferentemente. Sua discussão se dará não a partir da matriz fornecida pelo ecletismo espiritualista, mas sim do positivismo e do evolucionismo. Aproximando-se de alguns elementos da filosofia de Augusto Comte, Romero, no entanto, dela discordará em pontos essenciais, entre eles a lei dos três estados. Escandindo a história em estado teológico, metafísico e positivo, Comte procedeu, segundo o autor de *A Filosofia no Brasil*, a um fechamento do desenvolvimento histórico. Em suas palavras:

Todas as filosofias progressivas devem ser relativas, devem deixar um lado aberto na fronteira do desconhecido. É a condição de todo progresso espiritual. Todo o sistema, todo o dogma que falta a este elementar princípio de diferenciação, torna-se implicitamente um obstáculo ao progresso, um embaraço, uma limitação ao pensamento, que aspira naturalmente ao porvir. (Sílvio Romero [1894] *in Vita*, 1969, p. 469-470)⁵

Comte teria procedido a uma universalização e absolutização que são contrárias às próprias posições do positivismo, as quais deveriam prezar antes de tudo pela relativização do conhecimento e pela renúncia a causa últimas. É pela ideia de uma “evolução constante” que a perspectiva de Sílvio Romero caminhará.

Sua referência, aqui, é a obra de Ernst Haeckel, *História da criação dos seres organizados segundo as leis naturais* (1961 [1868]). Por meio dela, Sílvio Romero não defenderá uma ideia de temporalidade nacional, tal como Gonçalves de Magalhães, nem uma ideia de temporalidade progressiva, pensada em termos positivistas, como

5 Ver esta outra passagem da página 469: “decerto, só a crença numa evolução constante é o ensino iniludível da filosofia naturalística, mas quem deu a Comte o direito de fechar o ciclo do pensamento e marcar-lhe o termo final? Por que três estados e não trinta ou cinquenta? Quem pode dizer até que ponto a inteligência humana há de chegar na explicação dos fenômenos que se lhe deparam no Universo? [...] A disposição anticientífica do Positivismo claramente manifesta-se todos os dias. E tal disposição origina-se exatamente do modo estreito, manco e esterilmente dogmático por que ele compreende a evolução”. E por fim: “esta evolução *parada* é um contrassenso, é uma *contradictio in adjecto*, é um disparate” (Sílvio Romero [1894] *in Vita*, 1969, p. 325).

é o caso, no Brasil, de Luiz Pereira Barreto, cuja crítica é feita no capítulo sete deste livro. O modelo biológico-naturalista propõe que cada ser orgânico repete, em seu desenvolvimento, a evolução de sua espécie. Nos termos de Haeckel, a “ontogenia” promove em si uma “recapitulação da história evolutiva”, sendo que o “tronco genealógico”, ou “filogenia”, é reatualizado a cada desenvolvimento de um ser orgânico.

Essa temporalidade evolutiva é apropriada por Sílvio Romero no sentido de pensar o que considera serem as “criações fundamentais da humanidade”, cuja “carta” deve ser traçada a fim de estabelecer o ponto em que o Brasil está na série evolutiva. Mas há, aqui, uma discordância em relação à Haeckel quanto à suposição de que a ontogenia reproduziria “em miniatura” a filogenia. Sílvio Romero propõe que haja três maneiras de compreender essa relação, para isso tomando como exemplo a relação entre a colônia (ordem da ontogenia) e a metrópole (ordem da filogenia). Em primeiro lugar, uma relação de *homocronia*, em que a colônia repetiria e reproduziria fenômenos da metrópole; em segundo lugar, uma relação de *heterocronia*, em que, na colônia, ocorreriam fenômenos cuja ordem de sucessão não é a que havia se dado na metrópole; por fim, haveria uma relação de *proterocronia*, por meio da qual “a colônia pode se *antecipar* e produzir fenômenos sociológicos que ainda não se têm dado na mãe-pátria” (Romero, 1901, p. 40-41)⁶.

O exemplo escolhido por Romero para pensar sua temporalidade evolutiva não é aleatório. Ao propor que cada série evolutiva deva ser reconhecida em sua especificidade, pretende escapar ao dilema instituído pela oposição entre nacionalismo e universalismo – aquele “mal de Nabuco” que mencionei anteriormente. Isso significa que a hierarquia entre Brasil e Europa, ou, mais especificamente, em suas

6 Deste livro, ver também a “Classificação dos fenômenos em sociologia ou teoria das criações fundamentais da humanidade”.

palavras, entre a “colônia” e a “mãe-pátria”, deve ser compreendida como uma relação complexa e de mão dupla, de modo que uma nação de origem colonial não está fadada a seguir cegamente a metrópole ou outras nações que vierem a assumir o papel de referência intelectual. Em muitos de seus textos, Romero critica a imitação servil de intelectuais brasileiros, o que não quer dizer que se alinhe a alguma forma de nativismo que dê as costas a produções culturais de outras proveniências. “Fomos uns copistas de Portugal, depois passamos à França”, escreve em *A Filosofia no Brasil* (p. 288 desta edição) – o que não significa, diria ele, que temos que nos privar das contribuições da tão elogiada Alemanha, por exemplo: a ciência tem “um caráter cosmopolítico e universal” (p. 119).

A grade classificatória e temporal oferecida pelo evolucionismo, assim, orienta a crítica de Sílvio Romero ao *anacronismo* dos filósofos brasileiros e à defasagem que apresentam em relação aos últimos desenvolvimentos da ciência. *A Filosofia no Brasil* não preza por ser uma obra neutra, no sentido de almejar produzir uma avaliação objetiva e imparcial dos filósofos, cada um em seu tempo e contextos específicos. Pelo contrário, o anacronismo que Romero encontra, por exemplo, em Gonçalves de Magalhães, é um *anacronismo em relação ao presente*, ou seja, o autor de *Fatos do espírito humano* estaria defasado em relação *a seu presente*, o que o impediria, também, de construir caminhos em direção ao futuro. Assim, de modo inverso, se explica seu elogio a Tobias Barreto, o qual possuiria um “sentimento de seu tempo” (p. 259). Não se trata, segundo Romero, de um afã fútil ou novidadeiro, mas da percepção das séries evolutivas que tornam inteligíveis os fenômenos intelectuais e sociais em determinado tempo.

Penso que esses elementos devem ser levados em consideração ao lermos a passagem mais famosa do livro:

Na história do desenvolvimento espiritual no Brasil há uma lacuna a considerar: a falta de seriação nas ideias,

a ausência de uma genética. Por outros termos: entre nós, um autor não procede de outro; um sistema não é uma consequência de algum que o precedeu. É uma verdade afirmar que não temos tradições intelectuais no rigoroso sentido. Na história espiritual das nações cultas, cada fenômeno de hoje é um último elo de uma cadeia; a evolução é uma lei. [...] Neste país, ao contrário, os fenômenos mentais seguem outra marcha; o espírito público não está ainda criado e muito menos o espírito científico. A leitura de um escritor estrangeiro, a predileção por um livro de fora vem decidir a natureza das opiniões de um autor entre nós. As ideias dos filósofos, que vou estudando, não descendem umas das dos outros pela força lógica dos acontecimentos. (Romero, 2025, p. 97 desta edição)

Os termos negativos com que Sílvio Romero avalia as obras filosóficas brasileiras – “lacuna”, “falta”, “ausência” – não dizem respeito a uma psicologia dos autores, como se, por serem brasileiros, estivessem marcados por uma insuficiência pessoal impossível de ser superada, ou como se não estivessem à altura de produzir filosofia. Ao invés disso, trata-se de uma avaliação feita a partir do ponto de vista evolucionista, cuja grade classificatória e temporal é a única por ele reconhecida como apta a legitimar uma história da filosofia. Assim também se explicam as ausências de “tradição” e de “força lógica dos acontecimentos”, justamente por não obedecerem à “lei da evolução”.

Este livro de Sílvio Romero e esta passagem em particular deram ensejo ao que poderíamos denominar como uma história da história da filosofia no Brasil, a qual será marcada por uma dupla característica: a desqualificação de seu objeto e a precaução diante do risível. Uma série de trabalhos decorrerá dessa obra inaugural, repetindo o juízo negativo de Romero e, tal como na abertura de seu livro, pedindo desculpas pela tentativa de produzir uma história da

filosofia com objetos tão baixos – as obras dos filósofos brasileiros⁷. Para citar alguns dos que considero os principais trabalhos dessa história da história da filosofia no Brasil, e que são herdeiros da leitura de *A Filosofia no Brasil*, eu poderia mencionar Leonel Franca (1952 [1918]), que publicou texto com o mesmo título deste que temos em mãos – *A Filosofia no Brasil* –, como apêndice a suas *Noções de história da filosofia*. João Cruz Costa, com a publicação, em 1945, de “A filosofia e a evolução histórica nacional”, no livro *A Filosofia no Brasil* (Cruz Costa, 1945; Cruz Costa, 1967 [1956]). Ou ainda Paulo Arantes, com o texto “Certidão de nascimento”, de 1988, publicado em *Um departamento francês de ultramar* (1994). Esses trabalhos são significativos de uma recepção do texto de Sílvio Romero que acabou por formar, penso, um senso-comum historiográfico a respeito da filosofia no Brasil, como se ela fosse essencialmente falha e não valesse a pena ser estudada seriamente.

Essa é mais uma das razões para lermos *A Filosofia no Brasil* com a atenção que merece. Isso não significa que o livro de Romero esteja isento de questões e problemas. Por exemplo, sua afirmação de que “nos três primeiros séculos de nossa existência, [a filosofia] nos foi totalmente estranha” (p. 49), opinião que parece devida mais a seu posicionamento contrário à teologia do que à precisão histórica⁸. Ou ainda a desconsideração da obra de Nísia Floresta (1810-1885), além da de Antônio Pedro de Figueiredo, mencionado anteriormente. Além dessas questões de ordem mais factual, poderíamos questionar a própria opção filosófico-historiográfica de

7 Estas são as palavras que abrem *A Filosofia no Brasil*, p. 45: “O título deste pequeno ensaio talvez excite um sorriso de mofa em alguém que saiba qual o estado do pensamento brasileiro, qual a contribuição que o Brasil tem levado ao movimento científico da humanidade. Todavia, há sério naquelas palavras... Eu quero justamente ocupar-me da filosofia no Brasil, desejo indicar a evolução desta matéria neste país”.

8 Sobre a filosofia produzida no período colonial, ver Lúcio Álvaro Marques, “Em busca de uma filosofia colonial brasileira” (2021). Neste artigo, pode-se encontrar outros trabalhos do autor, que tem desenvolvido uma pesquisa inovadora sobre a filosofia produzida no período colonial.

Sílvio Romero, examinando sua apropriação de teorias positivistas e evolucionistas e a interpretação que delas faz.

Enveredar por esses caminhos se torna mais viável com o excelente trabalho de reedição realizado por Tomás Troster e Roger Xavier. Com muitas notas de rodapé que esclarecem o sentido de termos para nós hoje em desuso; com o exame (e, quando necessário, com a correção) das numerosíssimas citações e referências feitas por Sílvio Romero, localizando as fontes primárias; com esclarecimentos contextuais de difícil recomposição; e, por fim, com um índice onomástico e notas biográficas, foram restituídos ao texto de Sílvio Romero a dignidade e o respeito que merece, ao mesmo tempo em que se manteve o sabor discursivo próprio do século XIX brasileiro.

Júlio Canhada

A Filosofia no Brasil

Ao distinto escritor alemão-brasileiro
Carlos von Koseritz
oferece, dedica, consagra,
o autor.

NOTA INICIAL

O título deste pequeno ensaio talvez excite um sorriso de mofa [escárnio] em alguém que saiba qual o estado do pensamento brasileiro, qual a contribuição que o Brasil tem levado ao movimento científico da humanidade. Todavia, há sério [seriedade] naquelas palavras... Eu quero justamente ocupar-me da filosofia no Brasil, desejo indicar a evolução desta matéria neste país.

Parece-me que, até em razão do pouco caminho que os diversos ramos científicos têm feito entre nós, à crítica incumbe [cabe] o dever de traçar a resenha do terreno por eles percorrido.

Da ideia exata do pouco que temos feito é que, na hora atual, devemos tomar novas forças em busca de um ar mais puro, atrás de um futuro melhor.

Seria vantajoso que cada um – na esfera de sua especialidade, inquiridas as causas de nosso atraso em matemática, astronomia, física, biologia, filosofia... – examinasse o que, nos diferentes ramos da cultura humana, havemos produzido¹ e, destarte [assim], habilitasse o espírito nacional a formar uma mais exata consciência de seu temperamento.

É possível que algum cantor das *pátrias glórias* vocifere contra o engano que, a seus olhos, aí fica de nosso pouco valor nas ciências enumeradas... Mais calma, e mais atenção: como autor destas linhas não duvido, antes acredito, que tenhamos homens habilitados nalguns daqueles distritos do saber.

Afeito, porém, a contar somente com aquilo que se manifesta no mundo objetivo, inclinado a só discutir o observável, só aos

1 *Havemos produzido*: produzimos, temos produzido.

produtos da *imprensa* se dirige a minha nota. Não contesto, por exemplo, que entre os habitantes, de origem nacional, do vasto império americano, alguns existam que se achem em dia com as evoluções últimas da filosofia; não me repugna acreditar que algum *abade* possa, entre nós, existir que sinta sobre os ombros o peso de uma cabeça de filósofo... *Bien puede ser [é bem possível]*²... São fenômenos, contudo, que não vêm à luz, e a crítica nada sabe das ciências hermeticamente *aferrolhadas*³. Tratando, pois, dos filósofos brasileiros, dirijo-me somente aos escritores da respectiva ciência entre nós. É um tentame [ensaio, tentativa] de análise que talvez, um dia, possa estender a outros ramos do saber neste país. Temos mister [necessidade] dessas pequenas monografias.

Além de outras, tão insignificantes que não poderiam aqui entrar sem de todo manchar as páginas que se vão ler, que eu saiba, só as obras dos seguintes autores reclamam atenção: Mont'Alverne, *Compêndio de filosofia*; Eduardo França, *Investigações de psicologia*; Domingos de Magalhães, *Fatos do espírito humano*; Patrício Muniz, *Teoria da afirmação pura*; José Soriano de Souza, *Lições de filosofia elementar*; Pedro Américo, *La science et les systèmes [A ciência e os sistemas]*; Luiz Pereira Barreto, *As três filosofias*; Visconde do Rio Grande, *O fim da criação*; Guedes Cabral, *Funções do cérebro*; Tobias Barreto, *Ensaio e estudos de filosofia e crítica e Brasilien wie es ist in literarischer Hinsicht betrachtet [O Brasil como ele é considerado do ponto de vista literário]*.

Destes é que nos vamos ocupar.

Agora, uma palavra sobre a série de publicações com esta iniciada.

Entrado, há oito anos, para a vida pública da imprensa, pareceu-me acertado fazer a resenha dos meus escritos disseminados pelos

2 Em espanhol no original – outra tradução possível: “Bem pode ser”.

3 *Hermeticamente aferrolhadas*: totalmente trancadas, fechadas com ferrolho. Romero se refere aqui, então, às ciências que não são conhecidas publicamente.

jornais e periódicos das províncias do Império em que tenho residido e, corrigindo-os e afeiçoando-os a uma nova forma de publicidade, dá-Ios à luz. Distribuídos em duas ordens, filhas dos dois ramos de manifestações intelectuais a que me tenho dedicado, a poesia e a crítica, devem eles formar as seguintes brochuras⁴, de maior ou menor volume, que irão aparecendo sucessivamente: *A filosofia no Brasil*, *Cantos e contos do povo brasileiro*, *A literatura brasileira e a Crítica moderna*, *Páginas de crítica*, *A poesia contemporânea* e *Cantos do fim do século*, *O poema das Américas*, *A Caaba*⁵ de um sonhador⁶.

Nestas projetadas publicações, hão de aparecer capítulos inteiros, nos livros de crítica, e cantos inteiros, nos de poesia, de todo inéditos. Foram, porém, escritos no período prenotado [antes mencionado] e entram plenamente no domínio da primeira fase da vida literária do autor.

No processo de revisão, agora executado, nenhuma só ideia foi abandonada ou simplesmente refeita ou ampliada. Oriundos de uma preparação preliminar, um tanto rigorosa, todos esses escritos se apresentam de novo firmados na mais inteira sinceridade e visando,

4 Brochuras: livros relativamente pequenos (e geralmente de capa mole).

5 A Caaba é uma construção existente na grande mesquita de Meca, na Arábia Saudita, que é para os muçulmanos “o local mais sagrado da Terra e que contém a ‘pedra negra’ que teria sido enviada por Deus a Adão para redimi-lo de seus pecados” (Houaiss, 2025). No título de seu livro não publicado, então, Romero metaforicamente se refere a algum lugar ou objeto que lhe é sagrado e/ou que teria um poder de purificação.

6 Vale observar que nem todas as obras listadas aqui foram de fato (re)publicadas por Romero. Preservando os títulos mencionados na nota, foram publicadas apenas *A Filosofia no Brasil* (Porto Alegre: Deutsche Zeitung, 1878), *Cantos do fim do século* (Rio de Janeiro: Fluminense, 1878) e *A literatura brasileira e a Crítica moderna – ensaio de generalização* (Rio de Janeiro: Ferreira Dias, 1880). Já *Páginas de crítica* tornou-se o subtítulo de *Estudos de literatura contemporânea – páginas de crítica* (Rio de Janeiro: Laemmert, 1885) e os *Cantos e contos do povo brasileiro* deram origem a várias edições de *Cantos populares do Brasil* e *Contos populares do Brasil*. Embora cite uma passagem de *A poesia contemporânea* no capítulo VI, sobre Pedro Américo, a obra não chegou a ser republicada, assim como os livros de poesia *A caaba de um sonhador* e *O poema das Américas* (possivelmente desmotivado pela recepção negativa da publicação de *Cantos do fim do século*, em 1878), que, no entanto, foram parcialmente incorporados aos seus *Últimos harpejos*, publicados em 1883 – como aponta Carlos Sússekind de Mendonça (1938, p. 163).

como antes, o alvo que o autor não esconde: *uma renovação literária entre nós*.

Rio de Janeiro, julho de 1876⁷.

7 Considerando que o livro foi publicado em 1878, pode parecer estranho que a nota inicial esteja datada de 1876. No entanto, é o que consta na edição original e também na de Luís Washington Vita. Segundo Antonio Candido (1988, p. 37), a obra já estava pronta em 1876, tendo sido publicada apenas dois anos depois. De todo modo, vale observar que a conclusão faz referência a algumas obras publicadas depois de 1876 e certamente foi escrita em 1878.

I. FRANCISCO DE MONT'ALVERNE (1784-1858)⁸

Pode-se afirmar, em virtude da indagação [investigação] histórica, que a filosofia, nos três primeiros séculos de nossa existência, nos foi totalmente estranha.

As dissensões [divergências] e lutas dos pensadores desses tempos não mandaram um eco só até cá. Os trabalhos de Bacon, Descartes, Gassendi, Leibniz, Espinosa, Malebranche, Berkeley, Locke, Hume, Condillac, Wolff e Kant foram, em sua época, como inexistentes para nós! O fato é de uma explicação mui [muito] clara: o abandono da colônia e, ainda mais, o atraso da metrópole – para a qual aqueles nomes passaram despercebidos – fornecem a razão do fenômeno.

Nos três séculos que nos precederam, nem um só livro dedicado às investigações filosóficas saiu da pena de um brasileiro. É mister [preciso] avançar até ao século presente [XIX] para deparar com algum produto desta ordem e, neste mesmo, é preciso chegar até os anos posteriores àquele que marca-lhe o meado⁹ para que a coisa seja uma pequena realidade.

O primeiro livro que nos requer um exame é o pobre *Compêndio* de Frei Mont'Alverne. Aparecido em 1859, depois da morte de seu autor, são-lhe os trabalhos dos Drs. Eduardo França e Domingos de

8 *Compêndio de filosofia*, pelo Padre Mestre Frei Francisco de Mont'Alverne, Rio de Janeiro, 1859 (SR). Cada um dos dez capítulos deste livro é dedicado à análise de uma ou mais obras de um autor brasileiro. Embora Romero tenha indicado os nomes dos autores e das obras investigadas apenas em notas de rodapé, incluímos no título de cada capítulo o nome do autor estudado, além dos anos nos quais cada um viveu (TT&RX).

9 O ponto médio. Quer dizer, Romero afirma que só depois de 1850 começaram a aparecer algumas obras de filosofia no Brasil.

Magalhães anteriores; fora, porém, escrito em 1833 e deve, assim, reclamar a prioridade crítica¹⁰.

Por seu professorado, mais do que por seu livro, granjeou [conquistou] o nosso franciscano a fama de grande filósofo. Em 1848, numa sociedade literária, foi solenemente proclamado – diz um de seus biógrafos – *genuíno representante da filosofia do espírito humano no Brasil*¹¹.

Este título, um pouco extravagante, era a confissão geral; aos louros de orador Mont'Alverne¹² juntava os de filósofo. Ele próprio, segundo o testemunho de seus coevos [contemporâneos], sentia que muito pesava o seu merecimento de pensador. Consta que o orgulho, por essa crença, teve entrada em seu coração. A glória de pregador, ele não a desejava mais do que a de filósofo e teólogo. Ei-lo que nos diz, falando de suas lutas de eloquência ao lado de seus rivais: “O país sabe quais foram meus sucessos neste combate desigual; ele apreciou meus esforços e designou o lugar a que eu tinha direito entre os meus contemporâneos; *pertence à posteridade o sancionar este juízo*. Arrastado pela energia de meu caráter, desejando cingir¹³ *todas as coroas*, abandonei-me com igual ardor à eloquência, à *filosofia* e à *teologia*, cujas cadeiras professei, algumas vezes simultaneamente”¹⁴.

10 O livro do Dr. França apareceu em 1854; o de Magalhães, em 1858 (SR). Em nota a esta passagem, Luís Washington Vita cita ainda outras duas obras publicadas anteriormente: em 1851, o *Compêndio de filosofia*, de Manoel Maria de Moraes e Valle (citado por Romero na conclusão) e, em 1852, o *Compêndio de filosofia racional*, de José Afonso de Moraes Torres (1805-1865) (TT&RX).

11 O trecho em itálico corresponde a uma citação literal, presente no capítulo sobre Mont'Alverne da obra editada por Sebastião Augusto Sisson (1824-1898), *Galeria dos brasileiros ilustres* (cf. Sisson, 1999, p. 325).

12 Como observa Luís Washington Vita em nota, antes de entrar para a Ordem Franciscana, Mont'Alverne chamava-se Francisco de Carvalho.

13 *Cingir*: vestir, pôr na cabeça.

14 Prefácio das *Obras oratórias* [1867] (SR). A citação está na página vii do discurso preliminar do livro de Mont'Alverne e o destaque em itálico foi acrescentado por Romero. Curiosamente, em sua edição, Vita substitui “contemporâneos” por “conterrâneos” (diferentemente do original de Mont'Alverne e da primeira edição do livro de Romero) (TT&RX).

Este pedaço vale uma psicologia; ele manifesta à toda luz o estado mental de seu autor. Essa junção, que pareceu-lhe tão natural – e também aos seus contemporâneos – da eloquência com a filosofia e a teologia, é-nos hoje uma exata extravagância; é-nos inaceitável. Que as duas últimas no todo se repelem é atualmente uma dessas verdades de fato que ninguém – a não ser um desses encarcerados da ignorância – ousa mais contestar. Amigas aparentes e depois irreconciliáveis rivais, hoje uma delas é uma ruína nociva sobre a qual a outra passa impávida¹⁵.

A filosofia e a eloquência igualmente se repugnam; toda a história de ambas só nos mostra dois homens em que esse consórcio foi possível: Fichte e Cousin. Mas Fichte foi um grande orador longe de seu mister [ofício, profissão] de ideias, em circunstâncias mais do que anormais, na hora suprema das agonias da pátria¹⁶. O patriota ofuscara o pensador. Diante de seu país vencido, humilhado, rudemente retalhado, bem compreende-se a metamorfose: de um filósofo um Tirteu¹⁷!

Quanto a Victor Cousin, ele foi grande orador, porque nada menos foi do que um filósofo. Foi um espírito desnordeado, um

15 *Impávida*: destemida, que não tem medo ou pavor.

16 Por “hora suprema das agonias da pátria”, Romero se refere à ocupação da Prússia pelo exército de Napoleão Bonaparte (1769-1821), que começou logo após a Batalha de Iena, vencida pelos franceses em 14 de outubro de 1806. Com o objetivo despertar o sentimento alemão de identidade nacional e inspirar a fundação de um Estado nacional livre da ocupação francesa, Fichte escreveu e proferiu seus *Reden an die deutsche Nation* [*Discursos à nação alemã*] em Berlim, entre 1807 e 1808. Atualmente, a coleção de tais *Discursos* é considerada como uma das obras mais influentes de Fichte (cf. Fichte, 1892).

17 Tirteu é considerado “o poeta nacional de Esparta. O conteúdo de suas elegias gira em torno do valor dos combatentes e a autodefesa da pólis no desfecho da guerra. [...] A poesia de Tirteu foi utilizada pelos espartanos para motivar o exército quando estava em campanha. Segundo os filólogos alexandrinos, ele compôs cinco livros, dos quais só se conservam alguns poucos fragmentos em citações e em papiros” (*Diccionario de Culturas Clásicas*, 2012, p. 366). Romero compara Fichte a Tirteu, então, pela motivação libertadora e nacionalista que o filósofo alemão inspirou em seus conterrâneos com os seus *Discursos à nação alemã*.

literato que errara o seu caminho¹⁸. O orador deve ser um homem de imaginação, de uma linguagem pronta [rápida, veloz], veemente e ruidosa; deve ser dotado em larga escala da faculdade de sintetizar os fatos e reproduzi-los com brilho. São qualidades opostas às do filósofo, cujo espírito há de ser perscrutador¹⁹ e analista, cujas forças mentais devem, o mais possível, aproximá-lo da realidade sem ruído e sem fulgor [floreio, firula]. Frei Mont’Alverne, entretanto, supunha aquela junção natural e indispensável à sua glória. O digno franciscano iludiu-se em demasia; se algum sussurro causou em torno de sua cadeira, o deveu, sem dúvida, à sua eloquência – e não à segurança de seu pensamento e de sua cultura. A publicação de seu livro, no mesmo ano em que Darwin deu à luz a sua *Origem das espécies*, longe de aproveitar-lhe²⁰, foi-lhe grandemente prejudicial.

À vista de tal documento, a figura do célebre brasileiro torna-se tão mínima que, quase, escapa-nos das mãos. Mont’Alverne morreu em 1858, aos setenta e quatro anos, mas cegou em 1836, aos cinquenta e dois. Nesta última idade, já devia ter ele atingido, desde muito, o máximo grau de tenção [intensidade] e profundidade de seu pensar. Daí por diante, só fez decair. Devemo-lo julgar até esse tempo e, quanto ao mais, deixar o velho pregador dormir tranquilo sobre os louros de sua facúndia²¹. O seu livro foi meditado e escrito no período indicado de progresso e entra, portanto, no quadro da análise.

18 Sobre o caráter superficial e meramente *literário* da filosofia de Cousin, vejam-se os belos artigos de Ernest Renan, nos seus *Essais de morale et de critique* [*Ensaaios de moral e de crítica*], e de Hippolyte Taine, nos *Philosophes français du XIX^e siècle* [*Filósofos franceses do século XIX*] (SR). Cf. Renan (1860) e Taine (1860) (TT&RX).

19 *Perscrutador*: indagador, investigador minucioso.

20 *Aproveitar-lhe*: ser-lhe proveitosa, ser-lhe benéfica. Quer dizer, Romero destaca que a publicação póstuma do livro de Mont’Alverne não foi positiva para sua imagem, ainda mais por ter sido ofuscada por seu lançamento no mesmo ano da magistral obra de Darwin.

21 *Facúndia*: eloquência, facilidade para falar em público.

Este brasileiro tem sido apregoado, em seu país, um homem de *gênio*. Tal juízo é simplesmente um absurdo; a ciência de hoje não admite mais esta categoria de indivíduos no velho sentido que ligava-se àquele predicado. O gênio era uma entidade humana bastante parecida com os gênios da poesia e da fábula: desprendido da realidade e das circunstâncias exteriores, escapava à pressão do meio físico e social; era um *espírito* a mover-se *livre* num mundo à parte. Tinha o condão [encanto] de maravilhar-nos de lá com as suas revelações. Estas ideias caducaram; rimo-nos hoje delas; a humanidade procede por *evolução*; tudo em sua marcha se acha concatenado e sujeito à lei do desdobramento²². Lyell refutou a teoria revolucionária²³ em geologia, Darwin a banuiu da biologia e Comte da história.

O gênio, no velho sentido, desapareceu como uma quimera; todavia, ainda é costume assim apelidar à inteligência ultrafecunda, capaz de elevar-se acima dos prejuízos [preconceitos] correntes e abrir uma era nova e novos destinos para a humanidade. O distinto franciscano distava imenso²⁴ dessa altura; prova-o o seu desditoso [infeliz] *Compêndio*, onde ele manifesta-se escravo submisso das vulgaridades e ridicularias da filosofia de seu tempo entre nós. Digo entre nós, por já ter ela, então, na Europa, produzido alguns daqueles grandes monumentos que são a glória do espírito humano neste século [XIX]. Já Kant, Hegel, Schopenhauer, para não falar de

22 Por *lei do desdobramento*, Romero provavelmente se refere à modificação *gradual* das espécies, tal como ela foi concebida por Darwin. Na teoria darwinista da seleção natural, mudanças genéticas seriam o resultado (ou desdobramento) da variação hereditária acumulada por diversas gerações de indivíduos.

23 Em seu livro *Principles of Geology* [*Princípios de geologia*], publicado originalmente em 1830, Charles Lyell mudou a visão até então predominante sobre a formação da Terra. Na obra, Lyell criticou a ideia de que a superfície do planeta foi moldada por eventos sobrenaturais (ou revolucionários), propondo no lugar uma teoria de que a formação atual da Terra é o resultado de inúmeras e incessantes mudanças em pequena escala, que teriam ocorrido ao longo de extensos períodos de tempo e até hoje continuariam ocorrendo. Cf. Lyell (1837).

24 *Distava imenso*: estava a uma enorme distância.

outros, na Alemanha; Hamilton na Inglaterra²⁵; Quetelet e o próprio Comte na França; Romagnosi na Itália... haviam revirado o terreno das velhas ideias em todos os sentidos e eram acompanhados por uma plêiade²⁶ brilhante de jovens escritores que vieram a ser depois os primeiros vultos dos últimos tempos.

Mont'Alverne não entreviu, não cismou, ao menos, em tais sucessos, para permanecer um discípulo subalterno de Condillac por via de seus mais ínfimos sectários: Genovesi e Ponelle!

Aí mesmo, porém, ele foi acanhado e estéril; o patrimônio recebido, ele não o aumentou de um ceitil²⁷. Esta sentença é verdadeira – e não é difícil prová-la. Depois de Lamarck, Oken, Saint-Hilaire, Broussais, Cuvier, Rostan, Lyell..., em todos os mais interessantes ramos das ciências naturais, já terem praticado verdadeiros prodígios, ao lado dos grandes filósofos acima lembrados, um nome como o de Cousin era, então, capaz de alucinar o franciscano orador! Estas palavras são suas: “Vê-se, pois, que o meu sistema é o sensualismo²⁸; mas depois do aparecimento do idealismo²⁹, o sensualismo não se pode manter seguro nos seus domínios exclusivos. Todavia, ambos esses sistemas ofereciam erros que os seus sectários se lançavam em rosto³⁰ mutuamente. *Um destes gênios, nascidos para revelar os prodígios da razão humana, se levantou como um Deus, no meio do*

25 Vale notar que, embora Romero o associe à Inglaterra, William Hamilton era na realidade escocês.

26 *Plêiade*: grupo de pessoas ilustres.

27 *Ceitil*: centavo, quantia insignificante – literalmente, uma moeda portuguesa que já era antiga na época de Romero.

28 Na concisa definição de Houaiss (2025), o *sensualismo* – ou *sensacionismo* – é uma “manifestação radical do pensamento empirista, desenvolvida especialmente por Condillac (1715-1780), segundo o qual todo conhecimento e todas as faculdades cognitivas humanas provêm de sensações”.

29 O *idealismo* pode ser definido como a “tendência, atitude ou doutrina que, em graus e sentidos diversos, reduz o ser ao pensamento ou a alguma entidade de ordem subjetiva, considerando que o espírito, ou a consciência, ou as ideias, ou a vontade, etc., são o dado primário com base no qual se hão de resolver os problemas filosóficos” (*Novo Aurélio*, 1999).

30 *Lançavam em rosto*: reproavam, censuravam.

caos, em que se cruzavam e combatiam todos os elementos filosóficos, empregando a extensão de sua vista, e sublime compreensão, reconstruiu a filosofia, apresentando as verdades, de que o espírito humano esteve sempre de posse (!!). Os sistemas exclusivos foram proscritos [banidos] por Victor Cousin. O sensualismo e o idealismo, a escola de Locke e a filosofia escocesa, deram-se as mãos; e a razão pura de Kant, sentando-se no lugar da reflexão de Locke, ofereceu os verdadeiros elementos do espírito humano, as legítimas fontes das ideias, e resolveu os mais difíceis problemas da psicologia, que dividiam o mundo filosófico. Felizmente, para mim, a teoria das forças e da atividade da alma, das sensações, da atenção, baseando-se no elemento idealista, apartaram-me bastante da escola sensualista. Mas a teoria da reflexão e da origem das ideias oferece o lado vulnerável do sensualismo. É o que demonstrou Cousin na sua análise ou ensino sobre o *Entendimento Humano* de Locke³¹ – e em outras obras. O sistema sublime do Sr. Cousin apenas é conhecido no Brasil e, por desgraça, seus trabalhos filosóficos ainda não estão completos, e nem impressas, ou conhecidas aqui, as suas obras posteriores. Eu forcejarei [me esforçarei] entretanto por aproveitar o que ele tem feito e *restaurar* com ele o sistema filosófico”³².

Virchow fala algures [em algum lugar] de pregadores que, para saudar aquilo que eles julgam uma novidade, ostentam um luxo incômodo de palavrões; se mais um exemplo fora preciso para

31 Romero se refere ao livro de Victor Cousin, intitulado *Philosophie de Locke* [*Filosofia de Locke*] (1861), composto de treze lições ou capítulos dedicados em sua maioria à análise do *Ensaio sobre o entendimento humano* – publicado originalmente em 1689 –, de John Locke. Cf. Cousin (1861).

32 *Compêndio de filosofia* [1859], nota às páginas 104-105 (SR). Assim como Vita, corrigimos a numeração da citação – já que na primeira edição Romero indica a página 90. As exclamações e os itálicos foram acrescentados por Romero, que, além disso, transcreveu equivocadamente três passagens: “extensão de sua vista, e sublime compreensão”, quando Mont’Alverne escrevera “extensão de sua vasta, e sublime compreensão”; “análise ou ensino sobre o *Entendimento Humano*”, quando Mont’Alverne escrevera “análise ou ensaio sobre o entendimento humano”; e “não estão completos, e nem impressas, ou conhecidas aqui”, quando o original diz “não estão completos, e nem impressos, ou conhecidas aqui” (TT&RX).

confirmar-lhe o dito, aí estava este longo inventário das excelências de Cousin que deixei transcrito. Esta passagem foi pensada em 1833; o ecletismo³³ nasceu e morreu sem que houvesse recebido o menor influxo [influência] de vida provindo de Mont’Alverne! A filosofia não foi *restaurada* por um espírito da têmpera [consistência, calibre] de Jouffroy e como sê-lo-ia pelo nosso compatriota, que ostenta-se, no pedaço acima grifado, nada mais do que um retórico de mau gosto para quem Cousin foi um gênio que se levantou como um *Deus* no meio do caos dos elementos filosóficos?! E tudo isto para quê? Para revelar as verdades de que o espírito humano esteve sempre de *posse*!

Parece uma ironia; mas o nosso orador era sério e falava convencido; o seu critério de filósofo é que era demasiado franzino. Um homem, dito de enorme inteligência, que foi testemunha dos grandes acontecimentos e mutações históricas, que assinalaram os últimos anos do século passado [XVIII] e os primeiros deste [XIX], no velho e no novo mundo, vir-nos, depois da Revolução de Julho³⁴ e da evolução do hegelianismo³⁵, dar tão frágeis provas de seu modo de julgar, nada menos foi do que aquilo por que se o tem querido passar; nada menos foi do que um filósofo.

Vir, depois, repito, de Lamarck, Bichat, Broussais, Saint-Hilaire, já nos tempos em que os trabalhos de Rostan e Lélut, sobre

33 Em sentido amplo, qualquer teoria, doutrina ou prática (inclusive artística) que absorva elementos seletos de diversas outras (teorias, doutrinas ou práticas) pode ser caracterizada como um *ecletismo*. Em relação ao ecletismo filosófico, Pereira Barreto cita a seguinte definição: “o ecletismo consiste em ‘coleccionar e reunir as verdades espalhadas nos diferentes sistemas e em separá-las dos erros com que se acham misturadas’” (Pereira Barreto, 2001, p. 229). Aqui, Romero se refere especificamente ao ecletismo de Victor Cousin, apresentado com as seguintes palavras pelo próprio filósofo francês: “um método histórico, que supõe uma filosofia avançada, capaz de discernir o que há de verdadeiro e o que há de falso nas diversas doutrinas e, depois de depurá-las e destrinchá-las – analítica e dialeticamente –, transformar todas elas em uma parte legítima de uma doutrina melhor e mais vasta” (*Premiers essais de philosophie* [*Primeiros ensaios de filosofia*], 1855, p. xvi-xvii).

34 Referência aos eventos ocorridos em julho de 1830 na França – também chamados de “Segunda Revolução Francesa” –, quando novamente se derrubou a monarquia, que havia sido restaurada após a queda de Napoleão Bonaparte, em 1814.

35 *Hegelianismo*: doutrina ou sistema filosófico atribuído a Hegel e seus sucessores.

a patologia física e mental, os de Quetelet, sobre a física social, e os de Comte, sobre a política positiva, iam aparecendo, ostentando-se tão inanido³⁶ de ideias é coisa que pouco sabe honrar. Eu não esqueço que o pretendido pensador brasileiro era um sacerdote; isso, porém, o não inibia de revelar-se mais profundo e investido de outras armas. Michelet disse uma vez de Littré que ele era um grande lexicógrafo, um notável gramático, um distinto fisiólogo, mas não um filósofo e um historiador. E o que diremos nós outros do insigne [famoso] franciscano, cujas qualidades oratórias, aliás não muito fecundas, eram um empecilho para o desenvolvimento normal de suas faculdades de observação?

No seu tempo grande já era a reação contra as miragens de metafísica³⁷, como bem provam os escritos decisivos dos pensadores

36 *Inanido*: debilitado, em estado de inanição.

37 O termo *metafísica* – usado aqui com uma conotação negativa – possui uma história no mínimo curiosa. Composto do prefixo grego μετα- (ou *meta-*) – que, entre outras coisas, significa *depois de e além de* – e da palavra φύσις (ou *physis*) – que costuma ser traduzida como *natureza* –, o termo *metafísica* foi utilizado em uma das primeiras edições das obras de Aristóteles – no século I – para designar os livros que vinham *depois da física* (ou seja, depois das obras que tratavam sobre a natureza). Coincidentemente, tais livros não só apareciam *depois* das obras sobre a natureza, como seus temas – bastante abstratos – também abordavam questões que pareciam estar *acima ou além da natureza*. Algum tempo depois, a palavra *metafísica* passou a ser usada no meio filosófico para designar “a mais elevada das ciências”, a saber, aquela que tratava de seres cuja existência não dependesse da matéria – tais como a alma, Deus e os anjos – e também de conceitos como essência, qualidade, potência, ser, entre outros. Na época de Kant (1724-1804), apesar de todas as críticas feitas pelos filósofos empiristas contra a metafísica, ainda havia inúmeros pensadores que defendiam o seu caráter científico. No entanto, como os objetos tratados por ela careciam de referências concretas da experiência, ela parecia destoar das demais ciências. Por isso, um dos propósitos de sua *Crítica da razão pura* foi justamente avaliar se a metafísica poderia ser considerada uma ciência – o que Kant acabou por refutar, pois, ainda que possamos conceber, por exemplo, as ideias de alma ou de Deus, não existem objetos correspondentes a essas ideias que possam ser objeto da experiência, então, nunca poderíamos saber se tais conceitos são de fato reais ou não. Em um texto de 1909, Romero comenta sobre a noção de metafísica que ele criticara na época em que escreveu *A Filosofia no Brasil*: “A metafísica que foi dada por morta em 1875 era [...] a metafísica dogmática, ontológica, apriorística, inatista, meramente racionalista, a metafísica de velho estilo, feita *a parte mentis* [em tradução livre, “a partir da mente”, ou seja, sem quaisquer referências empíricas], a pretensa ciência intuitiva do absoluto, palácio de quimeras fundado em hipóteses transcendentais, construído dedutivamente de princípios, imaginados como superiores a toda verificação. Esta morreu e está bem morta para todo mundo [...]. A metafísica, que se pode considerar viva, é a que consiste na crítica do conhecimento, como a delineou Kant nos seus *Prolegômenos*, e, mais, a generalização sintética de todo o saber, firmada nos processos

lembrados, e ele decorava-se ainda com o burel³⁸ teológico manchado pelos remendos metafísicos dos discípulos de Condillac.

Então, a par da reação católica contra os princípios revolucionários, realíssimo era o movimento antimetafísico, mais profundo e mais significativo, ainda que menos ruidoso. Os espíritos pensantes sabiam disso, exceto Mont’Alverne, que não se alistou em nenhum dos lados dos combatentes. O recente escritor italiano Nicola Marselli no-lo diz: “É realmente curioso observar que, quando se fala do movimento intelectual na França e na Itália depois de 1815, frequentemente se coloca em destaque a escola que explicou a bandeira neocatólica ou neoguelfa³⁹ em oposição ao radicalismo revolucionário, e não se dê a devida consideração a uma reação [de um tipo muito diferente, a saber, a reação] antimetafísica. Esta, com menos exuberância, mas com maior solidez de doutrina, levada a cabo paralelamente e com discrição, preparou a demolição de personagens bem mais elevados que não eram os ídolos terrenos da escola católica. Quis observar isso para a mortificação daqueles que tiveram a ingenuidade de acreditar que, depois de 1815, o espírito europeu poderia voltar ou teria voltado à Idade Média, e não perceberam nem os princípios revolucionários ocorridos no corpo dos novos guelfos, nem esta reação física e positiva que se manifestou no campo dos estudos morais em torno de 1830”⁴⁰. O que se dava na França e na Itália, passava-se

de observação e construída por via indutiva. Esta vive, e viverá sempre, porque, além de ser uma disposição natural do espírito, supre algumas falhas das ciências particulares, mas sem abrir luta com estas e antes nelas se apoiando, mantendo sempre ativos os largos surtos e aspirações da razão para o lado do desconhecido. A história da filosofia fornece os motivos explicadores do nascimento e morte da primeira e as causas da constante renovação da segunda” (Romero, 1909, p. 79-80). Não é sem razão, então, que Romero destacará posteriormente (capítulo VII) que o termo *metafísica* nem sempre é usado com o mesmo sentido.

38 Burel: tecido grosseiro de lã usado na confecção de roupas de alguns religiosos.

39 O neoguelfismo foi um movimento político do século XIX que pretendia unificar a Itália em um único reino, tendo o Papa como rei.

40 *La scienza della storia* [A ciência da história] [1873], v. I, p. 320 (SR). Romero cita o texto em italiano, sem traduzi-lo, e faz uma pequena omissão, que corresponde ao trecho entre colchetes.

também na Alemanha e na Inglaterra. Não digo que o escritor nacional tomasse parte na reação antiteológica e antimetafísica; era muito exigir dele. Entrasse, ao menos, na pugna [disputa, contenda] neocatólica, conhecedor do terreno e manejando princípios mais seguros. Nem isso o fez; onde⁴¹, pois, os seus títulos de glória?

Assim me exprimindo, pareço acreditar que o célebre orador é ainda hoje festejado como filósofo; felizmente, noto que ninguém mais o lê e raros se lembram dele. Na *luta pela vida*, o *Compêndio* do franciscano foi atirado à margem, senão devorado pelo esquecimento, e o pensamento nacional passou-lhe adiante.

Não devo fazer uma análise detalhada do desventurado livrinho; fora chicanar⁴² com a antigualha [velharia, coisa antiga]; basta-me indicar seu espírito dominante, suas tendências vitais. Seu autor pertence a essa geração que, jovem e robusta no tempo de D. João VI, entre nós, tomou parte nos acontecimentos da Independência e figurou nos tempos do Primeiro Reinado. É um coevo de Cayru, de José Bonifácio, de São Leopoldo, de São Carlos e tantos outros que ainda não passaram pelo crisol⁴³ da crítica imparcial e competente. Então, o ensino filosófico era um amálgama⁴⁴ de Storchenau e Genovesi,

Eis a passagem original: "È veramente curioso l'osservare che quando si discorre del movimento intellettuale nella Francia e nell'Italia, dopo il 1815, si ponga sovente in rilievo la scuola che spiegò la bandiera neo-cattolica, neo-guelfa in opposizione al radicalismo rivoluzionario, e non si tenga nel dovuto conto una reazione [di ben altro genere, voglio dire la reazione] anti-metafisica. Questa, con minore splendore ma con più solidità di dottrina, svolgevasi parallelamente e sordamente apparecchiava la demolizione di ben più alti personaggi che non fossero gl'idoli terreni della scuola cattolica. Ho voluto notare ciò a mortificazione di coloro che ebbero l'ingenuità di credere che dopo il 1815 lo spirito europeo potesse tornare, fosse tornato al medio-evo, e non si accorsero nè dei principii rivoluzionari passati nel corpo dei novelli guelfi, nè di questa reazione fisica e positiva che nel campo degli studii morali manifestossi nel torno del 1830" (Marselli, 1873, p. 320) (TT&RX).

41 Onde: de onde vem.

42 Chicanar: criar problemas desnecessários, "procurar pelo em ovo".

43 Crisol: aquilo que se usa para provar ou testar alguém ou alguma coisa – literalmente, um recipiente utilizado para misturar ou fundir metais e outras substâncias.

44 Amálgama: mistura, miscelânea – literalmente, uma liga metálica que contém mercúrio.

esses nomes desconhecidos na história do ensino público dos povos cultos! Uns restos estropiados de Locke e Condillac, reduzidos a figuras mínimas pelos discípulos e comentadores, e algumas laudas [páginas] enganadoras, brilhantes pelo estilo e frágeis pela análise, de Laromiguière, tal o seu conteúdo.

Tudo isso decorado, não para perscrutar o enigma do homem e do universo; sim para limar a argúcia [sagacidade, agudeza de espírito] e secundar [reforçar] a loquela⁴⁵. Depois, mais alguma vulgarização das obras de Maine de Biran, que não teve contraditores por não ter quem o lesse, segundo diz Taine, e de Victor Cousin, que sacrificava o pensamento por amor à frase, como no-lo declara Renan⁴⁶, trouxe a propensão e finalmente a queda completa para o ecletismo espiritualista⁴⁷ francês. A esta fase pertencem Mont'Alverne e os seus continuadores: Eduardo França e Domingos de Magalhães. Tão pobre, tão insalubre foi o alimento que lhe forneceu a cultura

45 *Loquela*: verbosidade exagerada, logorreia – literalmente, eloquência.

46 Romero se refere aos *Essais de morale et de critique* [*Ensaio de moral e de crítica*], nos quais Ernest Renan disse a propósito de Victor Cousin: “Um bom escritor é obrigado a dizer apenas a metade daquilo que ele pensa e, se ele é, com isso, um espírito consciencioso, ele é obrigado a estar incessantemente alerta para não ser levado pelas necessidades da frase a dizer diversas coisas que ele não pensa. A eloquência, por outro lado, como o Sr. Cousin a entendeu, tem exigências imperiosas. As doutrinas não são todas igualmente eloquentes, e eu acredito que, mais de uma vez, o Sr. Cousin deve ter se deixado levar para certas opiniões tanto pela consideração dos belos desenvolvimentos aos quais elas se prestavam quanto por demonstrações puramente científicas” (Renan, 1860, p. 71-72).

47 No século XIX, o *espiritualismo* foi a corrente filosófica com maior adesão entre os pensadores brasileiros – embora não fossem poucas as divergências entre os próprios espiritualistas. No *Novo Aurélio* (1999), o *espiritualismo* é definido como uma “doutrina que admite, quer quanto aos fenômenos naturais, quer quanto aos valores morais, a independência e o primado do espírito com relação às condições materiais, afirmando que os primeiros constituem manifestações de forças anímicas ou vitais, e os segundos criações de um ser superior ou de um poder natural e eterno, inerente ao homem”. A doutrina de Victor Cousin – que é diversas vezes citado por Romero – costuma ser reconhecida como um *espiritualismo eclético*. Pereira Barreto, que era um crítico do espiritualismo, o define como a “crença em entes imateriais, dotados de razão, suspensos no espaço ou habitando temporariamente o corpo do homem, donde se desprendem no momento da morte para habitar outros corpos (metempsicose), ou para voltar ao seio de um outro espírito que os tirou do nada (budismo, cristianismo, islamismo)” (Pereira Barreto, 2001, p. 171).

de sua pátria, em seu tempo; tão ingratas as influências a que teve de ceder, que a crítica sente-se com impulsos de o absolver.

Abramos o *Compêndio* para melhor lhe apreciarmos a têmpera [estilo]; não o abramos a esmo; deve ser no ponto em que o filósofo julgava-se mais seguro. Já vimos que ele supunha ter uma teoria especial sobre as *forças* e a *atividade* da alma, graças à qual apartara-se alguma coisa do sensualismo que lhe ensinaram. É onde devemos apreciá-lo.

Chamo a atenção do leitor para o estilo bárbaro e as tergiversações [evasivas, rodeios] de pensamento que se deparam na lauda que vou copiar. Respondendo a uma objeção contra o sistema do influxo físico de Euler⁴⁸ sobre a união da alma com o corpo, diz-nos: “Esta máquina maravilhosa, à qual está unida minha alma, foi feita para ela; porque

48 Nas palavras de Mont'Alverne, “o sistema da causalidade, ou, como vulgarmente se chama, do influxo físico, estabelece uma mútua ação do corpo sobre a alma, e da alma sobre o corpo. Esta mútua ação é a causa da coexistência de certos movimentos do corpo com certas afecções da alma. Esta ação, sendo real e física, diz-se que o corpo influi fisicamente sobre a alma, e a alma fisicamente sobre o corpo; e deu-se a este sistema o nome de *influxo físico*” (*Compêndio de filosofia*, 1859, p. 99). Tendo observado que Mont'Alverne era um “sectário” de Edme Ponelle e que seu livro foi escrito originalmente em 1836, Romero possivelmente viu no texto do filósofo franciscano um eco do livro de Ponelle, *Novo manual completo dos aspirantes ao bacharelado em letras* [*Nouveau manuel complet des aspirants au baccalauréat ès-lettres*, 1828], cuja seção “Filosofia – lógica, metafísica e moral”, havia sido traduzida e publicada no Rio de Janeiro em 1835, ou seja, pouco antes da redação do livro de Mont'Alverne. Lá, Ponelle escreve: “Existe entre a alma e o corpo – essas duas substâncias tão diferentes em sua essência – uma correspondência mútua e constante, um tipo de *comércio* que é impossível negar. Vários filósofos procuraram explicar isso, e existem sobre essa questão quatro sistemas bem diferentes: 1º o *influxo físico*; 2º o *mediador plástico*; 3º a *harmonia pré-estabelecida*; 4º o sistema de *causas ocasionais*. 1º. Os objetos externos, ao golpear nossos órgãos, comunicam um movimento a eles que é transmitido ao cérebro. O cérebro age sobre a alma e a alma tem uma ideia; ela age, por sua vez, sobre o cérebro que ela move; o cérebro move o órgão. Nesse sistema, o cérebro é a sede da alma; ele é comparado a uma aranha posicionada no centro de sua teia; assim que ela faz o menor movimento para as extremidades, o inseto é advertido e se mantém em guarda. Do mesmo modo, a alma – posicionada em um ponto do cérebro ao qual chegam as redes nervosas – é advertida daquilo que se passa nas diferentes partes do corpo e, imediatamente, ela presta socorro aonde o considera necessário. O corpo age então realmente sobre a alma e a alma age realmente sobre o corpo. Esta ação, sendo esta influência real ou física, diz-se que o corpo influenciaria fisicamente sobre a alma, e a alma influenciaria fisicamente sobre o corpo, e a este sistema foi dado o nome de *influxo físico* (Euler). Este sistema, que à primeira vista parece muito simples, deve ser rejeitado, porque, para conceber uma influência real entre a alma e o corpo, seria preciso que a alma não fosse simples, mas sim composta de partes” (Ponelle, 1828, p. 511).

é esta máquina que põe em valor todas as suas faculdades. A grande composição da máquina não apresenta, pois, uma oposição real com a simplicidade da minha alma, porque se fosse real a oposição, como as duas substâncias poderiam unir-se e reciprocamente obrar uma sobre a outra? Eu suponho, como se vê, que a impossibilidade do influxo físico não é demonstrada, eu julgo ter boas provas para mostrá-lo; é o que passarei já a fazê-lo. A máquina só obra por seu movimento, este movimento anima todas as suas peças. Eu ignoro a natureza inteira do movimento; mas sei em geral que ele é uma força que se aplica ao corpo, pela qual o corpo obra. Não é, logo, [propriamente] a matéria da máquina o seu verdadeiro agente; é a força que a anima. Uma força física, porém, qualquer que ela seja, é em si indeterminada, e não poderia dar-se por si mesma alguma determinação particular: para que ela produza certos efeitos, convém ser aplicada a um sujeito por uma certa maneira, em uma certa ordem, segundo certas proporções, e uma certa direção. O sujeito a quem se aplica a força, que eu considero, é o cérebro; e é a sua organização que regula as determinações particulares da força e a faz convergir para um certo alvo. Este alvo ou este fim é excitar na alma as sensações ou percepções correspondentes às modificações da força que as faz nascer. Esta força é necessariamente um ser simples, porque a ideia que tenho desta força não pode ser decomposta em outras ideias. (*Este porque é soberbo!*) Eu não posso decompor esta força, assim como não posso decompor o sentimento que tenho do meu *eu*. A força de que se trata parece-me sempre uma, simples, imaterial. Eu ignoro profundamente (*É verdade!*) como esta força se aplica à máquina organizada, à qual minha alma está imediatamente presente; mas eu tenho a mais perfeita certeza que esta força aplica-se e obra nela; e eu contemplo seus maravilhosos efeitos. [...] Eu não conheço a natureza íntima da minha alma, assim como não conheço a de qualquer outro ser; mas eu tenho as melhores provas de que minha alma é um ser absolutamente simples e dotado de

uma atividade que lhe é essencial. Minha alma é, pois, uma força, e esta força é suscetível de uma multidão de modificações diversas. Ela é tão indeterminada em si, como qualquer outra força, não pode dar-se por si mesma determinações particulares, assim como não o pode a força que anima a matéria. Esta força, que constitui o meu *eu*, recebe, pois, suas determinações do corpo organizado, ao qual ela está unida, ou, para falar mais exatamente, a alma recebe estas determinações da força que anima este corpo e esta recebe as suas determinações das forças inerentes aos corpos ambientes. [...] Eu estou certo que o corpo não se move por si mesmo, o movimento não decorre, pois, imediatamente da natureza própria do corpo; ele deriva, pois, de alguma coisa exterior ao corpo (!!), e se esta coisa fosse também matéria, onde encontraria eu a causa do movimento?”⁴⁹ Certamente, tudo o que aí ficou transcrito parece muito longe de ter sido escrito por um gênio.

Através de toda aquela repetição de palavras e de consequências esdrúxulas, eis um rico espécime de filosofia híbrida, inconsistente e banal, incapaz de agradar a qualquer dos partidos que dominam hoje o campo da ciência. Não satisfaz à filosofia católica, porque, sem o querer, reduz a alma humana a uma força, como outra qualquer, exatamente qual o faria um mau discípulo do filósofo de *Kraft und Stoff* [*Força e matéria*]⁵⁰, que, ao invés do mestre, acreditasse na

49 *Compêndio de filosofia* [1859], p. 100-102 (SR). Assim como Cerqueira, corrigimos a indicação de Romero, que se remete apenas à página 153. A citação corresponde a trechos das páginas 100 a 102 do livro de Mont'Alverne, sendo que o último fragmento transcrito faz parte da nota de rodapé da página 101. Os trechos entre parênteses são de autoria de Romero, que também acrescentou os itálicos, alterou a pontuação (e nós também), aglomerou vários parágrafos do texto original em um único e suprimiu uma ocorrência da palavra “propriamente” – que devolvemos ao texto entre colchetes. Romero também fez uma pequena alteração na transcrição: na frase “Eu ignoro a natureza inteira do movimento; mas sei em geral que ele é uma força que se aplica ao corpo, pela qual o corpo obra”, onde Romero cita “por a” (que alteramos para “pela”, ou seja, “pela força”), Mont'Alverne escrevera “por o” (ou seja, “pelo movimento”) – porém, como na própria passagem o movimento é definido como uma força, a alteração de Romero não gera nenhum grande prejuízo para a compreensão do texto (TT&RX).

50 Obra do filósofo Ludwig Büchner. Cf. Büchner (1869a).

pluralidade das forças; não convém à ciência, porque os contrassensos ali formigam às dezenas. Faz do movimento um *quid*⁵¹ imaterial separado do corpo e ao qual é junto não sei por quem; anima todos os seres de forças igualmente imateriais, isto é, aviventa⁵² a natureza pelo mesmo modo porque o faria um politeísta. O franciscano mal tinha saído do período fetichico⁵³; o céu da filosofia estava em trevas para ele; dos grandes astros, que então fulgiam [brilhavam], não enxergou um só; seu telescópio incendiou-se nos brilhos de Cousin. Nem, ao menos, conheceu Biran, ao que parece. O que diriam dele espíritos como um Helmholtz, um Trémaux, sectários convencidos e vitoriosos do dinamismo⁵⁴ universal?

O filósofo ingenuamente lastima não conhecer a realidade em si, *das Ding an sich*⁵⁵, segundo a expressão de Kant...

Sua doutrina das forças lembra certa época da história da ciência em que todos os fenômenos inexplicáveis eram oriundos de forças. “Cada um dos fenômenos cósmicos era, em falta de coisa melhor, atribuído a uma *força*, palavra vaga, que se liga tanto à escolástica⁵⁶,

51 *Quid*: um algo, um não sei o quê.

52 *Aviventa*: dá vida a, vivifica.

53 *Fetichico*: referente ou próprio de fetiche ou fetichismo.

54 O *dinamismo* já foi definido como um “sistema que supõe que a matéria é animada de forças imanentes, em lugar de a considerar como movida por forças extrínsecas e mecânicas. Assim, em astronomia, o sistema dos turbilhões de Descartes é um mecanismo, e o da gravitação é um dinamismo” (Domingos Vieira, 1871).

55 Literalmente, “*das Ding an sich*” significa “a coisa em si”. Nos *Prolegômenos a toda metafísica futura*, §32, Kant afirma: “De fato, se, como convém, considerarmos os objetos dos sentidos como simples fenômenos, admitimos assim aos mesmos que lhes está subjacente uma coisa em si, embora não saibamos como ela é constituída em si mesma, mas apenas conheçamos o seu fenômeno, isto é, a maneira como os nossos sentidos são afetados por este algo de desconhecido” (Kant, 1988, p. 91-92). Quer dizer, ao fazer referência à expressão kantiana, Romero ironiza Mont’Alverne, como se este estivesse se lamentando por desconhecer algo que seria essencialmente incognoscível.

56 O termo *escolástica* designa a “doutrina da *escola*, quer dizer, aquela que era ensinada nas escolas eclesiásticas e nas universidades da Europa entre os séculos IX e XVII, englobando a filosofia, a ciência e a teologia. Como característica essencial, a *escolástica* busca conciliar a revelação ou a fé com a luz natural ou a razão, apoiando-se sobre a filosofia grega, principalmente sobre a filosofia

quanto à mecânica, e que ocultava no fundo a ignorância dos físicos sobre as causas reais dos fatos que observavam. O peso, o calórico⁵⁷, a eletricidade, etc., eram outras tantas forças. Quando havia embaraço para explicar um fenômeno, inventava-se uma nova força; força de contato, força de presença, força catalítica⁵⁸ e não sei quantas mais...”⁵⁹

Mont'Alverne curvou-se submisso a este expediente cediço⁶⁰ e inaproveitável. Vejamos um outro.

de Aristóteles e seus métodos de argumentação (silogísticos)” (Morfaux, 1980). Não raramente, o termo *escolástica* é utilizado com “um sentido pejorativo, originário sobretudo da reação contra a tradição medieval pelo pensamento moderno, designando um pensamento dogmático, tradicional, formalista e repetitivo, preocupado com discussões estéreis e contrário a qualquer inovação” (Japiassú & Marcondes, 2001).

57 *Calórico*: aquilo que se refere ao calor.

58 Como define Domingos Vieira (1871), uma *força catalítica* é uma “força especial que certos corpos têm de produzir os fenômenos de *catálise*”, que, por sua vez, é definida pelo mesmo dicionário como um “fenômeno que se dá quando um corpo põe em operação, só pela sua presença e sem ação química própria, certas afinidades, que, sem ele, ficariam inativas”.

59 Adolphe d'Assier, *Essai de philosophie positive au XIX^e siècle* [Ensaio de filosofia positiva no século XIX], 1ª parte, p. 3-4 (SR). O próprio Romero traduz a passagem. Eis o trecho original: “Chacun des autres phénomènes cosmiques était, faute de mieux, attribué à une *force*, mot vague, tenant autant de la scolastique que de la mécanique, et qui ne cachait, au fond, que l'ignorance des physiciens sur les causes réelles des faits qu'ils observaient. La pesanteur, le calorique, l'électricité, etc., étaient autant de forces. Dès qu'on se sentait embarrassé pour expliquer un phénomène, on inventait une nouvelle force, force de contact, force de présence, force catalytique, que sais-je ?” (Assier, 1870, p. 3-4) (TT&RX).

60 *Cediço*: ultrapassado – literalmente, estragado, em estado de putrefação.

II. EDUARDO FERREIRA FRANÇA (1809-1857)⁶¹

O Dr. Eduardo Ferreira França publicou em 1854, na Bahia, dois volumes sobre psicologia. O digno médico foi também um discípulo do sensualismo francês dos primeiros anos deste século [XIX] e passou-se para aquela reação espiritualista⁶², superficial e palavrosa [prolixa, tagarela], inaugurada pelo professor, mais *parlante* [falastrão] que profundo, Royer-Collard e continuada por Cousin e seus discípulos.

Não creio que seja mister [necessária] uma discussão preliminar sobre essa fase passageira da história da filosofia para bem compreender-se o espírito do trabalho do escritor baiano. Basta lembrar que o tempo da Restauração na França⁶³ foi o período das efusões [efervescências] e desvarios do romantismo⁶⁴. Já sepultada na Alemanha com Schiller, Goethe, Wieland... cujas obras já eram clássicas, a [fase] romântica na França de 1815 até muito depois de 1830 trouxe o país mergulhado em sonhos. Era a reação; mas a reação mórbida, a reação pelo passado, pela Idade Média, com

61 *Investigações de psicologia*, pelo Dr. Eduardo Ferreira França, Bahia, 1854, 2 volumes (SR). Uma segunda edição foi publicada em 1973, com introdução de Antônio Paim (cf. França, 1973) (TT&RX).

62 Sobre o *sensualismo* e o *espiritualismo*, conferir as notas 28 e 47, no capítulo I.

63 Referência à restauração da monarquia na França – também chamada de Restauração Bourbon –, que começou com a queda de Napoleão Bonaparte, em 1814, e durou até a Revolução de Julho, em 1830.

64 O *romantismo* já foi definido como uma “doutrina filosófica, distinta do movimento artístico-literário, que, do final do século XVIII e até a metade do século XIX, em reação contra o racionalismo da filosofia das Luzes, põe-se a depreciar os valores racionais e a enaltecer a imaginação, a intuição, a espontaneidade e a paixão. O homem é concebido como ‘um reflexo de Deus ou da alma do mundo’. Assim, ao privilegiar o sentimento da natureza, como em Rousseau, e certa forma de religiosidade, o romantismo filosófico, representado sobretudo, na Alemanha, por Fichte, Schlegel e Schelling, passou a ser considerado como um recurso nos momentos de crise do racionalismo” (Japiassú & Marcondes, 2001).

todos os seus encantos factícios [artificiais], com todos os seus erros perigosos. Era o anacronismo buscando ser uma lei da história; era a tentativa de um desmentido [contestação] à evolução lógica dos acontecimentos humanos. Compreende-se a multidão de preconceitos desenterrados e revestidos pela linguagem brilhante dos sonhadores. A luz espalhada pela *Enciclopédia*, apesar de fraca, incomodava e era preciso apagá-la; o brilho de Diderot, apesar de um pouco embaçado, causava receios e era mister ofuscá-lo. Daí a glorificação do passado em ódio ao presente, o entusiasmo pela Idade Média em prejuízo da Revolução. A filosofia não havia de deixar de seguir o impulso que levavam a religião e a arte. E como tinha de fazê-lo? Restaurando o espiritualismo a título de verdade de todos os tempos, firmada no senso comum; fazendo um apelo à história e pretendendo descobrir a verdade sempre de posse do espírito humano e apenas ofuscada pelo exclusivismo dos sistemas. É este o sentido do *ecletismo*⁶⁵, que, por sua vez, já pertence à história. Hoje é possível julgá-lo com segurança. Foi uma filosofia incoerente e pretensiosa, inimiga da observação e da experiência, uma surtida [incursão] no campo do *absoluto*, divinizando o homem por meio da *razão impessoal*. Entretanto, a filosofia que tem por dogma a *relatividade* de todas as coisas, mudando de método e reforçando os seus princípios, continuava surdamente a acumular os achados e a fortalecer a verdade.

Obcecados pelo ruído das frases e pelos aplausos das turbas [multidões], os hasteadores⁶⁶ da nova bandeira, os partidários da escolástica⁶⁷ ressuscitada, nem deram por ela. É assim que se explica o fenômeno de um homem como Victor Cousin publicar uma dezena de livros em que nos fala da verdade *eterna*, mas onde

65 Sobre o *ecletismo*, conferir a nota 33, no capítulo I.

66 *Hasteadores*: erguedores, levantadores – literalmente, aqueles que hasteiam.

67 Sobre a *escolástica*, conferir a nota 56, no capítulo I.

parece que só ele e sua gente existiam no mundo filosófico de seu tempo e onde não se vê passar, nem de longe, a sombra de alguns dos grandes vultos que lhe cresceram ao lado – e acabaram por ofuscá-lo. Além da *escola* não havia ciência; o Dr. Eduardo França filiou-se a ela, renegando a outra. Diz-nos em seu prefácio: “Imbuído nas ideias da escola chamada sensualista, entusiasta de Destutt de Tracy a ponto tal, que só procurava conhecer e estudar as obras dos sábios a que ele dava preferência, tornei-me um discípulo do materialismo⁶⁸, e estava convencido que nada havia além da matéria, e que o espírito era uma simples função de um órgão. Li e reli muitas vezes as obras do filósofo célebre que me serviu de mestre; só sentia prazer em ler obras cuja doutrina se assemelhava à sua – e as outras me desgostavam e pouca atenção me mereciam. Tendo, porém, de abandonar esses estudos para me entregar àquele que tinha por fim dar-me a profissão de médico, deixando de ler os filósofos, não deixei de pensar sobre o objeto de que se ocupavam. Materialista, encontrava em mim um vazio, andava inquieto, aflito até; comecei então a refletir, e minhas reflexões me fizeram duvidar de muitas coisas que tinha como verdades demonstradas e, pouco a pouco, fui conhecendo que não éramos só matéria, mas que éramos principalmente uma coisa muito diferente dela. Procurava nas minhas reflexões examinar o que eu era na realidade, observava que muitos fenômenos não eram explicáveis pela única existência da matéria; e assim progressivamente fui examinando as minhas opiniões, até que, passados alguns anos, e tornando ao estudo dos filósofos, fui lendo aqueles, que ao princípio me haviam desgostado, e encontrei

68 O *materialismo* é definido por Houaiss (2025) como a “doutrina que identifica, na matéria e em seu movimento, a realidade fundamental do universo, com a capacidade de explicação para todos os fenômenos naturais, sociais e mentais”. Já nas palavras de Pereira Barreto, em sua acepção mais difundida, o *materialismo* consistiria basicamente “em substituir a hipótese de um Deus, quer pessoal quer impessoal, pela hipótese de uma matéria eterna, de cujo arranjo e propriedades imanentes tudo deriva, o homem, a Terra, o universo” (Pereira Barreto, 2001, p. 211).

um prazer indefinível, e o profundo Maine de Biran contribuiu especialmente para esclarecer a minha inteligência”⁶⁹.

Este pedaço é um eco rouco e débil da célebre confissão de Jouffroy⁷⁰, distanciado enormemente da página fulgurante do romântico francês pelas agruras [asperezas] de um estilo incorreto. Raro foi, até certa época, o eclético que não se julgou obrigado a abrir os recessos da alma para fazer-nos revelações de lutas e descrenças, que, graças à sua filosofia, acabaram por apaziguar-se.

Este espetáculo, pouco edificante, era um filho da fé, que procurava salvaguardar-se; uma filosofia, pouco segura, firmada em frases e transações [negociações], dava lugar a essas queixas de confessionalismo. A ciência era para ela uma questão de sentimento; devia respeitar os prejuízos [preconceitos] da educação. Jouffroy, é verdade, diz que perdera os seus, mas que segurou suas convicções religiosas ao influxo de seus achados de psicólogo⁷¹. A ninguém hoje dado mais enganar-se com sua confissão, depois que a crítica mostrou que aquilo não passou de um achaque [surto] romântico, como tantos outros da época.

Eduardo França andava *inquieto, aflito até...* depois o *profundo* Maine de Biran, que começou *estoico* e acabou *místico*, apaziguou-lhe o espírito! Deixou Destutt de Tracy por este último. Parece que o digno baiano não leu a obra de Taine, que apesar de ter conhecimento exato de quanto escreveram os ecléticos, continuou a ser condillacista⁷²; o

69 *Investigações de psicologia* [1854], tomo 1º, prefácio, p. vi (SR). Na 2ª ed. (1973), p. 50-51 (TT&RX).

70 Conferir a introdução de Júlio Canhada desta edição (“Para começar a história”), p. 34. Outra apresentação da confissão à qual Romero se refere pode ser encontrada no livro de Tobias Barreto, *Ensaio e estudos de filosofia e crítica* (1889), p. 8 e ss.

71 *Segurou suas convicções religiosas ao influxo de seus achados de psicólogo*: preservou suas convicções religiosas da influência de suas descobertas como psicólogo.

72 *Condillacista*: defensor ou sectário das ideias de Condillac.

nobre médico não leu os *Filósofos clássicos da França no século XIX*⁷³. De outro modo, teria notado a figura mínima de Maine de Biran, que só se distinguia por sua obscuridade, ainda mais realçada pelo abuso de expressões bárbaras e enigmáticas, que o tornam de uma leitura escabrosa e fatigante. França herdou-lhe esta reuma⁷⁴. Só para significar uns dois ou três fatos, mui [muito] simples, da psicologia, dá-nos este dicionário abundante: *motilidade, motividade, locabilidade, modificabilidade, efetividade, afetividade, receptividade...* e quejandas [semelhantes, congêneres] descobertas em *ade*⁷⁵. A obra do insigne [ilustre] médico bem indica que teve ele por mestre o festejado metafísico francês, o primeiro de seu tempo, como o chamou Cousin⁷⁶ – juízo, que, por certo, não é dos mais apropriados para elevar um pensador. Todavia, aquele livro é muito mais digno de ler-se do que o de Mont’Alverne e até os do senhor Gonçalves de Magalhães; encerra uma boa porção de fatos e experiências, bebidos nas obras de escritores de medicina, de incontestável valor. O espírito que o anima é uma combinação binária: ideias dos ecléticos franceses, máxime [principalmente] de Adolphe Garnier, e de fisiologistas dessa escola dúbia que pretende harmonizar o espiritualismo com as exigências da biologia, sobretudo de Longet. O seu autor é um trânsfuga [desertor] do velho sensualismo metafísico⁷⁷, que, cumpre

73 Referência à obra de Hippolyte Taine, *Les philosophes classiques du XIX^e siècle en France* [Os filósofos clássicos do século XIX na França] – cujo título mudara a partir da terceira edição da obra (incorporando o adjetivo *clássicos* ou *classiques*). Em comparação com a edição citada por Romero no capítulo I – intitulada *Les philosophes français du XIX^e siècle* [Os filósofos franceses do século XIX] –, nas palavras de Taine, a terceira edição “difere notavelmente das edições precedentes” (Taine, 1905, p. i).

74 *Reuma*: doença, vício – literalmente, catarro.

75 *Descobertas em ade*: alusão à profusão de termos empregados com o sufixo *-ade*.

76 Romero se refere a uma passagem do prefácio a uma obra de Maine de Biran, no qual Victor Cousin diz com todas as letras: “Maine de Biran é o primeiro metafísico francês do meu tempo” (cf. Maine de Biran, *Nouvelles considérations sur les rapports du physique et du moral de l’homme* [Novas considerações sobre as relações entre o físico e o moral do homem], 1834, p. xlii).

77 Sobre a *metafísica*, conferir a nota 37, no capítulo I.

notar, dista imenso⁷⁸ da filosofia *monística*⁷⁹, do *realismo*⁸⁰ científico dos nossos dias.

Apreciemos o seu trabalho no ponto em que o escritor quer se mostrar um pouco original, no capítulo em que trata da locabilidade. Para ele, esta é uma faculdade pela qual conhecemos o nosso próprio corpo. O filósofo reduz o homem a uma alma recôndita [oculta], remota, a tal ponto distinta do corpo, que este correria o perigo de confundir-se com um outro corpo qualquer, se aquela não tivesse uma faculdade especial que o vem salvar de um completo esquecimento. É o requinte da espiritualidade!

Os psicólogos exibem, às vezes, argumentos verdadeiramente irrisórios [ridículos, desprezíveis]. Dizem, por exemplo, que nós distinguimo-nos de nosso próprio corpo, porque cada um de nós diz: *meu corpo*, e não se confunde, pois, com ele!

Este fato, vulgaríssimo, é um resultado do hábito, que, igualmente, nos permite dizer no mesmo rigor: *minha opinião, minha ideia, meu pensamento, minha alma...* É uma ingenuidade lançar mão de recursos

78 *Dista imenso*: está a uma enorme distância.

79 Derivado do termo grego *μόνος* (ou *monos*), único, o *monismo* pode ser definido como: “toda doutrina que considera o mundo sendo regido por um princípio fundamental único. Em outras palavras, doutrina segundo a qual o ser, que só apresenta uma multiplicidade aparente, procede de um único princípio e se reduz a uma única realidade constitutiva: a matéria ou o espírito. Por exemplo, há o monismo mecanicista dos materialistas (século XVIII), o monismo espiritualista e dialético de Hegel e o panteísmo de Espinosa. Quando se trata de Deus, criador do mundo a partir do nada (*ex nihilo*), a doutrina é um teísmo. Ao se referir a um princípio espiritual tido pela essência da realidade, temos um espiritualismo. Se é a matéria (ou natureza) a realidade essencial e suprema de tudo o que existe, temos o materialismo ou naturalismo. Oposto ao dualismo (dois princípios) e pluralismo” (Japiassú & Marcondes, 2001).

80 Em poucas palavras, o *realismo* pode ser definido como a “doutrina ou atitude relativa ao problema do conhecimento, caracterizada, em graus e níveis diversos, pela afirmação da existência do ser independentemente do pensamento e pela busca dos relacionamentos possíveis que entre eles se estabelecem” (Novo Aurélio, 1999). Especificamente em relação ao *realismo científico*, o mesmo dicionário apresenta a seguinte definição: “realismo característico dos que se ocupam com a ciência, e que se afirma pela busca do conhecimento cada vez mais acurado dos dados da experiência”.

tão ínfimos. Mas vejamos os motivos em que se estriba⁸¹ o filósofo para estabelecer a sua faculdade.

“Para conhecermos – diz ele, distinguindo-a da percepção exterior – para conhecermos que temos um corpo próprio, não precisamos da ação dos sentidos; privados de todos os sentidos exteriores, ainda saberíamos que temos um corpo e que existe, além do *eu*, um *não eu*”⁸².

Eis aí: o médico filósofo considera o seu corpo coisa tão externa a si mesmo que fantasia um poder especial de sua alma para descobri-lo, por uma espécie de favor. É um triste resultado do velho dualismo⁸³ estabelecido no homem. A intuição de hoje repele esta anomalia. O conhecimento de nós mesmos, o sentimento de nossa própria individualidade, existindo separada do mundo exterior, isto é, sem confundir-se com ele, não é um dado de uma potência especial do espírito, que não passa de uma hipótese; é uma consequência do jogo mútuo de todas as nossas faculdades, é uma condição, direi até, do exercício normal de todos os nossos órgãos. Outra coisa não é a *vida*. A ideia da personalidade, a noção adiantada da pessoa, é um dado posterior da ciência do direito, ou da prática do mundo; a ideia de corpo é também um achado de uma ciência respectiva, ou da experiência de todos os dias. No sentimento puro e primordial de nós mesmos não entram estas distinções, feitas a bem de⁸⁴ certas teorias; ela é uma afirmação da individualidade no seu todo indistinto, que vem a ser o nosso corpo com todas as suas funções, entre as

81 *Se estriba*: se sustenta, se firma – literalmente, monta em estribos.

82 *Investigações de psicologia* [1854], tomo 1º, p. 88 (SR). Na transcrição de Romero, o itálico de “não eu” havia sido descartado (cf. França, 1973, p. 123) (TT&RX).

83 Em oposição ao *monismo*, considera-se como *dualismo* “toda doutrina que admite, em um domínio qualquer, dois princípios ou realidades irreduzíveis; por exemplo, a matéria e a vida, a natureza e a graça, o princípio do bem e o princípio do mal (maniqueísmo), a razão e a experiência” (Morfaux, 1980).

84 *A bem de*: apesar de.

quais a mais eminente é a de pensar e conhecer-se⁸⁵. Se é certo, como dizem alguns, que podemos perder um braço ou uma perna e continuar a ser nós mesmos, não o é menos que podemos perder uma ou mais ideias e até o uso de uma faculdade, continuando a ser nós mesmos... Onde [está] a diferença? O argumento do psicólogo é lastimável. Sem os sentidos externos, diz-nos, ainda saberíamos que temos um corpo. É admirável! Eu não sei a que ficaria reduzido intelectualmente um homem a quem faltassem, desde a origem, todos os sentidos externos; é esta uma hipótese que não deve ser concedida. Admitindo, porém, a extravagância do baiano, é muito dubitável que o seu homem, sem sentidos, pudesse conceber a noção de um corpo e ter o conhecimento do seu próprio. Concedendo-lhe também este último requisito, ainda assim, o seu argumento nada prova contra a percepção exterior. Porquanto [porque], se é certo, como ele supõe, que, privados dos sentidos externos, saberíamos que temos um corpo, não deixa de ser verdade que, se fosse possível sermos privados dos [sentidos] interiores, conservando os outros, teríamos igual conhecimento. “Com os sentidos externos – diz-nos ainda – só conheceríamos as partes externas do corpo, as internas seriam para todo sempre ignoradas”⁸⁶. A consequência que tira o filósofo é um pouco exorbitante. Sim: pelos sentidos externos conhecemos somente o exterior de nosso corpo, porém, como nosso próprio e não como estranho, e já isto é suficiente para o nosso *desideratum*⁸⁷. E, depois, o conhecimento de nossos órgãos interiores não nos é fornecido pelo seu próprio jogo – que nos é, na maioria dos casos,

85 Pode consultar-se: Rostan, *De l'organicisme* [Sobre o organicismo]; Delbœuf, *La psychologie comme science naturelle* [A psicologia como ciência natural]; Büchner, *Kraft und Stoff* [Força e matéria] – *passim* [em diversas passagens] (SR). Cf. Rostan (1864), Delbœuf (1876) e Büchner (1869a) (TT&RX).

86 *Investigações de psicologia* [1854], tomo 1º, p. 88 (SR). Como bem observa Cerqueira, Romero não faz uma citação literal. O texto original de França é: “Os sentidos externos só nos revelam a superfície de nosso corpo, com eles só conheceríamos as partes externas do corpo, as internas seriam para todo sempre ignoradas do eu” (França, 1973, p. 123) (TT&RX).

87 *Desideratum*: objeto de desejo, aspiração – em latim no original.

inconsciente – e sim pelas revelações de uma ciência peculiar, ou pela prática da vida. As funções do meu pulmão, do meu coração... são-me desconhecidas pela consciência e só lhes sei da existência, ou porque no meio social ouvi descrições a seu respeito, ou porque as li nos livros de medicina. O Dr. França devia ser mais ponderado para não se mostrar tão iludido. Ouçamo-lo ainda: “A localização externa, aquela que se faz em alguma parte da extensão exterior de nosso corpo, aquela que indica a situação respectiva de cada uma dessas partes, é essa a que requer a ação dos sentidos exteriores e nosso corpo seria assim conhecido e definido como qualquer outro corpo exterior, sem termos ciência de que é nosso”⁸⁸.

O médico baiano começa o seu estudo sobre a locabilidade pretendendo separá-la de todas as outras potências do espírito e estabelecê-la como um poder independente. Agora já nos vem dividir a localização em interna e externa, esta pertencente à *percepção exterior* e, a outra, à *consciência*!

Não desejo emaranhar o leitor nas vacilações e inconseqüências do psicólogo; apreciemos a força de suas palavras transcritas: “nosso corpo seria conhecido como qualquer outro corpo externo, sem ciência de que é nosso...”⁸⁹ É falso.

Por ocasião de qualquer sensação externa localizada, temos conhecimento de nosso corpo como próprio e seria impossível que assim não fosse, quando é nele e por ele que sentimos. A localização, que o escritor denomina *interna* e que diz ser da consciência, o é muito menos do que a externa e é muito menos capaz de fazer-nos

88 *Investigações de psicologia* [1854], *idem*, p. 96 (SR). A citação de Romero é precisa, exceto pela omissão da palavra “corpo” no final da passagem (cf. França, 1973, p. 129) (TT&RX).

89 Cotejada com a segunda edição da obra, a citação precisa é: “[A localização externa, aquela que se faz em alguma parte da extensão exterior de nosso corpo, aquela que indica a situação respectiva de cada uma destas partes, é essa a que requer a ação dos sentidos exteriores e] nosso corpo seria assim conhecido e definido como outro qualquer corpo exterior sem termos ciência de que é nosso corpo” (França, 1973, p. 129).

conhecer o nosso corpo do que esta, porque, em última análise, sendo ambas resultado de sensações que sentimos como nossas próprias e, em nosso próprio corpo, o jogo dos órgãos internos é, em sua quase totalidade, inconsciente, como já o disse. Como, pois, pretender que a interna é capaz de excitar em nós tal conhecimento e a outra não? Qual a razão disso? Não a vejo. As sensações, sob o domínio da consciência, têm um igual valor no organismo são [saudável] e, se alguma diferença deve aqui ser feita, há de provir em desfavor da opinião do nosso autor. De certo, feito o balanço, as localizações *internas* são menos aptas para fornecer o conhecimento de que tratamos do que as outras, visto que a sua energia é mais vaga e quase indistinta.

Eduardo França esqueceu-se um pouco de sua fisiologia; Küss vem demonstrá-lo. Depois de dividir as sensações gerais em localizadas e não localizadas, diz-nos o distinto professor de Estrasburgo: “As sensações gerais *não localizadas* (sentimentos ou sensações *internas*) são muito interessantes para o estudo do médico: uma das mais curiosas, do ponto de vista de suas modificações patológicas, é o *sentimento de nossa existência*; esta sensação geralmente passa despercebida, porque é habitual e constante; é pela mesma razão que o moleiro⁹⁰ normalmente não percebe o barulho do moinho”⁹¹.

O sentimento, pois, de nossa própria existência, aos olhos da fisiologia, é uma sensação geral não localizada, veja-se bem, e nós sentimo-nos viver como corpo. A espiritualidade é uma abstração,

90 *Moleiro*: dono ou indivíduo que trabalha em um moinho.

91 *Cours de physiologie* [*Curso de fisiologia*], publicado pelo Dr. Mathias Duval, 2ª ed., Paris, 1873, p. 68 (SR). Romero cita o texto em francês e modifica algumas das ocorrências em itálico (modificações preservadas na tradução da citação). Eis a passagem original: “Les *sensations générales* non localisées (*sentiments* ou *sensations internes*) sont très intéressantes à étudier pour le médecin: l’une des plus curieuses au point de vue de ses modifications pathologiques est le *sentiment de notre existence*; cette sensation passe d’ordinaire inaperçue, parce qu’elle est habituelle et constante; c’est pour la même raison que le meunier ne perçoit pas normalement le bruit de son moulin” (Duval, 1873, p. 68) (TT&RX).

oriunda de um ensino tradicional, que não se firma nos fatos. Ela vai ficando decrépita e esquecida; *caro fossilis* [carne petrificada]⁹², na frase dos naturalistas.

A bem pouco se reduz, diante do fisiólogo notável que ficou citado, a localização interna tão preconizada [louvada] pelo professor da Faculdade de Medicina da Bahia. As sensações internas, em geral, não são localizadas. O nosso autor entende que a sua faculdade deve executar o seu ofício total interna e externamente. Ora, percebe-se que ela é impotente para o que foi criada, porque só nos revela o conhecimento das partes internas do corpo em raríssimos casos e, sobre as externas, deixa o campo livre à percepção. Vê-se, afinal, que para bater o pretendido pensador baiano é bastante⁹³ tomar assento no seio de sua própria escola, sem ser preciso pedir as armas a uma ordem superior das ideias em nossos dias⁹⁴.

92 Em latim no original. A expressão *caro fossilis* se refere a um corpo que já teve vida, mas se transformou em fóssil.

93 *É bastante*: basta, é suficiente.

94 Ou seja, neste final de parágrafo e de capítulo, Romero destaca que, para refutar as ideias de Eduardo Ferreira França, não seria preciso recorrer a nenhuma outra área do saber, já que na própria fisiologia – como no trecho citado logo antes – existiriam argumentos contra o médico baiano.

III. DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES (1811-1882)⁹⁵

Os *Fatos do espírito humano* do Sr. Domingos José Gonçalves de Magalhães apareceram em Paris em 1858; o autor, hoje titular⁹⁶, é um poeta de algum merecimento; como filósofo tem esta obra de valor não muito avultado [relevante]. O poeta entrelaça aos voos, um pouco amortecidos, de sua imaginação *tiradas* [lampejos, *sacadas*] de sua metafísica⁹⁷; o filósofo exhibe-nos provas de uma poesia rançosa nas páginas do seu livro⁹⁸. Na história dos dois domínios intelectuais em que se exercitou, não há de fazer uma figura muito eminente,

95 *Fatos do espírito humano*, por D. J. G. de Magalhães, Paris, 1858 (SR). Como aponta Luís Washington Vita, uma segunda edição foi publicada no Rio de Janeiro, em 1865, e, neste século, Luiz Alberto Cerqueira organizou e introduziu uma edição publicada em 2004 (TT&RX).

96 *Titular*: portador de título de nobreza – no caso de Gonçalves de Magalhães, *Visconde de Araguaia*.

97 Sobre a *metafísica*, conferir a nota 37, no capítulo I.

98 Das poesias, entre outras, veja-se “Deus e o Homem” nos *Suspiros poéticos [e saudades]*, 1836; e, do livro de filosofia, o capítulo 1º (SR). O poema citado por Romero ocupa dez páginas do livro de Gonçalves de Magalhães. Como aperitivo, reproduzimos aqui a sua primeira estrofe: “Quando se arrouba o pensamento humano, / E todo no infinito se concentra, / De milhões de prodígios povoado; / Quando sobre o fastígio de alto monte, / Como um colibri sobre altivo aderno, / Na vastidão sidérea a vista espraia; / E vê o sol, que no Oriente assoma, / Como num lago em própria luz nadando, / E a noite, que se abisma no Ocidente, / Arrastando seu manto tenebroso, / De pálidas estrelas semeado; / Quando dos gelos, que alcantis coroam, / Vê a enchente rolar em cataratas, / Por cem partes abrindo largo leito, / Fragas, e pinheirais desmoronando; / Quando vê as cidades enterradas / A seus pés na planície, e negros pontos / Aqui, e ali, moverem-se sem ordem, / Como abelhas em torno da colmeia; / Então o homem se abate; um suor frio, / Como o suor que o moribundo coa, / Rega-lhe o corpo inteiro; então sua alma, / Como um sutil vapor, que o lírio exala, / Ferido pelo raio matutino, / Se levanta da terra; e então seu corpo / Como um combro de pó desaparece... / Ele está no infinito! – Então lhe troa / Uma voz, como o eco das cavernas, / Quando os ventos nos ares se debatem; / Como um ronco do Oceano repellido / Por estável penedo; como um grito / Das entranhas da terra, quando acesas / De sua profundez lavas borbotam; / Como o rouco bramido das tormentas; / É a voz do Universo! – voz terrível, / Porém harmoniosa, que proclama / A existência de um Ser, que de si mesmo, / De sua onisciência, e eterna força, / Tudo tirou, quanto o Universo encerra” (Gonçalves de Magalhães, 1836, p. 39-41) (TT&RX).

como à mania patriótica⁹⁹ tem querido parecer. O Sr. de Magalhães é um romântico e um espiritualista¹⁰⁰ católico. Dotado de pouco vigor de imaginação, não tem brilhos de estilo; pouco profundo, não devassou [penetrou, investigou] seriamente nenhum dos segredos da ciência. Seu melhor livro de poesias é de 1836; ele balbuciava então, as primeiras palavras de um sistema literário já decadente, e cujos corifeus¹⁰¹ já eram vultos da história¹⁰².

Quando apareceu como filósofo, era coisa para surpreender a todos, que o supunham alheio às especulações sérias e que deviam ter notado a sua incompetência para as graves questões.

Em todo o caso, ele é sempre um anacronismo e um dos fatores de nossa pequenez intelectual. Foi sempre um homem de meias medidas: meio clássico e meio teólogo, com pretensões a espírito moderno.

Hoje segue a diplomacia, esta ciência do que há de mais anticientífico: as cavilações¹⁰³.

Os *Fatos do espírito humano*, com ares de um quadro da filosofia de seu tempo, são uma veleidade [futilidade]. O autor, que, desde muito, vivia na Europa, devendo estar em dia com a ciência de então, e afirmando estar, afigura-se-nos ali muito débil. Seu livro

99 *Mania patriótica*: delírio patriótico. Quer dizer, Romero considera que Gonçalves de Magalhães não seria uma figura muito relevante nem na poesia nem na filosofia, apesar do entusiasmo – delirante ou maniaco, segundo ele – que alguns de seus contemporâneos tinham pelo poeta e filósofo carioca.

100 Sobre o *espiritualismo* e o *romantismo*, conferir as notas 47 e 64, nos capítulos I e II.

101 *Corifeus*: expoentes, representantes máximos.

102 Há uma ambiguidade na expressão *vultos da história*, que pode designar tanto *personas notáveis ou muito importantes*, quanto *imagens difusas*, isto é, *personas que estariam desaparecendo da história* – o que estaria em consonância com o “sistema literário já decadente” referido por Romero.

103 *Cavilações*: sofismas, artimanhas, razões enganosas – do latim *cavillatio*, *gracejo*, *mofa*, *escárnio*; *sutiliza*, *sofisma*.

é uma cantilena¹⁰⁴ declamatória onde não se depara com o método científico nem com a segurança e elevação das ideias.

Como é que o Visconde de Araguaia¹⁰⁵ – há tão pouco tempo! –, com a pretensão de “aventurar-se em novas teorias, tratando de todas as grandes questões da filosofia; expondo os sistemas mais acreditados e aceitos; refutando os que lhe pareciam contrários aos fatos e procurando, por um modo diverso do que o fizeram outros, resolver com a maior clareza que lhe foi possível algumas dificuldades”¹⁰⁶, mostra-se tão enormemente atrás dos grandes pensadores então já vulgarizados [popularizados, conhecidos]?!

Se a lei suprema pela qual deve a história deve julgar os homens e escritores, é aferi-los pelo grau de desenvolvimento da época em que floresceram, claro é que o Sr. Magalhães não sai engrandecido da operação da crítica. Não passa de um discípulo de Mont’Alverne desenvolvido por Cousin. Diz ele que ouviu a Théodore Jouffroy em Paris; não parece... Quanto dista¹⁰⁷ do pensamento profundo e do estilo sóbrio do insigne¹⁰⁸ eclético! É um escritor vulgar, sem elevação de ideias, sem firmeza de doutrina, sem finezas de análise, sem habilidade na forma. Gira num círculo de raio tão curto¹⁰⁹, a ponto

104 *Cantilena*: lenga-lenga, narração monótona.

105 *Visconde de Araguaia*: título honorífico de Gonçalves de Magalhães.

106 *Fatos do espírito humano* [1858], prólogo, p. vi. Romero acrescentou algumas palavras iniciais na citação e operou pequenas mudanças no texto de Gonçalves de Magalhães. Eis o parágrafo original: “Animam-nos estas reflexões a dar à luz este livro, em que tratamos de todas as grandes questões da filosofia; expomos as teorias mais acreditadas e aceitas; refutamos as que nos parecem contrárias aos fatos, e procuramos, por um modo diverso do que o fizeram outros, resolver com a maior clareza que nos foi possível algumas dificuldades, sem a menor pretensão de inculcar-nos como autor de um novo sistema filosófico” (Gonçalves de Magalhães, 1858, p. vi).

107 *Quanto dista*: quão distante.

108 *Insigne*: ilustre, famoso. Por *insigne eclético*, Romero aparentemente se refere a Victor Cousin – embora também tenha acabado de mencionar Théodore Jouffroy, que foi discípulo de Cousin. Sobre o *eclétismo*, conferir a nota 33, no capítulo I.

109 *Gira num círculo de raio tão curto*: transita em um círculo tão pequeno.

de não ter enxergado os grandes astros que hão ilustrado¹¹⁰ o nosso século [XIX]. Todos os nobres espíritos que esclareceram com sua luz a Alemanha, a Inglaterra, a Itália e a França em nosso tempo – e que em 1858 os rapazes inteligentes dos colégios já conheciam – o Sr. de Araguaia não os refere e, todavia, vem dizer-nos que expõe as teorias mais acreditadas¹¹¹ e segue a filosofia que mais exalta o espírito humano!

Como todo o romântico desconsolado e impertinente, ele insulta o nosso século [XIX]; mas é porque não o compreende. Já é tão cediça¹¹² e inaproveitável certa maneira de insurgir-se contra o seu tempo, que até um escritor de mínima estatura deve fugir de repeti-la: é desse apelo para o materialismo industrial¹¹³ e outras momices¹¹⁴ da espécie que falo. O nosso autor a emprega como quem está às voltas com uma novidade. Publica o seu livro, que trata de verdades morais, porque “não falta quem cure [cuide] dos interesses materiais; quem com escritos os aconselhe, com discursos os apregoe, com obras os promova, com vantagens e lucros excite a cobiça a procurá-los, e não será ele de mais no meio de tanto materialismo industrial!”¹¹⁵

110 *Que hão ilustrado*: que iluminaram, que têm iluminado.

111 *Mais acreditadas*: mais aceitas, com maior credibilidade.

112 *Cediça*: ultrapassada – literalmente, em estado de putrefação.

113 Aparentemente, a expressão *materialismo industrial* – utilizada por Gonçalves de Magalhães no trecho citado logo na sequência do texto – não faz referência a nenhum materialismo como doutrina filosófica, mas sim ao excessivo apego ou valorização de bens materiais, que seria característico da era industrial (iniciada na segunda metade do século XVIII).

114 *Momices*: afetações – literalmente, caretas, trejeitos.

115 *Fatos do espírito humano* [1858], prólogo [p. v] (SR). Eis o período completo da citação em sua forma original: “Como não falta entre nós quem cure de interesses materiais, quem com escritos os aconselhe, com discursos os apregoe, com obras os promova, com vantagens e lucros excite a cobiça a procurá-los, não será de mais, no meio de tanto materialismo industrial, um único livro que atraia por alguns momentos, se tanto merecer, a atenção sobre interesses puramente intelectuais e morais, que não são os menores para o homem, nem os menos profícuos para a prosperidade, ordem e grandeza das nações; e satisfaça conjuntamente a curiosidade, senão a necessidade de muitos, a respeito dos objetos que mais relação têm com o espírito” (Gonçalves de Magalhães, 1858, p. v) (TT&RX).

Vê-se, por esta passagem sermonática [com tom de sermão], que o Sr. Magalhães, como todos os pequenos poetas, é pouco escrupuloso em repetir as antigualhas [velharias] desprestigiadas.

O hegeliano Vera, sem dar-se aliás por grande escritor, para fugir à vulgaridade, cai no extremo oposto também criticável: “não quero ser o censor de meu tempo, porque eu também sou de meu tempo”¹¹⁶, disse ele. A escolher entre os dois extremos, antes este último, com todos os seus prejuízos, do que a choraminga banal dos companheiros do Sr. de Araguaia. Fazem estes uma impressão ainda mais incômoda do que a dos otimistas estólios [estúpidos, tolos] que nos andam, a cada instante, a falar nas maravilhas da época. Por falar ocasionalmente no professor de Nápoles¹¹⁷, ele vem a propósito para medirmos por ele o nosso filósofo.

Este é um eclético ferrenho, como Vera é um hegeliano fanático; entretanto, que distância não vai entre a vasta coleção de obras do espirituoso italiano e o livro magro do pesado brasileiro? O napolitano abre francamente luta com os mais notáveis pensadores que são adversos ao seu sistema. Schopenhauer, von Hartmann, Strauss, Darwin, entre tantos outros, sofreram-lhe os golpes; e, se as suas razões quase sempre não são das mais nutridas, o ridículo que joga aos contrários é sempre bem aproveitado. No brasileiro há ainda mais fraqueza científica e, de todo, anda ausente o espírito.

Tenho pressa em desvendar a sua pobre exposição da sensibilidade, o que ele chama de teoria nova. O seu livro começa por uns capítulos onde o autor trata de generalidades da filosofia, como ele a entende, e discute, inspirado em Cousin e depois dele, os sistemas de Locke e de Condillac. Recuando até ao capítulo 8º, seja-me dado estudá-lo aí.

116 Trata-se de uma passagem da obra *Strauss, l'ancienne et la nouvelle foi* [Strauss, a antiga e a nova fé], de Augusto Vera, da qual Romero omite o seguinte trecho: “eu não tenho esse direito” [“je n'en ai pas le droit”]. Eis o texto original: “Or, je ne veux pas me faire le censeur de mon temps, je n'en ai pas le droit, puisque je suis moi aussi de mon temps” (cf. Vera, 1873, p. 199).

117 Alusão a Augusto Vera, que acabara de ser citado.

É onde se acha a sua *nova* teoria da sensibilidade; os novos achados de nosso autor são muito interessantes. Consistem nisto: ele é um duodinamista¹¹⁸, como tantos outros; admite duas entidades imateriais no homem, a *alma* com o pensamento e a vontade, e a *força vital*, que se encarrega da vida, e a que ele atribui a faculdade de sentir. Nesse último ponto é que supõe-se original; todos os mais assertos seus confessa implicitamente que são velhos na história da filosofia¹¹⁹. Não é muita coisa, e, se soubermos que Ahrens, no seu *Curso de psicologia*¹²⁰ publicado em 1836, já emitira aquela doutrina, a pretendida novidade se reduz a nada. Tal foi¹²¹; Ahrens admitia que o corpo tem como sua a sensibilidade, além de certo conhecimento que lhe é próprio e para o qual o espírito nada contribuiu. Ao corpo por si pertencem, segundo o célebre publicista¹²² hanoveriano, a sensibilidade e a imaginação, “distinta do *eu*, a qual pode crescer no cérebro, e o espírito perceber objetos que ele não produziu, ou para os quais cooperou fracamente”¹²³.

118 Etimologicamente, o termo *duodinamismo* provém da junção das palavras gregas δῦο (ou *dyo*), dois, e δύναις (ou *dynamis*), força, potência. Como o próprio Romero explica na sequência do texto, o *duodinamismo* de Gonçalves de Magalhães consistiria na admissão de “duas entidades imateriais”, a saber, a alma e a força vital.

119 *Todos os mais assertos seus confessa implicitamente que são velhos na história da filosofia*: [Gonçalves de Magalhães] confessa implicitamente que todas as suas demais afirmações ou asserções são velhas na história da filosofia.

120 Heinrich Ahrens, *Cours de psychologie* [*Curso de psicologia*] (1836).

121 *Tal foi*: foi assim mesmo, “dito e feito”.

122 *Publicista*: autor que escreve sobre questões públicas – jurídicas, econômicas, políticas, sociais etc.

123 Ahrens, *obra citada* (SR). Romero traduz e faz algumas adaptações significativas na citação. Eis o trecho original: “Comme dans le sommeil la propre causalité de l'esprit s'affaiblit par le relâchement du lien qui existe entre les facultés intellectuelles, et comme, d'un autre côté, l'activité de l'imagination du corps, qui n'est pas nous, s'accroît dans le cerveau, et que l'esprit aperçoit ainsi des objets qu'il n'a pas lui-même produits, ou à la production desquels il n'a que très faiblement coopéré, il est tout naturel qu'il attribue à ces images, tout à fait semblables à celles qu'il saisit dans la veille, une réalité correspondante” [“Como no sono a própria causalidade do espírito é enfraquecida pelo relaxamento da conexão que existe entre as faculdades intelectuais, e como, por outro lado, a atividade da imaginação do corpo, que não é nós, cresce no cérebro, e que o espírito percebe assim objetos que ele mesmo não produziu, ou em cuja produção apenas cooperou muito fracamente, é natural que ele atribua a essas imagens, muito semelhantes àquelas que apreende na vigília, uma

O Sr. Magalhães não contesta o papel importantíssimo dos nervos e do cérebro na produção das sensações; mas para ele esses órgãos são instrumentos de um princípio superior. Qual é este? A alma, respondem os espiritualistas em coro. É a força vital, responde o filósofo-poeta, folheando as páginas do livro esquecido de Ahrens. De todos os obstruidores do terreno da ciência são os mais perigosos sectários, como o nosso autor, dessa *tríade* no homem: um corpo, uma força vital e um espírito. O corpo alimenta-se, a força vital vive e a alma pensa e quer. É o requinte do regime teleológico¹²⁴ ou dualístico¹²⁵ no homem e no universo.

O nosso compatriótico [compatriota], inclinado ao idealismo e ao misticismo, como veremos, julga que é muito grosseiro e mundano a alma sentir, como já foi-lhe por alguém ponderado, e atira esse pesado encargo para o seu companheiro terrestre – o princípio vital.

O *vitalismo*¹²⁶ é uma doutrina biforme¹²⁷ e incômoda; o *animismo*¹²⁸ é mais lógico; ambos desaparecem confusos diante da concepção de Rostan¹²⁹. O autor dos *Suspiros poéticos*, que, apesar de médico, dá mostras de não conhecer esse distinto colega, é bastante teólogo;

realidade correspondente"] (Heinrich Ahrens, *Cours de psychologie* [*Curso de psicologia*], 1836, p. 290) (TT&RX).

124 *Teleológico*: referente à teleologia ou doutrina que identifica os fins ou objetivos últimos de um fato ou fenômeno como seu princípio estruturante – do grego *τέλος* (ou *telos*), finalidade, causa final.

125 Sobre o *dualismo*, conferir a nota 83, no capítulo anterior.

126 O *vitalismo* já foi definido como “a doutrina que considera que existe em cada indivíduo, como ser vivo, um *princípio vital*, que não se reduz nem à alma ou à mente, nem ao corpo físico, mas que gera a vida através de uma energia própria” (Japiassú & Marcondes, 2001).

127 *Biforme*: que apresenta duas formas – em oposição ao que é uniforme. Em sua edição, Luís Washington Vita substituiu o termo *biforme* por “bifronte” (que tem duas faces e, por extensão, traiçoeiro).

128 Oriundo do termo latino *anima*, *alma*, o *animismo* pode ser definido como uma “doutrina segundo a qual a alma constitui o princípio da vida orgânica e do pensamento” (Japiassú & Marcondes, 2001).

129 *Exposition des principes de l'organicisme* [*Exposição dos princípios do organicismo*], 2ª ed., Paris, 1846 (SR).

meio politeísta, delicia-se em admitir as entidades. Não acredita na unidade absoluta da força e da matéria. Nem, ao menos, é do número daqueles, que julgam-se forçados a abandonar a entidade teológica *alma*, como se exprime Herzen, e contentam-se com a outra, espécie de soberana imaterial, que preside aos fenômenos vitais¹³⁰. Não, ele só está satisfeito com ambas. É teólogo e também metafísico. Não entra no plano deste trabalho o estudo do que seja a vida; não temos, pois, que apreciar o quanto é inadmissível a concepção de Barthez e Lordat, tão plenamente admitida pelo poeta dos *Cantos fúnebres*¹³¹. Fugindo ao prazer que dar-me-ia a análise das ideias de Léon Rostan, aceitáveis com algumas reduções e, sobretudo a oportunidade de combater a invectiva de Littré contra os que consagram a doutrina de que a vida é uma transformação das leis físico-químicas¹³², concedamos ao escritor brasileiro a existência de um princípio vital, distinto e independente do corpo e da alma e vejamos os motivos por que lhe atribui o privilégio da sensibilidade. O digno filósofo em 1858, como certamente ainda hoje, estava no ponto de vista de Jouffroy em 1830, quando escreveu a memória¹³³ sobre a “Legitimidade da separação entre psicologia e fisiologia”¹³⁴.

O autor, apriorista¹³⁵, não sente-se muito obrigado a provar as suas asserções [afirmações, proposições]; eis a segurança com que estabelece a premissa de sua argumentação: “A existência de uma força imaterial que organiza o corpo é tão incontestável como a

130 *Fisiologia della volontà* [*Fisiologia da vontade*], p. 6 (SR). Cf. Herzen (1874) (TT&RX).

131 Referência à obra poética de Gonçalves de Magalhães, *Cânticos fúnebres*, citada erroneamente por Romero como “Cantos fúnebres”. Cf. Gonçalves de Magalhães (1864).

132 *Médecine et médecins* [*Medicina e médicos*], 2ª ed., p. 355-356 (SR). Cf. Littré (1872) (TT&RX).

133 *Memória*: dissertação (do francês *mémoire*).

134 Em francês “De la légitimité de la distinction de la psychologie et de la physiologie” (Théodore Jouffroy, *Nouveaux mélanges philosophiques* [*Nova miscelânea filosófica*], 1861, p. 163-203).

135 *Apriorista*: aquele que adota argumentos ou princípios *a priori*, ou seja, que não são baseados em fatos ou experiências.

existência de um espírito que pensa, e que não tem consciência de ser ele quem organizou o seu corpo, e quem opera no interior dos órgãos dele”¹³⁶. O obscuro pelo mais obscuro... A existência na Terra de um diplomata da Lua é tão incontestável como o é no interior de nosso globo a existência do inferno, que não tem consciência de ser ele quem ergueu-lhe na superfície as montanhas!

Enfim... concedido: existe o que o filósofo quer. Ouçamo-lo ainda: “A sensibilidade está na força vital. É essa força que se modifica e produz a sensação que se apresenta à nossa alma”¹³⁷. Esta proposição era uma grande novidade; cumpria ao pensador prová-la, e por que não fazê-lo, quando, “infelizmente em favor do que digo não posso citar a opinião de nenhum filósofo antigo ou moderno; todos de comum acordo atribuem à alma a sensibilidade”¹³⁸? Ele pretende justificar a sua descoberta, e devemos apreciar, um a um, a força de seus argumentos.

“Se a sensibilidade – diz – estivesse na alma inteligente e livre, de cada vez que ela se lembrasse de uma sensação a sentiria de novo, como de cada vez que se lembra de uma concepção a concebe de novo; mas se se lembra de uma dor, ou de um cheiro, ela não os sente de novo; e quando se lembra de uma cor, não a vê, e só a representa em um objeto qualquer percebido por ela”¹³⁹.

Já foi ao filósofo demonstrado, por um dos seus críticos, que este argumento é futilíssimo, nada vale. Prova de mais, porquanto¹⁴⁰ a

136 *Fatos do espírito humano* [1858], capítulo 8º [p. 171] (SR). A citação é precisa, exceto pela compreensível substituição de “organou” (no texto original de Gonçalves de Magalhães) por “organizou” (TT&RX).

137 *Loc. cit.* [p. 159] (SR). Citação também precisa, com apenas uma discreta alteração: “quem se modifica” (no original) para “que se modifica” (TT&RX).

138 *Loc. cit.*, p. 163.

139 *Loc. cit.*, p. 159-160 (SR).

140 *Porquanto*: uma vez que, visto que.

prevalecer o seu dito, fora mister¹⁴¹ despojar também a alma humana da vontade! Decerto [certamente], quando nos lembramos de uma volição [vontade] passada, não a queremos de novo.

Mas isso não basta; preciso é dizer ainda, ao autor de *Olgiato*¹⁴², por que é que, ao lembrar-nos de uma concepção [ideia], a concebemos de novo, e o mesmo não se dá com a sensação. Não é necessário pedir auxílio a uma ordem científica superior para fazê-lo. Pois não viu o filósofo que, sendo – segundo ensina a sua própria escola – a memória uma faculdade intelectual, uma vez que evoca fenômenos do entendimento, está dentro do círculo a que pertence, e aquilo que reproduz aparece em seu caráter primitivo?

Por outros termos, quando a memória se exerce, em tal caso, é sobre fatos pertencentes à ordem intelectual, e estes se apresentam como são, isto é, como ideias. Outro tanto¹⁴³ não se dá quando se exerce sobre fatos que pertenceram à sensibilidade ou à vontade. Neste caso, ela ressuscita só aquilo que é de sua alçada, a ideia da sensação ou da volição, e não estas em si mesmas. O Sr. de Magalhães queria que ela fosse adiante e ressuscitasse os próprios fenômenos de uma esfera estranha, isto é, queria que nós todos fôssemos uns alucinados! A razão fisiológica do que acabo de referir o nobre poeta devia conhecer. Devia saber que nos fenômenos da memória não se agitam as partes do cérebro onde trabalham a sensibilidade e a vontade.

Só a fraqueza deste primeiro argumento do nosso escritor dispensava-nos de ir adiante. É, porém, necessário prosseguir e examinar os outros motivos que alega. “O engano dos filósofos, que fazem da passividade de sentir uma faculdade da alma humana inteligente, provém de que a alma parece ter consciência das

141 *Fora mister*: seria preciso.

142 *Olgiato*: tragédia escrita por Gonçalves de Magalhães publicada em 1841.

143 *Outro tanto*: do mesmo modo, de igual maneira.

sensações e imediatamente senti-las. Mas a consciência de uma sensação nada mais é do que a consciência da percepção de alguma coisa acompanhada de sensação”¹⁴⁴.

O Sr. Magalhães é médico e eu não quero dizer que ele se enganou. Não pretendo defender os direitos da alma humana; no terreno da fisiologia, porém, contesto que não haja consciência das sensações, e sim somente das percepções que as acompanham.

Existem sensações perfeitamente conhecidas pela consciência, que não lhe trazem a percepção de coisa alguma; a sensação de dor, por exemplo, na maioria dos casos.

O digno médico deve conhecer o estado, que os fisiologistas denominam *hipocondria*, no qual até as sensações gerais não localizadas tornam-se patentes [claras, evidentes] à consciência, sem todavia, trazerem a percepção de objeto algum.

Mas nem é preciso recorrer a um estado patológico para patentear [evidenciar, mostrar] o engano dos *Fatos do espírito humano*.

Basta recordar que a sensação especial de cheiro, em muitos casos, não nos refere a percepção de um objeto. Podemos sentir o aroma de uma flor sem que a vejamos e saibamos qual ela seja. A percepção é que nunca se dá sem a sensação, que se pode executar sem aquela.

Até em casos mórbidos a percepção vem acompanhada de seu inseparável apêndice. Nas *alucinações* dá-se a percepção sem objeto exterior, mas sempre seguida de sensações, quaisquer que elas sejam. São até estas as falsas sensações que originam as falsas percepções, ou alucinações psicossensórias. A que reduz-se, à vista disto, a argumentação do Sr. Magalhães? Ele nada provou, limitando-se a afirmar gratuitamente. Repitamos-lhe que as sensações, até pelo

144 *Fatos do espírito humano* [1858], capítulo 8º [p. 160] (SR).

órgão da ciência livre, são declaradas ato da consciência, ainda que esta última tenha sido, até agora, inexplicável em sua intimidade.

É um resultado da irritação do tecido nervoso; é quanto se pode afirmar. Huxley diz: “Nós podemos classificar as sensações, as emoções, as volições e os pensamentos na categoria dos *estados de consciência*. O que vem a ser a consciência de um ato que se passa em nós, ignoramo-lo. Como acontece que um fenômeno tão notável, qual a aparição da consciência dos atos se mostre como o resultado da irritação do tecido nervoso, nós não podemos conhecer, nem mais nem menos do que a aparição dos Djins¹⁴⁵ quando Aladino¹⁴⁶ sopra a sua lâmpada. E, depois, todos os fatos *finais* da natureza acham-se no mesmo caso”¹⁴⁷.

É esta a verdade das coisas, é este o respeito da ciência, quando manejada por espíritos da têmpera do insigne naturalista-filósofo.

O Sr. de Magalhães, mil graus abaixo do ilustre experimentador, recusa à consciência o conhecimento da sensação, sem dar, para tanto, prova séria.

Custa-me até a compreender como lhe pôde entrar no pensamento a possibilidade de ter-se a consciência de uma percepção sem, ao mesmo tempo, haver a [consciência] da sensação que a origina. Seria bom que o filósofo fosse mais explícito nesse ponto.

145 *Djins*: gênios da lâmpada, entidades boas ou más presentes no folclore e na literatura árabes.

146 *Aladino*: também conhecido como Aladim, é um personagem célebre das *Mil e uma noites* – mais precisamente do conto “Aladim e a lâmpada mágica”, que inspirou o filme de animação *Aladdin* (1992).

147 *Lições de fisiologia elementar*, p. 210. Tradução de Dally (SR). Romero (ou Dally) altera os itálicos do texto original. Eis a versão em inglês do trecho citado: “We class sensations along with *emotions*, and *volitions*, and *thoughts*, under the common head of *states of consciousness*. But what consciousness is, we know not; and how it is that anything so remarkable as a state of consciousness comes about as the result of irritating nervous tissue, is just as unaccountable as the appearance of the Djin when Aladdin rubbed his lamp in the story, or as any other ultimate fact of nature” (Huxley, 1866, p. 193) (TT&RX).

Depois de acabar o capítulo 8º de seu livro, como o tinha começado, por uma série de banalidades, o autor passa ao capítulo 9º, onde exhibe o seu mais famoso argumento. As ninharias com que abriu aquele capítulo são umas inoportunidades sobre a ordem dos sentidos exteriores no tocante ao auxílio que eles prestam à inteligência; as com que o fecha são umas objeções que, finge, se lhe farão, e às quais responde antecipadamente.

A principal consiste nuns considerandos¹⁴⁸ sobre uma experiência de Flourens.

O autor simula que alguém lhe diga: os belos achados do naturalista francês, que tanto apreciais, achados com que provou que se a um animal tirarem-se os dois lóbulos cerebrais, ele perde todos os sentidos, deixa de ver e de ouvir; perde todos os instintos; não sabe mais defender-se, nem abrigar-se, nem fugir, nem comer; perde enfim toda a inteligência, toda a percepção, toda a volição, toda a ação espontânea; estas belas experiências vos são contrárias, porque requerem também para o animal uma inteligência além da faculdade de sentir, uma percepção, uma livre vontade e consciência, e, portanto, uma alma, que se serve do cérebro, como instrumento¹⁴⁹.

É esta a objeção a que tem de responder.

Parece que estamos assistindo a um dos saraus filosóficos, que tinham lugar no Rio de Janeiro no tempo da mocidade de nosso autor,

148 *Nuns considerandos*: numas considerações.

149 *Fatos do espírito humano* [1858], p. 166-167 (SR). Romero transcreve um parágrafo do texto de Gonçalves de Magalhães, modificando seu estilo e não indicando entre aspas o que foi citado. Eis o parágrafo: “Mas poderão objectar-me com as belas experiências de Monsieur Flourens, por mim citadas. ‘Se ao animal tiram-se os dois lóbulos cerebrais, ele perde todos os sentidos; deixa de ver, e de ouvir; perde todos os seus instintos; ele não sabe defender-se, nem abrigar-se, nem fugir, nem comer; perde enfim toda a inteligência, toda a percepção, toda a volição, toda a ação espontânea’ [Flourens, *De la vie et de l'intelligence* [*Sobre a vida e a inteligência*], 1858, capítulo 8, p. 43]. Logo, tem o animal uma inteligência além da faculdade de sentir, tem percepção, tem livre vontade e consciência; por conseguinte tem uma alma, que se serve do cérebro como instrumento” (Gonçalves de Magalhães, 1858, p. 166-167) (TT&RX).

e que são por ele tão elogiados na sua *biografia* de Mont'Alverne¹⁵⁰. Ali o velho franciscano fazia proezas e o poeta da *Urânia*¹⁵¹, ainda em embrião, discutia se os animais têm *alma*! Belos tempos de nossa ignorância em que o palavreado tanto nos preocupava!

Infelizmente ainda hoje não andamos melhor avisados e o tão encomiado [elogiado, exaltado] pensador se nos revela tal qual foi e será sempre.

O filósofo sofisticou¹⁵²; pressentiu que a fisiologia cerebral lhe é adversa e, para quebrar o valor da oposição, pejou-a [recheou-a, entulhou-a] de consequências, aos olhos de sua gente, absurdas, para sair-se assim vitorioso. Ninguém, a não ser algum desassissado [desajuizado, insensato], iria das experiências de Flourens concluir que o animal tem liberdade e alma, quando, em todo o caso, no próprio homem são ambas, liberdade e alma, questão aberta, e a ciência não parece muito disposta a reconhecê-las. Não é tal a conclusão que se deve tirar daquelas premissas para ir-se ao encontro do Sr. Magalhães.

Basta concluir que os animais, sem alma, têm uma inteligência, como têm uma sensibilidade, coisa que ninguém, a não ser o poeta fluminense, atreve-se mais hoje a contestar; basta, sobretudo, concluir que do cérebro depende a sensibilidade, como dele depende a inteligência.

O Sr. de Magalhães fantasiou argumentar com algum pobretão de ideias para melhor levar-lhe vantagem. Ora essa, Sr. Visconde!

150 *Opúsculos históricos e literários* (SR). Conferir a "Biografia do Padre Mestre Frei Francisco de Mont'Alverne" (Gonçalves de Magalhães, 1865, p. 305-322). Sobre os referidos *saraus filosóficos* de Mont'Alverne, Gonçalves de Magalhães escreveu: "desde os meus mais tenros anos o conheci como orador, e nas festividades em que ele pregava, no meio sempre de imenso concurso de admiradores, jamais deixava eu de estar presente, bem colocado com antecedência, para não perder um só dos seus movimentos tão expressivos, tão enérgicos, como iguais nunca vi, nem os verei em outro" (Gonçalves de Magalhães, 1865, p. 312-313) (TT&RX).

151 *Urânia*: obra poética de Gonçalves de Magalhães publicada em 1862.

152 *Sofisticou*: sofismou, valeu-se de sofismas.

Veja bem o autor de *Antônio José*¹⁵³: a questão hodierna [atual, moderna], já decidida, sobre os animais não é se *eles* têm ou não *alma*, e sim em que grau têm inteligência e quanto, e como, distam do homem. Para o insigne e inestimável Haeckel os animais superiores têm todas as propriedades, que nós outros nos obstinamos a chamar espirituais, por consagração da língua, propriedades que só diferem das do homem quantitativamente e não *qualitativamente*¹⁵⁴.

O nobre visconde é bastante atilado [polido, educado] para conhecer a diferença dos dois pontos de vista.

Prossigamos.

Nas primeiras páginas do capítulo 9º, os *Fatos do espírito humano* encerram o seu mais vigoroso argumento. Aquiles vai sair a campo¹⁵⁵. Ei-lo: “Para que uma coisa se distinga de outra é necessário que ela não seja a coisa mesma da qual se quer distinguir. Nada se distingue de si mesmo, senão daquilo que não é ele”¹⁵⁶. É esta a proposição erigida [elevada] pelo filósofo em princípio geral, e que serve de [premissa] maior ao seu arrazoado¹⁵⁷.

“Ora, se o *eu* fosse sensível – prossegue o autor – e recebesse a sensação como uma afecção, ou modificação sua, ele não se distinguiria dela, ele seria a sensação mesma, como bem disse Condillac; não teria por conseguinte percepção alguma; e mil sensações diversas que nele se sucedessem iriam passando, e ele, modificando-se de

153 *Antônio José*: tragédia publicada por Gonçalves de Magalhães em 1839.

154 *Natürliche Schöpfungsgeschichte* [*História da criação natural*], lição 10ª, Berlim, 3ª ed. (SR). Cf. Haeckel (1868, p. 180-202) (TT&RX).

155 Referência irônica de Romero ao grande herói da mitologia grega, que tinha o poder de desequilibrar batalhas. Transpondo a analogia para o universo futebolístico, a expressão de Romero poderia ser traduzida como “Pelé vai entrar em campo”.

156 *Fatos do espírito humano* [1858], capítulo 9º [p. 177] (SR).

157 *Arrazoado*: discurso, conjunto de argumentos ou razões – termo usado com sentido pejorativo por Romero.

sensação em sensação, seria sempre a última, sem distinguir-se de nenhuma”¹⁵⁸.

Tudo isso não se dá¹⁵⁹; o *eu* se distingue das sensações, logo, elas não lhe pertencem. A tanto queria chegar o argumentador *in Barbara*¹⁶⁰.

Eis um resultado esdrúxulo da metafísica; o motivo de tais e tão crassos enganos é a *apriorística* noção de *causa* que tem o nosso pretendido grande autor.

Diz que nós não nos distinguimos de nossas afecções; que uma ideia nossa somos nós mesmos pensando; uma *volição* nossa somos nós mesmos querendo...

Certamente não nos podemos distinguir de nossas afecções, se por distinguir entender-se, como o quer o Sr. Magalhães, separar-se no todo, formando existências e substâncias à parte.

158 *Loc. cit.* [p. 175-176] (SR). Romero fez dois pequenos acréscimos: o termo inicial “ora” e o itálico em “eu”. O parágrafo em questão é concluído com as seguintes palavras, que não foram citadas por Romero: “sem consciência de si, sem percepção; o que já demonstramos no capítulo quinto” (Gonçalves de Magalhães, 1858, p. 176) (TT&RX).

159 *Não se dá*: não acontece, não é verdade.

160 Na tradição escolástica da lógica aristotélica, *Barbara* é o nome dado ao silogismo universal afirmativo da primeira figura, que corresponde à melhor e mais científica das formas argumentativas (cf. Aristóteles, *Segundos Analíticos* I, 14, 79a17-32, 1988, p. 349), sendo também a única que permite obter uma conclusão universal afirmativa (cf. *Primeiros Analíticos* I, 26, 42b32-33, 1988, p. 181). Composto de três proposições (duas premissas e uma conclusão) universais afirmativas (convencionalmente representadas pela letra A – por isso, o nome *BArbArA*), tal silogismo possui a seguinte forma lógica: “se *toda* A é B e *toda* B é C, portanto, *toda* A é C”. Então, com a frase “a tanto queria chegar o argumentador *in Barbara*”, Romero parece querer dizer que Gonçalves de Magalhães (“o argumentador”) pretendia provar que *as sensações não pertencem ao eu*, por meio da forma silogística *Barbara* (ou *em Barbara*) – o que seria supostamente absurdo, considerando que *Barbara* tem uma conclusão afirmativa e a conclusão do argumento atribuído a Gonçalves de Magalhães é negativa. Porém, não é impossível adaptar tal argumento à forma silogística de *Barbara*, se o formularmos com predicados negativos, do seguinte modo: “se *toda* sensação [A] é distinta do eu [B] e *tudo o que* é distinto do eu [B] é não pertencente ao eu [C], portanto, *toda* sensação [A] é não pertencente ao eu [C]”. Porém, a formulação mais natural do argumento seria na estrutura do silogismo conhecido como *Celarent*: “se *toda* sensação [A] é distinta do eu [B] e *nada que* é distinto do eu [B] é pertencente ao eu [C], portanto, *nenhuma* sensação [A] é pertencente ao eu [C]”.

Esta, porém, não é a verdade das coisas; abstrata – e até concretamente – eu me distingo de minhas ideias e volições, como me distingo de minhas sensações. Sim; minha intuição do mundo e da realidade admite perfeitamente que eu me distinga, por exemplo, da *ideia* que formo do *Aimbire*¹⁶¹ do Sr. Magalhães. Tanto é isto verdade que, desaparecida a ideia, eu ainda persisto tão integralmente como dantes [antes].

Não se compreende por que o nobre autor abre uma exceção em desfavor das sensações; destas o *eu* se distingue; do mais não, segundo ele. Por quê? A resposta não é capaz de tranquilizar a qualquer [um]. O *eu*, espécie de entidade metafísica, se distingue das sensações, porque as objetiva¹⁶², diz o brasileiro!

Ora, outro tanto não se dará com a volição e a ideia?! Será certo que estas também não se objetivam¹⁶³? A ideia que forma o nosso diplomata do seu vulto de gigante, que

“*entre os seus marechais ordens ditava*”¹⁶⁴ não estará objetivada? A ideia coxa que, como poeta, fantasiou do vencido de *Waterloo* não o terá sido nunca? A vontade que tenho de que o Sr. de Magalhães reforme sua doutrina não o estará também?

O filósofo devia ter sido um pouco mais seguro.

Neste declive [descida, decadência] da espiritualidade ele vai direto ao misticismo, e nos últimos capítulos de seu livro assegura-nos

161 “O mais audaz dos chefes Tamoios”, Aimbire é o personagem principal do poema *A Confederação dos Tamoios*, publicado em 1857 por Gonçalves de Magalhães.

162 *Porque as objetiva*: porque lhes dá expressão, porque lhes dá existência.

163 *Não se objetivam*: não chegam a existir de fato, não chegam a existir objetivamente.

164 Referência ao poema “Napoleão em Waterloo”. Eis a estrofe na qual consta o verso citado (que recebeu de Romero um acréscimo do artigo “os”): “Aqui morreram de Marengo os Bravos! / Entretanto esse Herói de mil batalhas, / Que o destino dos Reis nas mãos continha; / Esse Herói, que co’a ponta de seu gládio / No mapa das Nações traçava as raías, / *Entre seus Marechais ordens ditava!* / O hálito inflamado de seu peito / Sufocava as falanges inimigas, / E a coragem nas suas acendia” (Gonçalves de Magalhães, 1836, p. 264-265).

que não temos certeza da existência real do universo, e que pensamos nele, porque é um pensamento de Deus, que no-lo comunica, com a mesma arte e pela mesma forma pela qual o magnetizado percebe as ideias que vão pela mente do magnetizador¹⁶⁵!

Esta recente transformação da *visão em Deus* do Padre Malebranche¹⁶⁶, acho-a tão mirrada que a não julgo digna de um exame¹⁶⁷.

Vamos adiante.

165 Aqui, *magnetizado* e *magnetizador* podem ser entendidos, respectivamente, como equivalentes de *hipnotizado* e *hipnotizador*.

166 Como sintetiza Lawrence Nolan, Malebranche sustentou no século XVII “o famoso argumento de que ‘nós vemos todas as coisas em Deus’. Essa doutrina da ‘*visão em Deus*’ pretende explicar tanto a percepção sensorial das coisas materiais quanto o conhecimento puramente intelectual dos objetos matemáticos e das verdades abstratas. A motivação teológica dessa doutrina é clara: a *visão em Deus* nos coloca em contato imediato com Deus em nossa experiência cotidiana do mundo e em nossos pensamentos e considerações mais íntimos. Assim como em sua outra doutrina emblemática – o ‘ocasionalismo’ ou a visão de que Deus é a única causa genuína –, a *visão em Deus* também está enraizada na convicção de Malebranche de que dependemos de Deus absolutamente em todos os sentidos” (Nolan, “Malebranche’s Theory of Ideas and Vision in God” [“A teoria das ideias e a visão em Deus de Malebranche”], 2022).

167 Vale observar que, no início do primeiro capítulo, Romero lamenta que os trabalhos de Malebranche, entre outros filósofos, foram “como inexistentes para nós”, mas, aqui, ele simplesmente desqualifica uma de suas teorias, não se dando nem o trabalho de examiná-la.

IV. PATRÍCIO MUNIZ (1820-1898)¹⁶⁸

Na história do desenvolvimento espiritual no Brasil há uma lacuna a considerar: a falta de seriação¹⁶⁹ nas ideias, a ausência de uma genética. Por outros termos: entre nós, um autor não procede de outro; um sistema não é uma consequência de algum que o precedeu.

É uma verdade afirmar que não temos tradições intelectuais no rigoroso sentido. Na história espiritual das nações cultas, cada fenômeno de hoje é um último elo de uma cadeia; a evolução é uma lei: seja a Alemanha o exemplo.

Na história da música, Gluck, Haydn, Mozart, Beethoven... sucedem-se por necessidade do desenvolvimento da arte; um é a continuação progressiva do outro. Na evolução filosófica, Kant dá Fichte; este dá Schelling e, por uma razão imanente ao sistema, aparecem, ao mesmo tempo, Hegel e Schopenhauer. Hartmann é um corolário¹⁷⁰, como o são Büchner e Moleschott, e como o foram Strauss e Feuerbach. Em todos os ramos intelectuais, a lei se acha aplicada.

Neste país, ao contrário, os fenômenos mentais seguem outra marcha; o espírito público não está ainda criado e muito menos o espírito científico. A leitura de um escritor estrangeiro, a predileção por um livro de fora vem decidir a natureza das opiniões de um autor entre nós. As ideias dos filósofos, que vou estudando, não descendem umas das dos outros pela força lógica dos acontecimentos.

168 *Teoria da afirmação pura*, pelo Padre Patrício Muniz, Rio de Janeiro, 1863 (SR).

169 *Seriação*: sequência, continuidade. Esta é uma das passagens mais citadas da obra de Romero.

170 *Corolário*: literalmente, consequência que pode ser inferida de algo estabelecido anteriormente. Neste caso, então, ao dizer que "Hartmann é um corolário" de outros filósofos alemães, Romero parece querer dizer que seu pensamento é uma extensão quase natural de seus antecessores.

Nem, talvez, se conheçam uns aos outros na maioria dos casos e, se conhecem-se, nenhum aproveitou do antecessor, com a exceção, que já foi feita, para o Sr. Magalhães. São folhas perdidas no torvelinho [redemoinho] de nossa indiferença; a pouca, ou nenhuma, influência que hão exercido¹⁷¹ sobre o pensamento nacional explica essa anomalia. Não sei que relação lógica haverá entre o Dr. Tobias Barreto e o Padre Patrício Muniz; um leu São Tomás e Gioberti e fez-se teólogo e sectário *apriorista*¹⁷² do *absoluto*; o outro Schopenhauer e Hartmann, depois de haver lido Comte e Haeckel, e tornou-se um crítico imbuído [imerso, tomado] da grande ideia da relatividade evolucionar e um tanto impregnado de salutar [saúdável, edificante] pessimismo. Que laço os prende? Não sei. É que a fonte onde nutriram suas ideias é extranacional. Não é um prejuízo; antes equivale a uma vantagem.

O cosmopolitismo contemporâneo, de que, pela força das conquistas comerciais, partilhamos também um pequeno quinhão, traz à humanidade estes resultados: espíritos vivazes de nações toscas e atrasadas, arrebatados pela rápida corrente das grandes ideias, que fecundam os povos ilustres da atualidade, deprimidos os pátrios prejuízos¹⁷³, conseguem alçar a fronte [cabeça] acima do amesquinamento geral e embeber-se de uma nova luz. Vejo nesse fenômeno uma exceção aberta à lei da ação do *meio social*¹⁷⁴, que às vezes é mesquinho, em prol da civilização que irradia noutra parte. A luta pela cultura consegue afinal triunfar até entre os povos sistematicamente atrasados, como o nosso.

171 *Hão exercido*: exerceram, têm exercido.

172 *Apriorista*: aquele que adota argumentos ou princípios *a priori*, ou seja, que não são baseados em fatos ou experiências.

173 *Deprimidos os pátrios prejuízos*: quando são amenizados os preconceitos existentes no país.

174 *Lei da ação do meio social*: provável referência à teoria da evolução darwinista e ao papel que o meio – no caso dos seres humanos, além do meio ambiente, o meio *social* – desempenha na evolução dos seres vivos, oferecendo condições mais ou menos propícias para que eles se desenvolvam. Como se vê na sequência do parágrafo, embora Romero considerasse o meio oferecido pela sociedade brasileira como um meio social *mesquinho*, ainda assim alguns indivíduos conseguiriam se desenvolver nele.

Os filósofos brasileiros não se prestam, repito, a uma classificação lógica, filha das leis que presidem ao desenvolvimento dos sistemas, não existindo estes aqui. Forçado a apresentar uma, ela seria em três grupos: *a)* escritores educados sob o regime do sensualismo metafísico francês dos primeiros anos deste século [XIX] e que passaram para o ecletismo¹⁷⁵ cousiniano¹⁷⁶; *b)* reatores¹⁷⁷ neocatólicos filiados às doutrinas de Gioberti e Rosmini, ou às de Balme e Ventura; e *c)* afinal espíritos que se vão emancipando sob a tutela das ideias de Comte ou as de Darwin. Nem mais nem menos, eis os grupos em que se podem distribuir os autores que constituem o objeto deste ensaio. Oxalá que alguns deles, lançadas as suas vistas para o Velho Mundo, descortinassem lá sempre os guias da ciência moderna! Às vezes os resultados dessa viagem mental são bem pouco proveitosos. É um exemplo a obrinha do Padre Patrício Muniz: *Teoria da afirmação pura*.

O ilustre padre, português que tem vivido desde muito no Brasil, pertence à segunda classe dentre os seus colegas de filosofia, como os três já analisados pertencem à primeira.

Apreciemos o valor das ideias do nosso pregador. Ele é um teólogo escolástico, mas um teólogo que leu Kant, e tem um certo respeito à filosofia alemã, apesar de só a conhecer por intermédio dos franceses. Em seu sentimento benévolo para com os alemães, distancia-se algum tanto de Gratry, para quem Hegel não passava de um mau sofista!

175 Sobre o *sensualismo*, a *metafísica* e o *ecletismo*, conferir as notas 28, 37 e 33, no capítulo I.

176 *Cousiniano*: referente ao filósofo francês Victor Cousin.

177 Aparentemente, Romero emprega o termo *reatores* aqui como um sinônimo de *reacionários* – adjetivo que ele mesmo usa abaixo para se referir a Patrício Muniz. Paradoxalmente, as outras quatro ocorrências do termo *reator* no livro são positivas e usadas para se referir a Tobias Barreto – quem Romero tanto admirava e exaltava.

Ouçamos o português-brasileiro. Diz ele, censurando o ecletismo de Cousin e discípulos: “Ao progresso de uma teoria panteística¹⁷⁸, preparada com aturado [empenhado] estudo por Kant e desenvolvida por Fichte, Schelling, Hegel e Krause, opor o arremedo¹⁷⁹ de um sistema sem unidade de princípios, sem nexos nem consistência, era uma puerilidade¹⁸⁰; e explicar o ecletismo pelo ceticismo¹⁸¹, quando a necessidade de ciência levava o pensamento a conceber a negação da realidade, era uma tentativa anacrônica. Com efeito, apesar do talento de Damiron, de Jules Simon, de Émile Saisset, a escola de Cousin tem feito uma figura muito apoucada [pequena] ao lado do panteísmo alemão. Pode-se dizê-lo: o panteísmo ficou em pé e só ante as aspirações à ciência”¹⁸².

Esta crítica à escola de Jouffroy, apesar de muito repetida, e este elogio à de Kant, ainda que vulgar, merecem ser consignados

178 Composto etimologicamente pelos termos gregos πᾶν (ou *pan*), tudo, e θεός (ou *theos*), deus, divindade, o *panteísmo* é uma doutrina ou crença que identifica d(D)eus com o universo ou a realidade, quer dizer, como se tudo que existe fosse parte da divindade. Em seu *Tratado teológico-político*, Espinosa (mencionado algumas vezes neste capítulo, onde o termo aparece diversas vezes) enunciou uma fórmula que se tornou um emblema do panteísmo: “Deus sive natura”, traduzida literalmente como “Deus ou a natureza”, mas mais interpretada como “Deus, isto é, a natureza” ou “Deus, ou seja, a natureza”.

179 *Arremedo*: cópia malfeita e, por vezes, caricaturesca.

180 *Puerilidade*: tolice, bobagem – literalmente, infantilidade.

181 Oriundo do adjetivo grego σκεπτικός (ou *skeptikos*), aquele que observa, que reflete, que investiga, o termo *ceticismo* pode ser definido como a doutrina “segundo a qual a mente humana não é capaz de conhecer nada com certeza e assim determina a suspensão do juízo e a necessidade de uma dúvida universal e permanente” (Morfaux, 1980).

182 *Teoria da afirmação pura* [1863], p. 7 [vii] (SR). Curiosamente, o livro de Patrício Muniz possui duas séries de páginas cuja numeração vai de 1 a 11, sem o tradicional uso de numerais romanos para diferenciar, neste caso, a paginação da dedicatória à S. Majestade da do restante do livro. A citação é precisa, com exceção de um termo – “conceber” – que é estranhamente corrigido na errata do livro de Romero, sendo que ele fora impresso originalmente tal como no livro de Muniz – “conceder” (esta e as próximas alterações constatadas no texto poderiam ser justificadas por uma sugestão da errata do próprio livro de Muniz – à qual, se existe, não tivemos acesso). Fora isso, Romero corrige apenas a pontuação do trecho (que também alteramos) (TT&RX).

[considerados, destacados] por terem sido feitos por um padre e um padre do Brasil¹⁸³.

Quanto atraso, porém, dali não transpira! Em 1863 ainda o nosso pequeno filósofo supunha que em face da metafísica alemã, que encheu os primeiros quarenta anos deste século [XIX], só existia o espiritualismo¹⁸⁴ francês! As imensas ruínas, desde muito, acumuladas no além do Reno¹⁸⁵ por críticos, naturalistas e filósofos, ele as não enxergava.

O empenho de Patrício Muniz é combater o sensualismo e também o panteísmo; para este duplo mister¹⁸⁶ ele vai buscar as suas armas na Idade Média. A teologia católica, em suas mãos, reveste-se de uma *sobrecasaca*¹⁸⁷ emprestada pela metafísica moderna; mas deixa bem ver a *batina*... O todo é grotesco. O filósofo padre-mestre se julga, entretanto, muito adiantado e seguro. Os seus esforços, segundo a sua própria expressão, para desenvolver a filosofia no catolicismo são um serviço real à pátria! Seu livro é consagrado a Nossa Senhora e dedicado ao Sr. Dom Pedro II. Não sei como tão harmoniosa lhe pareceu esta junção.

O padre transpira todo no escritor; estas palavras são suas: “A filosofia, desenvolvendo as relações do finito e do infinito, necessariamente da religião é que tira a sua premissa; e querer a religião sem revelação é querer o espírito humano desenvolvido sem ensino exterior, é não conhecer a humanidade. Se, pois, o

183 Embora Romero o chame de “Padre do Brasil”, vale lembrar que Patrício Muniz era, na verdade, natural da Ilha da Madeira.

184 Sobre o *espiritualismo*, conferir a nota 47, no capítulo I.

185 *Além do Reno*: referência à Alemanha e aos povos germânicos, que, do ponto de vista francês, habitam na região ulterior ao rio Reno.

186 *Para este duplo mister*: para esta dupla tarefa.

187 *Sobrecasaca*: casaco comprido que se coloca sobre o restante da roupa. Com sua metáfora, então, Romero pretende destacar que, apesar do “verniz” metafísico, o pensamento de Patrício Muniz não deixaria de ser teológico.

desenvolvimento da razão resulta de um ensino externo, se este ensino é a tradição católica da revelação divina, está claro que a razão tem de desenvolver-se à luz da revelação; e a filosofia é antes de tudo o desenvolvimento científico do dogma. [...] Acusam-nos os racionalistas¹⁸⁸ de querermos submeter a filosofia à teologia. Nós não submetemos a filosofia à teologia; o que fazemos é harmonizar as ciências submetendo-as todas à realidade. [...] Mas talvez ainda se nos pergunte: quereis retrogradar [regredir] para a escolástica¹⁸⁹? Não, não queremos retrogradar para a escolástica, queremos progredir nela. Isto é um bem, isto é uma necessidade”¹⁹⁰.

Estes trechos revelam bem claramente a intuição do nosso autor; é um crente nas relações do *finito* e do *infinito*, um sectário neste ponto de Victor Cousin, de quem tanto desdenha; é um reacionário¹⁹¹ da Idade Média, um neocatólico ao gosto de Rosmini, de quem não tem a profundidade, e de Donoso Cortés, de quem não tem as cintilações de

188 O *racionalismo* pode ser definido em linhas gerais como uma doutrina “que privilegia a razão dentre todas as faculdades humanas, considerando-a como fundamento de todo conhecimento possível” (Japiassú & Marcondes, 2001). Para além dessa concepção mais genérica, o *racionalismo* foi entendido de diferentes maneiras ao longo da história da filosofia. Houaiss (2025) apresenta três delas: a primeira, em oposição ao *empirismo*, corresponderia ao “conjunto de teorias filosóficas (*eleatismo*, *platonismo*, *cartesianismo* etc.) fundamentadas na suposição de que a investigação da verdade, conduzida pelo pensamento puro, ultrapassa em grande medida os dados imediatos oferecidos pelos sentidos e pela experiência”; já em oposição ao *ceticismo*, o *racionalismo* seria “toda doutrina (o *hegelianismo*, por exemplo) que considera o intelecto humano capaz de atingir a plenitude da verdade objetiva, já que a realidade estaria organizada segundo leis, recorrências e subdivisões equivalentes e semelhantes à organização do pensamento cognitivo”; e, por fim, o *racionalismo* também pode ser compreendido como uma “linha filosófica, da qual faz parte, por exemplo, o *spinozismo*, que privilegia formas argumentativas, empíricas ou dedutivas de conhecimento como meios privilegiados para a compreensão da realidade, em detrimento da fé, misticismo, intuição ou revelação religiosa”.

189 Sobre a *escolástica*, conferir a nota 56, no capítulo I.

190 *Teoria da afirmação pura* [1863], p. 7-10 [vii-x] (SR). Além da pontuação corrigida, a única infidelidade cometida por Romero na citação foi a mudança de posição do verbo “é” em “a filosofia é antes de tudo” – em vez de “a filosofia antes de tudo é”, como escrevera Muniz. Fora isso, Romero deixou de marcar na citação que há um salto (de uma página e meia) entre “realidade” e “Mas talvez”, que destacamos no texto com “[...]” (TT&RX).

191 Na definição de Houaiss (2025), *reacionário* é “aquele que defende princípios ultraconservadores, contrários à evolução política ou social”.

estilo. Patrício Muniz é um pensador muito medíocre, e um orador nas mesmas condições, apesar de já ter sido, não sei por quem, uma vez apontado como o sucessor de Mont'Alverne, o que, aliás, não é honra, porque o franciscano também era pequeno. Como este, não é lido; sua pequenina brochura¹⁹² está completamente esquecida. Seus votos em prol do desenvolvimento científico do dogma são uma extravagância, que em rigor não lhe pertence, e que se recusa a um exame sério; seu anelo [anseio] por caminhar na Idade Média é a crassa [grosseira] impertinência de sua escola e não merece uma refutação. Pobres reacionários baldos [desprovidos, carentes] de ciência e de critério!

O panteísmo lhe merece tanta repugnância como o materialismo; e, todavia, não será muito difícil mostrar que o nosso padre é um perfeito panteísta. Sua metafísica deve ser estudada no ponto em que ele a julga mais forte, no estudo da natureza da inteligência, onde procura subtrair-se às influências deletérias [prejudiciais, degradantes] dos sistemas modernos.

Antes disso, cumpre mostrar alguns espécimes de sua linguagem de charadista¹⁹³. As teses seguintes e suas divisões são muito apreciáveis:

[1ª tese.] O relativo é a dedutibilidade do positivo.

[2ª tese.] Esta dedutibilidade é concreta ou discreta, isto é, dá-se em um só concreto ou em muitos concretos.

[3ª tese.] O relativo concreto é a definição, ou explicação, ou determinação do concreto.

[1ª divisão.] O relativo define o concreto quando é a análise da identidade do concreto em si mesma; neste caso ele é confirmativo.

192 *Brochura*: livro de pequenas dimensões (e, normalmente, de capa mole).

193 *Linguagem de charadista*: linguagem enigmática ou obscura.

[2ª divisão.] O relativo explica quando ele é a análise das noções contidas na unidade concreta; neste caso ele é explicativo.

[3ª divisão.] O relativo é determinativo quando ele analisa a compreensão das noções de um concreto no seu princípio afirmativo.

[Corolário.] O relativo dentro de um concreto é sempre uma análise; pois é a possibilidade de distinguir como concreto o que é objetivamente idêntico.

[4ª tese.] O relativo discreto é a aptidão do múltiplo para a síntese do pensamento.

[5ª tese.] O relativo discreto é compreensivo, comparativo, limitativo e negativo.

[1ª divisão.] O compreensivo é a afirmação constituída discretamente no princípio de causalidade.

[2ª divisão.] O comparativo é a identidade formal na multiplicidade da afirmação.

[3ª divisão.] O limitativo é a afirmação discreta no múltiplo.

O limitativo é absoluto ou relativo.

O absoluto é a afirmação discreta do definido e do indefinido.

O relativo é a afirmação discreta do múltiplo definido.

[4ª divisão.] O negativo é a afirmação discreta do subjetivo e do objetivo.¹⁹⁴

Irra!... Desculpe-me o leitor essa transcrição tão fastidiosa [maçante, enfadonha]; é preciso fazer compreender toda a riqueza

194 *Teoria da afirmação pura* [1863], p. 46-47 (SR). Acrescentamos à citação os números das teses e divisões presentes no texto de Patrício Muniz, que foram suprimidos por Romero. Duas pequenas mudanças são observadas na transcrição da citação feita por Romero: na 2ª divisão da 3ª tese, ele altera “quanto ele” para “quando ele”; e, no corolário (seguindo talvez uma errata do próprio livro de Patrício Muniz), “distinguir como conceito” para “distinguir como concreto” (TT&RX).

estéril do filósofo tonsurado¹⁹⁵. Foi com essas *horribilia verba* [palavras espantosas]¹⁹⁶ que a metafísica por tanto tempo empeceu [prejudicou, atrapalhou] o progresso da ciência. Os sondadores do *absoluto*, dos quais é o nosso um dos mais ínfimos imitadores, tinham a gíria da obscuridade. Empolado¹⁹⁷ o verbo, a frase enigmática, tinham eles, a seu ver, todos os sinais da profundidade. E aquilo que deixei acima está um pouco escoimado¹⁹⁸ das escórias das páginas da *Teoria da afirmação pura*. Deixaram-se ali a ortografia bárbara do autor, e as *teses, divisões, corolários, provas, lemas e escolios*¹⁹⁹ que a acompanham.

O Padre Patrício é difícil de refutar, porque é difícil de ler. Hegel disse, creio que em sua *Lógica*, que para ser-se bom dialético e pensador faz-se mister²⁰⁰ ter-se sido espinosista. O filósofo holandês²⁰¹ procede pelo método dos *escolios e lemas*, tão apreciável na geometria. Opino diversamente ao ilustre alemão²⁰² no modo de seguir o seu conselho. Dado que seja de necessidade o emprego daquela ginástica para a agilidade do espírito, ele deve ser ministrado somente como exercício. Nas obras sérias, resultantes da maturidade do pensamento, aquela tática não deve aparecer. Convenho [aceito, concordo] em que submetamo-nos a ela como preparação; em público

195 *Tonsurado*: aquele que recebeu a tonsura, isto é, o corte de cabelo – também chamado de “coroa do clérigo” – que o bispo faz naquele que será ordenado “antes de receber as ordens menores” (Pinto, 1832).

196 Em latim no original. Embora Romero use o adjetivo *horribilis* no sentido de *horrível, medonho*, há casos em que ele é usado com uma conotação não necessariamente negativa – e sim como algo *surpreendente*.

197 *Empolado*: inchado, afetado (embora não tenham uma relação direta, não seria impossível associar *empolado* a *empoleirado* – aquilo ou aquele que está *em cima do poleiro*).

198 *Escoimado*: livre de coima, isto é, livre de pena ou censura. O que Romero pretende afirmar aqui é que o restante da obra de Patrício Muniz seria ainda pior do que os trechos citados.

199 *Escolios*: anotações, explicações – do grego *σχόλιον* (ou *skholion*), comentário, explicação.

200 *Faz-se mister*: é preciso.

201 Referência a Espinosa e, logo a seguir, ao método de sua *Ética*.

202 *Opino diversamente ao ilustre alemão*: tenho uma opinião diferente da de Hegel.

aqueles aparelhos não devem ser mostrados, como se devem retirar os andaimes depois de pronto um edifício. O Padre Patrício exibe-se carregado de proposições, temas, hipóteses e corolários... *Tant pis [é a vida]*²⁰³.

Vejamos os fundamentos de sua teoria.

Firma-se neste princípio: “o pensamento não é uma autonomia; mas uma reprodução da substância”²⁰⁴. Desta base escolástica deduz-se a sua doutrina. Sim; o pensamento não é uma autonomia, como bem proclama o filósofo; mas simplesmente porque é uma *função*. Disto é que ele se esqueceu. Em 1863 ainda escreve como se esta doutrina não estivesse ganha para a ciência. O pensamento, diz ainda o autor, é uma reprodução da substância; não sei bem qual o sentido que ali se quis prender²⁰⁵ à palavra *reprodução*.

Se o filósofo quis falar de reprodução do *sujeito*, o termo é mal empregado e consequências, que lhe são desfavoráveis, podem dali deduzir-se. Se quis significar a reprodução do *objeto*, iremos ter²⁰⁶ à teoria das *ideias imagens*, ao sensualismo, que ele tão santamente esconjura [renega, exorciza]. Mas, ei-lo que tropeça no panteísmo e acaba por submergir-se nele. São Tomás não o valeu²⁰⁷.

203 Em francês no original. Trata-se de uma expressão de resignação ou pretensa indiferença diante de algo indesejado. Outras traduções possíveis são “acontece” ou “tanto faz!”.

204 *Teoria da afirmação pura* (1863), p. 3. Esse é o enunciado do princípio que Patrício Muniz chama de *princípio crítico da afirmação pura*.

205 *Prender*: dar, atribuir. Quer dizer, Romero afirma que não teria entendido o sentido com o qual Patrício Muniz usou a palavra *reprodução*.

206 *Iremos ter*: seremos levados.

207 *Não o valeu* (no original, “não no valeu”): não teve valor para ele, não lhe ajudou. Romero insinua ironicamente que Patrício Muniz – apresentado no início do capítulo como leitor de Tomás de Aquino – seria na verdade um panteísta – e, portanto, o pensamento de Tomás de Aquino não teria realmente o influenciado.

Este fraseado é significativo: “Quando conhecemos, o que acontece? O nosso pensamento reproduz²⁰⁸ as fórmulas e as condições do objeto conhecido. Eu penso num homem: o meu pensamento desenha a estatura e as feições deste homem; e, ao mesmo tempo, quando digo que ele existe, o ato do meu pensamento é uma definição da existência incluindo esta imagem. Tanto é verdade ninguém desconhecer este caráter do pensamento, que vulgarmente se diz estar no pensamento a imagem ou a forma do objeto. Mas essa forma há de ser forma de uma substância; e aqui não temos senão duas: o sujeito e o objeto; ele não é a forma do objeto, porque essa está no objeto mesmo²⁰⁹; logo é forma do sujeito (*sic*) idêntica à do objeto (*sic*)”²¹⁰. É patente [evidente]; isto é uma glosa [paráfrase, interpretação] da célebre proposição de São Tomás: “a concepção do entendimento é a semelhança da coisa concebida e existente na mesma natureza, porque em Deus é a mesma coisa entender e ser”²¹¹.

O Dr. Patrício cita estas palavras que chama admiráveis.

Quando disse que não sabia bem o sentido que o ilustre padre-doutor liga ao termo reprodução, fi-lo propositalmente; estava certo que ele próprio me viria justificar. No seu trecho, último citado, ora diz que é a do objeto, ora a do sujeito idêntico ao objeto. Ora bem; no primeiro caso vai rolar no materialismo e, no segundo, perde-se no panteísmo. Não é mister ser águia para tirar essas conclusões.

208 No original: “Reproduz o nosso pensamento”.

209 *No objeto mesmo*: no próprio objeto.

210 *Teoria da afirmação pura* (1863), p. 27. Como de costume, Romero modifica a pontuação do texto citado. Além disso, há uma alteração significativa: onde Patrício Muniz escreve “ela não é a forma do objeto” Romero transcreve “ele não é a forma do objeto”.

211 *Teoria da afirmação pura* (1863), p. 26-27. A citação de Tomás de Aquino faz parte da *Suma Teológica* (parte I, questão 27, art. 2). Apesar de Patrício Muniz citar o trecho em latim e logo depois vertê-lo para o português (como reproduzimos aqui), Romero optou por transcrever apenas a versão em latim da passagem. Ei-la: “conceptio intellectus est similitudo rei intellectæ et in eadem natura existens; quia in Deo idem est intelligere et esse” (há um pequeno erro de impressão no original de Patrício Muniz: a palavra “intellectus” aparece grafada como “ntlelectus”).

Ambas são evidentes. Quanto à última, por exemplo, cego será quem não compreender a legitimidade deste raciocínio: “se em Deus o pensamento é a reprodução de sua própria substância, sua ideia do universo é a reprodução de um objeto idêntico a ele mesmo, e o universo vem a ser Deus, e Deus vem a ser o universo”²¹². Temos aí o duplo panteísmo de Espinosa, que sacrifica Deus ao mundo, e o de Hegel, que procede inversamente. O Padre Patrício, estribado²¹³ no Anjo da Escola²¹⁴, deu-nos a soberba síntese de ambos.

Avalie-se agora a força de pensamento de um escritor que se apresenta de lança em punho para combater os falsos sistemas da filosofia moderna – e cai, ferido na sua própria arma, logo aos primeiros passos que dá.

Julgo inútil continuar a análise de um tal pensador e muito dispensável apreciar a sua *nova* teoria da sensibilidade, que, para ele, se confunde metafisicamente com a inteligência e a vontade. Proposição tão enorme, aos olhos dos sectários do espiritualismo, que lhes deixo a tarefa de estigmatizá-la [condená-la].

Não deixo, porém, de lembrar uma passagem em que o padre-escritor mostrou-se até mal informado de autores que cita com a pretensão de os refutar. É quando, falando em Jouffroy, refere uma definição sua de filosofia, a qual o francês não deu como tal. São estas as palavras do célebre professor: “O que é, então, a filosofia? É a ciência daquilo que ainda não pôde se tornar objeto de uma ciência; é a ciência de todas essas coisas que a inteligência não pôde descobrir

212 Embora o trecho esteja entre aspas, não se trata de uma citação da *Teoria da afirmação pura* – e sim de uma reformulação daquilo que o próprio Romero havia exposto sobre Patrício Muniz.

213 *Estribado*: firmado, fundamentado – literalmente, com os pés nos estribos, montado em um animal.

214 *Anjo da Escola*: uma das alcunhas de São Tomás de Aquino.

os meios de conhecer inteiramente; é o resto da ciência primitiva total; é a ciência do obscuro, do indeterminado, do desconhecido”²¹⁵.

Diz o Padre Muniz que isto é uma sátira! Ora, ninguém, que haja lido a notável memória²¹⁶ *Sobre a organização das ciências filosóficas*, donde foram aquelas palavras extraídas, as tomará por uma definição, quando é certo que o nobre pensador confessa que aquele modo de julgar fora uma fase mórbida de seu espírito, passada em 1822, e que, no tempo em que escrevia, tinha, desde muito, desaparecido. É, portanto, aquele trecho impróprio para com ele julgar-se as ideias do filósofo francês, um dos maiores de seu tempo, como no-lo testemunha Laurent²¹⁷, e incontestavelmente o único vulto eminente do ecletismo.

E, ainda quando Jouffroy tivesse permanecido naquele ponto de vista sobre o objeto e a unidade da filosofia, não vejo um motivo sério para o repelir; porquanto [porque], de tudo o que produziu o seu espírito, aquela doutrina sobre a ciência, que tão brilhantemente professou, vem a ser, a meus olhos, a obra prima, apesar do filósofo a ter abandonado.

Sim, a filosofia foi a ciência primitiva geral, que, de dia em dia, foi perdendo o seu domínio pela organização das ciências particulares. Outra, no fundo, não foi a célebre crítica de Comte, que de todo

215 Théodore Jouffroy, *Nouveaux mélanges philosophiques* [Nova miscelânea filosófica], 2ª ed., p. 122 (SR). A tradução é nossa, uma vez que Romero cita o trecho em francês. Ei-lo: “Qu’est-ce donc que la philosophie ? C’est la science de ce qui n’a pas encore pu devenir l’objet d’une science ; c’est la science de toutes ces choses que l’intelligence n’a pas encore pu découvrir les moyens de connaître entièrement ; c’est le reste de la science primitive totale ; c’est la science de l’obscur, de l’indéterminé, de l’inconnu [car elle comprend des objets auxquels ces diverses épithètes conviennent, selon qu’on les entrevoit d’une manière plus ou moins vague ou qu’on ne les aperçoit pas du tout encore]” (Jouffroy, 1861, p. 122). O trecho faz parte do primeiro trabalho dos *Nouveaux mélanges philosophiques*, intitulado “De l’organisation des sciences philosophiques” [“Sobre a organização das ciências filosóficas”] (TT&RX).

216 *Memória*: dissertação (do francês *mémoire*).

217 Em seus *Études sur l’histoire de l’humanité* [Estudos sobre a história da humanidade], François Laurent descreve Jouffroy como “um dos pensadores mais eminentes de nosso tempo” (Laurent, 1870, p. 490).

separou as diversas ciências da filosofia; dela expulsou a teologia e a metafísica e acabou por considerá-la uma generalização de todos os nossos conhecimentos. A análise de Jouffroy foi, nesse sentido, mais completa, porque importava o aniquilamento final da filosofia, futuro para que vai caminhando. Não longe está o tempo em que todos os diversos aspectos do universo e da humanidade terão, cada um, sua ciência particular e própria, nada ficando para a pretendida rainha da inteligência.

A síntese de todas não será mais uma ciência à parte, e sim um simples recurso do espírito, praticável em todas as circunstâncias. A isto o Padre Muniz chama uma sátira! Suas censuras a Jouffroy, segundo a expressão de Huxley, não valem o papel sobre o qual foram escritas²¹⁸.

218 Em uma carta enviada a Charles Darwin por volta de 1862, Thomas Huxley escreveu: “A maioria das críticas à *Origem* [*das espécies*], em minha opinião, não valem o papel no qual elas foram impressas” [“The majority of criticisms on the *Origin* are, in my opinion, not worth the paper they are printed on”] (Huxley *apud* Poulton, 1909, p. 19).

V. JOSÉ SORIANO DE SOUZA (1833-1895)²¹⁹

Existe ao norte deste Império²²⁰ um fenômeno curioso: um lente²²¹ de filosofia em Pernambuco, um médico, um jornalista, um ultramontano²²², que escreveu umas compilações de São Tomás²²³. Não sei que escritor satírico já teve tentações de compará-lo a Veuillot; mas refugiu [retrocedeu] diante desta ideia, recordando-se de que o francês tem um belo estilo, uma forma brilhante para encobrir o [aspecto] carunchoso²²⁴ de seu pensar, e o nosso doutor-lente tem uma língua pesada e ilegível. É Veuillot sim; mas trajado ao Padre Antônio Pereira, se é que não desmereço o valor deste vigoroso espírito aproximando-o, por qualquer forma, do professor do Ginásio²²⁵ do Recife.

219 I. *Compêndio de filosofia, ordenado segundo os princípios e o método de S. Tomás de Aquino*, Recife, 1867; II. *Lições de filosofia elementar, racional e moral*, Paris, 1871; III. *Considerações sobre a Igreja e o Estado, sob o ponto de vista jurídico, filosófico e religioso*, Recife, 1874. Tudo isso pelo Dr. José Soriano de Souza (SR). Cf. Souza (1871 e 1874) (TT&RX).

220 Nunca é demais lembrar que o texto foi escrito antes da Proclamação da República, ou seja, durante a época do Brasil Império.

221 *Lente*: catedrático, professor de nível secundário ou superior.

222 *Ultramontano*: defensor da doutrina que sustentava a autoridade absoluta do Papa (ou seja, sob o ponto de vista da França ou da Alemanha, a autoridade que estava além dos Alpes ou além das montanhas – por isso, *ultramontano*). Para alguns ultramontanos, além de incontestáveis, as palavras e as decisões do Papa também seriam *infallíveis*. Em uma nota ao capítulo sobre Luiz Pereira Barreto, Romero – que não simpatizava nem um pouco com o ultramontanismo – ressalta o absurdo que consistia que um senador brasileiro, “dito chefe *liberal*”, tenha sido “também o chefe dos *ultramontanos* (!)” e tenha votado contra a Lei do Ventre Livre.

223 Em sua edição, além das obras listadas por Romero, Luís Washington Vita destaca três outras obras de José Soriano de Souza: *Elementos de Filosofia do Direito* (Recife, 1880); *Princípios Sociais e Políticos de São Tomás de Aquino* (Recife, 1886); e *Princípios Sociais e Políticos de Santo Agostinho* (Recife, 1886).

224 *Carunchoso*: obsoleto – literalmente, cheio de carunchos (insetos) ou carcomido por estes.

225 Referência ao Ginásio Pernambucano (ou Gymnasio Pernambucano), célebre instituição de ensino fundada em 1825, na qual José Soriano de Souza era professor.

O nosso filósofo (não sei como se dá, ao mesmo tempo, este nome a Aristóteles e a Leibniz, a Espinosa e a Kant e ao... Dr. José Soriano), o nosso filósofo – aqui há uma lacuna da língua – tem singularidades de pasmar²²⁶. É um autor impertinente que nenhum vácuo deixaria no quadro da literatura brasileira, se nunca tivesse aparecido. Ele aí figura para acanhamento nosso. É certo que ninguém o lê, a não ser, em mínima escala, os seus discípulos de colégio, nos quais não raro, percebe-se um riso, quando pegam no enorme bacamarte²²⁷, que se intitula *Compêndio de filosofia*, ordenado segundo os princípios e método do Angélico Doutor [Tomás de Aquino].

Os pobres estudantes têm como um sentimento de haverem entre as mãos uma espécie de halitério antiglacial²²⁸, mais insignificante, por certo, do que o animal geológico, porquanto [uma vez que] este, ao menos auxilia os sábios no estudo zoológico, e o livro do Dr. José de Souza a ninguém auxilia. São 700 páginas votadas [dedicadas] ao atraso e encadeamento [aprisionamento] da mocidade! Ali respira-se um ar abafado, a inquisição do pensamento irrita e molesta. Ou aceita-se tudo, o que seria a vitória do erro e da decrepitude, ou tudo se repele. Nada existe a analisar. Um livro cadáver não se discute; a filosofia não é um anfiteatro anatômico²²⁹.

226 Aqui, para facilitar a compreensão do texto, substituímos algumas vírgulas por travessões e, assim como Vita, trocamos algumas vírgulas e reticências pelo uso de parênteses. No original, Romero escreveu: “O nosso filósofo, não sei como se dá, ao mesmo tempo, este nome a Aristóteles e a Leibniz, a Espinosa e a Kant e ao... Dr. José Soriano,... o nosso filósofo, aqui há uma lacuna da língua, tem singularidades de pasmar”.

227 *Bacamarte*: livro volumoso e sem utilidade.

228 *Halitério* – ou, em latim, *halitherium* – é um grande mamífero aquático que já estava extinto no século XIX. Por *antiglacial*, Romero provavelmente alude ao clima quente da Paraíba, de onde José Soriano de Souza era natural. Como se pode perceber ainda mais claramente na sequência do texto, a expressão *halitério antiglacial* é usada por Romero com uma conotação nada elogiosa.

229 *Anfiteatros anatômicos* são espaços onde normalmente são dissecados cadáveres para apresentações públicas e aulas de anatomia.

O Dr. José de Souza disse uma vez que o Visconde de Araguaia²³⁰, autor dos *Fatos do espírito humano*, é um bom poeta, mas mui [muito] medíocre filósofo. E o tomista²³¹ brasileiro, que deve ser classificado muito abaixo do nobre titular, o que ficará sendo? O que ficará sendo o indigesto compilador de teologia, o espírito mefítico²³² e importuno, enclaustrado na Idade Média? O recente doutor belga por Lovaina²³³ não se arrogue²³⁴; ele é incompetente para julgar quem não lê por sua cartilha, quem nunca abriu as horripilantes *Lições de filosofia elementar*, por exemplo. E este autor é lento por exclusão de Tobias Barreto²³⁵, o ilustre corifeu²³⁶ do germanismo entre nós!

Basta um só espécime para mostrá-lo tal qual é e julgá-lo com segurança. Eis aqui uma galhardia [ostentação]: “É impossível negar à alma a propriedade de refletir, de *voltar-se sobre si mesma*. Ora, se a alma não é espiritual, mas extensa, não poderá refletir, porque aquilo que é extenso *não pode perfeitamente voltar-se sobre si mesmo*. Suponhamos uma folha de papel. Dobrando-a para formar uma carta, nunca uma mesma parte volta-se sobre si mesma, mas sempre uma sobre outra; de sorte que dobrando-a de novo a primeira forma desaparece para ser substituída por outra, em virtude da nova disposição que tomam as partes. Pelo que, se a folha de papel, por impossível, tivesse consciência, no ato de refletir jamais seria cônica [consciente] de sua primeira modificação. Ora, a cada qual atesta a própria consciência que a sua alma pode completa e perfeitamente

230 Referência a Gonçalves de Magalhães, criticado antes por Romero, no capítulo III.

231 *Tomista*: adepto da filosofia e das doutrinas de Tomás de Aquino – no caso, José Soriano de Souza.

232 *Mefítico*: sulfuroso, fétido, repugnante.

233 *Lovaina*: cidade da Bélgica onde José Soriano obteve seu doutorado. Em francês, Louvain, e, em flamengo, Leuven.

234 *Não se arrogue*: não se envejaça – literalmente, não tome como seu um privilégio ou um bem.

235 Em 1867, em um concurso para a vaga de filosofia no Ginásio Pernambucano, Tobias Barreto, apesar de ter sido o primeiro colocado, foi preterido por José Soriano de Souza (cf. ABL, 2025).

236 *Corifeu*: expoente, representante máximo – literalmente, o regente do coro no teatro grego.

voltar-se sobre si, e, pela reflexão ilustrar as suas modificações, as quais longe de desaparecerem pelo ato da reflexão, tornam-se pelo contrário mais vivazes e constantes. Portanto, a alma não pode deixar de ser espiritual”²³⁷. Eis o que bem se poderá chamar uma penca de disparates; não sei o que mais se deve admirar: o chatismo [chaticice] das ideias ou o chulismo²³⁸ da forma. Qualquer espiritualista²³⁹ mediocrementemente sensato hoje teria recuado diante de uma defesa tão esdrúxula de seu sistema.

Primeiramente, o garboso [galhardo, vaidoso] tomista é muito ingênuo em supor que tem definido a reflexão, dizendo que ela é o poder que tem o espírito de dobrar-se sobre si mesmo...

Não vê que esta linguagem é uma metáfora – e uma metáfora tirada justamente da ordem das coisas materiais? Da matéria é que se pode dizer, sem figura, que volta-se e dobra-se sobre si mesma.

Aquela especiaria da folha de papel, *não deixando os vestígios das dobras que sofrera*, é no todo original...

Ouvi a um espirituoso chamar aquilo filosofia da *goma elástica*, porque esta é a matéria que dobra-se sem deixar vestígios, voltando à sua primitiva posição. Ora, o filósofista²⁴⁰ devia melhor estudar as propriedades dos corpos e melhor conhecer a sua alma, para não andar a dizer despropósitos que servem somente para depreciar o seu país.

237 *Lições de filosofia elementar* [1871], p. 331 (SR). A citação é literal, exceto pelo acréscimo dos itálicos e pela correção da pontuação original (TT&RX).

238 *Chulismo*: grosseria, característica daquilo que é chulo.

239 Sobre o *espiritualismo*, conferir a nota 47, no capítulo I.

240 *Filosofista*: praticante de filosofismo (termo pejorativo que denota uma falsa filosofia ou uma filosofia sem cabimento).

Que ideia faria do ensino neste império o estrangeiro verdadeiramente ilustrado que lesse aquelas gentilezas? *It is a shame* [É uma vergonha]²⁴¹.

Mas... boa ventura²⁴² é ser-se sectário de São Tomás; aprendem-se coisas, que tornam a gente feliz nesta terra.

O nosso professor, defendendo – nas suas *Considerações sobre a Igreja e o Estado*, com toda a pequena força de que dispõe – a intolerância religiosa, atribui a doutrina contrária ao racionalismo²⁴³ subjetivista – cujos sectários não têm, ao menos, o *mérito da novidade*²⁴⁴. Oh! como é galante o Dr. José de Souza falando de novidades! Deixemo-lo em paz.

241 Em inglês no original.

242 *Boa ventura*: boa sorte, felicidade.

243 Sobre o *racionalismo*, conferir a nota 188, no capítulo IV.

244 *Considerações sobre a Igreja e o Estado* [1874], p. 117 (SR). Ou seja, para José Soriano de Souza, o oposto da intolerância religiosa seria o racionalismo subjetivista, descrito por ele da seguinte maneira: “No racionalismo subjetivista, concebe-se bem a tolerância de todas as opiniões, porque, segundo ele, o espírito não colhe a verdade em si, mas só as visões internas, os *fenômenos subjetivos*, ou os *númenos*, como se diz na escola de Kant. Sendo assim, é claro que todas as opiniões têm valor, assim o juízo do febricitante que julga amargo o açúcar, como o do itérico que julga carmin o amarelo, porque tanto um quanto outro só apreendem os fenômenos subjetivos da sensação” (Souza, 1874, p. 117). Em uma nota de rodapé desta passagem referida por Romero, José Soriano de Souza afirma: “Os racionalistas nem têm ao menos o mérito da novidade. Esse erro é velho e São Tomás fala dele” (*idem*) (TT&RX).

VI. PEDRO AMÉRICO DE FIGUEIREDO E MELO (1843-1905)²⁴⁵

Abandonado este espírito árido e intratável, para quem, como para Teodoro de Beza, a liberdade de consciência é um dogma do diabo – *libertas conscientiae diabolicum dogma*²⁴⁶ –, respiremos um ar mais puro nas páginas de *La science et les systèmes* [A ciência e os sistemas] do Dr. Pedro Américo. O livro do pintor paraibano, apesar de pouco elevado, é um cimo [cume, ponto alto] diante dos escritos do médico de Pernambuco²⁴⁷.

O Dr. Pedro Américo goza, entre nós, da fama de grande pintor. Quero supor que essa nomeada [reputação] em parte é bem fundada. Apesar de não ver o seu nome citado e aplaudido pelos novíssimos críticos da arte que tenho podido consultar – o que não deixa de gerar certa desconfiança –, não me atrevo a aventurar uma palavra sequer sobre o seu mérito ou demérito na qualidade de

245 *La science et les systèmes – questions d'histoire et de philosophie naturelle* [A ciência e os sistemas – questões de história e de filosofia natural], de Pedro Américo de Figueiredo e Melo, 2ª ed., Bruxelas, 1869 (SR). Há uma tradução de 2001 para o português – de Gabriel Alves de Oliveira e Maria de Guadalupe Melo Coutinho –, que é a que reproduzimos aqui, modificando apenas os destaques feitos por Romero no texto de Pedro Américo (TT&RX).

246 Máxima atribuída a Teodoro de Beza, que, em suas *Cartas Teológicas*, afirma: “*lactabimusne libertatem conscientis permittenda esse? Minime, ut hæc quidem libertas intelligitur, id est, ut quo quisque modo volet Deum colat. Est enim hoc mere diabolicum dogma, sinendum esse unum quemque ut si volet pereat*”. Em tradução livre: “Nós devemos tolerar que a liberdade seja permitida para a consciência? De maneira alguma uma tal liberdade é concebível, isto é, se se quer louvar a Deus, qualquer que seja a maneira que Ele escolha. Na verdade, esse é puramente um dogma do diabo – e que cada um pereça, caso o escolha” (Teodoro de Beza, *Epistolæ Theologicæ*, 1573, p. 21).

247 Ele é filho do Rio Grande do Norte, mas reside, há muito, em Pernambuco (SR). Por “médico de Pernambuco”, Romero se refere a José Soriano de Souza – tratado no capítulo anterior –, que, na verdade, nasceu na Paraíba – e não no Rio Grande do Norte (TT&RX).

confrade²⁴⁸ de Rafael. Não é que não tivesse a coragem de arrostar²⁴⁹ com os resultados do meu juízo, se, por ventura, ele houvesse de ser desfavorável a essa atual glória do Brasil. O motivo de minha abstinência é peremptório [categórico, determinante]: não conheço os trabalhos do nosso pintor; os seus quadros mais elogiados, nunca tive o prazer de os ver²⁵⁰.

É como crítico e filósofo que vamos apreciá-lo. Neste caráter é muito pouco conhecido pelo nosso público. Não é isto uma pecha [falha, defeito]. O deixar um escritor de ser conhecido pelo público brasileiro não é um desfavor; nada importa. Os mais elevados espíritos do século atual [XIX] lhe são quase totalmente ignorados.

É o que se dá pela China²⁵¹.

O pintor paraibano não deve se lastimar por este olvido [esquecimento] da parte de seus compatriotas. O seu trabalho, apesar de ser-lhes dedicado, é escrito numa língua estrangeira – e para estrangeiros. Foi primeiro publicado, no mesmo ano, sob o título *De la liberté, de la méthode et de l'esprit de système dans l'étude de la nature* [Da liberdade, do método e do espírito de sistema no estudo da natureza], como tese para a aquisição do grau de *docteur agrégé*²⁵² da Universidade Livre de Bruxelas.

O ilustre autor parece conhecer o estado de abstenção em que se tem conservado o seu país, quanto [em relação] às questões agitadas

248 *Confrade*: colega de profissão – neste caso, pintor.

249 *Arrostar*: enfrentar – literalmente, pôr o rosto em diante de algo.

250 Depois disto escrito, tive ocasião de ver a sua *Batalha de Avaí*, que me pareceu um excelente quadro (SR). Para saber mais sobre o referido quadro de Pedro Américo, conferir Wikipédia (2023) (TT&RX).

251 *É o que se dá pela China*: é o que acontece na China.

252 *Docteur agrégé*: nas universidades belgas, quando um estudante obtinha o título de doutor com grande ou máxima distinção, ele era considerado um *docteur agrégé* – ou *doutor adjunto* – e poderia, eventualmente, ser convocado pela universidade para dar aulas – como, em 1869, de fato ocorreu com Pedro Américo.

no Velho Mundo. Logo nas primeiras palavras de sua brochura²⁵³ se lê: “Se este livro tivesse sido escrito no Brasil, faltar-lhe-ia certamente *cor local*, pois nenhuma das questões que eu abordo com alguns desenvolvimentos é tratada aqui sob um *ponto de vista nacional*; por isso, quem o lesse sem pensar neste fato – que a situação moral e intelectual da Europa difere bastante da nossa –, o acharia, sob muitos aspectos, algo vazio e sem sentido”²⁵⁴.

Estas expressões significam uma verdade geral: a situação intelectual e moral brasileira difere muito da europeia. Mas não vejo que as questões científicas precisem ser tratadas sob um ponto de vista nacional, nem devam ter uma *cor local*, para não deixarem de ser vazias de sentido. Se a *cor local*, que tanto preocupa certa classe de poetas e pintores, pode ser um atributo peculiar à sua arte, isso não se dá com a ciência, que tem um caráter cosmopolítico²⁵⁵ e universal. Em 1869, quando o digno doutor pela Universidade Livre de Bruxelas se exprimia por aquela forma, alguns dos sistemas, que se gladiavam²⁵⁶ diante do velho público europeu, já eram conhecidos por poucos adeptos brasileiros. De então para cá, graças à cooperação de alguns espíritos juvenis, as coisas têm muito mudado de aspecto e, na própria imprensa diária e na tribuna das conferências públicas,

253 *Brochura*: livro de pequenas dimensões – e, normalmente, de capa mole.

254 *La science et les systèmes* (1869), p. 3-4 (na tradução de 2001, p. 3). Embora suprima os travessões e acrescente os itálicos, Romero cita o texto em francês com precisão. Eis o original (sem os itálicos acrescentados por Romero): “Si ce livre avait été écrit au Brésil, il manquerait certainement de couleur locale, car aucune des questions que j’aborde avec quelques développements ne s’y trouve traitée sous un point de vue nationale ; aussi celui qui le lirait sans penser à ce fait – que la situation morale et intellectuelle de l’Europe diffère beaucoup de la nôtre –, le trouverait, sous bien de rapports, quelque peu vide et dépourvu de sens”.

255 *Cosmopolítico*: cosmopolita – do grego κοσμοπολίτης (ou *kosmopolites*), cidadão do mundo, ou seja, que tem um espírito que compreende e se adapta a diferentes concepções e modos de vida e de pensamento.

256 *Gladiavam*: combatiam, se enfrentavam, digladiavam – literalmente, lutavam com gládios ou espadas.

algumas das últimas lutas hão sido²⁵⁷ debatidas ante espectadores nacionais. Para não citar outros fatos além daqueles de que me hei de ocupar no curso deste ensaio, ninguém dirá que *As três filosofias*, do Dr. Luiz Pereira Barreto, *O fim da criação*, do Visconde do Rio Grande, as *Funções do cérebro*, do Dr. Guedes Cabral, e os *Ensaios e estudos*, do Dr. Tobias Barreto, não sejam nutridos pelas ideias *perigosas* que dividem o pensamento europeu, e não revolvam [revirem] totalmente o velho e podre terreno em que dormitava [cochilava] a ignorância pátria²⁵⁸.

O autor regozija-se da candura [pureza, inocência] de seu país; para este é felicidade, a seus olhos, seu desconhecimento do que vai pelo antigo continente. “Graças a Deus – diz ele –, nossa pátria nunca assistiu a essas lutas do fanatismo contra a liberdade [...] da mesma forma, ela jamais experimentou a ação dissolvente do *materialismo positivista*”²⁵⁹.

Estas palavras – que parecem pronunciadas por algum abade francês, ou belga, inquieto pelo futuro de seu país, se contaminá-lo o espírito do tempo²⁶⁰ – não abonam [apoiam, justificam] muito a previsão do nosso filósofo.

Três anos não eram passados, e a corrente das ideias europeias nos invadia, e, até na política, ateava-se a chamada Questão Religiosa²⁶¹.

257 *Hão sido*: têm sido, foram.

258 *Pátria*: nacional – ou seja, a ignorância brasileira.

259 *La science et les systèmes* (1869), p. 4 (na tradução de 2001, p. 3). Romero cita fielmente a passagem em francês, acrescentando um itálico ao termo *positivista*: “Grâce à Dieu, notre patrie n’a jamais assisté à ces luttes du fanatisme contre la liberté [...] de même, elle n’a jamais éprouvé l’action dissolvante du *matérialisme positiviste*”.

260 *Se contaminá-lo o espírito do tempo*: caso seja contaminado pelo espírito do tempo.

261 Em 1872 – oito anos depois que o Papa Pio IX havia emitido uma bula na qual se posicionava contra os membros da maçonaria, entre os quais estavam ninguém menos que o Imperador Dom Pedro II e o Visconde do Rio Branco, então presidente do conselho de ministros e grão-mestre da maçonaria no Brasil –, a determinação do Vaticano praticamente ainda não surtira efeito no território brasileiro. Em março de 1872, no entanto, depois de discursar no Rio de Janeiro celebrando

Eu não cairei no irrisório [ridículo] disparate de comparar a grandeza e seriedade das atuais questões debatidas no Velho Mundo com as imitações cômicas que elas vão tendo entre nós. Assinalo apenas a ingenuidade do pintor em crer falar de coisas desconhecidas aos seus patrícios [compatriotas] e, mais ainda, espanto-me diante de sua alegria por não nos ter ainda visitado o materialismo positivista!

Sim, este país não foi ainda, senão em mui diminuta²⁶² escala, agredido pelo pretendido materialismo positivista, o que é uma felicidade aos olhos do nosso autor; mas, em desabono seu, vive triturado pelo materialismo moral, o materialismo dos costumes, cuja expressão mais hedionda são as cenas torpes de nossa escravidão; vive minado pelo materialismo social, o materialismo civil, cuja degradante efígie [imagem, retrato] se estampa nas cenas de piratagem [pirataria] de nossa política!

Desde já cumpre apontar os méritos da brochura do autor da *Carioca*²⁶³.

O mais eminente é, sem dúvida, certo espírito de liberdade, que ressuma [transpira] daquelas páginas. Em um país como a Alemanha ou a Inglaterra, não importaria este fato uma qualidade assinalável. O espírito de liberdade é ali endêmico à atmosfera intelectual. Todos

a aprovação da lei do Ventre Livre e homenageando o Visconde do Rio Branco – que teve uma participação determinante para a promulgação da lei –, o Padre Almeida Martins foi punido pelo bispo do Rio de Janeiro, Dom Pedro Maria de Lacerda, que lhe impediu de exercer suas atividades eclesiais. Como reação, Dom Pedro II puniu o Bispo Lacerda e, pouco tempo depois, os bispos de Olinda e do Pará decidiram expulsar da Igreja todos os membros da maçonaria – ação que, por sua vez, também foi duramente punida pelo Imperador. A chamada Questão Religiosa, que se estendeu até 1875, dividiu as opiniões da sociedade brasileira, colocando em debate as relações existentes – e até então praticamente inquestionáveis – entre a Igreja e o Estado. Para saber mais, confira os artigos: “O Cetro contra o Báculo: a questão religiosa brasileira no Parlamento Imperial”, de Adelar Heinsfeld (2021); e “Ultramontanismo, Maçonaria e Protestantismo no contexto da Questão Religiosa (1872-1875)”, de Ana Rosa Claclet da Silva e Thais da Rocha Carvalho (2019).

262 *Mui diminuta*: muito minguada, muito ínfima.

263 Tela famosa de Pedro Américo, produzida originalmente em 1863 e oferecida ao Imperador Dom Pedro II, que teria sido recusada pela Casa Imperial devido ao seu escandaloso nu (cf. Wikipédia, 2022).

os bons espíritos comungam no altar das grandes e úteis ideias. É fenômeno ordinário. Em países de pouca cultura, como o nosso, assoberbados por caducos e pestilentos prejuízos [preconceitos], onde o pensamento surge curvado, como as frentes [cabeças, testas] de onde emana, o espírito de liberdade antolha-se-me²⁶⁴ como uma auréola que abrilhanta a face do escritor. Pedro Américo, como poeta, sente entusiasmo pelas nobres conquistas da ciência e se pronuncia contra os aferros²⁶⁵ da fé. Nas páginas deste opúsculo²⁶⁶ é a primeira vez que tenho de assinalar este digno impulso dos nossos tempos e rendo-lhe bem alto o preito [louvor, homenagem] de que é ele merecedor. Estas palavras devem ser consignadas [assinaladas, destacadas]: “É, [portanto], sem razão que se ataca ainda hoje a neutralidade da ciência em nome da religião ou da Bíblia e o ensino livre em nome da fé. A religião aspira preparar os homens para a vida futura, a ciência os prepara para a vida presente. A Bíblia ensina dogmas que nem a experiência nem a razão poderiam demonstrar; a física ensina o que é mensurável, no espaço e no tempo, ou então aquilo que a razão descobre como certo numa série de fenômenos. A teologia não admite a discussão e se impõe à consciência como uma autoridade soberana; a ciência, ao contrário, supõe o livre exame e a plena liberdade de julgamento. A Igreja exige, para fundar a paz universal, a submissão absoluta de todas as consciências às decisões dos concílios; contrariamente para a ciência, a verdadeira unanimidade é a que faz nascer a evidência: essa unanimidade reinará sempre entre os homens que, em toda a independência de sua razão e, após um exame refletido, entram em acordo sobre os mesmos pontos. As autoridades eclesiásticas podem indagar das consequências de uma verdade e, em seguida, proibir-lhe o ensino em suas escolas;

264 *Antolha-se-me*: parece-me, se me afigura.

265 *Aferros*: pegos obstinados, teimosias.

266 *Opúsculo*: pequena obra – em latim, *opusculum*, diminutivo de *opus*, obra.

as universidades laicas, ao contrário, devem ensinar sem reserva a solução científica de um problema qualquer, ainda que essa solução pareça se opor às nossas crenças mais caras”²⁶⁷.

Esta passagem exprime um pensamento hoje vulgar e cem vezes repetido pelos escritores do tempo. Escrita por um brasileiro, malgrado [embora] os seus defeitos de estilo, evidenciados pela impertinente repetição do *au contraire* [ao contrário]²⁶⁸, merece justos encômios [louvores, elogios] por ser um brado de insurreição.

Outro mérito – e nestes cifram-se²⁶⁹ quase todos – do pequeno escrito que analiso, vem a ser uma qualidade oriunda da que ficou apontada: certo entusiasmo pelas artes e pela natureza, que também transborda do conjunto de todo o trabalho. O autor, aliás, por outros produtos tem revelado tão nobre propensão.

Em *La science et les systèmes* nota-se uma certa desarmonia entre o título da obra e o seu conteúdo. Afigura-se ao leitor que ele tem diante de si uma indagação filosófica sobre a ciência em geral

267 *La science et les systèmes* [1869], p. 164-165 (SR). Na tradução de 2001, p. 133. Romero cita o trecho em francês de modo literal, omitindo apenas uma ocorrência de “donc” [“portanto”] e alterando discretamente a pontuação. Eis o original: “C’est [donc] à tort que l’on attaque encore aujourd’hui la neutralité de la science au nom de la religion ou de la Bible, et le libre enseignement au nom de la foi. La religion aspire à préparer les hommes pour la vie future, la science les prépare pour la vie présente. La Bible enseigne des dogmes que ni l’expérience ni le raisonnement ne sauraient démontrer; la physique enseigne ce qui est mesurable dans l’espace et dans le temps, ou bien ce que la raison découvre comme certain dans une série de phénomènes. La théologie n’admet pas la discussion et s’impose à la conscience avec une souveraine autorité; la science, au contraire, suppose le libre examen et la pleine liberté de jugement. L’Eglise exige, pour fonder la paix universelle, la soumission absolue de toutes les consciences aux décisions des conciles; pour la science, au contraire la véritable unanimité est celle que fait naître l’évidence: cette unanimité régnera toujours parmi les hommes qui, dans toute l’indépendance de leur raison et après un mûr examen, tombent d’accord sur les mêmes points. Les autorités ecclésiastiques peuvent s’enquérir des conséquences d’une vérité, et par suite défendre de l’enseigner dans leurs écoles, les universités laïques, au contraire, doivent enseigner sans réserve la solution scientifique d’un problème quelconque, quand même cette solution semblerait s’opposer à nos croyances les plus chères” (TT&RX).

268 Em francês no original. Como é possível notar, Romero aqui critica Pedro Américo por usar repetidamente a expressão francesa *au contraire* em seu texto.

269 *Cifram-se*: resumem-se – literalmente, escondem-se.

e os diversos sistemas, que a têm trazido dividida²⁷⁰. Não é assim; lidas as 166 páginas, quase nada mais se há percorrido do que notas biográficas sobre alguns grandes artistas – como Michelangelo e Rafael – ou sábios – como Galileu e Newton. Os traços biográficos consomem quase todo o trabalho. O autor dá preponderância ao que diz dos artistas e das artes; é certo que com o alvo [objetivo] de provar que a liberdade artística se constituiu primeiro, e que foi ela que fundou a libertação da ciência. Neste opinar, vai certa dose de engano. Basta lembrar que os fundadores do genuíno método científico, Galileu e Bacon, não foram artistas. Mas é no fundo mesmo das coisas que deve ser procurada a raiz do engano do nosso pintor. Cheio de entusiasmo por sua arte, é natural que seus estudos históricos tenham versado de preferência sobre os anais dela – e de suas congêneres. De tal sorte – vendo o ideal naquela esfera ter atingido, desde épocas mui remotas, um grau elevadíssimo de perfeição, ao passo que a ciência jazia acanhada e incorreta –, não trepida em proclamar que às artes se deve a fundação do verdadeiro método científico.

Falando da Grécia, diz: “Reflitamos sobre esse fato estranho e espantoso que, desde a descoberta dos admiráveis monumentos da arte grega, os pintores, os escultores e os anatomistas de todos os países, quase a uma só voz, declararam-nos inimitáveis. Mas, se o friso do Partenon, o Júpiter Olímpico e tantas outras obras-primas permaneceram superiores a quaisquer esforços feitos para igualá-los, enquanto a filosofia natural dos gregos, ideal e sublime, parece reduzir-se, cada vez mais, aos olhos das gerações modernas, é porque a arte grega edificou seu ideal sobre a natureza, enquanto a filosofia edificou a natureza sobre o seu ideal”²⁷¹.

270 *Que a têm trazido dividida*: os sistemas nos quais a ciência tem sido dividida.

271 *La science et les systèmes* [1869], p. 29-30 (SR). Na tradução de Gabriel Alves de Oliveira e Maria de Guadalupe Melo Coutinho (2001), p. 24-25. Romero cita o trecho em francês sem alterá-lo (omitindo, compreensivelmente, apenas uma de rodapé). Ei-lo: “Réfléchissons à ce fait, étrange et étonnant,

O motivo dado pelo célebre pintor não me parece categórico; poder-se-ia perguntar-lhe: mas por que os gregos, nas artes, fundaram seu ideal sobre a natureza, e, na filosofia, a natureza sobre o seu ideal? Seu livro não no-lo diz. É mister [preciso] descer até ao íntimo mesmo das duas esferas de manifestações intelectuais.

Foi o que o Dr. Pedro Américo esqueceu. A arte se nutre principalmente de sentimento e imaginação, que, para tomarem um voo sublime e fecundo, basta acharem-se de posse de organizações bem formadas e diante de um céu majestoso. Foi o que se deu na Grécia. Às qualidades brilhantes de sua raça os gregos juntaram o espetáculo de seu país e de seu céu encantador. A arte brotou e cresceu admiravelmente.

A ciência não é assim; exige observações e experiências aturadas [assíduas] e rigorosas. Nutrindo-se principalmente de raciocínio, precisa de tempo e do labor de muitas gerações. Eis porque a arte grega foi tão profunda e sua filosofia mais acanhada; eis porque uma se constituiu primeiro e outra ainda hoje está em caminho de formação. Ainda assim, não é possível contestar aos gregos a glória de lançadores dos primeiros fundamentos das ciências. Basta lembrar o nome, nunca assaz [suficientemente] aplaudido, de Aristóteles.

Entremos na parte mais séria do livro. Qual a filosofia do nosso autor? Ele pertence à parte liberal do ecletismo francês, é espiritualista²⁷², sectário da razão inerrável [infalível], um pouco refratário [intransigente, resistente] à teologia. Suas vistas [teorias]

que depuis la découverte des admirables monuments de l'art grec, les peintres, les sculpteurs et les anatomistes de tous les pays, d'une voix presque unanime les déclarent inimitables. Mais si la frise du Parthénon, le Jupiter Olympien, et tant d'autres chefs-d'œuvre, sont restés supérieurs à tous les efforts qu'on a faits pour les égaler, tandis que la philosophie naturelle des Grecs, idéale et sublime, semble se réduire de plus en plus, aux yeux des générations modernes, c'est parce que l'art grec avait bâti son idéal sur la nature, tandis que la philosophie avait bâti la nature sur son idéal" (TT&RX).

272 Sobre o ecletismo e o espiritualismo, conferir as notas 33 e 47, no capítulo I.

históricas são tiradas de Michelet e Quinet, esses dois fundadores da escola histórica francesa da simetria e da declamação.

Depois de Mommsen e Gervinus, Lazarus e Buckle; depois mesmo de Thierry e Laurent, é muita ingenuidade andar a repetir os palavrões de Michelet e Quinet, como demonstração dos acontecimentos humanos. Quem não percebe a grande transformação por que hão passado²⁷³, nos últimos trinta anos, os estudos históricos, depois da vulgarização da parte crítica do socialismo²⁷⁴ e do positivismo²⁷⁵, e, sobretudo, depois do triunfo definitivo da ciência religiosa alemã e da doutrina de Darwin?

O Dr. Pedro Américo ainda nos vem citar estas gentilezas pedantescas de Quinet: “Semelhante a [seu] Jeová (falando de Rafael) que desenha com o dedo sobre o globo as praias dos oceanos, ele traça igualmente o desenho da história no oceano dos tempos: a figura encantadora do demônio enrolado na árvore da ciência, as migrações dos povos, o sonho de José, as primeiras cenas do Evangelho, os poetas de todas as escolas reunidos de todos os pontos do tempo à sombra da árvore do Parnaso; os filósofos sob o pórtico de Atenas; em sua face a disputa dos doutores da Igreja e o dogma que brota da hóstia. Esta consagração de todos os tempos, de todas as sociedades no fundo do santuário, é a cidade de Deus mais vasta, mais tolerante do que a de Santo Agostinho; é a história mais universal do que a de Bossuet, que, muitas vezes, a comprime na sua alma de padre,

273 Por que hão passado: pela qual passaram.

274 Em poucas palavras, o *socialismo* pode ser definido como um “termo que designa, sobretudo a partir do século XIX, diferentes doutrinas políticas tais como o socialismo de Marx, de Saint-Simon, de Fourier, de Proudhon etc. Todas essas doutrinas têm, entretanto, em comum, uma proposta de mudança da organização econômica e política da sociedade, visando o interesse geral, contra o interesse de uma ou mais classes privilegiadas, com base nas ideias de igualdade e justiça social” (Japiassú & Marcondes, 2001).

275 Na concisa definição de Houaiss (2025), o *positivismo* é o “sistema criado por Auguste Comte (1798-1857), e desenvolvido por inúmeros epígonos, que se propõe a ordenar as ciências experimentais, considerando-as o modelo por excelência do conhecimento humano, em detrimento das especulações metafísicas ou teológicas”.

é o livre espetáculo da vida divina no tempo, é o *fieri*²⁷⁶ fecundo da eternidade sobre as muralhas do Vaticano”²⁷⁷.

Todo este encadeamento de frases ocas e de metáforas gigantescas é trazido para provar a universalidade do gênio e dos trabalhos do pintor de Urbino²⁷⁸!

O Dr. Pedro Américo o repete com ares de quem está demonstrando um fato duvidoso e acaba por consegui-lo. O seu livro revela bastante fraqueza filosófica. Logo em princípio exhibe-nos uma introdução sobre a *definição da ciência, certeza, probabilidade, indução, observação e experiência*... Não fez mais do que dar a milésima edição das vulgaridades da filosofia do *senso comum* bebidas nos compêndios franceses e belgas. Todo aquele trabalho sobre fatos e ideias, *très-triturées en ces derniers temps* [*bastante trituradas nesses*

276 *Fieri*: devir, vir a ser – em latim, infinitivo do verbo *fi*, *acontecer, suceder*).

277 *Les révolutions d'Italie* [*As revoluções da Itália*] (SR). A tradução é do próprio Romero que, em uma nota de rodapé da primeira edição, cita o título de forma abreviada – “*Rév. d'Italie*” –, conduzindo Vita (e Cerqueira, junto com ele) ao equívoco de achar que se tratava de uma suposta “*Révue* [*sic*] *d'Italie*” – ou “*Revista da Itália*” –, como ficou grafado em uma nota de sua edição, embora a palavra francesa “*revue*” não tenha acento (e, portanto, “*révue*”, em francês, equivaleria mais ou menos a “*révista*”, em português). A passagem citada por Romero – que a traduz com grande fidelidade, acrescentando o trecho entre parênteses “(falando de Rafael)” – aparece na citação da página 54 de *La science et les systèmes* (na tradução de 2001, p. 44). Em uma edição de 1857 da versão original da obra de Edgar Quinet, a mesma passagem aparece assim: “*Semblable à [son] Jéhovah, qui dessine du doigt sur le globe les rivages des océans, il trace de même le dessin de l'histoire dans l'océan des temps: la figure enchanteresse du démon roulée autour de l'arbre de la science, les migrations des peuples, le songe de Joseph, les premières scènes de l'Évangile; les poètes de toutes les écoles rassemblés de tous les points de la durée, à l'ombre de l'arbre du Parnasse; les philosophes sous le portique d'Athènes; en face la dispute des docteurs de l'Église et le dogme qui jaillit de l'hostie. Cette consécration de tous les temps, de toutes les sociétés au fond du sanctuaire, c'est la cité de Dieu plus vaste, plus tolérante que celle de saint Augustin; c'est l'histoire plus universelle que celle de Bossuet qui, trop souvent, l'étreint dans son âme de prêtre; c'est le libre spectacle de la vie divine dans le temps, l'épopée vivante [le devenir fécond] de l'éternité sur les murailles du Vatican*” (Quinet, 1857, p. 357). Curiosamente, a expressão que fez com que Romero lançasse mão de um termo em latim em sua tradução da passagem – “*le devenir fécond*”, “*o fieri fecundo*” – corresponde, na verdade, a uma infidelidade da parte de Pedro Américo, já que, em seu lugar, Quinet havia escrito “*l'épopée vivante*” – “*a epopeia viva* [da eternidade sobre as muralhas do Vaticano]”. Também é digno de nota que Pedro Américo – e, com ele, Romero – suprimiram um pronome possessivo na citação, que nós reincorporamos entre colchetes (TT&RX).

278 *Pintor de Urbino*: referência a Rafael Sanzio, natural da cidade de Urbino, atualmente na Itália.

últimos tempos]²⁷⁹, como no-lo declara, é para afirmar que “a evidência é, pois, o critério da verdade: sem evidência não há certeza, e sem certeza a ciência seria para sempre impossível”²⁸⁰.

Sentem-se ímpetos de retrucar ao digno pintor: “*Eh ! Monsieur, pourquoi tant de travail ? Ça n'en vaut pas la peine !*”²⁸¹

É sobre a *indução* e o *método* em geral que se revela todo atraso e incompetência do insigne [famoso] esteta²⁸² brasileiro. Nem, ao menos, dá indícios de conhecer o *System of Logic*²⁸³ de Mill, publicado desde 1843. É sabido que este distinto positivista inglês prestou o grande serviço à ciência de revelar o laço que une a indução à dedução, e produzir, assim, a harmonia entre o método dos antigos e o dos modernos. Stuart Mill explicou a dificuldade característica do silogismo, provando que, no fundo, toda dedução é uma indução, pois que não passa do desenvolvimento da operação indutiva, ou, por outros termos, não é mais do que uma análise dos detalhes ou casos particulares entrevistados, mas não claramente separados, na proposição geral, que serve de maior²⁸⁴. Esta explicação teve por consequência, segundo no-lo afirma Bain, produzir na lógica uma total revolução²⁸⁵.

279 Em francês no original. Romero altera a expressão empregada por Pedro Américo – a saber, “très-torturées en ces derniers temps” [“bastante distorcidas nesses últimos tempos”] – para “très-triturées...” [“bastante trituradas...”]. Preservamos no texto a versão modificada de Romero.

280 *La science et les systèmes* [1869], p. 7 (SR). Na tradução de 2001, p. 6. Romero cita o trecho em francês, operando uma única alteração na pontuação. No original: “L'évidence est donc le critérium de la vérité ; sans évidence point de certitude, et sans la certitude la science serait à jamais impossible” (TT&RX).

281 Em francês, da pena de Romero: “Ei! Senhor, por que todo esse trabalho? Não vale a pena!”.

282 O termo *esteta* – que designa alguém que tem grande sensibilidade em relação ao belo e à arte – é usado aqui por Romero com uma carga de ironia.

283 Cf. Mill, *A System of Logic – Ratiocinative and Inductive* [Sistema de lógica – dedutiva e indutiva] (1843).

284 *Que serve de maior*: que serve de *premissa* maior para uma dedução.

285 Alexander Bain, *Logique*, v. i, p. 302 da tradução de Gabriel Compayré (SR). Cf. Bain (1875) (TT&RX).

O nosso autor fantasia que a ciência moderna está toda eivada [contaminada] de *empirismo*²⁸⁶, e gasta o 4º e último capítulo de seu livro quase exclusivamente a castigar-lhe os desvarios e a proclamar a soberania e as excelências da razão. Ele é partidário do método dito *racional*.

Ora, isto é hoje um ponto de vista anacrônico²⁸⁷; a ciência de agora, em suas eminências²⁸⁸, nas mãos dos nobres sectários do realismo²⁸⁹ naturalista das escolas inglesa e alemã, nada tem de empírica.

Ficava bem a um Cousin o acusar²⁹⁰ a La Mettrie, ou a Helvécio levemente daquele defeito. Mas vir o Dr. Pedro Américo dizer-nos seriamente que Comte, Littré, Büchner e toda a coorte²⁹¹ de sábios e filósofos, que ilustraram os últimos tempos, não hão praticado²⁹² um exato e verdadeiro método... é singular! Uma das glórias até destes grandes pensadores é terem cumprido as regras de Stuart Mill, e consagrado o acordo do método de Bacon com o de Aristóteles. A filosofia, por eles tratada, não oferece mais daquelas cenas que

286 O *empirismo* pode ser definido como a "doutrina ou teoria do conhecimento segundo a qual todo conhecimento humano deriva, direta ou indiretamente, da experiência sensível externa ou interna. Frequentemente fala-se do 'empírico' como daquilo que se refere à experiência, às sensações e às percepções, relativamente aos encadeamentos da razão. O empirismo, sobretudo de Locke e de Hume, demonstra que não há outra fonte do conhecimento senão a experiência e a sensação. As ideias só nascem de um enfraquecimento da sensação, e não podem ser inatas. Daí o empirismo rejeitar todas as especulações como vãs e impossíveis de circunscrever. Seu grande argumento: 'Nada se encontra no espírito que não tenha, antes, estado nos sentidos'. 'A não ser o próprio espírito', responde Leibniz. Kant tenta resolver o debate: todos os nossos conhecimentos, diz ele, provêm da experiência, mas segundo quadros e formas *a priori* que são próprios de nosso espírito. Com isso, tenta evitar o perigo do dogmatismo e do empirismo" (Japiassú & Marcondes, 2001).

287 *Ponto de vista anacrônico*: ponto de vista que não condiz com sua época.

288 *Em suas eminências*: em suas expressões mais elevadas – literalmente, em seus lugares mais altos.

289 Sobre o *realismo*, conferir a nota 80, no capítulo II.

290 *O acusar*: o ato ou a ação de acusar.

291 *Coorte*: legião, grande número de pessoas – literalmente, uma das dez unidades de uma legião romana.

292 *Não hão praticado*: não praticaram, não têm praticado.

tanto a atormentaram em algumas das épocas de sua história. As controvérsias sobre o predomínio deste ou daquele processo não nos preocupam mais, ou não o devem, pelo menos.

Indução e dedução são ambas indispensáveis e aplicadas com critério. É o que se dá com o método chamado *racional*, e o experimental. Não há mais espírito algum, por pouco que seja versado em assuntos científicos, que recuse esses dois processos. Formam uma só e mesma coisa. Temos chegado a esta fórmula: “experiência sem raciocínio e raciocínio sem experiência nada são, para nada valem”²⁹³.

No primeiro caso, a ciência se reduz a um empirismo chato e detestável, e, no segundo, perde-se nos achaques [surtos] histéricos do *a priori*.

A que se aplica o método racional exclusivo? Se é às verdades ditas contingentes e relativas, então se confunde com o experimental, porque para outra coisa não serve este; se às verdades chamadas primeiras e axiomáticas, então é inútil, visto que estas são intuitivas e evidentes. Não precisam de um método para serem descobertas.

Alega-se a matemática e a astronomia como o domínio exclusivo do método racional. Quanto à primeira, o seu regime nada tem de absoluto, bastando recordar os trabalhos de Gauss, Bolyai e Lobachevsky, que despiram-no de tal caráter, construindo uma geometria fundada em suposições contrárias às de Euclides. Quanto à outra, a experiência não pode ser dela banida, e a isto se devem as brechas por Boucheporn e Tremaux abertas no sistema de Newton.

293 Embora use aspas, Romero não indica nenhuma fonte. Há pelo menos duas possíveis candidatas. A primeira é o texto de Benjamin Rush (1746-1813), “The progress of medicine” [“O progresso da medicina”] (1801), que apontava como uma das causas que retardaram o avanço da medicina “as tentativas feitas para estabelecer práticas regulares [...] baseadas em experiência sem raciocínio e em raciocínio sem experiência” (Rush, 1947, p. 232). Outra possível fonte de Romero é o livro *La nature expliquée par le raisonnement et par l'expérience* [A natureza explicada pelo raciocínio e pela experiência] (1719), de Jean Denyse (1675?-17..?), que foi apresentado no *Journal des Sçavans* [Diário dos Sábios] de setembro de 1719 com as seguintes palavras: “A experiência sem raciocínio é insuficiente para fazer um médico, mas o raciocínio sem experiência é antes um obstáculo do que um suporte para se tornar um” (*Journal des Sçavans*, 1719, p. 267).

A que se dirige a pura experiência empírica? Percebe-se que ela nada pode, fracionando a inteligência humana, e aleijando-a na indagação da verdade.

Nem pode-se, em rigor, conceber e levar a efeito experiência alguma sem, ao mesmo tempo, raciocinar.

O Dr. Pedro Américo perdeu seu alvo; o empirismo de homens como Comte, Darwin... só existe em sua imaginação. Mas eu bem percebo o alcance de considerar-se a experiência como empírica e grosseira, e imaginar-se um processo que receba o belo nome de racional.

O autor deve, sem dúvida, ter ouvido o belga e impertinente Tiberghien. Este senhor entende que a ciência humana ficou enclausurada nos trabalhos de Krause; como Ahrens, seu mestre²⁹⁴, não dá um só passo sem ressuscitar uma passagem do velho e esquecido alemão. Esta gente é, como os espiritualistas da França, toda enamorada das excelências e prerrogativas [vantagens, propriedades especiais] da razão. O nosso²⁹⁵ aí se inscreve.

294 Por “mestre”, Romero se refere a Heinrich Ahrens em relação a Guillaume Tiberghien e, logo em seguida, descreve a ambos como seguidores de Karl Krause – “o velho e esquecido alemão”. No século XIX, as faculdades de Direito do Recife e de São Paulo foram muito influenciadas pelas ideias de Krause, cujos *Elementos de Direito Natural* foram traduzidos para o português e publicados em 1844, em Lisboa. Seu pensamento – que no Brasil também foi popularizado com as obras de Ahrens e Tiberghien – propunha uma visão singular do mundo: o *panenteísmo*. Em tal concepção, Deus era entendido como o Ser absoluto que contém o universo – sem se confundir com ele –, constituindo uma harmonia que se reflete na moralidade, que é a base da ordem jurídica. Discípulo direto de Krause, Ahrens sistematizou essas ideias em seu *Cours de Droit Naturel* [*Curso de Direito Natural*] (1839), obra que se tornou manual essencial nas academias brasileiras. Esforçando-se para difundir o *krausismo*, Ahrens defendia a união entre ética e direito, inspirando juristas como Galvão Bueno, que, em suas *Noções de Filosofia: acomodadas ao sistema de Krause e extraídas das obras filosóficas de G. Tiberghien e Ahrens* (1877), criticou o positivismo de Comte por substituir Deus pela humanidade. Apesar da influência do *krausismo*, muitos de seus seguidores, ironicamente, com o tempo migraram para o positivismo. No entanto, a defesa de um direito natural racional – fundado na justiça e na harmonia entre indivíduo e coletividade – deixou marcas duradouras na formação da cultura jurídica brasileira em uma era de profundas transformações.

295 O nosso: o nosso autor – ou seja, Pedro Américo.

Para ele e companheiros, a inteligência humana é uma coisa curiosa de estudar e contemplar. É um reino encantado, como os dos contos populares, onde uma fada prodigiosa decide, em última instância, as questões pendentes. Abaixo dela jazem prostrados pobres e diminutos vassalos que nada podem fazer sem seu socorro e proteção. É o último requinte do dualismo²⁹⁶!

Além de uma alma e um corpo, de uma força vital e outra intelectual, de uma vida vegetativa e outra consciente, temos nós outros, no entendimento, a inteligência propriamente dita, e a razão!

Esta última tem privilégios extraordinários. O Dr. Pedro Américo é categórico: “proclamam-se – diz ele – os homens especiais como os únicos competentes para decidir sobre as questões de certeza. E esta será firmada em quê? Em quem acreditaremos? Quem, a partir de agora, sustentará o mundo?

“Somente a Razão.

“Sua força, seu poder soberano, sua infalibilidade, desde quando está diante de todos os fatos necessários para pronunciar seus decretos, eis a maior descoberta de todos os tempos, a única que o homem não pode mais dispensar”²⁹⁷.

Nada aí falta para a apoteose [exaltação, endeusamento] da fada sublime, nem a letra maiúscula no princípio de seu nome!

296 Sobre o *dualismo*, conferir a nota 83, no capítulo II.

297 *La science et les systèmes* [1869], p. 60-61 (SR). Na tradução de 2001, p. 49-50. Eis o trecho citado por Romero, que acrescenta o itálico a “La Raison seule” e comete um pequeno deslize na transcrição (que corrigimos na tradução), substituindo “Qui croirons-nous” [“Nós acreditaremos em quem?”] por “Que croirons-nous” [“Nós acreditaremos no quê?”]: “on proclame, les hommes spéciaux les seuls compétents pour décider les questions de certitude. Et celle-ci sur quoi reposera-t-elle ? Que [Qui] croirons-nous, et qui désormais soutiendra le monde ? *La Raison seule*. Sa force, sa souveraine puissance, son infaillibilité dès qu'elle est en présence de tous les faits nécessaires pour prononcer ses arrêts, voilà la plus grande découverte de tous les temps, la seule dont l'homme ne puisse plus se passer”. Reproduzimos a tradução de Gabriel Alves de Oliveira e Maria de Guadalupe Melo Coutinho, descartando o erro de transcrição de Romero (TT&RX).

A maior das descobertas de todos os tempos [seria] uma pretensão que tem feito andar às quedas a filosofia com todas as extravagâncias dos aprioristas²⁹⁸!

Em 1869, justamente no ano em que o nosso filósofo proclamava a infalibilidade da razão e a chamava a maior descoberta de todos os tempos – como se a razão fosse coisa para ser descoberta, qual uma ilha ou uma cadeia de montanhas –, naquele tempo o autor deste ensaio escrevia e publicava as palavras seguintes:

“A razão é, como o cristianismo, uma espécie de Proteu²⁹⁹; é tudo, tudo justifica e tudo combate. É um princípio, uma força com suas concepções *puras*, o *senso do absoluto* para uns; não é autônoma e independente, mas uma simples *face do entendimento* para outros.

“Tida por *impessoal* e eterna, o é também por mutável e *personalíssima*.

“Dir-se-ia que os filósofos não conhecem a arma com que jogam; são como lutadores que se chocam em noite escura com frágeis achas³⁰⁰, julgando brandir heróicas espadas.

“Nada há que mais revele o tom retórico do ecletismo francês do que a sua concepção da razão impessoal.

“Falais em nome de uma autoridade, de um princípio, que o *infinito* imprimiu na alma de todos eterno e luminoso – e como tanto errais...? Como tantas são as contradições da metafísica³⁰¹ que a trazem confusa e desacreditada? É preciso um pouco menos

298 *Aprioristas*: aqueles que adotam argumentos ou princípios *a priori*, ou seja, que não são baseados em fatos ou experiências.

299 Na mitologia greco-romana, Proteu é uma divindade que, além de possuir o dom da profecia, também seria capaz de mudar de forma.

300 *Frágeis achas*: frágeis machados.

301 Sobre a *metafísica*, conferir a nota 37, no capítulo I.

de orgulho e de contrassenso; a filosofia é uma ciência de vitupério [insulto]; as ciências naturais são mais sinceras.

“Deixem tombar na poeira esses cânticos de divinização humana, esses idílioslouvaminheiros³⁰² de razão imortal que exalam bem pesado ridículo. Convencido de sua dignidade natural, o homem não quer mais suportar fantasmas que sua inteligência repele.

“Não possuí essa razão de luzes infinitas porque *infinito* é coisa que ele não sabe ao certo o que seja; não acredita nessa bajulação metafísica, não se julga *divino*, porque, se em nome dessa mesma razão negais tantas vezes a Deus, como lhe quereis conferir este título?

“Toquemos a realidade.

“Temos sim o poder de conhecer as coisas; podemos exigir da natureza que nos revele os segredos, e da história que nos ensine a pensar; podemos interrogar o íntimo nosso porque se agita... mas não passa daí.

“A razão, esse Deus que alguns têm adorado, parece, no exagero em que o empregam, um nome pomposo com que o amor-próprio se decorou. Não passa da simples aptidão do homem para conhecer; não é mais do que a inteligência humana com todos os seus enganos e vacilações, com todas as suas dúvidas e desatinos.

“Se pretendem agora dar esse nome nem mais nem menos do que a esta inteligência, sabe-se então o que ele exprime e pode ser bem aplicado. Se continuam a concedê-lo à faculdade de julgar das causas primeiras e últimas, é absurdo, porque estas causas nos escapam e tal faculdade não existe”³⁰³.

302 *Louvaminheiros*: bajuladores, aduladores, turiferários.

303 Publicado em um periódico da cidade do Recife, quando o autor era ainda estudante da Faculdade de Direito, faz parte da monografia *A Poesia Contemporânea*, que também pertence, como este ensaio, à série “Oito anos de jornalismo” (SR). Apesar de Romero anunciar que a obra seria republicada na série “Oito anos de jornalismo” (como também disse na Nota inicial), a monografia *A Poesia Contemporânea* não chegou a ser reeditada. Vale destacar, no entanto, que um outro texto – de teor diferente, mas também intitulado “A Poesia Contemporânea” – foi publicado nas

Há oito anos, assim me expressava totalmente em desarmonia com o nobre paraibano – que não conhecia – e com os sectários, como ele, da infalibilidade individual de cada homem.

Tratando-se do desenvolvimento da filosofia neste país, não pareceu-me fora de propósito essa citação pessoal, restando-me pedir ao leitor perdão por esse fato não muito de acordo com os hábitos públicos dos escritores. Como se vê, aquilo é um eco da queda do velho *erro antropocêntrico*; eco que me retumbou no espírito pelas doutrinas de Comte de que eu era então sectário exclusivista. Não conhecia Darwin; este conhecimento ainda mais confirmou-me naquele modo de julgar.

Continuemos.

É, como ficou mostrado, numa ideia falsíssima do que seja a razão que o nosso escritor vai buscar as bases para os seus ditos sobre o método.

É ainda uma consequência dela o modo ligeiro e pouco sério por que trata o materialismo.

Essa palavra tem o grande inconveniente de prestar-se a um mau sentido; por isso os sábios alemães – como Büchner e Haeckel, por exemplo – propõem o nome de realismo científico, ou monismo filosófico³⁰⁴. Como quer, porém, que se adote a velha e clássica expressão, deve convir-se que ela não tem o sentido que se lhe dava no século passado [XVIII], e muito menos se confunde com o materialismo

obras completas de Romero (cf. *Literatura, História e Crítica*, 2002, p. 25-35). Porém, trata-se da reprodução do prefácio do livro de poemas *Cantos do Fim do Século* (publicado originalmente em 1878), que teve como primeiro título “A Poesia Hoje” (TT&RX).

304 Büchner, *Kraft und Stoff* [Força e matéria]; Haeckel, *Natürlich Schöpfungsgeschichte* [História da criação natural]. Também Eduard von Hartmann nos seus escritos, como *Wahrheit und Irrthum in dem Darwinismus* [Verdade e erro no darwinismo] e *Die Selbstzersetzung des Christenthums und die Religion der Zukunft* [A autodecomposição do cristianismo e a religião do futuro], apesar de condenar a intuição mecânica do mundo, consigna [emprega] as modernas expressões (SR). Cf. Büchner (1869a), Haeckel (1868) e Hartmann (1875 e 1874). Sobre o *realismo* e o *monismo*, conferir as notas 80 e 79, no capítulo II (TT&RX).

moral. Muito ao longe. Só os tolos e os ignorantes de tudo quanto se tem escrito no mundo da ciência poderão tal acreditar³⁰⁵.

O autor nos fala de *severidades póstumas* que, com um pouco de prudência, se poderiam evitar, e que são o justo castigo das opiniões exclusivas que rejeitam os fatos sem aprofundá-los³⁰⁶.

É justamente a sua posição diante dos nobres propugnadores³⁰⁷ do monismo atual. Se ele, como filósofo, houvesse de chegar a uma muito remota posteridade, teria de sofrer as mesmas severidades póstumas que sofreu Leibniz, repelindo o sistema de Newton.

Não aduz [traz, introduz] um só novo argumento contra a ordem de ideias hoje mais defendidas. Tudo quanto apresenta já foi mil vezes repellido como insignificante, ou como nulo. Ei-lo que nos diz: “se há no mundo uma situação contraditória do pensamento, um estado inexplicável da consciência, é a do sábio que acredita ser juiz da opinião dos outros, negando ao mesmo tempo a razão. Nenhuma desarmonia me parece mais completa, nenhuma discórdia mais profunda, mais estranha, mais dolorosa”³⁰⁸.

Ora, aí está a refutação da sombra, do nada, se é que o nada merece uma refutação.

305 *Poderão tal acreditar*: poderão julgar ou supor isso.

306 *La science et les systèmes* [1869], p. 109 (SR). Na tradução de 2001, p. 88. Eis o referido parágrafo: “Aí estão, sem falar da obstinação dos irmãos Bernoulli em não aceitar a nova descoberta, dois belos gênios, dois espíritos perfeitamente preparados para entender a teoria da gravitação que a expõem, ao contrário, como inútil, como absurda, postando-se assim em contradição com o bom senso a posteridade e merecendo, como o chanceler Bacon, a propósito de sua opinião sobre o sistema de Copérnico, *severidades póstumas* que, com um pouco de prudência, eles teriam certamente evitado. *Castigo justo para opiniões exclusivas, que rejeitam os fatos sem aprofundá-los*. É por esse lado fraco de sua constituição que os gênios mais profundos se antecipam em cavar a ruína de seus sistemas” (itálicos acrescentados para destacar as expressões reproduzidas por Romero) (TT&RX).

307 *Propugnadores*: defensores – literalmente, aqueles que pugnam ou lutam por algo ou alguém.

308 *La science et les systèmes* [1869], p. 111 (SR). Na tradução de 2001, p. 89. Romero cita o trecho em francês com precisão: “s’il y a dans le monde une situation contradictoire de la pensée, un état inexplicable de la conscience, c’est celui du savant qui se croit juge des opinions des autres, tout en niant la raison. Aucune dysharmonie ne me paraît plus complète, aucune discorde plus profonde, plus étrange, plus douloureuse” (TT&RX).

Quem disse ao nosso doutor que alguém nega a razão? O que fazem os pensadores, a quem ele se dirige, é contestar àquela faculdade o caráter de independência e infalibilidade, a atitude de poder supra-humano que os partidários de nosso pintor querem lhe atribuir. Aqueles até conservam o nome; para dá-lo, porém, a uma coisa um pouco diferente; a verdadeira, contudo.

Neste terreno o nosso filósofo pouco mais produz do que declamações. Aí temos uma: “Ora essa! Vocês que desvendaram os segredos do mundo sensível, elevando-se acima dos fatos passageiros, contingentes e fugitivos, os fenômenos, para o fato imóvel e necessário, a lei, vocês só possuem sentidos!”³⁰⁹

O leitor poderia exclamar, se ele também tivesse tentações de falar em mau francês: “Bah ! il s’adresse à des fantômes ! Qui a dit jamais que l’homme n’a que de sens ? Personne, s’il n’est soi le philosophe matérialiste que Monsieur le peintre de Figueiredo e Melo s’imagine pour le bien réfuter...”³¹⁰

O autor não abraça o materialismo por duas razões capitais: 1^a. “nunca conseguiu ele formular contra o livre-arbítrio nenhuma demonstração evidente e completa”; 2^a. “há certos fatos, que reputamos

309 *La science et les systèmes* [1869], p. 111 (SR). Na tradução de 2001, p. 89 – que reproduzimos aqui, substituindo “o Sr.” por “vocês” (dois sentidos possíveis do pronome francês *vous*). Romero cita o trecho em francês, acrescentando uma exclamação logo depois de “Eh”: “Eh !] quoi ! vous qui avez dévoilé les secrets du monde sensible, en vous élevant des faits passagers, contingents et fugitifs, les phénomènes, au fait immobile et nécessaire, la loi, vous n’avez que des sens !” (TT&RX).

310 “Ah! Ele se dirige a fantasmas! Quem é que disse que o homem só possui sentidos? Ninguém, a não ser o filósofo materialista que o Sr. pintor de Figueiredo e Melo imaginou para bem refutá-lo...” Em francês no original, da pena do próprio Romero, que, como observa Luís Washington Vita, usa o idioma como meio de ironizar Pedro Américo. Esses trechos jocosos, no qual Romero se dirige em francês a Pedro Américo, foram-lhe alvo de críticas posteriores. Antônio Herculano de Souza Bandeira Filho, ao falar sobre *A Filosofia no Brasil*, ironizou Romero, dizendo que ele “argumenta em francês macarrônico” (Bandeira Filho, “Uma renovação literária entre nós”, 1879, p. 180). De fato, nesta curta passagem, Romero não só errou na primeira versão do texto, como também na própria errata, que supostamente deveria corrigi-la. No texto impresso na página 64 da edição de 1878, encontramos a expressão “à n’être le faux philosophe” (uma tradução palavra a palavra para o francês de “a não ser o falso filósofo”), que soa um tanto “macarrônica” na língua de Rabelais. Como errata, Romero sugere “s’il n’est soi le philosophe”, não só confundindo o pronome “soi” (equivalente a “si”) com “soit” (“seja”), mas também reproduzindo um estilo nada natural em francês.

como decisivos, certos traços eminentes do pensamento que parecem absolutamente inexplicáveis na hipótese materialista; tais são, por exemplo, a identidade pessoal, atestada pelo fato do raciocínio, da memória e da responsabilidade, e a unidade do pensamento, atestada pelo julgamento e pela comparação³¹¹.

É evidente que o Dr. Pedro Américo não é bastante lido³¹² no que, já no tempo em que escreveu sua tese, circulava na Inglaterra e na Alemanha sobre filosofia. Ele não conhecia então Spencer e Bain, por exemplo, cujos principais trabalhos já eram de vulgar notícia³¹³ na França e na Bélgica, onde o nosso patricio tem, por vezes, residido. Diz que nunca se formulou nada de positivo contra o livre-arbítrio... Primeiramente, cumpre ponderar-lhe que não é um atributo especial do materialismo científico a negação em absoluto da vontade livre; depois, para não citar outro nome a não ser o de um grande espírito do país, onde o Dr. Pedro Américo defendeu teses – e que era de supor que conhecesse –, eu o envio para a *Física social*, de Quetelet³¹⁴.

É verdadeiramente espantoso que o nosso digno patricio tenha vivido na Bélgica e, na qualidade de naturalista, qual declara sê-lo, não tenha notícia dos trabalhos de Quetelet, um homem que com Laurent são os únicos daquela nação que merecem uma justa nomeada³¹⁵ europeia.

311 *La science et les systèmes* [1869], p. 117-118 (SR). Na tradução de 2001, p. 94-95. Romero cita o trecho alterando apenas a pontuação e descartando uma ocorrência de “en effet”. Eis a citação original: [1ª.] “jamais il n’a réussi à formuler contre le libre arbitre aucune démonstration évidente et complète”; [2ª.] “il y a [en effet] certains faits, décisifs selon nous, certains caractères éminents de la pensée qui paraissent absolument inexplicables dans l’hypothèse matérialiste ; tels sont par exemple l’identité personnelle, attestée par le fait du raisonnement, de la mémoire et de la responsabilité, et l’unité de la pensée, attestée par le jugement et la comparaison” (TT&RX).

312 Não é bastante lido: não leu o bastante.

313 Já eram de vulgar notícia: já eram bem conhecidos.

314 Referência à obra *Physique sociale – ou essai sur le développement des facultés de l’homme* [*Física social – ou ensaio sobre o desenvolvimento das faculdades do homem*], publicada originalmente em 1835. Cf. Quetelet (1869).

315 Nomeada: boa reputação, prestígio.

Quanto ao segundo motivo formulado contra a verdade, e tomado ao pobre livrinho de Janet sobre o materialismo contemporâneo³¹⁶, a identidade pessoal, eu o julgo tão nulo que só faço ao escritor duas ligeiras perguntas: estará bem certo o digno brasileiro de que nos fatos intelectuais que se sucedem no homem, e constituem a sua personalidade, há perfeita identidade, ou simples permanência dos caracteres essenciais?

Por outro lado, esta permanência não será também uma verdade aplicável às qualidades da matéria que o constitui? *Es ist wahr die Schwierigkeit [A dificuldade é um fato]*³¹⁷.

Não me quero despedir do digno escritor, que por seu pincel é, na hora atual, uma das celebradas glórias do Brasil, sem dar-lhe toda a atenção que nos merece. O seu estilo reclama uma nota. É bem verdade o dizer-se que raramente dois grandes talentos nas artes se acham reunidos. Este cultor [cultivador] da plástica é um mau prosista; seu estilo é frouxo e palavroso. O leitor inteligente julga-lo-á por uma passagem. Falando de certa classe de filósofos, exclama:

“A natureza jogou a seus pés seus tesouros incomparáveis, suas criações inumeráveis, tudo confusamente, sem ordem, sem harmonia, sem unidade: vocês separaram, agruparam, classificaram, rejeitaram, escolheram, julgaram e vocês negam a faculdade soberana que separa, classifica, julga e escolhe! E muito mais: a verdade estava escondida e vocês foram achá-la e torná-la palpável por meio da demonstração; presos à Terra, gota resfriada que gira em torno de uma fagulha, míseros como um ponto, vocês criaram o telescópio e passearam os seus olhos ávidos de ciência pelas profundezas dos espaços ilimitados; vítimas da ilusão de seus olhos, vocês criaram a matemática, ciência da certeza, e calcularam sua ilusão; espectadores de um instante,

316 Referência à obra de Paul Janet, *Le matérialisme contemporain en Allemagne – examen du système du docteur Büchner* [O materialismo contemporâneo na Alemanha – exame do sistema do doutor Büchner] (cf. Janet, 1864).

317 Em alemão no original. Outra tradução possível: “É verdadeira a dificuldade”.

vocês suprimem os séculos, desmentem a sucessão dos fatos e vão contemplar, pela imaginação, a formação dos sistemas e a ruína dos mundos, a combinação e o movimento primitivo dos átomos, a separação das massas, a elevação das montanhas, o aparecimento da vida e a transformação dos organismos! Na verdade, vocês não são menos incompreensíveis que Fídias ou Milton, se eles tivessem afirmado que o homem não tem imaginação; vocês não são menos incompreensíveis que um juiz que negasse sua própria consciência”³¹⁸.

As observações que aí ficam sobre o Dr. Pedro Américo, na sua qualidade de filósofo e escritor, não afetam a sua reputação de rei do pincel, se realmente ele o é. Se o nome do magno pintor, por seus trabalhos – que não tenho a felicidade de conhecer todos, como já o disse –, chegar a uma muito remota posteridade, parece-me certo que nos raios de sua glória não se contará um só devido ao seu mérito como pensador.

Ora, é por este lado que o tenho apreciado. Rafael também deixou escritos; mas ninguém deles hoje se lembra diante de seus quadros.

318 *La science et les systèmes* [1869], p. 111-112 (SR). Na tradução de 2001, p. 89-90. Romero cita o trecho em francês: “La nature a jeté à vos pieds ses incomparables trésors, ses créations sans nombre, le tout pêle-mêle, sans ordre, sans harmonie, sans unité : vous avez séparé, groupé, classé, rejeté, choisi, jugé et vous niez la faculté souveraine qui sépare, classe, juge et choisit ! Bien plus : la vérité était cachée et vous l’avez saisie et rendue palpable au moyen de la démonstration ; enchaîné sur la terre, goutte refroidie qui tourne autour d’une étincelle, chétif comme un point, vous avez créé le télescope et promené vos regards, avides de science, dans la profondeur des espaces illimités ; victime de l’illusion de vos yeux, vous avez créé la mathématique, science de la certitude, et calculé votre illusion ; spectateurs d’un instant, vous supprimez les siècles, démentez la succession des faits et allez contempler, par l’imagination, la formation des systèmes et la ruine des mondes, la combinaison et le mouvement primitif des atomes, la séparation des globes, le soulèvement des montagnes, l’apparition de la vie et la transformation des organismes ! En vérité vous n’êtes pas moins incompréhensibles que Phidias ou Milton, s’ils avaient soutenu que l’homme n’a pas d’imagination ; vous ne l’êtes pas moins qu’un juge qui nierait sa propre conscience”. Reproduzimos a tradução de Gabriel Alves de Oliveira e Maria de Guadalupe Melo Coutinho, fazendo algumas alterações, que se devem principalmente à interpretação do ambíguo pronome francês “vous”, que pode designar tanto um pronome de tratamento – “a Sra.” ou “o Sr.”, como entenderam os tradutores de Pedro Américo – ou a segunda pessoa do plural – “vós” ou “vocês”, como preferimos. Como o próprio autor usa o “vous” ora associado ao singular – como “enchaîné sur la terre [...] vous avez créé” (“preso à Terra [...] o Sr. criou”) –, ora associado ao plural – como em “vous n’êtes pas moins incompréhensibles” (“vocês não são menos incompreensíveis”) –, optamos por dar um padrão à tradução da passagem usando sempre “vocês” (TT&RX).



Américo, Pedro. *Batalha do Avaí*. 1872-1877. Óleo sobre tela, 6 x 11m.



Américo, Pedro. *A carioca*. 1882. Óleo sobre tela, 205,5 x 134 cm.

VII. LUIZ PEREIRA BARRETO (1840-1923)³¹⁹

Falta-nos agora apreciar os quatro espíritos brasileiros de mais saliente cunho³²⁰ neste século [XIX]. Estamos em boa companhia; minha pena não deve mais agitar-se trêmula sobre o papel; ideias amigas lhe darão suave curso.

O Dr. Luiz Pereira Barreto, médico paulistano, é o primeiro que o leitor vai ver passar ante olhos³²¹. Sua obra, a julgar pela data do primeiro volume, deve ser estudada antes dos *Ensaio e estudos de filosofia e crítica* do Dr. Tobias Barreto de Menezes, divulgados um ano após. Esta não é, porém, a razão da antecedência que lhe é dada. O motivo da época desapareceria, ponderando-se que os ensaios filosóficos do último escritor, antes da tentativa de reuni-los em volume, saíram impressos em jornais e periódicos de Pernambuco desde 1868.

Na ordem cronológica, o Dr. Tobias, como escritor, é de fato anterior ao Dr. Pereira Barreto, ao Sr. Visconde do Rio Grande e ao Dr. Guedes Cabral. Devia vir antes. Como, entretanto, a evolução do sergipano tem sido complicada e longa, e como, sobretudo, na ordem do desenvolvimento das ideias, acha-se atualmente além dos três apontados, não deixa de ter fundamento deixá-lo para o fim.

319 *As três filosofias*, pelo Dr. Luiz Pereira Barreto, 1º volume, Rio de Janeiro, 1874, e 2º volume, Jacareí, Província de São Paulo, 1877. Depois de escrito este trabalho, é que apareceu o 2º volume; este capítulo foi, por isso, reformado (SR). Mais recentemente, ambos os volumes foram publicados em edições organizadas por Roque Spencer Maciel de Barros: o primeiro – *Filosofia teológica* – faz parte das *Obras filosóficas de Luís Pereira Barreto*, v. I (1967); e o segundo volume – *Filosofia metafísica* – corresponde ao volume II das *Obras filosóficas de Pereira Barreto* (2001). Como não tivemos acesso à primeira edição das obras de Pereira Barreto, comparamos as citações feitas por Romero com o texto dessas edições (TT&RX).

320 *De mais saliente cunho*: de caráter mais elevado.

321 *Ante olhos*: diante de seus olhos.

O Dr. Pereira Barreto é um *comtista* ferrenho que, como o mestre, quer até reformar o calendário³²². O Dr. Guedes Cabral e o Sr. Visconde do Rio Grande são *darwinistas* pronunciados, que supõem, talvez, para sempre encadeada a verdade nas dobras do seu sistema.

Não serei eu que venha desdenhar das inapreciáveis vantagens que trouxe à filosofia a doutrina de Augusto Comte, o primeiro espírito francês deste século [XIX]. Há, porém, na grande obra do insigne [ilustre] pensador, ideias completamente inaceitáveis e perigosas para a ciência.

Outro tanto³²³, não serei eu que desconheça as nobres e salutaríssimas³²⁴ verdades que Darwin e Haeckel atiraram ao mundo; antes lhes rendo inteiro culto. Mas, em todo caso, o darwinismo³²⁵ tem ainda um pequeno lado sistemático – e contra os *sistemas*, isto é, contra a prisão *simétrica* da verdade deve a ciência premunir-se³²⁶.

322 O seu primeiro livro é datado de Jacarei em 18 de César de 86 (10 de maio de 1874) (SR). O chamado *Calendário Positivista* – ou *Sistema geral de comemoração pública, destinado sobretudo à transição final da grande república ocidental, formada pelas cinco populações avançadas, francesa, italiana, espanhola, germânica e britânica* [em francês, *Calendrier positiviste, ou Système général de commémoration publique, destiné surtout à la transition finale de la grande république occidentale formée des cinq populations avancées, française, italienne, espagnole, germanique, et britannique*] foi publicado por Comte originalmente em 1849 (ou no ano 61, segundo o calendário). O calendário positivista tem como início – ou ano 1 – o ano de 1789 do calendário gregoriano, no qual ocorreu a Revolução Francesa. Conservando a mesma duração de 365 dias – e também os anos bissextos –, os anos do calendário positivista possuem uma semelhança essencial com o chamado *calendário maia*, a saber, que ambos são compostos de 13 meses de 28 dias (divididos em quatro semanas de 7 dias), além de mais um dia ou dois (em anos bissextos). A evolução dos meses no calendário positivista pretende representar uma evolução da história (predominantemente europeia) com os seguintes momentos: 1. Moisés; 2. Homero; 3. Aristóteles; 4. Arquimedes; 5. César; 6. São Paulo; 7. Carlos Magno; 8. Dante; 9. Gutenberg; 10. Shakespeare; 11. Descartes; 12. Frederico II; 13. Bichat. Uma edição francesa de 1852 (ou 64) do *Calendário Positivista* está disponível em: <<https://bit.ly/3VVbBYM>>, acesso em: 25 mar. 2025 (ou 28 de Aristóteles de 237) (TT&RX).

323 *Outro tanto*: do mesmo modo, de igual maneira.

324 *Salutaríssimas*: extremamente saudáveis.

325 De modo conciso, Houaiss (2025) define o *darwinismo* como a “teoria evolucionista fundamentada nas ideias do naturalista inglês Charles Robert Darwin (1809-1882), na qual são propostos mecanismos baseados na seleção natural, para explicar a origem, a transformação e a perpetuação das espécies ao longo do tempo”.

326 *Premunir-se*: precaver-se, munir-se de antemão.

Valiosíssimos foram os serviços prestados por tão notáveis escritores do Velho Mundo, apreciáveis são os trabalhos dos seus adeptos brasileiros; mas compreendo, em prol da filosofia, um modo de ver e de julgar superior aos sistemas, um espírito crítico e científico, que, aceitos os fatos demonstrados por Comte, por Darwin, por Pouchet e por outros, os utilize, rejeitando as hipóteses improvas e a *regularização caprichosa* da verdade.

O Dr. Tobias Barreto parece tender para este escopo; eis porque, na ordem lógica, deve ser colocado num ponto superior da escala da evolução.

Peguemos o livro do distinto paulistano³²⁷.

As três filosofias devem ser três volumes; possuímos os dois primeiros: *Filosofia teológica* e *Filosofia metafísica*³²⁸.

O seu autor, ao que parece, não quis fazer mais do que um trabalho de popularização; os volumes, que temos, são um apanhado da doutrina positiva; são claros e regulares. Ali, porém, não há originalidade alguma; o médico brasileiro cingiu-se³²⁹ por demais aos seus mestres e copiou-lhes até bons pedaços, como, com razão, já lhe foi censurado.

Existe, em compensação, grande cópia [abundância] de vistas [teorias] e juízos seguros e aproveitáveis no modo de encarar o autor as coisas do Brasil, o que é assaz [bastante] meritório³³⁰.

327 Embora tenha nascido na cidade de Resende, no Rio de Janeiro, Pereira Barreto tornou-se uma figura proeminente da sociedade paulista (nem sempre vivendo na capital, como sugere o termo escolhido por Romero) e sendo, entre outras coisas, nomeado patrono da cadeira nº 1 da Academia de Medicina de São Paulo.

328 Como bem observa Vita, embora a obra se chame *As três filosofias*, Luiz Pereira Barreto não chegou a publicar o terceiro volume. Em seu *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, porém, Sacramento Blake supõe como existente o terceiro volume – *Positivismo* –, descrevendo-o do seguinte modo: “Não pude ver este livro. Sei, porém, que é um livro de propaganda”.

329 *Cingiu-se*: incorporou, “vestiu a camisa”.

330 *Meritório*: digno de mérito ou apreço.

Por este lado é que pode ser estudado; a análise deve ir tocar no que é próprio, no que é individual ao autor. Não quer isto dizer que inauferíveis³³¹ e estupendas descobertas fossem agora, pela vez primeira, desvendadas ao público brasileiro sobre a nossa história intelectual e política. Deve ali de preferência ser meditado, repito, por ser aquela a parte especial do livro, cuja face geral é melhor ser consultada nos grandes mestres da escola, e neles ser julgada. Esta última parte obriga, porém, a atenção, antes de passar-se à outra.

Eu disse, algumas linhas atrás, que a doutrina de Augusto Comte trouxe inapreciáveis [inestimáveis] vantagens à filosofia, mas que, no grande todo, depara-se com ideias inaceitáveis e perigosas para a ciência.

Tal é. O positivismo³³² é um fecundo sistema, no caso de alguns outros que têm havido. Por mais que se esforcem os seus discípulos, na hora atual, para colocá-lo ao nível dos últimos avanços do espírito, é sempre verdade que o grande edifício já nos fica pelas costas. Vamos para adiante. Julgo-me, seja dito de passagem, com plena isenção de espírito para apreciá-lo; outrora seu sectário, na ramificação dirigida por Émile Littré, só o deixei quando livros mais desprevenidos³³³ e fecundos me chegaram às mãos. Comte só foi largado por amor a Spencer, a Darwin, a Haeckel, a Büchner, a Vogt, a Moleschott, a Huxley e, ainda hoje, o lado inatacável – aquilo que sempre restará de sua brilhante organização filosófica – me prende completamente.

O positivismo é um dos grandes sistemas de filosofia que, neste século [XIX], tem sofrido mais desajuizadas censuras. As críticas infundadas, os esconjuros [impropérios, ultrajes] e anátemas [reprovações, maldições] lhe têm vindo de muitos lados. Em regra,

331 *Inauferíveis*: imprescindíveis. Na definição de Moraes Silva (1823), *inauferível* é aquilo “que não se pode tirar; de que ninguém se pode privar, ou ser privado”.

332 Sobre o *positivismo*, conferir a nota 275, no capítulo VI.

333 *Desprevenidos*: isentos de preconceitos.

porém, é possível dividir-lhe os adversários em duas categorias: os oriundos da ignorância e dos prejuízos [preconceitos] teológicos e metafísicos³³⁴, e os firmados na ciência despreocupada³³⁵. Entre os primeiros, contam-se Eugène Poitou, Adolphe Franck, François Guizot, Charles Secrétan, Louis Reybaud...; no número dos segundos³³⁶ avistam-se os sete sábios acima lembrados.

Esta distinção é capital.

Se daqueles os golpes não são muito para temer, não sê-lo-ão igualmente os ataques dos últimos? É o que uma análise sincera, ainda que rápida, pode bem demonstrar.

Dizia Stuart Mill que dois modos capitais têm havido de julgar-se a obra de Augusto Comte: achar boa a organização e maus os detalhes, ou vice-versa, reconhecer um grande número de ideias de detalhe como profundas e como mau julgar o grande todo³³⁷.

O insigne pensador inglês inclina-se para este último modo de pensar. Não me parece bem acertada semelhante distinção; no majestoso *Cours de philosophie positive* [*Curso de filosofia positiva*], há defeitos e acertos no plano geral; há defeitos e acertos nos detalhes.

Entre os úteis serviços prestados por Comte à filosofia, destacam-se, a meu ver, os seguintes:

334 Sobre a *metafísica*, conferir a nota 37, no capítulo sobre Mont'Alverne.

335 *Despreocupada*: livre de preconceitos.

336 *No número dos segundos*: entre os segundos.

337 Mill, *Auguste Comte et le positivisme* [*Augusto Comte e o positivismo*], tradução francesa, prólogo (SR). Embora Romero se refira a um prólogo, a obra de Stuart Mill é composta apenas por duas grandes partes. O trecho em questão, então, corresponde a uma passagem das primeiras páginas do livro. No original: "Instead of recognizing, as in the *Cours de philosophie positive*, an essentially sound view of philosophy, with a few capital errors, it is in their general character that we deem the subsequent speculations false and misleading, while in the midst of this wrong general tendency, we find a crowd of valuable thoughts, and suggestions of thought, in detail" ["Em vez de reconhecer, como no *Curso de filosofia positiva*, uma visão essencialmente sólida da filosofia, com alguns poucos erros capitais, é em seu caráter geral que consideramos as especulações subsequentes falsas e enganosas, ainda que, no meio desta tendência geral equivocada, nós encontremos, em detalhe, uma multidão de sugestões e pensamentos valiosos"] (Mill, 1865, p. 5) (TT&RX).

A excelente classificação das ciências, superior às propostas por Ampère e por Spencer. O grande pensador classificou-as pela ordem natural, a ordem do desenvolvimento. Três são os princípios fundamentais de tal trabalho: 1º) os fenômenos se desenvolvem na ordem de sua complexidade crescente, e de sua generalidade decrescente; 2º) cada ordem de fenômenos, exigindo induções que lhe são próprias, só pode tornar-se sistemática sob o impulso dedutivo resultante de todas as ordens menos complicadas; 3º) as ciências mais especiais e mais complexas requerem não só as verdades das ciências mais simples, como também seus métodos³³⁸. Firmado nestas bases, o sábio francês classificou as ciências em matemática, astronomia, física, química, biologia e sociologia. Tudo é bem deduzido; há, porém, aí um pequeno defeito de detalhe. Comte desdenhou inteiramente dos trabalhos psicológicos e estabeleceu um hiato entre a biologia, como ele a encarava, e os estudos sociológicos. Foi levado a este passo pelo modo anticientífico pelo qual foi tratada até seu tempo a ciência dos fenômenos cerebrais³³⁹.

De igual anátema feriu ele a lógica, a economia política e a medicina. Entretanto, estas ciências, evitando, cada vez mais, os processos e aberrações metafísicas, vão tocando no terreno dos fatos positivos e se constituindo em aproveitáveis estudos. Pelo que toca à psicologia, em particular, os progressos da psicofísica não permitem mais um semelhante abuso³⁴⁰.

338 Zaborowski-Moindron, *De l'ancienneté de l'homme* [Sobre a antiguidade do homem] [1874], prefácio, p. XXXIV-XXXV (SR).

339 Idem, *ibid.*, p. XLIII (SR).

340 Veja-se sobre a classificação das ciências de Comte e a de Spencer: Alexander Bain, *Logique déductive et inductive* [Lógica dedutiva e indutiva], tradução de Gabriel Compayré, v. I, apêndice A; o já citado Zaborowski-Moindron, *op. cit.*, prefácio. Sobre a psicofísica, [ver]: Joseph Delbœuf, *La psychologie comme science naturelle* [A psicologia como ciência natural], e Wilhelm Wundt, *Grundzüge der physiologischen Psychologie* [Fundamentos de psicologia fisiológica] (SR). Cf. Bain (1875), Zaborowski-Moindron (1874), Delbœuf (1876) e Wundt (1874) (TT&RX).

A ideia de sujeitar a filosofia aos fatos demonstrados pelas outras ciências, elevando-a ao caráter de ciência geral, incumbida de preparar a intuição do mundo, o que é um resultado da classificação, que o leitor já conhece, é um não menor título do sistema que analisamos. Ficaram, assim, de uma vez por terra, os métodos *a priori*, os fatos improvados, as conclusões arbitrárias, e a filosofia, sob a tutela das ciências de observação, pisou no solo das verdades demonstráveis.

A declaração devia, porém, ter sido mais formal e completa, indicando como alvo supremo, para onde vamos caminhando, a supressão futura de semelhante ciência, por inútil. O estado atual de fracionamento de nossos conhecimentos exige esta recapitulação de todos eles, como um estudo à parte. É de esperar que o progresso permita esta síntese sem as dificuldades, hoje existentes, e sem o recurso indébito [indevido] a uma má organização científica particular.

É também um grande mérito do positivismo o ter abraçado – e ajudado a desenvolver e a propagar – os quatro princípios fundamentais do monismo³⁴¹ contemporâneo: a relatividade, a imanência, a evolução e a unidade dos seres. Estes elementos indispensáveis à ciência de nossos dias não foram descobertos por Comte. Ele os aceitou e é, por isso, um benemérito³⁴² do pensamento livre³⁴³.

Mas o que é altamente duradouro e inapreciável na obra do reformador vem a ser a sua lei da história, a lei dos três estados: teológico, metafísico e positivo.

Esta classificação é de todo o ponto superior à de seu mestre Saint-Simon e à proposta por seu discípulo Émile Littré.

341 Sobre o *monismo*, conferir a nota 79, no capítulo II.

342 *Benemérito*: bem-aventurado, indivíduo que, por suas contribuições, é merecedor de louvores.

343 Veja-se sobre os princípios fundamentais da ciência de hoje, François Huet, *La révolution philosophique au XIX^e siècle* [A revolução filosófica no século XIX] (SR). Cf. Huet (1871) (TT&RX).

Têm-lhe feito críticas que, em geral, pecam pela base, e se acham de antemão refutadas no grande *Curso [de filosofia positiva]*. As duas principais são: que os três estados ainda hoje coexistem e não são, portanto, sucessivos; também que, sobretudo em alguns países, não se pode aplicar a tríade histórica.

Guizot, o historiador e parlamentar francês, patrocinou com incrível levandade a primeira destas censuras³⁴⁴.

O próprio Comte estranhou semelhante disparate. O fato da coexistência limitada desaparece diante da verdade do predomínio deste ou daquele estado.

A outra objeção vemo-la repetida pelo próprio Wyruboff, colaborador de Émile Littré.

Segundo o ilustre russo, aquela grande lei histórica não tem aplicação para alguns povos, como os orientais, e a sua própria nação³⁴⁵.

Parece-me que o moscovita errou seu tiro; as considerações históricas de Comte se referem ao que ele chamava *a nossa civilização ocidental*. Um exame, além disso, aprofundado das sociedades

344 François Guizot, *Méditations et études morales [Meditações e estudos morais]*, artigo sobre o positivismo (SR). Cf. Guizot (1852). Ainda que Romero mencione um artigo sobre o positivismo, não há no livro de Guizot nenhum capítulo que use o termo em seu título. Possivelmente, Romero se refere ao capítulo “De l’éducation progressive au cours de la vie” [“Sobre a educação progressiva ao longo da vida”]. (TT&RX).

345 *Revue de philosophie positive [Revista de filosofia positiva]*, julho a agosto de 1873, citada por Zaborowski-Moindron, *loco cit.* (SR). No texto ao qual Romero se refere, Zaborowski-Moindron cita algumas linhas de Wyruboff, declarando logo em seguida que este havia provado que “a lei dos três estados não seria aplicável às sociedades orientais” (Zaborowski-Moindron, 1874, p. XII). Embora não corresponda à mesma passagem citada, o seguinte trecho do texto de Wyruboff sintetiza ainda melhor a sua conclusão: “meu objetivo ao escrever este artigo é o de mostrar que a marcha das civilizações é infinitamente mais complexa do que supunha o Sr. Comte, e que cada grupo de povos ou, mais exatamente, cada raça tem a sua maneira própria de conceber o universo e modificar essa concepção; e eu sustento que nenhuma das religiões do Extremo Oriente está sujeita à lei dos três estados, tal como ele [Comte] a formulou” (Wyruboff, “Les civilisations de l’extrême Orient sont-elles soumises à la loi de trois états ?” [“As civilizações do Extremo Oriente estão sujeitas à lei dos três estados?”], 1873, p. 29) (TT&RX).

orientais não se recusa a provar que elas hão vivido³⁴⁶ em pleno estado teológico, apenas perturbado por algumas tendências evidentemente metafísicas.

Da lei dos três estados se deduz logicamente a guerra – respeitosa aliás – que é aberta contra os processos das duas filosofias anteriores, e a preconização³⁴⁷, nunca assaz [suficientemente] aplaudida, do método e tendências positivas.

Estas qualidades constituem o lado inatacável do sistema; por aí ele se prende e se confunde com o realismo³⁴⁸ científico contemporâneo, e é plenamente aceito pelos últimos corifeus [expoentes, representantes máximos] do pensamento.

Tem, porém, graves pecados, que agora cumpre desnudar³⁴⁹. No que possui de fecundo, vemo-lo patrocinado por Mill, Buckle, Spencer, Bain e Büchner, nobres pensadores a quem os fanáticos e maus discípulos de Comte, em sua degeneração, ousam, não poucas vezes, taxar de *metafísicos*!

Ouçamos o Dr. Ludwig Büchner. Depois de falar dos desvarios da teologia, diz-nos: “A metafísica é, sobretudo, falsa e má nas aplicações à religião, à filosofia, à ciência e aos atos ordinários da vida. O emprego que dela se fez outrora pode ser explicado e justificado pelo fato de corresponder a um estado infantil e embrionário da inteligência humana. Esta fase está hoje completa. Neste sentido pode-se, como praticou o filósofo francês Augusto Comte, designar os tempos passados como estados da ciência teológica e metafísica,

346 *Hão vivido*: viveram, têm vivido.

347 *Preconização*: exaltação, enaltecimento – literalmente, declaração feita por um cardeal que atesta que determinado membro do clero possui as qualidades necessárias para se tornar bispo.

348 Sobre o *realismo*, conferir a nota 80, no capítulo II.

349 *Que agora cumpre desnudar*: que agora é preciso revelar.

que devem ser considerados como épocas de transição para chegar ao nosso tempo de filosofia positiva”³⁵⁰.

Entre os erros do positivismo, a meus olhos, destacam-se dois capitais; duas falsas apreciações, que importam [trazem em si], ao mesmo tempo, duas graves injustiças: o considerar o espírito crítico como um dado da metafísica e o perdurar em tachar o materialismo de errôneo e igualmente pertencente a esta fase anterior.

O primeiro desses enganos é fácil de mostrar. O espírito crítico não é uma doutrina, nem uma filosofia. Ele coexiste sempre ao lado do sistema predominante de ciência em um tempo dado. É assim que junto ao politeísmo derrotou o fetichismo, incorporado ao monoteísmo matou a doutrina politeica [politeísta]. Junto à metafísica bateu a teologia; aliado ao positivismo destruiu a metafísica. O espírito crítico é uma necessidade permanente e fundamental do pensamento, é uma condição da luta pela vida na esfera das ideias.

É ele que, na hora atual, apenso [ligado] ao realismo monístico, despede [desfere, dá] sérios golpes na ortodoxia comtesca³⁵¹. Sem dúvida, houve uma crítica, e ainda ela existe, puramente metafísica, do mesmo modo que houve uma totalmente teológica. Mas é preciso

350 *Kraft und Stoff* [Força e matéria], prefácio à 9ª edição, carta ao diretor do *Liberio Pensiero* (SR). A tradução da passagem é do próprio Romero, que muito provavelmente se amparou na edição francesa (Büchner, 1869b). Assim como o tradutor francês, Romero verte “Übersinnlichkeit” como “metafísica” – e não como “o sobrenatural” ou “a suprassensibilidade”, como seria conceitualmente mais adequado. A inconsistência de tal tradução fica clara quando se observa, na mesma passagem, o uso da expressão “ciência metafísica” (“metaphysischen Wissenschaft”). Eis o trecho original, com a ortografia atualizada: “Übersinnlichkeit dagegen ist überall falsch und vom Übel, mag sie sich in Religion, Philosophie, Wissenschaft oder im Treiben des täglichen Lebens geltend machen. Erklärt oder entschuldigt kann sie für frühere Zeiten nur damit werden, dass sie eben einen Bestand der Kindheit oder Unfertigkeit im geistigen Dasein der Menschheit bezeichnet, welcher jetzt sein Ende erreicht hat. In diesem Sinne kann man, wie es der französische Philosoph Comte getan hat, diese hinter uns liegenden Zeiten als die Stadien der theologischen und metaphysischen Wissenschaft bezeichnen, welche nur als Vorstufen oder Durchgangspunkte für die heutige oder positive Philosophie zu betrachten sind” (Büchner, 1869a, p. LXXXVIII-LXXXIX) (TT&RX).

351 À diferença do termo *comtista* – usado por Romero com relativa neutralidade –, o adjetivo *comtesca* aparece duas vezes neste capítulo com uma carga pejorativa em relação a uma parte dos seguidores das ideias de Comte, ironicamente chamados na sequência do texto de “seita comtesca”.

distinguir entre a crítica e o espírito crítico; este permanente, indispensável e indestrutível, e aquela sujeita, por sua vez, à lei dos três estados.

Hoje a crítica deve ter um caráter positivo, e todo o trabalho de Comte o prova de sobejo³⁵². Sem o espírito crítico não poderia ele ter feito uma tão notável revolução no modo de considerar a história.

Deste erro capital apontado se deduz a falsa ideia do filósofo sobre a *luta* na vida; seu sonho da criação de uma autoridade central do pensamento moderno, que lhe trouxesse a *paz*.

Como autor de um sistema de reação contra os desmandos e dissensões metafísicas existentes em seu tempo, o francês quis podar a ciência, declarando fora de seu alcance um bom número de questões. Foi levado também a pretensões gratuitas³⁵³.

De seu falso modo de julgar o espírito crítico decorre também evidentemente o modo leviano por que alguns discípulos falam da crítica histórica e religiosa alemã. Para eles, com o nosso Pereira Barreto no centro, foi o mestre que instituiu o modo honroso de tratar o passado na história!

Cumprir que se desconheça totalmente a ciência crítica de além-Reno³⁵⁴ para avançar juízos daquela ordem. Os homens de cultura sabem todos, exceto tais positivistas, que a ciência mitológica, religiosa e histórica nas mãos dos Kreuser, dos Bauer, dos Otfried Müller, dos Ewald, dos Strauss e dos Mommsen era toda respeitosa e admiradora do passado, muito antes de lhe haver chegado aos ouvidos

352 *De sobejo*: abundantemente.

353 Veja-se Nicola Marselli, *La scienza della storia* [A ciência da história], no belo capítulo sobre Comte (SR). Cf. Marselli (1873, p. 276-313). Por "gratuitas", Romero se refere às pretensões de Comte que lhe parecem *infundadas* ou *sem justificativa* (TT&RX).

354 *A ciência crítica de além-Reno*: a ciência crítica alemã. Vale lembrar que, do ponto de vista de um habitante da França, a Alemanha está depois (ou além) do rio Reno.

o nome de Augusto Comte. O *voltairianismo*³⁵⁵ do século XVIII, havia muito, estava batido e reformado, quando o comtismo³⁵⁶ apareceu.

O outro – e mais terrível – erro do sistema está em repelir o materialismo, sob o pretexto de metafísica.

Não deixa de causar certa impressão fortemente cômica ver um epígono³⁵⁷, como o Dr. Luiz Barreto, chamar a homens como Darwin, Haeckel, Moleschott... os mestres da ciência europeia, de *metafísicos*!

Este epíteto, aliás, nada exprime, sendo por eles próprios atirado de uns contra os outros. O positivismo está muito longe de ser uma doutrina compacta e, por seus adeptos, seguida sem contestação. Há entre estes profundas e insanáveis divergências.

Pierre Laffitte, que dirige o grupo dito ortodoxo, chama a Littré e consócios [colegas] de metafísicos... Afinal, os discípulos de Comte não sabem mais o que significa tal palavra³⁵⁸. Eles se estão dilacerando.

Um fato é para assinalar-se: ao passo que a doutrina darwinica e o realismo em geral contam tantos e tão grandes vultos na atualidade, o positivismo, sistema truncado que degenerou em teologia com a sua *Religião da Humanidade*³⁵⁹, só um espírito de primeira ordem até hoje conta: o próprio Augusto Comte.

355 *Voltairianismo*: movimento filosófico inspirado pelas ideias de Voltaire, marcado pelo ceticismo religioso e pela defesa da supremacia da razão contra as crenças em forças sobrenaturais.

356 *Comtismo*: doutrina ou sistema filosófico atribuído a Auguste Comte e seus sucessores.

357 *Epígono*: imitador, seguidor. Literalmente, um *epígono* é um descendente, alguém da geração seguinte e, por extensão, um discípulo ou continuador de um artista ou pensador. Romero, então, censura o fato de que Pereira Barreto, enquanto um [mero] seguidor [de Comte e do positivismo], critique os pensadores mencionados na sequência do texto.

358 Sobre o estado de dissidência e a falsa posição do positivismo em face do realismo monístico, pode ser consultado o magnífico prefácio, já citado, de Zaborowski-Moindron (SR).

359 A chamada *Religião da Humanidade* é uma doutrina religiosa elaborada por Augusto Comte. Como destaca o portal Templo da Humanidade – criado por seus adeptos no Brasil –, “trata-se de uma religião agnóstica, não transcendental, fundamentalmente humana, onde se presta homenagem aos homens e mulheres cujo talento e pensamento marcaram a Humanidade” (Templo da Humanidade, 2025).

É verdade que, às vezes, os sectários do decaído sistema pretendem chamar para seu lado a Spencer, Hooker e Huxley, além de Mill, Buckle e Bain, que, noutras ocasiões, repelem como *des demi-positivistes*³⁶⁰ [*uns semipositivistas*]. Mas é uma leviandade. Cumpre não conhecer a fundo os trabalhos de tais autores para nutrir semelhante ilusão. É sabido o célebre dito de Huxley sobre o sistema: “é um catolicismo, sem o elemento cristão”³⁶¹.

Ouçamos mais de perto as acusações formuladas pelos comtistas contra o materialismo. Para isso, abramos o livro do Dr. Pereira Barreto, que tem estado até agora fechado.

Disse Michelet uma vez que pelos livrinhos de Littré não se conhecia bem o vulto respeitável de seu mestre. Ainda menos ficamos a conhecer o grande homem pelas compilações do médico de Jacaréi. Em todo o caso, escutemo-lo. Diz ele, falando do sistema que repele: “A sua matéria eterna, princípio de todas as coisas, é uma hipótese tão indemonstrável como a da existência de Deus; a ciência não possui meio algum de saber o que é essa matéria e confessa simplesmente sua ignorância em tudo quanto diz respeito à esfera extraexperimental”³⁶².

Primeiramente é espantoso ouvir da parte de um positivista a condenação do emprego de hipóteses, quando Comte escreveu uma

360 Em *La science au point de vue philosophique* [A ciência do ponto de vista filosófico], Littré diz que “ne fait pas fi du demi-positivisme” [“não desdenha do semipositivismo”] de Buckle (SR). A citação literal do texto de Littré, que pouco antes falara sobre Buckle, é: “Je ne fais pas fi des demi-positivismes; ce sont des acheminements” [“Eu não desdenho dos semipositivismos; são encaminhamentos”]. Trata-se da última frase do capítulo XVI, “De l’histoire de la civilisation en Angleterre” [“Sobre a história da civilização na Inglaterra”] (Littré, 1873, p. 521) (TT&RX).

361 No capítulo “On the physical basis of life” [“Sobre o fundamento físico da vida”], de sua obra *Methods and results* [Métodos e resultados], Huxley afirma: “M. Comte’s philosophy, in practice, might be compendiously described as Catholicism *minus* Christianity” [“A filosofia do Sr. Comte, na prática, pode ser descrita resumidamente como um catolicismo *sem* o cristianismo”] (Huxley, 1899, p. 156).

362 *As três filosofias* [1877], v. 2º, p. 212 (SR). A citação é precisa, com a mera exceção de um artigo “a” que Romero antepôs a “sua ignorância” (e que nós retiramos). Cf. Pereira Barreto (2001, p. 211) (TT&RX).

tão bela página sobre o uso das hipóteses plausíveis³⁶³. Ora, que a matéria é indestrutível, é uma hipótese não só plausível, como demonstrável. Basta lembrar que em suas indefinidas manifestações, que estão ao alcance do estudo humano, ela sempre se transforma, nunca se aniquila. Não creio que o nobre médico ignore a lei da transformação e da persistência das forças. Em segundo lugar, ainda mais espantoso é vir-nos repetir que “a ciência não possui meio algum de saber o que é a matéria”! Neste caso, queimem-se todos os tratados de física e química, de que Comte fazia tanto apreço, e não falemos mais em classificação de ciências.

A observação e a experiência ficam sem base e sem alcance, condenadas – como estão, *a priori*, e irremediavelmente – a nada revelar da matéria. Os positivistas, nesse ponto, são muito ingênuos.

363 *Cours de philosophie positive* [*Curso de filosofia positiva*], tomo II (SR). A menção de Romero a uma “tão bela página sobre o uso das hipóteses plausíveis” no segundo tomo do *Cours de philosophie positive* é bastante vaga. Comte não utiliza a expressão *hypothèse(s) plausible(s)* [*hipótese(s) plausível(is)*] em nenhuma passagem do segundo volume da obra. No tomo III, no entanto – mais precisamente na lição 40 –, Comte diz: “Nous avons établi, en effet, qu’il s’agit toujours, en biologie, de déterminer ou la fonction d’après l’organe, ou l’organe d’après la fonction. On pourra donc, pour accélérer les découvertes, construire directement et sans scrupule l’hypothèse la plus plausible sur la fonction inconnue d’un organe donné, ou sur l’organe caché de telle fonction évidente. Pourvu que la supposition soit le mieux possible en harmonie avec l’ensemble des connaissances acquises, on aura usé, de la manière la plus légitime, à l’imitation des astronomes, du droit général de l’esprit humain dans toutes les recherches positives. Si l’hypothèse n’est point exactement vraie, comme il devra arriver le plus souvent, elle n’en aura pas moins toujours contribué nécessairement au progrès réel de la science, en dirigeant l’ensemble des recherches effectives vers un but nettement déterminé” [“Nós estabelecemos que, com efeito, na biologia, é sempre uma questão de determinar a função de acordo com o órgão ou o órgão de acordo com a função. Poderemos, então, para agilizar as descobertas, construir diretamente e sem escrúpulos a hipótese mais plausível sobre a função desconhecida de um dado órgão, ou sobre o órgão oculto de tal função evidente. Caso essa suposição se harmonize da melhor maneira possível com o conjunto de conhecimentos já adquiridos, nós teremos usado, da maneira mais legítima, como fizeram os astrônomos, o direito geral da inteligência humana em todas as pesquisas positivas. Se a hipótese não for exatamente verdadeira, como deverá acontecer na maioria das vezes, ela ainda terá necessariamente contribuído não menos para o progresso real da ciência, ao direcionar o conjunto das pesquisas efetivas para um objetivo rigorosamente determinado”] (Comte, 1838, p. 408) (TT&RX).

Inimigos do *a priori*, têm também o seu³⁶⁴. De antemão já se sabe que com a matéria é perder tempo... Ora, deixem-se disto!

Às vezes, mudam de linguagem e declaram que a matéria se pode conhecer, mas não a *matéria em si*. Neste caso, recorrem a Kant, e empregam uma de suas sutilezas metafísicas. A isto já se respondeu vitoriosamente. Está hoje provado que a coisa em si, *das Ding an sich*³⁶⁵, é um contrassenso. Diz-nos o ilustre Zaborowski-Moindron, tratando desta objeção: “Jamais uma objeção semelhante pôde ser feita legitimamente. Moleschott, Büchner..., que ainda ignoravam Augusto Comte, disseram que a importância que eles atribuíam à *matéria em si*, e o princípio [de sua doutrina, o fundamento] do materialismo e da ciência atual (a indissolúvel união da força e da matéria, bem como a sua persistência) implicaria sua própria negação, se não destacasse em primeiro lugar o quanto esta expressão *matéria em si* é vazia de todo sentido”³⁶⁶.

A pretensão de que o conhecimento da matéria é extraexperimental nada é menos do que uma extravagância.

Dado mesmo que fosse verdade semelhante alegação, o próprio positivismo poder-se-á vangloriar de não admitir um só dado extraexperimental?

364 Romero critica aqui os positivistas de serem, por um lado, “críticos do *a priori*” e, por outro, terem o seu próprio *a priori* – que, segundo a sequência do texto, seria a impossibilidade (*a priori* ou “de antemão”) de se conhecer a matéria.

365 Entre outras obras de Kant, a expressão “*das Ding an sich*” aparece nos *Prolegômenos a toda metafísica futura*. Cf. nota 55, no capítulo I.

366 Zaborowski-Moindron, *loco cit.*, p. IX (SR). Romero cita a passagem em francês, alterando a pontuação original (que retomamos), omitindo uma nota – na qual Zaborowski-Moindron cita uma passagem do livro de Büchner – e suprimindo um pequeno trecho do texto, que colocamos entre colchetes. Eis a passagem em francês: “Jamais pareille objection n’a pu légitimement être faite. Moleschott, Büchner..., qui ignoraient encore Auguste Comte, ont dit le cas qu’ils faisaient de la *matière en soi*, et le principe [de leur doctrine, le fondement] du matérialisme et de la science actuelle (l’indissoluble union de la force et de la matière ainsi que leur persistance) en impliquerait la négation, s’il ne faisait tout d’abord ressortir combien ce terme de *matière en soi* est vide de tout sens” (TT&RX).

Parece que não; bastando ponderar que ele aceita a bela hipótese de Laplace sobre a formação de nosso sistema solar, hipótese não verificada experimentalmente³⁶⁷.

Augusto Comte, como Schopenhauer, foi vítima de indisposições filhas de sua má fortuna social. Daí certas avançadas [investidas, ataques] contra a medicina, contra os estudos que têm por objeto o pensamento, e seu rancor ao espírito crítico e ao materialismo. Ele não pôde ver que se é verdade que existiu já – e ainda existia em seu tempo – um materialismo superficial e metafísico, semelhante forma de pensar ia, de dia em dia, adquirindo novas forças e tornando-se puramente positiva³⁶⁸. Para este grande resultado foram tendendo constantemente as ideias e os trabalhos filosóficos desde os fins do século passado [XVIII]. Na Alemanha, Inglaterra e França o movimento das opiniões científicas veio caminhando para o estabelecimento do realismo científico de nossos dias. Hume e Kant, que são os primeiros abaladores do velho edifício metafísico, Bichat e Broussais, por seus trabalhos de fisiologia, Hamilton, Comte e Mill, por seus esforços para rechaçar o absoluto do homem e do universo, têm os primeiros assentos entre os fatores do grande resultado.

Destarte [assim], o positivismo, tal qual no-lo ensinam os seus próprios adeptos, longe de ser, como pretendem, a filosofia definitiva, não passa de um estado preparatório da verdadeira fase materialístico-positiva. Não é sem razão que já se lhe tem, por vezes, notado esta contradição: professar a doutrina da evolução e do progresso e julgar-se, todavia, a *última* palavra da ciência humana!

Ouçamos ainda o Dr. Pereira Barreto.

367 Zaborowski-Moindron, *loco cit.*, p. XXX (SR).

368 Nas edições de Vita e de Cerqueira, suprimiu-se o “que” de “Ele não pôde ver *que* se é verdade...”, do início deste período do texto.

Fazendo a apoteose³⁶⁹ do seu sistema, diz-nos isto: “Não tendo por método senão o método das ciências particulares, e, como estas ciências, não indagando senão a lei, o *como* e jamais o *porquê* das coisas, não pode senão sorrir quando vê os materialistas, acossados pelos espiritualistas³⁷⁰, procurando penivelmente³⁷¹ explicar a razão por que a matéria, arranjada em substância cerebral, produz o pensamento”³⁷². Eis aí alguma coisa de que o materialismo não se ri, porque sinceramente lastima [lamental], sinceramente tem dó de semelhante cegueira. Quem disse ao Dr. Barreto de Jacaréi que o materialismo busca o *porquê* das coisas? Abra o digno médico filósofo a mais popular das obras do Dr. Büchner³⁷³, o grande *renegado* materialista, e traduza comigo algumas de suas palavras. O ilustre sábio alemão – bem como Haeckel, como já o disse – repele a denominação ambígua e cáustica de materialismo, que pode ser tomada num sentido metafísico e inconveniente e busca substituí-la pelo nome de *realismo*, que se limita a procurar a verdade *relativa*, e a conhecer simplesmente os fenômenos sensíveis. “Em razão desta tendência – escreve ele – nós não podemos conhecer o *porquê*, mas tão somente o *como* das coisas; as leis descobertas por tais meios são as únicas que nos revelam a explicação dos fenômenos. Tudo isso basta para mostrar o quanto é falso e superficial o juízo daqueles que designam sumariamente toda a tendência, que hoje preside a ciência e a filosofia, pelo nome de *materialismo*, expressão de desprezo, de sentido vago e diversamente interpretado. Cada autor

369 *Apoteose*: exaltação, endeusamento – do grego ἀποθέωσις (ou *apotheosis*), ação de elevar à condição de divindade.

370 Sobre o *espiritualismo*, conferir a nota 47, no capítulo I.

371 *Penivelmente*: penosamente (o termo *penível* é um galicismo oriundo da palavra francesa *pénible*, aquilo que causa ou que se faz com pena e sofrimento).

372 *As três filosofias* [1877], v. 2º, p. 213 (SR). A citação é precisa. Romero acrescenta apenas os itálicos (cf. Pereira Barreto, 2001, p. 212) (TT&RX).

373 Referência ao livro *Kraft und Stoff* [*Força e matéria*], citado diversas vezes por Romero.

antimaterialista liga-lhe um sentido, e supõe tudo haver dito quando o emprega. A ciência, em filosofia *positiva*, não é nem *idealista*, nem *materialista*, porém *realista*; estuda os fatos e busca conhecer-lhes as relações, sem importar-se com um sistema qualquer preconcebido e invariável, nem com esta ou aquela tendência. Os sistemas, em geral, não podem conter toda a verdade, mas somente metade dela, e, pois, prejudicam as investigações, impondo-lhes um alvo fixado de antemão”³⁷⁴.

São palavras para desorientar um positivista, como o Dr. Barreto. Elas revelam três fatos capitais: que existe um modo de crer na filosofia *positiva* muito diverso do da seita comtesca; que a ciência de hoje foge dos sistemas, rejeitando a expressão *materialismo*, não porque abandone as suas doutrinas, mas porque o termo pode ser explorado, como o foi pelo médico de São Paulo; e, finalmente, que o realismo monístico, ou filosofia positivo-naturalista de Büchner só inquire o *como* e não o *porquê* das coisas.

O nosso autor devia ser um pouco mais ponderado e indagar o estado atual das questões para não se expor tão facilmente. Uma coisa é para notar, que tem sido bastante descuidada pelos positivistas do Brasil: logo que divulgou-se o sistema de Comte no grande mundo europeu, máxime [principalmente] na Inglaterra e na Alemanha, todas

374 Büchner, [*Kraft und Stoff*], prefácio à 9ª edição (SR). Na edição de 1869(a), p. LXXXIX. Novamente, a tradução é de Romero (possivelmente da tradução francesa – cf. Büchner, 1869b). Eis o trecho original: “Wir können zufolge dieser Richtung nichts wissen über das Warum?, sondern nur über das Wie? der Dinge, und die auf solchem Wege aufgefundenen Gesetze sind die letzten Erklärungsgründe. Alles dieses, geehrter Herr, mag Ihnen zeigen, wie falsch und oberflächlich diejenigen urteilen, welche die ganze jetzt herrschende Richtung der Wissenschaft und Philosophie kurzweg als ‘Materialismus’ bezeichnen und mit diesem verächtlich klingenden Ausdruck, dessen ganz unbestimmte Bedeutung die verschiedensten Auslegungen zulässt, und womit in der Tat jeder antimaterialistische Schriftsteller wieder einen besonderen Sinn verbindet, Alles gesagt zu haben meinen. Die Wissenschaft oder die positive Philosophie als solche ist weder idealistisch, noch materialistisch, sondern realistisch; sie sucht überall nur Tatsachen und deren vernünftigen Zusammenhang zu erkennen, ohne dabei von vornherein einem bestimmten System in dieser oder jener Richtung zu huldigen. Systeme tönen überhaupt nie die ganze, sondern immer nur die halbe Wahrheit enthalten und sind insofern schädlich für die Forschung, als sie ihr gewisse feststehende Viele stenden” (TT&RX).

as cabeças ávidas de luz – e influenciadas pelo realismo científico – o examinaram e aceitaram francamente tudo que lhes poderia auxiliar na grande obra. Foi o que fizeram Mill, Buckle, Spencer, Büchner e Vogt, naqueles dois países, e Gabelli, Villari e Marselli, na Itália, os quais são tão uníssonos³⁷⁵ em celebrar as eminentes qualidades do filósofo francês, quão firmes em repelir-lhe os desacertos. Destarte, o novo modo de pensar teve no positivismo um poderoso auxiliar. Na luta pela vida, assimilou-se os bons germens³⁷⁶ do *Curso de filosofia positiva*, e caminhou adiante, desprezando as peias [complicações, estorvos] sistemáticas. Não [são] assim os sectários obcecados, como o Dr. Barreto. Estes permanecem terríveis, intratáveis, irreconciliáveis no meio do alheio triunfo, e apenas, de perto em perto, deixam ouvir o ridículo esconjuro: *são metafísicos!* Não pode haver mais inglória posição do que a destes fanáticos de nova espécie, que só devem ser rechaçados pelo riso de Molière.

Um exemplo frisante da anomalia em que se colocaram presenciou, não há muito, a ciência europeia. É sabido por todos os bons espíritos que as ciências particulares, com o seu constante progresso, vão tomando o terreno da velha filosofia, que não passa hoje de uma generalização.

É sabido mais que a força e segurança das genuínas ciências está na ausência de *sistemas*. Em matemática, por exemplo, não há duas doutrinas sobre as teses demonstradas. Para um ideal aproximado vão tendendo todas as mais [demais] organizações de conhecimentos humanos. Foi no meio de tão salutares influxos³⁷⁷ que apareceu a fecundíssima doutrina de Darwin no horizonte do pensamento como um astro benfazejo [benéfico]. Nomes já feitos, reputações já

375 *São tão uníssonos*: estão tão de acordo – literalmente, *uníssonos* são aqueles que produzem o mesmo som.

376 *Germens*: ideias – literalmente, embriões, sementes.

377 *Influxos*: correntes, movimentos – literalmente, influências.

firmadas na Inglaterra e na Alemanha – os dois países privilegiados da vasta cultura – não duvidaram em aceitar a nova teoria. O mais gigantesco dos movimentos científicos deste século [XIX], sabe o leitor como o positivismo francês o recebeu? Desenterrou a velha praga da metafísica e jogou-a na face do pensador britânico!

Eis a linguagem inconveniente do Dr. Pereira Barreto: “A filosofia positiva há muito que se pronunciou sobre a ideia primeira de Lamarck, e não aceita senão a escala *abstrata* dos seres; assim encarado, o darwinismo é uma hipótese científica perfeitamente legítima, que recebe uma esplêndida confirmação por parte dos testemunhos históricos. E, mesmo sob o ponto de vista concreto, encontra igualmente o mais sólido apoio na medicina e, com particularidade, na cirurgia. Mas o darwinismo ultrapassa os limites da investigação natural e procura a causa primeira da vida: desde então torna-se *um vão sistema de filosofia metafísica*, como exuberantemente o demonstrou o seu ilustre rival, Agassiz”³⁷⁸.

Este pedaço é tentador.

“O positivismo, há muito, se pronunciou...”³⁷⁹. Está parecendo com o palavreado dos padres: a Igreja se pronunciou, *Roma locuta est*³⁸⁰.

378 *As três filosofias* [1877], v. 2º, p. 49-51, nota (SR). Romero cita o trecho integralmente, operando apenas algumas discretas alterações no texto, como a correção da pontuação, o acréscimo dos itálicos e substituindo “causa primeira de vida” por “causa primeira da vida”. Também é digno de nota que, ao mencionar a cirurgia, Pereira Barreto faz uma referência (compreensivelmente omitida por Romero) ao livro *La machine animale* [*A máquina animal*], de Étienne-Jules Marey (1830-1904). Cf. Pereira Barreto (2001, p. 58, nota 11) (TT&RX).

379 Aqui e nas próximas frases entre aspas, Romero não faz citações literais do texto de Pereira Barreto, mas reformula trechos da citação anterior, a fim de preparar o terreno para a sua crítica.

380 Como resume Paulo Rónai, “‘Roma falou, a questão está resolvida’, variante de uma frase de Santo Agostinho (*Sermões* 131, 10) citada comumente depois que uma pessoa de autoridade indiscutível manifestou sua opinião em uma questão controvertida” (Rónai, 1980, p. 156). Eis a passagem do Sermão 131: “Iam enim de hac causa duo concilia missa sunt ad Sedem Apostolicam; inde etiam rescripta venerunt. Causa finita est” [“Dois concílios que tratam desta controvérsia já foram enviados à Sé Apostólica; e também daí já chegaram respostas. A causa está encerrada”] (Agostinho de Hipona, 2025).

“Aceita somente a série abstrata dos seres...”. E por que também não a concreta? Fora [seria] bom que o nosso autor fosse um pouco mais explícito, para se lhe dizer que o darwinismo, há muito, também já se pronunciou sobre as ideias últimas do positivismo, e declara-lhe que, numa ciência concreta, como é a biologia, o vir-se falar em *série abstrata* é, pouco mais ou menos³⁸¹, um contrassenso.

“Mas o darwinismo ultrapassa as condições da investigação natural e procura a causa primeira da vida...”. Aqui se oculta um pouco de ignorância e não pequena.

É falso que a doutrina transformista³⁸² procure a causa primeira da vida, no sentido que lhe dá o nosso médico. Se este leu Darwin, há de ter visto que o profundo naturalista-filósofo aceita o fato da vida sobre a Terra, sem se pronunciar sobre a sua origem. O sábio inglês foi de uma prudência a toda a prova. Não é este, porém, o lado mais palpitante da insciência³⁸³ de que falei. Está no próprio conceito do que seja uma *causa primeira*³⁸⁴.

Os positivistas têm um espantelho; a todo o propósito estão a bradar: *isto é uma causa primeira; é uma causa final*³⁸⁵! E responde então o coro uníssono com o conhecido estribilho³⁸⁶: *é metafísica!*

381 *Pouco mais ou menos*: basicamente.

382 *Transformismo* é a teoria iniciada com Jean-Baptiste de Lamarck que, em oposição ao criacionismo, sustenta que as espécies evoluem e se transformam ao longo do tempo. Ao longo do livro, Romero usa os termos *transformista* e *transformismo* praticamente como sinônimos de *evolucionista* e *evolucionismo*.

383 *Insciência*: ignorância, falta de ciência.

384 Como bem definiu Louis-Marie Morfaux, *causa primeira* é “aquela que não é precedida por nenhuma outra causa e que, portanto, tem em si mesma a sua razão de ser, Deus [...]”. Na hipótese do livre-arbítrio, a vontade humana também seria uma causa primeira” (Morfaux, 1980, p. 43-44).

385 A ideia de *causa final* remonta a Aristóteles, para quem todas as coisas teriam uma finalidade ou *telos* (τέλος), ou seja, aquilo em vista do qual cada coisa existe, como uma cadeira existe para servir de assento e o ser humano existe para ser feliz.

386 *Estribilho*: bordão, frase que se repete em qualquer ocasião – literalmente, refrão.

Se o nosso doutor leu Haeckel, deve ter visto na soberba lição 13^a da *Natürliche Schöpfungsgeschichte* [História da criação natural]³⁸⁷ que este insigne pensador – que, aliás, não guarda a prudência de seu mestre neste ponto – não procura a causa primeira da vida, no sentido metafísico desta expressão. Recolha-se o nobre positivista e reconheça que as causas primeiras, que estão além da investigação humana, são as transcendentais, ou *teleológicas*³⁸⁸, e não as imanentes³⁸⁹ ou *monísticas*. Essa distinção é essencial. Contra as primeiras é que Comte fulminou o seu anátema, que o Dr. Luiz Barreto quer estender, talvez, até às segundas – e com que razão? Qual o motivo por que não havemos de indagar as causas dos fenômenos, quando estes são experimentáveis e suas causas são neles procuradas (e não no mundo das fantasmagorias³⁹⁰)?

“O darwinismo é um vão sistema de metafísica...” Palavreados desta ordem, de que, todavia, o Dr. Barreto não tem a responsabilidade – porque os achou feitos em Littré e confrades – perturbam a serenidade do crítico... O que é verdade felizmente é que eles próprios não se entendem sobre o que seja a metafísica. O jovem escritor francês, por vezes citado, Zaborowski-Moindron, tirou a limpo este ponto. Ouçamo-lo em parte: “Mas o que entendem pela metafísica? O Sr. Littré, adotando a definição do Sr. Janet – *quem quer que pensa e reflete sobre as origens das coisas é metana soberba lição 13^a da*

387 Romero se refere ao décimo terceiro capítulo (ou lição) do citado livro de Haeckel, cujo título é “Teoria evolutiva do universo, da Terra e de seus primeiros organismos; geração primordial; teoria dos plastídios” [“Entwicklungstheorie des Weltalls, der Erde und ihrer ersten Organismen. Urzeugung. Plastidentheorie”].

388 *Teleológicas*: referentes à teleologia ou doutrina que identifica os fins ou objetivos últimos de um fato ou fenômeno como seu princípio estruturante – do grego τέλος (ou *telos*), finalidade, causa final.

389 Como já se definiu com concisão, *imane*nte é aquilo “que pertence ao interior do ser, que está na realidade ou na natureza. A oposição imanência/transcendência pode ser aproximada da oposição interior/exterior. Diz-se que é ‘imanente’ aquilo que é interior ao ser, ao ato, ao objeto de pensamento que consideramos” (Japiassú & Marcondes, 2001).

390 *Fantasmagorias*: ilusões, fantasmas (e a arte de produzi-los).

Natürliche Schöpfungsgeschichte [História da criação natural] físico – escreve algures: ‘A metafísica pede à psicologia a construção de ideias *a priori* sobre a constituição primeira e última das coisas; o valor destas ideias *a priori* repousa sobre a hipótese de que o que foi concebido no espírito existe efetivamente nas coisas, e tem, para falar a linguagem da escola, uma realidade objetiva’. Sendo isto dado – continua Zaborowski-Moindron –, é difícil acreditar-se que o Sr. Littré tenha podido confundir os materialistas com os metafísicos, quando ele próprio os acusa, noutros lugares, por haverem introduzido nas ciências superiores o método empregado nas inferiores, e por usar, por exemplo, dos dados físico-químicos para destruir as entidades ainda existentes na biologia”³⁹¹.

Outro tanto, custa a crer que venham agora confundir os transformistas com os metafísicos sob o fútil pretexto, oriundo da confusão das ideias, de que eles procuram a causa primeira da vida!

Os positivistas fazem muito alarde de haverem, eles sós, deitado por terra³⁹² as concepções *a priori*, onde gostam de compreender todos aqueles que os desagradam. Entretanto, um olhar lançado na história vai descortinar a morte daquelas ideias iniciadas em Hume e Kant, adiantada em Comte, mas irremediável justamente neste salutar sistema de Darwin de que os ferrenhos discípulos do grande

391 *De l'ancienneté de l'homme* [Sobre a antiguidade do homem] [1874], prefácio, p. VIII-IX (SR). A tradução é de Romero. Nela, mudamos apenas a pontuação e substituímos algumas ocorrências de “M.” por “o Sr.”. Eis o trecho original de Zaborowski-Moindron: “Mais qu’entend-on par la *métaphysique* ? M. Littré, adoptant la définition de M. Janet (‘quiconque pense et réfléchit sur les origines des choses est métaphysicien’), écrit quelque part : ‘La métaphysique demande à la psychologie la construction d’idées *a priori* sur la constitution première et dernière des choses’ ; et ‘la valeur de ces idées *a priori* repose sur cette hypothèse, que ce qui a été conçu rationnellement dans l’esprit existe effectivement dans les choses et a, pour parler le langage de l’école, une réalité objective’. Ceci étant donné, il est à peine croyable que M. Littré ait pu confondre les matérialistes avec les métaphysiciens, quand lui-même les accuse ailleurs d’introduire dans les sciences supérieures la méthode employée dans les sciences inférieures, d’user, par exemple, des données physico-chimiques pour percer à jour les entités subsistantes de la biologie”. Compreensivelmente, Romero omite duas notas presentes na passagem do texto de Zaborowski-Moindron (TT&RX).

392 *Deitado por terra*: derrubado, desacreditado.

francês tanto desdenham. O Dr. Tobias Barreto – que tem em muito maior escala do que o médico de Jacareí o justo conhecimento dos sistemas filosóficos dos tempos modernos – assim se exprime nos concisos e belos períodos seguintes escritos em língua alemã:

“Se atualmente nenhum homem culto pode desconhecer que o dogmatismo da filosofia moderna, ou a metafísica, foi espedaçado [destroçado, despedaçado] por Hume, cuja crítica inexorável [implacável] coube a Kant concluir em mais larga extensão e com maior profundidade, não deixa de causar admiração o grande espanto que estas verdades triviais ainda estão no caso de despertar entre nós.

“Com efeito, bem antes que Augusto Comte, o fundador do positivismo na França, enxotasse o *absoluto* para o país das quimeras, já Hume tinha derrubado todo o edifício metafísico: *Turrim in præcipiti stantem, summisque sub astra eductam tectis* [Torre rumo ao precipício, sob os astros o teto se lançando]³⁹³... Joga-se tudo na mesma pilha.

“E desde esse tempo, como diz Hermann Hettner, é geralmente reconhecido que a proeza intelectual de Hume constitui uma das fases mais importantes do pensamento humano. Realmente foi a dúvida do grande filósofo escocês sobre a validade dos juízos sintéticos em geral, que tornou-se o móvel e o foco das profundas indagações de Kant. Este filósofo mesmo confessava que a lembrança de Hume fora quem primeiro o despertara do seu sono dogmático. Impressionantes e sérias palavras estas, como que esculpidas em mármore, e que concluem a *Investigação sobre o entendimento humano* do admirável cético³⁹⁴. Diz ele: ‘Quando percorremos as bibliotecas, perseguidos

393 Virgílio, *Eneida* (livro II, 460-461). Na citação, Romero substitui “summisque” por “omnisque” – e nós corrigimos. Na passagem, Virgílio (70-19 a.C.) descreve a queda de uma torre em Troia e Tobias Barreto aproveita a imagem para dar mais cores à derrubada do edifício metafísico, cuja queda acabara de atribuir a Hume. Na célebre tradução de Odorico Mendes (1799-1864), “Torre em declive pendente, às nuvens sobre o teto alçada”. Curiosamente, na edição de Vita, esta passagem é suprimida do texto, junto com a expressão em alemão que a acompanha: “über den Haufen geworfen”.

394 Sobre o *ceticismo*, conferir a nota 181, no capítulo IV.

destes princípios, que devastação deveríamos fazer! Se tomamos em nossas mãos um volume, de *teologia* ou de *metafísica* escolástica³⁹⁵, por exemplo, perguntemos: contém algum raciocínio abstrato acerca da quantidade e do número? Não? Contém algum raciocínio experimental acerca dos fatos e coisas existentes? Também não? Pois então atiremos à fogueira, já que não pode conter senão sofística e ilusão³⁹⁶. Com efeito, é isto uma posição profunda e magnífica³⁹⁷.

395 Sobre a *escolástica*, conferir a nota 56, no capítulo I.

396 São as palavras finais da *Investigação sobre o entendimento humano* [An enquiry concerning human understanding] (seção 12, §34). Eis o trecho original, em inglês: "When we run over libraries, persuaded of these principles, what havoc must we make? If we take in our hand any volume; of divinity or school metaphysics, for instance; let us ask, *does it contain any abstract reasoning concerning quantity or number?* No. *Does it contain any experimental reasoning concerning matter of fact and existence?* No. Commit it then to the flames: for it can contain nothing but sophistry and illusion" (cf. Hume, 2000, p. 123).

397 *Deutscher Kämpfer* [Combatente alemão], nº 1, 2 de agosto de 1875, Recife (SR). Até a expressão "sono dogmático", reproduzimos a tradução do próprio Tobias Barreto (1892, p. 512) e, no restante, seguimos a tradução de Luís Washington Vita. Romero cita o trecho em alemão. Ei-lo: "Darf kein Gebildeter heut zu Tage verkennen, dass der Dogmatismus der neueren Philosophie, also die Metaphysik durch Hume gebrochen wurde, dessen unerbittliche Kritik Kant in noch weiterem Umfang und größerer Tiefe durchführte: so ist es wunderbar, wie großes Staunen diese trivialen Wahrheiten bei uns zu erregen vermögen. / In der Tat, schon lange bevor Auguste Comte, der Gründer des Positivismus in Frankreich, das Unbedingte aus dessen Posten ins Land der Chimären vertriebe, hatte Hume alle metaphysischen Gebäude... *Turrim in praecepti stantem, omnisque sub astra eductam tectis...* über den Haufen geworfen. / Und seit dieser Zeit, wie Hermann Hettner sagt, ist allgemein anerkannt, dass die Geistestat Humes eine der entscheidendsten Wendungen des menschlichen Denkens ist, so war es der Zweifel des grossen schottischen Philosophen an der Berechtigung der synthetischen Urtheile überhaupt, welcher die Anregung und der Anknüpfungspunkt für Kants tiefsinnige Untersuchungen wurde. Kant selbst gestand, dass die Erinnerung Hume's eben dasjenige gewesen, was ihm zuerst den dogmatischen Schlummer unterbrochen hatte. Zwar eindringlich sind immer noch die ernsten, wie in Marmor gehauenen Worte, mit denen der schreckliche Skeptiker seinen Versuch über den menschlichen Verstand schließt. Er sagt: 'Wenn wir überzeugt von den hier vorgetragenen Lehren, Bibliotheken durchsuchen, wollten, welche Zerstörung müssten wir anrichten? Nähmen wir ein Buch von der *Theologie* oder *Metaphysik* in die Hand, so müssten wir fragen: enthält das Buch Untersuchungen über Grösse und Zahl? Nein. Oder Darlegungen der Erfahrung über Tatsachen und vorhandene Dinge? Nein. Nun so werft das Buch ins Feuer, denn es kann nichts als Sophistereien und Täuschungen enthalten' Das ist gründlich und wunderschön gesagt" (TT&RX).

São palavras de um cultor [cultivador, partidário] do realismo científico, tão inimigo da teosofia³⁹⁸ e da metafísica, quanto das impossibilidades fanáticas que combato.

Destruamos mais algumas destas; temos aqui uma: “Ao passo que o espiritualismo – diz o Dr. Barreto – está condenado, para ser lógico, a não conceder senão uma mui exígua³⁹⁹ influência ao papel da educação, o materialismo, pelo contrário, transpondo a verdade dos fatos de observação, ousa proclamar que toda a conduta do homem é mero e inevitável resultado da educação que recebeu. Este é incontestavelmente o mais alto ideal a que a sociedade possa aspirar; a filosofia positiva o aceita, sem contudo deixar de reconhecer que há nele grande exageração. [...] O materialismo não toma em consideração as predisposições naturais, congêntas ou adquiridas, não atende à pressão do passado nem às mil circunstâncias biológicas e sociais, que podem influir de um modo deplorável sobre o caráter moral do indivíduo”⁴⁰⁰.

Semelhantes palavras afirmam dois fatos: que o materialismo contribuiu por sua influência para proclamar-se a excelência da educação, a eficácia que dela pode auferir [tirar proveito] a sociedade; que vai nisto grande exagero, porque ele não atende às influências do passado e às da natureza. Dificilmente se encontrará consignada

398 *Teosofia*: forma de pensamento marcada por misticismos e preconceitos religiosos.

399 *Mui exígua*: muito pequena, ínfima.

400 *As três filosofias* [1877], v. 2º, p. 215 (SR). A citação é precisa. Eis o trecho omitido no meio do parágrafo: “Infelizmente, de fato, a experiência dos mestres de escola e a observação clínica nos ensinam que do seio da humanidade podem nascer entes tão degradados, tão destituídos de toda aptidão social, que nenhum meio educacional surte efeito para com eles; os idiotas de nascença persistiram idiotas toda a vida, faça-se o que se fizer; do mesmo modo aqueles que receberam por hereditariedade uma perniciosa inclinação excedendo certos limites, como na maior parte das nevroses, por exemplo. São ineducáveis, porque falta-lhes o *substratum* para receber o fecundo germe, e não podemos corrigi-los, porque para isso ser-nos-ia preciso reformar a sua organização, o que não podemos alcançar. Tentar apagar nesses infelizes os maus instintos equivale, diz o Dr. Maudsley, a tentar apagar no tigre a sua pele mosqueada” (Pereira Barreto, 2001, p. 214-215) (TT&RX).

[declarada, destacada] com maior segurança a opiniaticidade⁴⁰¹ positivista. Para ter ganho de causa contra o naturalismo científico, [Pereira Barreto] fantasia que este não atende às predisposições congênitas ou adquiridas dos indivíduos.

Não há maior engano. O leitor *au courant* [a par]⁴⁰² dos avanços da ciência já deve ter notado a inverdade ali contida. Ignora, por acaso, o autor de *As três filosofias* que a doutrina da seleção tem duas ramificações: a seleção *natural* e a *artificial*? Não sabe que a primeira atende a todas as inclinações da natureza, sendo só a segunda que se dirige à educação?

Ser-lhe-á desconhecido que uma das grandes leis do transformismo é a *hereditarietà*, não passando a adaptação às circunstâncias de lei auxiliadora da luta pela existência?

Pelo contexto de seu livro, o nobre escritor revela andar um pouco alheio às investigações da escola de Darwin. De outro modo, não viria galantear-nos [seduzir-nos] com a triste lembrança de que o materialismo não atende às impressões da natureza. É até uma das melhores glórias da doutrina da seleção o ter dado toda a importância às influências de tal ordem.

Neste ponto não creio que deva estender a minha demonstração. Qualquer dos tratados dos grandes mestres da escola é abundantíssimo em fatos demonstrativos do muito que o Dr. Luiz Barreto anda iludido. Ele, ao que parece, conhece e julga o sistema pela lacunosa exposição que dele fez Quatrefages, bem como conhece Schopenhauer pelo livro de Ribot⁴⁰³.

401 *Opiniaticidade*: obstinação, presunção, qualidade do que é opiniático (aferrado à sua própria opinião).

402 Em francês no original. A expressão *au courant* também poderia ser traduzida como “que está bem informado” ou “que está por dentro”.

403 Na primeira edição, a passagem “livro de Ribot.” é uma emenda sugerida pela errata para “livrinho de Dummont!”. Em sua edição, Luís Washington Vita corrige a pontuação e o nome do autor citado, mas, curiosamente, preserva o diminutivo. Cf. Ribot (1874).

Mais um traço característico: “Compreende-se deste modo – diz o nosso escritor – que, para o materialismo, a questão, cifrando-se apenas em uma simples insuficiência de instrução científica (?), é-lhe fácil preencher a lacuna e incorporar-se no positivismo”⁴⁰⁴.

Ninguém os entende. Ao princípio o autor de *As três filosofias*, repetindo pedaços já muito conhecidos de seus mestres, dizia que o magno engano do materialismo era querer *saber demais*, indo além da experiência; agora já lhe falta instrução científica! Isto é característico, sendo dito pelo pequeno círculo de onde parte. O materialismo, com as profundíssimas alterações que sofreu em seu método e resultados, não precisa incorporar-se ao cadáver do positivismo. A parte viva e imorredoura desse sistema, há muito, ele a incorporou, e não faz disto mistério. Como doutrina despreocupada e sã, não repele os auxílios que lhe possam vir deste ou daquele lado. Não tendo em vista constituir-se em sistema e mostrar-se adversário do progresso, não trepidou em apoderar-se das luzes que lhe trouxe o insigne Comte. Mas renegar os seus princípios essenciais para voltar atrás, parece uma ingenuidade o exigir-se-lhe. Se eu não temesse cair em igual descuido, aconselharia ao positivismo que, se não quer definitivamente morrer, comprometendo o seu fundo de verdade, deixe a sua teimosia e volte-se [volte-se] para o realismo. Só isto o pode salvar. De seu falso modo de encarar a este último nasce um de seus maiores erros: o perdurar em repelir a verdade de que a vida seja um resultado da combinação das leis físico-químicas.

Ainda ele tem, por outro lado, certas veleidades [futilidades] teômanas⁴⁰⁵, instituindo uma *religião da humanidade*.

404 *As três filosofias* [1877], v. 2º, p. 222 (SR). A citação é precisa, exceto pela (evidente) inclusão de “(?)” e por algumas vírgulas que Romero suprimiu do texto – e nós novamente acrescentamos. Eis o trecho final do período citado: “[positivismo], o que não pode ter lugar para o espiritualismo, que só crê nos fatos da ciência sob a palavra e de um modo inteiramente inequívoco” (Pereira Barreto, 2001, p. 221) (TT&RX).

405 *Teômanas*: com inclinações doentias para a divindade ou para a religiosidade.

Zaborowski-Moindron o desculpa neste ponto; julgo, porém, que deve aí ser feita uma redução, ensinando-se apenas o respeito aos grandes benfeitores do gênero humano, sem haver nisso, todavia, a mais leve sombra de religiosidade. E este respeito é o que de fato já existe praticado por todos os espíritos esclarecidos. O darwinismo, destruindo o velho *erro antropocêntrico*⁴⁰⁶, andou muito mais bem avisado do que o comtismo com a sua criação religiosa, tendo o homem por alvo.

De tudo o que fica dito perceberá o leitor que me não anima o mais leve sentimento de oposição ao velho sistema que em outros tempos professei. Por amor à verdade, fui levado a abandoná-lo; vejo, porém, que, deixados certos prejuízos [preconceitos], ele é a verdadeira filosofia⁴⁰⁷. Suas leis da história são imorredouras [eternas, duradouras]. O que lhe cumpre é alijar-se [livrar-se, afastar-se] da má bagagem que o desvirtua, e não contrariar a marcha do pensamento contemporâneo de que foi um dos mais poderosos instituidores.

Antes de passarmos à parte especial da obra do Dr. Barreto, não deixo de notar um pequeno equívoco que comete a propósito de Strauss. O moço filósofo rende profunda homenagem ao gênio incomparável do célebre crítico. Não saberei assaz aplaudir⁴⁰⁸ a tão sincera manifestação, e deixo-a consignada por ser altamente meritória para o nosso autor.

David Strauss é realmente um dos maiores apóstolos da verdade; seu nome deve figurar entre os de Comte e Darwin, formando o belo triunvirato do século XIX. Mas aqui mesmo eu vejo uma prova brilhante do lado fraco da doutrina positiva. O distinto exegeta

406 *Velho erro antropocêntrico*: velho erro de se acreditar que o ser humano seria o centro do universo ou da existência.

407 Se aqui Romero se confessa como um ex-positivista que ainda admira certas características dessa escola, na conclusão do livro, ele se descreve como um “sectário do positivismo e do transformismo”, entendidos por ele em um sentido amplo.

408 *Não saberei assaz aplaudir*: não saberei aplaudir o bastante.

[intérprete, comentador] alemão, que coloco na companhia dos dois chefes dos maiores sistemas de nossos tempos, em sua velhice, quando despediu-se de seus sonhos, de suas *vacuidades metafísicas*, foi para inclinar-se para o seu companheiro da direita, foi para render homenagem ao darwinismo. Era a maior glória a que podia aspirar o sábio inglês!

Por que o mesmo não fazem os sectários de Comte?

O Dr. Pereira Barreto diz que o autor da *Vida de Jesus*⁴⁰⁹ se fez positivista⁴¹⁰... Sim; mas pelo modo por que o são Haeckel e Moleschott, pela adoção do naturalismo científico. É prova disto o belo livro: *Der alte und der neue Glaube* [A antiga e a nova fé].

Cheguemos agora à parte mais original de *As três filosofias*: as aplicações aos acontecimentos do Brasil. Poucas linhas serão bastantes para revelar o enorme serviço que ao nosso país fez o digno escritor. Recomendo instantemente [veementemente] a leitura das suas páginas relativas a nós. São, no 1º volume, a “Carta aos Senhores Senadores Jobim e Godoy”⁴¹¹ e o artigo “Uma palavra aos políticos”; no 2º: o prefácio e o artigo “Aos legistas”⁴¹².

O autor ensina que o Brasil tem atravessado uma penível [penosa] Idade Média, e tem vivido atufado [submerso] num pélago⁴¹³ de

409 Em alemão, *Das Leben Jesu*, obra de David Strauss lançada em 1835.

410 Sobre o *positivismo*, conferir a nota 275, no capítulo VI.

411 Trata-se do texto que abre a primeira parte de *As três filosofias – Filosofia teológica* (cf. Pereira Barreto, 1967, p. 125-148). Como observa Roque Spencer Maciel de Barros em uma nota de rodapé, a carta é destinada a “José Martins da Cruz Jobim (1802-1878), médico brasileiro nascido no Rio Grande do Sul, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1833), deputado pelo seu estado e senador desde 1851, e [a] Joaquim Floriano de Godoy (1828-1902), nascido em São Paulo e também médico formado pelo Rio de Janeiro, que foi deputado provincial e depois senador” (cf. Pereira Barreto, 1967, p. 125).

412 Legistas: aqueles que trabalham com leis (não confundir com *médico-legista*).

413 *Pélago*: abismo oceânico.

teologismo⁴¹⁴; agora é que vai passando à fase metafísica. Nossa história, a seu ver, é nenhuma; começou na guerra com o Paraguai, e só tem produzido dois fatos de algum interesse: a libertação do ventre escravo e o conflito religioso⁴¹⁵. Sobretudo ele se insurge contra a inclinação de nossos homens de letras em geral, quando na oposição, ou quando de cima, a atribuir os nossos males ao governo, sem conhecer que este é sempre uma dádiva da nação, que deve ser a primeira a regenerar-se pela ciência, emergindo da ignorância em que tem estado afogada. Nesse sentido suas notas e conclusões são excelentes. É um dos lados fecundos do positivismo o de suas aplicações à história. Empregado com critério pode produzir trabalhos da força da *History of Civilization in England* [*História da civilização na Inglaterra*]⁴¹⁶ de Thomas Buckle, apesar do Sr. Littré chamar a este, com visível menosprezo, um *semipositivista*, como já ficou notado⁴¹⁷.

O imortal Buckle professa que o governo é, quase sempre, uma força de conservação, e de dificuldade ao progresso social, é verdade; mas que está sempre em equação com a índole e as qualidades do povo. Sem este reformar-se, impossível é aquele mudar de rumo⁴¹⁸.

414 *Teologismo*: “uso indiscriminado e abusivo da teologia para a solução de todos os problemas” (Houaiss, 2025).

415 Sobre a chamada Questão Religiosa, ver nota 261, no capítulo anterior.

416 Obra em três volumes, cujo primeiro foi lançado em 1857.

417 *La science au point de vue philosophique* [*A ciência do ponto de vista filosófico*] (SR). Cf. acima nota 360 (TT&RX).

418 Veja-se o volume 1º [da *História da civilização na Inglaterra*], capítulo v, “Inquiry into the influence exercised by religion, literature, and government” [“Investigação sobre a influência exercida pela religião, pela literatura e pelo governo”], *new edition*, Londres, 1872 (SR). Cf. Buckle (1884). Embora Romero se refira a um capítulo específico do primeiro volume da *História da civilização na Inglaterra*, a declaração de que “o governo é, quase sempre, uma força de conservação, e de dificuldade ao progresso social” não é uma citação literal nem aproximada de qualquer passagem do texto de Buckle – ao menos não do capítulo mencionado. No capítulo em questão, no entanto, Buckle diz com todas as letras que grande parte das melhores medidas tomadas pelos governos europeus não consistiu em “fazer algo novo, mas desfazer algo velho. Os mais valiosos acréscimos feitos à legislação têm sido decretos que eliminam a legislação precedente” (Buckle, 1884, p. 200). Pouco depois, Buckle também destaca: “O amor pelo exercício do poder tem se mostrado tão universal, que nenhuma classe de homens que possuiu autoridade conseguiu evitar abusar dele. Manter

O Dr. Pereira Barreto é franco com os seus patrícios [compatriotas]; aí vão algumas de suas palavras: “Não temos tradições, não podemos ter senão momices⁴¹⁹ dos partidos europeus. A história pátria⁴²⁰ começa de ontem: é a sua primeira página a emancipação do ventre proletário; a questão clerical a segunda; e a Guerra do Paraguai o seu sombrio discurso preliminar. Podemos dizer, portanto:

“Ambicionar avidamente o poder; conquistá-lo; perdê-lo; retomá-lo; *fazer leis*, quando a ciência não as faz, mas sim as descobre; tecer louvores eternos a uma constituição fossilílea⁴²¹; remendar, e traçar círculos na areia como o paisano do Danúbio⁴²², não é por certo *conservar*; é simplesmente surpreender a boa-fé da nação.

“Por outro lado, indignar-se, insurgir-se contra os retrógrados, amaldiçoar tudo quanto nos legou o passado, fazer fogo de pelotão⁴²³ sobre os áulicos [aduladores, bajuladores] da monarquia, para no dia seguinte ir deitar-se aos pés do mesmo amo, não é por certo

a ordem, evitar que os fortes oprimam os fracos e adotar certas precauções em relação à saúde pública são os únicos serviços que qualquer governo pode prestar aos interesses da civilização. Que esses são serviços de imenso valor, ninguém negará; mas não se pode dizer que, por eles, a civilização tenha avançado ou que o progresso do Homem tenha sido acelerado” (Buckle, 1884, p. 203) (TT&RX).

419 *Momices*: arremedos, imitações canhestras.

420 *A história pátria*: a história nacional, ou seja, a história do Brasil.

421 A palavra *fossilílea* não consta em dicionários de língua portuguesa. Porém, entende-se que Pereira Barreto – que escreve “fossilílea” e Romero substitui por “fossilílea” – pretende designar *algo semelhante ou com características de um fóssil*.

422 Embora a referência mais famosa a um “paisano do Danúbio” seja a fábula homônima de La Fontaine (também traduzida como “O camponês do Danúbio”), Pereira Barreto provavelmente se refere a um personagem do folclore das margens do rio Danúbio que é o protagonista do conto “Stupid Peter” [“Pedro estúpido”], presente na obra *In the land of marvels – Folk-tales from Austria and Bohemia* [Na terra das maravilhas – Contos populares da Áustria e da Boêmia], de Theodor Vernaleken (1889, p. 94-100). No conto, após ver um feiticeiro que fazia aparecer um potro ao desenhar círculos na areia e enunciar certas palavras mágicas, Pedro tenta, sem sucesso, invocar o mesmo potro, traçando círculos na areia e repetindo tais palavras. Ao se referir ao “paisano do Danúbio”, então, Pereira Barreto possivelmente está criticando o esforço inútil daqueles que esperam que os problemas da nação sejam resolvidos como num passe de mágica.

423 *Fogo de pelotão*: fuzilamento.

progredir, é confessar-se impotente, e tão somente deixar transluzir o despeito⁴²⁴. [...]⁴²⁵

“Já estamos fartos de diplomas, e o que precisamos hoje, é menos ouropel⁴²⁶ na frase e mais positividade de método na doutrina. Os nossos avós resgataram com a vida as liberdades, que nos legaram; e o feudalismo ressurgiu disfarçado sob uma pele de carneiro. Está já, ou vai ser breve, eliminada a Igreja⁴²⁷; resta a Academia com seu hirsuto [grosseiro, malcuidado] aspecto de emperrado maquinismo.

*É o pergaminho manancial
Que, para sempre, a sede vos acalma?
Alívio não tereis lucrado,
Não vês jorrando da própria alma.
Goethe, Fausto⁴²⁸*

424 *Transluzir o despeito*: manifestar o ressentimento, transparecer o desgosto.

425 Pereira Barreto (1967), p. 132. Na citação, Romero altera consideravelmente a pontuação e acrescenta o termo “sombrio” na passagem “o seu sombrio discurso preliminar”.

426 *Ouropel*: pomposidade (em sentido literal, *ouropel* é uma liga metálica que procura imitar a aparência do ouro).

427 *Está já, ou vai ser breve, eliminada a Igreja*: a Igreja já está eliminada ou será eliminada em breve.

428 *Fausto*, primeira parte, cena 4 (noite), tradução de Jenny Klabin Segall (Goethe, 2016, p. 77-79). O trecho originalmente foi citado em alemão por Pereira Barreto e assim conservado por Romero (com exceção de um pequeno erro de transcrição cometido por este). Eis a passagem: “Das Pergament, ist das der heilige Bronnen, / Woraus ein Trunk den Durst auf ewig stillt? / Erquickung hast du nicht gewonnen, / Wenn sie dir nicht aus eigner Seele quillt”. Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875) traduziu a mesma passagem assim: “Engano, engano! Onde há nuns alfarrábios / nascente milagrosa em que de um sorvo / se fartem para sempre as sedes d’alma? / Refrigério eficaz para tais sedes / só em ti o acharás”. Por sua vez, Cerqueira oferece a seguinte tradução: “Pergaminho, essa é a fonte sagrada, / Da qual um sorvo sempre mata a sua sede? / Você nunca estará revigorado, / Até que a bebida brote de sua própria alma”. Curiosamente, em sua edição, Luís Washington Vita defenestrou a citação de tais versos.

“O ensino oficial constitui e constituirá sempre, ao mesmo tempo, uma sementeira de turiferários⁴²⁹, que com o excesso de incenso asfixiam a alta administração do Estado, e de descontentes incuráveis, que, incapazes de renderem oportunamente o devido preito [louvor] ao mérito real, dilaceram a sociedade e perpetuam a anarquia. O ofício social das Academias limita-se, salvando apenas as legais aparências mentais, a vender, só àqueles que os podem comprar, esses diplomas bastardos, que servem de carta de entrada aos lucrativos empregos e às funções de ostentação⁴³⁰. [...]

“Apesar do Brasil ter visto brotar no seu solo uma escola de progressismo, é prudente por enquanto não nos jactarmos⁴³¹ ainda muito do progresso; deixemos a outros países os sonoros substantivos, e cuidemos em atravessar, o mais rapidamente possível, a nossa pesada Idade Média⁴³². [...]

“Em política, a metafísica brasileira atingiu o seu ápice, quando pelo seu órgão, o mais autorizado, formulou *O Libelo do Povo*⁴³³. Os acontecimentos subsequentes não tardaram a demonstrar que esse apocalipse do desespero social não só não fez adiantar um passo a questão, como ainda poderosamente concorreu para o desequilíbrio mental e moral das novas gerações, que se acharam em frente de um exemplo da mais inaudita deserção. Que os verdadeiros crentes

429 *Turiferários*: bajuladores – literalmente, *turiferário* é o mesmo que *turibulário*, incensador. O que Pereira Barreto parece querer dizer com a expressão “sementeira de turiferários”, então, é que a educação pública seria em parte como uma “fábrica de ‘puxa-sacos’”.

430 Pereira Barreto (1967), p. 133-134. Com exceção da pontuação e da composição dos parágrafos (que foram aglomerados por Romero), a citação é precisa.

431 *Nos jactarmos*: nos vangloriarmos.

432 Pereira Barreto (1967), p. 161. Romero corrige a pontuação e, em seguida, cita uma passagem que é anterior no texto de Pereira Barreto.

433 *O Libelo do Povo* foi um panfleto escrito em 1848 e publicado em 1849 por Francisco de Sales Torres Homem (1812-1876), sob o pseudônimo de Timandro. Trata-se de um texto fundamental do movimento liberal no Brasil do século XIX, crítico do sistema monárquico (cf. Sérgio Buarque de Holanda, 2006, p. 17 e ss., e Timandro, 1868).

na marcha do progresso nada percam, entretanto, de sua fé perante abortos dessa ordem. Não é um único indivíduo que é o responsável moral pelo exemplo indicado; é uma doutrina, é uma escola inteira, é todo um sistema de concepções, que, desconhecendo profundamente o caráter social dos nossos tempos, não possui outra solução para os males do povo senão o absoluto dos seus remédios políticos⁴³⁴. [...]

“Não precisamos declarar que não culpamos partido algum em especial por este estado de coisas; não fazemos mais do que recusar o nosso *placet*⁴³⁵ ao título de progressistas que assumiram particularmente os liberais brasileiros, quando, ainda há pouco, desconheceraam totalmente o verdadeiro caráter da evolução humana, negando-se ostensivamente a subscrever⁴³⁶ em favor da raça que nos serve”⁴³⁷.

Todos estes trechos são do primeiro volume de *As três filosofias* nos lugares indicados⁴³⁸. O segundo nos oferece também algumas passagens características [marcantes]. Ei-las:

“A metafísica brasileira ainda se acha no primeiro grau da escala evolutiva do espírito; resta-lhe franquear [superar, transpor] muitas barreiras difíceis e sucessivas para se aproximar do terreno científico [...]

434 Pereira Barreto (1967), p. 160. Romero aglomera aqui dois parágrafos do texto original.

435 *Nosso placet*: nossa petição – em francês no original.

436 *Subscrever*: comprometer-se – literalmente, assinar embaixo.

437 O Senador Zacarias de Vasconcelos, dito chefe *liberal*, foi também o chefe dos *ultramontanos* (!) e votou contra o *ventre proleário*! (SR). (Pereira Barreto, 1967, p. 161-162). Por “*ventre proleário*”, Romero se refere à também chamada Lei do Ventre Livre, promulgada em setembro de 1871 e que estabelecia que os filhos das escravizadas seriam livres e ficariam sob os cuidados dos senhores até os 21 anos ou seriam entregues ao governo. Ao dizer, então, que os liberais brasileiros se negaram “ostensivamente a subscrever em favor da raça que nos serve”, Pereira Barreto destaca o absurdo de se chamar de “progressistas” àqueles que defendiam a manutenção da escravidão. Sobre o *ultramontanismo*, conferir a nota 222, no capítulo sobre José Soriano de Souza (TT&RX).

438 *Nos lugares indicados*: na “Carta aos Senhores Senadores Jobim e Godoy” e no artigo “Uma palavra aos políticos” – que abrem o primeiro volume de *As três filosofias* – *Filosofia teológica*.

“Toda a nossa agitação social se reduz a um perpétuo ataque contra as pessoas [...]

“Por um resto de aderência às crenças sobrenaturais, ao indefinido das convicções, ao maravilhoso, todos esperam que, mudando-se as pessoas, as coisas mudarão, como que por encanto, para melhor. [...]

“O conflito religioso, que de novo se levanta candente [ardente] e pejado [manchado, maculado] de sinistras consequências, ameaçando a nossa paz interna, comprometendo a vitalidade de nosso crédito e invalidando aos olhos do estrangeiro os nossos títulos de povo civilizado, não pode esperar só do governo a sua solução. O governo não tem competência para tomar a iniciativa em problemas desta ordem. É seu dever sagrado – se quer ser probo [íntegro] e honesto – limitar sua ação à estrita observância da marcha da opinião nas camadas mais cultas da sociedade, e sancionar com firmeza a tendência preponderante indicada pela fria observação dos fatos. Não pode entrar em seu papel a tarefa de reformar as opiniões. Esta augusta [importante] e solene missão só cabe inteira e exclusivamente à filosofia⁴³⁹. [...]

“Esperar que um povo ignorante e fanatizado nos dê suas simpatias, quando se trata dos interesses da outra vida, não é só uma utopia, é uma exorbitância de psicologia. O povo não se move, porque ele está com Frei Caetano, e não conosco⁴⁴⁰. Quanto a nós,

439 Todos os quatro trechos citados se encontram em Pereira Barreto (2001, p. 6-8). A única alteração feita por Romero ocorre no final: “tarefa de reformar as opiniões”, em vez de “tarefa de formar as opiniões” (como escreveu Pereira Barreto).

440 Nascido em 1807 na província italiana de Messina, Frei Caetano chegou ao Brasil em 1840 e atuou em diversas províncias do país, tendo se destacado principalmente no Nordeste, onde, segundo Evily Lima Menezes e Weiner Santos Silva, desenvolveu “papéis além do evangelista”, contribuindo para uma renovação da “vida urbana da população das localidades por onde passava, através da construção de hospitais cemitérios, igrejas, chafarizes; como o que existe até os dias de hoje na cidade de Trunfo – PE” – Menezes & Silva, “A face obscura do Padre Mestre: as denúncias contra o Frei Caetano de Messina no papel re-doutrinador em Taubaté-SP em 1876”, 2021, p. 250. Contando com grande popularidade em diversas partes do país e aproximando-se até de Dom Pedro II, Frei Caetano tinha um grande poder de mobilizar multidões, arrecadando recursos e voluntários para a construção de suas obras, entre as quais também se destacaram muitas escolas. Por outro lado,

não temos esperança senão na geração que hoje nasce, e, isso mesmo, se soubermos desde já aproveitar as duras lições do presente”⁴⁴¹.

Subscrevo⁴⁴² todas essas palavras, que não poderia por demais elogiar, salvo um pequeno descuido do ilustre nacional. É quando ele diz que a pátria metafísica tocou ao seu *ápice* no pobre panfleto, *O Libelo do Povo*, e, noutro lugar, declara que ela deu apenas o seu *primeiro passo*. Aí vai uma pequenina contradição. A verdade é que este país está ainda mergulhado no mais pavoroso teologismo, apenas perturbado por algumas arrancadas metafísicas de pura imitação, de pura cópia do que vai pela Europa. Destarte, a sua *Constituição Política*⁴⁴³, o seu *Código Criminal*⁴⁴⁴, e suas *leis orgânicas*, por parte do Estado; seu *Libelo do Povo*, suas *Cartas de um solitário*⁴⁴⁵, suas *Cartas de Erasmo*⁴⁴⁶, o seu *Estado e a Igreja* de Ganganelli⁴⁴⁷, por parte de alguns espíritos da oposição, são suas avançadas [incursões] no domínio

em sua atividade doutrinadora, Frei Caetano foi duramente criticado por alguns por supostamente se aproveitar da devoção que lhe era consagrada para promover um fanatismo cego entre seus seguidores. A crítica de Pereira Barreto se dirige justamente contra esse fanatismo, tantas vezes alarmado pela imprensa paulista da época. Para saber mais, confira Menezes e Silva (2001).

441 Pereira Barreto (2001), p. 8-9. Citação precisa, exceto pela substituição de “porque o povo está” por “porque ele está”.

442 *Subscrevo*: concordo com, assino embaixo de.

443 Cf. Brasil, 1824. Vale destacar que a primeira Constituição do Brasil, promulgada em 1824, vigorou durante todo o período do Império, sendo substituída apenas em 1891, após a Proclamação da República.

444 Referência ao *Código Criminal do Império do Brasil*, sancionado em 1830 e vigente até 1891 (cf. Brasil, 1858).

445 Referência às trinta cartas publicadas por Tavares Bastos, sob o pseudônimo Solitário, na imprensa do Rio de Janeiro, entre 1861 e 1862 (cf. Tavares Bastos, 1873).

446 Referência às cartas publicadas na imprensa, entre 1865 e 1868, por José de Alencar, com o pseudônimo Erasmo – em alusão ao filósofo humanista holandês Erasmo de Roterdã (1466-1436) (cf. Alencar, 2009).

447 Ganganelli foi o pseudônimo utilizado pelo político e jornalista Joaquim Saldanha Marinho na publicação – originalmente também na imprensa – de sua obra *A Igreja e o Estado* (citada por Romero com o título invertido: *Estado e a Igreja*) (cf. Ganganelli, 1873).

da metafísica, além de alguns dos pequenos escritos filosóficos que tenho apreciado no correr deste trabalho.

O que há de mais exato nos pedaços escritos pelo Dr. Pereira Barreto, em um estilo um pouco vivaz, e que expus aos olhos de meus leitores, vem a ser a segurança com que ele absolve em parte o nosso mau governo, inculcando⁴⁴⁸ também o triste povo, e as classes ditas ilustradas do país pelas misérias que nos deprimem⁴⁴⁹. São verdades que nossa imprensa oposicionista de todo desconhece, ou finge ignorar. Seu proceder não dá aqui lugar a dúvidas. Entretanto, alguns espíritos desabusados, por vezes, têm condenado tão terrível cegueira. A 7 de junho de 1874, antes de divulgadas *As três filosofias*, em um pequeno periódico da província de Sergipe, no fervoroso da lide religiosa⁴⁵⁰, tão desfrutável em algumas de suas fases, eu publicava as palavras abaixo, que servem para mostrar que das províncias é que poderemos esperar qualquer *tentame* [ensaio, tentativa] proveitoso de emancipação, e não da asfixiante e mortífera atmosfera da nossa tão desprestigiada *Corte*:

“Sempre é um falso e injusto empenho o atribuir todos os achaques [vícios] de uma nação à conta de seu governo. Há sido este⁴⁵¹, entre nós, o método empregado, aquele que reúne os aplausos frequentes dos rotineiros do dia. Entretanto, é o seu erro volumoso e bem exposto aos olhares de todos. É uma dádiva das ideias *doutrinárias* de que a política de uma nacionalidade é coisa que se fabrica a sabor de experimentadores⁴⁵². Este absurdo está, há muito, inutilizado pela ciência dos competentes.

448 *Inculcando*: não culpando – ou seja, inocentando, absolvendo.

449 *Deprimem*: abatem, rebaixam, humilham.

450 *Lide religiosa*: disputa religiosa – referência à famosa Questão Religiosa.

451 *Há sido este*: foi este, tem sido este.

452 *Que se fabrica a sabor de experimentadores*: que se fabrica ao gosto de aventureiros.

“Os estragos de um país não podem correr somente por conta dos que o dirigem; bem como a vida nacional, em todas as suas manifestações – políticas ou sociais –, não é só um produto daqueles, e sim um resultado de suas próprias aptidões imanentes.

“Não é que, como alguns, neguemos todo o valor à iniciativa que possa vir do alto. Estes são uma nova espécie de *aprioristas*⁴⁵³ para quem todos os fenômenos da existência de um povo estão, de antemão, marcados por sua natureza mental.

“Para nós parece ser um achado, estabelecido pelos debates destes e de seus adversários, que a política em algumas de suas linhas, em alguns de seus traços mais gerais, é matéria amoldável [moldável] em mãos de estadistas hábeis; mas que o lado particular, íntimo, e, por assim dizer, pessoal da vida pública só é determinado pelas forças que ela mesma conta para sua evolução.

“Todos os desenganos, pois, e é este o ponto a que anelávamos [ansiávamos] chegar, todas as decepções que haja o país de saborear no correr da lide que atravessa, ele não deve pôr à conta de seus agentes⁴⁵⁴, eliminando-se, destarte, da porção de responsabilidade que lhe cabe.

“Lembra-nos a expressão do hegeliano Vera, criticando Strauss: ‘não quero ser o censor de meu tempo, porque eu também sou de meu tempo’.⁴⁵⁵

453 *Aprioristas*: aqueles que adotam argumentos ou princípios *a priori*, ou seja, que não são baseados em fatos ou experiências.

454 *Não deve pôr à conta de seus agentes*: não deve atribuir aos agentes do Estado.

455 Augusto Vera, *Strauss, l'ancienne et la nouvelle foi* [Strauss, *a antiga e a nova fé*] (1873), p. 199. Assim como na primeira vez que Romero cita a frase (no capítulo I), ele omite um pequeno trecho da passagem, na qual Vera afirma “eu não tenho esse direito” [“je n'en ai pas le droit”]. Eis o trecho original: “Or, je ne veux pas me faire le censeur de mon temps, je n'en ai pas le droit, puisque je suis moi aussi de mon temps”.

“Sem receio da aplicação que possam ter as palavras do filósofo àqueles que dizem mal de seu país, *sendo eles também de seu país*, julgamos que o italiano enganou-se algum tanto.

“É uma razão de mais⁴⁵⁶ para sermos acoimados [censurados, punidos] de veracidade quando profligamos⁴⁵⁷ nosso tempo ou nossa pátria, porque não podemos ser tomados por suspeitos. Falamos contra nós mesmos pela força suprema da verdade.

“Digamo-lo, portanto, francamente: o povo brasileiro, por seu viver histórico e por todas as máculas que atualmente desfiguram-lhe o semblante, é um povo medíocre, sem alto arrebouamento [arroubo, exaltação] moral, que não deve ter a pretensão estéril e infantil, de exigir o impossível para si. É uma nação sem cultura, eivada de caducos prejuízos⁴⁵⁸, que tem a habilidade de criar problemas *epígonos*⁴⁵⁹ justamente próprios para serem resolvidos por seus estadistas *pigmeus*⁴⁶⁰. Uns e outros se compreendem e se completam. O país está envolto em sombras. Pode-se-lhe aplicar o estigma teológico de Jó: *et circumdedit eum Deus tenebris*⁴⁶¹. Estadistas e povo estão em equação adequadíssima”⁴⁶².

É ainda uma ligeira citação pessoal reclamada [exigida, evocada] pela natureza deste escrito.

456 *De mais*: a mais.

457 *Profligamos*: criticamos duramente.

458 *Eivada de caducos prejuízos*: manchada de preconceitos decrépitos.

459 *Problemas epígonos*: problemas para as próximas gerações.

460 *Pigmeus*: insignificantes, desprovidos de grandeza – literalmente, como define Houaiss (2025), *pigmeu* é o “indivíduo pertencente a certas etnias de homens muito pequenos, de estatura inferior a 1,50 m, que vivem principalmente na região equatorial do centro da África”.

461 *Livro de Jó*, 3, 23. Na tradução do Padre António Pereira: “a quem Deus cercou de trevas” (Pereira, 1885).

462 *Da Tribuna do Povo*, pequeno periódico outrora existente na cidade da Estância [Sergipe] (SR).

Para assinalar, porém, e estigmatizar, como merece, a profunda miséria de nosso abatimento teológico, a ignorância, sem nome, que nos estraga e deprime, vou cumprir o penoso encargo de denunciar aos pouquíssimos espíritos independentes e ilustrados, que mourejam⁴⁶³ desconhecidos no vasto corpo deste país, os seguintes fatos, que todos se resumem num só, isto é, em nossa profunda ineptidão⁴⁶⁴ atual.

O Dr. Pereira Barreto, com a publicação de sua obra, recebeu da imprensa e de grande parte do público brasileiro os mais grosseiros e injuriosos epítetos⁴⁶⁵, se é que com alguma coisa de pior não foi mimoseado⁴⁶⁶. O Dr. Guedes Cabral, da Bahia, com a aparição das *Funções do cérebro*, foi religiosa e patrioticamente atassalhado [caluniado, enxovalhado] pela imprensa fradesca, foi pateado [pisoteado, vilipendiado] nas ruas pela canalha [gentalha] assalariada, segundo sou informado, e viu-se compelido a retirar-se para uma povoação de Sergipe, por lhe não ser possível obter, na sua capital de província, a clientela que, na qualidade de médico ilustrado, tinha direito de esperar.

O Dr. Tobias Barreto, por causa dos seus *Ensaios e estudos*, foi pública e particularmente insultado por alguns malsins [delatores, caguetas] que teve de chamar à responsabilidade, além de inúmeras descomposturas e caricaturas infames que sofreu pela imprensa.

O pequenino autor deste opúsculo⁴⁶⁷ já foi metido em processo por uma *Faculdade de Direito*, por declarar, em uma defesa de teses, ser uma ignorância o desconhecer-se que, nas altas camadas da

463 *Mourejam*: trabalham duro – literalmente, trabalham como um mouro.

464 *Ineptidão*: inépcia, inaptidão, estupidez.

465 *Epítetos*: qualificativos – ou, neste caso, insultos.

466 *Mimoseado*: presenteado, agraciado (termo aqui empregado de modo irônico).

467 *Opúsculo*: pequeno livro, pequena obra – em latim, *opusculum*, diminutivo de *opus*, *obra*. Romero, então, refere-se aqui a si mesmo como “o pequenino autor deste opúsculo”.

ciência atual – *a metafísica está morta!*⁴⁶⁸ – e, por este fato, preterido, duas vezes, de tirar [obter] uma cadeira de filosofia, que foi dada a um pobre anônimo⁴⁶⁹.

Por estes fatos, ajuíze-se⁴⁷⁰ do grau de cultura que dirige o nosso governo, nossa imprensa e nossas Academias... e do imenso serviço prestado a este país pelo benemérito Luiz Pereira Barreto.

468 Segundo Clóvis Beviláqua, no dia 12 de março de 1875, Romero apresentou-se na Faculdade de Direito do Recife para defender sua tese, que tinha como título “Razões justificativas do art. 482 do Código Comercial Brasileiro”. Depois de trocar algumas rusgas com os membros da banca, eis que Romero travou um acalorado debate com um dos arguidores: “A metafísica [...] não existe mais. Se não sabia, saiba!” – ‘Não sabia...’, retruca este. – ‘Pois vá estudar e aprender para saber que a metafísica está morta’. – ‘Foi o sr. quem a matou?’ pergunta-lhe, então, o dr. Coelho Rodrigues. – ‘Foi o progresso, foi a civilização!’ responde-lhe o bacharel Sílvio Romero, que, ato contínuo, se ergue, toma dos livros que estavam sobre a mesa e diz: ‘Não estou para aturar essa corja de ignorantes, que não sabem nada!’ E retira-se, vociferando pela sala afora...” (*História da Faculdade de Direito do Recife*, v. I, p. 212-213, *apud* Süsskind, 1938, p. 135-136). Pouco depois, o caso chegou até o governo imperial e “Franklin Távora opinou, para despacho do ministro, que os doutorandos não estavam sujeitos à polícia acadêmica, nem Sílvio impedido de defender teses perante as outras faculdades de direito do país; apenas teria cabimento no caso proceder-se contra ele pelo crime de injúrias” (Süsskind, 1938, p. 137). O processo, no entanto, não foi levado adiante e Romero terminou sem sofrer qualquer punição. Décadas depois, Romero lembrou a ocasião e descreveu a concepção de *metafísica* que então declarou como estando morta – confira a nota 37, no capítulo I.

469 Romero se refere aos dois concursos que prestou para a “cátedra de filosofia no Colégio das Artes, nome por que designavam o curso de preparatórios anexo à Faculdade do Recife” (Süsskind, 1938, p. 123). No primeiro deles, em janeiro de 1875, apesar de obter o primeiro lugar, o concurso acabou sendo anulado pela congregação, que remarcou um novo processo para o ano seguinte. Em 1876, já depois do polêmico episódio de sua defesa de tese, Romero obteve apenas o segundo lugar. Nas palavras de Süsskind (1938, p. 149): “Conquanto as suas provas fossem ótimas, em nada inferiores às do primeiro prélio, classificaram-no em segundo lugar, dando o primeiro a um concorrente quase anônimo, Antonio Luiz de Mello Vieira. O resultado não constituiu surpresa. Sabia-se no Recife, abertamente, que a congregação da Faculdade, em hipótese alguma, indicaria o nome do seu injuriador ao governo imperial”.

470 Ajuíze-se: tenha-se ideia.

VIII. JOSÉ DE ARAÚJO RIBEIRO (1800-1879)⁴⁷¹

O volume a ser analisado apareceu, não há muito, no Rio de Janeiro, sem declaração do nome do autor. O anônimo, porém, dizem ser o Sr. José de Araújo Ribeiro, Visconde do Rio Grande, nosso antigo ministro⁴⁷² junto ao governo francês. Este boato parece bem fundamentado, pois acompanhava cada um dos volumes expostos à venda uma tira de papel manuscrito com a firma [assinatura, autógrafo] do digno visconde. Este, ao que tenho podido saber de sua biografia, é um *legista*⁴⁷³ – um homem formado em direito, como se diz vulgarmente – e um membro *mudo* do senado brasileiro⁴⁷⁴. Não é sem propósito que lembro essas duas qualidades do ilustre titular.

O autor de *As três filosofias*, que foi objeto do capítulo antecedente, fazendo ao nosso código criminal mui [muito] acertadas censuras no que toca ao seu artigo que veda o questionar-se sobre a imortalidade da alma e a existência suprema⁴⁷⁵, declara que tal proibição só pode dirigir-se aos médicos e engenheiros, os únicos, no país, que, pela

471 *O fim da criação ou a natureza interpretada pelo senso comum*, Rio de Janeiro, 1875 (SR).

472 Referência ao cargo de ministro plenipotenciário exercido por José de Araújo Ribeiro, que, na diplomacia da época, ficava abaixo apenas do cargo de embaixador, embora também fosse investido de plenos poderes (por isso, *plenipotenciário*).

473 *Legista*: literalmente, aquele que trabalha com leis (não confundir com *médico-legista*).

474 Como Romero destaca na sequência do capítulo, José de Araújo Ribeiro não tinha o hábito de fazer discursos no senado. Por isso, o epíteto de membro *mudo*.

475 Romero se refere ao artigo 278 do *Código Criminal* de 1830, que estabelecia como crime “propagar por meio de papéis impressos, litografados ou gravados, que se distribuírem por mais de quinze pessoas, ou por discursos proferidos em públicas reuniões, doutrinas que diretamente destruam as verdades fundamentais da existência de Deus e da imortalidade da alma. Pena – de prisão por quatro meses a um ano, e de multa correspondente a metade do tempo” (cf. Brasil, 1854, p. 96).

natureza de seus estudos especiais, se acham em estado de elevar-se a essa altura do pensamento⁴⁷⁶.

Não serei eu que conteste a grande instrução de nossos médicos e engenheiros⁴⁷⁷. Cumpre-me, entretanto, ponderar que, na lista dos filósofos do Brasil, encontro um só tipo pertencente, ao que parece, àquela última classe, o Dr. Pedro Américo, ferrenho espiritualista⁴⁷⁸, e, dos cinco médicos aí contados, três, os Drs. Eduardo França, Domingos de Magalhães e Soriano de Souza, são mais espiritualistas

476 Romero praticamente reproduz um trecho do texto de Pereira Barreto, sem usar as aspas para indicar a citação. Eis a referida passagem: “O código penal brasileiro – que os legistas asseveram ser um dos mais lenientes e filosóficos do mundo – contém um artigo que proíbe questionar-se a imortalidade da alma e a existência suprema. Este artigo não pode, evidentemente, dirigir-se senão aos médicos e engenheiros, os únicos que, pela natureza de seus estudos especiais, se acham em estado de se elevar a essa altura de pensamento. Não precisamos dizer que o único argumento do código é o ergástulo e que, perante a sua lógica de salvação pública, o ferrolho e a chave do carcereiro são provas mais eloquentes do que toda a esplêndida dialética dos nominalistas da idade média e do que a *Crítica da Razão Pura* de Kant” (Pereira Barreto, 2001, p. 137).

477 Somente há a ponderar que a tenho visto provada em documentos, como um que vou transcrever. Ultimamente escrevia para *O Globo* – pequeno diário que se publicava na Corte – um engenheiro, residente nos Estados Unidos, dando conta de como foram ali julgados alguns trabalhos de médicos e engenheiros nacionais, os seguintes períodos: “O livro sobre pontes do Dr. Machado, lente da Escola de Engenharia do Rio de Janeiro, é um trabalho de teoria, cheio de fórmulas, que hoje ninguém emprega, e vê-se ter ele sido escrito por quem nunca viu fazer nem ao menos um pontilhão. A caderneta de campos, arranjada pelo Sr. Pereira Passos, que [me] dizem dirige aí um estabelecimento de construção naval, é um trabalho sem valor de espécie alguma – e até com erros de cálculo – e, no entanto, dizem ter sido impresso com auxílio do governo, o que aqui causou admiração. Um livrinho do Sr. Borges de Castro, tratando de questões profissionais, é pouco menos interessante do que as folhinhas de Ayer. [...] Um folheto do Sr. Câmara, engenheiro hidráulico, que dizem ser, no Brasil, um cidadão de alta capacidade, tem a grande vantagem de não adiantar uma só ideia”. Os dignos americanos só fizeram exceção, pouco honrosa, para dois ou três pequenos trabalhos precedentes deste país. Vid. *O Globo* de 3 de junho de 1877 [edição 136] (SR). Cf. *O Globo* (1877, p. 1). Nessa edição, o nome do engenheiro mencionado por Romero não é divulgado, uma vez que o jornal se refere a ele apenas como “um amigo nosso, engenheiro, que ali [nos Estados Unidos] reside”. Não pudemos encontrar informações biográficas sobre qualquer um dos quatro engenheiros citados pelo autor da passagem. Já as referidas “folhinhas de Ayer” eram um almanaque publicado pela companhia farmacêutica J. C. Ayer & Co. – fundada pelo médico estadunidense James Cook Ayer (1818-1878) – em várias línguas (em Portugal, por exemplo, elas receberam o título *Calendário e folhinha portuguesa do Doutor Ayer*). “Tal almanaque continha tanto previsões astrológicas quanto climáticas, as fases da lua mês a mês e diversas dicas de saúde, a maioria delas recomendando o consumo de remédios da própria Companhia Ayer” (Thaís Bartolomeu Barcellos, 2014, p. 8). As “folhinhas de Ayer”, então, são mencionadas aqui como uma referência irônica a publicações pouco dignas de credibilidade (TT&RX).

478 Sobre o *espiritualismo*, conferir a nota 47, no capítulo I.

que a própria espiritualidade, mais sectários da imortalidade do que esta mesma o seria.

Por outro lado, os dois escritores filósofos pertencentes à classe dos *legistas* – o Visconde do Rio Grande e o Dr. Tobias Barreto de Menezes – são não só dos mais originais e profundos como dos mais despreocupados dos afertos da educação⁴⁷⁹.

Não envolve isto a defesa do *bacharelado*⁴⁸⁰ brasileiro, a que por minha vez pertenço, cujas péssimas condições científicas sou dos primeiros a proclamar, e cuja reforma se me antolha⁴⁸¹ indispensável. Os pátrios *legistas*⁴⁸², em sua quase generalidade, são a nossa classe mais perigosa, por enfatuada [presunçosa] e ignorante. Só podem correr parelhas⁴⁸³ com os seus irmãos de cultura, os membros do nosso clero. Nutridos do espírito frívolo da baixa literatura que cultivam nas Academias e de chatas antigualhas [velharias] dos juristas lusos, ei-los que proclamam a sua pobre jurisprudência a mais sublime das ciências e fazem da retórica a sua arma de combate!...⁴⁸⁴ A essa classe

479 *Mais despreocupados dos afertos da educação*: mais livres do apego tenaz às opiniões reproduzidas pelo sistema educativo.

480 Incluindo-se entre os seus diplomados, Romero aparentemente usa o termo *bacharelado* para se referir ao ensino superior de Direito no Brasil. Vale lembrar que, até a década de 1870, existiam no Brasil apenas cinco cursos superiores oficiais: Direito, em Recife e em São Paulo; Medicina, nas Faculdades da Bahia e do Rio de Janeiro (de cujos cursos os diplomados já eram considerados *doutores* – tendo, inclusive, que escrever e defender uma tese para se formar); e Engenharia, no Rio de Janeiro.

481 *Se me antolha*: me parece, considero.

482 *Pátrios legistas*: advogados nacionais.

483 *Só podem correr parelhas*: só se equiparam.

484 No parlamento, ou no foro, sempre eles dão a apreciar as suas *excelentes* disposições de espírito. Conheci um que, como advogado, escreveu vinte e tantas folhas de papel almaço para provar o soberbo problema: *que a vintena deve ser deduzida do monte e não da terça!* Ele foi, depois disso, deputado e ministro de Estado. Não é presumível que, nesta última qualidade, tenha melhorado, pois já vimos um *ministro* e um *senador*, ambos *legistas*, levarem uma hora discutindo sobre a pronúncia das palavras *Pall-Mall!!!!* (SR). Com essas duas anedotas, Romero pretende destacar o absurdo e o ridículo nos quais incorriam os advogados e legisladores brasileiros. Na primeira delas, Romero relata o caso de um advogado que gastou mais de vinte páginas para dizer uma coisa óbvia, a saber, que a parte cabível a um advogado por um processo de herança – a vintena –

inculta – e desnorreada por não sei que falsa intuição do mundo e da humanidade – devemos, em grande parte, o nosso desconchavo [desajuste] político e o nosso abatimento social. Onde quer que ela tenha predominado, o mesmo se nota, em maior ou menor escala. Não é sem razão que se pode indicar como uma das causas das desordens públicas da França e da Espanha aquela preponderância, ao passo que o sossego e a grandeza da Alemanha e da Inglaterra se devem em parte ao grande peso que ali têm os naturalistas.

O jurista brasileiro – ou seja ele um *doctor Joannes a Regulis*, ou um *doctor Mater-Galla*⁴⁸⁵ – é um ente hoje desclassificado e que reclama urgente transformação. Aquele que se levanta acima do nível comum, o faz exatamente, irremediavelmente rompendo com as

deveria ser calculada com base no total da herança (o monte) e não em uma fração de seu total (a terça). Em relação ao segundo caso, não conseguimos encontrar nos registros oficiais nenhuma ata sobre a referida discussão acerca da “pronúncia das palavras *Pall-Mall*”. De todo modo, se de fato tal discussão ocorreu, não seriam necessárias muitas explicações para destacar o seu caráter ignóbil (TT&RX).

485 Referência ao personagem do romance histórico *O monge de Cister* (1848), do escritor português Alexandre Herculano (1810-1877), retratado da seguinte forma no capítulo XI do livro: “Eleito vereador, poucos anos depois de voltar a Celorico, não tardara a ocupar cargo mais importante, o de juiz de foro, ou ordinário, da sua terra. Então é que bendisse o talento e ciência que Deus repartira com ele, e deu por bem empregadas as vigílias que dedicara a fazer a conversão do próprio nome. As palavras *Doctor-Mater-Galla-Dictus-Asinipes*, escritas em letra grande e garrafal no fundo de um pergaminho, davam às suas sentenças uma solenidade, um ar de mistério científico, um grandioso, que infundia santo e salutar temor na gente de Celorico, embora no trato ordinário, e sobretudo pelas costas, lhe chamassem o doutor Pataburro”. Quanto ao *doctor Joannes a Regulis*, Romero provavelmente se refere a João das Regras, conselheiro de D. João I, que teve um papel determinante em sua ascensão ao trono português e é personagem de *O monge de Cister* e também do conto “A abóbada” (1851). Neste último, Herculano escreve: “D. João I, que conhecia serem esses dois homens [João das Regras e Nun’Álvares] as pedras angulares de seu trono, escutava-os sempre com respeito, salvo quando falavam um do outro; posto que o condestável [Nun’Álvares], homem mais de obras que de palavras, raras vezes menoscabava os méritos do chanceler [João das Regras], contentando-se [...] em que João das Regras mostrava o grande peso da sua pena”. O que Romero parece sugerir, então, é que os juristas brasileiros de sua época – fossem eles influentes em todo o Império ou apenas em uma pequena localidade – eram todos antiquados (cf. Herculano, 1918, p. 190, e 2023, p. 14).

tradições e posturas de sua classe. É-lhe mister⁴⁸⁶ fazer *tabula rasa*⁴⁸⁷ da pobre cultura que lhe inocularam [transmitiram, inculcaram] nas Academias para aproximar-se das ideias e da ciência do tempo. É preciso, em suma, ser uma espécie de renegado. A outra qualidade do Sr. Visconde do Rio Grande, a de membro mudo do senado, vem, de alguma sorte, confirmá-lo. O nobre senador nunca tomou parte nas discussões teológico-metafísico-retóricas do nosso parlamento – e o que iria ele lá dizer? Apaixonado pelas ciências físicas e naturais, com uma intuição mui diversa da dos nossos legisladores *parlantes* [falastrões], o que poderia ele em face da facúndia [eloquência] de um Zacarias, ou de um Cândido Mendes?

O que é certo é que o nobre visconde ia passando despercebido, e talvez – por que não dizê-lo? – passando por medíocre, porque nunca falou!... O caso é grave neste país. Ser deputado ou senador e não *orar*... é demonstrativo sinal de fraqueza ou de ignorância. Todo o parlamentar de bons quilates tem sempre o que dizer...

Mas vamos ao conteúdo de *O fim da criação*. Em rigor aqui não devia ocupar o meu leitor com esse notável livro; o seu objeto é pertencente às ciências naturais inorgânicas, máxime [principalmente] à geologia, ficando-lhe alguma coisa ao longe as especulações filosóficas. Como, todavia, ali leem-se boas laudas [páginas] sobre a teoria científica do universo, e como a filosofia, estudo geral, abarca hoje todos os domínios, não é fora do assunto consagrar, nestas páginas, ao livro do preclaro [ilustre] senador um pequeno capítulo.

Bem se compreende, portanto, que nos devemos de preferência deter ante o que nele tem um caráter geral, isto é, diante daquilo que mais de perto nos interessa.

486 *É-lhe mister*: é-lhe preciso.

487 *Tabula rasa*: em latim, *tábua raspada* – algo equivalente a uma folha em branco. Por “fazer *tabula rasa*”, então, pode-se entender “começar do zero”.

A obra se divide em duas partes; nestas estão espalhadas observações e estudos de ordens diversas, de fisionomia mais ou menos especial, estudos e observações dirigentes [dirigidas, destinadas] a provar os dois alvos principais do autor. Estes se reduzem à afirmação de que o planeta sobre o qual habitamos vai sempre crescendo no curso das idades geológicas, e à negação da célebre teoria de Laplace⁴⁸⁸.

O lado positivo me parece bem fundamentado; a face negativa da obra é que não deixa de ser permeável por mais de uma juntura⁴⁸⁹.

Antes de tudo convém advertir que não devemos formar do Sr. Visconde do Rio Grande a ideia de que seja ele um sábio; é apenas, nas ciências, um diletante⁴⁹⁰, mas um diletante consciente. Apesar de ter muito lido e meditado, ele não fez observações próprias, estudos inteiramente seus e originais. É um erudito em ciências naturais, ramo dos conhecimentos humanos onde mais vale a própria indagação do que a leitura. Para prová-lo, basta ponderar que em todo o grosso volume de mais de 650 páginas, com que brindou as nossas letras, só um pequeno – e, devo dizê-lo – insignificante achado seu é exposto aos nossos olhos. Este mesmo não é uma descoberta; vem apenas provar que o nobre visconde, como naturalista, nem ao menos tem viajado, indo pouco além de seu jardim as suas indagações. O fato a que me refiro é assim exposto em seu livro: “Nas areias nimiamente conchíferas⁴⁹¹ da nossa Praia Vermelha⁴⁹², de que tenho alastrado

488 Por “célebre teoria de Laplace”, Romero se refere à hipótese – elaborada por Immanuel Kant e também pelo matemático e astrônomo francês Pierre-Simon Laplace – de que o sistema solar surgiu da condensação de uma nebulosa. Na continuação do capítulo, Romero se remete algumas vezes à mesma teoria.

489 Aparentemente, Romero usa o termo *juntura* com um dos sentidos de *conjuntura*, a saber, *dificuldade ou situação embaraçosa*.

490 *Diletante*: amante de artes e ciências, amador.

491 *Nimiamente conchíferas*: abundantemente dotadas de conchas.

492 Provável referência à Praia Vermelha do Rio de Janeiro, hoje pertencente ao bairro da Urca.

[estendido] o meu pequeno jardim, encontrei [eu] uma *Astarte sulcata*⁴⁹³ inteiramente semelhante à dos calcários carboníferos⁴⁹⁴; uma avícula⁴⁹⁵ que aparentemente não difere da *Posidonia becheri*⁴⁹⁶ dos carboníferos⁴⁹⁷ inferiores, e um *Cerithium*⁴⁹⁸ tal qual a *Murchisonia gracilis*⁴⁹⁹ descrita por Sir Charles Lyell como pertencente aos terrenos cambrianos⁵⁰⁰.

Não obstante só dispor de uma erudição de segunda ou terceira mão⁵⁰¹, o nosso autor revela, em todo o seu escrito, uma grande tensão de espírito⁵⁰² e um elevado senso crítico. Grandes méritos deixa ver em seu livro; os principais são: o ser franco sectário do darwinismo⁵⁰³, como no-lo mostra no capítulo XIV⁵⁰⁴; o dilucidar com vantagem⁵⁰⁵ muitos pontos obscuros da geologia brasileira⁵⁰⁶; o

493 *Astarte sulcata*: espécie de concha.

494 *Calcários carboníferos*: rochas sedimentares muito presentes nas ilhas da Irlanda e da Grã-Bretanha.

495 *Avícula*: “gênero de moluscos, cuja concha tem semelhança com a cauda da andorinha” – *Dicio*.

496 *Posidonia becheri*: fóssil de molusco bivalve identificado pela primeira vez na província de Hakkâri, no sudeste da Turquia.

497 *Carboníferos*: períodos geológicos do final do paleozoico.

498 *Cerithium*: gênero de caramujos marinhos de pequeno e médio porte.

499 *Murchisonia gracilis*: fóssil de um animal invertebrado que possui uma concha espiral longa e fina – com voltas regularmente arredondadas e cruzadas –, cujo nome provém do latim *gracilis*, *gracioso*, e de uma homenagem ao geólogo escocês Roderick Murchison (1792-1871).

500 *O fim da criação* [1875], p. 269-270 (SR). Na citação, Romero exclui apenas o “eu”, que devolvemos entre colchetes. Corrigimos a grafia de “*Posidonia*”, que José de Araújo Ribeiro e Romero registraram como “*Posidonimya*” (TT&RX).

501 *Não obstante só dispor de uma erudição de segunda ou terceira mão*: apesar de só dispor de conhecimentos de segundos ou terceiros (ou seja, de saberes que não foram adquiridos por experiência própria e sim recebidos por meio de outrem).

502 *Tensão de espírito*: esforço mental, força de pensamento.

503 Sobre o *darwinismo*, conferir a nota 325, no capítulo VII.

504 *O fim da criação* [1875], p. 532 e seguintes (SR).

505 *O dilucidar com vantagem*: o mérito de elucidar bem, o mérito de explicar com clareza.

506 *O fim da criação* [1875], em muitos lugares do livro (SR).

demonstrar suficientemente o fim principal que se propôs⁵⁰⁷. A tudo isso junta-se ainda a clareza da exposição; o trabalho é metódico e o estilo do escritor simples e chão [despretensioso].

Estas qualidades são bons predicados – e raros neste país. Quem suporia, por exemplo, que, no senado brasileiro – classe que não brilha muito pela sua ilustração [erudição, saber] –, tínhamos um sectário inteligente e adiantado das ideias de Darwin, nome que muitos ali não pronunciam sem primeiro se benzerem?

A tese do Sr. Visconde do Rio Grande é, já o disse, provar o crescimento da Terra. Para isso, ele aproveitou-se de quantos argumentos teve à sua disposição⁵⁰⁸. O ar atmosférico, direta e indiretamente; os resíduos vegetais e os animais são as suas provas prediletas. Mas não é o simples crescimento terrestre que ele advoga; dá também ao planeta, fundado em Stanislas Meunier, uma vida própria e *sui generis*⁵⁰⁹.

Devo declarar que essas ideias não são novas. Quanto à primeira, o nosso próprio autor confessa que não fez mais do que desenvolver certos pensamentos esparsos em alguns escritores – que cita – e tirar a consequência de premissas ensinadas pela geologia. Aquela ideia não era, todavia, por todos aceita, nem demonstrada diretamente nos tratados da ciência. O serviço prestado, nesse ponto, pelo nosso titular, foi o dar corpo àquele pensamento e revesti-lo de roupagens capazes de afrontar [encarar] a discussão e análise.

A ideia de vida própria, não só da Terra, mas de todo o mundo, tem sido advogada em mais de um período da história da filosofia. Além de Meunier, ainda agora, sob os nossos olhos, o célebre escritor e sábio belga Joseph Delbœuf ensina que todo o universo

507 *O fim da criação* [1875], *passim* [em diversas passagens] (SR).

508 *De quantos argumentos teve à sua disposição*: de todos os argumentos que estavam ao seu alcance.

509 *O fim da criação* [1875], 1ª parte, capítulo III, p. 75 e seguintes (SR). A expressão latina *sui generis* designa algo que é *único em seu gênero, singular* (TT&RX).

é dotado de sensibilidade e inteligência, como o é – e pelos mesmos títulos – de extensão e movimento. Em todos os seus tratados, é a ideia exposta e sustentada. Suas afirmações são categóricas: “para nós – escreve ele –, já o dissemos diversas vezes, cremos que desde seu nascimento o mundo continha tanto a inteligência quanto a matéria e o movimento”⁵¹⁰. Ainda ultimamente, foi mais positivo: “O universo, em seu estado inicial, continha então, ao menos em germe, a sensibilidade, a inteligência, a liberdade, do mesmo modo que continha a matéria e o movimento”⁵¹¹.

Os que conhecem a evolução filosófica da atualidade sabem que o novo pessimismo alemão de Hartmann admite e proclama, na *Philosophie des Unbewussten* [*Filosofia do inconsciente*], que toda a matéria, que existe, é ornada de vida, sensibilidade e inteligência, em estado inconsciente no universo, e consciente no homem. E a reação filosófica de Hartmann não é nada para ser desprezada, quando vemos um homem, como o Professor Adolf Lasson, de Berlim, assim se exprimir a seu respeito: “Quem estivesse disposto a descrever a atual situação dos estudos filosóficos na Alemanha, não procederia desastrosamente se passasse em revista⁵¹² as correntes favoráveis ou contrárias a Eduard von Hartmann, tomando como ponto de partida e como critério suas obras. Apesar das apreciações divergentes sobre o valor efetivo e sobre a validade permanente das opiniões

510 *La psychologie comme science naturelle* [*A psicologia como ciência natural*], de Joseph Delbœuf, Bruxelas, 1876, p. 105 (SR). Eis o trecho original em francês, como é citado por Romero: “Pour nous, nous l'avons dit plusieurs fois, nous croyons qu'à sa naissance le monde renfermait déjà l'intelligence aussi bien que la matière et le mouvement” (cf. Delbœuf, 1876, p. 105) (TT&RX).

511 “Les Mathématiques et le transformisme, une loi mathématique applicable à la théorie du transformisme” [“A matemática e o transformismo, uma lei matemática aplicável à teoria do transformismo”], inserto na *Revue Scientifique*, nº 29, de 13 de janeiro de 1877 (SR). Nossa tradução corrige alguns termos escolhidos por Vita. Romero cita a passagem em francês (que corresponde às palavras finais do texto de Delbœuf): “L'univers, à son état initial, renfermait donc, au moins en germe, la sensibilité, l'intelligence, la liberté, au même titre qu'il renfermait la matière et le mouvement” (Delbœuf, 1877, p. 679) (TT&RX).

512 *Passasse em revista*: examinasse.

esposadas [sustentadas] por von Hartmann, quase todos sentiram a necessidade de confrontar o seu próprio pensamento com a *Filosofia do inconsciente*, que desfruta na ciência filosófica posição relevante. Inclusive aqueles sem posição definida também sentem a tentação de ouvi-la no tocante a este problema que empolga muitos espíritos. Disto resulta um rico conjunto de vozes e, neste concerto, todas as opiniões e tendências filosóficas vêm à luz como que imbricadas [entrelaçadas]. É sempre agradável a verificação de que pelo menos uma pessoa sabe que está sendo ouvida por todos”⁵¹³.

Não levarei, por necessidade de plano⁵¹⁴, o meu leitor às provas detalhadas das asserções [afirmações, proposições] do nosso naturalista. Seria embrenhar-nos em pura geologia. Concordemos com ele em conceder certa vida e crescimento ao planeta, pois que, entre outras verdades, já sabíamos ser o crescimento um resultado da existência do *éter*, e que a Terra vai, por meio das rochas, sugando, diariamente, da atmosfera notáveis quantidades de água e de ar⁵¹⁵.

Não se pense, porém, que o espírito de nosso escritor está isento de qualquer exageração. Ao contrário.

513 *Deutsche Rundschau* [Panorama Alemão], Zweiter Jahrgang [ano 2], nº 12, setembro de 1876, p. 391 (SR). Reproduzimos a tradução da edição de Luís Washington Vita. Eis o trecho em alemão citado por Romero: “Wer den gegenwärtigen Zustand der philosophischen Forschung in Deutschland schildern wollte, würde nicht unzweckmäßig verfahren, wenn er an die Schriften Eduard von Hartmanns anknüpfend von diesem Gesichtspunkte aus die demselben befreundeten und die gegnerischen Richtungen einer Musterung unterwürfe. Denn bei aller Verschiedenheit der Meinungen über den echten Wert und bleibenden Gehalt der von Hartmann vertretenen Ansichten: die Notwendigkeit, sich mit der ‘Philosophie des Unbewussten’ kritisch auseinander zu setzen, haben fast Alle empfunden, die in der philosophischen Wissenschaft gegenwärtig eine bestimmte Stellung einnehmen, und auch Manche, die zwar eine solche Stellung nicht einnehmen, aber doch den Reiz verspüren, in dieser viele Gemüter beschäftigenden Frage sich auch hören zu lassen. Das ergibt denn ein reiches Konzert von und Bestrebungen heute überhaupt vorhanden ist, kommt dabei in der wünschenswertesten Vollständigkeit an den Tag. Es ist immer gut, wenn wenigstens Einer da ist, der sich Gehör zu erzwingen versteht” (cf. Lasson, 1876, p. 391) (TT&RX).

514 *Por necessidade de plano*: por razões de brevidade, para não me desviar de meus objetivos.

515 *Histoire de la Terre* [História da Terra], de Louis Simonin, 4ª ed., Paris, 1867, p. 168 (SR). Na página mencionada por Romero, Simonin afirma: “Os químicos já calcularam que as rochas absorvem todo dia quantidades consideráveis de água e de ar” [“Déjà les chimistes se sont plu à calculer que les roches absorbaient chaque jour des quantités assez notables d’eau et d’air”] (TT&RX).

Ele, por contradição com a filosofia monística⁵¹⁶ de Darwin, é ainda um *finalista*⁵¹⁷. O título mesmo, um pouco extravagante, de seu livro o mostra.

O fim da criação ou a natureza interpretada pelo senso comum...
Mas qual será o fim, o destino da criação?

O autor não nos fala do universo em geral; mas com a Terra ele é claro; seu fim é *crescer*. Com as plantas e animais e o homem ele é também terminante [categórico]; o seu fim é contribuir para aquele interminável *crescer*. Ouçamos a linguagem franca do Sr. do Rio Grande. Depois de falar largamente sobre a alimentação das plantas, diz-nos: “Pelo que respeita à matéria da nutrição, os animais se dividem em herbívoros e carnívoros, segundo os alimentos são vegetais ou animais. A nutrição animal, que consiste em os animais se devorarem uns aos outros, se nos antolha⁵¹⁸ à primeira vista, uma vez que eles foram dotados de sensibilidade, como uma lei excepcionalmente cruel, que muito se afasta da usual e notória benevolência com que o Supremo Autor de todas as coisas regulou a criação dos seres organizados. Nem creio que caiba na nossa inteligência explicar a dureza de semelhante lei, sem recorrermos à consideração de que *os dois reinos orgânicos não existem senão para condensar a matéria com que contribuem para o engrandecimento da Terra*. Com efeito, não será senão tendo-se em vista este *grande fim*, cuja importância predomina sobre as conveniências dos animais⁵¹⁹, que poderemos compreender a lei de que se trata, e que chegaremos mesmo a convencer-nos de que, desde que o animal alcança o seu maior crescimento, que é quando pode fornecer maior soma de

516 Sobre o *monismo*, conferir a nota 79, no capítulo II.

517 *Finalista*: adepto do *finalismo*, isto é, alguém que sustenta a existência de causas finais.

518 *Se nos antolha*: parece-nos, se nos afigura – literalmente, põe-se diante de nossos olhos.

519 *Cuja importância predomina sobre as conveniências dos animais*: cuja importância se sobrepõe aos interesses dos animais.

despojos, *tem preenchido o seu destino, e convém que cesse de viver para dar lugar a outros*⁵²⁰.

Isso pelo que diz respeito às plantas e animais; quanto ao homem, depois de falar de suas dádivas diretas, aí vem o *ultimatum* [ultimato]⁵²¹ a seu respeito: “mas a contribuição principal da espécie humana ainda não é a que consiste na sua própria carne e ossos, mas na carne e ossos dos muitos animais de que ela promove a reprodução para sua nutrição e serviço, na grande cópia [abundância] de frutos que semeia e colhe para si e para esses animais, e na quantidade também considerável de plantas têxteis que cultiva para delas se servir. Tudo isto reunido forma uma imensa massa de ar condensado, que sem cessar o homem espalha pela face da Terra, *sem parecer estar em consciência de que esta é a sua principal, se não a única missão neste mundo*”⁵²².

Já se vê qual é o *fim* do homem e de suas indústrias. Mas eu não quero ser injusto com o digno visconde, deixando de mostrar toda a extensão de sua lógica. A nossa própria civilização tem por fim aumentar a crosta do planeta. “A nossa vida moral ou espiritual – escreve ele –, que se nos afigura talvez como razão determinante de nossa existência, desaparece inteiramente com a morte, e de ordinário antes da mesma morte, como se fora um sonho, não ficando de real e positivo senão o nosso cadáver, essa porção de ar condensado que a mesma natureza nos constrange a entregar-lhe sem maior tardança [...] Portanto, criando o homem racional e *ao depois*⁵²³ *civilizando-o*, não parece que a natureza tenha tido outras

520 *O fim da criação* [1875], p. 186-187 (SR). Citação que Romero não altera, mas acrescenta os itálicos (TT&RX).

521 Em latim no original.

522 *O fim da criação* [1875], p. 531 (SR). Os itálicos são de Romero (TT&RX).

523 *Ao depois*: depois.

vistas [intenções, objetivos] senão as de aumentar a massa dos despojos orgânicos”⁵²⁴.

De tal modo, até a inumerável quantidade de livros que a civilização vai espalhando, aí contado também *O fim da criação*, tem por único objeto essencial contribuir para o aumento da crosta terrestre! O livro concorre duplamente: por si, de modo direto, com suas páginas rotas [esfarrapadas], e ainda mais apurando a civilização, cujo alvo acabou de ensinar-nos o Sr. Araújo Ribeiro. Eis a que se reduz a nobreza do desenvolvimento filético⁵²⁵ da humanidade; mas eis também até onde pode chegar um sectário das *causas finais*!

Aplaudo, com força, que o nobre brasileiro tenha concorrido, com sua doutrina, para derrubar o velho erro antropocêntrico, e a conter as nossas veleidades [inclinações, caprichos] de grandeza, que não nos cabem. Aplaudo, ainda, que tenha demonstrado com vantagem a sua tese predileta; lastimo, porém, que um espírito tão lúcido e perspicaz ainda vá tropeçar nas velhas asperezas das finalidades.

Como observador e como darwinista, devia contemplar e determinar os fatos sem envolver-se em conjecturas⁵²⁶ e possibilidades.

524 *O fim da criação* [1875], p. 553-554 (SR). Além de acrescentar os itálicos, Romero suprime o seguinte trecho entre colchetes: “essa porção de ar condensado que [a terra logo reclama, e que] a mesma natureza nos constringe a entregar-lhe sem maior tardança”. Quanto à passagem omitida, indicada por “[...]”, eis o texto de José de Araújo Ribeiro: “Tudo isto está na consciência dos homens refletidos, mas conviria que estivesse na de todos, visto que o conhecimento do nosso valor real, na economia da natureza, não deve deixar de nos ser vantajoso. Ele nos poupará muitas ilusões que são sempre causa de males. A vida média do homem, segundo se tem calculado na Europa, não excede de 22 a 23 anos, o que coincide com a idade em que ele obtém o seu maior desenvolvimento físico; e esta coincidência é digna de notar-se, porque quando atingimos o nosso maior crescimento é justamente a época em que estamos no caso de dar à terra maior soma de despojos. A idade de 22 anos é também a mais própria para a guerra que, como se sabe, é o principal teatro de destruição para os indivíduos da espécie humana; e releva observar que os progressos da civilização não diminuam as contingências desta calamidade, antes só parecem servir para aperfeiçoar os meios de destruição, proporcionando esta ao desenvolvimento que vai tendo a reprodução da espécie” (TT&RX).

525 *Filético*: relativo ao filo ou à linhagem evolutiva da espécie.

526 *Conjecturas*: suposições, presunções, hipóteses.

O fim da criação... como sabe cientificamente o escritor que houve uma *criação*, e quem lhe autorizou a designar-lhe um fim? Ele aí não procedeu como filósofo. Antes de passar além⁵²⁷, quero fazer justiça a um predecessor do digno visconde. Conheci – e muitos dos meus colegas podem atestá-lo – em Pernambuco um lente [professor] de geografia, adjunto a uma Faculdade de Direito que ali existe, que, durante uns bons trinta anos, ensinou pontualmente a teoria do crescimento da Terra, muito antes do Sr. do Rio Grande. Os argumentos do bom lente, hoje jubilado [aposentado], é que não eram dos mais convincentes. Ele tinha como prova principal a rua Direita da cidade do Recife, cujo calçamento está hoje alguns pés acima do nível do chão das casas. Os rapazes não deixavam de tomar boa dose de divertimento com o sério e um tanto *ratônico*⁵²⁸ doutor... Mal sabiam eles que o senador do Império, ex-enviado junto à corte de França, o Visconde do Rio Grande traria, e com razão, anos mais tarde, igual argumento tirado de algumas cidades, como Jerusalém, por exemplo.

O velho lente triunfou; ele está justificado. Tratando deste assunto, quis render um preito⁵²⁹ ao seu critério e à sua sabedoria...

O nosso autor nem sempre se mostra inteirado dos modernos avanços praticados nas ciências que cultiva. Muitos fatos novos, ele não os refere por desconhecer-los, ou cala-os por conveniência. O leitor paciente pode convencer-se comparando certas páginas de *O fim da criação* com alguns artigos publicados em revistas europeias⁵³⁰.

527 *Passar além*: prosseguir, ir adiante.

528 *Ratônico* é uma palavra inexistente em dicionários de língua portuguesa. Por sua composição, o termo parece designa algo ou alguém com características ou comportamentos similares aos de *ratos*.

529 *Preito*: homenagem (termo aparentemente usado por Romero com certa ironia).

530 Vejam-se: i. “Les Foraminifères de la Barbade” [“Os foraminíferos de Barbados”], de Van den Broeck, publicados primeiro no *Le fond de la mer* [O fundo do mar] e nos *Annales de La Société Belge de Microscopie* [Anais da Sociedade Belga de Microscopia], e analisados na *Revue Scientifique*, [nº 37], de 10 de março de 1877; ii. “La Formation des météorites et le volcanisme” [“A formação

Mas toquemos a face crítica do livro, e a mais interessante para nós. É aqui que o Sr. Visconde do Rio Grande nem sempre se mostra munido de razão.

Ele julgou necessário banir a hipótese de Laplace para melhor firmar a sua doutrina do crescimento terráqueo.

Os seus argumentos, nessa parte, não honram muito a sua sagacidade. Me parece que não havia precisão [necessidade] de repelir aquela célebre cosmogonia⁵³¹ que dá conta dos mais interessantes fenômenos de nosso sistema planetário – e que é a única que pode justificar as próprias ideias do honrado senador.

Procedamos por partes e cautelosamente.

Suponho no leitor o conhecimento da notável doutrina evolutiva do universo, ou teoria cosmológica dos gases, entrevista por Herschel, em seus estudos sobre as nebulosas, formulada por Kant e desenvolvida por Laplace. Aquele que a não conhecer, nem a puder ler na *Allgemein Naturgeschichte und Theorie des Himmels* [História natural geral e teoria do céu]⁵³² e na *Exposition du système du monde* [Exposição do sistema do mundo]⁵³³, pode vê-la exposta e criticada

dos meteoritos e o vulcanismo”, de Tschermak, na *Revue Scientifique*, [nº 21], de 20 de novembro de 1875; iii. “Les Périodes glaciaires et les causes de leur apparition” [“Os períodos glaciais e as causas de suas aparições”], de Vézian, na [Revue Scientifique, nº 23] de 2 de dezembro 1876; iv. “Les Planètes intra-mercurielles” [“Os planetas intramercuriais”], na [Revue Scientifique, nº 26] de 23 de dezembro de 1876; v. O *Traité de paléontologie végétale* [Tratado de paleontologia vegetal], de Schimper, analisado na [Revue Scientifique, nº 22] de 28 novembro de 1874 por Zeiller; vi. “La Chimie des plantes” [“A química das plantas”], de A. Gautier, na [Revue Scientifique, nº 33] de 10 de fevereiro de 1877; vii. “La Détermination des minéraux microscopiques des roches” [“A determinação dos minerais microscópicos das rochas”], de Fouqué, na [Revue Scientifique, nº 25] de 16 de dezembro de 1876. Alguns destes escritos foram publicados depois da obra do nosso autor; mas sobre fatos já conhecidos (SR). Cf. Van den Broeck (1876), *Revue Scientifique* (1877), Tschermak (1875), Vézian (1876), *Revue Scientifique* (1876), Schimper (1874), Zeiller (1874), Gautier (1877) e Fouqué (1876) (TT&RX).

531 *Cosmogonia*: descrição ou teoria sobre a criação do mundo – do grego κοσμογονία (ou *kosmogonia*), criação do mundo.

532 Obra publicada por Kant em 1755.

533 Obra de Laplace publicada originalmente em 1796.

na *Natürliche Schöpfungsgeschichte* [História da criação natural] de Ernst Haeckel ou no *Cours de philosophie positive* [Curso de filosofia positiva] de Augusto Comte. Estes dois últimos filósofos e sábios a desenvolvem com magna clareza e Comte até a auxilia por novas considerações⁵³⁴.

A exemplo do Sr. Visconde, me dispensio de expor a afamada hipótese.

Pesemos a sua crítica.

Releva [é importante], antes de tudo, notar que a defesa, que vai ser feita da doutrina cosmológica dos gases, não importa⁵³⁵ a confissão de verdade inabalável contida nessa teoria, quando é certo que os seus próprios autores são os primeiros a dá-la como uma simples hipótese, mais ou menos plausível. O que deve sobressair de nossa análise é o nenhum fundamento das ponderações do escritor nacional.

É no capítulo primeiro de seu livro que ele se avista com a doutrina que deseja combater. Acompanhem-o passo a passo.

Começa por insinuar que: “a Terra é dotada de uma vida própria, e se nutre como os indivíduos organizados, e que deve como esses indivíduos crescer de volume, colhendo nas regiões do espaço, por intermédio de sua atmosfera, a matéria necessária à sua nutrição e crescimento”⁵³⁶.

Já atrás concordamos em conceder à Terra certa vida *sui generis* e o crescimento. Importa, porém, agora, advertir que o nosso geólogo

534 Em livros elementares de astronomia, geologia e filosofia, também vem ela exposta. Podem ver: i. *Cours élémentaire d'astronomie* [Curso básico de astronomia], de Charles Delaunay, p. 614 e seguintes; ii. *Histoire de la terre* [História da terra], de Louis Simonin, p. 155 e seguintes; iii. *Essai de philosophie positive au XIX^e siècle* [Ensaio de filosofia positiva no século XIX], de Adolphe d'Assier, p. 90 e seguintes (SR). Cf. Delaunay (1864), Simonin (1867) e Assier (1870) (TT&RX).

535 Não importa: não implica, não traz consigo.

536 *O fim da criação* [1875], p. 4 (SR).

parece fazer depender sempre da vida da Terra o seu aumento, de modo que seja este indefinido. Aqui anda grande confusão de ideias; lembro ao nobre senador que *viver* não é sempre *crescer*. As plantas e animais, que são os dois reinos orgânicos da natureza e os dotados de vida a mais perfeita, nem sempre crescem. Há um período em que o crescimento estaciona. Tudo nos leva a crer que igual sorte está reservada à Terra. Dados astronômicos e geológicos concorrem para prová-lo. Creio que o Sr. do Rio Grande, para ser coerente, deve estender a todos os corpos do firmamento o privilégio que deu à Terra. Neste caso, o único verdadeiro, ele deve saber que existem alguns astros que têm, como aquela, uma atmosfera, e outros que já a tiveram, não a possuindo mais. O que prova isto? Que o crescimento naquelas grandes massas tende a estacionar; o que, de todo o ponto⁵³⁷, se coaduna⁵³⁸ com o sistema de Laplace. Ao contrário, sendo o calor da Terra e de todos os nossos planetas oriundo do Sol – como não deixa de reconhecer o próprio autor, e nem a hipótese de Kant o contesta – e tendendo o astro central a esfriar, como também o declara, é evidente que, crescendo sempre e indefinidamente os planetas, estes viriam a romper, antes do tempo, a harmonia do sistema, contra os votos expressos do digno Visconde⁵³⁹.

Ele não deu por esta dificuldade⁵⁴⁰ e vai com o seu crescer constante até proclamar, contra todas as provas geológicas, que o nosso globo virá ainda a ser uma estrela dotada de luz própria.

Para ele, a luz é um privilégio da grandeza – e espera que a Terra lá chegue um dia. Não se contesta que a luz seja um atributo da grandeza; o que é preciso é entendê-lo habilmente, como o faz a teoria que combate. Sim, a luz é um predicado da grandeza, quer

537 *De todo o ponto*: de todo modo, em todo caso.

538 *Se coaduna*: está de acordo.

539 *O fim da criação* [1875], 2ª parte, *passim* [em diversas passagens] (SR).

540 *Ele não deu por esta dificuldade*: ele não percebeu esta dificuldade, ele não considerou tal problema.

dizer: tanto maior foi a massa do planeta destacado do núcleo primitivo, quanto por mais tempo conservou a luz própria. Mas não antecipemos ideias.

Referindo-se ao laplacismo, diz ainda o nosso autor: “essa história antiga da Terra que admite a existência de uma nebulosa incandescente, de que se formou a mesma Terra, não deve ser recebida como história, mas antes como um mito que faz retroceder a nossa ciência, para nos pôr a par dos filósofos gregos quando imaginaram *causas finais*, a fim de por elas explicarem os fenômenos que não compreendiam”⁵⁴¹.

Confesso que ainda não percebi o laço existente, aos olhos do Sr. José de Araújo Ribeiro, entre a teoria cosmológica de Kant e a doutrina das causas finais. Tal ligação suponho não existir. Tanto mais firmado permaneço nesta conjectura, quando vejo essa bela explicação mecânica do mundo adotada e robustecida por Comte, o formidável adversário das *causas finais*. E se alguém incompetente existe para fazer semelhante increpação [repreensão], é justamente o Sr. Visconde, genuíno finalista, como já vimos.

Não creio ser mais preciso provar esse estado do seu espírito; quando o seja, aí vai um trecho que o demonstra: “cumpre-nos presumir que se os astros andam em perpétuos giros deverá isso ser para preencher algum *grande fim*, como é o da sua nutrição e desenvolvimento”⁵⁴². Não é pouco; mas o que excede a toda a expectativa [expectativa], nesse sentido, é que, exatamente no lugar em que censura a célebre teoria de finalista, o escritor fornece-nos um irrefragável [incontestável] documento de sua perturbação filosófica.

541 *O fim da criação* [1875], p. 9 (SR). Os itálicos foram acrescentados por Romero (TT&RX).

542 *O fim da criação* [1875], p. 4 (SR). Além de acrescentar os itálicos – como na citação anterior –, Romero fez uma pequena adaptação no início da citação: onde se lê “cumpre-nos presumir...”, José de Araújo Ribeiro inicia o parágrafo com: “Esta hipótese começa por ser recomendada pelo notório fato dos contínuos movimentos da mesma Terra, que não devemos tomar por um mero *lusus naturæ* [capricho da natureza], cumprindo-nos antes presumir...” (TT&RX).

Falando – por sem razão medir o calor cósmico primitivo pelo que se nota nas combinações feitas na Terra – da dificuldade que teria a primordial massa gasosa em conservar, por muito tempo, a sua alta temperatura, declara que este não é ainda o maior embaraço da teoria, “mas sim em descobrir de onde é que proveio essa temperatura, que mantinha volatilizada toda a matéria de que se formaram os planetas. Laplace que se ocupou desta teoria, e lhe deu uma forma científica, nada diz a respeito da *origem* ou *causa* de tão extraordinário calor; e os autores que se lhe seguiram e abraçaram as suas ideias, têm guardado o mesmo silêncio a esse respeito”⁵⁴³. Isto é que fora naufragar no golfo⁵⁴⁴ das causas primeiras e finais. Se Laplace o tivesse feito, não seria digno dos encômios [louvores, reconhecimento] de que é credor. Não houvera dado a Bonaparte a sua célebre resposta⁵⁴⁵. Mas o nosso Visconde mostrou-se ali um pouco ingênuo. Deve-se-lhe recordar que em mecânica monística não tem o calor uma causa teleológica ou transcendente. É um resultado do movimento.

“Dificuldade de conservar o calor, e de onde teria ele provindo”⁵⁴⁶?!! Por que dificuldade, se é certo que as grandes massas gasosas estavam sujeitas às leis cósmicas do movimento, atração e repulsão? Por que

543 *O fim da criação* [1875], p. 10 (SR). Os itálicos foram acrescentados por Romero (TT&RX).

544 *Isto é que fora naufragar no golfo*: isto é o que chamo de se afundar no golfo (ou nas águas profundas).

545 Segundo uma anedota da época, ao se encontrar com Laplace, Napoleão Bonaparte teria lhe lançado a seguinte provocação sobre a obra *Exposição do sistema do mundo*: “Sr. Laplace, o senhor escreveu esta enorme obra sobre o universo, mas o senhor não menciona o Criador nem uma única vez”. Ao que Laplace lhe teria respondido: “Eu não precisava dessa hipótese” [“Je n’avais pas besoin de cette hypothèse”] (cf. Hervé Faye, 1896, p. 130-132).

546 Não se trata de uma citação literal do livro de José de Araújo Ribeiro. Na verdade, na primeira edição da obra de Romero, o texto contém apenas as aspas iniciais, mas não as finais – que, na segunda edição, são acrescentadas por Luís Washington Vita após a palavra “calor”. Não obstante, pelo contexto, considerando a sequência do texto e a citação feita no parágrafo anterior (cujo início é parafraseado e resumido nesta referência entre aspas), Romero parece menosprezar tanto a questão da dificuldade de conservar o calor quanto a dificuldade de saber de onde o calor veio – ambas salientadas por José de Araújo Ribeiro.

não saber-se a origem do calor, quando as propriedades da matéria são suficientes para explicá-lo? Aquelas dúvidas me parecem um pouco dissonas [dissonantes, desarmônicas], sendo apresentadas por um homem que acredita existir grande cópia de calor nos espaços, calor que nutre e aviventa [dá vida a, ativa], a seu ver, todos os astros. Donde teria também este provindo?

É preciso, porém, sem muita delonga, acompanhar o Sr. Visconde. Ele nos vai mostrar a raiz de seus preconceitos, que são também os seus enganos.

“Segundo esta teoria – escreve ele – que não é ensinada pela geologia, porque não lhe pertence, mas que é filha de conjecturas de alguns sábios, o nosso globo em vez de ir crescendo, como me proponho sustentar, vai pelo contrário diminuindo de volume, à medida que suas partes se contraem pelo resfriamento”⁵⁴⁷.

Bem claramente inteligível; o digno escritor impugna a doutrina evolutiva do universo, porquanto [porque] julga por ela dever a Terra ir diminuindo, o que lhe convém que não passe em julgado⁵⁴⁸. Seria dismantelar a sua teoria predileta.

Primeiramente, é para observar que não é coisa averiguada que a passagem de um corpo do estado líquido ao sólido acarrete-lhe uma diminuição relativa de volume. Existe quem pense de modo diverso. Certo autor procurou demonstrar que a atividade vulcânica da Lua era devida unicamente ao crescimento de seu volume produzido no momento de sua solidificação. Um sábio de Viena da Áustria, o Professor Tschermak, sem contestar-lhe a asserção [afirmação] do crescimento do volume lunar, e, ao invés a aceitando, nega-lhe apenas a relação entre este fato e o da atividade vulcânica daquele satélite. “Se esta ideia fosse justa, deveríamos observar ao menos algumas

547 *O fim da criação* [1875], p. 9 (SR).

548 *Não passe em julgado*: não seja tomado como verdade.

manifestações eruptivas e formações de crateras na superfície do gelo, pois, ao congelar, a água sofre um aumento de volume”⁵⁴⁹.

Tschermak consigna [assinala, destaca], pois, o acréscimo do volume da Lua, passando do estado líquido ao sólido, e também o da água, quando se congela. Estabelecida, assim, a dissidência [discordância] entre o sábio alemão⁵⁵⁰ e o nosso diletante, não vacilo em pronunciar-me, na falta de dados individuais, pelo primeiro. É um nome muito mais acreditado no mundo da ciência.

Bem se vê, entretanto, que, também por este lado, a teoria de Kant, longe de opor-se às ideias do nosso compatriota, muito as favorece. Onde⁵⁵¹, então, a necessidade de repeli-la?

Não é tudo; em segundo lugar, dado como provado que a Terra diminui de volume, à medida que se vai solidificando, ainda assim a recusa da parte do autor de *O fim da criação* carece de fundamento. Porquanto, aquela diminuição deve ter lugar por um encurtamento do raio terrestre operado pela mesma forma por que⁵⁵² se pratica o decrescimento do raio de uma laranja que murcha, o que não impede que sobre a crosta do planeta se deem novos aumentos de camadas. Um fato não exclui o outro. Nada impede que o grande volume decresça, por uma espécie de murchar lentíssimo, ao mesmo tempo que, pelos meios indicados pela geologia, sua crosta se altere para mais. Sendo diversos os agentes, e contrários por natureza, nada

549 Gustav von Tschermak, “La Formation des météorites et le volcanisme” [“A formação dos meteoritos e o vulcanismo”], *Revue Scientifique*, [nº 21], de 20 de novembro de 1875 (SR). Romero cita o trecho em francês. Ei-lo: “Si cette idée était juste, on devrait au moins quelquefois observer des manifestations éruptives et des formations des cratères à la surface de la glace; car l’eau, en se congelant, subit aussi un accroissement de volume” (Tschermak, 1875, p. 500) (TT&RX).

550 Vale observar que, embora seu idioma materno fosse o alemão, Gustav von Tschermak era austríaco na verdade.

551 *Onde*: onde está, de onde vem.

552 *Por que*: pela qual.

obsta a⁵⁵³ conceber-se a oposição dos seus resultados. Sou propenso até a enxergar nestas duas ações contrárias – na hipótese que avanço – a harmonia de duas forças ou tendências que se contrabalançam. Assim mais se perpetua o equilíbrio geral do sistema.

O Sr. do Rio Grande⁵⁵⁴ só porque concebeu uma ideia, que não passa de desenvolvimento de asserções de muitos escritores, nutriu a tentação de dar com a grande construção de Kant e Laplace por terra. E, todavia, grandes sistemas e grandes verdades se têm edificado, antes e depois deles, que podem todos buscar naquela notável teoria um apoio a mais para o seu estabelecimento.

Nada há mais belo na história das ciências do que apreciar a insigne [notável] harmonia que reina entre as leis gerais astronômicas formuladas por Kepler e Newton, o sistema universal do *éter* de Fresnel e Boucheporn, a doutrina geológica evolucionar de Lyell, o sistema genealógico de Lamarck, a teoria da seleção de Darwin e Haeckel, as vistas [teorias] positivas da história de Comte e Spencer, nada há mais belo, digo, na história das ciências do que contemplar a insigne harmonia que reina entre tantas e tão profundas especulações e a teoria evolucionar do mundo do filósofo alemão e do astrônomo francês.

Esta grande intuição universal é um dos mais nobres presentes feitos pelo século passado [XVIII] ao atual [XIX]. E nenhum dos fundadores das grandes teorias se julgou em indeclinável obrigação de impugná-la. Por supô-la contrária às suas convicções, não devia tê-lo feito o nosso visconde, quando nela, ao invés do que pensa, aprofundando-a, podia encontrar grande arrimo [apoio, auxílio]. Por meio dela é que a doutrina do crescimento terrestre pode tomar um assento seguro no conselho das ciências. Se me não iludo, as duas

553 *Nada obsta a*: nada impede.

554 Embora Romero não tenha sugerido na errata tal correção, Vita optou por substituir “Sr. do Rio Grande” por “Visconde do Rio Grande”. Cerqueira preservou o “Sr.” original.

observações que tenho feito – uma relativa ao fato de o crescimento dos astros ter um natural paradeiro e outra de seu aumento, que chamarei externo, ser contrabalançado pelo encurtamento, que se pode chamar interior –, se não me engano, estas duas notas são de natureza a garantir, pela hipótese de Kant, a doutrina defendida pelo naturalista brasileiro.

Este, para invalidar as ideias que combate, mostra preferir-lhes as vistas⁵⁵⁵ de Boutigny, que não passam de uma nova edição da medíocre cosmogonia de Buffon.

Depois, falando de Guillemin, comete um errinho, que não deve passar sem observação. Escreve: “o mesmo Sr. Guillemin, quando trata especialmente do Sol na sua citada obra *Le ciel* [O céu]⁵⁵⁶, nos diz igualmente que este astro é verossimilhantermente o pai comum de toda a família dos astros que gravitam em roda dele⁵⁵⁷, e que, em épocas imensamente afastadas da nossa, saíram de seu seio em forma de *anéis nebulosos*”⁵⁵⁸.

Isto é dito por oposição à ideia de Laplace; mas quem há aí que ignore que é também o que ensina esta? Quem há aí que não saiba que a grande cosmogonia é extensiva a todo o universo, *primitivo caos gasoso*, na frase de Kant⁵⁵⁹, caos que se foi, por certas leis matemáticas, dividindo em enormíssimas nebulosas, uma das quais formou o nosso sistema? Não compreende o digno visconde que

555 As vistas: as teorias – vale destacar que um dos sentidos primitivos do verbo grego θεωπέω (ou *theoreo*), de onde provém a palavra *teoria*, é justamente *ver, contemplar*.

556 Cf. Amédée Guillemin, *Le Ciel – notions élémentaires d'astronomie physique* [O céu – noções elementares de astronomia física] (1877).

557 Em roda dele: em volta dele.

558 *O fim da criação* [1875], p. 11 (SR). Itálico acrescentado por Romero (TT&RX).

559 Embora Romero atribua a Kant a expressão “primitivo caos gasoso” – em alemão, “das uranfängliche gasförmige Chaos” –, ele possivelmente a encontrou “na soberba lição 13ª” (ou capítulo XIII) da *História da criação natural*, de Haeckel, mencionada pouco acima neste capítulo e que trata justamente da cosmologia kantiana (cf. Haeckel, 1873, p. 288).

desta, que é hoje principalmente representada pelo astro central, é que foram saindo todos os planetas em forma de *anéis nebulosos*?

A grande massa gasosa em seu movimento rotatório, à medida que se ia dividindo, ia conservando-se, como enorme núcleo, no centro regulador, que devia reter os novos planetas. Que outra coisa é ela senão a origem do Sol, seu principal descendente, e que lugar, astronomicamente, ela ocupa senão o deste? Sim, o Sol é o pai comum de todo o nosso sistema planetário; ele é o representante direto da primitiva nebulosa, que se multiplicou por fissiparidade⁵⁶⁰. É o que ensina a doutrina que defendo. A belíssima experiência de Plateau⁵⁶¹, que o Sr. Visconde passou por alto⁵⁶², dá uma prova material e palpável do que tenho afirmado; ela é um bom argumento a favor da hipótese.

Depois daqueles considerandos, o senador passa a fazer um histórico da teoria ígnea⁵⁶³ do universo, que confunde com a gasosa, e, depois de citar alguns nomes, chega a Herschel e Laplace. Até nas vistas históricas foi ele infeliz, porque esqueceu o nome do genuíno autor da doutrina, o filósofo crítico alemão, Immanuel Kant, que a formulou desde 1755. Afeito, como todos os nossos, a ler só os franceses, cometeu tão flagrante injustiça, que pesa, porém, como uma inexistência.

560 *Fissiparidade*: reprodução por divisão em partes menores.

561 Aqui e na sequência do capítulo, Romero se refere ao experimento do físico belga Joseph Plateau divulgado em uma série de artigos publicada em 1873, intitulada “Statique expérimentale et théorique des liquides soumis aux seules forces moléculaires” [“Estática experimental e teórica de líquidos sujeitos apenas a forças moleculares”]. Trata-se de um estudo sobre as forças físicas responsáveis pela formação da forma esférica em um ambiente sem gravidade, cujas conclusões foram usadas para explicar a formação e o movimento dos planetas. Atualmente, tal experimento é menos “célebre” do que um outro estudo de Plateau, que ficou conhecido como *fenacístoscópio* – um mecanismo composto de dois discos que, girando a uma certa velocidade, gerava um efeito de animação, que, depois, serviu de base para o desenvolvimento do cinema.

562 *Passou por alto*: não levou em consideração.

563 *Ígnea*: relativa ao fogo ou àquilo que foi produzido por ele (como as rochas formadas pela solidificação do magma).

Antes de passar a diretamente refutar os argumentos em que se estriba [sustenta, fundamenta] a teoria kantesco-laplaciana, ele observa que os sectários desta dão à Terra uma crosta estimada em dez a vinte léguas de espessura, o que é de uma tenuidade insustentável em relação ao volume terrestre⁵⁶⁴.

Esta pequenina objeção tem pouca procedência, quando é certo que outros seguidores da doutrina atribuem àquela crosta uma grossura muito mais considerável.

Vejamos o autor avistar-se, face a face, com os argumentos adversos, e de que modo ele sai vitorioso.

As provas que vai refutar, a seu ver, são três: o achatamento do globo nas regiões polares; o calor crescente na crosta da Terra à medida que se desce da superfície para o interior; a existência, finalmente, dos vulcões.

A oposição feita ao primeiro argumento se reduz a dizer que atento [considerado] o grande volume terrestre, os achatamentos polares são insignificantes, e que, além disso, o simples movimento de rotação é suficiente para explicar o fenômeno⁵⁶⁵. Bem claro é que o autor não nega o fato de ter o nosso planeta a forma elíptica; quanto a julgar a elipsidade pouco pronunciada, é uma ponderação tão frágil que pouco valor merece da parte de quem analisa a sua crítica.

O poder só por si o movimento de rotação do planeta explicar-lhe as depressões dos polos, me parece um pouco difícil de conceber, na hipótese de ser ele, como pensa o autor, um todo sólido e extremamente compacto. Demais [além disso], a célebre experiência de Plateau, de que já falei, derrama aqui muita luz. Envio para ela o Sr. do Rio Grande.

564 *O fim da criação* [1875], p. 14 (SR).

565 *O fim da criação* [1875], p. 15 (SR).

Cita, neste lugar, alguns autores que combatem, como ele, em prol da mesma negação. Entre outros, lá vem o nome do Sr. Liais, o autor pouco festejado do magro livrinho *A supremacia intelectual da raça latina*⁵⁶⁶, o que nada confirma, nem infirma [anula]; porquanto também é sabido que os grandes espíritos que se chamaram Leibniz e Huygens não aceitaram a teoria da atração universal de Newton, tão geralmente acreditada depois, e que foi o objeto de motejos [zombarias] daqueles dois notáveis homens.

Quanto à prova tirada do calor crescente da crosta terrestre, e que se demonstra pelas minas, poços artesianos e fontes termais, a crítica que combato ainda se ostenta mais débil e prevenida [enviesada].

O autor não contesta o fato, e nem o explica; contenta-se com dizer, em substância⁵⁶⁷, que os estudos a respeito não são tão gerais e profundos que nos habilitem a tirar uma conclusão segura⁵⁶⁸. Não basta. Qual será, então, a causa do fenômeno que não pôde negar? Ele parece convir com o Barão de Cuvier que é o Sol unicamente que aquece a Terra. Neste caso, é fora de dúvida, que a progressão do calor deveria dar-se em ordem inversa, isto é, tanto mais intenso, quanto mais próximo à superfície.

É o que não se nota.

O terceiro e último argumento, o da ação dos vulcões, ainda menos foi refutado.

Tudo o que se lhe opôs reduz-se a duas afirmações principais: que as matérias saídas dos vulcões são as mesmas conhecidas no

566 Em 1872, Emmanuel Liais publicou um livro chamado *Suprématie intellectuelle de la France: réponse aux allégations germaniques* [*Supremacia intelectual da França: resposta às alegações germânicas*], que, no mesmo ano, recebeu uma tradução brasileira intitulada *Supremacia intelectual da raça latina: resposta às alegações germânicas*. É a tal obra que Romero se refere aqui (cf. Liais, 1872a e 1872b).

567 Em substância: em resumo.

568 O fim da criação [1875], p. 19 (SR).

exterior da Terra, não podendo, portanto, ser providas do seu centro; que as erupções, se viessem de tal origem, deveriam ser ainda mais consideráveis do que são... Ao primeiro asserto [asserção, afirmação] basta replicar com a grande verdade estabelecida pelos maiores sábios do século [XIX], e proclamada com júbilo por Tschermak: “quando Howard, Klaproth, Vauquelin, Berzelius tornaram conhecida a composição química elementar de um grande número de meteoritos, logo percebeu-se que os elementos simples que entram na composição destes corpos são idênticos aos dos que abundam na crosta terrestre. Já tinha, anteriormente, Chladni reconhecido a natureza planetária destes maravilhosos produtos. A ligação dos meteoritos e dos planetas fez presumir que os outros corpos celestes são igualmente constituídos pelos elementos de nossa Terra. As investigações de análise espectral, inauguradas por Bunsen e Kirchhoff, tornaram evidente o fato pelo que diz respeito ao Sol; as observações de Secchi, Huggins e Miller sobre os espectros das estrelas fixas tornaram provável a opinião de que o universo inteiro é constituído pelos mesmos elementos”⁵⁶⁹.

E o Sr. Visconde se admira de que os vulcões lancem lavas que provam o fato!

Mas, dirá ele, às vezes algumas crateras expõem resíduos vegetais e animais, que não vêm, por certo, do centro em fusão.

569 “La Formation des météorites et le volcanisme” [“A formação dos meteoritos e o vulcanismo”], de Tschermak, na *Revue Scientifique* [nº 21], de 20 de novembro de 1875, p. 497 (SR). Nesta citação e na próxima, Romero traduziu a passagem. Eis o texto original: “Lorsque Howard, Klaproth, Vauquelin, Berzelius, eurent fait connaître la composition chimique élémentaire d’un grand nombre de météorites, on s’aperçut que les éléments simples entrant dans la composition de ces corps étaient identiques à ceux qui abondent dans l’écorce terrestre. Déjà, antérieurement, Chladni avait reconnu la nature planétaire de ces merveilleux produits. La liaison des météorites et des planètes fit présumer que les autres corps célestes étaient également constitués par les éléments de notre terre. Les recherches d’analyse spectrale, inaugurées par Bunsen et Kirchhoff, ont mis le fait en évidence pour ce qui regarde le soleil ; et les observations de Secchi, d’Huggins et de Miller sur les spectres des étoiles fixes ont rendu probable l’opinion que tout l’univers est composé des mêmes éléments” (Tschermak, 1875, p. 497) (TT&RX).

E quem jamais o disse? Estes sedimentos são oriundos da parte da cratera que atravessa a crosta terrestre. É claro – e não faz-se mister largo esforço de compreensão para vê-lo – que a mesma parte sólida da Terra contribui também para as lavas; pois não se admite que a porção do solo que foi removida pelo furo vulcânico – e todas as que lhe são adjacentes – não sejam abaladas pela erupção e não entrem em concurso com ela.

Tenho pressa de findar. O capítulo, que se encarrega de repelir ideias, que bem aproveitadas seriam de grande auxílio ao escritor, que aprecio, é de todos os do livro o mais franzino⁵⁷⁰. Removido ele, e alguns senões [defeitos] espalhados pela obra, já apontados com magna imparcialidade, e mudado o título dela para: *A Terra e seu crescimento, estudo de astronomia e de história natural*, ou outro qualquer que lhe possa mais convir, o trabalho do Sr. Visconde do Rio Grande ficará sendo um dos escritos mais notáveis publicados neste país.

Na enumeração das provas em que se funda o sistema de Kant e Laplace o autor não foi completo, ainda que pareça ter sido sincero; deixou de indicar muitas outras argumentações em que aquele se firma. Entre estas, não lhe era lícito esquecer: a oriunda da distribuição do calor na superfície da Terra, calor que foi muito mais intenso em passadas idades geológicas; a de terem as águas, por uma evolução natural explicada pelo sistema, ocupado outrora toda a face terrestre; a das submersões e levantamentos que se têm dado na crosta do

570 Apesar de confusa, a pontuação original deste período foi mantida por nós. É difícil compreender o sentido exato daquilo que Romero diz aqui. A rigor, “o mais franzino” (ou menor) de todos os capítulos de *O fim da criação* é o primeiro da segunda parte: “O espaço, o Sol e suas protuberâncias” – p. 579-598. Por outro lado, a última referência feita por Romero à obra de José de Araújo Ribeiro remete-se a uma página do primeiro capítulo da primeira parte – p. 19. Lembrando também que antes Romero havia dito que, “no capítulo primeiro de seu livro”, José de Araújo Ribeiro “se avista com a doutrina que deseja *combater*”, seria possível inferir que aqui ele se refere justamente ao capítulo inaugural da obra – “A Terra e o seu interior” –, que, então, seria aquele encarregado “de repelir ideias”. De acordo com a sugestão dada por Romero na sequência do texto, este seria um capítulo que poderia ser descartado, caso o autor quisesse melhorar a sua obra.

planeta, etc. Afinal, a moderna explicação do vulcanismo⁵⁷¹ cósmico muito auxilia a doutrina. Os astros são todos sujeitos a passar pela fase de Sol, de Terra e de Lua e todos por um momento vulcânico. Isso confirma as nossas ideias. Segundo Tschermak, “pensando neste todo de fenômenos, quem tiver no espírito a teoria de Kant, sobre a semelhança de desenvolvimento dos astros, será levado a pensar que os corpos celestes propriamente ditos não são os únicos expostos a tais modificações. Admitirá facilmente que o vulcanismo é uma manifestação cósmica, no sentido de que todos os astros atravessam uma fase vulcânica em seu desenvolvimento”⁵⁷².

O nosso autor, às vezes, recorre aos embaraços⁵⁷³ da geologia para chamar a adesão às suas ideias⁵⁷⁴. Ninguém contesta o quanto resta ainda a fazer àquela ciência para tornar-se de todo positiva; mas, por outro lado, ninguém nega o como ela pode tornar-se acanhada quando dirigida por um espírito sistemático.

Basta o exemplo de J. C. Southall, querendo provar: *the recent origin of man as illustrated by geology and the modern science of pre-historic archaeology* [a recente origem do homem é ilustrada pela geologia e pela moderna ciência da arqueologia pré-histórica]⁵⁷⁵, segundo o próprio título de sua recente obra. O nosso escritor não precisa ser impertinente para ainda ser proveitoso o seu livro.

571 *Vulcanismo*: atividade vulcânica.

572 *Loc. cit.*, p. 501 (SR). A tradução da passagem é do próprio Romero. Eis o texto original: “Quiconque a dans l'esprit la théorie de Kant sur la similitude de développement des astres, sera amené à penser que les corps célestes proprement dits ne sont pas les seuls exposés à de tels changements. Il admettra volontiers que le volcanisme est une manifestation cosmique, dans ce sens que tous les astres traversent une phase volcanique dans leur développement” (Tschermak, 1875, p. 501) (TT&RX).

573 *Aos embaraços*: às confusões.

574 *Para chamar a adesão às suas ideias*: para conseguir adeptos para as suas ideias, para convencer as pessoas de suas ideias.

575 Como é possível constatar, o título do livro de James Cocke Southall (1827-1897) – *The Recent Origin of Man as Illustrated by Geology and the Modern Science of Pre-Historic Archaeology* [A recente origem do homem é ilustrada pela geologia e pela moderna ciência da arqueologia pré-histórica] – é citado por Romero como uma sentença equivalente à sua tese central (cf. Southall, 1875).

IX. DOMINGOS GUEDES CABRAL (1852-1883)⁵⁷⁶

O Dr. Domingos Guedes Cabral é um moço formado em medicina pela Faculdade da Bahia em fins de 1875. Escolheu para objeto de sua tese inaugural o espinhoso assunto: as *Funções do cérebro*, a que deu uma resposta de acordo com as ideias do naturalismo filosófico mais acreditado em nossos dias. Era a primeira vez que um doutorando ousava fazer ouvir, em documento público, no recinto de uma de nossas tristes Academias de Medicina, o brado da ciência emancipada. A tese foi repelida, substituindo-a o seu autor por outra: *Qual o melhor tratamento da febre amarela?* Entretanto, a mocidade acadêmica reagiu, a seu modo, fazendo publicar o belo trabalho do jovem baiano.

As *Funções do cérebro* são um livro interessante; são um apanhado ligeiro e claro de algumas questões momentosas [relevantes] discutidas sobre o grande órgão.

O autor apadrinha-se com nomes conceituados e, à luz de muitas citações, chega ao alvo que se propôs.

Conquanto [embora] não tenha ele entrado largamente nos mistérios de psicologia fisiológica – o que, aliás, nos promete noutro livro *Cérebro e alma* –; conquanto, sobretudo, não tenha aparecido no debate com armas próprias, nem tenha levantado o véu de muitas dúvidas que se prendem ao assunto, ainda assim a sua obra é uma grande novidade para o nosso público e é digna de apreço. É uma boa resposta que se pudera dar ao último livro do Sr. Visconde de

576 *Funções do cérebro*, por Domingos Guedes Cabral, Bahia [Imprensa Econômica], 1876 (SR).

Araguaia *A alma e o cérebro*⁵⁷⁷, que não passa da décima edição, com alguns apensos [suplementos], do livrinho de Janet *Le cerveau et la pensée* [*O cérebro e o pensamento*]⁵⁷⁸.

Eu disse que o médico brasileiro não apareceu ao combate com armas próprias – e é uma verdade –; não se encontra no seu trabalho uma só experiência sua, uma só descoberta que lhe devesse a luz. Não canso de assinalar este defeito capital de nossos livros de ciência: não passam de compilações e oxalá que muitas delas não fossem indigestas! Nós outros⁵⁷⁹ não temos experimentadores.

Ainda há pouco, na Inglaterra, foi promulgada uma lei proibitiva, em certos casos, dos processos de vivisseção⁵⁸⁰, como no-lo informa Carl Vogt⁵⁸¹. Entre nós não haveria necessidade de tão esquisita maravilha no meio das maravilhas de nossa legislação. Meros repetidores, os nossos bons *savants*⁵⁸² dispensam as severidades dos pietistas⁵⁸³.

577 Não nos foi possível incluir em nossa obra a análise do novo produto do Sr. Domingos de Magalhães, Visconde de Araguaia; porquanto os nossos cinco primeiros capítulos, entre os quais ele tem o seu lugar, há muito, tinham ido para a impressão na sua forma primitiva. Aparecendo recentemente o livro do diplomata será discutido em ocasião oportuna. Os nossos últimos capítulos, escritos como os primeiros, há dois anos, foram agora revistos e editados para dar conta de fatos novíssimos (SR). Cf. Gonçalves de Magalhães, *A alma e o cérebro, estudos de psicologia e de fisiologia* (1876) (TT&RX).

578 Paul Janet, *Le cerveau et la pensée* [*O cérebro e o pensamento*] (1867). Por “*décima edição* [...] do livrinho de Janet”, Romero se refere de modo irônico à obra de Gonçalves de Magalhães – *A alma e o cérebro* –, como se esta não fosse um trabalho original, mas apenas uma dentre as muitas adaptações ou versões do livro de Janet – que, por sua vez, também é menoscabado por Romero, com o uso do diminutivo.

579 Nós outros: nós brasileiros (expressão atualmente em desuso que procura enfatizar a oposição entre dois grupos).

580 *Vivisseção*: dissecação realizada em um animal ou qualquer organismo vivo.

581 “*Le péché de vivisection*” [“O pecado da vivisseção”], por Carl Vogt, na *Revue Scientifique* de 3 de março de 1877 (SR).

582 *Savants*: sábios, eruditos – em francês no original. Termo usado com alguma dose de ironia por Romero.

583 *Pietistas*: fanáticos, defensores da superioridade da fé sobre a razão – literalmente, partidários do pietismo.

Ainda mais cresce de ponto tão séria lacuna, se de um especialista tem-se o direito de esperar alguma coisa de seu próprio tesouro e se as *funções do cérebro* são o que há do mais incerto em fisiologia⁵⁸⁴.

Quando vemos um homem como o professor Charcot, à força de experiências próprias, auxiliar a doutrina das localizações cerebrais por meio da anatomia e fisiologia patológicas – e encontrar completa negação por parte de um outro como Brown-Séquard⁵⁸⁵; quando vemos um como Delbœuf atacar Luys e escrever em *A psicologia como ciência natural*: “A fisiologia do cérebro é a mais obscura de todas as partes desta ciência; falando francamente: não conhecemos, por assim dizer, nada sobre este órgão”⁵⁸⁶; quando tudo isso se dá, não creio que se faça uma obra muito durável em compendiar teorias e achados alheios, sem a respectiva contraprova, teorias e achados que podem tombar por terra de um dia para outro.

O nosso autor abraça, com força, a teoria de Lewes sobre a nova interpretação da célebre descoberta – por tanto tempo tão acreditada – de Sir Charles Bell a respeito dos nervos sensitivos e motores⁵⁸⁷. Pois deve saber que o próprio Lewes, assinalado [reconhecido] por tão aturados [empenhados] e fecundos estudos sobre a matéria,

584 Este parágrafo não é um dos mais claros de Romero. Aparentemente, o que ele pretende dizer é que essa lacuna tão importante da produção científica no Brasil – relativa aos experimentos biológicos – seria ainda maior considerando a deficiência das evidências que comprovem teorias sobre as funções do cérebro – objeto de estudo de Domingos Guedes Cabral.

585 *Revue Scientifique* de 11 de novembro de 1876 (SR). Menção ao artigo “Les localisations cérébrales” [“As localizações cerebrais”], de Charcot, publicado no referido número da *Revue Scientifique* (cf. Charcot, 1876) (TT&RX).

586 Em francês no original: “La physiologie du cerveau est la plus obscure de toutes les parties de cette science ; disons le mot : on ne connaît, pour ainsi dire, rien de cet organe” (cf. Delbœuf, 1876, p. 41-42).

587 *Funções do cérebro* [1876], p. 117 ss. (SR). Eis o início da passagem do texto de Domingos Guedes Cabral à qual Romero se remete: “Não há, segundo Lewes, propriamente falando, nem nervos motores, nem nervos sensitivos. Todos os nervos, pela identidade dos tubos que os compõem, não possuem na realidade senão uma qualidade única – *neurilidade*, ou condutibilidade nervosa, que é a faculdade de transmitir à distância as impressões de diversa natureza que lhes são comunicadas pelas diferentes variedades de células nervosas a que são anexos” (Guedes Cabral, 1876, p. 117-118) (TT&RX).

assim se exprime em relação à grande obra de Ferrier, *The functions of the brain*: “O livro do dr. Ferrier é, sob vários aspectos, uma obra importante. Cheio de fatos de *experiência* e de *deduções teóricas*, escrito com clareza e com *vigor*, ele contribui em grande parte para o nosso conhecimento (*ou para a nossa ignorância*) das funções do cérebro. Não tomem por epigrama o meu parêntesis: nossa ignorância pelo que toca às funções do cérebro não dá lugar a uma só dúvida e nós próprios a entretemos, aceitando como verdades indiscutíveis os conhecimentos adquiridos, *o que nos impede de investigar por outras direções*”⁵⁸⁸.

Difícilmente poderia o leitor encontrar umas palavras mais adequadas ao nosso caso. Temos o sábio Lewes, autoridade na matéria, declarando que um livro de uma outra autoridade contribui para a nossa ignorância sobre o magno assunto – e protestando contra os pretendidos conhecimentos adquiridos que impedem as futuras investigações... O que diríamos do livro do médico baiano, despido de experiências e de altas pesquisas?

Bem se vê que não o devemos tomar por mais do que vale, isto é, um resumo claro e, para nós, útil por se opor de frente à mísera e mesquinha psicologia que se ensina – com aplauso do governo – em nossos pobres colégios...

O autor, disse eu ainda, não entrou plenamente nas questões de psicologia biológica, o que seria de maior interesse para o nosso

588 Artigo de Sir G. H. Lewes incluído na *Revue Scientifique*, [nº 30], de 20 de janeiro de 1877 (SR). Aqui, especificamente, Romero traduz a passagem citada, acrescentando os destaques em itálico. Eis o trecho em francês: “Le livre du docteur Ferrier est à beaucoup d’égards un ouvrage important. Plein de faits d’expérience et de déductions théoriques, écrit avec clarté et avec vigueur, il contribue pour une large part à notre connaissance (ou à notre ignorance) des fonctions du cerveau. Qu’on ne prenne pas ma parenthèse pour une épigramme: notre ignorance en ce qui touche aux fonctions du cerveau ne fait pas un doute, et nous entretenons nous-mêmes en acceptant comme des vérités indiscutables les connaissances acquises, ce qui nous empêche de chercher dans d’autres directions” (Lewes, “Les fonctions du cerveau, d’après Ferrier” [“As funções do cérebro, segundo Ferrier”], 1877, p. 699). Corrigimos a nota de Romero, que indica uma (inexistente) edição da *Revue Scientifique* de 2 de janeiro de 1877 (TT&RX).

assunto. Ele pouco refere no tocante a esses problemas. Entretanto, vai fazendo enormes progressos o que os alemães chamam a psicofísica⁵⁸⁹. Ainda alguns trabalhos – como o de Hermann Lotze, *Psicologia médica*⁵⁹⁰, e, em parte, o de Joseph Delbœuf já citado – têm determinadas veleidades [inclinações, caprichos] espiritualistas⁵⁹¹. É uma desvantagem. O ponto de vista da ciência do homem deve hoje em dia ser superior aos velhos sistemas.

Quando nos dirigimos ao estudo da natureza, não levamos uma ideia preconcebida; vamos investigar fatos – e nada mais.

As ciências físicas e naturais não são nem materialistas, nem espiritualistas. É o que se há de fazer com o homem; deve ser ele abordado pela análise no intuito de descobrirem-se fatos, sem preocuparmo-nos com a velha mitologia metafísica⁵⁹². Quanto ao nosso autor, ele é franco em repelir o antigo dualismo do homem⁵⁹³ e vejo nisso um motivo para o elogiar. “Se o cérebro – escrevel ele – quanto ao seu volume, quanto às suas dimensões, à sua forma, ao seu desenvolvimento, à sua composição histológica⁵⁹⁴ e química, está na razão direta, marca, acentua, gradua, por assim dizer, a inteligência; se com o exercício intelectual esse órgão se desenvolve, obedecendo destarte [assim] a uma lei fisiológica comum a todos os órgãos; se esse exercício se embaraça, se dificulta, se impossibilita com acidentes que sobrevêm à sua textura ou às suas imprescindíveis

589 *Vai fazendo enormes progressos o que os alemães chamam a psicofísica*: aquilo que os alemães chamam de *psicofísica* vai fazendo enormes progressos.

590 Lotze, *Medizinische Psychologie, oder Physiologie der Seele* [*Psicologia médica, ou fisiologia da alma*] (1852).

591 Sobre o *espiritualismo*, conferir a nota 47, no capítulo I.

592 Sobre a *metafísica*, conferir a nota 37, no capítulo I.

593 *O antigo dualismo do homem*: o velho dualismo do ser humano entre a alma e o corpo. Sobre o *dualismo*, conferir a nota 83, no capítulo II.

594 *Histológica*: referente à histologia ou estudo dos tecidos vivos – do grego ἱστός (ou *histos*), tecido, tela.

relações; – que obstinada cegueira, que pétreo sistematismo faz que se duvide ainda um momento de que esse órgão seja o agente do fato intelectual, de que seja produto seu, exclusivamente seu, o pensamento?

“Pois quando a anatomia comparada com seus contrastes, a química com seus aparelhos, a fisiologia positiva com suas experiências, a patologia com suas inequívocas observações, nos vêm acordes [em consonância] todas dizer: mais apto é ao pensamento o animal que melhor cérebro possui; sem certos elementos, que mais concorrem [coexistem] no homem, o pensamento é impossível; o cérebro desenvolve-se com o uso; sem ele não há pensamento; o desarranjo cerebral traz o desarranjo intelectual etc. – há ainda por ventura quem de ânimo são e calmo trepide à beira vertiginosa desta profunda verdade?

“Se o cérebro fosse um mero instrumento – é verdade, como todos os instrumentos –, daria tanto melhores resultados quanto mais perfeito fosse; mas guardar-se-ia então aí essa proporção indeclinável, essa graduação fisiológica em toda a animalidade, em cujo topo somente, entretanto – em cujo último degrau apenas, dizem os metafísicos –, há a soberania privilegiada da alma imaterial em que *deve* residir o pensamento?

“Se o cérebro fosse um mero instrumento, é possível, teria necessidade de conter tais e tais princípios químicos; mas a que viria então que esses princípios, *que nada têm que ver*⁵⁹⁵ *com a alma imaterial*, existam em maior cópia [abundância] nos seres onde mais desenvolvida é a inteligência, nomeadamente o homem, onde, aliás, para que tantos elementos químicos, desde que dispõe de um princípio exclusivamente seu?

595 *Têm que ver*: têm a ver.

“Se o cérebro fosse um mero instrumento (muda já aqui um pouco a questão), como todos os instrumentos, longe de desenvolver-se devera gastar-se com o uso: como explica-se, porém, que ao contrário se desenvolva, obedecendo à lei comum fisiológica, da mesma forma que se desenvolve o bíceps no antebraço do obreiro [trabalhador]?”

“Se o cérebro fosse um mero instrumento, finalmente, como explicar que, ao passo que íntegro continua a funcionar umas vezes, a despeito das lesões parciais, quando se trata do princípio substitutivo fisiológico torna-se imprestável, outras vezes, sob o domínio de lesões que rompem apenas o seu mecanismo?”

“Essa alma psicológica é então coisa bem extravagante!”

“Não! Paciência, senhores metafísicos! A *alma espiritual* pode ser utilíssima, imprescindível mesmo; mas lá fora, em vossos tratados, na economia de vossos cálculos, de vossas previsões; cá, na economia do homem, no cérebro colocado sob o escalpelo⁵⁹⁶ da experimentação, nada, absolutamente nada, tem que ver, é inteiramente inútil”⁵⁹⁷.

Salvo certo tom declamatório e certo ar de absoluto que transpira desta página, ela deve ser consignada [assinalada, destacada], não tanto pela sinceridade, como pela coragem do escritor. Ele é um dos que ousam dizer o que pensam; é um benemérito⁵⁹⁸ do espírito nacional. Quisera-o, por sua vez, ver inteiramente desafojado de quaisquer liames [vínculos] sistemáticos, descrevendo os fatos e elevando-se às leis, sem tombar para um ou para outro dos lados da velha rotina. Ele, por certo, propende para o vasto realismo⁵⁹⁹

596 *Escalpelo*: espécie de bisturi.

597 *Funções do cérebro* [1876], p. 101-104 (SR). Corrigimos a nota de Romero, que se referia às páginas 10-14. A citação é precisa, com exceção de pequenas alterações operadas por Romero – na pontuação e em um itálico (TT&RX).

598 *Benemérito*: indivíduo que, por suas contribuições, é merecedor de louvores.

599 Sobre o *realismo*, conferir a nota 80, no capítulo sobre Eduardo Ferreira França.

científico, onde não existem doutrinas e teorias e onde só se estudam as relações e tiram-se as consequências.

A grande força da nova tendência está em não serem os seus resultados filhos das preocupações, mas corolários⁶⁰⁰ fatais de princípios demonstrados. Não importa isto meramente⁶⁰¹ uma precaução do espírito científico; é também uma necessidade do método positivo que só admite afirmações naquilo que se puder provar.

A psicologia, estudada à luz da fisiologia, nada deve fazer mais do que investigar as condições em que se produzem os fenômenos mentais, suas relações entre si e com os fatos estranhos, fugindo das essências, das causas recônditas [ocultas] e inacessíveis. Nada de afirmações prematuras; não para dar ao espiritualismo algumas esperanças de vida; sim para preparar-lhe desastrosa e irremediável morte.

Pareço esquecer-me que devo dar a conhecer a suma [essência] do trabalho do nosso autor.

Pelo que ficou transcrito, bem se compreende a que nobre doutrina foi prender ele o seu pensamento. De acordo com grande parte das ideias que advoga, é que já eram mui [muito] correntes no mundo da ciência antes do baiano pegar a pena, não vejo que haja mister⁶⁰² abrir debate onde pouco haveria a refutar.

As *Funções do cérebro* são um apanhado inteligente, como já disse, de alguma coisa do que de proveitoso se há escrito⁶⁰³ sobre o assunto. Na parte filosófica, o autor se apegou principalmente a Büchner, Moleschott e Luys, adjuntos a Taine e Bain. O livro trata

600 Corolários: consequências ou proposições que podem ser inferidas de algo que se estabeleceu antes (no caso, os “princípios demonstrados” dos quais fala Romero).

601 Não importa isto meramente: não se trata apenas de.

602 Não vejo que haja mister: não me parece ser necessário.

603 Se há escrito: tem-se escrito, se escreveu.

principalmente dos seguintes objetos: cérebro e sensação, cérebro e movimento, cérebro e pensamento, cérebro e sentimento. A estes juntam-se, secundariamente, outros, como: as localizações das faculdades intelectuais, origem das ideias ditas morais e a questão das paixões e do crime.

Ouçamo-lo sobre esta. Depois de estabelecer, em geral, que as paixões são a perversão dos afetos e denunciam um desarranjo orgânico, assim se exprime:

“Não compreendemos [...] que, em pleno uso fisiológico de seu cérebro, possa o homem perverter seus sentimentos. As paixões são moléstias⁶⁰⁴. Vede: aqui – e figuraremos casos dos piores – é um ambicioso, que, enjaulado nos varais⁶⁰⁵ de ferro de sua cobiça, procura a todo o transe⁶⁰⁶ saciar a agrura [aflição] cruel de sua sede de riquezas. Esse desgraçado um mau dia, calcinado [inflamado] mais e mais pela ânsia de sua agonia tenebrosa, pega duma clava e esmaga a cabeça a alguém que lhe disputa a posse de uma riqueza. Malvado! – exclama a sociedade –, coração de fera que deve gemer eternamente no fundo duma masmorra infecta [repugnante, pestilenta], senão expiar de uma vez sob o cutelo sangrento do suplício⁶⁰⁷!

“Mas a ciência? Que faz aí a ciência que não interroga aquele organismo, antes que a lei inexorável [implacável] interrogue aquela consciência?

604 O termo *moléstia* aparece sete vezes na citação de Domingos Guedes Cabral. Embora algumas de tais ocorrências sejam usadas como sinônimo de *doença*, os outros sentidos da palavra apontados por Moraes Silva (1823) também se encaixam em alguns dos contextos: “enfado, incômodo, trabalho do corpo, e do ânimo”.

605 *Varais*: varas de metal usadas para atrelar animais a carroças.

606 *A todo transe*: a todo custo, custe o que custar.

607 *Expiar de uma vez sob o cutelo sangrento do suplício*: pagar o preço [de seu crime] tendo sua cabeça cortada como punição definitiva.

“Que faz ela que não vai antes estudar aquele réprobo⁶⁰⁸ da sociedade, que pode entretanto não ser mais do que uma vítima de si mesmo?

“Que faz ela aí de braços cruzados, que não procura descortinar na trama de seus órgãos o segredo daquele ato que a lei vai ignorante e injustamente talvez punir?

“Quem nos diz que aquele prurido⁶⁰⁹ impaciente e minaz [ameaçador], que fazia reverter a mente àquele desgraçado no anseio cruel da cobiça, não era antes o efeito de uma desordem circulatória, de um desarranjo qualquer, tendo por sede talvez um ponto capital da grande máquina humana em seu principal aparelho?

“Quem nos diz que uma simples compressão, que uma partícula insignificante mesma, deslocada do equilíbrio normal, não seja a causa primordial, o agente único de tão tristes efeitos? Não se obra [age] mal senão porque mal se sente, porque mal se pensa. Todo o ato, verdadeiramente, é filho de um movimento cerebral. Obra-se porque pensa-se. Esta é a verdade.

“Ora, se vemos que um simples afluxo [fluxo], diremos melhor, uma quantidade mínima, relativamente, de sangue introduzido nos vasos do cérebro, excitando-o de certo modo, faz que se desorganize a mecânica intelectual, produzindo tal ou tal aberração – que razão haverá para não admitir-se que tal ou tal desorganização nas chamadas faculdades afetivas e, portanto, que as paixões sejam, por sua vez também, a consequência de um desarranjo circulatório, de um vício accidental dando em resultado uma irritação correspondente no órgão central do sistema nervoso?

608 *Réprobo*: malfetor, condenado, detestado. Na definição de Moraes Silva (1823), aquele que está “destinado por Deus às penas eternas”.

609 *Prurido*: desejo, tentação – literalmente, coceira.

“A cólera, por exemplo, que engendra [gera, desencadeia] tantos atos maus – a sua maioria, por assim dizer (porque, bem raciocinado, a razão de ser da maioria dos crimes acha-se afinal neste excesso de sentimento) –, a cólera que outra coisa é mais do que uma superexcitação cerebral? Parecerá talvez a muitos que essa superexcitação é consequência e não causa do fenômeno; mas então, como explicar-se que, nas mesmas condições, agitados pelos mesmos motivos, dois indivíduos revelem fenômenos distintos? Uma frase que a um passa despercebida, traz imediatamente no outro um estado hiperêmico⁶¹⁰ do cérebro?

“Responder-nos-ão por ventura com as idiosincrasias? Mas idiosincrasia não é mais do que uma palavra inventada para o que não se conhece. E é isso que não se conhece que insistimos para que se procure conhecer. Suponde um indivíduo que toda a sua vida houvesse procedido dum modo regular, irrepreensível mesmo, pautando-se escrupulosamente pela moral. Esse homem, numa má hora, recebe um insulto que fere atrocemente sua dignidade. Qual o primeiro fenômeno que a fisiologia ali iria surpreender, se bastante se apressasse para naquele mesmo instante examinar o seu cérebro? Certo que encontrá-lo-ia pelo menos hiperemiado⁶¹¹. Suponde mais agora que, travado de razões com seu agressor, chega esse homem ao apuro, à dura contingência de matá-lo. Então, quando a sociedade alça-lhe já o braço sobre a fronte [face, rosto] a imprimir-lhe o estigma candente⁶¹² – e que portanto não deixa mais tempo a ninguém de interrogá-lo em suas funções –, quem nos diz que a ciência não iria reconhecer ali um grau adiantado daquela hiperemia, que, congestionando o órgão, abolisse temporariamente a ação intelectual e, portanto, entregasse o desgraçado ao puro domínio, ao império

610 *Hiperêmico*: com superabundância de sangue.

611 *Hiperemiado*: em que se produziu hiperemia, isto é, superabundância de sangue.

612 *Estigma candente*: marca feita com ferrete, isto é, instrumento de ferro que, em brasa, era utilizado para marcar escravizados, criminosos e animais.

brutal das forças orgânicas? Quem nos diz que não houve ali uma loucura passageira?

“Bom; conceder-nos-ão talvez muitos [casos]: mas aí, dirão, trata-se dum caso violento, rápido. E os crimes com premeditação? E essas monstruosidades tão longamente amassadas aí pelo coração de tanto perverso? É fato, não há dúvida, há seres humanos que ruminam por dias e anos, friamente, como se diz, na calma do silêncio e do ódio, os meios sinistros de uma crua vingança. Mas, *quid inde?* [*e daí?*]⁶¹³ – não há aí também homens que gastam anos a ruminar, não uma ideia assassina, mas uma ideia banal? Um matemático, por exemplo, um belo dia não se apresenta dominado por uma ridícula utopia que o tiraniza, se possível for, [por] muitos anos? E por que, então, admitir-se para ali uma causa diversa da que se atribui aqui, quando em ambos os fatos não há senão um vício do cérebro, ali produzindo o ódio, aqui a utopia; ali pervertendo a inteligência, aqui os afetos?

“O maníaco que leva anos a concertar [tramar, orquestrar] improficuamente planos de banalidades não terá – não é lógico que tenha, por ventura, no jogo funcional de suas ideias – um desarranjo análogo ao que faz que o assassino leve a concertar também friamente a sua vingança? Partimos, já o dissemos, deste princípio: não há ação verdadeiramente tal que não seja o fruto dum exercício intelectual, dum pensamento. Ora, desde que num cérebro enfermo, permanente ou temporariamente enfermo, o pensamento se perverte, se desorganiza ou se impossibilita, que há por ventura aí de estranho em que as aberrações se pronunciem deste ou daquele modo, aparentemente irreconciliáveis, deste lado produzindo uma ideia banal, daquele uma ideia assassina? Por que razão se há de

613 Em latim no original.

num caso chamar mania matemática⁶¹⁴, como em Worse, e não no outro mania assassina, como em Troppmann⁶¹⁵?

“Não são casos excepcionais que citamos; são as leis gerais que estabelecemos.

“O ambicioso que fareja a pista das riquezas, até varar a quem lho obsta na lâmina de um punhal, não o faz senão porque tem um vício na estrutura ou no mecanismo do órgão do pensamento, senão porque pensa, *é obrigado* a pensar, que vai direito [direto] ao seu fim, à sua felicidade; da mesma forma que o maníaco que a todo transe quer que o chamem de sábio está persuadidíssimo⁶¹⁶, *é obrigado* a pensar que a isto tem realmente direito. E esse *quer que* é que os *obriga* – como quiserem chamá-lo – é a moléstia, sempre, só a moléstia.

“O mesmo [acontece] com o vingativo que ceva [alimenta] por anos a sangrenta vingança. Esse desgraçado tem por sua vez o cérebro pervertido, enfermidade que o leva a pensar que só matando seu adversário pode limpar a sua chamada – honra. Honra! – a sempre cruel, a sempre pavorosa esfinge das convenções sociais! A ignorância mesma não será também até certo ponto uma moléstia, uma verdadeira astenia⁶¹⁷? O ignorante é o homem em que não se exercitaram convenientemente, totalmente os elementos do cérebro: há aí, portanto, uma verdadeira astenia do órgão, que provém da falta de material conveniente para aquela função orgânica.

614 A *mania matemática*, também chamada de *aritmomania*, é um comportamento obsessivo caracterizado pela necessidade de contar coisas e ações – por exemplo, o número de passos dados ao subir uma escada e a quantidade de letras das palavras enunciadas – e também buscar incessantemente relações numéricas nas coisas. Não conseguimos descobrir quem é o Worse ao qual Domingos Guedes Cabral se refere, mas provavelmente se trata de um caso paradigmático de alguém que padece de mania matemática.

615 Referência a Jean-Baptiste Troppmann (1849-1870), *serial killer* francês.

616 O superlativo foi acrescentado por Romero. Guedes Cabral só escreve “persuadido”.

617 *Astenia*: falta de força ou vigor – do grego ἀσθένεια (ou *astheneia*), fraqueza.

As impressões que são, como vimos, a matéria-prima do pensamento, debalde [inutilmente] forcejam por ativar aquela máquina que se oxida à mungua de óleo – esse óleo precioso do ensino que lubrifica as molas e tanto perlustra⁶¹⁸ a inteligência do homem.

“Desde que não há completo, perfeito jogo de imagens, não há pensamento: e como desde que não há pensamento não há ação verdadeiramente dita – segue-se que o ignorante, como a criança em que não se desenvolve o cérebro com o ensino, é um ser irresponsável, um homem com o cérebro incapaz de funcionar. E um ser nessas condições é incontestavelmente um doente. Doente que não tem febre nem frio, nem convulsões, nem dores; mas um hemiplégico⁶¹⁹ talvez da inteligência, um desgraçado que sofre do que se poderia chamar – e que se chamará talvez um dia – paralisia moral. E fica o mísero entregue só à potência que faz mover o músculo, ao domínio bárbaro da substância branca... Fica a força muscular... o braço, que já não tem mais um senhor a obedecer... fica a besta, o tigre, a fera! [...]”⁶²⁰

“Mas – então, se nos objetará, se dais à ciência, à medicina propriamente o cuidado de curar esses enfermos, que a filosofia espiritualista teima em chamar seus –, como explicar os curativos operados por ela, porque é ela que, como base das leis, abre as portas das masmorras a sepultar os culpados? Não é real que muito perverso se tem regenerado nas penitenciárias? Se o mal está no corpo – e não no espírito –, continuarão, como explicar que, sem aplicações medicamentosas, entregue o criminoso, só, no fundo

618 *Perlustra*: percorre, anda por – literalmente, anda examinando ou observando. Aparentemente, Domingos Guedes Cabral usa o verbo com o sentido de *lustrar* ou *dar brilho* (à inteligência humana).

619 *Hemiplégico*: aquele que sofre de hemiplegia, isto é, uma paralisia de uma das metades do corpo. Aqui, então, *hemiplégico* designa aquele que não consegue usar plenamente sua inteligência.

620 Romero pula o seguinte parágrafo: “Não se querem duma vez convencer que o homem é uma fera mais perfeita, que se educa! Não se querem desenganar de que é ele apenas, mais perfeita, mas sempre pura, pura animalidade!” (cf. Guedes Cabral, 1876, p. 204).

duma masmorra, ao látigo [açoite, castigo] inexorável de sua consciência, ele se restabeleça, por que se purifica? É bela, mas tem o defeito da miragem essa objeção; sedutora, mas falaz. Dizei-nos: o louco, o maníaco, o alucinado, a quem a medicina toma nos braços hoje e guarda por longo tempo, sob o olhar providente e solícito da higiene⁶²¹, no silêncio calmoso, no recolhimento agradável, na agitação branda e deleitável dos novos hospícios, dizei-nos, esses infelizes que aí jazem às vezes por longos anos, quando lá um dia se erguem reentrados no jogo normal de suas aptidões cerebrais – quem os curou? A filosofia? A religião? Certo, que a ciência! – só a ciência, a medicina prática, que habilmente soube combinar os meios de que dispõe. Ora, que razão há então para não admitir-se que o longo e frio silêncio duma prisão, atuando mais e mais sobre o cérebro, dê em resultado a sua volta ao exercício normal?

“Depois, esses criminosos são apenas doentes temporários. E quereis a prova daquilo? É que não rara vez, a maioria delas, é o lado contrário que se observa: os criminosos reclusos saem das masmorras três vezes piores. E então, aí, como explicar esse movimento regressivo, pela tal consciência psicológica, se esta, dizem, é um tribunal igualmente austero, igualmente implacável para todos, e que, conseqüentemente, iguais efeitos devera produzir em todos os culpados? Como, se a consciência é a mesma para todos os homens, neste desperta o arrependimento e naquele não? É que o fato é outro seguramente. Os criminosos não se curam todos porque: primeiramente, obedecendo à lei das desigualdades orgânicas, nem todos os organismos são igualmente aptos para reagir do mesmo modo contra as causas morbíficas⁶²². Vemos que, em idênticas circunstâncias, dois indivíduos atacados da mesma moléstia, num o organismo reage e opera-se a cura, ao passo que

621 *Higiene*: parte da medicina dedicada à conservação da saúde, bem como à prevenção de doenças.

622 *Morbíficas*: geradoras de doença(s).

no outro a terminação é pela morte. Em segundo lugar, e é preciso notar bem para isto: além das desigualdades naturais, nem todos os criminosos dispõem dos mesmos meios de reação; o que quer dizer, nem todos estão, pela sua capacidade e desenvolvimento intelectual, igualmente aptos a reagir por si mesmos, entrando na realidade de seus deveres pela porta da reflexão. Vimos que o ignorante é um paralítico da inteligência; e são eles que constituem a grande massa dos criminosos. Daí vem que poucos se regeneram; e estes poucos são ordinariamente os mais aptos a sentir e a pensar. Em terceiro lugar, finalmente, é que os regimes penitenciários postos em prática geralmente – e com especialidade (com pesar o dizemos) em nosso país – estão longe de corresponder às vistas [concepções, teorias] terapêuticas com que a medicina os iria empregar. O estado imundo, infecto, insalubre, anti-higiênico das prisões, reunindo todos os elementos contrários à regularização da saúde, só serve para exacerbar o princípio que alimenta a moléstia, qualquer que ele seja, para azedar mais as paixões, para derrancar [perverter] mais e mais fazer fermentar os ódios e os rancores, e, portanto, para predispor cada vez mais o indivíduo à perpetração [prática] de novos delitos. [...]⁶²³

“Trar-nos-ão certamente por aí a questão da imputabilidade. Destarte, dir-nos-ão, acabais com a autonomia, com a imputação dos atos, com todas as prerrogativas da consciência humana e, portanto, tendes destruído as leis filosóficas, rasgais os códigos, abris as prisões, proclamais o domínio absoluto do crime e com ele a subversão social.

“Mas, antes de tudo, é – já o deixamos entrever – uma impertinência essa consciência como a querem por aí, como entidade psicológica; o que em nada contradiz, em nada implica a moral, nem a nobreza do

623 Romero omite o breve parágrafo: “Olhe-se com cuidado para as prisões” (cf. Guedes Cabral, 1876, p. 207).

homem. Assim, vejamos se há aí realmente abolição dos preceitos morais do indivíduo.

“O homem obra aí fatalmente, sim; e sob uma fatalidade inexorável, porque é a fatalidade orgânica: mas, nem por isso menos mérito lhe vem de conhecer e depois conjurar os efeitos⁶²⁴ dessa fatalidade, do que lhe proviria do triunfo uma opção. Porque o homem é doente – segue-se que não conheça que o é, e que não deva portanto procurar o mais possível⁶²⁵ voltar ao seu verdadeiro estado? Está nos próprios deveres da conservação pessoal. E, neste caso, deixa por ventura o homem de ser louvável? Indigno de louvor é aquele que, conhecendo-a, trabalha pela sua ruína.

“A responsabilidade dos atos está, intrinsecamente, no conhecimento deles, preponderando as condições extrínsecas [exteriores] dos meios de fazê-los ou evitá-los.

“Sob o império das paixões, pois, isto é, dominado por causas orgânicas que impeçam de bem funcionar o seu cérebro, o homem obra sem responsabilidade; não porque dormite-lhe a *consciência imaterial*⁶²⁶, mas apenas porque não se lhe presta o cérebro ao pensamento⁶²⁷ e, portanto, ao conhecimento do ato. O homem obra, pois, patologicamente: nada mais. Estão por terra as leis filosóficas?

“Mas, quem já ousou proclamar os direitos de inviolabilidade das ciências, das velhas ciências principalmente, num século sobretudo como o nosso [XIX], em que uma grande escola pujante e viril se levanta, a escola da filosofia da natureza, a plantar por toda a parte o reinado das ideias positivas, ante as quais rui por terra o carunchoso

624 *Conjurar os efeitos*: livrar-se dos efeitos.

625 *O mais possível*: o máximo possível.

626 *Porque dormite-lhe a consciência imaterial*: porque a sua consciência imaterial esteja cochilando ou em estado de sonolência.

627 *Porque não se lhe presta o cérebro ao pensamento*: porque o cérebro não lhe serve para pensar.

[obsoleto, carcomido] edifício das cosmogonias tegonistas⁶²⁸ com todo o peso da filosofia das espiritualidades, que o sustém [sustenta]?

“Acaba-se com os códigos? Mas, quem já fixou o ponto, em que se devem extremar [separar] a medicina e a jurisprudência? Quem já demarcou precisamente até onde vão os domínios territoriais de uma e até onde devem recuar os direitos da outra?

“Abrem-se as prisões? Mas, quem há aí bastante ousado para afirmar que o homem, individualmente, lucra, as mais das vezes pelo menos, alguma coisa sob o regime das prisões?

“Quem pode, em bom senso crítico, dizer que as conversões que por ventura se operam, essas chamadas por aí enfaticamente – *regenerações penitenciárias* –, dão-se pelas masmorras? As masmorras!... Ah! Se esses monstros falassem, por suas bocas sinistras quanta luz não se escaparia, talvez, através das blasfêmias e do desespero suarento⁶²⁹ dos culpados, luz que muita sombra iria dissipar na ciência do filho de Cós⁶³⁰!

“Também os loucos passaram antigamente por criminosos responsáveis; e não está hoje reconhecido que esses infelizes são apenas enfermos? A antiguidade queimava-os: era então a suprema expiação [punição]. Foi preciso que a queixa dos humanitários despertasse a ciência para que ela arrebatasse o facho⁶³¹ assassino às mãos da lei. [...]”⁶³²

628 *Teogonistas*: doutrinas que se propõem a explicar o universo com base em divindades.

629 *Suarento*: repleto de suor.

630 *Filho de Cós*: referência a Hipócrates, nascido na ilha grega de Cós e considerado o pai da medicina.

631 *Facho*: ímpeto – literalmente, tocha.

632 Aqui, Romero suprime a seguinte citação, que Guedes Cabral atribui em nota à obra de Nicolas Malebranche, *A busca da verdade*, 3ª parte, livro 1º, capítulo último: “Queima-se, exclamava Malebranche, como feiticeiros, os loucos e os visionários cuja imaginação desregrou-se [...] Deixe-se, acrescenta ele, de puni-los; trate-se-os como simplesmente loucos, e com o tempo ver-se-á que eles não são feiticeiros” (Guedes Cabral, 1876, p. 210). Na verdade, trata-se do último capítulo da 3ª parte do livro 2º (sobre a imaginação) de *De la recherche de la vérité* [*A busca da verdade*].

“Segundo as investigações dum ilustre profissional, o Sr. Sauze, sobre as causas da alienação mental⁶³³ nas prisões, há a maior analogia entre os alienados e uma certa classe de prisioneiros composta de seres de uma organização sensivelmente viciosa. Julga esse autor que seria mais prudente e humanitário ‘colocar uma parte da população das prisões nos hospitais dos loucos’⁶³⁴.

“Quais são, porém, quais devem ser pelo menos esses desarranjos orgânicos e funcionais que determinam as paixões? Quais os pontos de seleção patogênica no aparelho cerebral? Qual a natureza histológica, o desequilíbrio funcional em semelhantes afecções?

“Não o sabemos; cremos mesmo que ninguém ainda o sabe, como não o sabe no idiotismo⁶³⁵, como não o sabe propriamente na loucura. Em todo o caso, o que nos quer parecer é que a circulação representa nisto um papel importante, assim como as relações simpáticas dos outros órgãos⁶³⁶, nomeadamente [destacadamente] o estômago, conquanto para a loucura admitisse Pinel exclusivamente a causa inicial no cérebro, dando como consequência essas perturbações viscerais simpáticas. São tão pronunciados, porém, aqui os efeitos produzidos pelo desarranjo desse órgão sobre o cérebro, tanto se fazem aí sentir as diversas maneiras de ser do aparelho digestivo, que hoje parece caminhar a ciência para o estabelecimento de um

Eis os trechos originais: “et où l’on brûle comme des sorciers véritables les fous et les visionnaires dont l’imagination a été dérégulée [...] Que l’on cesse de les punir et qu’on les traite comme des fous ; et l’on verra qu’avec le temps ils ne seront plus sorciers” (Malebranche, 1842, p. 210 e 212).

633 *Alienação mental*: loucura, falta de razão ou juízo.

634 É digno de nota que o próprio Domingos Guedes Cabral – e Romero, junto com ele – citam o nome de Alfred Sauze de forma incorreta: “Saure”. O trecho citado faz parte do artigo “Recherches sur la folie pénitentiaire” [“Investigações sobre a loucura penitenciária”], do Dr. Sauze, publicado nos *Annales médico-psychologiques* [Anais médico-psicológicos], 1857, tomo 3, p. 28-56. A passagem citada corresponde à 7ª das nove conclusões do texto: “Une certaine partie de la population des prisons serait mieux placée dans des asiles d’aliénés” (Sauze, 1857, p. 56).

635 *Idiotismo*: retardamento, grave deficiência do desenvolvimento intelectual.

636 *Relações simpáticas dos outros órgãos*: relações autônomas (isto é, não voluntárias) dos outros órgãos.

princípio que dirá: ‘Dize-me o que comes, e eu te direi como pensas’, e que nós ampliaremos ainda: ‘e eu te direi o que fazes’.

“Se não é ainda um fato comprovado, é pelo menos uma presunção muito legítima, filha da observação, e que não deve pecar por passageira – que as ideias refletem até certo ponto a cor do estômago. Ora, que [quão] estranho é que se dê o mesmo para com os atos? Se há ideias que trazem a cor da bília, que estranho é que haja atos que tragam a cor do sangue?

“Estas ideias vão a muitos parecer absurdas, paradoxais a outros tantos, e quiméricas ao maior número, merecendo talvez de alguns um filaucioso ridículo⁶³⁷. Não nos incomoda, porém, isso: sabemos em boa hora ainda o destino dessas coisas. Alguém, por mais insignificante ou obscuro, é possível que tenha talvez, como nós, a esquisita lembrança de estudá-las. Entretanto, atiramo-las aí. E resumamo-las: não há, parece-nos, ações más, mas apenas ações patológicas, verdadeiramente. Um delito é o efeito de um pensamento incompleto ou vicioso, que é por sua vez o parto de um cérebro viciado. O mal filosófico é apenas uma enfermidade. A moral – e com ela o direito – devem ceder alguma coisa à patologia.

“Ao que a sociedade chama um perverso, ao que os códigos chamam um criminoso, a ciência chamará um dia apenas – um doente. No que o catolicismo vê muita vez uma influência de inspirações infernais, a influência do diabo, no que o espiritualismo vê sempre a impossibilidade de manifestação do *eu*, a ciência verificará um dia que não há mais do que um desarranjo anatômico, ou um desvio da ação fisiológica. Os exorcismos, as penitenciárias, os patíbulo⁶³⁸ cederão lugar à mão sábia do médico e à droga farmacêutica.

637 *Um filaucioso ridículo*: um presunçoso deboche.

638 *Patíbulo*: local onde são executados os condenados à morte, forca.

“E as tais chamadas compassivamente pelo espiritualismo – *moléstias da alma* – terão entrada plena e franca no puro domínio da medicina prática. Então, felizmente para os desprotegidos (que são sempre os criminosos), felizmente para os ignorantes, felizmente para a humanidade enfim, essas monstruosidades jurídicas, esses pavorosos escândalos sociais – as masmorras, a grilheta [algema, grilhão] e o cadafalso⁶³⁹ – substituir-se-ão pelas casas de saúde, pelos hospícios de caridade, pelos cuidados carinhosos, solícitos, sábios, perscrutadores e humanitários da ciência. A humanidade lá chegará um dia, esperamos”⁶⁴⁰.

Possam estas instrutivas e generosas palavras ecoar aos ouvidos dos legisladores como o brado plangente [lastimoso, choroso] dos desgraçados e o aviso salutar da ciência, que, em vez de pedir o castigo, aconselha o ensino; em lugar da prisão prescreve o livro!

Entretanto, o meu dever de crítico ordena-me que proteste contra o sinal de novidade que o ilustre médico parece ligar às suas ideias.

Certamente, entre nós e para nós, elas são uma grande originalidade, que os nossos filósofos e fisiólogos acadêmicos e oficiais nunca se elevaram àquela altura. Na Europa culta, porém, mais de uma vez têm elas sido advogadas. Não é mister ir muito longe para vê-lo; é suficiente ler os últimos capítulos da *Fisiologia da vontade* do italiano Herzen⁶⁴¹.

639 *Cadafalso*: palanque para a execução de condenados.

640 *Funções do cérebro* [1876], p. 197-213. Tomei a liberdade de fazer ligeiríssimos cortes nas páginas transcritas, para não alongar por demais a citação. As omissões feitas, porém, não prejudicam em nada o sentido das opiniões do autor (SR). Ao longo da citação, indicamos as omissões de Romero com “[...]” e transcrevemos nas notas de rodapé o texto das passagens que foram suprimidas. Quando Romero cortou apenas uma palavra ou expressão – como “esmaga a cabeça a alguém...”, “uma crua vingança...” – simplesmente reincorporamos tal palavra ou expressão ao texto. Além disso, reproduzimos as aspas usadas nas citações feitas por Domingos Guedes Cabral, que Romero havia suprimido. Vale observar também que Romero aglomera e divide os parágrafos de modo diferente daquele do texto original (TT&RX).

641 Embora Romero se refira a Alexandre Alexandrovitch Herzen (1839-1906) como sendo *italiano*, na verdade, o médico e escritor – que, de fato, produziu a maior parte de sua obra na língua italiana

A lembrança deste autor me leva naturalmente a pronunciar-me, de relance, sobre a questão da vontade *livre*, implicada, aliás, na passagem reproduzida do autor baiano. Herzen contesta, com todo o fundamento, em nós, a liberdade do *ser* e do *querer*, reconhecendo uma certa e mínima liberdade de *fazer*.

Julgo que este magno problema deve ser estudado sob o ponto de vista histórico e social, além do fisiológico. Com efeito, aquele nos mostra, de um lado, as relações humanas levadas ao máximo grau de complicação e, de outro, nos ensina a lei da *hereditariedade*, que é também um dado da ciência biológica. Esta grande lei tem sido descurada [descuidada, negligenciada], em se tratando dos atos livres. Ora, o homem, por muitíssimos séculos, sendo ensinado sob a noção da liberdade, real ou presumida, e sendo as suas ações dirigidas por móveis [motivos, causas] os mais variados e obscuros, estes fazem já parte da inconsciência, de modo que sua vontade, ao menos aparentemente – e como um resultado da educação – parece *livre* e dotada de responsabilidade. Os ataques do professor de Florença, adjuntos aos de Buckle e Quetelet, contra a liberdade, absoluta e radical, são mais que muito producentes. Pode-se, porém, no sentido que indico, aceitar a conciliação, que, à luz das leis matemáticas, quis fazer ultimamente o professor de Lille – Joseph Boussinesq – entre a liberdade moral e o determinismo⁶⁴² científico, no seu recentíssimo escrito inserto [incluído] na *Revista Científica* de Paris⁶⁴³.

Este professor parte do fato das equações de movimento de um sistema de pontos admitirem, por vezes, soluções *singulares*, e do

(ele foi professor universitário em Florença e em Lausana) – nasceu na Rússia e posteriormente naturalizou-se suíço. Cf. Herzen, 1874.

642 Na definição de Houaiss (2025), o *determinismo* é o “princípio segundo o qual todos os fenômenos da natureza estão ligados entre si por rígidas relações de causalidade e leis universais que excluem o acaso e a indeterminação, de tal forma que uma inteligência capaz de conhecer o estado presente do universo necessariamente estaria apta também a prever o futuro e reconstituir o passado”.

643 *Revue Scientifique*, [nº 42], de 14 de abril de 1877 (SR). Cf. Joseph Boussinesq, “La liberté morale et le déterminisme scientifique” [“A liberdade moral e o determinismo científico”] (1877) (TT&RX).

fato da determinação da prossecução do movimento exigir também, além das leis físicas expressas pelas equações, a intervenção de um *princípio diretor especial*. Este é que representa a liberdade.

O escrito do matemático de Lille é no gosto do célebre trabalho *As matemáticas e o transformismo*⁶⁴⁴, do professor de Liège, já, por vezes, aqui citado⁶⁴⁵.

À parte certo ar de querer salvar a liberdade com o fim de reforçar o espiritualismo, e certa intenção, pouco transparente, de dar àquela maior esfera do que a realmente sua, a face geral do pensamento do escritor francês pode ser admitida.

A complexidade dos móveis das ações humanas dá a razão, ao menos historicamente, ao seu princípio diretor; tanto mais quanto ele nos assevera [afirma] que “o fisiólogo pode estender as leis mecânicas, físicas e químicas a toda a matéria, inclusive às moléculas de um cérebro vivo”⁶⁴⁶.

Neste caso, sem ser necessário, acreditar, como ele, no velho dualismo humano, é o ensejo de perguntar: por que pode a matéria produzir a luz, a eletricidade, a vida, a sensação, o pensamento, e não poderá no caminho da evolução humana produzir, um dia, a liberdade?⁶⁴⁷

644 Sobre o *transformismo*, conferir a nota 382, no capítulo VII.

645 “Les Mathématiques et le transformisme, une loi mathématique applicable à la théorie du transformisme” [“As matemáticas e o transformismo, uma lei matemática aplicável à teoria do transformismo”], de Joseph Delbœuf, *Revue Scientifique* [nº 29], de 13 de janeiro de 1877 (SR).

646 Trecho do penúltimo parágrafo do texto supracitado de Boussinesq. Romero cita sua própria tradução da passagem, omitindo algumas palavras. Eis o trecho original: “Le physiologiste peut [donc, sans s’écarter du plus sévère spiritualisme, [então, sem se distanciar do mais severo espiritualismo]] étendre les lois mécaniques, physiques et chimiques à toute la matière, y compris les molécules d’un cerveau vivant” (Boussinesq, 1877, p. 991).

647 A filosofia crítica, que é inimiga de todo o dogmatismo pretensioso, nem por isso bane as expressões: Deus, Providência, espírito, imortalidade, liberdade... “autant de bons vieux mots, un peu lourds peut-être, que la philosophie interpréterait dans des sens de plus en plus raffinés, mais qu’elle ne remplacerait jamais avec avantage” [“tantas boas velhas palavras, um pouco pesadas talvez, que a filosofia interpretará em sentidos cada vez mais refinados, mas que nunca os substituirá com ganho”],

Passemos a estudar um outro tipo nacional e, nele, nos demoremos um pouco mais. É que sou o primeiro escritor brasileiro a fazer justiça ao mérito do autor dos *Ensaaios e estudos de filosofia e crítica*.

para repetir as célebres palavras de Renan. O criticismo não repele tais expressões, nem contesta os fatos que elas exprimem; o que faz é explicá-las de um modo novo e original. Assim, Deus é a grande origem ainda não demonstrada cientificamente; a Providência são as leis estabelecidas pelas ciências e que governam o universo; o espírito é o ideal das expansões humanas; a imortalidade é um atributo do universo; a liberdade é como o pensamento, a sensação, a eletricidade, o movimento, um predicado da matéria devidamente organizada para produzir esses fenômenos. Tais são as soluções que a filosofia crítica pode dar a tão temerosos problemas, inspirada na ciência, e sem, todavia, ter a mínima pretensão de tê-las por definitivas (SR). Nota acrescentada nas adições da primeira edição. A citação de Ernest Renan faz parte da obra *L'avenir de la science* [*O futuro da ciência*], capítulo XXIII (cf. Renan, 1890, p. 476) (TT&RX).

X. TOBIAS BARRETO DE MENEZES (1839-1889)⁶⁴⁸

I. *Avis rara*⁶⁴⁹. Sob tais palavras, o Sr. Carlos von Koseritz, o digno autor de *Rom vor dem Tribunal des Jahrhunderts* [*Roma perante o tribunal do século*] e redator da *Deutsche Zeitung*⁶⁵⁰ de Porto Alegre, deu notícia aos seus leitores de alguns artigos em língua alemã do Dr. Tobias Barreto de Menezes. *Avis rara* repetimos, por nossa vez, diante do público brasileiro, que, quase totalmente estranho àqueles e outros escritos de nosso compatriota, não deixa, contudo, de votar-lhe [dirigir-lhe] uma bem antecipada antipatia! E, digamo-lo desde logo, Tobias Barreto é, justamente na terra em que se elogiam e exaltam tantas mediocridades insignificantes, não o mais desconhecido escritor da nova geração, porém certamente o mais odiado! Isto é um sintoma; as individualidades que se afirmam por alguma coisa de forte e original dão-se mal no centro em que respiram. Dizem os órgãos autorizados da crítica hodierna⁶⁵¹ que a *lei dos meios*⁶⁵² é

648 I. *Ensaio e estudos de filosofia e crítica*, 1ª livração, Recife, 1875 [2ª ed. 1889]; II. *Brasilien wie es ist literarischer Hinsicht betrachtet, eine Skizze* [*O Brasil como ele é considerado do ponto de vista literário*, um esboço], Escada, em Pernambuco, 1876 [republicado em edição bilingue alemão-português em Tobias Barreto, 1990b, p. 53-131]; III. *Um sinal dos tempos*, periódico, Escada, 1874; IV. *Deutscher Kämpfer*, Zeitungsblatt [*Combatente Alemão*, jornal], Recife, 1875. Tudo por Tobias Barreto de Menezes (SR).

649 Em latim, *ave rara*. Segundo Paulo Rónai – *Não perca o seu latim*, 1980, p. 153 –, a expressão remonta ao poeta satírico Juvenal (c. 55-127): “rara avis in terris, nigroque simillima cygno” [“ave rara nas terras, e muito semelhante ao cisne negro”] (*Sátira* VI, 165). Ou seja, com essas palavras – que Romero toma emprestadas de seu editor (para quem inclusive este livro foi dedicado) –, ele pretende destacar que Tobias Barreto é um pensador de qualidades excepcionais.

650 *Deutsche Zeitung*: literalmente, “jornal alemão”. Como *Zeitung* é um substantivo feminino em alemão, Romero usa um artigo feminino (“a Deutsche Zeitung”).

651 *Hodierna*: atual, moderna – do latim *hodie*, *hoje*, *presente*.

652 *Lei dos meios*: provável referência ao papel que o meio ambiente desempenha na evolução das espécies – e, por extensão, na evolução das nações –, oferecendo condições mais ou menos propícias para que os seres vivos se desenvolvam.

a mais séria das realidades. Não há contestá-lo⁶⁵³, quanto ao meio físico, máxime [principalmente] com relação à marcha geral e lenta das nações; mas cumpre ponderar que a luta aberta por alguns espíritos, exatamente com a *sociedade* que os cerca, deve merecer alguma atenção e pede [para] ser estudada.

Carlyle e Emerson, os dois grandes defensores das *individualidades*, não deixam de ter, em parte, alguma razão contra Buckle e Draper, os mais tenazes seguidores da ideia adversa.

É certo que o Dr. Tobias Barreto obedece às novas tendências dirigidas pela ciência de seu tempo, é certo ainda que a última guerra alemã [1871] atirou-o nos braços da cultura germânica e transformou de todo a sua velha intuição. São fatos, porém, vigentes no Velho Mundo que nada têm de comum com o círculo em que vivemos, e é sempre a mais profunda verdade afirmar que mui [muito] pouco deve ele ao centro em que o atacam, se é que lhe deve alguma coisa. Só se obedece à lei do *contraste*. Somente por esse modo é possível explicar como partem do mesmo ponto – e andam ombreados⁶⁵⁴ – os *Ensaios e estudos de filosofia e crítica* e uns quantos produtos que se não nomeiam por desmerecerem qualquer menção.

Os que sabemos que um escritor é tanto mais venerando [venerável, respeitável] quanto mais reage contra os preconceitos e nos ensina alguma coisa de melhor; os que não batemos palmas a qualquer homúnculo⁶⁵⁵ que nos repisa as banalidades das *ruas* e dos *cafés*, temos aí diante um objeto de estudo e de reflexão. Aquele pequeno volume foi o primeiro pelo autor atirado à publicidade⁶⁵⁶; mas há muito que ele escreve. Há dezesseis anos que o jornalismo tem-no

653 Não há contestá-lo: não existe contestação sua, isto é, da lei dos meios.

654 Andam ombreados: rivalizam, competem – literalmente, andam ombro a ombro.

655 Homúnculo: indivíduo insignificante – literalmente, homem muito pequeno.

656 Atirado à publicidade: lançado ao público, publicado.

em seu seio sempre ruvinhoso⁶⁵⁷ e elevado, sempre descontente e original. Reclama atenção este espírito arrebatado [arrebato, extasiado] e lírico que durante alguns anos trouxe-nos presos nas asas de sua poesia brilhante; merece preitos⁶⁵⁸ este pensador exato e seguro, que, há tempos, parece, a certos respeitos, o escritor mais adiantado de seu país! Deixemo-nos de enganos; eu digo com Stuart Mill: *few persons are less disposed than I [am] to call hard names*⁶⁵⁹, poucos são menos dispostos do que eu a dizer palavrões, mas as coisas devem ter seu nome: o redator do *Deutscher Kämpfer* não é ministro, nem deputado; não é lente [catedrático, professor] de Academia, nem já foi conferenciar à *Escola da Glória*⁶⁶⁰... parece, contudo, a alguns respeitos, o espírito mais culto e adiantado deste país! Note-se que não sou daqueles que têm largamente desenvolvido o senso do *monos*⁶⁶¹, e andam assinalando em qualquer coisa a *primeira* maravilha da pátria... Muito ao longe⁶⁶².

657 *Ruvinhoso*: caprichoso, difícil de satisfazer – do latim *robiginosus*, *enferrujado*. Então, em “há dezesseis anos que o jornalismo tem-no em seu seio sempre ruvinhoso e elevado, sempre descontente e original”, a expressão “sempre ruvinhoso e elevado” – cuja semântica é praticamente ecoada com “sempre descontente e original” – não está predicando o “seio jornalístico”, mas sim descrevendo a produção textual de Tobias Barreto.

658 *Merece preitos*: merece apreço.

659 Como é possível observar, Romero faz a citação em inglês e logo depois a traduz. Reintegramos entre colchetes o verbo “am” [“sou”] à frase de Stuart Mill, extraída de seus *Public and Parliamentary Speeches* [*Discursos públicos e parlamentares*] (cf. Mill, 1988, parte II, p. 426).

660 Referência às célebres Conferências Populares da Glória, realizadas na década de 1870 no homônimo bairro carioca. As conferências tinham por objetivo promover uma difusão cultural e científica para a sociedade letrada do Rio de Janeiro. Para saber mais, confira o trabalho de Maria Rachel Fróes da Fonseca (1996), “As ‘Conferências Populares da Glória’: a divulgação do saber científico” (contendo a lista de todas as conferências proferidas nos eventos).

661 Em grego, *μόνος* (ou *monos*), único, singular, isolado. Por “não sou daqueles que têm largamente desenvolvido o senso do *monos*, e andam assinalando em qualquer coisa a *primeira* maravilha da pátria”, então, Romero pretende dizer que não considera Tobias Barreto como um pensador *único* e acima de todos os outros (como fica claro nas linhas seguintes do texto).

662 *Muito ao longe*: longe disso.

Note-se ainda que não tenho o Dr. Tobias Barreto na conta de gênio e de notabilidade *européia*⁶⁶³; peço somente que me apontem, a mim que gosto um pouco de estudar imparcialmente a vida intelectual de minha pátria, onde se acham os espíritos brasileiros superiores ao desprezado crítico dos *Ensaios e estudos*. Não teço elogios, pretendo apreciar os produtos de uma pena brasileira, e fazê-lo pelo moderno método de *comparação*, que tão bons resultados há trazido⁶⁶⁴ à filologia e à ciência das religiões. É possível, como já se o tem feito, aplicá-lo à literatura e à filosofia, e mostrar que, no ermo científico que nos envolve, onde cabeças fartas de clássicas toleimas [tolices] laboram no vácuo de uma intuição imperfeitíssima do mundo como ele é, e vivem de uma política ferrenha que as devora, o Dr. Tobias Barreto não é só um espírito culto e um crítico acertado, é uma *individualidade*. Antes de fazê-lo, cumpre notar um pouco a biografia e a *psicologia* do escritor.

É um abuso da crítica o pegar em um livro qualquer e, sem indagação alguma sobre as condições em que haja vivido o seu autor, pretender traçar um juízo que suponha definitivo.

Esse método, todo *apriorístico*⁶⁶⁵, não é um processo regular de análise. O crítico exhibe as suas opiniões, se não os seus caprichos, e nada de regular sobre a genética e a seriação [sequência, encadeamento] das ideias do escritor pode sair de um trabalho tão falsamente empreendido. A oposição de ideia a ideia é, além disso, coisa fácil – máxime quando o analista deseja dar amostras de sua suposta ciência e pôr adiante do escritor, convertido em paciente, a sua honorífica pessoa. Por coerência de lei, o crítico daquela espécie é um inimigo

663 De notabilidade *européia*: que merece destaque até entre os pensadores europeus.

664 Há trazido: trouxe, tem trazido.

665 *Apriorístico*: que adota argumentos ou princípios *a priori*, ou seja, que não são baseados em fatos ou experiências.

que repreende o seu pretendido rival. Não é este o mister [ofício] de criticar.

A crítica é um estudo, e não uma arrogância. Não envolve o que digo a defesa do erro que deve ser punido, onde quer que se apresente.

O Dr. Tobias Barreto é, entre nós, o mais completo tipo do escritor provinciano independente. Não fez nunca *romarias literárias* à capital do Império! É sabido o quanto pesa essa lacuna. Não ter escrito para o *Jornal do Comércio*, ou para o *Diário do Rio*, não ter já sido visto por alguns conselheiros e dado o braço ao Sr. Alencar⁶⁶⁶... oh! isto é uma falta imperdoável! Mas o castigo vem logo; nas classificações de poetas e prosaístas, de literatos e oradores, que na tal *Corte* se fazem como os *alistamentos* para o serviço militar, o nome do digno filósofo não aparece nunca!

Não sei que autor de romance aventou⁶⁶⁷ a ideia da criação de uma literatura do norte, neste país, por oposição à literatura austral⁶⁶⁸. Esta pequena ideia, aliás legítima no seu fundo, não deixou de suscitar certas desconfianças da parte dos pretendidos guardas da integridade de nosso caráter nacional. Creio, todavia, que não existe de fato oposição saliente entre as nossas tendências ao norte e ao sul. Onde eu encontro luta latente e profunda divergência é entre os nossos hábitos provincianos e a degeneração adiantada da

666 Referência a José de Alencar (1829-1877), a quem, segundo Romero, seria preciso bajular para adentrar no universo literário do Império. Posteriormente, Romero chegou a descrever José de Alencar com maior reverência: "Vai para trinta anos no Rio de Janeiro aparecia um jovem escritor. Vinha cheio de entusiasmo e esperanças, e um dos seus primeiros feitos foi atacar desapiedadamente um livro de um colega de letras, mais velho e mais conhecido que ele. O ataque foi renhido e houve grande agitação nos arraiais literários. O recém-chegado era um *valente* e o adversário um nome ilustre. Era Alencar, publicando as célebres *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*. Quaisquer que sejam os defeitos, e eles são muitos, desse escrito do romancista cearense, é impossível negar a *justeza* de algumas de suas opiniões, a lucidez de sua argumentação, a habilidade de seus golpes, a cópia [isto é, a fartura] de suas leituras, a agilidade de seu estilo" (Romero, Valentim Magalhães: estudo, 1884, p. 78-79 – os itálicos são nossos).

667 *Aventou*: enunciou – literalmente, expôs ao vento, ventilou.

668 *Austral*: do hemisfério sul (em oposição a *setentrional*, do hemisfério norte).

vida cortesã em nossa terra. O sul não se opõe ao norte senão nos conceitos da geografia. Ambos, porém, divergem consideravelmente, por suas aspirações livres, da aura mórbida e corrupta que se exala da famigerada Corte, em que alguns bem-aventurados falam com o mesmo acento [sotaque] e unção⁶⁶⁹ com que falam os crentes na *Corte Celeste*! A observação de todos os dias vai nos mostrando esta oposição cada vez mais crescente, e a história econômica e intelectual do país a justifica de todo.

Os homens que no Brasil se hão ilustrado⁶⁷⁰ por algum mérito do espírito nada deveram à Corte. Eles se podem classificar em duas categorias: a daqueles que nunca vieram ali; e a dos que lá foram, porém já feitos e com suas ideias já firmadas. Ao contato com aquela gente, estes últimos nada ganharam, se é que não perderam muito. É evidente que os primeiros também não lhe devem coisa alguma. Quanto aos filhos daquele torrão⁶⁷¹, que se distinguiram por alguma digna qualidade política ou intelectual, são ainda de duas categorias: ou se educaram nas províncias, ou adquiriram suas ideias na Europa. Nada conquistaram ali, a não ser, talvez, o hábito das transações [negociatas, acordos escusos] e o desperdício dos nobres incentivos. A nossa vida econômica é também eloquente em denunciar os abusos da grande *ladra* que se chama – a *Corte*.

Fora útil que o que existe de fecundo e aproveitável na mocidade brasileira de hoje, nas províncias, se unisse, em cruzada santa, contra as más tendências de nossa capital e, pensando por si, repelisse, de uma vez, o jugo vergonhoso⁶⁷². Não se trata de uma ação política, e sim de uma mudança no curso das ideias. O *jovem Brasil*, tal deve ser o título dos novos voluntários da inteligência – à semelhança da

669 *Unção*: doçura, sacralidade (que Romero escreve aqui em tom irônico).

670 *Hão ilustrado*: se ilustraram, se destacaram.

671 *Torrão*: lugar – literalmente, porção de terra aglutinada.

672 *Jugo vergonhoso*: sujeição ou submissão desonrosa.

jovem Alemanha e da *jovem Inglaterra*, conhecidas na história literária deste século [XIX] –, só se ocupará da reforma do pensamento. Seu primeiro grito de alarme deve ser contra a falência da metrópole no terreno das letras e das ciências, contra aquela coisa ainda sem um nome em *ismo*, mas que bem se pudera denominar o *alencarismo* ou o *macedismo*⁶⁷³, do nome dos dois corifeus [expoentes] que mais têm contribuído⁶⁷⁴ para o estrago fluminense. Alguns franceses da decadência, enfatuados por não sei que novo orgulho diante de sua capital, diziam: *a França é Paris!*

Esta frase vergonhosa, uma das causas da derrota daquele povo, há tido⁶⁷⁵ repetidores entre nós. *O Brasil é o Rio de Janeiro*, dizem os insensatos, incapazes de compreender o espírito de uma nação, e que o enclausuram nas vitrinas da Rua do Ouvidor!

O Dr. Tobias Barreto já se pronunciou algum tanto nesse sentido⁶⁷⁶.

Nascido em Sergipe na quase deserta vila de Campos⁶⁷⁷, a 7 de junho de 1839, tem sempre vivido a superar embaraços [dificuldades]. Seus pais eram mui pobres. Compreende-se facilmente o peso dessa situação, não digo numa cidade como o Recife ou o Rio, mas em

673 Referência a José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882). Sobre este último, apesar da presente crítica, Romero também o descreveu de modo mais elogioso em outra ocasião: “popularíssimo entre os anos de 1844 a 1868 ou pouco após, tinha sido o mais operoso, o mais fecundo de nossos escritores, um dos fundadores, senão o verdadeiro fundador do romance no Brasil, um dos criadores do nosso teatro, um dos mestres de nossa poesia”. Faleceu, entretanto, “no meio da quase indiferença geral de um público alheio aos labores da inteligência” (cf. Romero, *Autores brasileiros*, 2002, p. 418).

674 *Que mais têm contribuído*: que mais contribuíram.

675 *Há tido*: tem tido, teve.

676 Veja-se, entre outros, o seu artigo “Misérias do império e sua Corte”, publicado no periódico *A Comarca da Escada*, de 10 de junho de 1875 (SR). O artigo foi republicado na segunda edição (indicada acima) dos *Ensaios e estudos de filosofia e crítica* (cf. Tobias Barreto, 1889, p. 161-166) (TT&RX).

677 A pouco mais de cem quilômetros de Aracaju, na fronteira com a Bahia, a antiga vila de Nossa Senhora de Campos do Rio Real hoje se chama Tobias Barreto – em homenagem ao seu mais ilustre filho.

Sergipe, isto é, nas selvas, e em Campos, isto é, no ermo! Em 1839, ainda mais do que hoje, aquela província era um centro de atraso e de abandono intelectual. Nada de cultura literária e científica; ao muito, era a pátria da *modinha*⁶⁷⁸ com seus versos langues [voluptuosos, sensuais] e sua música lasciva, o retiro dos *mestres régios*⁶⁷⁹ e dos professores de *latim*. Advinha-se qual tenha sido a provisão mental⁶⁸⁰, durante muitos anos, do jovem Barreto: primeiras letras, música e latim. Tão parca, como é, para ser adquirida, foi mister⁶⁸¹ ir colhê-la fora do lugar em que nascera. Campos, a vila agreste, com seus formigueiros areentos e os seus quixabais⁶⁸² tristonhos, nada lhe forneceu, além do banho folgazão⁶⁸³ do rio Real. Aos dezessete anos, era completa a proficiência do moço sergipano no latim, em que fez versos então publicados e de que tirou em concurso uma cadeira⁶⁸⁴. O latinista era também um *componista*⁶⁸⁵; ainda hoje lá se repetem algumas de suas inspirações musicais.

O que, porém, mais o entretinha era a poesia. Alguns são os seus trabalhos poéticos dos últimos tempos em que viveu na

678 *Modinha*: cantiga popular surgida no século XVIII, com alguma dose de humor e temas sentimentais e amorosos.

679 *Mestres régios*: professores primários, também conhecidos como *mestres régios de ler, escrever e contar*. Não era uma profissão de muito prestígio ou de boa remuneração, assim como ocorria com os professores de latim – também mencionados por Romero nesta passagem.

680 *Provisão mental*: “alimento” para a mente.

681 *Foi mister*: foi preciso.

682 *Quixabais*: aglomerados de quixabeiras (árvores de até 15 metros também conhecidas como “jabuticabas-do-mato”).

683 *Folgazão*: cheio de alegria, brincalhão. Romero faz aqui uma referência à situação descrita no poema de juventude “No Banho”, mencionado logo na sequência do texto.

684 Anos depois ainda fez publicar, em desacordo ao *Compendium philosophiæ* de Pestalozzi, o seu artigo “Theologia Rationalis, Confutatio”, em *A Crença* de 30 de maio de 1870, no Recife (SR). Tanto o texto original do artigo de Tobias Barreto, em latim, quanto uma tradução feita por Antonio Tavares de Jesus – “Teologia Racional, Refutação” –, podem ser encontrados na coletânea póstuma *Crítica de religião* (Tobias Barreto, 1990a, p. 60-63) (TT&RX).

685 *Componista*: compositor, pessoa que compõe música(s).

província (1855-1862). Nunca foram publicados. Revelam um espírito incultamente ousado, quando se desprendia de seus hábitos mais constantes. E sua nota mais vibrada [vibrante] era um lirismo sadio, transpirando um completo prazer pela vida.

Por aquele tempo, os nossos *civilizados* eram uns chorões afetados, como a quarta ou quinta geração de Byron e de Lamartine.

O sergipano era meio selvagem; não conhecia, nem de longe, tais modelos. A musa provinciana era então clássica, no mau sentido da palavra, e ele, por instinto, um perfeito *reator*⁶⁸⁶, por um modo todo local e apropriado à estreiteza de seu horizonte. Completamente segregado do movimento espiritual do século [XIX] até 1862, não era de supô-lo ao nível das misérias poéticas que o cercavam? Não foi assim. Os fragmentos existentes do poemeto “Juízo Final”, escrito em 1858, fragmentos por vezes publicados, dão bem a conhecer a natureza de seu talento entregue a toda a sua espontaneidade⁶⁸⁷.

686 É interessante observar que Romero emprega o termo *reator* apenas cinco vezes na obra, das quais quatro se referem a Tobias Barreto. Nesses casos, Romero aparentemente usa o termo *reator* para descrever Tobias Barreto como alguém que reage ao *status quo*, quer dizer, que não se conforma com a situação intelectual, política e social na qual se encontra e trabalha para *reagir* criticamente a essa situação. A outra ocorrência do termo aparece no início do capítulo IV, onde Romero aponta que uma das correntes de pensamento existentes no Brasil do século XIX seria a dos *reatores neocatólicos*, entre os quais estaria Patrício Muniz – que, curiosamente, é também chamado de *reacionário* por duas vezes – como se isso fosse um sinônimo de *reator* (neocatólico).

687 Veja-se o periódico do Recife, *A Crença*, de maio de 1870, e *A Província*, daquela cidade, de 8 de novembro de 1875 (SR). Curiosamente, não houve edição do jornal *A Província* no dia 8 de novembro (em 1875, o jornal não era publicado às segundas-feiras). Do poema *Juízo final*, de Tobias Barreto, um fragmento de 1861 pode ser encontrado no livro *Dias e noites*, editado postumamente por Romero (cf. Tobias Barreto, 1903, p. 93). Eis o fragmento: “Lança os seres ao ludíbrio / De universal turbilhão, / Corta as asas do equilíbrio, / E os astros tombando vão. / Sombras e sombras se agitam, / Às campas mortos vomitam / Para o Juízo Final... / E, olhando o quadro assombroso, / Miguel Ângelo orgulhoso / Ri-se e murmura: ‘tal qual!’”. Outros versos do mesmo poema foram transcritos por Romero, no artigo “Avis Rara (I)”, publicado no jornal *A Província* (edição de 15 de dezembro de 1875, p. 4): “No horror da noite, amortalhada em trevas, / Quando, entre assombros, o silêncio avulta, / E jaz sopita a natureza inteira; / Quando no cenho de fantasmas vácuos, / Que se incorporam na solidão medonha, / Pinta-se a ideia da infernal tristeza / Do caos, do nada, que sepulta as eras; / O bronze eterno, que demarca os séculos, / Quebra dos tempos afinal pancada!... / Súbito a terra, convulsiva e tímida, / Desconjuntada, tiritando em ânsias, / Tenta impetuosa deslocar os eixos, / Fugindo às vistas do Senhor, que a encara!... / Partem-se as rédeas do soberbo pélagos, / E as crespas ondas, espumando infrenes, / Bofam nos ares denegridas tombas” (TT&RX).

Nota-se neles um certo empolamento [exaltação, pompa] que, porém, denuncia grandeza de imaginação e riquezas de colorido não comuns aos nossos efeminados. A *lírica* lhe deveu, então, lindíssimos versos; entre outros se destaca a pequena peça *No banho*, já também publicada. É a pintura dos banhos semipagãos nos rios pinturescos⁶⁸⁸ de minha terra, que é também a terra do poeta. Os meninos, já crescidos, são admitidos ao folgazão brinquedo das águas... A severidade deste opúsculo⁶⁸⁹ priva-me do prazer que teria, se pudesse mostrar aos olhos dos meus leitores essas joias da poesia nacional⁶⁹⁰.

Dali não transpira o desgosto da vida, que atormentava fingidamente os românticos ingênuos; há todo o sério prazer do mundo, toda a verdade das coisas como elas são.

688 *Pinturescos*: graciosos – literalmente, pictóricos, dignos de uma pintura.

689 *Opúsculo*: pequeno livro, pequena obra – em latim, *opusculum*, diminutivo de *opus*, obra.

690 A poesia *No banho* foi, pelo autor, inserida na característica [perfil] que fez do escritor sergipano, publicada em *A Província*, de Pernambuco, e reproduzida em *O Rio Grandense* (SR). O que Romero pretende dizer na nota é que ele próprio – e não Tobias Barreto – inseriu o poema *No banho* em sua *característica* (ou *perfil*, como hoje se costuma chamar uma nota jornalística biográfica) sobre Tobias Barreto. Intitulado “Avis Rara (I)”, esse texto de Romero – que corresponde à primeira parte da primeira versão do presente capítulo de *A Filosofia no Brasil* –, bem como o poema *No banho* e outro fragmento do poema *Juízo final*, podem ser consultados em Romero, 1875. Eis os versos que compõem o poema *No banho*, segundo a transcrição de Romero: “Lá, por almas de donzelas, / Toda a graça se contém; / Quando brincava com elas / Eu era virgem também... / Por tardes de belo estio / Via-as despir-se no rio; / Não tinham pejo de mim! / Meus olhos se deslumbravam / De formas que se arqueavam / Como liras de marfim. // Quando a dona do vestido, / Que eu me apressava em levar, / Dizia: – Como é sabido!... / – Vem trazer para me olhar!... / Vendo-me então pequenino, / – Quem faz conta de um menino! / – Criança, de que te influís?! / Gritavam corpinhos úmidos; / Esta aqui, de seios túmidos, / Aquela, de olhos azuis. // Nem já me lembro qual era / Que, em mim se arrimando então, / – Meu noivo, dizia, espera! / E outras vezes: – meu irmão!... / Como acabava depressa / Tanto amor, tanta promessa / De coração virginal! / Que tempos belos, ditosos / Em que os enganos são gozos, / E os Sonhos não fazem mal! // Um beijo é todo o segredo / Deposto na linda mão. / Milagre! pomba sem medo / Brincando com gavião! / Meio vergada, em desleixo, / Com a inocência em que a deixo, / Na areia imprimindo o pé, / Com certa graça fraterna, / Sofralda, descobre a perna, / E me olha e diz: – O que és? // Fica-lhe a boca entreaberta, / Dizendo sorrindo assim. / Meu olhar se desconcerta; / Por que não foge de mim?!... / Tomo-lhe as mãos pequeninas, / Esguias, brancas, divinas, / E, num ligeiro abraçar, / Volve-se o corpo em contrário, / Rebenta-se-lhe o rosário, / E ela se põe, a chorar!...” (TT&RX).

Não esqueçamos o jovem Barreto. Partiu para a Bahia com destino ao sacerdócio, e logo matriculou-se no Seminário Pequeno⁶⁹¹, donde saiu, após um só dia de estada, por lhe não agradar a vida *beata* que ali se passava... Contam os seus colegas de então que aquele pretendente à tonsura⁶⁹² levou para o *santo* retiro os seus hábitos mundanos e que, logo na primeira e última noite que ali passou, no meio do geral silêncio do dormitório, puxou um violão, que conduzira, e abriu o peito a saborear uma de suas *modinhas*! Avalie-se o alvoroço que uma semelhante novidade deveria ter causado nas almas cândidas do Seminário! Aquele espírito rebelde atirou-se à cidade, que totalmente desconhecia, sem ter onde recolher-se e com a bolsa quase vazia; depois de muitos giros nas ruas e muitas voltas ao miolo, gastou nisso um dia inteiro, tendo à noite bastante sangue frio para entrar no teatro e assistir a um espetáculo! Findo [terminado] este, novo andar ao acaso, até que foi dar a uma hospedaria, que incendiou-se poucas horas depois de recebê-lo. Demorou-se, com dificuldade, alguns meses na antiga capital brasileira [Salvador], onde, aprendido consigo o francês, travou comércio com Victor Hugo⁶⁹³, e assistia às lições de filosofia do célebre professor baiano Frei Itaparica. Seu talento era naturalmente apropriado à poesia incandescente do notável romântico francês, que ficou sendo o seu ídolo, e adverso às ideias teológicas do frade-lente⁶⁹⁴, cujas preleções [aulas, palestras] deixou de ouvir. Recolheu-se algum tempo à *república* de estudantes, onde morava, sem frequentar aula alguma. Findo completamente o dinheiro, que levava de Sergipe, dispôs-se a voltar para Campos.

691 Como relata Francisco Vicente Vianna, o Seminário Pequeno foi fundado em 1852 como um “simples colégio de instrução secundária”, no qual se ensinava “o português, o latim, o francês, o inglês, a geografia e cosmografia [astronomia descritiva], a história sagrada e profana, a retórica, a filosofia, a aritmética, a álgebra, geometria, física e ciências naturais, música e doutrina cristã” (Vianna, 1893, p. 258-259).

692 *Tonsura*: corte de cabelo recebido por alguém prestes a entrar na vida eclesiástica.

693 *Travou comércio com Victor Hugo*: entrou em contato com (a obra de) Victor Hugo.

694 *Frade-lente*: padre-professor – no caso, Frei Itaparica.

No auge do desespero, deitado em sua *rede sergipana* a ler um livro francês, tendo resolvido definitivamente retirar-se e deixar-se de estudos, um dia atirou o livro pelos ares, e este foi cair machucado num canto da sala, e aberto num lugar em que se lia, no começo de uns versos, estas palavras:

*“On perd son avenir par trop d’impatience!”*⁶⁹⁵

Estas expressões ecoaram na alma do proletário⁶⁹⁶ como um estímulo de glória. Ele voltou a Sergipe, mas para seguir para Pernambuco, a fazer o curso de direito. Após um ano de hesitações e dificuldades, o pobre professor de latim, o descuidoso [desleixado, pouco aprumado] poeta chegou ao Recife em dezembro de 1862. Seu pai – que, havia trinta anos, era escrivão de órfãos no seu atrasado município – não pôde contribuir para a sua formatura [formação], e, todavia, em um ano, o moço estudante fez os seus [estudos] preparatórios, matriculando-se no curso jurídico em princípios de 1864. Sempre arredio e meio solitário, dedicou-se a fortes estudos de ciências sociais e de filosofia. Os franceses eram seus mestres. A poesia, porém, o trouxe sempre preocupado no período acadêmico em que inaugurou no Recife um lirismo até então ali nunca ouvido

695 Em tradução livre: “Nós perdemos nosso futuro por demasiada impaciência”. Segundo o próprio Romero (*História da Literatura Brasileira*, 1903, p. 480), Tobias Barreto leu o verso na coletânea de Charles André (1819-1876), *Petit cours de littérature française* [*Pequeno curso de literatura francesa*] (1860). Trata-se de uma citação da fábula “Le nid d’hirondelles” [“O ninho de andorinhas”], do poeta francês Jean Viennet (1777-1868), que traduzimos assim: “Possuidor de um ninho de andorinhas, / Um guri mimado / Quer lhes dar a liberdade, / E as pobres coitadas quase não têm asas. / ‘Sejam livres’, diz ele, ‘tudo é livre no universo’. / E a ninhada está nos ares. / Cada passarinho, encantado consigo mesmo, / Encorajado por um primeiro voo. // Tentando uma segunda vez e novamente, / Naufraga na terceira, infelizmente! / Um se destrói ao despencar, outro morre de fome, / Outro é comido pelo gato do vizinho / Até que ao final, da ninhada / Nenhuma cabeça é preservada. / É preciso dar tempo ao tempo; de toda coisa chega a hora / A oportunidade é uma ciência / Que os homens não escutam / Perde-se o futuro por demasiada impaciência. / Sobre um assunto como este, temo por falar demais; / Uma palavra dirá mais do que cem mil volumes: / As aves são feitas para voar, / Mas é preciso pelas plumas esperar” (André, 1860, p. 286-287).

696 Nunca é demais lembrar o sentido etimológico do termo *proletário*: “o pobre, que não pode contribuir ao Estado, senão com os filhos [ou seja, com a *prole*] ao serviço dele” (Moraes Silva, 1823).

e a *épica* patriótica de que se tornou o corifeu⁶⁹⁷. O período de 1863 a 1869 foi naquela cidade de uma efervescência romântica formidável. Era o tempo da guerra com o Paraguai; as festas patrióticas multiplicavam-se: o teatro, sob o influxo [influência] de dignos artistas, estava também numa fase de esplendor, o salão tomara – por outro lado, com o *recitativo*⁶⁹⁸ – um brilho novo. Acima de tudo isso, dois espíritos dotados em grau muito elevado do talento poético fizeram escola (?)⁶⁹⁹. O mais velho e fecundo – e seu verdadeiro criador, o Dr. Tobias – introduzia pela primeira vez, de um modo decisivo, entre nós, o estilo de Victor Hugo. O nobre poeta fora, porém, sempre moderado. O outro, Antônio de Castro Alves, seguira-lhe de perto as pisadas [passos] com um talento mais que muito apreciável; este, contudo, era mais um homem de imaginação do que de sentimento. Exagerara o *estilo*, que se tornou *moda*. Uma turma de anônimos em seguida encarregou-se de transformá-lo ainda mais e produziu essa maneira áspera e retumbante de versejar [compor versos] que de então para cá tem valido por uma aluvião⁷⁰⁰. Ficou criado o

697 Esta expressão *épica* patriótica pede um reparo; ela não existe na língua, onde só temos a palavra *epopeia*, ou poema *épico*. Eu emprego aquele substantivo no mesmo sentido em que o empregou Disraeli, por exemplo, quando denominou um de seus livros *Revolutionary Epic* [*Épica Revolucionária*], significando cantos que têm um caráter épico, sem, todavia, de forma alguma, se confundirem com a *epopeia*, no clássico sentido desta palavra. O mesmo fazem os alemães que, aliás, usam também o termo *Epos* em idêntico sentido (SR).

698 Segundo Alberto Pacheco e Andréa Teixeira, via de regra, os *recitativos* eram “composições para piano e voz declamada que circularam entre Brasil e Portugal, ou seja, tratava-se afinal de um gênero de melodrama luso-brasileiro [...] Apesar de não ser novidade a existência de canções declamadas no cancioneiro europeu do século XIX, os Recitativos de Salão possuíam características próprias muito específicas: um poema quase sempre em versos decassílabos (a exemplo dos recitativos da ópera italiana) e uma valsa na parte instrumental. No que diz respeito à sua execução musical, essas peças apresentavam um desafio considerável, pois constituíam uma tradição interpretativa interrompida, sem modelos vivos a seguir. Nesse sentido, os Recitativos de Salão podem mesmo ser considerados como ‘música antiga’ do século XIX” (Pacheco e Teixeira, 2018).

699 Aqui e poucas linhas abaixo, Romero acrescentou um ponto de interrogação entre parênteses, que, possivelmente, indica um certo questionamento sobre o reconhecimento recebido por Castro Alves.

700 *Tem valido por uma aluvião*: tem provocado uma enxurrada, tem sido como uma inundação.

regime da *bomba*⁷⁰¹, como o apelidaram. Depois, Castro Alves levava a doutrina para São Paulo, onde fez adeptos e passou por *mestre* (?)⁷⁰², morreu, e Tobias Barreto, ignorado, atirou-se à crítica de que representa incontestavelmente o melhor quinhão que possuímos⁷⁰³. O desaparecimento dos dois poetas rivais, que brigaram, e tinham cada um o seu partido, coincidiu com o incêndio do edifício do grande teatro daquela capital⁷⁰⁴ [Recife] e com a terminação da guerra e das festas patrióticas... Assim morreu no Recife a *poética recitatória* que

701 As chamadas “bombas” eram poemas feitos para serem declamados para grandes grupos de pessoas, em contextos de anseios revolucionários. Escritos nesse estilo “áspero e retumbante”, como descreve Romero, esses poemas são repletos de frases exclamativas, invocando ideais políticos e valendo-se de imagens de forma bastante emotiva. Baseando-se em cartas e depoimentos do próprio Castro Alves, o escritor Carlos Willian Leite criou uma entrevista fictícia simulando como o poeta baiano responderia a uma questão sobre suas divergências com Tobias Barreto, mencionando de passagem as suas bombas: “O Tobias? Isso é coisa do passado, não tem mais importância... Nem sei se vale a pena voltar ao assunto. Mas o que posso dizer?... Vamos ver... Começamos como amigos – temos, inclusive, poesias dedicadas um ao outro; passamos a colegas, tornamo-nos rivais e acabamos inimigos. Intrigas pessoais e literárias. Discordamos em quase tudo, tanto na poesia quanto no teatro. Olhe que nossos desencontros se acaloraram a partir de 1866, quando ele teve o deslante de, em público, dizer que a atriz Adelaide Amaral era superior à minha amada D. Eugênia Câmara, um talento fulgurante que Portugal nos legou; inigualável, como o Brasil jamais tivera oportunidade de assistir. O Senhor Tobias Barreto é feio, velho, escreve mal e declama pior ainda. Não conhece a língua que fala, o significado das palavras; já o aconselhei a fazer, de quando em quando, uma viagemzinha ao [dicionário] Moraes [Silva]. Nos recitativos fica nervoso, tem um jeito desastrado, não controla a voz. Não possui o domínio cênico que eu tenho, se veste mal. Eu entro no palco vestido de negro, chique, com uma flor na lapela, óleo nos cabelos, madeixas minuciosamente espontâneas e pó-de-arroz no rosto, para parecer mais pálido. Começo logo com uma das minhas bombas ‘O século’, ‘Pedro Ivo’, ‘Visão dos mortos’..., com resultado previsto e certo: a plateia me ovaciona. Lembro-me de um sarau em São Paulo, organizado pelo Arquivo Jurídico, no Salão Concórdia. Nessa noite todas as honras foram minhas; o entusiasmo tocou ao delírio, quando arrematei a última estrofe de ‘Visão dos mortos’ e, a pedido geral, encetei ‘O livro e a América’. Se algum dia obtive um triunfo, não foi noutro lugar. Até a senhora do cônsul inglês Richard Burton veio entusiasmaticamente dizer-me: ‘Mim gostar muito de sua recitativa’ (rindo e imitando um sotaque inglês). Atualmente não tenho mais debatido com o Tobias Barreto” (Leite, 2023).

702 Novamente, o acréscimo da interrogação parece indicar uma certa perplexidade ou indignação de Romero em relação ao fato de Castro Alves ter sido visto como *mestre*, ao passo que, como diz na sequência do texto, o talento poético de Tobias Barreto não tenha recebido o mesmo reconhecimento.

703 O *melhor quinhão que possuímos*: o que de melhor temos – literalmente, *quinhão* significa a parte que cabe a alguém.

704 Referência ao incêndio do Teatro de Santa Isabel, em 19 de setembro de 1869.

tantos desvarios estéticos produziu, e que, praza aos céus⁷⁰⁵, não mais para ali voltem.

Naquele tempo, a lira sergipana do Dr. Tobias Barreto tomara novas cordas. Além da lírica íntima e da impessoal, a *epos*⁷⁰⁶ patriótica e a filosófica o enlevaram [enfeitiçaram]; esta última, infelizmente, poucas vezes. São as quatro manifestações poéticas de seu talento, que perdera, entretanto, um pouco da saúde primitiva ao contato do romantismo⁷⁰⁷ choroso, a que sacrificou por sua vez⁷⁰⁸. Mas foi um delíquio⁷⁰⁹ passageiro. São exemplos das quatro notas primordiais apontadas: “Ideia”, “Arthur Napoleão”, “À vista do Recife” e “O gênio da humanidade”⁷¹⁰, que em Pernambuco quase todos os entusiastas sabem de cor. Como Swinburne, o autor de *Bothwell*⁷¹¹, dois anos mais velho que o nosso poeta, este é um inspirado *hugoísta*⁷¹²; mas com seiva própria. Sua metrificação é rica e harmônica, seu estilo é cheio e fluente, como o do inglês. Mas aí fica o paralelo. O Swinburne dos últimos tempos transformou-se em chefe de uma poesia social e revolucionária, e o sergipano pouco passou do lirismo romântico em que parece sem superior na América; e, depois dos grandes acontecimentos que trouxeram o incontestável e salutaríssimo

705 *Praza aos céus*: queiram os deuses.

706 *Epos*: poesia épica.

707 Sobre o *romantismo*, conferir a nota 64, no capítulo II.

708 Quer dizer, são estas as quatro vocações – a lírica íntima, a lírica impessoal, a épica patriótica e a épica filosófica – da veia poética de Tobias Barreto, que se deixou influenciar por um “romantismo choroso”, mas que, a seu tempo, também o abandonou.

709 *Delíquio*: torpor, abatimento – literalmente, desmaio.

710 Todos os poemas citados fazem parte da coletânea *Dias e noites*, editada postumamente por Romero (e mencionada acima). “O gênio da humanidade” é o segundo poema da primeira parte do livro – “Gerais e naturalistas” –; “À vista do Recife” abre a segunda parte – “Patrióticas” –; “Arthur Napoleão” está entre os poemas da terceira parte – “Estéticas” –; e “Ideia” aparece na quarta e última seção do livro – “Amorosas”.

711 Drama em versos publicado 1874, por Algernon Charles Swinburne (1837-1909).

712 *Hugoísta*: entusiasta ou discípulo de Victor Hugo.

ascendente da Alemanha⁷¹³, vimo-lo atirar-se com toda a alma aos braços da crítica e da filosofia germânicas.

Foi já depois do seu bacharelamento em ciências jurídicas e sociais, e tendo abraçado a espinhosa profissão de advogado. Hoje vive arredio [afastado] de toda e qualquer participação em negócios políticos, pobre e abandonado na pequena cidade pernambucana – a Escada, a treze léguas da capital⁷¹⁴. Ali tem uma pequena tipografia, onde seu sobrinho, rapazito de dezesseis anos, tem servido de impressor, e ele de paginador de uma boa porção de pequenos periódicos, como *Um Sinal dos Tempos*, *A Comarca da Escada*, *O Desabuso* e outros, que todos têm profligado⁷¹⁵ a nossa geral ignorância e os abusos cometidos pela oligarquia daqueles lugares.

Dali – e por aquele esforço – saiu a pequena brochura *Brasilien wie es ist in literarischer Hinsicht betrachtet* [O Brasil como ele é considerado do ponto de vista literário], que vale mais do que muito volumoso in-quarto⁷¹⁶ que anualmente se publica na *sábia* imprensa da Corte. Sempre repeliu todo e qualquer lugar no *funcionalismo* brasileiro, apesar de, não poucas vezes, ter sido procurado, pelos influentes da terra, para isso. É *odiado* pelos supostos grandes e poderosos da política pernambucana; mas adorado pelas massas populares, que não o deixam falar no júri sem os mais frenéticos aplausos. Poderia ter hoje seis ou oito volumes impressos com os seus escritos, disseminados pelos jornais, se não fosse quase um

713 O incontestável e salutaríssimo ascendente da Alemanha: a inegável e muito benéfica influência alemã.

714 A treze léguas da capital: a sessenta quilômetros de Recife.

715 Todos têm profligado: todos [os periódicos editados por Tobias Barreto] têm criticado veementemente.

716 In-quarto: impressão de caderno com quatro folhas (ou oito páginas), a partir de uma folha dobrada duas vezes, ou seja, em quatro partes ou em quatro quartos. Por extensão, livro criado a partir de cadernos como esses.

impossível⁷¹⁷ aos homens sem haveres [recursos] arriscarem-se a empresas tipográficas neste país.

Seus estudos de crítica religiosa e literária, de filosofia e de línguas foram feitos consigo mesmo. No alemão é autodidata, na força toda da palavra, e tanto mais admirável quanto escreve bem este idioma, segundo afirmam competentes.

O que o autor de *Chastelard*⁷¹⁸ pretende fazer pela poesia, ele o empreende com a crítica e julgo-o, neste ponto, mais acertado.

Como poeta e como prosador é completo fragmentista; curtos, ligeiros ensaios dirigidos por uma ideia bem determinada e definida – e revestidos de um estilo correto e cheio de movimento –, é quanto sai de sua pena⁷¹⁹. Nunca tentou o drama, o romance, ou qualquer obra de fôlego, a que, certamente, não se presta a natureza de seu talento, que, em todo o caso, não é o herdeiro nem o continuador de quem quer que seja dentre nós.

As agruras [asperezas, privações] de sua terra natal, os solitários areais da pequena aldeia de Campos, e a má fortuna social do poeta influíram, é certo, sobre ele, deixando-lhe no espírito alguma moldura do abandono e da aspereza; mas os proventos [benefícios, vantagens] da civilização, o comércio [contato, relação] constante com os livros alemães, neutralizadas as mórbidas influências do *meio* que o circunda, o fazem na Escada, entre semibárbaros campônios [camponeses, pessoas rudes], um entusiasta consciente da cultura tedesca [alemã]!

717 *Quase um impossível*: praticamente inviável, quase uma impossibilidade, quase impossível.

718 Obra de Swinburne, publicada em 1865.

719 *É quanto sai de sua pena*: são coisas que saem de sua pena, isto é, aquilo que Tobias Barreto escreve.

II. O Brasil é um país de legistas⁷²⁰; a formalística⁷²¹ nos consome; todas as nossas questões se resolvem pela praxe. Todos os modos de viver, até os intelectuais, estão aqui de antemão determinados; seguir a *rotina*, que é o mais seguro, é máxima que nossos pais cuidadosamente nos ensinam! O espírito público, de mãos dadas com o poder, pune com o mais duro abandono qualquer tentame [ensaio, tentativa] de levantamento [revolta, insurreição]; os mais empenhados no castigo são os chamados *literatos*.

Tidos e havidos, na linguagem forense, pelos guias seguros do pensamento brasileiro⁷²², são os mais tenazes defensores da rota batida⁷²³. Um sistema completo de cativeiro intelectual – tendo a sua base na primeira educação e passando pela escola e pelas Academias – garante o triste resultado. O pior é que a liberdade de pensar parece ter guarida [proteção, abrigo] no seio de nossas leis, e tem-na decerto até um ponto; o vício radical, o germe da fatal moléstia vem de longe, está enraizado no âmago de nossos *hábitos*... Todas as manifestações da vida espiritual brasileira, todos aqueles santos impulsos por que as nações procuram realçar⁷²⁴, são vazados em moldes carunchosos [obsoletos]; tudo tem um certo ar de senilidade. O fato é, porém, no todo inconsciente; o povo brasileiro possui também seus desejos e suas esperanças de reformas e de verdadeiro progresso; mas são completas veleidades [futilidades].

É inexato dizer-se que, em regra, nos supomos grandes. Já agora é moda proclamar o contrário, e nada ainda temos conseguido de melhor; nossa pequenez é uma condição imanente à nossa própria

720 *Legistas*: aqueles que trabalham com leis (não confundir com *médicos-legistas*).

721 *Formalística*: conjunto de regras e normas relacionadas aos atos jurídicos.

722 *Tidos e havidos* [...] *pelos guias seguros do pensamento brasileiro*: considerados como os guias seguros do pensamento brasileiro (no caso, os literatos).

723 *Da rota batida*: dos caminhos de sempre, daquilo que é costumeiro.

724 *Todos aqueles santos impulsos por que as nações procuram realçar*: todos os impulsos pelos quais as nações tentam se destacar das demais.

vida. Um empenho, que julgamos sério e que nos absorve, é o maior fator de nossa depreciação: é a mania da *legalidade*, e de tudo o que com ela se parece. A melhor e mais brilhante carreira – que, na ideia de todos, pode ter diante de se um moço brasileiro – é, como se diz vulgarmente, *formar-se em leis*; o homem, que se julga com direito a esperanças num grande futuro, põe toda a sua mira em ir ao Parlamento exhibir-se na sabença⁷²⁵ da *legislação*; o indivíduo do povo, em certas circunstâncias, não tendo de que viver, faz-se *rábula*⁷²⁶! Assim, por toda a parte, é o sonho da lei, por toda a parte, a obstinação da praxe, como o alvo supremo.

É por isso que temos uma biblioteca inteira de pequenos legistas, mas nenhum livro de filosofia; tantos e, por nós, tão celebrados juristas, mas nunca tivemos um sábio... O espírito que nos anima é um consórcio híbrido de teosofia⁷²⁷ e de romanticismo sobre a velha crosta legalizante, e, se a isto juntar-se o tão bem achado *sestro* [emaranhado] *de palavreado e predileção pela retórica*, compreender-se-á por que temos tantos palradores [faladores, tagarelas], mas nunca tivemos um crítico... Nossa mesquinha literatura fornece provas abundantes de nossa pobreza e de nossa aversão às pesquisas desinteressadas. Mas nem se faz preciso subir até lá, para indicar a grande anormalidade; apelemos para a experiência de todos os dias. Não sei se haverá entre nós quem se abalance⁷²⁸ a dizer que neste país se pode fazer vida de escritor; não sei se haverá quem conteste que é logo ferido do geral agouro⁷²⁹ de ficar isolado e perdido quem ousa avistar-se com os profundos e pestilentos prejuízos [preconceitos]

725 *Sabença*: sabedoria (termo aqui usado ironicamente por Romero).

726 *Rábula*: pessoa que exerce a advocacia sem ter formação acadêmica.

727 *Teosofia*: forma de pensamento que combina elementos religiosos e filosóficos. Aparentemente, Romero usa o termo como se fosse uma espécie de filosofia marcada por misticismos ou preconceitos religiosos.

728 *Quem se abalance*: quem se atreva.

729 *Agouro*: destino – literalmente, presságio, vaticínio.

que nos deprimem⁷³⁰. Fora do *funcionalismo* não há salvação, é o brado comum atirado aos homens de letras do Brasil.

Ora, pois; nestas condições é que o Dr. Tobias Barreto ousou, segundo sua própria expressão, “*pôr o dedo em cima do aleijão que nos deturpa*”⁷³¹.

Louvo ainda mais o seu grande desprendimento moral, sua integridade e fortaleza de caráter do que a sua inteligência. É o civismo heroico nas letras⁷³²; bem haja aos eleitos⁷³³ que o tiverem – e este escritor o tem. Sua índole é própria para arcar com os abusos e afrontar o isolamento; como a Ewald, segundo no-lo informam, distingue-o um certo gosto de lutar, e não lhe têm faltado os inimigos, porém epígonos⁷³⁴, anônimos.

Mas cheguemos ao nosso objetivo: o valor exato dos produtos do notável poeta e não menos notável filósofo.

As principais influências a que tem ele cedido foram, em poesia, o lirismo de Victor Hugo, e, em crítica, a lição dos bons escritores alemães.

Aí mesmo mostrou um rasgo [traço] de originalidade; foi o abandono completo dos insignificantes e depreciadores modelos

730 Aqui, Romero parece querer dizer que aqueles que aceitam e reproduzem os preconceitos da sociedade brasileira se veem perdidos e, por outro lado, aqueles que contestam ou tentam refutar tais preconceitos se veem socialmente isolados.

731 *Um sinal dos tempos*, nº 5, de 22 de agosto de 1874 (SR). Um *aleijão* é um defeito físico ou moral. Por “pôr o dedo no aleijão que nos deturpa”, então, pode-se entender “pôr o dedo na ferida ou imperfeição que nos desfigura”. Araripe Júnior também cita a mesma passagem, comentando sobre Tobias Barreto: “Ninguém abusou mais da eloquência; entretanto, o seu primeiro ato de energia consistiu em *pôr o dedo em cima do aleijão que nos deturpa*. Esse aleijão era a *bacharelise*. Semelhante guerra aos bacharéis, burros ou charlatães, constituiu uma das alavancas de que se serviram os dois sergipanos [Romero e Tobias Barreto] para abrirem caminho à fama” (Araripe Júnior, 1963, p. 290) (TT&RX).

732 Por “civismo heroico nas letras”, Romero, com sua patente adulação a Tobias Barreto, pretende dizer que este exercia um bem para a sociedade como um todo com aquilo que escrevia.

733 *Bem haja aos eleitos*: bem-aventurados os eleitos, louvados sejam os eleitos.

734 *Epígonos*: emuladores, imitadores, pensadores sem originalidade.

brasileiros, ousando alçar as vistas, por um impulso todo subjetivo, para estrelas mais fulgentes [brilhantes]. Ele tem, em dose assaz [bastante] elevada, o sentimento de seu tempo e sabe facilmente pender para onde o espírito do século irradia mais *vivace*⁷³⁵. Deixando, por agora e por necessidade do assunto, o que toca à poesia, abramos exclusivamente o pequeno volume que faz o principal objeto desta característica⁷³⁶.

É uma coleção, que promete continuar, de seis ensaios em que o escritor fragmentista trata de assuntos de filosofia, de crítica religiosa e de literatura, no bom sentido da palavra.

Quero ter o prazer de levar o meu leitor aos pontos culminantes do mencionado volume.

Desde logo, o estilo do escritor exige algumas ponderações. A prosa portuguesa é a mais atrasada e imperfeita das línguas neolatinas. Até hoje não tivemos um só prosaísta comparável aos reconhecidos chefes da estilística⁷³⁷ francesa, italiana e espanhola, sobretudo aos da primeira.

Nossos clássicos mais afamados dos séculos XV, XVI e XVII, em geral ermos⁷³⁸ de graça e de finezas, não possuíam a grande arte do período. Sua periódica é longa, pesada e fatigante; não se lhes nota o movimento e o brilho dos grandes mestres franceses, por exemplo⁷³⁹.

735 *Vivace*: vivaz – em italiano no original.

736 *Característica*: caracterização, perfil, texto dedicado a descrever a obra e o pensamento de um(a) autor(a).

737 Esta palavra – *estilística* – foi pelo autor dos *Ensaios e estudos* entre nós introduzida, bem como outros indispensáveis alemanismos: *jornalística*, *romântica*, *periódica*... os quais estão para estilo, jornalismo, romantismo, período... na mesma relação em que se acham os já existentes neologismos também indispensáveis: *característica*, *métrica*, *genética*, para caráter, metro, gênese, estas palavras significando a coisa e aquelas a teoria, o sistema, a organização (SR).

738 *Ermos*: desprovidos – literalmente, desertos.

739 Sobre vistas gerais quanto ao estilo, podem ser consultadas as ideias interessantes a respeito emitidas pelo mesmo escritor no belo artigo “Ideias sobre os princípios da estilística moderna”, publicado

Quase o mesmo se dá com os pretendidos guias da língua neste século [XIX]; estes são de duas categorias: os adeptos do romantismo luso, um Herculano, um Castilho e os recém-chefes da nova escola literária portuguesa, um Braga, um Coelho, um Vasconcelos. Os primeiros, preocupados com os privilégios inexcedíveis [insuperáveis] da sublime língua camoniana, tinham paixões arcaicas singulares derramadas nuns períodos retumbantes. Apaixonados pela linguagem de *ouro de lei*⁷⁴⁰, namorados da retórica, seu estilo foi pouco para imitar-se. Não sei se alguma língua apresentará páginas mais enjoativas, com pretensão aliás a grande prosa, do que as do falecido Visconde de Castilho. Seus escritos originais e suas traduções, não em verso, dão-nos avultados [volumosos] exemplos da especiaria. O próprio Alexandre Herculano, que, incontestavelmente, sabe inspirar algum movimento, alguma vida aos seus períodos, não deixa de ser, não raras vezes, um tanto pesado⁷⁴¹.

Os novos escritores portugueses têm a imensa vantagem de aborrecer e afastar a *retórica* e a *frase*; mas não são apreciáveis prosaístas; caíram no extremo oposto ao dos velhos declamadores da romântica. Incorretos, esmorecidos [desanimados, enfraquecidos], atrofiados, escapam-lhes os períodos⁷⁴². Não sei se os senhores

em *Um sinal dos tempos* (SR). O artigo foi republicado na coletânea póstuma *Estudos Alemães* (cf. Tobias Barreto, 1892, p. 412-416) (TT&RX).

740 Literalmente, *ouro de lei* é aquele cujos quilates são determinados por lei – mais especificamente, 19,2 quilates, segundo uma lei portuguesa que remonta ao rei D. Afonso II (1185-1223). Por extensão, então, Romero parece querer dizer que são “apaixonados pela linguagem de ouro de lei” os autores que se valem de parâmetros pré-estabelecidos e historicamente consagrados, mas que, porém, nem sempre alcançam resultados muito relevantes.

741 Quando isto se escreveu ainda vivia o notável historiador [Alexandre Herculano]. Permaneço no meu juízo (SR).

742 Falo dos novos escritores portugueses que tomaram parte naquele estéril – e um tanto ridículo – movimento, que se chamou a *reação*, e depois a *Escola Coimbrã*, cuja maior vantagem foi achar-se em luta com individualidades literárias ainda menores que os pequenos *inovadores*. Caracterizava a *nova* escola uma palavrosidade, um *campanudismo* [pomposidade] de linguagem sem rival na história intelectual do velho reino. Todavia, cumpre dizê-lo, passado o primeiro momento, e renegados certos desconcertos pueris, alguns dos moços rebeldes tomaram uma mais vantajosa

Braga, Coelho e Vasconcelos terão a pretensão de ser tão versados nos ásperos e fatigantes estudos da filologia, e nas trabalhosas e áridas pesquisas da erudição, da exegese religiosa e histórica, como um Ernest Renan, por exemplo.

Quero supor que não, e, todavia, dispõem eles daquelas graças e delicadezas de expressão familiares ao ilustre crítico, igualmente distantes da retórica e do chatismo [chatice]? Quero ainda supor que não. É um engano acreditar que o muito saber e a gravidade das ideias científicas não se coadunam com o escrever bem; como é um erro grosseiro que só nos histerismos [chiliques, histerias] da frase se acham as molduras de um apreciável estilo.

Entre nós, os prosadores estão ainda na velha fase das palavras para *feito*. São modelos que não se devem cotejar. O Sr. José de Alencar, com suas *nuvens de rendas*⁷⁴³, é o mais acabado tipo da espécie⁷⁴⁴.

Com Emond Schéerer – o elegante crítico, como diz Laurent⁷⁴⁵ –, acredito que o segredo da prosa está na arte do período, que deve

direção, e hoje vemo-los, no encaço da verdade, inimigos dos palavões. Braga, e os dois outros acima citados, aliás ainda desconhecidos na hora do primeiro rompimento, são hoje os três maiores vultos de Portugal (SR).

743 Provável referência à passagem do romance *Diva* (lançado em 1864): “Trazia o vestido de alvas escumilhas, com a saia toda rofada de largos folhos. Pequenos ramos de urze, com um só botão cor-de-rosa, apanhavam os fofos transparentes, que o menor sopro fazia arfar. O forro de seda do corpinho, ligeiramente decotado, apenas debuxava entre a fina gaza os contornos nascentes do gárceo colo; e dentre as nuvens de rendas das mangas só escapava a parte inferior do mais lindo braço” (cf. Alencar, 1921, capítulo V, p. 40). Outra possibilidade é a passagem de sua obra de juventude *Cinco minutos* (publicado originalmente em 1856): “O meu primeiro cuidado foi ver se conseguia descobrir o rosto e as formas que se escondiam nessas nuvens de seda e de rendas. Era impossível” (cf. Alencar, 1894, capítulo I, p. 7).

744 Quando foram estas palavras escritas, ainda vivia o célebre romancista; a crítica imparcial, porém, que visa as obras e não as pessoas, não é daquelas que têm uma linguagem para os vivos e outra para os mortos (SR).

745 Em seus *Études sur l'histoire de l'humanité* [Estudos sobre a história da humanidade], François Laurent também descreve Edmond Schéerer como “um dos espíritos mais distintos de nosso tempo” (Laurent, 1870, p. 468).

primar pelo movimento e brilho a par da clareza e da simplicidade⁷⁴⁶. São os altos predicados do estilo; ninguém mais do que o escritor mencionado os possui; ninguém melhor do que Tobias Barreto os transportou para a língua portuguesa. Pressente-se que o seu mestre da forma foi exatamente o insigne [ilustre] ex-professor de Genebra⁷⁴⁷.

Lê-se todo o livrinho do autor pátrio⁷⁴⁸ e não se tropeça na frase nem na chateza [chatice] da expressão. Tanto mais singular, quanto, na qualidade de poeta, é um dos mais arrojados na pompa das metáforas e, como prosador, maneja uma língua ainda não muito afeiçoada aos segredos e caprichos das especulações filosóficas. Ele é um vivo exemplo de que se pode aliar uma grande imaginação a uma séria reflexão, sem que uma destas qualidades vá marcar a outra. O romance e a poesia não impedem o espírito severo de Disraeli na prática dos negócios do Estado.

Como prova do que pode o nosso poeta como prosaísta, transcrevo para aqui a página seguinte, uma das mais completas da língua portuguesa, sob o ponto de vista da forma. A equação entre o pensamento e a sua natural expressão nota-se aí perfeita:

“Eu já o disse: o defeito capital da psicologia, como ciência de observação, é a falta absoluta de dados para se formarem exatas e profundas previsões. O mundo físico, em seu vasto e intrincado arranjo, pode sempre causar admiração ainda mesmo aos espíritos mais cultos; porém não causa espanto.

746 Ao se remeter a Schérer dizendo que “o segredo da prosa está na arte do período”, Romero ecoa uma ideia frequente em sua obra. Ao falar sobre o escritor francês François-René de Chateaubriand, por exemplo, Schérer destaca: “Chateaubriand tem, mais do que ninguém, o segredo das palavras potentes, que é o do período magnífico e triunfante; ele sabe como produzi-lo, conduzi-lo, terminá-lo com um toque que apreende ou conquista” (Schérer, *Études critiques sur la littérature contemporaine* [Estudos críticos sobre a literatura contemporânea], 1863, p. 126).

747 Referência a Edmond Schérer, que foi professor de exegese na Escola Evangélica de Genebra.

748 Referência aos *Ensaio e estudos de filosofia e crítica*, de Tobias Barreto, citados logo a seguir por Romero.

“A ideia da *ordem*, que é um produto ulterior⁷⁴⁹ da inteligência, faz suceder ao primitivo abalo, suscitado pela natureza, o sentimento da harmonia e da razão das coisas. Entretanto, essa ideia não tem tido a mesma força no mundo moral. O espetáculo dos homens, dando a ver, por palavras ou ações, algum novo recanto do seu coração, todos os dias nos assombra. Irrecusável sinal de inteira ignorância, quanto à ordem que reina e às leis que se executam nos domínios do espírito.

“Neste meio, o que tem feito a ilusória ciência? Apenas consagrar um sem-número [infinitude] de erros, e autorizar, em seu nome, os mais agros [duros] rigores, as violações mais cruéis. Nós vemos diariamente a sociedade, baseada em um suposto conhecimento do homem, arrogar-se o poder de surpreendê-lo no retiro de sua consciência, a fim de assistir a todas as evoluções genesíacas⁷⁵⁰ do crime. É destarte [assim] que o direito penal decompõe o ato criminoso em elementos sucessivos, partindo da intenção. Manejando os chamados princípios psicológicos, julga ter penetrado na essência da criminalidade. Inúmeras são talvez as vítimas caídas, sob tão fátua [tola, frívola] pretensão dos legisladores e filósofos.

“Se há uma razão para explicar por que os cálculos humanos tanto falham, no que interessa às relações sociais, é que as almas nunca chegam a conhecer-se mutuamente, e a psicologia não descobre uma só das leis que determinam a formação do indivíduo.

“Não canso de repeti-lo: a ciência do *eu* implica contradição. Abstraido da pessoa – e do caráter que a constitui –, o *eu* é coisa nenhuma; nada significa. Mas onde estão as induções científicas,

⁷⁴⁹ *Ulterior*: posterior, algo que não é primitivo. O que Tobias Barreto parece querer dizer com “a ideia da *ordem* [...] é um produto ulterior da inteligência” é que o conceito de *ordem* não é algo primitivo, senão que só poderia ser alcançado depois de um grau considerável de desenvolvimento da inteligência humana.

⁷⁵⁰ *Genesíacas*: genéticas, relativas à gênese ou origem.

feitas de modo que possam garantir nossos juízos sobre a marcha normal da personalidade alheia?

“Eu disse alheia; e pudera [também] dizer própria. Todos sabemos, por experiência, que, as mais das vezes, o que nos desarranja e nos perturba, no curso ordinário da vida, é a ignorância de nós mesmos, da força de nossas paixões, ou da fraqueza de nossa vontade. Não sei qual seja o psicólogo capaz de medir com o olhar da reflexão toda a extensão de seu ser. Não sei quem foi que desceu ao fundo do abismo, e voltou trazendo na boca a palavra do enigma.

“E já lá vão centenas sobre centenas de anos, depois que a ciência da alma trata de constituir-se e organizar-se⁷⁵¹! Não obstante, é ainda hoje insuficiente para fornecer ao homem uma noção, menos ambígua, de si mesmo.

“Tais são por certo as minhas convicções, que me parecem baseadas nos fatos. Com tudo isso, é aqui o momento de advertir que não rejeito absolutamente os trabalhos de observação subjetiva.

“Julgo aplicável à psicologia o que disse da economia política um jurista francês: ela não é uma ciência, mas apenas um estudo⁷⁵²; e eu *acrescentaria*⁷⁵³: um entretenimento.

“Não contesto se possa adquirir, por este meio, noções mais claras do papel e do jogo mútuo das nossas faculdades. Este *exame de consciência*, a que se entregam os psicólogos professos, sem ser de utilidade geral, encerra talvez algumas vantagens pessoais. Pelo menos, o hábito da reflexão é um obstáculo sério aos ímpetus apaixonados.

751 No texto original, Tobias Barreto começa o período com um “entretanto”, substituído pelo “e” de Romero.

752 Referência à declaração de André Dupin (1783-1865), Procurador Geral da França, no senado francês, em 29 de março de 1862 – “L’économie politique n’est pas une science, elle n’est qu’une étude” –, que suscitou grande repercussão. Confira, por exemplo, o artigo do economista Jules Dupuit (1804-1866) “L’économie politique est-elle une science ou n’est-elle qu’une étude ?” [“A economia política é uma ciência ou apenas um estudo?”] (Dupuit, 1863).

753 No original, em vez de “acrescentaria”, Tobias Barreto usa a expressão “diria por minha vez”.

“Os místicos servem de exemplo. Não se leva a refletir continuamente sobre a alma e sua natureza, sem acabar por cair-se em uma espécie de indolência e torpor, que neutraliza as sugestões sensíveis.

“Eu duvido que um pensador, ao jeito de⁷⁵⁴ Jouffroy, tenha tempo e disposição para engolfar-se [mergulhar] em qualquer doce corrente do mundo *visível*⁷⁵⁵.

“Sem ironia, apresso-me em declará-lo: o espetáculo de um homem que empalidece de viver sempre atufado [imerso] no antro escuro de seu próprio pensamento, respirando apenas por minutos o grande ar da vida comum, tem decerto [certamente] alguma coisa de tocante. Não é uma vocação que me pareça invejável; é um nobre esforço, que se pode admirar, juntando à admiração uma sincera pena de não vê-lo empregado em matéria de maior proveito”⁷⁵⁶.

Esta longa citação foi feita logo com o intento de deixar ver algumas das notáveis ideias do escritor. É pelo conteúdo delas, e sem que devamos jurar [acreditar piamente] em todas, que devo de preferência defini-lo.

Antes de tudo, advém ponderar que ele não foi sempre, qual hoje se mostra, um aproveitado discípulo da ciência livre, que vemos representada no século [XIX] por Comte, Haeckel e companheiros. Curvou-se também ao extenuado [esgotado] espiritualismo⁷⁵⁷ francês nos seus primeiros escritos. Teve por iniciadores em filosofia a Biran, Cousin, Jouffroy, Simon, e ao escolástico⁷⁵⁸ e estéril espanhol Balmes.

754 *Ao jeito de*: à maneira de, da classe de.

755 Tobias Barreto escreve “mundo exterior” em vez de “visível”.

756 *Ensaio e estudos de filosofia e crítica* [1875], p. 31 (SR). Na segunda edição da obra (1889), o trecho consta entre as páginas 29 e 32. Romero faz a citação em um único parágrafo – que nós novamente dividimos, apresentando o texto como Tobias Barreto o publicou. Vale ressaltar que as palavras entre colchetes foram acrescentadas ou alteradas por Romero, que também modificou discretamente a pontuação do texto (e nós também) (TT&RX).

757 Sobre o *espiritualismo*, conferir a nota 47, no capítulo I.

758 Sobre a *escolástica*, conferir a nota 56, no capítulo I.

Essa fase primordial foi felizmente bem pouco duradoura. Raríssimos artigos, publicados em jornais, são os documentos daquele estádio [estágio]; o autor foi o primeiro a desprezá-los, jogando-os para fora da reprodução de seus escritos⁷⁵⁹.

O belo ensaio “A ciência da alma, ainda e sempre contestada”, o primeiro da coleção que vamos apreciar, é uma tentativa de revolta contra a psicologia, como ciência, qual vemo-la nos livros dos escritores franceses filiados ao moderno ecletismo⁷⁶⁰. O autor não nega a sua possibilidade e vantagens como estudo e entretenimento, segundo já vimos; contesta-lhe, com razão, os foros [privilégios] de uma ciência⁷⁶¹. Sem ser nova a tese, como ele próprio o reconhece, revestiu as vistas das escolas – crítica e positiva – de argumentos e ponderações originais. Entre outras, o são as espalhadas na página brilhante sobre a célebre confissão de Jouffroy⁷⁶², quanto à queda de suas crenças. O nosso crítico mostra que o filósofo encomiado [prestigiado] fez ilusão sobre todos e sobre si próprio; foi vítima de um achaque [surto] romântico junto a uma cegueira psicológica. Não é menos apreciável o que diz sobre a memória e a imaginação no trabalho das pesquisas no mundo psíquico. Ao total, ele não se limita

759 Eram, porém, artigos inspirados por um espiritualismo *heterodoxo*, cheio de vistas tomadas das ciências, e influenciado pelo *positivismo*, justamente à maneira de Vacherot. Os principais são: “A força motriz”, a propósito de Adolphe Garnier; “Os fatos do espírito humano”, sobre a obra do Sr. de Magalhães; “A religião natural”, sobre o livro de Simon; e “O atraso da filosofia entre nós”, a propósito de um dos livros do Dr. José Soriano de Souza. No artigo “Moisés e Laplace”, já se revelava sectário do monismo científico, em 1870; e influenciado pelas nobres ideias da crítica religiosa nos escritos: “Notas sobre a crítica religiosa”, e “A religião perante a psicologia”, publicados n’*O Americano*, de Pernambuco, no mesmo ano (SR). Os artigos mencionados por Romero foram republicados posteriormente como: “Fatos do espírito humano”, “Sobre a religião natural de Jules Simon” (antes “A religião natural”) e “Notas de crítica religiosa”, em *Estudos alemães* (1892); “O atraso da filosofia entre nós”, “Moisés e Laplace” e “A religião perante a psicologia”, em *Vários escritos* (1900); e “Sobre a motricidade” (antes “A força motriz”), em *Estudos de filosofia* (2ª ed., 1977) (TT&RX).

760 Sobre o *ecletismo*, conferir a nota 33, no capítulo I.

761 Romero parece destacar aqui que Tobias Barreto estaria questionando se a psicologia de fato teria as qualidades necessárias para ser considerada uma ciência.

762 Cf. *Ensaio e estudos de filosofia e crítica* (2ª ed., 1889), p. 8 e ss.

a mostrar que uma genuína ciência da alma é impossível, por sê-lo toda a excursão no domínio dos fatos subjetivos; seu maior esforço é para arredar [afastar, remover] da filosofia a criação *gnômica*⁷⁶³ da alma em prol da materialística fecunda da novíssima escola anglo-germânica⁷⁶⁴.

O estudo a que me refiro satisfaz plenamente os desejos de uma leitura exigente pela variada e amena cultura que se espalha por aqueles períodos. Sente-se que o filósofo é também um escritor, no sentido especial da palavra. Aquelas laudas [páginas] em resposta a Vacherot, sobre o papel e a importância dos escritos dos poetas e romancistas para os estudos psicológicos, são magistrais.

Quisera que renhida [batalhada] fosse, como a fez, a luta contra o decrépito espiritualismo cartesiano; mas arredado esse trambolho do campo da especulação científica, fora para desejar mais abundantes esclarecimentos no tocante à psicofísica, ou à fisiologia cerebral. Sim; desfeita a névoa de uma ciência de um ser espiritual autônomo e independente, o Dr. Tobias, que admite a inquirição [investigação] no domínio do homem interior como aproveitável estudo, pudera, a exemplo de Bain e Spencer, nos dizer muito do que pensa e do que sabe a respeito de tão grave assunto.

Aquele seu escrito é um verdadeiro ensaio sobre o estado da ciência subjetiva; muito azado [oportuno] era o ensejo [momento] para esclarecer-nos ainda mais. Ele, porém, conteve-se no domínio da crítica, sem querer ultrapassá-lo. Nesse ponto, um dos seus primeiros encontros é com o “je pense, donc je suis” [“penso, logo existo”]⁷⁶⁵ cartesiano.

763 *Gnômica*: sentenciosa, que se expressa por gnomas – do grego γνώμη (ou *gnome*), máxima, sentença.

764 Quer dizer, segundo Romero, Tobias Barreto defendia uma concepção materialista da filosofia, em detrimento dos psicologismos defendidos por outros pensadores.

765 Em francês no original.

Não só nega-lhe a força e prestígio para um pórtico indestrutível da filosofia, como estigmatiza [denuncia] a dúvida metódica do velho patriarca do espiritualismo. As vistas [teorias, opiniões] do escritor são deduzidas com uma ordem invejável. Creio, porém, que dera ao célebre aforismo uma importância que ele não tem, e o combateu, talvez, num sentido que não foi realmente o seu.

Cumpre advertir que o filósofo empregou todo o rigor de sua crítica sobre o referido apotegma [aforismo, máxima], como se ele tivesse o intento e a força de um raciocínio, de um argumento lógico.

O *cogito, ergo sum* [*penso, logo existo*]⁷⁶⁶ na mente do velho Descartes não teve o sentido que depois lhe deram seus discípulos e continuadores, todos menores do que ele, entre outros, Charles Lévêque, que o filósofo brasileiro caustica⁷⁶⁷ com verdadeira superioridade. É este escritor espiritualista, que, segundo Nérée Quepat, “tem ares marciais, e parece andar sempre fitando um ponto invisível”⁷⁶⁸, um dos que hão concorrido para fazer passar como um princípio, e para mais expô-lo, o célebre dito do ilustre contemporâneo de Richelieu⁷⁶⁹.

Conformo-me com o juízo de Thomas Buckle sobre o autor do *Discours de la méthode* [*Discurso do método*].

766 Em latim no original.

767 *Caustica*: crítica – literalmente, queima.

768 *La Lorgnette philosophique – dictionnaire des grands et des petits philosophes de mon temps* [*Pequeno lornhão filosófico – dicionário dos grandes e pequenos filósofos de meu tempo*]. Eis o parágrafo no qual parece a passagem adaptada por Romero: “Fisicamente, o Sr. Lévêque tem ar mais de um militar do que de um filósofo... Sua grande altura, seus cabelos engomados, seus bigodes negros, seus traços regulares e finamente desenhados, seu chapéu cobrindo parcialmente a orelha, lhe dão um aspecto marcial; seu olho é vivo, penetrante e parece estar frequentemente buscando no espaço alguma coisa invisível. É sem dúvida que investigando assim o éter ele reuniu pouco a pouco os materiais de sua *Ciência do invisível*” (Quepat, 1872, p. 112, tradução nossa e os itálicos também – para destacar a passagem reproduzida por Romero).

769 Referência irônica a Descartes (1596-1650), que viveu na mesma época que o impiedoso Cardeal Richelieu (1585-1642).

Aparecido numa época em que principiavam a sazonar⁷⁷⁰ os primeiros e salutareos frutos da Reforma, foi o iniciador do *livre exame* e da *independência da razão individual* na esfera da filosofia. Seu ceticismo⁷⁷¹, como o de Chillingworth, foi dirigido, não contra a inteligência humana, cujo poder proclamavam, mas contra os apelos para a autoridade e tradição sem as quais era, até então, suposto que ela não podia eficazmente caminhar. O filósofo produzia um esforço para atacar os prejuízos de seu tempo e livrar-se o mais possível deles: “não que, para isso, eu imitasse os céticos, que duvidam só por duvidar e simulam estar sempre indecisos; pois, ao contrário, todo o meu propósito não era outro senão o de me assegurar, removendo a areia e a terra movediça para encontrar a rocha ou a argila”, disse-o claramente⁷⁷².

Era um arranco [ímpeto] de *pessimismo* que não deixou de ser proveitoso, e que um homem como o Dr. Tobias Barreto não deixará de apreciar. O apotegma cartesiano foi uma fórmula, talvez não muito exata, desse espírito. Com ele o filósofo não quis dar uma prova da existência da *alma*, ou da sua própria, e sim tornar patente o critério de sua doutrina: a força do pensamento e da razão. Repudiando a tradição e a autoridade teológica, em que foi um dos primeiros a fazer brecha, apelava para o pensamento que é um sinal de vida e de luz.

Depois de falar de um erro de Jobert sobre o reformador francês, diz, com exatidão, o escritor britânico a que me hei referido⁷⁷³: “um

770 *Principiavam a sazonar*: começavam a amadurecer.

771 Sobre o *ceticismo*, conferir a nota 181, no capítulo IV.

772 Citado por Henry Thomas Buckle, *History of civilization in England* [*História da civilização na Inglaterra*], v. II. Veja-se toda a característica [caracterização] de Descartes neste volume, páginas 77-96 (SR). Romero (seguindo Buckle) cita o trecho em francês: “Non que j’imitasse pour cela les sceptiques, qui ne doutent que pour douter, et affectent d’être toujours irrésolus; car, au contraire, tout mon dessein ne tendait qu’à m’assurer, et à rejeter la terre mouvante et le sable pour trouver le roc ou l’argile” (Descartes, *Discourse de la méthode* [*Discurso do método*], terceira parte, §6 – cf. Buckle, 1903, p. 87, e Descartes, 1900, p. 20) (TT&RX).

773 *A que me hei referido*: ao qual me referi (ou seja, a Thomas Buckle).

erro similar é cometido por aqueles que supõem que seu *penso, logo existo* é um entimema; e, tendo isto por certo, voltam-se contra o grande filósofo e o acusam de cometer uma petição de princípio! Esses críticos desconsideram a diferença entre um processo lógico e um processo psicológico; e, conseqüentemente, não veem que esta famosa sentença era a descrição de um fato mental – e não a enunciação de um silogismo mutilado”⁷⁷⁴.

A severidade da análise do Dr. Tobias deve, pois, ter sido empregada contra as falsas ilações do coevo ecletismo cousiniano árido e inanido entre as mãos de um diletante [amador] como Lévêque⁷⁷⁵. Este é um dos que têm falsificado o bom sentido, o que havia de aproveitável, do sistema do nobre pensador, um dos primeiros na Europa que teve a coragem de pronunciar estas palavras memoráveis: “nous rejetterons entièrement de notre philosophie la recherche des causes finales” [“nós excluiremos completamente de nossa filosofia a busca por causas finais”]⁷⁷⁶. Fecundo brado que a ciência contemporânea se esforça por verificar.

774 *History of civilization in England* [História da civilização na Inglaterra], v. II, p. 87 (SR). Romero cita o trecho em inglês: “a similar error is made by those who suppose that his *je pense, donc je suis* is an enthymeme; and having taken this for granted, they turn on the great philosopher, and accuse him of begging the question! Such critics overlook the difference between a logical process and a psychological one; and therefore they do not see that this famous sentence was the description of a mental fact, and not the statement of a mutilated syllogism” (cf. Buckle, 1903, p. 87-88, nota 229). Por “silogismo mutilado”, Buckle refere-se ao entimema sobre o qual comentou logo antes. A concepção mais difundida de “entimema” foi dada por Aristóteles (*Retórica* I, 1-2, 2005, p. 89-104; e *Primeiros Analíticos* II, 27, 1988, p. 294-297): um *silogismo retórico* ou, mais precisamente, um silogismo (ou dedução) que parte de premissas verossímeis e indícios (ou sinais) – e não de premissas verdadeiras e necessárias, como é o caso da demonstração (ou silogismo científico). Alguns autores também entendem por “entimema” um silogismo no qual uma das premissas está implícita: no caso do argumento cartesiano, a premissa “todas as pessoas que pensam existem” estaria subentendida na fórmula “eu penso, logo eu existo”. Por isso, Buckle usa a expressão “silogismo mutilado” como um modo de se referir ao entimema (TT&RX).

775 *Falsas ilações do coevo ecletismo cousiniano árido e inanido entre as mãos de um diletante como Lévêque*: falsas inferências do contemporâneo ecletismo de Victor Cousin árido e frágil entre as mãos de um amador como Lévêque.

776 *Principes de la philosophie* [Princípios de filosofia], parte I, seção 28, nas *Œuvres de Descartes* [Obras de Descartes], v. III, p. 81, citado por Buckle (SR). Em francês no original. A tradução entre colchetes é nossa. Cf. Buckle (1903, p. 91, nota 241) (TT&RX).

O Dr. Tobias Barreto, pelas qualidades de seu espírito, é antes de tudo um *reator*, e esta tendência transparece em sua crítica, fazendo-a ir além de seu alvo.

Ele toma contas aos⁷⁷⁷ descendentes de Descartes pelos erros acumulados por eles sobre a cabeça do mestre, e chega até a repudiar o grande pensador, uma das glórias do século XVII. Prefere-lhe, e nisto vai alguma justiça, Espinosa, de gênio mais profundo, ainda que menos variado. Há excesso de desprezo pelo ídolo dos franceses. O motivo oculta-se, sem dúvida, em frases como esta de Lévêque: “ninguém ainda provou a falsidade da *equação* psicológica, estabelecida por Descartes: *eu penso, logo eu sou*; a qual significa: *eu penso* equivale a *eu sou pensante*”⁷⁷⁸. É inexcusável o desdém do escritor brasileiro diante de tão extravagante declaração.

Palavreados daqueles é que não desacreditado⁷⁷⁹ a filosofia, e [hão] munido de razão o nosso Barreto de Menezes.

III. O segundo ensaio do livro do autor sergipano se inscreve: “Uma excursão de diletante no domínio da ciência bíblica”. Este título denuncia uma grave lacuna no quadro oficial dos estudos neste Império, além da nobre franqueza do escritor.

Ele aí exarou [expressou], com toda a sinceridade que o distingue, o seguinte fato que é um dos sintomas da nossa incapacidade: não temos no país um só curso em que o conhecimento das línguas orientais, a par da vasta ciência da exegese religiosa e mitológica possa ser adquirido! A filologia e a crítica religiosa não existem

777 *Toma contas aos*: faz um acerto de contas com os.

778 Romero traduziu a citação (acrescentando os itálicos) e a destacou com o uso de aspas, mas não indicou a fonte. Trata-se de uma passagem de *La science de l'invisible* [A ciência do invisível]: “Personne n’a donc encore prouvé la fausseté de l’équation psychologique posée par Descartes: ‘je pense, donc je suis’, laquelle signifie : je pense équivaut à je suis pensant” (Lévêque, 1865, p. 67).

779 *Hão desacreditado*: desacreditaram, desvalorizaram.

para esta região da América. Os nossos letrados nesse domínio do espírito não passarão, por muitos anos, de diletantes. É o que se dá também na esfera da alta especulação filosófica, por lhes faltar, quase sempre, a posse das ciências matemáticas, físicas e naturais.

Destarte, um homem como o ilustre crítico sergipano, com toda a sede de saber de que é dotado, acha-se na grande dificuldade de pisar segura e resolutamente no terreno da ciência. Esta em seus mais altos ramos é de uma aquisição impossível para nós, para todos aqueles que não a podem ir buscar na Europa ou nos Estados Unidos. Quanto distamos até da Índia inglesa e... da Austrália! Mas os resultados de uma tão grande anomalia não se fazem muito esperar. Ainda há pouco, atravessamos a fase principal de uma questão religiosa⁷⁸⁰. Os discursos do parlamento, ao lado das publicações do jornalismo político, são um armazém curioso para quem quiser apreciar o deplorável estado de nossa cultura no que é atinente [concernente] aos debates daquela natureza. Os trabalhos dos Baur⁷⁸¹, dos Strauss, dos Knobel, dos de Wette, dos Ewald, dos Castrén, dos Lassen, dos Müller, dos Stanislas Julien, dos Burnouf são como *non avenues*⁷⁸² para este país...

Os ortodoxos de cá ainda se decoram com as armaduras de Chateaubriand e Balmes, de Ventura e Auguste Nicolas, e os supostos

780 Sobre a chamada Questão Religiosa, ver nota 261, no capítulo VI.

781 Embora Romero mencione Baur aqui – em possível referência ao teólogo alemão Ferdinand Christian Baur (1792-1860) –, no capítulo VII, Romero elenca uma série de nomes em comum com os da presente lista – entre eles Müller, Ewald e Strauss – e fala de Bauer – em provável referência ao historiador, filósofo e teólogo alemão Bruno Bauer (1809-1882). Assim, não seria absurdo supor que – em um dos dois casos – Romero cometeu um erro de grafia, quando, na verdade, pretendia se referir a um único Baur ou Bauer.

782 *Non avenues*: não chegados, em francês.

adiantados não lobrigam [enxergam] além da *Origem dos cultos*⁷⁸³, de Dupuis, e das *Ruínas*⁷⁸⁴, de Volney...

Assim, nada mais apropriado, para nos caracterizar, do que os escritos de Ganganelli, onde o voltairianismo⁷⁸⁵ estéril debate-se com a debilidade da crítica, levando-lhe a vitória. Entretanto, para mais de um espírito de compatriota, eles desvendaram largos e novos horizontes à exegese crítica brasileira... Esta, evidentemente, acha-se ainda no ponto de vista da *Dedução cronológica*⁷⁸⁶, do Padre António Pereira, e de sua *Prefação*⁷⁸⁷ à tradução da *Vulgata*⁷⁸⁸.

O escritor, que se assina Ganganelli, é, sem contestação, o mais robusto órgão do pensamento livre no Brasil, por dois motivos capitais: porque é o mais lido – o que conta maior número de sectários – e

783 Referência à obra *L'origine de tous les cultes, ou la religion universelle* [A origem de todos os cultos, ou a religião universal], em seis volumes, lançada em 1795, por Charles-François Dupuis. Três anos depois, Dupuis também lançou uma versão resumida (ou *Abrégé*) da obra, considerada por alguns como um *breviário de ateísmo filosófico* (cf. Dupuis, 1822).

784 Referência ao livro *Les ruines, ou méditations sur les révolutions des empires* [As ruínas, ou meditações sobre as revoluções dos impérios], publicado em 1791 (cf. Volney, 1826).

785 *Voltairianismo*: movimento filosófico inspirado pelas ideias de Voltaire, marcadas pelo ceticismo religioso e pela defesa da supremacia da razão contra as crenças em forças sobrenaturais operantes no mundo.

786 Publicada em 1767, a *Dedução cronológica e analítica* foi, segundo Gilmar Araújo Alvim (2010, p. 13 e 8), “um dos mais importantes libelos antijesuíticos” de sua época, procurando “legitimar o processo de centralização política e administrativa empreendido pela Coroa portuguesa durante o século XVIII, cujo ápice encontra-se no período de atuação do Marquês de Pombal (1750-1777)”. Embora a obra tenha sido publicada sob autoria de José de Seabra da Silva (1732-1813), até hoje paira uma nuvem de incerteza sobre o seu verdadeiro autor. A suposição de Romero de que a obra seria do Padre António Pereira não é atualmente a hipótese mais aceita no meio acadêmico. Cf. Silva (1768).

787 *Prefácio* (cf. Pereira, 1950, p. 5-18).

788 A *Vulgata* – abreviação de *Vulgata Editio* (em latim, *Edição de divulgação popular*) – é a tradução latina da *Bíblia* feita, no final do século IV, por Eusébio Sofrônio Jerônimo (347-420), também conhecido como São Jerônimo. Como seu nome latino indica, a *Vulgata* foi produzida – a pedido do Papa Dâmaso I (305-384) – com o objetivo de tornar o texto bíblico acessível para leitores que não dominassem línguas como o grego (na qual a maior parte do Novo Testamento foi escrito) e o hebraico (principal língua dos textos originais do Velho Testamento). Posteriormente chamada de *Vulgata Latina*, a edição produzida por São Jerônimo – que também escreveu prólogos para a obra – foi a versão da *Bíblia* mais reproduzida e consultada pelos cristãos durante a Idade Média.

porque para se ser um escritor de voz um pouco retumbante neste país não são precisos muitos dotes. Aos homens como ele, é, todavia, a pátria devedora de lautos [abundantes] benefícios, porquanto [já que] não é pouco fazer face à corrupção teológica, que nos consome.

O livro *As bíblias falsificadas*, do General Abreu e Lima, que tanto ruído produziu, nutria-se de igual espírito. Ainda que mais ilustrado que Ganganelli, Abreu e Lima incorporou nas suas páginas de polemista a mesma intuição do oratoriano⁷⁸⁹ português. O Dr. Tobias Barreto deu a mão a outros guias: Geiger, Dörner, Chwolson, Reuss, Schärer, Michel Nicolas, além dos grandes mestres reconhecidos da crítica histórica alemã, lhe são familiares.

No ensaio que nos ocupa, seu fito [objetivo] principal é apreciar a célebre característica [descrição, perfil] dos povos semíticos de Renan.

O artigo traz duas datas, 1871 e 1873. Se não me engano, parece que a primeira tenção [vontade] do escritor fora entrar bem largo no exame crítico de uma das épocas do Velho Testamento, fazendo a análise dos últimos capítulos do *Livro dos Juízes*.

É esse o intuito que transparece das primeiras páginas do artigo até o parágrafo V.

O autor supõe a narrativa da instituição da realeza, por Samuel⁷⁹⁰, escrita por um profeta do tempo dos reis, vidente que, para melhor estigmatizá-los, pinta a instituição como reprovada pelo seu próprio autor. Aquelas páginas são magníficas, e muito maior brilho adquirem, quando se pondera que foram as primeiras escritas na língua portuguesa no domínio da moderna ciência bíblica. O resto daquele belo ensaio pertence à sua derradeira data, e o escritor, desvirtuando a sua primeira ideia, dirige-se à questão dos predicados geniais dos semitas. Chwolson lhe fornece algumas de suas armas.

789 *Oratoriano*: membro da Congregação do Oratório (da qual o Padre António Pereira fazia parte).

790 Profeta cuja história é retratada nos dois livros de Samuel, do Antigo Testamento.

Ora, as asserções [afirmações, proposições] capitais de Renan, que hão provocado⁷⁹¹, neste ponto, a contradição, se reduzem a duas: o monoteísmo *instintivo* daqueles povos, e sua incapacidade para as especulações altamente *científicas* e para a *epopeia*.

Estas ideias foram espalhadas em 1858 e 1859 em sua *História geral e sistema comparado das línguas semíticas*⁷⁹² e nas *Novas considerações sobre o caráter geral dos povos semíticos, e em particular de sua tendência para o monoteísmo*⁷⁹³, e combatidas, desde logo (1860) por Max Müller, que assim se exprime: “Será possível dizer que um instinto monoteísta tenha pertencido a todas estas nações que adoravam Eloim, Jeová, Sabaô, Moloque, Nisroque, Rimom, Nabu, Dagom, Astarô, Baal ou Bel, Baal-Peor, Belzebu, Quemós, Milcom, Andrameleque, Anameleque, Nibaz e Tartaque, Asima, Nergal, Sucote-Benote, o Sol, a Lua, os planetas e todos os astros do firmamento?”⁷⁹⁴

791 *Hão provocado*: provocaram.

792 Embora Romero mencione os anos de 1858 e 1859, a primeira edição da *Histoire générale et système comparé des langues sémitiques* foi lançada por Renan em 1855.

793 *Nouvelles considérations sur le caractère général des peuples sémitiques, et en particulier sur leur tendance au monothéisme* – obra publicada em 1859 no *Journal Asiatique* [Revista Asiática], nº 3 (cf. Renan, 1859).

794 Artigo reproduzido nos *Chips from a German workshop* [Aparas de uma oficina alemã], traduzidos em francês por George Harris, sob o título *Essais sur l'histoire des religions* [Ensaio sobre a história da religião], p. 469 (SR). O próprio Romero traduziu a citação do francês, cometendo alguns pequenos deslizos – que corrigimos aqui – na transcrição dos nomes das divindades, que são mencionados no Velho Testamento e servem de apoio para que Max Müller questione o suposto “instinto monoteísta” atribuído aos judeus. Eis o trecho original, em inglês: “Can it be said that all these nations, comprising the worshippers of Elohim, Jehovah, Sabaoth, Moloch, Nisroch, Rimmon, Nebo, Dagon, Ashtaroth, Baal or Bel, Baal-peor, Baal-zebul, Chemosh, Milcom, Adrammelech, Annamelech, Nibhaz and Tartak, Ashima, Nergal, Succoth-benoth, the Sun, Moon, planets, and all the host of heaven, were endowed with a monotheistic instinct?” (cf. Müller, *Chips from a German workshop* – v. I, *Essays on the science of religion* [Ensaaios sobre a ciência da religião], 1872, p. 341). Embora fosse alemão, Max Müller realizou a parte mais notável de sua carreira na Universidade de Oxford, na Inglaterra – razão pela qual não se deve estranhar que ele tenha publicado o seu livro em inglês. Além disso, ainda que a primeira edição da obra seja de 1867, o artigo “Semitic Monotheism” [“Monoteísmo Semítico”] – do qual foi extraído o trecho citado – é de fato de 1860, como aponta Romero (entre parênteses). Em sua edição, Vita inexplicavelmente excluiu da citação as palavras: “que um instinto monoteísta tenha pertencido” (TT&RX).

O leitor perdoe-nos a terrível nomenclatura de Müller. Muitos outros sábios saíram ao encontro do célebre autor da *Vida de Jesus*⁷⁹⁵ no encalço da falsa tese do monoteísmo instintivo dos semitas, para um homem como o assiriólogo⁷⁹⁶ Lenormant escrever estas palavras: “A famosa doutrina do Sr. Renan a respeito dos caracteres essenciais do gênio da raça semítica, a qual generalizava para toda a raça, qual uma disposição comum, o gênio particular do povo hebreu e o espírito de seu monoteísmo, em que, todavia, deve-se enxergar, pelo menos, um fato historicamente excepcional no meio de todas as populações vizinhas, quando se lhes recuse um privilégio de origem sobrenatural, esta doutrina, digo, foi refutada de um modo completo pelos sábios os mais competentes, e o seu próprio autor não a defende já sem grandes atenuações”⁷⁹⁷.

Estas palavras denunciam claramente o sentimento do ilustre filólogo sobre o pretendido monoteísmo dos povos semíticos; mas reconhecem-no quanto ao povo hebreu exclusivamente.

Eu creio que nesta última nota se deve fazer alguma redução em seu pensar.

795 Referência a Renan e seu livro *La vie de Jésus*, publicado originalmente em 1863 (cf. Renan, 1863).

796 *Assiriólogo*: especialista em história e cultura da Assíria (ou Império Assírio) – que existiu aproximadamente entre os séculos XXV e VII a. C. na Mesopotâmia (as ruínas de sua capital, Assur, estão na margem do rio Tigre, no norte do atual território do Iraque).

797 “Le déluge et l’épopée babylonienne” [“O dilúvio e a epopéia babilônica”], publicado no *Correspondant* em janeiro de 1873 e reproduzido no livro [de François Lenormant] *Les premières civilisations* [As primeiras civilizações] [Paris: Maison Neuve, 1874], páginas 115 e 116 do v. II (SR). A tradução da passagem é de Romero. Eis o trecho original: “La fameuse doctrine de M. Renan sur les caractères essentiels du génie de la race sémitique, qui généralisait à toute la race, comme une disposition commune, le génie particulier du peuple hébreu et l’esprit de son monothéisme, où il faut pourtant bien voir au moins un fait historiquement exceptionnel au milieu de toutes les populations voisines, quand on se refuse à y reconnaître un privilège d’origine surnaturelle, cette doctrine, dis-je, a été réfutée d’une manière complète par les savants les plus compétents, et son auteur lui-même ne la soutient plus qu’avec de grandes atténuations” (Lenormant, 1874, p. 115-116) (TT&RX).

É inegável, e os mais audazes seguidores da ideia do politeísmo de todos os semitas o reconhecem, é inegável que o povo hebreu nunca possuiu uma verdadeira mitologia, mas é preciso dar provas de um completo desconhecimento [para] não lembrar a sua pronunciada tendência para a adoração dos deuses de seus irmãos de origem, tendência tantas vezes sufocada pelo zelo dos profetas, e tantas vezes repetida no curso de sua história.

O fato, *historicamente excepcional*, da população judia não foi tão completo, como sói [costuma] parecer. À incapacidade, por outro lado, dos descendentes de Sem⁷⁹⁸ para as altas especulações científicas, e para a epopeia, os últimos avanços da assiriologia têm feito a justiça merecida. Aí o escritor, que invoco, mostra-se cheio de razão. Existe todo um ciclo mitológico e épico das crenças e acontecimentos da Assíria e da Babilônia. As inscrições cuneiformes denunciam também um sério arrojo puramente científico na alma dos povos que representaram a brilhante civilização da Ásia Ocidental em épocas em que os árias⁷⁹⁹ não tinham ainda transposto os últimos degraus da barbárie.

Não é sem motivo o referir as próprias afirmações de Lenormant: “As inscrições cuneiformes provam que as ciências tinham um lugar de destaque nas preocupações intelectuais dos babilônios e dos assírios, e que eles tinham, para além de algumas ideias estranhas, um notável espírito de método”⁸⁰⁰.

798 Sem: personagem bíblico filho de Noé e irmão de Cam e Jafé. Sem é considerado o primeiro membro dos povos *semitas*, isto é, a origem comum de todos os assírios, hebreus, aramaicos, fenícios e árabes.

799 Os *árias* (ou *arianos*) são “povos provavelmente originários das estepes da Ásia central (também chamados indo-europeus) que, a partir do final do Neolítico, se expandiram para a Pérsia, península da Índia e Europa” (Houaiss, 2025).

800 Página 114, [Lenormant, 1874] v. II (SR). Aqui, curiosamente, Romero cita o trecho original em francês, descartando apenas a expressão entre colchetes. Ei-lo: “Les tablettes cunéiformes prouvent [au contraire] que les sciences tenaient une grande place dans les préoccupations intellectuelles des Babyloniens et des Assyriens, et qu’ils y apportaient, à côté d’idées bizarres, un remarquable esprit de méthode” (TT&RX).

Isso para as faculdades especulativas; quanto à poesia, diz-nos o sábio francês: “A descoberta de Smith e os fatos que ela permitiu agrupar ao seu redor, confirmando suas consequências, devem de agora em diante levantar as dúvidas que subsistiam sobre esse ponto e modificar, pela revelação do *ciclo épico* da Babilônia, as ideias que ainda prevalecem em muitos espíritos”⁸⁰¹.

O artigo de Tobias Barreto, apreciativo exclusivamente da história e da inteligência judia, nada refere sobre a questão do suposto monoteísmo dos povos congêneres⁸⁰², nem sobre a sua presumida incapacidade para a epopeia; reduz-se, pela circunscrição de seu objeto, à afirmativa de que boas qualidades científicas e literárias couberam ao povo a que mais de perto dirige a sua predileção. Sem desconhecer que os arianos são dotados de maior força imaginativa, e de instintos mais pronunciados de um progresso indefinido, ele lhes aproxima dos judeus, e a estes prefere, por algumas qualidades.

Estas, redu-las, louvando-se em Chwolson, a três: a temperança intelectual, que os privou de correr atrás dos enigmas da metafísica⁸⁰³; um pronunciado sentimento da individualidade, que os levou às formas democráticas de governo e à ausência de dogmas religiosos; e finalmente a profundidade e sensibilidade da alma, que os inclinou sempre para o idealismo elevado. Estas notas são exatas; a sua tônica, porém, me parece a última. Realmente a ela é que supponho deverem os judeus o privilégio inexcusável de haver, com o cristianismo, conquistado o mundo dos seus rivais, a civilização ocidental ariana.

801 Página 117, [Lenormant, 1874] v. II (SR). Romero cita o trecho em francês, acrescentando o *itálico* da expressão “cycle épique”: “La découverte de M. Smith et les faits qu’elle permet de grouper autour d’elle, pour en confirmer les conséquences, doivent désormais lever les doutes qui subsistaient sur ce point, et modifier, par la révélation du *cycle épique* de Babylone, les idées qui prévalaient encore dans beaucoup d’esprits” (TT&RX).

802 *Congêneres*: da mesma origem – ou seja, dos demais povos semitas.

803 Sobre a *metafísica*, conferir a nota 37, no capítulo I.

O escritor sergipano não oculta seu ardor de *solene simpatia* pela nação israelita. Di-lo com força e verdade: “É preciso que na alma desse povo tenha havido muita seiva, muito germe de grandeza intelectual e moral, para explicar o movimento, o atraente espetáculo de sua história. Há uma palavra de Herder, que me parece bem fundamentada: ‘Die Juden sind das ausgezeichnetste Volk der Erde’ [‘Os judeus são o povo mais extraordinário da Terra’]⁸⁰⁴. Fora [seria] injusto e difícilimo contestá-lo. Quaisquer que sejam as causas que promoveram a queda dessa nação, é bastante honroso para nós outros, filhos da civilização cristã, reconhecer que devemos aos judeus uma boa parte do nosso capital de ideias e sentimentos mais vivos. Eles são um importante fator na história da cultura ocidental, não só pelo lado religioso, mas também pelo lado puramente literário. É tempo de acabar com as ilusões de uma pretendida incapacidade semítica em relação aos altos domínios da inteligência”⁸⁰⁵.

Devemos, todavia, nos premunir [precaver] contra o exagero que facilmente pode irromper em nosso espírito. É justa a reação contra o amesquinhamento da inteligência semítica, como é exata a denegação [contestação] de lacunas que não lhe pertencem; mas é preciso não ultrapassar os verdadeiros limites que a ciência manda respeitar. As raças semíticas são bem diferentes das arianas e lhe são, a darmos crédito a alguns naturalistas, alguma coisa inferiores, dessa inferioridade que consiste em estar-se um passo aquém na escala evolucionar. A filologia, a história e a antropologia parecem aí estar de acordo. Aquela, apontando nos arianos uma família de línguas mais abundante, mais variada e atualmente de mais vigor e futuro; a história, mostrando o desenvolvimento semítico como

804 Trata-se da adaptação da passagem de uma carta de Herder: “Es war und ist das ausgezeichnetste Volk der Erde” [o povo de Israel, “ele foi e é o povo mais extraordinário da Terra”] (cf. Herder, *Briefe, das Studium der Theologie betreffend* [Cartas sobre o estudo de teologia], 1785, p. 185).

805 *Ensaio e estudos de filosofia e crítica* [1875], p. 71 (SR). Na segunda edição do livro de Tobias Barreto (1889), a citação está na página 144 (TT&RX).

anterior ao ariano e, pela lei da evolução, menos profundo e completo. De fato, por maiores que sejam os esplendores das civilizações da Caldeia, da Assíria, da Babilônia, da Fenícia, da Judeia e da Arábia, por mais que se lhes possa juntar os camitas⁸⁰⁶ do Egito, elas não encerram esse espírito progressivo, esse caráter próprio para as transformações do espírito contemporâneo.

A Índia, a Grécia e Roma passaram à Europa de hoje, com a Alemanha à sua frente, e a América com os Estados Unidos adiante, esse *aliquid*⁸⁰⁷ que representa incontestavelmente o futuro da humanidade.

Os semitas são-nos anteriores na ordem histórica e, por isso mesmo, cederam-nos a palma⁸⁰⁸. É anticientífico negar-lhes as altas qualidades que foram capazes de suportar um tão profundo desdobramento de ideias; é um erro não reconhecer nas asas de nosso pensamento aquela que se agita ao sopro dos semitas. Devemo-nos, contudo, curvar à lei do transformismo⁸⁰⁹ que no-los aponta como um dado anterior à nossa própria evolução. A antropologia no-los mostra como um grande ramo da raça branca, mas com alguns caracteres específicos.

O desenvolvimento físico e moral do semita é muito precoce e muito rápido; logo, porém, estaciona. Bem cedo as peças anteriores do crânio que contém os órgãos intelectuais, ficam-lhe fortemente presas e seguras. O crescimento ulterior do cérebro torna-se impossível. É o que no-lo afirmam os naturalistas, segundo o testemunho de um sério

806 Segundo o livro do *Gênesis*, do mesmo modo que os povos semitas seriam descendentes de Sem, seu irmão Cam teria dado início às linhagens dos camitas, dos quais fazem parte vários povos do norte da África, como os do Egito, Sudão, Líbia, Chade, Djibuti e Etiópia.

807 *Esse aliquid*: esse algo, esse quê – em latim, *aliquid* significa algo.

808 *Cederam-nos a palma*: perderam espaço, deixaram que nos sobressaíssemos (em relação a eles).

809 Sobre o *transformismo*, conferir a nota 382, no capítulo VII.

espírito, ainda que um pouco eivado da *mania do helenismo*⁸¹⁰, Émile Burnouf. Nada daquilo, em regra, se nota no ariano, cujos progressos são mais tardios e de um mais esplêndido futuro. Além de tudo, o semita é pertencente ao tipo de povos cujo maior desenvolvimento craniano é na parte posterior; ele é dolicocefalo occipital, ao passo que os indo-germânicos são dolicocefalos frontais⁸¹¹. Este sinal deve ter algum peso, não para legitimar as afirmações românicas, mas para prevenir os excessos em contrário⁸¹².

IV. Nos quatro artigos derradeiros do livro principal do Dr. Tobias, encarnou-se uma ideia predominante em seu espírito: a superioridade da cultura alemã sobre a de todos os povos da atualidade e, como ponto oposto, como o nadir⁸¹³ daquele zênite, o lastimável abatimento de Portugal e do Brasil.

A França ocupa um lugar intermédio. Através da variedade de assuntos ali tocados e esclarecidos ressalta aquela nota vibrada de preferência. Fora difícil negar a justeza [correção] de semelhante pensar. Não há ali exclusivismo e acanhamento de vistas; o crítico ama a Alemanha, mas seu amor é filho da reflexão. Nenhum país, a seus olhos, como aos olhos de todos os espíritos cultos de hoje,

810 *Um pouco eivado da mania do helenismo*: um pouco contaminado pela mania de exaltar os gregos e/ou usá-los como principal medida para avaliar outros pensadores ou povos (no caso, os semitas).

811 Émile Burnouf, *La science des religions* [A ciência das religiões], Paris: [Maisonneuve], 1872; páginas 318 e seguintes; Zaborowski-Moindron, *De l'ancienneté de l'homme* [Sobre a antiguidade do homem], 2ª parte, página 48 (SR). *Dolicocefalo* é aquele que possui o crânio mais comprido do que largo, sendo *dolicocefalo frontal* aquele que tem o crânio mais alongado para a frente e, *dolicocefalo occipital*, para a parte de trás da cabeça. Cf. Burnouf (1872) e Zaborowski-Moindron (1874) (TT&RX).

812 Aparentemente, Romero usa o termo “românicas” como um sinônimo de “arianas” ou “indo-europeias”. O que o final deste parágrafo pretendia defender, então, é que, embora a tipologia craniana dos povos não prove que os europeus sejam mais evoluídos, ela ao menos garantiria que eles não são inferiores aos semitas.

813 *Nadir*: ponto mais baixo (na astronomia, o *nadir* é o ponto oposto ao *zênite*, que, por sua vez, é o ponto perpendicular no céu a um ponto na Terra, quer dizer, o ponto mais elevado na esfera celeste).

apresenta uma legião tão brilhante de grandes e nobres pensadores. Mas leiam-se com atenção as páginas do crítico brasileiro, e vê-lo-emos inclinar-se diante do inglês Darwin, do francês Comte, do belga Laurent, do russo Turguêniev, do norte-americano⁸¹⁴ Emerson, do dinamarquês Brandes, do italiano Marselli, nomes estes não mui familiares aos ouvidos nacionais...

A polarização é completa; o rigor para com os espíritos medíocres que abundam em Portugal e Brasil está justamente em relação ao grau de entusiasmo excitado pelos vivos luzeiros [astros] de outros países. Nenhuma seleção é feita aí; entre portugueses, por exemplo, velhos e moços, Alexandre Herculano e os jovens reformadores, todos são epígonos, aferidos [medidos] pelo padrão dos grandes vultos europeus. Subscrevo⁸¹⁵ tão sérias verdades. Não posso compreender as distâncias e as diferenças de altura que se notam de um Garrett a um Teófilo Braga. Não é difícil encontrar quem prefira o primeiro, e quem vote pelo último. Penso que um vale o outro, como homens representativos da evolução intelectual do velho reino. Sob esta relação, não tem senso quem fala no adiantamento de Braga e no atraso de Garrett. O que fez este último? Incutir de um modo imperfeitíssimo no espírito português as reações que o romantismo, há mais de cinquenta anos, espalhava da Alemanha sobre a Europa.

E o que tem feito Braga? Não mais do que sujeitar-se à mesma lei fatal que coage os escritores de seu país a ficarem mais de meio século atrás da ciência de seu tempo.

Como poeta, ele é ainda hoje um romântico intratável; inconsistente e contraditório, sonha com a poesia do *futuro*, ele que escreveu a célebre *epopeia cíclica*⁸¹⁶ da humanidade. Fala em

814 Seguimos a alteração de Vita, já que Romero escreve apenas “americano”.

815 *Subscrevo*: assino embaixo de, concordo com.

816 Referência ao projeto de Teófilo Braga de escrever uma *epopeia da história da humanidade* – ou *epopeia de seus ciclos* –, iniciada com a primeira edição de *Visão dos tempos*, publicada em 1864.

romantismo transformado em vista das necessidades *futuras* e escreve o poema do *passado*!... Como crítico e historiador, seu fôlego não vai além das inspirações de Schlegel. A grande transmutação, já muito adiantada, produzida em todos os ramos do saber humano pelos pensadores que se acham agora mesmo na frente da história, paira-lhe à altura inacessível⁸¹⁷.

O moço português é um compilador, sem muita filosofia, que se acha para Buckle ou Lazarus, por exemplo, na mesma distância em que Garrett se achou para com Goethe ou Walter Scott. Onde, pois, a sua melhor fortuna?⁸¹⁸

Seu ar de superioridade não é um predicado seu; é a impressão geral do nosso tempo. Tobias Barreto, que não tem, como o poeta e *Literarhistoriker*⁸¹⁹ português, tão desenvolvida a bossa [vocação] da erudição, às vezes indigesta, Tobias Barreto que nunca escreveu a *epopeia da história*, ou a *história* da literatura deste ou daquele país, sobrepuja-o [ultrapassa-o, excede-o], não pouco, em senso filosófico e numa mais inteira consciência de nossa época.

Há entre eles uma enorme diferença: o escritor açoriano⁸²⁰ parece ligar toda a importância à *quantidade*; para ele o grande

817 Assim me expressava antes de ter o Sr. Teófilo Braga, *par un tour de force* [por uma proeza alcançada através de um grande empenho ou esforço], começado a ocupar-se de filosofia e a revelar-se sectário do positivismo. O antigo discípulo de Schlegel em crítica literária – e que sofrera, até certo ponto, a influência de Victor Hugo em poesia, de Michelet nas suas ideias sobre o desenvolvimento do direito e da poesia popular, e a de Taine em certas vistas, de história literária, renegada, sem dúvida, algumas das suas opiniões favoritas, depois que Littré lhe dirigiu umas palavras de animação – passou-se para a escola positivista. Vai nisto, a meu ver, um não pequeno progresso. Braga resgatou assim alguns de seus defeitos (SR). Tanto na nota como no texto, Romero menciona o nome “Schlegel” genericamente, sem especificar a qual dos dois irmãos e críticos literários ele se refere: Friedrich ou August Wilhelm Schlegel. De todo modo, vale observar que Teófilo Braga era leitor e apreciador de ambos (TT&RX).

818 Onde, pois, a sua melhor fortuna?: onde estão, então, as suas melhores qualidades?

819 *Literarhistoriker*: historiador da literatura ou, em sentido amplo, crítico literário – em alemão no original.

820 Referência a Teófilo Braga, nascido na cidade de Ponta Delgada, na ilha de São Miguel, no arquipélago dos Açores.

empenho de um autor deve ser multiplicar os volumes muito além do razoável; o sergipano é mais amigo da *qualidade*; para ele o maior desvelo [cuidado, zelo] de um pensador há de estar em apresentar-se escoimado [livre, limpo] de todos os tropeços que lhe possam embaraçar a ideia⁸²¹. É por demais fatigante o caminho através dos quarenta volumes de Braga; temos por companheiro de jornada um *cicerone*⁸²² que nos quer mostrar todas as sinuosidades da estrada e, não raro, nos transvia [desvia] bem longe e fora de nosso rumo. Sente-se ali um espírito pesado pela erudição mal aplicada, sem grandes faculdades sintéticas, que não consegue no fundo de seus quadros destacar a fisionomia viva das épocas de que vai tratando. Disse bem dele algures [em algum lugar] o nosso crítico: “Ninguém há, por ali, que melhor autorizasse uma tal qualificação, do que esse moço infatigável no maníaco empenho de produzir, e produzir às mãos cheias. Dir-se-ia que para ele foram talhadas as conhecidas palavras do pessimista judeu: ‘*faciendi plures libros nullus est finis*’”⁸²³. A qualificação de que se trata é a de difuso⁸²⁴ dada por Michaëlis a

821 *Que lhe possam embaraçar a ideia*: que possam lhe confundir ou obscurecer o pensamento.

822 *Cicerone*: guia, apresentador. Originalmente, o termo *cicerone* surgiu de uma comparação do orador romano Cícero (106-46 a.C.), reconhecido por sua eloquência, com guias amadores ou profissionais – conhecidos por falarem em demasia. Assim, os *cicerones* foram definidos por Domingos Vieira (1871) como “homens que em qualquer parte mostram aos estrangeiros as curiosidades ou monumentos mais notáveis, dando-lhes uma notícia da sua história, verdadeira ou falsa, mediante um módico salário”.

823 “Carolina Michaëlis e a nova geração literária em Portugal”, artigo publicado na *Província do Recife* (SR). O artigo de Tobias Barreto foi republicado nos *Estudos alemães* (1892, p. 433-437). Ali, a passagem citada consta na página 436 e foi fielmente reproduzida por Romero, com exceção da palavra “pessimista”, que substitui o termo “cético”, empregado originalmente por Tobias Barreto. Quanto à citação latina, ela faz parte do livro bíblico *Eclesiastes* – conhecido por seu notável pessimismo. Em tradução livre, o trecho “*faciendi plures libros nullus est finis*” pode ser vertido como “nunca se termina de fazer livros”. Na tradução do Padre Antônio Pereira, o versículo inteiro é traduzido assim: “Não busques pois, filho meu, mais coisa alguma fora destas. Não se põe termo em multiplicar livros: e a meditação frequente é aflição da carne” (capítulo XII, v. 12) (cf. Pereira, 1885) (TT&RX).

824 *Difuso*: prolixo, que se espalha ou difunde por várias direções. Aqui, especificamente, Romero se remete ao texto de Tobias Barreto, em que este observa que Carolina Michaëlis destacara a prolixidade do escritor espanhol [Fernando] Garrido – prolixidade esta que, segundo Tobias Barreto (e Romero, junto com ele), se aplicaria ainda mais a Teófilo Braga.

Garrido. As poesias e os artigos, espalhados pelo autor brasileiro pelos jornais nos últimos quatorze anos, podendo, quando muito, condensar-se em seis ou oito volumes de tamanho regular, nos põem em comunicação com um espírito vivaz, dotado da ótima qualidade de esclarecer o seu leitor em poucas páginas, deixando-lhe, porém, sempre o desejo de continuar a leitura se ele ainda mais se estendesse. Os *Ensaio e estudos* são uma prova. Devoram-se a grandes tragos sem deixar o leitor aniquilado como a *boa constrictor*⁸²⁵, depois de engolir um boi. O Sr. Teófilo Braga tem esse privilégio... É com sobeja [demasiada] razão que, na brochura que estudo, o vejo, de parceria com os seus companheiros de lides [lutas], julgado pelo que vale. Portugal está decrépito; as duas gerações mais notáveis de pensadores que, neste século [XIX], há produzido⁸²⁶: os Garretts, os Herculanos e os Castilhos, e os Bragas, Coelho e Vasconcelos, não tiveram – e não têm – vigor para o salvar. Há de continuar a seguir o seu fadário [fardo, sina]: andar em massa mais de um século atrás dos povos inteligentes e produtores, repelindo-lhes as grandes ideias e, quando melhor inspirado por alguns raros indivíduos, representar o papel de compilador, e este mesmo atrasado sempre uns cinquenta anos, pelo menos. É também o apanágio [atributo, característica] do Brasil. Este país não tem impulsos originais; o instinto da sequacidade⁸²⁷ é todo seu; não existe uma só ideia deposta entre os tesouros intelectuais da humanidade que seja oriunda do Brasil.

Quando, entre nós, algum mais bem dotado levanta mais alto a cabeça, é sempre iluminado por luz estranha. Luz própria deste

825 *Boa constrictor*: jiboia, serpente também chamada de jiboia-constrictora, por espremer ou constringir suas presas – que podem ser volumosas como um boi – antes de ingeri-las.

826 *Há produzido*: produziu.

827 *Sequacidade*: qualidade daquele ou daquela que segue outrem – do latim *sequax, seguidor*. Quer dizer, o que Romero pretende destacar aqui é que o Brasil não trilharia caminhos novos no pensamento, mas apenas seguiria aqueles já existentes e criados por outras nações.

país, eu não a conheço; podemos repetir: *et circumdedit eum Deus tenebris*⁸²⁸.

Barreto de Menezes teve um grande mérito: resumir em si a consciência da profunda mendicidade do pensamento brasileiro e atirar o fel produzido por um tal estado mental em seus escritos. Aí o crítico cede o lugar ao propagandista. Nesse sentido, o *Brasilien wie es ist...* [*O Brasil como ele é...*] é o nosso apocalipse. O autor prega-nos que, renegado o torpor que nos deprime [reduz], robustecemos-nos na cultura europeia, representada pela Alemanha. Tem sido acusado de antipatriota⁸²⁹!

É o brado do espírito brasileiro se caracterizando ainda mais; é a estultícia [estupidez, tolice] nacional, julgando sempre que o patriotismo está em proclamar nossos rios os maiores do mundo, nossa terra a mais produtora, nossas montanhas as mais elevadas, nosso céu o mais esplêndido!... É a célebre descrição do Brasil, em

828 *Livro de Jó*, 3, 23: “e a quem Deus cercou de trevas”, tradução do Padre Antônio Pereira (1885).

829 Entre outros, em mísero artiguinho aparecido no desfrutável *Periódico ilustrado do progresso da idade*, intitulado *O Novo Mundo*, que se publica em Nova York (SR). O periódico referido por Romero, *O Novo Mundo*, foi editado de 1870 a 1879 pelo jornalista, filantropo e investidor brasileiro José Carlos Rodrigues (1844-1922), na cidade de Nova York. Como destaca Rodrigues no edital do primeiro número (de 24 de outubro de 1870, p. 2), “depois da guerra intestina [civil] dos Estados Unidos, o Brasil e a América do Sul têm procurado estudar profundamente as coisas deste país. O *Novo Mundo* propõe-se a concorrer para este estudo, não dando notícias dos Estados Unidos, mas expondo as principais manifestações do seu progresso e discutindo sobre as causas e tendências deste progresso”. O “mísero artiguinho” ao qual Romero se refere foi publicado na edição de 23 de novembro de 1875 (v. VI, nº 62, p. 38-39), sobre os *Ensaio e estudos de filosofia e crítica*, com o título “Nem filósofo nem crítico”. Como se pode imaginar, o tom do artigo não é nada elogioso em relação à obra de Tobias Barreto. Entre outros opróbrios, lemos: “o livro não é só uma obra antipatriótica e pretensiosa; é também um livro ímpio, e dessa impiedade que começa no ataque à pátria e termina no ataque ao Criador e à excelência de sua obra, a inteligência humana [...] No Brasil nada fica de pé diante do regenerador: nada valem, nada somos. A sua musa é o pessimismo... e a citação. Dir-se-ia que o Sr. Tobias não sente acanhamento em sair à rua, embrulhado de uma colcha de retalhos, para assoalhar *urbi et orbi* [à cidade (isto é, a Roma) e ao mundo] que lhe está causando pasmo como nós brasileiros ainda conseguimos articular palavras que formem sentido racional”. Cf. *O Novo Mundo*, 1870 e 1875 (TT&RX).

Rocha Pita⁸³⁰, transformada em uma ação reflexa do organismo nacional⁸³¹...

O Dr. Tobias Barreto é, ao contrário, um grande patriota. Como poeta, aí estão seus cânticos que tanto entusiasmo produziram no período de nossa última guerra [contra o Paraguai], e muito contribuíram para o *voluntariado da pátria*⁸³² em Pernambuco e, como escritor, não deixa de sê-lo quem faz votos, com prejuízo de seus cômodos [benefícios, vantagens] pessoais, para que nos ergamos do sono cataléptico⁸³³ em que estamos mergulhados. Neste ponto, o artigo “Auerbach e Victor Hugo”⁸³⁴ é decisivo. Ao lado da pintura sombria que faz de nossa mesquinhez intelectual, diz: “não se julgue que descreio da possibilidade e eficácia de uma reação contra a tendência que nos vai levando. Ou seja, porque ainda ilude-me um resto de adolescência crédula e descuidosa; ou seja, porque pressinto,

830 Romero se refere à obra poética e historiográfica de Sebastião da Rocha Pita (1660-1738), *História da América Portuguesa* (publicada originalmente em 1730), profundamente marcada pelo caráter nacionalista e patriótico com o qual descreve o Brasil (cf. Rocha Pita, 1880).

831 *Revelações fisiológicas inconscientes* do organismo nacional, diria o Professor Mantegazza (SR). Romero possivelmente leu a expressão de Mantegazza no livro de Herzen citado anteriormente, *A fisiologia da vontade*. Eis a passagem na qual aparece a expressão: “Portanto, devemos concluir que, desde o momento em que o homem começou a se elevar acima dos brutos, uma de suas primeiras ‘revelações fisiológicas inconscientes’ – segundo a feliz expressão do Professor Mantegazza – foi a convicção tácita da necessidade natural, e que, desde os primeiros tempos, essa convicção, desde o mais íntimo do ‘santuário da consciência’, aonde o homem raramente ousava descer, sempre presidiu, na maioria das vezes despercebida, a gênese das volições e a execução dos atos” (Herzen, *La physiologie de la volonté*, 1874, p. XV) (TT&RX).

832 Romero emprega o termo “voluntariado” (preservado por Vita), em vez de “voluntariado”. Os chamados *voluntários da pátria* foram os cidadãos que aderiram (de modo nem sempre muito voluntário, vale destacar) às unidades militares criadas pelo Império do Brasil para a Guerra do Paraguai (1864-1870).

833 Na definição de Moraes Silva (1823), *cataléptico* significa “atacado de uma doença sonolenta, com convulsão tônica, de todo o corpo que conserva o doente na postura em que o tomou este acidente”. Por “sono cataléptico em que estamos mergulhados”, então, Romero parece querer se referir a uma espécie de inércia ou apatia intelectual na qual, em sua opinião, o pensamento brasileiro se achava.

834 Na 2ª edição dos *Ensaio e estudos de filosofia e crítica* (1889), p. 91-111.

não obstante⁸³⁵, o céu carregado, a próxima limpidez da atmosfera, o certo é que não posso resignar-me a achar bom tudo o que é nosso, e só porque é nosso; nem comprimir, como mau e *antipatriótico*, o desejo de ver a mocidade conterrânea, animada do espírito do tempo, deixar a rota batida, e seguir melhor caminho. Espero que mais tarde aí chegaremos”⁸³⁶. Se alguma censura se lhe pode fazer, pelo que aí fica transcrito, é confiar ainda muito no espírito dos nossos moços. Julgo, ao invés, que sempre seremos um povo de quarta ou quinta ordem, quanto às lutas do pensamento, e que só chegaremos à grande cultura com a marcha com que até aqui temos andado, isto é, recebendo um ou outro impulso do exterior a pesar nosso⁸³⁷.

Fomos uns copistas de Portugal; depois passamos à França; o moço crítico, que sabe muito bem que somos incapazes de tomar qualquer direção determinada por nós mesmos, aponta-nos para um outro alvo. É preciso estudar um pouco de perto esse anelo [anseio]. Brada-nos no artigo “Socialismo em literatura”⁸³⁸: “Quebrems as taças em que até hoje saboreamos as mefíticas [pestilentas, tóxicas] doçuras da civilização francesa; e volvamo-nos [voltemo-nos] para a Alemanha. No domínio das ideias, no que toca à *necessidade de uma reforma intelectual*, é o que nos pode salvar”⁸³⁹. Este pedaço deve ser entendido habilmente. Em regra, não é um bom exemplo aconselhar a uma nação que siga a outra; mas isso deve se compreender com relação aos grandes povos, àqueles que podem representar um papel original na história. Para com os povos medíocres, ou quase nulos, a

835 *Não obstante*: no entanto.

836 *Ensaios e estudos de filosofia e crítica* [1875], p. 78 (SR). Apesar de alterar a pontuação original e acrescentar itálicos ao texto, Romero reproduz fielmente as palavras de Tobias Barreto. Como bem observa Cerqueira (2011), a mesma passagem está nas p. 92 e 93 da 2ª edição (1889) (TT&RX).

837 *A pesar nosso*: mesmo sem a nossa vontade, mesmo apesar de nós.

838 Na 2ª edição dos *Ensaios e estudos de filosofia e crítica* (1889), p. 113-119.

839 Na 2ª edição dos *Ensaios e estudos de filosofia e crítica* (1889), p. 119, com itálicos acrescentados por Romero.

coisa muda muito de figura. Eles devem ser compelidos a tomar os avisos salutareis, sob pena de perda irremediável. Impróprios para reformarem-se por si, hão mister⁸⁴⁰ de uma escola severa fornecida pelo estrangeiro. Mas duas são as grandes manifestações no domínio das ideias: a ciência e a literatura. Quanto à primeira, o Dr. Tobias Barreto é muito ilustrado para pretender que ela seja um patrimônio da Alemanha, como uma inteligência [interpretação] má do seu pensamento tem podido sugerir.

A ciência contemporânea é um coeficiente da civilização ocidental, tendo, é certo, na Alemanha sua sede principal. Não foi, pois, dela especialmente que o autor dos *Ensaio e estudos* quis falar. Quanto à literatura, ele é muito bom poeta para pretender que o cunho da nacionalidade possa dela no todo ausentar-se. Quer num, quer noutro ramo, sem dúvida, ele teve em vista a disciplina do pensamento, a severidade da investigação, juntas à sinceridade do sentimento e à exatidão da expressão, que constituem o selo da inteligência tedesca [alemã]. Quer que contraiamos tão salutares hábitos no estudo severo da ciência e da literatura germânicas, incontestavelmente as mais fecundas da atualidade. É o conselho mais benéfico e proveitoso que se nos pudera hoje dar.

Deixo de acompanhar detalhadamente o nosso autor nos quatro últimos artigos de seu volume, para consagrar algumas linhas a desenhar-lhe os traços gerais de sua fisionomia de escritor. Conquanto [embora] ainda não tenham aparecido as outras livrações [edições] de sua obra, onde devem ser incluídos os seus belos estudos de direito público, de crítica literária e de filosofia, é possível desde já dar um esboço de sua figura.

O Dr. Tobias Barreto é, antes de tudo, um *reator* e, até certo ponto, um *propagandista*⁸⁴¹. Na qualidade de reator, lido, como é,

840 *Hão mister*: precisam, têm necessidade.

841 *Propagandista*: difusor e defensor de certas ideias.

em muitos dos ramos da ciência de hoje, investe contra o nosso deplorável atraso, e assume um certo ar de rudeza – não proposital, aliás, e indispensável ao bom êxito de suas tentativas.

Sua propaganda é indireta; ele não tem o espírito aberto às relações com a multidão; ama o isolamento e gosta de aparecer no singular. Ainda assim, pela força e disposição incisiva de seu estilo, suas ideias deixam-se abraçar; mas o número dos adeptos é sempre limitado.

Não sei se abuso, dizendo que tenho uma prova disto em sua carreira de poeta. O maior número de seus companheiros de escola não o estimava, entretanto... quase todos eram levados pelo capricho de suas inspirações!... Não se deve atribuir à inveja os amuos [desgostos] de seus rivais, e repetir com o historiador de Roma: *invidiam gloria vicisti* [com sua glória você superou a inveja]⁸⁴²; não, aquilo era um resultado da própria natureza de seu talento. Levanta em torno de si a poeira, cria inimigos, para também criar grandes dedicações.

Juntai a isso um delicado senso em apoderar-se das insinuações mais novas e livres da ciência e da filosofia, uma dose ligeira do pessimismo de Hartmann, mais forte do positivismo de Comte, do darwinismo⁸⁴³ de Haeckel, sem tornar-se o escravo de nenhum desses sistemas, e aí tendes uma ideia do seu espírito. Dele restará, antes de tudo, o exemplo.

Abandonado, só, desdenhado até, sem parte alguma no ferrenho funcionalismo que tudo estraga e polui neste país, o que não deixa de dar-lhe uma enorme vantagem, ousou avistar-se com os prejuízos, e resistir a todas as facções, apontando essa grande patrícia nossa –

842 Em latim no original. Expressão extraída da obra *Guerra de Jugurta* [*Bellum Iugurthinum*], capítulo 10, 2, do historiador romano Caio Salústio Crispo (c. 86-34 a.C.) (cf. Sallustius Crispus, 1919). Romero inverte (sem nenhum prejuízo) a ordem das duas primeiras palavras da expressão – que aparece originalmente como: “gloria invidiam vicisti”.

843 Sobre o darwinismo, conferir a nota 325, no capítulo VII.

a ignorância, tendo assento em toda a parte, desde a tripeça⁸⁴⁴ do baixo operário⁸⁴⁵ até as altas poltronas da grande administração. Abandonado, só, ousou clamar contra o ingrato exclusivismo da língua portuguesa, e expandir-se nestas fortes palavras: “Pois bem, não pode haver dúvida de que nós brasileiros tenhamos sido isolados dos centros do movimento espiritual europeu mais pela exclusividade da língua portuguesa do que por nossa localização geográfica, ocorrendo isso apenas em nosso próprio detrimento”⁸⁴⁶.

É uma nobre individualidade, animada do amor ao verdadeiro, cujo brilhante exemplo nos poderá levar a melhores posições no caminho das investigações desinteressadas [imparciais].

Nele estão resumidos, cristalizados os sonhos que é dado brotar na alma brasileira no momento atual. Ali sente-se como um irradiar do futuro. O sergipano, no desenvolvimento brasileiro, na consciência pessimística de nosso atraso, é um ponto central; é um daqueles de que diz Alfred von Wolzogen: “Diese Individuen bilden die Zentralkpunkte der Entwicklung” [“Esses indivíduos compõem os pontos centrais do desenvolvimento”]⁸⁴⁷.

844 *Tripeça*: assento de três pés ou, na definição de Moraes Silva (1823), “roda de madeira cravada sobre três pés, que serve de assento aos sapateiros e outros mecânicos”. Ou seja, para enfatizar sua afirmação de que no Brasil a ignorância tem “assento em toda a parte”, Romero se refere tanto ao assento mais vulgar – a tripeça – quanto às “poltronas da grande administração”.

845 *Baixo operário*: reles trabalhador.

846 *Deutscher Kämpfer* [Combatente Alemão], nº 2, de 31 de agosto de 1875 (SR). Reproduzimos a tradução de Vita, já que Romero cita o trecho em alemão: “Nun aber kann es keinem Zweifel unterliegen, dass wir Brasilianer, durch die Exklusivität der portugiesischen Sprache mehr, als durch unsere geographische Stellung selbst, isoliert worden sind von den Zentren der europäischen Geistesbewegung, und zwar nur zum eigenen Schaden” (TT&RX).

847 Em alemão no original (com a ortografia atualizada por nós). Citamos a tradução de Vita entre colchetes. Trata-se de uma passagem da obra *Rafael Santi – sein Leben und seine Werke* [Rafael Sanzio – sua vida e sua obra] (cf. Wolzogen, 1865, p. 1).

CONCLUSÃO

É este o quadro da filosofia no Brasil. Julgo-o completo, apesar de ter deixado à margem algumas obras de autores nossos, que entendi não dever contemplar. São: o *Compêndio de filosofia* de Frei Itaparica⁸⁴⁸, lente⁸⁴⁹ de teologia no Seminário baiano, e o do Dr. Moraes e Valle⁸⁵⁰, lente de química na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Tais obras são daquelas que estão abaixo da crítica e não devem figurar num trabalho sério.

Não falei também dos *Pequenos ensaios positivistas*⁸⁵¹ e das *Conferências sobre o darwinismo*⁸⁵², dos senhores Miguel Lemos e Miranda Azevedo, porque não passam de ligeiras tentativas ainda pouco firmes e destituídas de originalidade. Conquanto [embora] os seus autores sejam moços de talento e que fundamentam justas esperanças, os dois produtos a que me refiro não são mais do que reproduções quase servis de ideias alheias⁸⁵³.

848 Itaparica, *Compêndio de filosofia elementar* (1852).

849 Lente: catedrático, professor de nível secundário ou superior.

850 Moraes e Valle, *Elementos de filosofia* (1851).

851 Livro publicado por Miguel Lemos em 1877.

852 Referência às sete conferências proferidas por Augusto César de Miranda Azevedo (1851-1907), nas chamadas Conferências Populares da Glória (cf. nota 660, no capítulo X), entre 11 de abril e 26 de setembro de 1875. O texto das duas primeiras, intitulado “Darwinismo: seu passado, seu presente, seu futuro”, foi publicado em 1876, no primeiro número do periódico *Conferências Populares* (cf. Miranda Azevedo, 1876). Sobre o *darwinismo*, conferir a nota 325, no capítulo VII.

853 A propósito de uma notícia que do livrinho de Miguel Lemos deu Émile Littré na *Revue de philosophie positive* [*Revista de filosofia positiva*], Alberto de Carvalho, advogado fluminense, dirigiu àquele sábio uma carta em língua francesa, carta que é uma das maiores vergonhas intelectuais deste país. A *Lettre à M. Littré* [*Carta ao Sr. Littré*] ultrapassou, em disparates de todo o gênero, ao célebre *Droit au meurtre* [*Direito ao assassinato*, de Joaquim Nabuco] dirigido a Ernest Renan!... Entretanto, essas duas misérias espirituais brasileiras foram aplaudidas pela imprensa do Rio de Janeiro como verdadeiras maravilhas!... (SR). A menção de Émile Littré a Miguel Lemos da qual fala Romero ocorreu na *Revue de philosophie positive* de setembro e outubro de 1877. Eis o que escreveu Littré:

A alma e o cérebro do Sr. Gonçalves de Magalhães⁸⁵⁴, de que já dei uma notícia, é um livro enfadonho, segunda edição dos seus *Fatos do espírito humano*. Aparecido, como já deixei notado, durante a impressão deste ensaio e quando já estava pronto o capítulo relativo ao seu autor, julguei não dever interromper a minha marcha por amor ao Sr. Visconde, quando era certo que ele nada nos vinha oferecer de novo e de importante⁸⁵⁵. Nenhuma publicação significativa e

“Do Brasil, recebo um volume intitulado: *Pequenos ensaios positivistas*. Provido da pena do Sr. Miguel Lemos, jovem brasileiro, de quem já tive a oportunidade de falar nesta *Revista*. Em sua Advertência, o Sr. Lemos diz com modéstia: ‘Este pequeno volume compõe-se de artigos meus publicados em diversos jornais e revistas. Não foi por vaidade, nem porque acreditasse que eles pudessem engrossar a corrente intelectual de meu país, que resolvi reuni-los aqui. Sei que eles nada valem e que não passam de exercício de escritor que começa. Marcam eles, porém, um dos pontos iniciais da propaganda, que nestes últimos tempos se há feito da filosofia positiva, desta nova doutrina fundada por Augusto Comte, e que hoje promete avassalar todos os espíritos verdadeiramente ao nível do século em que vivemos. A circunstância que fica apontada, e não outra, levou-me a fazer esta publicação. Estes pobres artigos só têm este valor: são documentos para a futura história das origens do positivismo no Brasil’. / Eu li os *Pequenos ensaios* com grande interesse. Eles são de um jovem, é verdade, mas de um jovem entusiasta, cheio de vontade de aprender e de fazer. Esses são os sinais de uma vocação. / Ao ler tal volume, somos atingidos pela impaciência de toda a biologia e de toda metafísica que se apodera desses jovens e os dispõe a receber os ensinamentos da nova filosofia. É o sopro do espírito positivo que se faz sentir por todos os lados, e que, mesmo antes de que a doutrina positiva seja conhecida, prepara o caminho para ela; o espírito positivo que resulta da concepção real do mundo tal como os modernos a sustentam agora. / Quantos homens e quantas coisas nós ignoramos em nosso suposto centro! Assim, vejo no volume do Sr. Miguel Lemos que um dos primeiros propagadores do positivismo no Brasil foi o Dr. Barreto, que se propôs a escrever um livro sobre as três filosofias, cuja primeira parte, *Filosofia teológica*, apareceu em 1874. As imperfeitas notícias que às vezes registro aqui são bastante insuficientes; ao menos, elas permitem vislumbrar a força e a extensão com as quais a doutrina positivista se propaga nos meios mais distantes e, à primeira vista, mais refratários” (Littré, 1877, p. 305-306). O referido *Droit au meurtre – lettre a M. Ernest Renan sur L’homme-femme* [*Direito ao assassinato – carta ao Sr. Ernest Renan sobre O homem-mulher*] é uma obra de 1872, escrita e publicada em francês por Joaquim Nabuco (1849-1910), que parte de uma discussão sobre o romance *O homem-mulher* (1872), de Alexandre Dumas Filho (1824-1895) (cf. Nabuco, 1872). Não conseguimos ter acesso à referida carta de Alberto de Carvalho, mas encontramos as respostas que a ela deram Miguel Lemos e Émile Littré (cf. Lemos, 1878, e Littré, 1878) (TT&RX).

854 Gonçalves de Magalhães, *A alma e o cérebro – estudos de psicologia e de fisiologia* (1876).

855 Sobre a última obra do Sr. Visconde de Araguaia [ou seja, de Gonçalves de Magalhães], apareceram no Rio de Janeiro dois pequenos folhetos: um sofrível, pelo Sr. Teixeira de Souza, moço estudante de medicina, que tem mais de sonhador do que de filósofo, e outro devido à pena do Sr. Dr. Herculano Bandeira Filho, empregado público do Ministério da Justiça, opúsculo onde não se pode bem determinar em que o seu autor mais pobremente exibiu-se, se no dismantelo da forma ou na trivialidade do fundo... Não sei quem lhe incutiu no ânimo a vaidade de ocupar-se de tais matérias! (SR). A crítica de Teixeira de Souza (citado erroneamente por Romero e Vita como “Teixeira e Sousa”)

meritória, pois, apareceu no terreno da filosofia, entre nós, nos últimos dois anos, que deva mencionar. Faz uma honrosa exceção a interessante *Carta pública à imprensa alemã*⁸⁵⁶, por Tobias Barreto, aparecida recentemente e que permanece de todo ignorada pelo sublime público da Corte.

Como o *Brasilien wie es ist*⁸⁵⁷ [*O Brasil como ele é...*] é o que de mais incisivo conheço sobre as nossas fraquezas intelectuais, *Ein offener Brief an die Deutsche Presse* [*Carta aberta à imprensa alemã*] é o que de mais lucidamente terrível tenho lido sobre nosso lastimável estado político e social.

Este pequeno escrito indiretamente é que se prende ao nosso assunto, e por isso dele darei somente uma rápida notícia⁸⁵⁸.

à obra de Gonçalves de Magalhães foi publicada no jornal *A Reforma – Órgão democrático*, nas edições de 9, 10, 12 e 14 de junho de 1877 (cf. Teixeira de Souza, 1877). Em relação ao opúsculo de Antônio Herculano de Souza Bandeira Filho – tio do poeta Manuel Bandeira (1886-1968) –, não tivemos acesso a ele. De todo modo, vale observar que, após a publicação de *A Filosofia no Brasil*, Herculano Bandeira Filho viria a polemizar com Romero, em seu artigo “Uma renovação literária entre nós”, publicado na *Revista Brasileira* (cf. Bandeira Filho, 1879) (TT&RX).

856 Em alemão, *Ein offener Brief an die Deutsche Presse* [1878], também traduzida como *Carta aberta à imprensa alemã* e republicada em Tobias Barreto (1990b, p. 132-263).

857 *Brasilien wie es ist literarischer Hinsicht betrachtet* [1876] – ou *O Brasil como ele é considerado do ponto de vista literário* –, também republicado em Tobias Barreto (1990b, p. 53-131).

858 Não é que eu julgue os assuntos políticos e sociais fora da alçada da filosofia. Ao contrário, sei bem que hoje a verdadeira filosofia, aquela que se funda nas ciências particulares, é a *sociologia*, essa imortal criação de Comte. Como, porém, entre nós, tais assuntos, bem como os religiosos, não têm sido tratados com método e rigor científicos, e sim à luz de ideias preconcebidas ditadas pelos partidos, as obras que deles têm-se ocupado foram jogadas fora do nosso quadro. É assim que, entre outras, na ordem social: *O socialismo*, por Abreu e Lima, *A província*, por Tavares Bastos, *o Catecismo constitucional*, por Agésilau, e na ordem religioso-política, *As bíblias falsificadas*, por Abreu e Lima, *A Igreja e o Estado*, por Saldanha Marinho [também conhecido pelo pseudônimo Ganganelli], e *Rom vor dem Tribunal des Jahrhunderts* [*Roma perante o tribunal do século*] pelo teuto-brasileiro Carlos von Koseritz não foram apreciadas neste escrito para sê-lo em outro livro meu, *As ciências sociais e políticas no Brasil*. O opúsculo de Tobias, prendendo-se a esta ordem de escritos, contém vistas tão gerais e filosóficas, que me forcem a contemplá-lo desde logo. No mesmo espírito são seus novos artigos “Na igualdade”, e seu “Discurso” no Clube Popular Escadense (SR). No acervo da Biblioteca Nacional, há três obras intituladas *Catecismo constitucional*, das quais a única que data do período comentado por Romero nesta nota é assinada pelo pseudônimo Demófilo (ou “Demophilo”, na ortografia da época) – e não por Agésilau. Romero, então, provavelmente confundiu o nome de dois comandantes gregos ao mencionar a obra *Catecismo constitucional* e o

O novo trabalho do escritor sergipano foi escrito a propósito – e como refutação – de uma circular, pejada de insensatos encômios⁸⁵⁹ aos nossos imperantes⁸⁶⁰ e ao nosso país, publicada na *Weser-Zeitung*⁸⁶¹ por ocasião da última passagem dos nossos monarcas pela Alemanha.

De um homem como o nosso filósofo não se havia de esperar que tomasse a pena somente para desmanchar um tecido de fagueiras falsidades⁸⁶². Ele devia penetrar um pouco amplamente em nossa vida pública e ostentar aos olhos da Europa iludida as nossas misérias de povo semibárbaro.

Foi justamente o que ele fez. Tanto mais insuspeito é o seu juízo, quanto funda-se nos fatos, e o nosso escritor não pertence a nenhum dos partidos políticos que nos dividem. Antes havia escrito: “Não sou, não posso ser conservador e isto por índole. Liberal, não sei se sou, ao menos entre nós os liberais me repelem, e eu de minha parte os acho sofrivelmente ridículos, desde os chefes que comprometem

pseudônimo que a assina: embora ele a atribua a Agesilau – nome de um comandante espartano que viveu entre 444 e 360 a.C. –, provavelmente ele se refere ao livro do Cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro (1825-1876), publicado em 1873 sob o pseudônimo Demófilo – em provável alusão ao comandante beócio Demófilo de Téspias (falecido em 480 a.C.), que foi a Termópilas em auxílio dos espartanos, liderados por Leônidas, na batalha contra os persas – cf. Demófilo (1873). Cf. também Tavares Bastos (1870), Abreu e Lima (1855 e 1867) e Ganganeli (pseudônimo de Saldanha Marinho) (1873). Algumas passagens de *Rom vor dem Tribunal des Jahrhunderts* [*Roma perante o tribunal do século*] foram publicadas no quarto capítulo – “Roma perante o século” – do livro *Koseritz: Seleção de textos*, organizado por René Gertz (cf. Koseritz, 1999, p. 147-168). Dos artigos de Tobias Barreto citados na nota de Romero, o primeiro – “Na igualdade” – foi possivelmente publicado no periódico *A igualdade*, editado por Tobias Barreto entre 1877 e 1878. Já o mencionado “Discurso”, que ficou mais conhecido pelo título (atualmente célebre) “Um discurso em mangas de camisa”, foi proferido na cidade de Escada – onde Tobias Barreto viveu durante a maior parte da década de 1870 – e publicado pela primeira vez em 20 de outubro de 1877, no *Jornal do Recife*, com o título “Palavras” (cf. Tobias Barreto, 2014). Por fim, vale destacar que Romero não chegou a publicar seu prometido livro *As ciências sociais e políticas no Brasil* (TT&RX).

859 *Pejada de insensatos encômios*: repleta de insensatos elogios.

860 *Imperantes*: termo usado por Romero com tom depreciativo para se referir àqueles que imperavam no Brasil, ou seja, o Imperador e sua corte.

861 *Weser-Zeitung* era um jornal alemão de cunho político publicado em Bremen entre 1844 e 1934.

862 *Fagueiras falsidades*: falsidades agradáveis, amenas – literalmente, que afagam.

o partido, até qualquer desses desfrutáveis⁸⁶³ *quarentaeoitistas*⁸⁶⁴ que têm na parede o retrato de Nunes Machado abaixo do *registro* [imagem] de Nossa Senhora da Penha⁸⁶⁵, sem falar no resto. E quanto a republicano, teria, não medo, porém pejo [pudor, vergonha] de sê-lo. Para ter-se-me em tal conta, por força dos meus escritos, é de supor que se maneje um princípio velho e estragado, o *princípio de contradição*, que entre nós, e em matéria política, de bípode que era, tornou-se trípode⁸⁶⁶: A, B, C; – o que não é A, é B, o que não é A nem B, é C; quem não é conservador, é liberal; quem não é um nem outro é republicano. Acho eu, porém, que com este *côvado*⁸⁶⁷ não se tomam todas as dimensões. Porquanto [então], não será possível – senão *fazer* – ao menos *pensar* política de outro modo? O que eu sou, pois? Talvez uma dessas naturezas problemáticas, a quem nada contenta, senão desmontar todas as peças dos velhos conceitos e pôr

863 Uma das acepções de Houaiss (2025) para o termo *desfrutável* – bastante apropriada à passagem – é “quem ou que se expõe ao ridículo pela pretensão, tolice ou excessivo desembaraço”.

864 *Quarentaeoitistas*: participantes ou entusiastas da Revolução Praieira, iniciada em 1848.

865 Principal líder da Revolução Praieira, Nunes Machado continuou sendo extremamente popular após sua morte, em fevereiro de 1849. Como relatou anos depois Francisco Augusto Pereira da Costa (1851-1923), “o retrato de Nunes Machado multiplicou-se em milhares de cópias, ou de estampas, e ainda hoje se vê conservado em muitas casas, principalmente sob o teto modesto ou pobre de gente do povo” (Costa, *Dicionário biográfico de pernambucanos célebres*, 1882, p. 516). Por “esses desfrutáveis *quarentaeoitistas* que têm na parede o retrato de Nunes Machado abaixo do *registro* de Nossa Senhora da Penha”, então, Tobias Barreto parece se referir a pessoas de origem humilde que, quase três décadas depois da Revolução Praieira e da morte de Nunes Machado, ainda mantinham pelo líder e pelo movimento uma grande simpatia (que, a seu ver, seria ridícula ou “desfrutável”).

866 *Trípode*: que tem três pés.

867 *Côvado*: medida – literalmente, um côvado é uma antiga medida equivalente ao comprimento de um antebraço ou, segundo Houaiss (2025), 66 centímetros.

tudo em questão; nunca e nunca, porém, um *evangelist of waste*⁸⁶⁸, na frase de Buchanan”⁸⁶⁹.

Com este preliminar [preâmbulo] estamos habilitados a ler a obrinha do nosso autor.

Para se fazer uma ideia, ainda que longínqua dos elogios impossíveis aos nossos monarcas exarados na circular confutada por Tobias⁸⁷⁰, basta que o leitor lance os olhos sobre as palavras que lhe vou traduzir. Diz a *Weser-Zeitung*, falando de Dom Pedro de Alcântara: “Entre as ocupações científicas ele concede o maior cuidado às línguas, e à astronomia, e especialmente aplica às línguas mais novas (?) uma grande predileção. Faz avançar a arqueologia, a história e as ciências naturais, e desenvolve, neste ponto, uma assombrosa cópia [abundância] de conhecimentos. Em assunto algum se lhe pode fazer a censura de superficialidade. Os exercícios corpóreos não são por ele desprezados de modo algum; ao contrário, ainda hoje os aprecia, e mostra-se um destro e temeroso cavaleiro, um habilíssimo jogador de esgrima e de bilhar”⁸⁷¹.

868 Em inglês, um “pregador do desperdício”, expressão utilizada pelo poeta escocês Robert Buchanan no artigo “Victor Hugo’s new poem” [“O novo poema de Victor Hugo”]: “If Goethe was, as Novalis described him to be, the Evangelist of Economy, Victor Hugo is assuredly the Evangelist of Waste” [“Se Goethe foi, como Novalis o descreveu, o Pregador da Economia, Victor Hugo é certamente o Pregador do Desperdício”], republicado como “Hugo in 1872” [“Hugo em 1872”], em *A Poet’s Sketch-Book: Selections from the Prose Writings of Robert Buchanan* [O caderno de anotações de um poeta: seleções dos escritos em prosa de Robert Buchanan] (Buchanan, 1883, p. 163). Quer dizer, na passagem citada por Romero, Tobias Barreto declara enfaticamente que em nenhuma circunstância se considera um entusiasta do desperdício em sua produção de textos críticos.

869 A referência é desconhecida. Luís Washington Vita e Luiz Alberto Cerqueira tampouco indicam a fonte da citação de Tobias Barreto feita por Romero.

870 Exarados na circular confutada por Tobias: exprimidos na matéria confrontada por Tobias.

871 *Ein offener Brief an die deutsche Presse* [Uma carta aberta à imprensa alemã], por Tobias Barreto de Menezes, Escada, 1878, p. 11-13 (SR). O próprio Romero traduziu – e compilou – o trecho a partir de três citações feitas por Tobias Barreto. Eis as passagens da *Weser-Zeitung* de 5 de agosto de 1876, da maneira como foram citadas por Tobias Barreto (1990b, p. 158-163) – e as respectivas traduções de Vamireh Chacon: 1. “Rastlos war er (der Kaiser) von jeher beschäftigt, seine Geistesschätze zu vermehren, und statt eines Stabes von Offizieren war es ständig von einer wahren Gelehrtensuite umgeben, von denen er immer zu lernen bemüht ist. Die körperliche Bewegung vernachlässigte Dom Pedro deshalb aber keineswegs, im Gegenteil, er liebt es heute noch, sich als gewandter und

Dirigindo-se à imperatriz, escreve a gazeta alemã: “Ela dá-se todo o trabalho possível para arrancar o belo sexo brasileiro de sua preguiça intelectual e refrear sua inveterada inclinação para os prazeres”⁸⁷². Estas vergonhas, mandadas escrever por penas mercenárias, não podem ter uma resposta séria. O sergipano impôs-se a penitência de dá-la; o ridículo, contudo, essa arma que só sabem manejar os espíritos inteligentes, teve também entrada em seu trabalho. Eis aqui um bom espécime: “Conta-se de um capuchinho [padre franciscano] italiano, não familiarizado com a nossa fauna, que ele uma vez informou-se de alguém qual o animal mais feroz do Brasil, com a intenção de enriquecer sua retórica religiosa com feras bravias para efeito aparatosamente [suntuosamente, espetacularmente] ameaçador. ‘A *nambu*’, respondeu o brejeiro [matuto, malandro]. Ora, a *nambu* é um pássaro pequeno e tímido, uma espécie darwinica⁸⁷³ da perdiz. O padre, porém, entendeu por ela um monstro de quatro pés e irresistível, cujo único nome não sem medo os crentes desejariam

kühner Reiter, als ausgezeichneter Fechter und Billardspieler zu zeigen. Unter den wissenschaftlichen Beschäftigungen lässt er den Sprachen und der Astronomie die meiste Pflege angedeihen, namentlich wendet er den neueren Sprachen (?) eine große Vorliebe zu...” – “Incansável estava [o Imperador] sempre ocupado em aumentar seu tesouro intelectual e, em vez de um Estado-Maior de oficiais, estava ele permanentemente cercado de um autêntico séquito de eruditos, dos quais ele sempre se esforçava por aprender. Mas Dom Pedro não descurava de nenhum modo a movimentação corporal, pelo contrário, ainda hoje ele ama demonstrar-se ágil e arguto cavaleiro, excepcional esgrimista e jogador de bilhar. Entre as ocupações científicas, ele concede o máximo de cultivo aos idiomas e à astronomia, dedica especialmente às línguas modernas uma grande preferência...” (a interrogação zombeteira entre parênteses foi provavelmente acrescida por Tobias Barreto, mantida por Romero, mas descartada por Chacon); 2. “Auch Geschichte, Archäologie und Naturwissenschaften treibt der Kaiser vielfach und entwickelt in diesen Gegenständen erstaunliche Kenntnisse...” – “O Imperador também se dedica amplamente à história, arqueologia e ciências naturais e desenvolve, nestes assuntos, surpreendentes conhecimentos...”; 3. “Auf keinem Gebiete kann man ihm den Vorwurf der Oberflächlichkeit machen...” – “Em nenhuma área se lhe faz a acusação de superficialidade...” (TT&RX).

872 *Ein offener Brief...* [1878], p. 21 (SR). Eis o trecho da *Weser-Zeitung* citado por Tobias Barreto – e a tradução de Chacon: “Auch gibt sie sich alle erdenkliche Mühe, die Frauenwelt Brasiliens aus ihrer geistigen Trägheit herauszuziehen und deren eingerissener Vergnügungssucht zu steuern” – “Também há [na Imperatriz] todo esforço possível para se tirar o mundo feminino brasileiro da sua indolência intelectual e guiar seu despedaçado anseio de viver” (Tobias Barreto, 1990b, p. 178-179) (TT&RX).

873 Sobre o *darwinismo*, conferir a nota 325, no capítulo VII.

ouvir, tanto como a simples presença do animal significa uma morte certa. Depois disso convencido, subiu o padre para o púlpito. Mas, oh! desgraça!... Apenas abriu ele a boca e ameaçou os pecadores com as garras e os dentes do monstro, apenas pronunciou o nome terrível, rompeu do auditório uma gargalhada homérica... Ora, pois; *mutato nomine de te fabula narratur*⁸⁷⁴. É o que acontece aos amigos elogiastas [bajuladores] do Imperador com a sua ingenuidade. Porquanto é tão estólido [tolo, estúpido] e ridículo proclamar a *nambu* uma fera monstruosa, como a Dom Pedro um monarca sábio e diligente”⁸⁷⁵. Bem achado e bem dito.

Por não ser Tobias um republicano prático, não é, por isso, um monarquista teórico, e julga o nosso atual estado político com

874 Em tradução livre, “mudando [apenas] o nome, a fábula fala sobre você” (antes da expressão citada por Tobias Barreto, Horácio pergunta: “*quid rides?*” [“você está rindo de quê?”]). Trata-se de uma citação dos versos 69 e 70 do primeiro poema das *Sátiras*, de Horácio (65-8 a.C.) (cf. Horácio, 1836).

875 *Ein offener Brief...* [1878], p. 34 (SR). Eis o trecho original – e a tradução de Vamireh Chacon: “Man erzählt von einem, mit unserer Fauna nicht vertrauten, italienischen Kapuziner, dass er sich einst bei jemandem danach erkundigte, welches das grausamste Tier Brasiliens sei, mit der Absicht, die wilde Bestie als Knalleffekt seiner religiösen Rhetorik zu gebrauchen. Der *Nambú* – antwortete der Schelm. Nun ist aber der *Nambú* ein kleiner, schüchterner Vogel, ungefähr eine darwinistische Differenzierung des Rebhuhnes; der Pater aber verstand darunter ein vierfüßiges, unwiderstehliches Monstrum, dessen bloßen Namen die Gläubigen schon deshalb nicht ohne Furcht aussprechen hören dürften, weil seine Gegenwart den sicheren Tod bedeute; und hiervon überzeugt trat er auf die Kanzel. Unglücklich! Kaum hatte er den Mund aufgetan und die Sünder mit den Krallen und Zähnen des Ungeheuers bedroht, kaum war der schreckliche Name genannt worden, so erklang aus dem Auditorium ein homerisches Gelächter!... Nun gut: *mutato nomine, de te fabula narratur*. Eben so weit haben es die fremden Elogiasten des Kaisers mit ihrer Ingenuität gebracht. Denn es ist gleich dumm und lächerlich, zu behaupten, der *Nambú* wäre ein monströses, menschenfressendes Raubtier, als dass Dom Pedro ein weiser, strebsamer Monarch sei” – “Conta-se de um capuchinho italiano, não acostumado com a nossa fauna, que ele outrora se informou com alguém qual o mais feroz dos animais do Brasil, com o propósito de usar a besta fera como efeito de impacto de sua retórica religiosa. O *nambu* – respondeu o pelintra. Só que o *nambu* não passa de um pássaro pequeno e tímido, mais ou menos uma diferenciação darwinística da perdiz; o frade porém entendeu, a propósito, um monstro irresistível quadrúpede, cujo simples nome os fiéis não deveriam ouvir portanto pronunciar sem medo, porque sua presença significaria morte certa, e, assim convicto, subiu ele ao púlpito. Infeliz! Mal abria ele a boca e ameaçara os pecadores com as garras e os dentes do monstro, mal foi enunciado o terrível nome, logo rebentou do auditório uma gargalhada homérica... Pois bem: *mutato nomine de te fabula narratur*. A igual distância foram os estrangeiros bajuladores do Imperador. Pois é tão tolo quanto ridículo afirmar que o *nambu* seria monstruoso e canibalesco animal feroz quanto dizer que Dom Pedro seja um sábio e aplicado monarca” (Tobias Barreto, 1990b, p. 204-205) (TT&RX).

a maior independência. Diz ele: “Eu não sou um republicano, um devorador de reis *à la Gambetta*⁸⁷⁶; mas não sou também um amigo de reis; porque não amo, nem detesto a realeza. Eu a tolero apenas. Ela e a Igreja se me antolham [parecem, afiguram] como órgãos rudimentares da sociedade humana, os quais, como os órgãos rudimentares do indivíduo, têm de extinguir-se, qual aconteceu à cauda de nossos antepassados pré-históricos”⁸⁷⁷.

Vê-se que a intuição política de Tobias Barreto firma-se no darwinismo, admitindo a monarquia como um órgão social que tende a gastar-se. E quem a substituirá? É ao que ele não responde; mas percebe-se que será um governo, à maneira do governo ideado [concebido] por Spencer, reunindo em si o menor número possível de funções; por que a maior parte das atualmente exercidas pelo Estado passarão para a sociedade⁸⁷⁸.

Ele se insurge contra a mentira que nos devora. “O grande *primum mobile*⁸⁷⁹ deste país é a *mentira*: mentira política, mentira poética, mentira religiosa, mentira moral, que se repetem em todas

876 Referência ao estadista francês Léon Gambetta (1838-1882), grande defensor do regime republicano na França e ferrenho opositor do Segundo Império (regime autocrático instaurado por Napoleão III, sobrinho de Napoleão Bonaparte, entre 1852 e 1870).

877 *Ein offener Brief...* [1878], p. 10 (SR). No original – e na tradução de Chacon: “Ich bin kein Republikaner, kein Königsfresser *à la Gambetta*. Aber ich bin auch kein Königsfreund. Indem ich das Königtum weder liebe, noch hasse, so dulde ich es. Mir gilt dasselbe nebst dem Kirchentum für ein rudimentäres Organ der menschlichen Gesellschaft, welches, gleich den individuellen rudimentären Organen, zu verschwinden hat, ungefähr so, wie es sich mit dem Schwanz unserer Urvorfahren verhielt” – “Não sou republicano, não sou nenhum devorador de reis à maneira de Gambetta. Mas também não sou nenhum amigo de rei. Pelo que nem amo, nem odeio o reinado, suporto-o. A mim me parece o mesmo, ao lado da Igreja, um órgão rudimentar da sociedade, tem de desaparecer com os órgãos rudimentares do indivíduo, mais ou menos como aconteceu com a cauda dos nossos remotos antepassados” (Tobias Barreto, 1990b, p. 156-157) (TT&RX).

878 Herbert Spencer, *Principles of sociology* [*Princípios de sociologia*], *passim* [em diversas passagens] (SR). Cf. Spencer (1899) (TT&RX).

879 *Primum mobile*: primeiro motor – conceito proveniente da Física aristotélica. Tobias Barreto pretende destacar, então, que a mentira é aquilo que dá início e move todas as demais coisas no Brasil.

as fases da vida. E sobre tão colossais mentiras oficiosas grava-se a figura do Imperador com seu *liberalismo* e sua *cultura*”⁸⁸⁰.

Não se pode dizer melhor; a mentira e o jesuitismo⁸⁸¹ prático têm falsificado as consciências nesta época de transações indecorosas e prejudiciais.

O país atira-se ao desconhecido sem saber o seu caminho, acalentado [embalado] pelas frases dos retóricos, e pelo atraso dos estadistas, que não sabem da grande mutação científica e social, que a humanidade atravessa nos dias de hoje.

Entretanto devemos nos salvar, apelando para a ciência “sin esperar discursos ni cantos, porque la salvación de un pueblo no admite demora, ni es cuestión de música” [“sem esperar discursos nem cantos, pois a salvação de um povo não admite demora, nem é questão de música”]⁸⁸², para falar com o distinto espanhol Roque Barcia.

“Os partidos políticos entre nós – diz Tobias – valem para mim a mesma coisa. Eu busco embalde [inutilmente] o que eles significam. Tudo no Brasil: Deus e o diabo, o Papa como o Imperador, a Igreja, o teatro, a bolsa, a monarquia, a república, tudo tem o seu partido... Só a liberdade não tem o seu; digo a liberdade especialmente como

880 *Ein offener Brief...* [1878], p. 20 (SR). No original – e na tradução de Chacon: “das grosse *primum mobile* dieses Landes ist nämlich die Lüge, – politische Lüge, poetische Lüge, religiöse Lüge, moralische Lüge, aber stets Lüge, die sich in allen Phasen des Lebens wiederholt. – Und zur kolossalsten solcher Not und Brotlügen stempelt sich des Kaisers Figur, sein Liberalismus, seine hohe Bildung” – “O grande *primum mobile* deste país é declaradamente a mentira – mentira política, a mentira poética, a mentira religiosa, a mentira moral, mas sempre mentira, que se repete em todas as fases da vida. E como a mais colossais de tais mentiras, de necessidade e conveniência, destaca-se a figura do Imperador, seu liberalismo, sua alta educação” (Tobias Barreto, 1990b, p. 176-177). Como se percebe, os itálicos dos termos em português foram acrescentados por Romero (TT&RX).

881 *Jesuitismo*: fanatismo, partidarismo.

882 *La Justicia Federal*, Madrid, 8 de junho de 1873 (SR). Reproduzimos a tradução de Vita entre colchetes (TT&RX).

sentimento de honra e de dever, e não como *deusa*, ou *fantasma* de que tão entusiasticamente falam os nossos liberais”⁸⁸³.

Tal é⁸⁸⁴, precisamos justamente da liberdade; mas da liberdade que honra o indivíduo, da liberdade que lhe permite viver como homem de bem, e não asfixiado, por necessidade, nas misérias intelectuais que nos deturpam; da liberdade que deixa a cada um cumprir o seu dever, não o dever bastardo a que uma legislação fóssil obriga; mas o dever que a ciência prescreve. É dessa que necessitamos e não das declamações dos partidários e das posições teatrais do Imperador. Para não deixar de mostrar ao meu leitor todo o pensamento de Tobias Barreto, traduzo mais as linhas que se seguem: “Quando nos livraremos de semelhante farsa? A já tão velha farsa de um verdadeiro rei liberal, que é alguma coisa tão contrária à natureza e cheia de impossibilidades como uma árvore de ferro ou um boi com asas, para não falar com Castelar de um Deus ateu”⁸⁸⁵? O que diria o malicioso Metternich, ele para quem um papa liberal, em seu tempo, parecia uma máscara, se tivesse vivido até esta criação fantástica de um liberalismo régio? Um rei como filósofo, um rei como pensador e desprezador das vaidades mundanas não toca só ao absurdo; é para mim inteiramente ininteligível. E, todavia, quer me parecer

883 *Ein offener Brief...* [1878], p. 36 (SR). Os itálicos foram acrescentados por Romero. Eis trecho original – e a tradução de Chacon: “Die politischen Parteien des Landes sind mir ganz gleichgültig. Ich weiß sehr wohl, was sie bedeuten. Alles in Brasilien: Gott und der Teufel, der Papst, wie der Kaiser, die Kirche, das Theater, die Börse, die Monarchie, die Republik, – alles hat für sich eine Partei; die Freiheit allein hat nicht die ihrige, – die Freiheit nämlich als Ehr und Pflichtgefühl, nicht aber als Göttin oder Traumbild, wovon unsere Liberalen so gern schwätzen” – “Os partidos políticos do país me são totalmente indiferentes. Sei muito bem o que significam. Tudo no Brasil – Deus e o Diabo, tanto o Papa quanto o Imperador, a Igreja, o teatro, a Bolsa, a monarquia e a república – tudo dispõe de um partido para si; só a liberdade não tem o seu – a liberdade, isto é, o sentimento de honra e dever, não, porém, como imagem ideal ou divina, da qual nossos liberais de tão bom grado conversam fiado” (Tobias Barreto, 1990b, p. 208-209) (TT&RX).

884 *Tal é*: é assim mesmo.

885 Tobias Barreto – bem como seus tradutores Romero e Chacon – grafaram com um “l” a mais o nome do escritor espanhol Emilio Castelar (que nós corrigimos). Em suas *Cartas sobre política europea*, ele escreve: “um rei democrata, eu disse em outra parte e com outro motivo, é para mim um deus ateu” (Castelar, 1876, p. 143).

que deveria ser, em tal caso, a primeira obrigação do Diógenes⁸⁸⁶ coroado o renunciar ao trono e ao cetro”⁸⁸⁷.

Tal é o sentido geral, dado rapidamente, da novíssima publicação do autor dos *Ensaio e estudos de filosofia e crítica*. Pela solidez e elevação das ideias é o que de melhor temos produzido sobre os delíquios⁸⁸⁸ e as sombras de nossa vida pública. Dista seu espírito imenso da ideia e da intuição de tudo quanto no assunto estávamos acostumados a ler, como, por exemplo, o declamatório e mesquinho *O Libelo do Povo* pelo pasquineiro⁸⁸⁹ Timandro, que começou demagogo para acabar senador do Império!

886 Tobias Barreto evoca aqui a figura de Diógenes de Sinope – o mais célebre dos chamados filósofos *cínicos* –, que entendia que a felicidade poderia ser alcançada pela satisfação das necessidades mais simples. Com efeito, sua vida se tornou conhecida por sua falta de reverência em relação às autoridades e às convenções sociais. Há uma anedota sobre um encontro de Diógenes com Alexandre, o Grande, no qual este estava curioso para conhecer o filósofo. Quando lhe perguntou se havia alguma coisa que poderia fazer por ele, Diógenes apenas lhe pediu que se afastasse do sol, pois estava bloqueando sua luz. Ao dizer, então, que “a primeira obrigação do Diógenes coroado [deveria ser] renunciar ao trono e ao cetro”, Tobias Barreto parece querer destacar a incoerência entre o fato de um rei se autoproclamar defensor da liberdade e, por outro lado, exercer um domínio – potencialmente tão opressor – sobre toda uma nação.

887 *Ein offener Brief...* [1878], p. 37 e 38 (SR). No original – e na tradução de Chacon: “O! wann wird diese Posse aufhören? Die schon ziemlich veraltete Posse eines ernstlich liberalen Königs, so etwas Unnatürliches und Widerspruchsvolles, wie ein eisernes Holz oder ein geflügelter Ochs, um nicht mit Castellar von einem gottlosen Gott zu reden?... Was würde der hämische Metternich gesagt haben, er, dem seine Zeit ein liberaler Papst wie eine Larve aussah, wenn er dieses neue Fantasie-Gebilde königlichen Liberalismus erlebt hätte? Ein König als Philosoph, ein König als Kennen und Verächter menschlicher Eitelkeiten, zählt nicht zu den Absurden, ist mir vielmehr ganz und gar verständlich; dennoch will es mir scheinen, als wäre in solchem Falle die erste Pflicht des gekrönten Diogenes, auf Thron und Zepter zu verzichten” – “Oh! Quando acabarão estas farsas? A farsa já algo envelhecida de um severo rei liberal, alto [*sic*] tão antinatural e contraditório como uma madeira de ferro ou um boi voador, para não se falar, com Castellar, de um Deus ateu?... Que diria o ambicioso Metternich, a quem, no seu tempo, um Papa liberal parecia um verme, se tivesse vivido esta nova fantasia de um monárquico liberalismo? Um rei, enquanto filósofo, um rei conhecedor e desprezador das vaidades humanas, não consta dos absurdos, é muito mais e mais compreensível; contudo quer me parecer que implicaria, nos tais casos, renunciar ao trono e ao cetro o primeiro dever do Diógenes coroado” (Tobias Barreto, 1990b, p. 210-213). Repare que Romero traduz “verständlich” por “inteligível”, quando na verdade o termo designa justamente o oposto: “inteligível” ou “compreensível”, como traduz Chacon (TT&RX).

888 *Delíquios*: eclipses, abatimentos – literalmente, desmaios.

889 *Pasquineiro*: difamador, caluniador – literalmente, autor de pasquim.

Um dos exemplos do modo anticientífico pelo qual entre nós se apreciam as nossas lutas políticas e sociais, temo-lo na maneira pela qual se têm julgado as nossas pequeninas revoluções anteriores e posteriores à Independência. É ou o elogio desponderado ou a detração [difamação] caprichosa a todas elas, conforme os móveis [motivos] do escritor. É o que acontece, *verbi gratia* [por exemplo]⁸⁹⁰, com *O Primeiro Reinado*⁸⁹¹, livro informe [tosco] e desconchavado [disparatado] aparecido, há pouco, no Rio de Janeiro. Seu autor amesquinha 1822, Pedro I e os Andradas⁸⁹², pelo que pouco acuso, para depois, elogiar desbragadamente [despudoradamente], e sem critério, a 1831 e a Evaristo da Veiga!... Feito o balanço, onde [estão] os motivos desta predileção acintosa⁸⁹³ e anticientífica? Percebe-se perfeitamente que o autor desse livro é ainda um daqueles para quem Pedro I foi um herói, José Bonifácio um sábio, Antônio Carlos um profeta e Evaristo um gênio!... Quis em parte curar-se de semelhante mania quanto aos primeiros; mas a conservou para o último! De forma que não temos tido senão pasquineiros e declamadores. É o que se dá com os juízos sobre o nosso governo de uma parte, e o povo de outra; ou elogiam a ambos, ou um em detrimento do outro. Precisamos de um método mais elevado e justo.

Passando em revista os velhos partidos, Tobias escreveu com força e verdade, e mostrou-se desligado de todos. Mas os que também estamos desligados de todos os bandos políticos do país e que pertencemos à república oportunista – não ao molde pelo qual se nos a tem proposto, e sim como ela há de ser preparada pela força da história e fundamentada pela ciência – podemos contar com Tobias

890 Em latim no original.

891 Referência ao livro *O Primeiro Reinado estudado à luz da ciência – ou A Revolução de 7 de abril de 1831, justificada pelo direito e pela história*, de Luiz Francisco da Veiga (1834-1899) (cf. Veiga, 1877).

892 Referência aos irmãos José Bonifácio (1763-1838), Antônio Carlos (1773-1845) e Martim Francisco (1775-1844), que tiveram um papel de destaque na Independência do Brasil e na política do Primeiro Reinado (1822-1831).

893 *Acintosa*: com acinte (isto é, com a intenção de ofender ou provocar).

Barreto de nosso lado. Ele tem *pejo* da república, mas da república de Borges da Fonseca e de Barros Bulcão, a república dos pedantes e amaldiçoadores, dos ignorantes e malucos... Dessa livre-nos Deus⁸⁹⁴.

Cheguemos ao nosso termo.

O leitor já deve, desde muito, ter percebido as conclusões deste livro, qual a filosofia de seu autor. Tenho mister [necessidade], contudo, de tocar ainda nesse ponto e defender-me de uma objeção pessoal. Esta versa sobre o fato – que aos olhos de alguns equivale a um sinal de incompetência para tratar de assuntos científicos – de ser o autor deste livro *poeta*⁸⁹⁵ e bacharelado [bacharel] em *direito*. Antes de tudo, cumpre-me ponderar que eu não devo ser julgado *a priori* e sem ser lido, mas à vista de meus escritos e depois destes meditados. É isto simplesmente coisa a que todo o escritor, grande ou pequeno, tem direito.

Mas que o fato de escrever alguém poesias não o fere com o estigma de incapaz de cultivar outros ramos das manifestações intelectuais, basta lembrar o caso de Goethe poeta e naturalista na Alemanha, de Disraeli poeta e homem de Estado na Inglaterra, de Quinet poeta e historiador em França, de Gubernatis poeta e mitólogo na Itália, de Herculano poeta e historiador em Portugal. Quanto a

894 Eu não sei se o leitor conhece Borges da Fonseca e Barros Bulcão. São dois bacharéis infelizes, partidários da república universal, residentes em Pernambuco, não sei se já falecidos, e que foram por muitos anos a encarnação a mais perfeita da velha democracia brasileira (SR). Por “Borges da Fonseca”, Romero possivelmente se refere a Antônio Borges da Fonseca (1808-1872), que foi um dos líderes da Praieira (1848-1850) e, ainda que não tivesse o diploma de bacharel, exerceu a advocacia em Pernambuco durante o século XIX. Em relação a “Barros Bulcão”, a referência é incerta. Não há, nas listas de bacharéis da Faculdade de Direito do Recife e da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, ninguém com tal sobrenome. Isso levou o professor Paulo Margutti a conjecturar que Romero teria se confundido ao se referir a Francisco do Rego Barros (1802-1870), que foi – pelo partido conservador, entre 1837 e 1844 – presidente da província de Pernambuco (o que hoje equivaleria ao cargo de governador do estado) e se opôs aos praiheiros. Diferentemente de Antônio Borges da Fonseca, Francisco do Rego Barros diplomou-se bacharel (em matemática, pela Universidade de Paris). Se essas suposições são corretas, Romero os estaria mencionando como defensores de tipos análogos de uma república universal, ainda que eles fossem inimigos políticos (TT&RX).

895 Vale notar que, em 1883, poucos anos após a publicação de *A Filosofia no Brasil*, Romero abandonou definitivamente a poesia depois do lançamento de seus *Últimos harpejos*.

ser bacharelado em direito, é suficiente não esquecer que se deve distinguir entre o que se aprende nas nossas nulas Academias e o que fora delas se pode estudar. É certo que para dar-se uma direção positiva às ideias, é preciso comprimir e afugentar delas tudo quanto ali se ensina.

Pelo que me toca, há sido⁸⁹⁶ a minha vida intelectual uma constante e dolorosa luta para arredar da mente o que nela foi depositado pelo ensino secundário e superior que me inocularam, e substituir tão frágeis e comprometedoras noções por dados científicos. Ora, por ter-se um diploma de *direito*, em tais circunstâncias, não é isso um empecilho invencível.

Como não o foi para Édouard Lartet ser um dos promotores da moderna paleontologia humana; como o não foi para Rudolf von Ihering transplantar para o direito as modernas noções das ciências biológicas; para Teófilo Braga ser o primeiro historiador crítico da literatura de seu país, e um dos iniciadores do positivismo acolá! E é o que também se dá em nosso país com Tobias Barreto, o nosso primeiro filósofo crítico; com o Visconde do Rio Grande⁸⁹⁷, o nosso primeiro naturalista filósofo; com o Dr. Couto de Magalhães, o nosso primeiro etnólogo. À luz de tais ideias e fatos, bem se compreende a que fica reduzida a objeção pessoal que me pode ser assacada [caluniosamente imputada] por algum dos nossos médicos e engenheiros, cujos cursos de estudos não são, aliás, melhor organizados, entre nós, do que os cursos de direito. Todavia, eu não me quero dar por mais do que sou em matéria literária e científica, isto é: um simples discípulo, que busca somente ser aplicado e consciencioso, diligente e emancipado. Quem dera que todos os nossos pretendidos *savants*⁸⁹⁸ tivessem esta franqueza.

896 *Há sido*: tem sido.

897 Referência a José de Araújo Ribeiro (1800-1879), estudado por Romero no capítulo VIII.

898 Em francês, estudiosos, eruditos – literalmente, sabedores. O termo é usado de forma irônica por Romero.

O meu sistema filosófico reduz-se a não ter sistema algum; porque um sistema prende e comprime sempre a verdade.

Sectário convicto do *positivismo* de Comte, não na direção que este lhe deu nos últimos anos de sua vida, mas na ramificação capitaneada por Émile Littré, depois que travei conhecimento com o *transformismo*⁸⁹⁹ de Darwin, procuro harmonizar os dois sistemas num *criticismo*⁹⁰⁰ amplo e fecundo⁹⁰¹.

Nem é isto alguma novidade esquisita, quando a tendência filosófica principal na Alemanha, Inglaterra, França, Itália e Espanha na atualidade é justamente este *criticismo* independente, firmado nos dados positivos, espécie de *neokantismo*, não por ir pedir ideias a Kant; mas por tomar-lhe o espírito. Neste sentido o moderno “es muß auf Kant zurückgegangen werden”⁹⁰² é verdadeiro.

899 Sobre o *transformismo*, conferir a nota 382, no capítulo VII.

900 O *criticismo* é a “doutrina kantiana que estuda as condições de validade e os limites do uso que podemos fazer de nossa razão pura. Por extensão, toda doutrina que faz da crítica do conhecimento a condição prévia da pesquisa filosófica. Quando tenta situar sua própria filosofia, Kant o faz relativamente a dois perigos: a) o perigo do *dogmatismo*, que confia demasiado na razão, sem desconfiar [o] bastante das ilusões especulativas; b) o perigo do *empirismo* que, por medo dos erros dogmáticos, tende a reduzir tudo à experiência. O *criticismo* kantiano procura instaurar um justo uso da razão, após fazer uma triagem daquilo que lhe é possível e daquilo que lhe escapa. Ao colocar a questão básica ‘O que é conhecer?’, transforma os dados da resposta afirmando que, no conhecimento, o sujeito não apreende as coisas tais como são ‘em si’, mas as submete à sua lei, isto é, às formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e às categorias de seu entendimento” (Japiassú & Marcondes, 2001).

901 Diz o Sr. Miguel Lemos, nos seus *Pequenos ensaios positivistas* [1877], que a obra do Dr. Luiz Pereira Barreto foi o que primeiro se publicou no Brasil sobre o positivismo. É certo como livro; mas, em jornais, pelo que pude colher e posso asseverar, os primeiros escritos em que vi exposto aquele sistema, em língua portuguesa, foram uns artigos de Tobias Barreto publicados n’*O Correio Pernambucano* em 1869. Desde esse tempo comecei também a estudar e a escrever sobre esta ordem de ideias. Veja-se o meu escrito “A prioridade de Pernambuco no movimento intelectual brasileiro” (SR). Romero possivelmente alterou o título de seu ensaio, publicado no ano seguinte do lançamento de *A Filosofia no Brasil*, para “A prioridade de Pernambuco no movimento espiritual brasileiro” (*Revista Brasileira*, primeiro ano, tomo II, p. 486-496 – cf. Romero, 1879) (TT&RX).

902 Em alemão, “é preciso voltar a Kant” – frase de Otto Liebmann (1840-1912) que se tornou uma espécie de lema dos filósofos neokantianos. Romero altera apenas a primeira palavra da citação – que começa com “Also muß...” [“Então, é preciso...”] –, que encerra o quarto capítulo do livro *Kant und die Epigonen* [*Kant e os epígonos*], publicado originalmente em 1865 (cf. Liebmann, 1912).

As tendências filosóficas da Alemanha hoje se podem reduzir a três: o pessimismo, o naturalismo monístico⁹⁰³ e o criticismo. O primeiro é uma continuação da metafísica⁹⁰⁴; o segundo uma reação contra ela, exagerando-se, porém, um pouco como concepção sistemática; o último aproveita as conquistas deste, sendo mais livre e despreocupado⁹⁰⁵.

Na França, o movimento filosófico apresenta também agora três tendências características: o espiritualismo eclético⁹⁰⁶, o positivismo ortodoxo e o criticismo. O primeiro é um resto da escola de Cousin; o outro uma reação profunda e capital contra a metafísica, exagerando-se, por sua vez, como organização sistemática; o último aproveita-se das conquistas modernas e é mais justo. É o que se dá com a Inglaterra; existe também ali uma tendência crítica, mui [muito] distinta do criticismo antigo, e onde se deparam com alguns dos primeiros nomes da ciência moderna, como Huxley, Tyndall, Bain e Lewes.

Entretanto, certos pequenos e emperrados positivistas brasileiros – incapazes de dar-se conta do estado atual do pensamento de tais sábios, alemães e ingleses citados por último, cujos trabalhos de todo desconhecem – julgam que a ciência humana está toda contida no *Curso*⁹⁰⁷ de Comte, e nos livros de Littré⁹⁰⁸. E, quando se lhes diz que

903 Sobre o *monismo*, conferir a nota 79, no capítulo II.

904 Sobre a *metafísica*, conferir a nota 37, no capítulo I.

905 Os promotores deste criticismo podem-se considerar os célebres naturalistas, dos mais conspícuos de nosso tempo: Helmholtz, du Bois-Reymond, Virchow e Carl von Nägeli. Veja-se do primeiro: *O pensamento em medicina*, e mais *A liberdade acadêmica nas universidades alemãs*; do segundo: *Darwin contra Galiani*, *História da ciência*, *A história da civilização e as ciências naturais*, e também *O Ensaio sobre os limites da ciência*; do terceiro: *A liberdade da ciência no Estado moderno*; e do quarto: *Os limites da ciência*. Estes escritos são conferências públicas destes sábios em algumas cidades da Alemanha (SR). Cf. Helmholtz (1877a e 1887b), du Bois-Reymond (1876, 1872a, 1877 e 1872b), Virchow (1877) e Nägeli (1878) (TT&RX).

906 Sobre o *espiritualismo* e o *eclétismo*, conferir as notas 47 e 33, no capítulo I.

907 Isto é, o *Curso de filosofia positiva*, ministrado em 1829 por Augusto Comte e publicado pela primeira vez no ano seguinte (cf. Comte, 1869).

908 Assim me exprimindo, não me refiro ao Dr. Luiz Pereira Barreto, cujos artigos últimos, por exemplo, a respeito do retrógrado e medíocre Conselheiro José Bonifácio são das melhores críticas objetivas que tenho lido neste país (SR).

o positivismo não é só o deles – e nem é um privilégio seu, porque ele é mais vasto do que o fizeram aqueles dois ilustres franceses –, acham o dito de todo exagerado.

Julgam, por exemplo, que a transformação do *comtismo*⁹⁰⁹ pela doutrina *darwinica* é um fenômeno impossível! A semelhante desconchavo [disparate], indigno de pessoas que pensam, não acho que seja preciso subir a uma demonstração detalhada. Basta indicar um fato concreto e salientíssimo, quais são as *obras* de Herbert Spencer.

Eu não sei se ainda haverá entre homens que se ocupam de filosofia quem ignore que este célebre escritor inglês – que como pensador é mais profundo do que Littré (apesar deste não ser só para mim o que dele disse Michelet) –, cujo monumento filosófico tomado no seu todo é mais imponente do que o do próprio Comte, eu não sei se ainda haverá, digo, quem ignore que ele abraçou *muitas ideias* deste último e repeliu outras, e que também desenvolveu e fecundou a sua doutrina pelo *darwinismo* de que foi até um dos predecessores. Eis aí a possibilidade da junção harmônica das duas correntes de ideias, sem dúvida alguma, as mais fecundas que nosso século [XIX] viu surgir.

Sou eu, pois, sectário do positivismo e do transformismo? Sim; entendendo-os, porém, de um modo largo e não sacrificando a minha liberdade de pensar a certas imposições caprichosas que os sistemas possam, por ventura, apresentar⁹¹⁰.

Um ponto em que se pode bem apreciar a diferença que vai de um tal criticismo científico para os sistemas exclusivos é o célebre debate da origem do universo. Lançando os olhos sobre a filosofia

909 *Comtismo*: doutrina ou sistema filosófico atribuído a Auguste Comte e seus sucessores.

910 Vide Silvério Lagreca, *O naturalismo em medicina* (SR). Referência à tese de Lagreca, *O naturalismo em medicina – ou dos progressos da medicina moderna*, 1876, apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia. De acordo com os registros da instituição, Silvério Lagreca recebeu seu diploma no mesmo ano – 1875 – que Domingos Guedes Cabral. Diferentemente de seu colega de profissão, Lagreca não teve uma recepção negativa de sua tese, que, como se pode ler em seu frontispício, foi escrita originalmente na Itália – onde Lagreca recebeu o título de Doutor em Medicina pela Universidade de Nápoles – e depois foi traduzida para o português para a validação de seu diploma no Brasil (TT&RX).

contemporânea, três respostas capitais se deparam sobre tão magna questão: a dos materialistas puros, que continuam a tradição do materialismo seco do século passado [XVIII], que dizem ser tal origem a *força*; a dos espiritualistas fanáticos, continuadores dos teósofos⁹¹¹ de todos os tempos, que dizem ser ela *Deus*; e a dos positivistas⁹¹² clássicos que proclamam estar ela além de nosso alcance intelectual. A primeira resposta é simplesmente pretensiosa; porquanto [pois], o que vem a ser a *força*, e que *força* é essa existindo no vácuo?

E, se existe adjunta à *massa*, como querem os geômetras, de onde veio essa massa? A questão subsiste de pé. A segunda também é puramente caprichosa em dar-nos Deus como um objeto de ciência, e cuja vida e ação íntimas são tão conhecidas como se determina, por exemplo, o desenvolvimento de um animal ou a marcha de uma moléstia [doença]. A terceira é evidentemente um progresso sobre ambas; ninguém dirá, contudo, que esclareceu o debate. “C’est un océan qui vient battre notre rive, et pour le quel nous n’avons ni barque ni voile” [“É um oceano que vem invadir o nosso litoral e para o qual não temos nem barco nem vela”]⁹¹³. Muito bem, como meio de resignação e não como um achado científico especial. O criticismo entende que se deve distinguir aí entre a *origem* e a *formação* ou desenvolvimento do universo. Esta última é explicável pelas leis descobertas pela ciência moderna, como sejam a imanência, a unidade dos seres, a evolução, a transformação e equipolência [equivalência] das forças... Quanto, porém, à origem, é mister recorrer-se a um princípio superior, qualquer que ele seja, e cuja natureza não pôde

911 *Teósofos*: aqueles que praticam ou ensinam a *teosofia*, que, segundo Domingos Vieira (1871), é a “especulação de certos iluminados que pretendem pôr-se em comunicação com a Divindade, em receber dons particulares, em dirigir, ou combater a sua influência ou intervenção, quer por intermédio dos demônios em certos fenômenos que se supõem contrários às leis naturais, quer por intermédio dos astros, ou dos fluídos”. O mesmo dicionário também destaca que, para Kant, o teosofismo é o “sistema dos filósofos que, como Malebranche, creem ver tudo em Deus”.

912 Sobre o *positivismo*, conferir a nota 275, no capítulo VI.

913 Em francês no original. Citação extraída da obra de Émile Littré, *Auguste Comte et la philosophie positive* [Auguste Comte e a filosofia positiva] (1864, p. 519).

ainda ser determinada cientificamente, mas que pode ainda sê-lo de modo incontestável, e que não é nem a *força* dos físicos, nem a *massa* dos matemáticos, nem o *Deus* amesquinhado de certos teólogos.

Aí é que sempre apareceu o Deus vivificante, que sempre alegrou o coração popular.

Quanto à ciência em geral, com seus problemas e as suas trevas, o criticismo não tem presunções. Pelo órgão de du Bois-Reymond pronuncia sobre muitas questões o *ignoramus et ignorabimus* [ignoramos e ignoraremos]⁹¹⁴. Pelo de Nägeli: “Renunciemos ao impossível, e contentemo-nos, como homens finitos e passageiros que somos, com as vistas humanas, sem querer pretender a um saber divino. Nós poderemos dizer então com toda a confiança:

“*Wir wissen und wir werden wissen*

“*Nós sabemos e nós saberemos*”⁹¹⁵.

914 Em latim no original. A expressão também já foi interpretada como “nós não sabemos e *nunca* saberemos”. A frase foi popularizada pelo fisiologista alemão Emil du Bois-Reymond, em seu discurso “Sobre os limites do conhecimento da natureza” [“Über die Grenzen des Naturerkennens”], de 1872 (cf. du Bois-Reymond, 1912, p. 464).

915 Carl von Nägeli, de Munique, “Les bornes de la science” [“Os limites da ciência”], inserto na *Revue Scientifique*, de Paris, nº [41], de 13 de abril de 1878 (SR). Vale observar que Nägeli era suíço, mas foi professor durante muitos anos na Universidade de Munique (por isso, a descrição “de Munique”). Embora o próprio Romero traduza a citação da passagem, ele preserva a última frase em alemão (sem mencionar sua tradução correspondente em francês ou português). Eis o trecho original: “Renonçons à l'impossible et contentons-nous, en hommes finis et passagers que nous sommes, de vues humaines, sans vouloir prétendre à un savoir divin. Nous pourrions dire alors en toute confiance : *Wir wissen und wir werden wissen*. / Nous savons et nous saurons” (Nägeli, 1878, p. 969) (TT&RX).

ANEXOS

ÍNDICE ONOMÁSTICO^I

- Abreu e Lima, *General* José Ignacio de (1794-1869), escritor e militar brasileiro – cap. X e conclusão
- Agassiz, Louis (1807-1873), geólogo e biólogo suíço – cap. VII
- Ahrens, Heinrich (1808-1874), filósofo e jurista alemão – cap. III e VI
- Alberto de Carvalho – ou Alberto Marques de Carvalho, que também assinava com o pseudônimo Octavio Carvora (1850-1918), advogado e escritor nascido no Rio de Janeiro – conclusão
- Alencar, José de (1829-1877), escritor e político brasileiro – cap. X
- Ampère, André-Marie (1775-1836), físico e matemático francês – cap. VII
- Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva (1773-1845), político e desembargador brasileiro – conclusão
- Aristóteles (c. 384-322 a.C.), filósofo grego – cap. V e VI
- Arthur Napoleão dos Santos (1843-1925), pianista português naturalizado brasileiro, cujo nome dá título a um poema de Tobias Barreto – cap. X
- Assier, Adolphe d' (1827-1889), professor, escritor e explorador francês – cap. I e VIII
- Auerbach, Berthold (1812-1882), escritor alemão – cap. X
- Bacon, Francis (1561-1626), filósofo inglês – cap. I e VI

1 Na organização do índice em ordem alfabética, priorizamos o uso do primeiro nome de alguns autores, em casos nos quais Romero assim o fez (como nas referências a “Arthur Napoleão” e “Tomás de Aquino”). Também desconsideramos preposições – como “de”, “du” ou “von” – e títulos – como “Frei”, “Dom” ou “Visconde” (que também colocamos em itálico, para que não sejam confundidos com nomes próprios).

- Bain, Alexander (1818-1903), filósofo escocês – cap. VI, VII, IX, X e conclusão
- Balmes, Jaime (1810-1848), filósofo e teólogo espanhol – cap. IV e X
- Bandeira Filho, Herculano – ou Antônio Herculano de Souza Bandeira Filho (1854-1890), advogado, filósofo, político e escritor brasileiro – conclusão
- Barthez, Paul-Joseph (1734-1806), médico e enciclopedista francês – cap. III
- Bauer, Bruno (1809-1882), historiador, filósofo e teólogo alemão – cap. VII
- Baur, Ferdinand Christian (1792-1860), teólogo alemão – cap. X
- Beethoven, Ludwig van (1770-1827), compositor alemão – cap. IV
- Bell, Charles (1774-1842), médico e escritor escocês – cap. IX
- Berkeley, George (1685-1753), filósofo irlandês – cap. I
- Berzelius, Jöns Jacob (1779-1848), químico sueco – cap. VIII
- Bichat, Xavier (1771-1802) patologista francês – cap. I e VII
- du Bois-Reymond, Emil (1818-1896), fisiologista alemão – conclusão
- Bossuet, Jacques-Bénigne (1627-1704), bispo e teólogo francês – cap. VI
- Boussinesq, Joseph Valentin (1842-1929), físico e matemático francês – cap. IX
- Bolyai, János (1802-1860), matemático húngaro – cap. VI
- Boucheporn, Félix de (1811-1857), geólogo francês – cap. VI e VIII
- Boutigny, Pierre-Hippolyte (1798-1884), químico francês – cap. VIII
- Braga, Teófilo (1843-1924), poeta, historiador, ensaísta e presidente português – cap. X e conclusão
- Brandes, Georg (1842-1927), escritor e crítico literário dinamarquês – cap. X

- Broussais, François (1772-1838), médico francês – cap. I e VII
- Brown-Séguard, Charles-Édouard (1817-1894), neurologista oriundo de Maurício (na época, uma colônia britânica) – cap. IX
- Buchanan, Robert Williams (1841-1901), poeta, romancista e dramaturgo escocês – conclusão
- Büchner, Ludwig – ou, em português, Luís Büchner (1824-1899), filósofo alemão – cap. I, IV, VI, VII e IX
- Buckle, Henry Thomas (1821-1862), historiador britânico – cap. VI, VII, IX e X
- Buffon, *Conde de* – ou Georges-Louis Leclerc (1707-1788), naturalista e matemático francês – cap. VIII
- Bunsen, Robert (1811-1899), químico alemão – cap. VIII
- Burnouf, Émile (1821-1907), orientalista e helenista francês – cap. X
- Byron, Lord – ou George Gordon Byron (1788-1824), poeta inglês – cap. X
- Frei* Caetano de Messina – ou Santi Lentini (1807-1878), missionário italiano que viveu no Brasil – cap. VII
- Cândido Mendes de Almeida (1818-1881), jornalista, advogado e político brasileiro – cap. VIII
- Carlyle, Thomas (1795-1881), historiador e ensaísta escocês – cap. X
- Castelar y Ripoli, Emilio (1832-1899), político e escritor espanhol – conclusão
- Castilho, *Visconde de* – ou Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875), escritor, pedagogo e tradutor português – cap. X
- Castrén, Matthias (1813-1852), etnólogo e filólogo finlandês – cap. X
- Castro Alves, Antônio Frederico de (1847-1871), poeta brasileiro – cap. X
- Cayru, *Visconde de* – ou José da Silva Lisboa (1756-1835), economista e político brasileiro – cap. I

- Charcot, Jean-Martin (1825-1893), neurologista francês – cap. IX
- Chateaubriand, François-René de (1768-1848), escritor e político francês – cap. X
- Chillingworth, William (1602-1644), teólogo inglês – cap. X
- Chladni, Ernst (1756-1827), físico e músico alemão – cap. VIII
- Chwolson, Daniel (1819-1911), orientalista russo – cap. X
- Coelho, Francisco Adolfo (1847-1919), pedagogo, filólogo e escritor português – cap. X
- Comte, Auguste – ou, em português, Augusto Comte (1798-1857), filósofo francês – cap. I, IV, VI, VII, VIII, X e conclusão
- Condillac, Étienne Bonnot de (1714-1780), filósofo francês – cap. I, II e III
- Cousin, Victor (1792-1867), filósofo francês – cap. I, II, III, IV, VI, X e conclusão
- Couto de Magalhães, José Vieira (1837-1898), político, militar, folclorista e etnólogo brasileiro – conclusão
- Cuvier, Barão de – ou Jean Léopold Nicolas Frédéric (1769-1832), naturalista e zoólogo francês – cap. I e VIII
- Damiron, Jean-Philibert (1794-1862), filósofo francês – cap. IV
- Darwin, Charles (1809-1882), naturalista, geólogo e biólogo britânico – cap. I, III, IV, VI, VII, VIII, X e conclusão
- Delaunay, Charles-Eugène (1816-1872), matemático e astrônomo francês – cap. VIII
- Delbœuf, Joseph (1831-1896), matemático, filósofo e psicólogo belga – cap. II, VII, VIII e IX
- Descartes, René (1596-1650), filósofo e matemático francês – cap. I e X
- Destutt de Tracy, Antoine (1754-1836), filósofo francês – cap. II

- Diderot, Denis (1713-1784), filósofo e escritor francês, conhecido por ser editor-chefe da *Encyclopédia* – cap. II
- Diógenes de Sinope (c. 412-323 a.C.), filósofo grego – conclusão
- Disraeli, Benjamin (1804-1881), político e escritor inglês – cap. X e conclusão
- Donoso Cortés, Juan (1809-1853), escritor e estadista espanhol – cap. IV
- Dorner, August Johannes (1846-1920), teólogo e filósofo alemão – cap. X
- Draper, John William (1811-1882), filósofo e cientista estadunidense (nascido na Inglaterra) – cap. X
- Dupuis, Charles-François (1742-1809), escritor e político francês – cap. X
- Duval, Mathias-Marie (1844-1907), médico francês – cap. II
- Emerson, Ralph Waldo (1803-1882), filósofo e poeta estadunidense – cap. X
- Espinosa, Baruch (1632-1677), filósofo holandês – cap. I, IV, V e X
- Euclides (séculos IV-III a.C.), matemático grego – cap. VI
- Euler, Leonhard (1705-1783), físico e matemático suíço – cap. I
- Evaristo da Veiga (1799-1837), poeta, jornalista, livreiro e político brasileiro – conclusão
- Ewald, Heinrich (1803-1876), teólogo e historiador alemão – cap. VII e X
- Ferrier, David (1843-1928), neurologista e psicólogo escocês – cap. IX
- Feuerbach, Ludwig (1804-1872), filósofo alemão – cap. IV
- Fichte, Johann Gottlieb (1762-1814), filósofo alemão – cap. I e IV
- Fídias (c. 490-430 a.C.), escultor grego – cap. VI

- Flourens, Pierre (1794-1867), fisiologista francês – cap. III
- Fouqué, Ferdinand André (1828-1904), geólogo francês – cap. VIII
- Franck, Adolphe, (1810-1893), filósofo francês – cap. VII
- Fresnel, Augustin (1788-1827), físico francês – cap. VIII
- Gabelli, Aristide (1830-1891), pedagogo italiano – cap. VII
- Galileu Galilei (1564-1642), matemático, físico e astrônomo italiano – cap. VI
- Gambetta, Léon (1838 -1882), político francês – conclusão
- Ganganelli – pseudônimo de Joaquim Saldanha Marinho (1816-1895), jornalista e político brasileiro – cap. VII, X e conclusão
- Garnier, Adolphe (1801-1864), filósofo francês – cap. II e X
- Garrett, *Visconde* de Almeida – ou João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett (1799-1854), escritor e político português – cap. X
- Garrido Tortosa, Fernando (1821-1883), político e escritor espanhol – cap. X
- Gassendi, Pierre (1592-1655), filósofo e astrônomo francês – cap. I
- Gauss, Carl Friedrich (1777-1855), matemático, astrônomo e físico alemão – cap. VI
- Gautier, Armand (1837-1920), químico francês – cap. VIII
- Geiger, Abraham (1810-1874), teólogo alemão – cap. X
- Genovesi, Antonio – ou, em português, Antonio Genuense (1712-1769), filósofo político italiano – cap. I
- Gervinus, Georg Gottfried (1805-1871), historiador e político alemão – cap. VI
- Gioberti, Vincenzo (1801-1852), filósofo e estadista italiano – cap. IV
- Gluck, Christoph Willibald (1714-1787), compositor alemão – cap. IV

- Goethe, Johann Wolfgang von (1749-1832), poeta, dramaturgo, romancista, cientista, estadista, diretor de teatro e crítico alemão – cap. II, VII, X e conclusão
- Gratry, Alphonse (1805-1872), padre e filósofo francês – cap. IV
- Gubernatis, Angelo de (1840-1913), poeta, filólogo e orientalista italiano – conclusão
- Guillemin, Amédée (1826-1893), cientista francês – cap. VIII
- Guizot, François (1787-1874), historiador francês – cap. VII
- Haeckel, Ernst (1834-1919), naturalista e filósofo alemão – cap. III, IV, VI, VII, VIII e X
- Hamilton, William (1788-1856), filósofo escocês – cap. I e VII
- Hartmann, Eduard von (1862-1906), filósofo alemão – cap. III, IV, VI, VIII e X
- Haydn, Joseph (1732-1809), compositor austríaco – cap. IV
- Helmholtz, Hermann von (1821-1894), filósofo alemão – cap. I e conclusão
- Hegel, Georg Wilhelm Friedrich (1770-1831), filósofo alemão – cap. I e IV
- Herculano, Alexandre (1810-1877), escritor português – cap. X
- Herder, Johann Gottfried von (1744-1803), filósofo, teólogo e poeta alemão – cap. X
- Herschel, William (1738-1822), astrônomo e compositor alemão (naturalizado inglês) – cap. VIII
- Herzen, Alexandre Alexandrovitch (1839-1906), médico suíço nascido na Rússia – cap. III e IX
- Hettner, Hermann (1821-1882), historiador e museólogo alemão – cap. VII
- Hooker, Joseph Dalton (1817-1911), botânico, naturalista e explorador inglês – cap. VII

- Huet, François (1814-1869), filósofo francês cap. VII
- Hume, David (1711-1776), filósofo escocês – cap. I e VII
- Huggins, William (1824-1910), astrônomo inglês – cap. VIII
- Hugo, Victor (1802-1885), poeta e escritor francês – cap. X
- Huxley, Thomas Henry (1825-1895), biólogo e antropólogo inglês – cap. III, IV, VII e conclusão
- Huygens, Christian (1629 -1695), físico, matemático e astrônomo holandês – cap. VIII
- Ihering, Rudolf von (1818-1892), jurista alemão – conclusão
- Itaparica, *Frei* Antônio da Virgem Maria – ou Antônio Joaquim da Silva (1813-1879), teólogo e professor de filosofia brasileiro – cap. X e conclusão
- Janet, Paul (1823-1899), filósofo e escritor francês – cap. VI, VII e IX
- Jobert, Antoine Claude Gabriel (1797- c. 1855), filósofo e geólogo francês – cap. X
- José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), naturalista, estadista e poeta brasileiro, também conhecido como o *Patriarca* da Independência do Brasil – cap. I e conclusão
- Conselheiro José Bonifácio de Andrada e Silva – também conhecido como José Bonifácio, o Moço (1827-1886), poeta e senador brasileiro – conclusão
- Jouffroy, Théodore (1796-1842), filósofo francês – cap. I, II, III, IV e X
- Kant, Immanuel (1724-1804), filósofo e geógrafo alemão – cap. I, IV, V, VII, VIII e conclusão
- Kepler, Johannes (1571-1630), astrônomo e matemático alemão – cap. VIII
- Kirchhoff, Gustav (1824-1887), físico alemão – cap. VIII
- Klaproth, Martin Heinrich (1743-1817), químico e farmacêutico alemão – cap. VIII

- Knobel, August Wilhelm (1807-1863), teólogo alemão – cap. X
- Koseritz, Carlos von – ou Karl von Koseritz (1834-1890), jornalista alemão naturalizado brasileiro, a quem Romero dedica *A filosofia no Brasil* – cap. X e conclusão
- Krause, Karl (1781-1832), filósofo alemão – cap. IV e VI
- Kreuser, Johann Peter Balthasar (1795-1870), teólogo alemão – cap. VII
- Küss, Émile (1815-1871), médico, jornalista e estadista francês – cap. II
- Laffitte, Pierre (1823-1903), filósofo francês – cap. VII
- Lagreca, Silvério – nascido Saverio Lagreca (1847-1899), médico italiano que exerceu a medicina em Pernambuco no final da década de 1870 – conclusão
- Lamarck, Jean-Baptiste de (1744-1829), naturalista e biólogo francês – cap. I, VII e VIII
- Lamartine, Alphonse de (1790-1869), político, poeta e escritor francês – cap. X
- La Mettrie, Julien Offray de (1709-1751), médico e filósofo francês – cap. VI
- Laplace, Pierre-Simon (1749-1827), físico, astrônomo e matemático francês – cap. VII, VIII e X
- Laromiguière, Pierre (1756-1837), filósofo francês – cap. I
- Lartet, Édouard (1801-1871), paleontólogo francês – conclusão
- Lassen, Christian (1800-1876), orientalista e filólogo alemão nascido na Noruega – cap. X
- Lasson, Adolf (1832-1917), filósofo alemão – cap. VIII
- Laurent, François (1810-1887), escritor, jurista e historiador belga, de origem luxemburguesa – cap. IV, VI e X
- Lazarus, Moritz (1824-1903), filósofo e psicólogo alemão – cap. VI e X

Leibniz, Gottfried Wilhelm (1646-1716), polímata e filósofo alemão – cap. I, V, VI e VIII

Lélut, Louis Francisque (1804-1877), médico e filósofo francês – cap. I

Lemos, Miguel (1854-1917), filósofo e jornalista brasileiro – conclusão

Lenormant, François (1837-1833), historiador, arqueólogo e filólogo francês – cap. X

Lévêque, Charles (1818 -1900), filósofo francês – cap. X

Lewes, George Henry (1817-1878), filósofo e crítico literário britânico – cap. IX e conclusão

Liais, Emmanuel (1826-1900), geólogo, astrônomo e botânico francês – cap. VIII

Littré, Émile (1801-1881), filósofo e lexicógrafo francês – cap. I, III, VI, VII e conclusão

Lobachevsky, Nikolai (1792-1856), matemático russo – cap. VI

Locke, John (1632-1704), filósofo inglês – cap. I e III

Longet, François Achille (1811-1871), médico francês – cap. II

Lordat, Jacques (1773-1870), médico e cirurgião francês, considerado um dos pioneiros da neuropsicologia – cap. III

Lotze, Rudolf Hermann (1817-1881), filósofo e médico alemão – cap. IX

Luys, Jules Bernard (1828-1897), neurologista francês – cap. IX

Lyell, Charles (1797-1875), geólogo escocês – cap. I e VIII

Macedo, Joaquim Manuel de (1820-1882), político e escritor brasileiro – cap. X

Maine de Biran – ou Marie François Pierre Gontier de Biran (1766-1824), matemático e filósofo francês – cap. I e II

Malebranche, Nicolas (1638-1715), filósofo francês – cap. I e III

- Mantegazza, Paolo (1831-1910), escritor, médico, antropólogo e estadista italiano – cap. X
- Marselli, Nicola (1832-1899), historiador e político italiano – cap. I, VII e X
- Metternich, Klemens von – ou Klemens Wenzel Nepomuk Lothar, Príncipe de Metternich-Winneburg zu Beilstein (1773-1859), político e diplomata austríaco nascido na Alemanha – conclusão
- Michaelis de Vasconcelos, Carolina Wilhelma (1851-1925), filóloga, crítica literária e escritora de origem alemã, reconhecida como a primeira mulher a se tornar professora em uma universidade portuguesa – a Universidade de Coimbra – e também pela autoria do *Dicionário Michaelis*, junto com sua irmã, Henriette Michaelis – cap. X
- Michelet, Jules (1798-1874), historiador e escritor francês – cap. I, VI, VII, X e conclusão
- Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni (1475-1564), pintor, escultor, poeta e arquiteto italiano – cap. VI
- Mill, John Stuart – ou Stuart Mill (1806-1873), filósofo inglês – cap. VI, VII e X
- Miller, William Allen (1817-1870), químico e astrônomo inglês – cap. VIII
- Milton, John (1608-1674), poeta inglês – cap. VI
- Miranda Azevedo, Augusto César de (1851-1907), médico, escritor e político brasileiro – conclusão
- Moleschott, Jacob (1822-1893), médico e escritor holandês – cap. IV, VII e IX
- Molière – pseudônimo de Jean-Baptiste Poquelin (1622-1673), dramaturgo francês – cap. VII
- Mommsen, Theodor (1817-1903), historiador alemão – cap. VI e VII

Moraes e Valle, Manoel Maria de – ou Manuel Maria de Morais e Vale (1824-1886), filósofo brasileiro e professor da Escola de Medicina do Rio de Janeiro – conclusão

Mozart, Wolfgang Amadeus (1756-1791), compositor austríaco – cap. IV

Müller, Max (1823-1900), orientalista, professor e filólogo alemão – cap. X

Nägeli, Carl von (1817-1891), botânico suíço – conclusão

Newton, Isaac (1643-1727), físico, matemático e astrônomo inglês – cap. VI e VIII

Nicolas, Auguste (1807-1888), escritor francês – cap. X

Nicolas, Michel (1810-1886), filósofo e teólogo francês – cap. X

Nunes Machado, Joaquim (1801-1849), desembargador e político brasileiro, foi um dos líderes da Revolução Praieira – conclusão

Oken, Lorenz (1779-1851), botânico e naturalista alemão – cap. I

Otfried Müller, Karl (1797-1840), arqueólogo e mitólogo alemão – cap. VII

Dom Pedro I – ou Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon (1798-1834), primeiro Imperador do Brasil, entre 1822 e 1831 – conclusão

Dom Pedro II – ou Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Bragança e Bourbon (1825-1891), segundo e último monarca do Império do Brasil, tendo sido coroado em 1841 e deixado o trono em 1889 – cap. IV e conclusão

Pereira, *Padre* Antônio – ou Antônio Pereira de Figueiredo (1725-1797), religioso e estudioso português conhecido por sua tradução da *Vulgata* (versão latina da *Bíblia*) – cap. V e X

- Pestalozzi, Johann Heinrich – ou João Henrique Pestalozzi (1746-1827), escritor, pedagogo e educador suíço – cap. X
- Pinel, Philippe (1745-1826), médico francês – cap. IX
- Plateau, Joseph (1801-1883), físico e matemático belga – cap. VIII
- Poitou, Eugène (1815-1880), escritor, crítico literário e magistrado francês – cap. VII
- Ponelle, Edme (1799-1842), filósofo francês – cap. I
- Pouchet, Félix Archimède (1800-1872), biólogo francês – cap. VII
- Quatrefages, Armand de (1810-1892), naturalista francês – cap. VII
- Quetelet, Adolphe (1796-1874), matemático, astrônomo, estatístico e sociólogo belga – cap. I, VI e IX
- Quépat, Nérée – pseudônimo de René Paquet d’Hauteroche (1845-1927), advogado, ornitólogo e historiador francês – cap. X
- Quinet, Edgar (1803-1875), poeta e historiador francês – cap. VI e conclusão
- Rafael Sanzio (1483-1520), pintor e arquiteto italiano – cap. VI
- Renan, Ernest (1823-1892), historiador, teólogo, filólogo e filósofo francês – cap. I, IX, X e conclusão
- Reybaud, Louis (1799-1879), economista francês – cap. VII
- Reuss, Édouard – ou Eduard Reuss (1804-1891), teólogo franco-alemão (natural da região na Alsácia) – cap. X
- Ribot, Théodule (1839-1916), filósofo francês – cap. VII
- Richelieu, Cardeal de – ou Armand Jean du Plessis (1585-1642), clérigo e político francês – cap. X
- Rocha Pita, Sebastião da (1660-1738), advogado, historiador e poeta luso-brasileiro – cap. X
- Romagnosi, Gian Domenico (1761-1835), jurista, filósofo e médico italiano – cap. I

Roque Barcia Martí (1821-1885), filósofo, lexicógrafo e político espanhol – conclusão

Rosmini, Antonio (1797-1855), teólogo e filósofo italiano – cap. IV

Rostan, Léon (1790-1866), médico francês – cap. I, II e III

Royer-Collard, Pierre Paul (1763-1845), estadista e filósofo francês – cap. II

Saint-Hilaire, Étienne Geoffroy (1772-1844), naturalista francês – cap. I

Saint-Simon, *Conde de* – ou Henri de Saint-Simon (1760-1825), filósofo e economista francês – cap. VII

São Carlos, *Frei Francisco de* – ou Francisco Carlos Teixeira da Silva (1763-1829), poeta e professor brasileiro – cap. I

São Leopoldo, *Visconde de* – ou José Feliciano Fernandes Pinheiro (1774-1847), escritor, magistrado e político brasileiro – cap. I

Saisset, Émile (1814-1863), filósofo francês – cap. IV

Sauze, Alfred (1828-1884), psiquiatra francês – cap. IX

Schelling, Friedrich Wilhelm Joseph von (1775-1854), filósofo alemão – cap. IV

Schérer, Edmond (1815-1889), teólogo e crítico literário francês – cap. X

Schiller, Friedrich (1759-1805), filósofo, poeta e dramaturgo alemão – cap. II

Schimper, Guillaume Philippe – ou Wilhelm Philipp (1808-1880), botânico e paleontólogo franco-alemão (natural da região da Alsácia) – cap. VIII

Schlegel, August Wilhelm (1767-1845), escritor, filósofo, tradutor e crítico literário alemão – cap. X

- Schlegel, Friedrich (1772-1829), escritor, filósofo, tradutor e crítico literário alemão – cap. X
- Schopenhauer, Arthur (1788-1860), filósofo alemão – cap. I, III, IV e VII
- Scott, Walter (1771-1832), poeta e historiador escocês – cap. X
- Secchi, Angelo (1818-1878), astrônomo italiano – cap. VIII
- Secrétan, Charles (1815-1895), filósofo suíço – cap. VII
- Simon, Jules (1814-1896), filósofo e estadista francês – cap. IV e X
- Simonin, Louis (1830-1886), engenheiro e explorador francês – cap. VIII
- Southall, James Cocke (1827-1897), arqueólogo e geólogo estadunidense – cap. VIII
- Spencer, Herbert (1829-1903), filósofo, biólogo, sociólogo e antropólogo inglês – cap. VI, VII, VIII, X e conclusão
- Stanislas Julien (1799-1873), sinólogo francês – cap. X
- Stanislas Meunier (1843-1925), geólogo francês – cap. VIII
- Storchenau, Sigismund von (1731-1798), filósofo austríaco – cap. I
- Strauss, David (1808-1884), teólogo e filósofo alemão – cap. III, IV, VII e X
- Swinburne, Algernon Charles (1837-1909), poeta, dramaturgo e crítico literário inglês – cap. X
- Taine, Hippolyte (1828-1893), filósofo, crítico literário e historiador francês – cap. I, II, IX e X
- Tavares Bastos, Aureliano Cândido (1839-1875), escritor e político brasileiro – conclusão
- Teixeira de Souza, José Eduardo (1852-1922), médico brasileiro e um dos primeiros membros da Sociedade Positivista do Rio de Janeiro – conclusão

Teodoro de Beza – ou Théodore de Bèze (1519-1605), teólogo francês – cap. VI

Tiberghien, Guillaume (1819-1901), filósofo belga – cap. VI

Thierry, Augustin (1795-1856), historiador francês – cap. VI

Timandro – pseudônimo de Francisco de Sales Torres Homem, *Visconde* de Inhomirim (1812-1876), médico, escritor e político brasileiro – cap. VII e conclusão

Tirteu (século VII a.C.), poeta grego – cap. I

Tomás de Aquino (1225-1274), teólogo e filósofo originário da Sicília – cap. IV e V

Trémaux, Pierre (1818-1895), arquiteto, orientalista e fotógrafo francês – cap. I e VI

Tschermak, Gustav von (1836-1927), mineralogista austríaco – cap. VIII

Turguêniev, Ivan (1818-1883), escritor russo – cap. X

Tyndall, John (1820-1893), físico irlandês – conclusão

Vacherot, Étienne (1809-1897), filósofo francês – cap. X

Van den Broeck, Ernest (1851-1932), paleontólogo e botânico belga – cap. VIII

Vasconcelos, António Augusto Teixeira de (1816-1878), escritor português – cap. X

Vauquelin, Louis-Nicolas (1763-1829), químico e farmacêutico francês – cap. VIII

Ventura, Gioacchino (1792-1861), padre e filósofo italiano – cap. IV e X

Vera, Augusto (1813-1885), filósofo italiano – cap. III e VII

Veuillot, Joseph (1813-1883), escritor francês – cap. V

- Vézian, Alexandre (1821-1903), geólogo e paleontólogo francês – cap. VIII
- Villari, Pasquale (1827-1917), historiador italiano – cap. VII
- Virchow, Rudolf (1821-1902), antropólogo, biólogo, escritor e estadista alemão – cap. I e conclusão
- Vogt, Carl (1817-1895), médico, biólogo e político suíço nascido na Alemanha – cap. VII e IX
- Volney, *Comte* de – ou Constantin-François de Chassebœuf (1757-1820), filósofo, historiador e político francês – cap. X
- de Wette, Wilhelm (1780-1849), teólogo alemão – cap. X
- Wieland, Christoph Martin (1733-1813), poeta e escritor alemão – cap. II
- Wundt, Wilhelm (1832-1920), médico, filósofo e psicólogo alemão – cap. VII
- Wolff, Christian (1679-1754), filósofo alemão – cap. I
- Wolzogen, Alfred von (1823-1883), escritor alemão – cap. X
- Wyrouboff, Grégoire (1843-1913), filósofo russo naturalizado francês – cap. VII
- Zaborowski-Moindron, Sigismond (1851-1928), antropólogo francês – cap. VII e X
- Zacarias de Góis e Vasconcelos (1815-1877), advogado e político brasileiro – cap. VII e VIII
- Zeiller, Charles René (1847-1915), geólogo francês – cap. VIII

NOTAS BIOGRÁFICAS

I. Francisco de Mont'Alverne (1784-1858)

Filho da brasileira Anna Francisca da Conceição e do açoriano João Antônio da Silveira – natural da Ilha do Pico –, Francisco de Mont'Alverne nasceu em 9 de agosto de 1784, na cidade do Rio de Janeiro, sendo batizado Francisco José de Carvalho. Aos dezesseis anos, revelando grande aptidão para os estudos, mas “não havendo então no país Academia alguma onde os moços talentosos se habilitassem para a prática de qualquer ciência” (Gonçalves de Magalhães, 1865, p. 306), seus pais – que não dispunham dos meios suficientes para mandá-lo estudar em Coimbra – o enviaram para o Convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro. Ainda noviço, partiu em 1804 para o Convento de São Paulo, onde viria a ser nomeado pregador, em 1810, e professor de artes, em 1813.

Três anos depois, já com grande reputação, retornou ao Rio de Janeiro – naquele momento, capital do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves –, onde foi nomeado pregador régio (sacerdote com poderes para proferir sermões em nome da Coroa). Possuidor de uma voz “forte, prolongada, flexível e de um timbre cavernoso e áspero” (Gonçalves de Magalhães, 1865, p. 308-309), Mont'Alverne foi reconhecido no Império como um orador excepcional, sendo colocado no mesmo patamar do que ninguém menos do que o Padre Vieira (Silva & Meneses, 1998, p. 739). Sua eloquência foi

particularmente reconhecida na oração fúnebre dedicada à Imperatriz Maria Leopoldina (1787-1826), em fevereiro de 1827, quando foi reverenciado pelo próprio viúvo Dom Pedro I:

Deus esmaga nas barreiras do túmulo todos esses gigantes da terra; dilacera a púrpura dos reis, quebra os cetros e as coroas, e estende a mão à virtude, que se levanta gloriosa no meio de todos esses destroços magníficos, sobre o pó das hierarquias, do fausto e das mais brilhantes condecorações! (Mont'Alverne *apud* Gonçalves de Magalhães, 1865, p. 310)

Como professor e autor de filosofia, Mont'Alverne concentrou-se na divulgação do ecletismo francês, muito influenciado também pelo empirismo de Locke e Condillac. Para além de seus sermões, orações e discursos que foram publicados ainda em vida, sua principal obra filosófica – o *Compêndio de Filosofia*, objeto de crítica do primeiro capítulo de *A Filosofia no Brasil* – veio à luz apenas em 1859, um ano após a sua morte. Averso ao tomismo e ao escolasticismo, Mont'Alverne também contribuiu em diversos jornais com suas críticas literárias, incluindo uma defesa da obra *Confederação dos Tamoios*, de seu ex-aluno Gonçalves de Magalhães. Segundo este, apesar de seu caráter marcadamente grave, Mont'Alverne “ria-se com prazer entre amigos” (Gonçalves de Magalhães, 1865, p. 308).

Em 1836, depois de quase três décadas percorrendo o Brasil, ensinando, pregando e desempenhando algumas funções administrativas, sua saúde começou a declinar, culminando em uma perda gradual da visão, que o levou a interromper as suas atividades e a se estabelecer em Niterói – onde viria a falecer, no dia 2 de dezembro de 1858. Embora Romero o insulte de várias formas – chegando a se referir a ele como “um desses *encarcerados da ignorância*” (capítulo I) –, Mont'Alverne conquistou a admiração de figuras ilustres, como José de Alencar e Machado de Assis. Este último, em um poema que leva o nome de Mont'Alverne (Machado de Assis, 1858, p. 6), declamou:

Por esses lábios não falava um homem,
Era uma geração, um século inteiro,
Grande, monumental!

II. Eduardo Ferreira França (1809-1857)

Filho de Anna da Costa Barradas e do ilustre médico, político e professor de grego Antônio Ferreira França (homem progressista, defensor do fim do celibato clerical e – quarenta anos antes da aprovação da Lei do Ventre Livre – da liberdade dos nascidos de mães escravizadas), Eduardo Ferreira França nasceu na cidade de Salvador, em 8 de junho de 1809. Aos quinze anos de idade foi para a França, onde fez seus estudos secundários e superiores, obtendo o título de doutor em medicina pela Universidade de Paris, em 1834, com a tese *Essai sur l'influence des aliments et des boissons sur le moral de l'homme* [Ensaio sobre a influência dos alimentos e das bebidas sobre o moral do homem²]. Nas palavras de Antonio Paim, seu trabalho procurou provar:

uma correlação direta entre as características predominantes da alimentação e as civilizações. A preferência pelo que denomina de “regime animal” torna os homens, e nações inteiras, belicosos e violentos, embora corajosos e independentes. O “regime vegetal”, em contrapartida, os predisporia à doçura e à compaixão mas ao mesmo tempo à covardia e à passividade. A combinação dos dois tipos (“regime misto”) criaria a possibilidade de torná-los aptos a adquirir as mais belas qualidades morais, facultando o desenvolvimento da inteligência, a aquisição da coragem despida de crueldade e da doçura sem a subserviência. Do conhecimento dessa verdade infere-se o enorme papel da *educação*, desde que, graças a um regime sabiamente ordenado, pode-se modificar a moral dos homens. (Paim, 1973, p. 18)

2 Traduzida para o português, em 1851, por João Ferreira Bittencourt (cf. França, 1851).

No mesmo ano de seu doutoramento, Eduardo Ferreira França voltou para o Brasil e foi nomeado professor na Faculdade de Medicina da Bahia. Lá, segundo Sacramento Blake (que foi seu aluno e reconhecido admirador), França se destacou nas áreas de mineralogia e química médica. Profundamente envolvido com questões de saúde pública e de medicina social, ingressou na carreira política em 1842, elegendo-se deputado provincial da Bahia. Nesse mandato, incumbiu-se da pesquisa e da produção de um estudo sobre o sistema penitenciário. Em 1848, elegeu-se deputado federal. Segundo Margutti, a partir desse momento, França “provavelmente experimentou uma crise existencial, em que começou a perceber as deficiências do naturalismo de sua tese de doutorado no que concerne à explicação da dimensão espiritual do ser humano” (Margutti, 2023b, p. 18).

Eis que, em 1854, tornando-se o precursor dos estudos de psicologia do Brasil e das Américas, Eduardo Ferreira França publica as suas *Investigações de psicologia* – vale destacar, “trinta e seis anos antes [da publicação] dos *Princípios de psicologia* de [William] James” (Margutti, 2023b, p. 401). A obra é o objeto de crítica do segundo capítulo de *A Filosofia no Brasil*. Segundo Antonio Paim (1973, p. 15), “Romero destaca de todo o livro um único tema e tão somente para acusar o autor de tê-lo inventado por simples cacoete espiritualista”. Sem se aprofundar nas teses de França, Romero o classifica como detentor de “um estilo *incorreto*” e declara com desdém: “não desejo emaranhar o leitor nas *vacilações e inconsequências* do psicólogo”.

Pioneiro na pesquisa experimental de fenômenos psicológicos, levando em consideração fatores ambientais e a influência que os meios podem exercer sobre o comportamento e o caráter de certos grupos de indivíduos, Eduardo Ferreira França navegou rumo à Europa em 1857, com o objetivo de tratar uma doença de seu tubo

digestivo. Porém, durante a viagem, acabou falecendo em meio ao Oceano Atlântico, no dia 11 de março de 1857.

III. Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882)

Filho de Anna Maria de Jesus e de Pedro Gonçalves de Magalhães Chaves, Domingos José Gonçalves de Magalhães nasceu no dia 13 de agosto de 1811, no Rio de Janeiro. Lá, em 1828, entrou no curso de medicina e obteve o título de doutor em 1832. Neste mesmo ano, publicou seu primeiro livro: *Poesias*. Ainda jovem, considerando seguir uma vida religiosa, recebeu o seguinte conselho de seu professor e amigo Frei Francisco de Mont'Alverne: “a vida do claustro, se não é o consórcio instintivo com a humildade, é um martírio sem mérito; porque não há entusiasmo que lento sustente por uma vida inteira o sacrifício forçado das mais imperiosas paixões humanas” (Gonçalves de Magalhães, 1865, p. 314).

Dois anos depois de formado, foi para a Europa, vindo a assumir um pequeno cargo diplomático em Paris, onde pôde frequentar as aulas de Théodore Jouffroy e também entrou em contato com as ideias do movimento romântico. Em 1837, retornou ao Brasil e, no ano seguinte, obteve o cargo de professor de filosofia no prestigioso Colégio Pedro II. No final de 1839, foi nomeado secretário de Luís Alves de Lima e Silva (1803-1880) – o futuro Duque de Caxias – e, com este, a fim de pacificar convulsões sociais, partiu primeiro para o Maranhão, onde eclodira a Balaiada, e depois foi para o Rio Grande do Sul, onde em 1835 havia estourado a Guerra dos Farrapos. Nesta última província, apaziguados os conflitos, elegeu-se para um cargo legislativo, cujo mandato duraria de 1845 a 1848. Em 1847, porém, retorna à carreira diplomática, exercendo funções decisivas em

Turim, Nápoles, Viena, Washington, Buenos Aires e Roma – onde foi responsável por tratar a complexa Questão Religiosa³ com o Vaticano.

Segundo Paulo Margutti, o pensamento filosófico de Gonçalves de Magalhães pode ser dividido em duas fases⁴, sendo a principal obra da primeira delas os *Fatos do espírito humano* – objeto de estudo do terceiro capítulo do livro de *A Filosofia no Brasil*. Como fez com a maioria dos autores criticados em sua obra, Romero não lhe privou de palavras hostis: primeiro, acusa-lhe de “sua incompetência para as graves questões”; depois, declara impiedosamente: “é um escritor vulgar, sem elevação de ideias, sem firmeza de doutrina, sem finezas de análise, sem habilidade na forma”. Não obstante, recentemente, os *Fatos do espírito humano* têm sido revisitados por alguns estudiosos, dentre os quais, inclusive, há quem considere a obra como a “inauguração filosófica” do Brasil (Canhada, 2020, p. 63), no sentido de ser o primeiro texto filosófico produzido aqui que não é nem um compêndio, nem um mero comentário a um ou mais autores estrangeiros.

Tendo se distinguido em vida como médico, poeta, filósofo, professor, diplomata, político e ensaísta, Gonçalves de Magalhães morreu em Roma, no dia 10 de julho de 1882, enquanto ainda exercia o cargo de ministro plenipotenciário do Brasil.

3 Conferir acima a nota 261, no capítulo VI.

4 Conferir Margutti (2023a, p. 21-22). Lá, são listadas as seguintes obras “de interesse filosófico”: *Ensaio sobre a História da Literatura do Brasil* (1836), *Filosofia da Religião* (1836), *Discurso sobre o objeto e importância da Filosofia* (1842), *A origem da palavra* (1844), *Memória histórica e documentada da revolução da Província do Maranhão desde 1839 até 1840* (1848), *Fatos do espírito humano* (1858), *Os Indígenas do Brasil perante a História* (1860), *A Alma e o Cérebro* (1876) e *Comentários e Pensamentos* (1880). Destacando que o período de 1860 a 1876 corresponde ao maior hiato entre as publicações, Margutti divide a filosofia de Gonçalves de Magalhães em duas fases: a primeira, que abrange as obras publicadas até 1860, e a segunda, representada por seus dois últimos livros (cf. Margutti, 2023a, p. 22).

IV. Patrício Muniz (1820-1898)

Único dos dez autores criticados por Romero que não nasceu em solo brasileiro, Patrício Muniz (grafado amiúde como “Moniz”) veio ao mundo no dia 2 de abril de 1820, na cidade de Funchal, Ilha da Madeira. Quando tinha oito anos, devido aos conflitos civis que começaram após a morte de Dom João VI (1826) e culminaram na Guerra Civil Portuguesa (1832-1834), sua família migrou para o Rio de Janeiro, em 1828. Lá, Patrício Muniz adotou a cidadania brasileira e realizou seus estudos primários e secundários. Ainda adolescente, publicou duas obras de poesia: *Meditações noturnas* (1838) e *Composições poéticas* (1839), dedicadas, respectivamente, a Jesus Cristo e a seu “muito querido pai Francisco João Muniz”. Partindo ao continente europeu, obteve o título de bacharel em direito em Paris e doutorou-se em teologia em Roma, onde também foi ordenado sacerdote.

Já na condição de padre, regressou ao Rio de Janeiro. Sendo reconhecido por sua eloquência e espontaneidade, para além de suas funções eclesiásticas, Patrício Muniz também se dedicou ao magistério e à imprensa, editando dois jornais de cunho político e religioso: *A Religião* (1848-1851) e *A Tribuna Catholica* (1851-1853). Em 1863, com o objetivo de combater o panteísmo, que, em suas palavras, dominava “a ciência ameaçando o futuro da sociedade com cenas tão sanguinolentas” (p. X-XI), Patrício Muniz publicou a sua principal obra filosófica: a *Teoria da afirmação pura* – objeto de crítica do quarto capítulo de *A Filosofia no Brasil*. Embora tenha sido aluno de Muniz nos estudos preparatórios, Romero o enxovalhou com uma profusão de insultos: refere-se a seu livro como uma “*obrinha*”; exclama em seguida: “quanto *atraso* [...] dali não transpira!”; chama-o de “nosso *pequeno* filósofo”; e, por fim, afirma categoricamente: “Patrício Muniz é um pensador *muito medíocre*, e um orador nas mesmas condições”. Por outro lado, apesar de se propor a analisar o

livro de Muniz, Romero simplesmente declara que ele “não merece uma refutação”, assumindo (em tom irônico, vale destacar) que “o Padre Patrício é difícil de refutar, porque é difícil de ler”.

Logo após a publicação de *A Filosofia no Brasil*, Patrício Muniz encerrou suas atividades no país – entre 1878 e 1879 – e retornou à sua terra natal, a cidade madeirense de Funchal, onde “a vastidão do seu saber [causou] verdadeiro assombro aos seus alunos” (Silva & Meneses, 1998, p. 741). Pouco depois, desembarcou em Lisboa, “até que foi nomeado pároco de Aveiras de Baixo [...] ali viveu durante anos, numa situação muito próxima da miséria e na mais completa obscuridade, talvez a maior ilustração do clero português da sua época” (Silva & Meneses, 1998, p. 741).

Descrito por Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Meneses como a “mais privilegiada inteligência da nossa terra [Ilha da Madeira] no século XIX” (Silva & Meneses, 1998, p. 737), Patrício Muniz morreu aos 77 anos, no dia 28 de fevereiro de 1898, na cidade de Lisboa⁵. Em uma obra publicada no ano anterior, relatando que o teve como mestre em seus estudos preparatórios, Romero parece esquecer de seus antigos ultrajes, descrevendo-o como “o notável orador sagrado” (Romero, 1897, p. XXV). Não é possível saber se tal elogio chegou ao seu conhecimento. Como o próprio Patrício Muniz proferiu em uma oração fúnebre, “dois são os tesouros da providência: o exílio e o sepulcro” (Muniz, 1867, p. 16).

V. José Soriano de Souza (1833-1895)

José Soriano de Souza nasceu no dia 15 de setembro de 1833, na cidade da Paraíba (renomeada João Pessoa em 1930, em homenagem

5 Sobre a morte de Patrício Muniz, diversas fontes indicam que ele teria falecido em 1871, reiterando uma informação do dicionário de Sacramento Blake que é incompleta no que se refere à data – “depois do ano de 1871” – e equivocada em relação ao lugar – a saber, que Patrício Muniz teria falecido no Rio de Janeiro. Reproduzimos aqui as informações de Silva & Meneses.

ao líder e mártir da revolução que culminou na ascensão de Getúlio Vargas ao poder). Após iniciar seus estudos na Faculdade da Bahia, José Soriano doutorou-se em medicina aos 27 anos pela Faculdade do Rio de Janeiro. Proeminente defensor de ideais cristãos, em 1864, fundou em Recife *A Esperança – jornal religioso, político e científico*. Dois anos depois, publicou um par de obras dedicadas a Santo Agostinho e a São Tomás de Aquino⁶, sendo reconhecido no Império, a partir de então, como um especialista na filosofia deste último.

Em 1867, tendo Tobias Barreto como concorrente, assumiu uma vaga de professor de filosofia no Ginásio Pernambucano (uma das instituições de ensino mais prestigiosas da época), embora não tenha sido o primeiro colocado no certame (cf. ABL, 2025). Em 1872, recebeu o título de doutor *honoris causa* em filosofia pela Universidade de Lovaina (ou *Louvain*, em francês), em reconhecimento por sua obra filosófica. No ano seguinte, foi nomeado por decreto a uma vaga de professor de filosofia, geografia, história e retórica na Faculdade de Direito do Recife, onde viria a lecionar por mais de vinte anos e obteve seu segundo título de doutor *honoris causa* – agora, em direito. Nesse período e nessa área, publicou algumas obras de grande volume e influência, entre elas, os *Elementos de filosofia do direito* (1880) e os *Apontamentos sobre direito constitucional* (1883).

Dentre os capítulos de *A Filosofia no Brasil*, José Soriano de Souza foi contemplado com o menor de todos. Na edição original, apenas quatro páginas foram dedicadas a ele, contra trinta e sete sobre Tobias Barreto (que também é referido numerosas vezes na conclusão). Embora anuncie na nota inicial do capítulo de José Soriano que analisaria três de suas obras – o *Compêndio de filosofia* (1867), as *Lições de filosofia elementar, racional e moral* (1871) e as *Considerações sobre a Igreja e o Estado* (1874) –, Romero faz uma única

6 *Princípios sociais e políticos de Santo Agostinho* (1866) e *Princípios sociais e políticos de São Tomás de Aquino* (1866).

citação do autor paraibano (extraída de suas *Lições...*) e, por outro lado, não lhe poupa de insultos. Em uma das passagens mais duras de sua obra, Romero diz:

o nosso filósofo [...] tem singularidades de pasmar. É um autor impertinente que nenhum vácuo deixaria no quadro da literatura brasileira, se nunca tivesse aparecido. Ele aí figura para acanhamento nosso. É certo que ninguém o lê, a não ser, em mínima escala, os seus discípulos de colégio, nos quais não raro, percebe-se um riso [...]. (Capítulo V)

José Soriano de Souza morreu na madrugada do dia 12 de agosto de 1895, na cidade de Recife.

VI. Pedro Américo (1843-1905)

Pedro Américo de Figueiredo e Melo nasceu no dia 29 de abril de 1843, na cidade de Areia, na Paraíba. Manifestando um talento precoce para a pintura, em 1852, com menos de dez anos, foi convidado a participar, como desenhista auxiliar, da expedição científica ao Nordeste do Brasil de Louis Jacques Brunet (que, pouco depois, fundou um museu de história natural em Recife que até hoje tem seu nome). Em 1854, segundo Sacramento Blake, mudou-se para o Rio de Janeiro e ingressou no “Colégio de Pedro II, por ordem do Imperador, que desde logo se constituiu seu protetor”. Dois anos depois, matriculou-se na Academia Imperial de Belas Artes, onde estudou por três anos e obteve nada menos do que “quinze medalhas de mérito e uma menção honrosa”. Em 1859, com o apoio financeiro de D. Pedro II, foi para a França, onde frequentou a prestigiosa Escola Nacional Superior de Belas Artes de Paris e, na mesma época, pôde acompanhar na Universidade Sorbonne cursos e conferências em diversas áreas, ministrados por professores como Victor Cousin e Claude Bernard.

Em 1864, retornou ao Brasil com o posto de professor de desenho na mesma Academia Imperial onde antes estudara. Porém, já no ano seguinte, regressou ao continente europeu a fim de estudar ciências naturais e, em 1868, com uma tese intitulada *La science et les systèmes – questions d’histoire et de philosophie naturelle* [A ciência e os sistemas – questões de história e de filosofia natural], objeto de crítica do capítulo VI de *A Filosofia no Brasil*, obteve o título de *docteur agrégé* (ou doutor adjunto) pela Universidade Livre de Bruxelas, sendo inclusive convidado a lecionar por tal instituição. Durante esses primeiros anos na Europa, viajou diversas vezes à Itália, criando uma relação especial com a cidade de Florença, para onde se mudou definitivamente em 1894 e lá viria a falecer, no dia 7 de outubro de 1905.

Expoente da pintura acadêmica brasileira do século XIX, Pedro Américo criou imagens que até hoje ocupam um lugar cativo nos livros de história do Brasil – como *Independência ou Morte!* – também conhecida como *O Grito do Ipiranga* (1888), *Batalha do Avaí* (1877), *O discurso do Trono* (1872) e *Batalha do Campo Grande* (1871). Em uma passagem do capítulo sobre ele, Romero se refere a Pedro Américo como “o autor da *Carioca*” – em alusão a um famoso quadro, pintado originalmente em 1863 e oferecido a Dom Pedro II, mas que fora recusado pela Casa Imperial devido ao seu escandaloso nu. Paralelamente, para além de suas telas, Pedro Américo foi um profícuo escritor e intelectual, tendo publicado obras de poesia, crítica de arte, botânica, educação, um famoso discurso sobre o *plágio* (prática da qual até hoje é acusado) e quatro romances: *Holocausto* (1882), *Amor d’Esposo* (1886), *O foragido* (1899) e *Na cidade eterna* (1901).

VII. Luiz Pereira Barreto (1840-1923)

Nascido em 11 de janeiro de 1840, na cidade de Resende, no Rio de Janeiro, Luiz Pereira Barreto desempenhou com distinção

uma série de ofícios, entre eles, os de médico, jornalista, filósofo, político e agricultor. Ainda adolescente, mudou-se para a cidade de Montpellier, na França, onde concluiu seus estudos em humanidades, iniciados no Brasil. Posteriormente, na Bélgica, obteve os diplomas de doutor em ciências naturais e em medicina, ambos pela Universidade de Bruxelas.

Em 1866, um ano após voltar ao Brasil, estabeleceu-se na cidade de Jacareí, no interior de São Paulo. Lá, além de sua atividade como médico e colaborador de importantes jornais, escreveu os dois volumes de *As três filosofias – Filosofia teológica* (publicado em 1874) e *Filosofia metafísica* (1877) –, que constituem o objeto de crítica do capítulo VII do livro de Romero. Pereira Barreto viria a abandonar o projeto do terceiro tomo da obra, dedicado à filosofia positiva (que Sacramento Blake, curiosamente, supõe como existente, relatando em seu *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*: “não pude ver este livro. Sei, porém, que é um livro de propaganda”).

Como fazendeiro e agricultor, Pereira Barreto foi membro da sociedade pastoril e agrícola de São Paulo, obtendo um sucesso significativo no cultivo de uvas e de café, além de ser um dos pioneiros nos estudos do fruto do guaraná. Ainda que fosse entusiasta do positivismo e do pensamento liberal, nem todas as suas ideias políticas eram as mais progressistas. Segundo Angela Alonso (1995, p. 7-8), “a abolição [da escravidão] imediata e sem indenização [...] era vista por Barreto como absolutamente equivocada [...] e deveria ser afastada, já que traria a convulsão social”. Por outro lado, defendendo a laicidade do Estado, Pereira Barreto criticou severamente a influência da Igreja na educação pública e na política, denunciando os efeitos nefastos do fanatismo de inspiração religiosa:

a ciência não pode dar um passo sem abalar ao mesmo tempo todo o sistema das antigas crenças; e no nosso país a constituição garante a permanência das antigas crenças. Achamo-nos, portanto, neste dilema: ou optar

pela ciência e seguir resolutamente a vereda aberta pelos países emancipados, ou com fervor nos lançarmos sobre os braços da fé e nos resignarmos a não ocupar senão o último lugar na retaguarda da civilização. (Pereira Barreto, 2001 [1877], p. 6)

É inútil fabricar esplêndidos projetos de reformas políticas, se não se dá a cada cidadão os meios de tirar do seu próprio fundo a arte de se governar a si próprio. (Pereira Barreto, 1967 [1874], p. 136)

Em 1923, no dia de seu 83º aniversário, Pereira Barreto faleceu de causas naturais, na cidade de São Paulo. Embora tenha lhe feito algumas críticas, Sílvio Romero não deixou de reconhecer o “imenso serviço prestado a este país pelo benemérito Luiz Pereira Barreto” (capítulo VII).

VIII. José de Araújo Ribeiro (1800-1879)

José de Araújo Ribeiro nasceu em 20 de julho de 1800, na Estância Velha, município de Porto Alegre. Filho do comendador português José António de Araújo Ribeiro, estudou direito na Universidade de Coimbra, onde se formou em 1823. Iniciou, então, uma exitosa carreira diplomática. Em 1826, foi enviado a Nápoles (na época, capital do Reino das Duas Sicílias); em 1828, partiu para a França; e, no final desse mesmo ano, para os Estados Unidos, como embaixador brasileiro em Washington. Em 1833, foi enviado à Inglaterra, depois de ter passado por Lisboa e apoiado Maria II (nascida no Rio de Janeiro e filha de Dom Pedro I), que reassumiria o trono português no ano seguinte. Em 1837, retorna à França, como ministro plenipotenciário (cargo diplomático concedido em missões especiais, com plenos poderes para tomar decisões em nome do país). Em 1843, foi reenviado a Londres; e, em 1848, a Paris, encerrando no ano seguinte sua atividade como representante brasileiro no exterior.

Reconhecido por sua ação política e diplomática conciliadora, José de Araújo Ribeiro participou da resolução de questões complexas – não só internacionais, mas também internas. Na França, lidou com a disputa do Rio Oiapoque e da delimitação da fronteira brasileira com o território da Guiana Francesa. Em Londres, segundo Achylles Porto Alegre (1917, p. 84), foi ele “quem desviou o golpe suspenso sobre nossa cabeça, pelo violento *bill Aberdeen*”⁷. Antes disso, também ocupou o cargo de presidente das províncias de Minas Gerais (1833) e Rio Grande do Sul (1836-1837) – na primeira, a fim de apaziguar uma revolta que havia estourado em Ouro Preto e, em sua terra natal, com o propósito de pacificar aquela que viria ser conhecida como a Revolução Farroupilha.

Reestabelecido no Brasil, foi senador do Império de 1849 até 1879 – ano de sua morte. Durante a Guerra do Paraguai (1864-1870) e diante da crise econômica que o país enfrentava, Araújo Ribeiro teria investido uma volumosa quantia para libertar escravizados alheios, engrossando o contingente do exército brasileiro (o que hoje possivelmente não seria visto como a mais sublime das formas de filantropia). Em 1866, foi condecorado com o título de Barão e, em 1874, como Visconde do Rio Grande.

Vivendo no Rio de Janeiro, passou a se dedicar – sem vínculos institucionais – aos estudos físicos e naturais. Em 1875, sem colocar o seu nome na obra, publica o livro *O fim da criação – ou a natureza interpretada pelo senso comum*, objeto de análise do oitavo capítulo de *A Filosofia no Brasil*. Em suas próprias palavras, o livro teve como objetivo “mostrar que a Terra é dotada de uma vida própria, e se nutre como os indivíduos organizados, e que deve como estes indivíduos crescer de volume, colhendo nas regiões do espaço, por intermédio de sua atmosfera, a matéria necessária à sua nutrição e

7 A Lei Aberdeen – promulgada pelo parlamento inglês em agosto de 1845 e revogada apenas em 1869 – autorizava os britânicos a deterem quaisquer embarcações suspeitas de transportar escravizados no Oceano Atlântico.

crescimento” (1875, p. 4). Para José de Araújo Ribeiro, então, a vida humana e a “criação” não teriam outro objetivo senão contribuir para a expansão material do planeta.

IX. Domingos Guedes Cabral (1852-1883)

Filho de Faustina Maria do Nascimento Cabral e de seu homônimo pai, Domingos Guedes Cabral nasceu em 29 de outubro de 1852, na cidade de Salvador, onde obteve o título de doutor em medicina em 1875. Nas palavras de Augusto Victorino Sacramento Blake, Guedes Cabral “formou suas convicções de que a alma é uma função do cérebro e [que] o homem [é] o último grau apenas da animalidade”. Defendendo tais ideias em sua tese, *Funções do cérebro*, acabou provocando “dissidências na comissão revisora” que foram submetidas à congregação, que, por sua vez, “resolveu rejeitar a tese como lesiva à religião do Estado”. Vale observar que o *Código Criminal* de 1830 – vigente até o final do Império – estabelecia como crime:

Artigo 278: Propagar por meio de papéis impressos, litografados ou gravados, que se distribuírem por mais de quinze pessoas, ou por discursos proferidos em públicas reuniões, doutrinas que diretamente destruam as verdades fundamentais da existência de Deus e da imortalidade da alma. Pena – de prisão por quatro meses a um ano, e de multa correspondente a metade do tempo.

Embora não tenha sido preso, para obter o título de doutor em medicina, Domingos Guedes Cabral teve de redigir outra tese, sobre o tema (e com o título) *Qual o melhor tratamento da febre amarela*. Suas *Funções do cérebro*, no entanto, acabaram sendo publicadas no ano seguinte com o apoio de seus colegas. Como destacou Blake, porém, “sustentando [...] que a alma é apenas uma função fisiológica como qualquer outra e que a cosmogonia de Moisés é insustentável perante a ciência, esse livro causou grande sensação e provocou, sobretudo por parte do clero, uma verdadeira reação”. Logo após

o aparecimento do livro, foram publicadas dezenas de artigos em jornais diversos – destacadamente na *Chronica Religiosa* e no *Jornal da Bahia* – que combateram obstinadamente as ideias do autor. Segundo Sílvio Romero, essa reação fez com que Guedes Cabral se visse “compelido a retirar-se para uma povoação de Sergipe, por lhe não ser possível obter, na sua capital de província, a clientela que, na qualidade de médico ilustrado, tinha direito de esperar”. Também dignas de nota foram a sua militância pró-republicana e a sua crítica ao sistema prisional – que transparece na longa citação que Romero faz das *Funções do cérebro*.

Guedes Cabral ainda tinha o plano de publicar um segundo livro – intitulado *Cérebro e alma* – e aprofundar a investigação de sua polêmica tese, mas morreu antes disso, aos trinta anos, no dia 27 de janeiro de 1883.

X. Tobias Barreto de Menezes (1839-1889)

Tobias Barreto de Menezes nasceu no dia 7 de junho de 1839, na Vila de Campos do Rio Real (que, em sua homenagem, em 1909 passou a se chamar Tobias Barreto). Filho de um escrivão de justiça, “mestiço de pele escura [...], sua mãe uma sábia” (Oberacker Jr., 1990, p. 267), Tobias Barreto recebeu a instrução primária em sua vila natal e, em seguida, estudou nas cidades também sergipanas de Estância e Lagarto, destacando-se principalmente na música e no latim. Deste idioma, foi nomeado professor aos 17 anos na cidade de Itabaiana. Pouco depois, em 1861, em busca de formação superior, mudou-se para a Bahia.

Em Salvador, matriculou-se no Seminário Pequeno, onde teria suas necessidades básicas garantidas e também se tornaria padre. Porém, segundo Sílvio Romero, “saiu, após um só dia de estada, por lhe não agradar a vida beata que ali se passava”. Não sem dificuldades, Tobias Barreto viveu alguns meses na antiga capital brasileira e,

em 1862, partiu ao Recife, onde ingressou na Faculdade de Direito dois anos depois, obtendo o título de bacharel em 1869. Na capital pernambucana, destaca-se como poeta, rivalizando com ninguém menos do que Castro Alves (1847-1871).

Assíduo leitor de autores franceses em sua formação, Tobias Barreto voltou-se intempestivamente para o pensamento alemão – do qual se tornou em pouco tempo o maior representante brasileiro do século XIX (a título de exemplo, a primeira menção a Nietzsche no Brasil foi feita por ele, em 1876). Segundo Oberacker Jr.:

Certo dia de 1870, [Tobias Barreto] entrou na livraria do francês Laillacard, em Recife, e lhe encomendou, embora não conhecesse uma única palavra alemã, a *Geschichte des Volkes Israel* (*História do Povo de Israel*), do teólogo e orientalista alemão Heinrich Ewald. Ao mesmo tempo, adquiriu um dicionário alemão e uma gramática, a fim de iniciar o estudo da língua alemã, com a entusiástica ebulição de um autodidata. E, de fato, aprendeu, em poucos anos, o idioma alemão, tão bem, que não só sabia ler e compreender, sem dificuldades, as obras clássicas filosóficas e científicas alemãs, mas também se podia expressar estilisticamente, sem senões, nessa língua. (Oberacker Jr., 1990, p. 269)

Em sua adesão ao germanismo, Tobias Barreto identificou na predominante influência francesa um dos maiores atrasos da sociedade brasileira: “de uma coisa tenho certeza: tanto quanto mostra a experiência, a cultura no Brasil, até hoje, em vez de realizar um brasileiro inteiro, só conseguiu fazer um francês pela metade” (Tobias Barreto [1880], *apud* Oberacker Jr., 1990, p. 275). Para ele, somente os autores alemães poderiam oferecer novos rumos para o desenvolvimento do pensamento brasileiro. Em 1875 e em pleno interior de Pernambuco, Tobias Barreto chegou a produzir um jornal inteiramente em língua alemã, chamado *Deutscher Kämpfer* (*Combatente Alemão*).

Apesar de sua abundante produção textual, que lidava ao mesmo tempo com o campo intelectual internacional – sobretudo alemão e francês – e com a produção dos intelectuais atuantes no Brasil (bastante criticados por ele, vale notar), as ideias de Tobias Barreto pouco ressoaram pelo Império nos anos 1870. No entanto, dentre os filósofos brasileiros, Sílvio Romero o situa “num ponto *superior* da escala da evolução” (capítulo VII).

Quando ainda era estudante, casou-se com Grata Mafalda dos Santos, filha de um proprietário de terras e engenhos na cidade de Escada, em Pernambuco, para onde se mudou em 1871. No mesmo período em que lá vivia, elegeu-se deputado provincial, tornando-se conhecido por suas contundentes críticas – que não poupavam nem o Governador de Pernambucano. Coerente com sua pele escura e seu discurso abolicionista, ao herdar as terras de seu falecido sogro, uma das primeiras medidas que tomou foi a de alforriar todos os escravizados da propriedade. Segundo Luiz Antonio Barreto (1990, p. 5), então, Tobias Barreto “tem sua casa cercada, num episódio que quase custa a sua vida”. Perseguido pelos parentes de sua esposa e por seus vizinhos (descontentes com o seu “péssimo” exemplo), em agosto de 1881, vê-se forçado a retornar ao Recife.

No ano seguinte, obtém uma cadeira na Faculdade de Direito do Recife, onde exerce com notoriedade o cargo de professor e consagra-se como o grande nome da chamada Escola do Recife, atraindo muitos seguidores. Em 1887, porém, acometido de uma grave nefrite, afastou-se da docência, entrando em um período de licença remunerada que, não muito depois, foi-lhe suspensa – por pressão de seus desafetos na instituição. Apesar da ajuda prestada por seus alunos, admiradores e amigos, principalmente Sílvio Romero, Tobias Barreto morreu na miséria no dia 26 de junho de 1889, deixando nove filhos e uma vasta biblioteca.

De seus dias até hoje, Tobias Barreto recebeu uma série de críticas por rebaixar quase todos os filósofos brasileiros de seu tempo. Segundo Paulo Margutti, Sílvio Romero e ele praticamente criaram “uma escola de *desprezo* em relação à filosofia brasileira”⁸, servindo-se de argumentos que abusavam de uma retórica hostil. Por outro lado, tendo se enveredado por diversos caminhos na filosofia – entre eles, o positivismo, o evolucionismo, o monismo, o naturalismo e a filosofia do direito –, o também poeta, jurista e crítico literário Tobias Barreto de Menezes merece um lugar de destaque não só na história de nossa filosofia, como também de nossa cultura.

XI. Sílvio Romero (1851-1914)

Penúltimo dos dez filhos de Maria Joaquina Vasconcelos da Silveira Ramos Romero e do comerciante português André Ramos Romero, Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero nasceu no dia 21 de abril de 1851, no município de Lagarto, em Sergipe. Com o intuito de protegê-lo da epidemia de febre amarela que assolava a região, seus pais o enviaram ainda bebê para o Engenho Moreira, propriedade de seu avô materno nas margens do rio Piauí. Lá, de sua ama Totonha, pegou o gosto de ouvir estórias. E a contemplação daquelas paisagens se imprimiu de um modo tão profundo em sua alma, que, mais tarde, ele as evocaria como uma imagem da própria poesia:

Eu criei-me na largueza, livre, correndo campinas, varando
cerrados, comendo o que me ofereciam as árvores, bebendo
nas fontes vivas e, quando o calor abafava, despia-me,
pendurava a roupa num galho e atirava-me n'água,
nadando contra a corrente. Poesia para mim é água em
que se refresca a alma e esses versinhos que por aí andam,

8 ANPOF Oficial, Ensino de Filosofia como campo de conhecimento: revendo o cânone filosófico, 28 de outubro de 2021 (± 41'30"). Disponível em: <<https://youtu.be/UfxksF8B-oY>>. Acesso em: 13 mar. 2025.

muito alambicados, muito medidos, podem ser água, mas de chafariz, para banhos mornos em bacia, com sabonete inglês e esponja. Eu, para mim, quero águas fartas, rio que corra ou mar que estronde. Bacia é para gente mimosa, e eu sou caboclo, filho da natureza, criado ao sol. (Romero *apud* Lima, 2004, p. 15)

Aos cinco anos, Sílvio retornou a Lagarto e começou sua educação formal. Aos doze, foi aprovado no Atheneu Fluminense e partiu para o Rio de Janeiro, onde viveu e estudou até 1867. No ano seguinte, antes mesmo de atingir a maioridade, ingressou na Faculdade de Direito do Recife. Lá, teve como veterano Tobias Barreto, com quem criou uma duradoura e fecunda amizade. Em 1869, seu segundo ano de graduação, estreou na imprensa com a publicação da monografia (hoje perdida) *A Poesia Contemporânea*, citada no capítulo VI de *A Filosofia no Brasil*. Em 1873, diplomou-se em direito, depois de ter publicado a dissertação *Se a Economia Política é uma ciência*. Nesse trabalho, embora tenha admitido alguma cientificidade da economia política, não economizou palavras para criticá-la:

Na classificação das ciências, na ordem ultimamente proposta pelo sábio Spencer, a economia política não deve vangloriar-se de achar um assento. [...] Não manifesta com verdadeira segurança uma teoria exata ou das relações, ou das propriedades, ou dos agregados que equivalem àquelas leis apontadas [das formas, dos fatores e dos produtos]. [...] É a maior inimiga das classes trabalhadoras, essa divinização do capital amontoado, suprema depravação, que vai passando à força das ruínas amontoadas por toda a parte. (Romero, 1873, p. 32-33)

Sempre cultivando suas atividades como escritor e intelectual, Sílvio Romero voltou a Sergipe depois de se formar, a fim de assumir o cargo de promotor na cidade de Estância. Lá, em 1875, foi eleito deputado provincial, iniciando sua carreira política. Nesse mesmo ano, publicou seu primeiro livro – *Etnologia Selvagem* – e, no dia 12 de março, ao defender uma tese na mesma faculdade onde se

diplomou, Romero teve um entrevero com os membros da banca, que quase virou caso de polícia⁹. No ano seguinte, casou-se com Clarinda Diamantina Correia de Araújo e veio a ter quatro filhos com ela. Ainda em 1876, foi nomeado juiz municipal de órfãos na cidade de Parati, na província do Rio de Janeiro. Em 1880, restabeleceu-se na capital, depois de ser aprovado em primeiro lugar no concurso para a cadeira de filosofia do Colégio Pedro II – emprego pelo qual viria a se aposentar trinta anos depois, em 1910.

Leitor voraz e crítico de quase tudo o que se publicava no Brasil (sem deixar de lado os autores estrangeiros), Romero nunca limitou seu interesse pela cultura brasileira às obras escritas – pelo contrário, esforçou-se para compendiar e eternizar criações até então exclusivas da tradição oral. Segundo Luiz Antonio Barreto (2004, p. 25), em toda a sua vida, “Romero fez da coleta folclórica um hábito, anotando em sua carteirinha depoimentos, explicações e novos fatos”. Desse tesouro, surgiram os *Cantos Populares do Brasil* – publicados pela primeira vez em 1883 – e os *Contos Populares do Brasil* – que vieram à luz em 1885. Em 1887, um ano depois de enviuar pela primeira vez, Sílvio Romero conheceu Maria Liberato, com quem casou-se e veio a ter mais três filhos. No ano seguinte, publicou a primeira *História da Literatura Brasileira* (posteriormente ampliada e reeditada diversas vezes). Nessa obra – sem ignorar o seu notório papel de polemista, que desempenhou como poucos neste país –, afirmou: “todo escritor nacional na hora presente está carregado do imperioso dever de dizer toda a verdade ao nosso povo, ainda que pelo rigor tenha que *desagradar geralmente*” (Romero *apud* Nunes, 2004, p. 23 – grifo nosso). Ao se referir às pretensões de seu trabalho, no entanto, descartou um tom pessimista, dizendo que queria que seu principal livro fosse “não apenas uma crônica recheada de fatos anedóticos, mas um protesto, um grito de alarme

9 Cf. nota 468, no capítulo VII.

de seu brasileirismo, *um brado de entusiasmo para um futuro melhor*” (Romero *apud* Nunes, 2004, p. 22 – grifo nosso). Já sobre a sua concepção do que é ser *brasileiro*, Romero havia escrito anos antes: “todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas ideias” (Romero *apud* Nunes, 2004, p. 22).

Aos quarenta e um anos e viúvo pela segunda vez, em uma visita a Sergipe, conheceu Maria Petronila Pereira Barreto, que viria se tornar a sua terceira esposa e mãe de seus últimos doze filhos (sim, Romero foi pai de dezenove filhos!). Em 1897, ao lado de proeminentes figuras, como Machado de Assis (a quem criticou de modo contumaz, vale notar), Sílvio Romero foi um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras. Em 1900, elegeu-se deputado federal. Entre 1905 e 1906, dirigiu o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – função esta que lhe permitiu dimensionar e denunciar a “ação nefasta dos latifúndios ao desenvolvimento do país” (Nunes, 2004, p. 20).

Tendo exercido com destaque os ofícios de escritor, promotor, juiz, crítico, historiador, filósofo, etnógrafo, folclorista, sociólogo, político, leitor e professor, Sílvio Romero morreu no dia 18 de julho de 1914, na cidade de Niterói, para onde havia se mudado dois anos antes. Então, seu ex-aluno Tristão de Ataíde escreveu: “quando morreu, em 1914, morria com ele um mundo. Morria com ele o século XIX” (Tristão de Ataíde *apud* Nunes, 2004, p. 18).

PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE SÍLVIO ROMERO, EM ORDEM CRONOLÓGICA¹⁰

1869:

- A Poesia Contemporânea e a sua Intuição Naturalista
- A Poesia dos “Harpejos Poéticos”

1870:

- O que entendemos por Poesia Crítica
- Cartas a Manoel Quintiliano da Silva
- A Poesia das “Falenas”
- A Poesia das “Espumas Flutuantes”
- Ainda a Poesia das “Espumas Flutuantes”

1871:

- Sistemas das Contradições Poéticas
- A Poesia e os Nossos Poetas
- A Propósito de um Livro
- O Caráter Nacional e as Origens do Povo Brasileiro

10 Reproduzimos aqui a lista publicada originalmente no livro de Ana Conceição Sobral de Carvalho e Rosina Fonsêca Rocha (2004, p. 49-61), que teve a colaboração de Sílvio Romero Filho. Fizemos pequenas correções e acrescentamos alguns textos publicados em 1875 e 1876 no jornal *A Província* (indicados com o acréscimo de parênteses e a data da publicação). Os livros de Romero aparecem destacados em *negrito e itálico*.

1872:

- Uma Página sobre Literatura Nacional
- Realismo e Idealismo
- As Legendas e as Epopeias
- A Poesia e a Religião
- A Poesia e a Ciência
- Camões e “Os Lusíadas”
- A Rotina Literária
- As Cartas de Semprônio e Cicinato contra Sênio
- Uns Versos de Moça

1873:

- A Crítica Literária
- O Romantismo no Brasil e em Portugal
- A Poesia de Hoje
- Se a Economia Política é uma Ciência
- Discurso na Assembleia Provincial de Sergipe

1874:

- O Espírito Novo em Filosofia
- Os Princípios Fundamentais da Evolução
- A Concepção Monística do Universo
- O Problema Histórico das Raças
- O Indianismo e o Sentimento Nacional em Literatura
- Síntese do Movimento Literário Brasileiro Atual
- Um Etnólogo Brasileiro

1875:

- Um Etnólogo Brasileiro – Couto de Magalhães
- ***Etnologia Selvagem***
- Razões Justificativas do Art. 482 do Código Comercial Brasileiro
- Concurso de Filosofia (*A Província*, 27 de abril de 1875)
- Tradução do poema “O Jesuíta” (*A Província*, 27 de outubro de 1875)
- Tradução do poema “Em Abril” (*A Província*, 31 de outubro de 1875)
- Um processo-crime por causa da Metafísica (*A Província*, 10 de dezembro de 1875)
- Avis rara (I) (*A Província*, 15 de dezembro de 1875)

1876:

- A Cadeira de Filosofia do Colégio de Artes (*A Província*, 3 de maio de 1876)

1878:

- ***Cantos do Fim do Século***
- ***A Filosofia no Brasil***

1879:

- Couto de Magalhães e a Influência dos Selvagens no “Folk-lore” Brasileiro
- A Filosofia no Brasil e o Sr. Souza Bandeira
- Visão Sintética sobre o “Folk-lore” Brasileiro
- A Literatura Brasileira – suas Relações com a Portuguesa, O Neo-Realismo
- A Linguagem Genuína do Povo
- O Gosto do Público pelos Espetáculos Parlamentares

- José Bonifácio
- José Nabuco
- Cansação de Sinimbu
- Lafayette Pereira
- Afonso Celso
- Uns Ministros Anônimos
- O Barão do Cotegipe
- Silveira Martins
- Martinho Campos
- O Visconde do Rio Branco
- João Alfredo
- A Situação do Brasil sob o Segundo Reinado
- Estudo sobre a Poesia Popular no Brasil
- A Prioridade de Pernambuco no Movimento Espiritual Brasileiro

1880:

- O Poema das Américas
- A Camões
- ***A Literatura Brasileira e a Crítica Moderna***
- Vista Geral Sobre a Escola Literária do Recife
- ***Da Interpretação Filosófica na Evolução dos Fatos Históricos***
- Programa da Cadeira de Filosofia do Colégio Pedro II

1881:

- Um Poeta do Norte
- A Questão do Dia – A Emancipação dos Escravos
- De uma Cajadada, dois Coelhos

- Uma Explicação ao Público
- Tobias Barreto de Menezes como Poeta
- Lira Sergipana
- Os Palmares
- Introdução à História da Literatura Brasileira

1882:

- O Naturalismo em Literatura
- ***O Naturalismo em Literatura***
- A História da Literatura Brasileira e o Sr. Araripe Júnior
- Ainda a História da Literatura Brasileira e o Sr. Araripe Júnior
- O Poeta dos “Idílios Modernos”
- Teófilo Braga e o Turanismo dos Indígenas Brasileiros
- Sobre o “Curso de Literatura” de Melo Moraes Filho
- ***Introdução à História da Literatura Brasileira***

1883:

- A Filosofia e o Ensino Secundário
- ***Últimos Harpejos***
- Dranmor
- O Elemento Plebeu na Literatura do Brasil I
- O Elemento Plebeu na Literatura do Brasil II
- A Situação Literal – uma de suas Encarnações
- Modernas Escolas Literárias
- A “História do Brasil” e o Sr. Melo de Moraes
- Teorias Históricas e Escolas Literárias do Brasil
- Ainda as Teorias Históricas e Escolas Literárias do Brasil

- Um Moço e um Velho Poeta
- Obrigatoriedade e Liberdade de Ensino
- ***Ensaaios de Crítica Parlamentar***
- Os Escravos Vermelhos
- Sobre o Brasil do Século XVI
- ***Cantos Populares do Brasil***
- Programa de Filosofia do Direito
- ***Lucros e Perdas***

1884:

- Os Ciganos: Contribuição Etnográfica
- Oradores Sagrados Poesia Religiosa e Patriótica
- Estudos Filológicos
- O Professor Carlos Jansen e a Leitura das Classes Primárias
- Barbosa Rodrigues e a Questão da Pedra Nefrite
- Coças em Valentim Magalhães
- ***Valentim Magalhães***

1885:

- Ainda Teófilo Braga e o Turanismo dos Indígenas Brasileiros
- ***Contos Populares do Brasil***
- ***Estudos de Literatura Contemporânea***

1886:

- Ladislau Neto e a Arqueologia Brasileira
- De novo As Teorias Históricas e as Escolas Literárias do Brasil
- Prefácio aos “Alvéolos” de Osório Duque Estrada

1887:

- ***Uma Esperteza!***
- Sobre o Visconde de São Leopoldo

1888:

- Ainda os Oradores Sagrados e a Poesia Religiosa e Patriótica
- ***Estudos Sobre a Poesia Popular no Brasil***
- Funções do Cérebro
- O Congresso dos Americanistas
- ***Etnografia Brasileira***
- ***História da Literatura Brasileira***
- Uma Reforma no Ensino da Praxe Processual

1889:

- ***As Três Formas Principais da Organização Republicana***
- Movimento Espiritual do Brasil no Ano de 1888
- ***A Filosofia e o Ensino Secundário***
- Aos Eleitores do 1º Distrito da Província de Sergipe
- ***Manifesto aos Eleitores da Província de Sergipe***
- Organização do Ensino Secundário – O Ginásio Nacional
- O Martírio de Tobias Barreto
- Mensagem dos Homens de Letras do Rio de Janeiro ao Governo Provisório

1890:

- Programa de Sociologia para o Ginásio Nacional
- Notas Sobre o Ensino Público

- A Liga Antibancária e o Imperialismo Econômico
- ***A História do Brasil Ensinada pela Bibliografia de seus Heróis***
- Tito Lívio de Castro
- Discurso de Saudação a Martins Júnior
- Luiz Murat

1891:

- A Imigração e o Futuro do Povo Brasileiro
- O Ensino Público
- O Conselho de Instrução Pública
- Os Dois Conselhos de Instrução Pública
- A Bofetada no Cadáver do Fundador da República
- Por que Defendo a Reforma de Benjamim Constant
- Provocações e Debates
- A Legenda Imperial
- As Fraquezas do Império na Questão das Missões
- O Quádruplo Inimigo
- As Desilusões do Sr. Taunay
- Ao Sr. Visconde de Taunay
- O que se deve fazer
- Questões de Higiene Pública
- Um Programa Político Anterior à República
- Considerações sobre o Ensino Público
- Os Contos Populares do Amazonas
- ***A Imigração e o Futuro da Raça Portuguesa no Brasil***
- ***Luiz Murat***
- Política de Sergipe

- Ad Perpetuam Rei Memoriam
- Golpe de Vista Sobre a Questão das Missões
- O Primeiro Erro
- Sobre um Discurso do Sr. Lopes Trovão

1892:

- Programa de Economia Política
- Programa de História do Direito Nacional
- Programa de Direito Público
- Parlamentarismo e Presidencialismo na República Brasileira
- Prólogo aos “Estudos de Direito” de Tobias Barreto
- Prólogo aos “Estudos Alemães” de Tobias Barreto
- Uma Página Sobre a Literatura Brasileira – A Raça
- Amor e Dolor Meus

1893:

- Prólogo à 2ª edição dos “Dias e Noites” de Tobias Barreto
- A Mulher e a Sociogenia
- ***Parlamentarismo e Presidencialismo na República Brasileira***
- Doutrina Contra Doutrina

1894:

- A Nova Concepção do Direito no Brasil
- Prefácio ao Livro “Palingenesia” de Leônidas e Sá
- ***Doutrina Contra Doutrina – O Evolucionismo e o Positivismo no Brasil***
- Prefácio ao Livro “Festas Populares do Brasil” de Melo Moraes Filho
- Política de Sergipe

1895:

- ***Ensaaios de Filosofia do Direito***
- A Verdade sobre o Caso de Sergipe
- Silêncio, Caluniador!
- Intermezzo Jornalístico
- Resposta a um Morto
- ***O Vampiro do Vaza-Barris***
- Uma Questão de Direito Constitucional
- Prefácio ao Livro “Cantos do Equador” de Melo Moraes Filho
- Pela Solução Amigável da Questão das Missões
- O Dia dos Operários
- ***Doutrina contra Doutrina – O Evolucionismo e o Positivismo no Brasil***, 2ª ed.

1896:

- Os Novos
- A Literatura Brasileira
- Prefácio ao Livro de “Harpa Noturna” de Rodolfo Teófilo
- A Inglaterra e o Parlamentarismo
- Uma Suposta Lei Sociológica
- ***Cantos Populares do Brasil***

1897:

- Contestação Eleitoral na Câmara dos Deputados
- ***Machado de Assis***
- Martins Pena

1898:

- Prólogo à 2ª edição dos “Estudos de Direito” de Tobias Barreto
- ***Novos Estudos de Literatura Contemporânea***
- História do Direito Nacional
- Defesa no Júri
- O Marquês de Pombal e a Civilização Brasileira
- A Questão do Rio Grande

1899:

- O Simbolismo
- O Haeckelismo em Sociologia
- A Classificação dos Fenômenos em Sociologia
- O Direito Brasileiro no Século XVI
- Quatro Palavras Convictas

1900:

- ***A Literatura Brasileira***
- Prólogo aos “Vários Escritos” de Tobias Barreto
- Apresentação de Projetos na Câmara dos Deputados
- Defesa de Projetos na Câmara de Deputados
- Viagem à Europa
- O Barão do Rio Branco
- Sobre Selos em Contas Comerciais

1901:

- O Casamento Civil
- O Congresso Pan-Americano

- ***Ensaaios de Sociologia e Literatura***
- Prólogo ao Livro “Polêmicas” de Tobias Barreto
- ***Martins Pena***
- Conceção de Filosofia
- Escragnolle Taunay
- Eduardo Prado
- Machado de Assis, Poeta
- Código Civil Brasileiro

1902:

- O Elemento Português no Brasil
- ***O Elemento Português no Brasil***
- ***História da Literatura Brasileira***, 2ª ed.
- O Código Civil

1903:

- O Barão do Rio Branco como Historiador e Diplomata
- Tobias Barreto – Breve Notícia de sua Vida
- As Academias de Coimbra no ano de 1902-1903
- O Duque de Caxias e a Integridade do Brasil
- ***O Duque de Caxias e a Integridade do Brasil***

1904:

- ***Discursos***
- Origem, Elementos, Estrutura e Evolução da Sociedade
- ***Passe Recibo!***

- Prefácio ao Livro “Questões Econômicas Nacionais” de Artur Guimarães

- ***Parnaso Sergipano***

- Versos, Versos e Mais Versos...

- A Escola Literária do Recife no Último Quartel do Século XIX

- Prefácio ao Livro “O Teatro Brasileiro” de Henrique Marinho

- Pinheiro Chagas

- O Momento Literário

- Prefácio ao Livro “A Classificação das Ciências” de Liberato Bittencourt

- ***Pinheiro Chagas***

- O Visconde de Taunay, Homem de Letras

- Flores Mineiras

1905:

- José do Patrocínio

- ***Evolução da Literatura Brasileira***

- A “América Latina” de Manoel Bomfim

- ***Evolução do Lirismo Brasileiro***

- Tobias Barreto

1906:

- O Alemanismo no Sul do Brasil

- A Propósito da “América Latina” de Manoel Bomfim

- ***O Alemanismo no Sul do Brasil***

- A “Pátria Portuguesa” do Sr. Teófilo Braga

- ***Outros Estudos de Literatura Contemporânea***

- Joaquim Nabuco

- O Meio Físico Brasileiro como Fator Social
- ***A “Pátria Portuguesa” – O Território e a Raça***
- Carta a Edmond Démolins
- As Zonas Sociais e a Situação do Povo no Brasil
- A Escola de Le Play no Brasil
- ***Compêndio de História da Literatura Brasileira***
- Quatro Palavras
- Discurso na Academia de Letras
- O Socialismo no Brasil

1907:

- ***Discurso na Academia de Letras***
- Realidades e Ilusões do Brasil
- ***A América Latina***
- Edmond Démolins
- ***O Brasil Social***
- A Questão da Ortografia

1908:

- ***Ensaio de Filosofia do Direito*, 2ª ed.**
- Um Livro de Viagens
- Uma Escritora Brasileira
- ***História do Brasil Ensina pela Biografia de seus Heróis*, 2ª ed.**
- Nosso Maior Mal
- Que é um Caipira?
- Um Livro sobre Tobias Barreto
- As Oligarquias e sua Classificação

1909:

- O Concurso de Lógica no Ginásio Nacional
- ***Compêndio de História da Literatura Brasileira***, 2ª ed.
- Visionário
- ***Zeверissimações Ineptas da Crítica***
- Da Crítica e sua exata definição
- ***Da Crítica e sua exata definição***
- Parecer sobre a Obra de Farias Brito

1910:

- A Mulher e o Instituto Veleiano no Brasil
- ***Provocações e Debates***
- Prefacio ao Livro "Vigílias" de Nazareth Menezes
- Evolução da Literatura Brasileira
- Castilhismo Positivista no Rio Grande do Sul
- Prefácio ao Livro "Dona Dolorosa" de Théó Filho

1911:

- Da Natureza dos Cargos Públicos nas Democracias Modernas
- O Teatro em Juiz de Fora
- O que o Brasil tem o Direito de esperar do Exército
- ***Da Natureza dos Cargos Públicos nas Democracias Modernas***
- O Sr. José Veríssimo, Novelista
- ***O Quadro Sintético da Evolução dos Gêneros na Literatura Brasileira***
- Franklin Magalhães
- ***O Brasil na Primeira Década do Século XX***
- José Pedro Xavier da Veiga e a Guerra dos Emboabas

- Teixeira de Melo como Poeta
- República Unitária e Parlamentar

1912:

- Carlos Frederico de Martins e suas Ideias acerca da História do Brasil
- Parecer na Academia Brasileira de Letras
- Francisco Valadares
- Até onde chega o Norte e começa o Sul do Brasil
- ***A Geografia de Politicagem – O Norte e o Sul do Brasil***
- Paris Avaliado por um Brasileiro
- Nação ou Colônia? Conquista ou não Conquista?
- ***O Castilhismo do Rio Grande do Sul***
- A Profecia do Barão de Tautphoeus
- Prefácio ao livro “Questões e Problemas” de Tito Lívio de Castro
- Euclides da Cunha
- As “Notas e Epístolas” de Estevam de Oliveira
- Novas Contribuições para o Estudo “folk-lore” Brasileiro
- Discurso do Paraninfo aos Alunos do Ginásio O’ Grambery
- O que o Brasil tem o Direito de esperar do Exército
- ***A Bancarrota do Regime Federativo do Brasil***
- O Brasil Social
- Questões Atuais
- ***O Brasil na Primeira Década do Século XX***, 2ª ed.
- A Luta entre o Paraná e Santa Catarina – a Verdadeira Solução

1913:

- O Brasil Social
- Instruções e Educação

- História da Literatura Brasileira
- Oração de Paraninfo aos Bacharéis da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro

1914:

- ***Minhas Contradições***
- Duas Palavras Sobre “Aspectos Brasileiros”
- Sobre Dois Livros de Miguel Melo e Afonso Schmidt

SEM DATA:

- O Elemento Popular na Literatura do Brasil
- Um Livro Jurídico
- Minas Gerais
- Melo Moraes Filho
- Martins Pena
- Classification organico-didactique des sciences
- A Raça e sua Influência nas Letras Brasileiras
- A Poesia fundada na Intuição Crítica Moderna
- Estudo sobre a Poesia e os Contos Populares do Brasil
- Sobre o Livro “Lucas” de Servilho Gonçalves
- Sobre o Livro “Ondas” de Luiz Murat

PÓSTUMOS:

- ***O Remédio*** – 1914
- ***A União do Paraná e Santa Catarina*** – 1916
- Pragmatistas e Intelectualistas – 1919
- ***Machado de Assis***, 2ª ed. – 1936

INÉDITOS:

- *Atualidades e Reincidências*
- *Cartas*
- *Diário Íntimo*
- Liquidação Forçada
- Pedagogia e Literatura
- *Poemas da Evolução*
- *Tobias Barreto – O Homem e o Escritor*
- *História da Literatura Brasileira*, 3º v.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABL – ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia [de Tobias Barreto] (2025). Disponível em: <<https://bit.ly/41Idq6Q>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

ABREU E LIMA, Gen. José Ignácio de. *O socialismo*. Recife: Typographia Universal, 1855. Disponível em: <<https://bit.ly/ALSocialismo>>. Acesso em: 13 mar. 2025.

ABREU E LIMA, Gen. José Ignácio de. *As bíblias falsificadas*. Recife: Mira, 1867. Disponível em: <<https://bit.ly/3MotBl3>>. Acesso em: 13 maio 2025.

ADET, Émile. Literatura contemporânea francesa. *Minerva Brasileira*, n. 2, v. 1, 15 de novembro de 1843.

AGOSTINHO DE HIPONA, Santo. *Sermone. S. Aurelii Augustini Opera Omnia: Patrologiae Latinae Elenchus*, 2025. Disponível em: <<http://www.augustinus.it/latino/discorsi/index2.htm>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

AHRENS, Heinrich. *Cours de psychologie*. Paris: Merklein, 1836. Disponível em: <<https://bit.ly/4jNcJCA>>. Acesso em: 23 abr. 2025.

ALENCAR, José de. *Cinco minutos*. Rio de Janeiro: Typographia Mont'Alverne, 1894. Disponível em: <<https://bit.ly/42UmGpq>>. Acesso em: 23 maio 2025.

ALENCAR, José de. *Diva*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1921. Disponível em: <<https://archive.org/details/3171505>>. Acesso em: 5 maio 2025.

ALENCAR, José de. *Cartas de Erasmo*. José Murilo de Carvalho (org.). Rio de Janeiro: ABL, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/44RMhRD>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

ALONSO, Angela. O Positivismo de Luís Pereira Barreto e o Pensamento Brasileiro no Final do Século XIX. In: *Conferências do Instituto de Estudos Avançados da USP*, 28 de abril de 1995. Disponível em: <<https://bit.ly/3Fa4kGW>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

ALVIM, Gilmar Araújo. *Linguagens do poder no Portugal setecentista: um estudo a partir da Dedução cronológica e analítica (1767)*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFF, 2010. Disponível em: <<https://ap.uff.br/riuff/handle/1/17032>>. Acesso em: 13 maio 2025.

ANDRÉ, Charles. *Petit cours de littérature française*. Bruxelas: Émile Bruylant, 1860. Disponível em: <<https://archive.org/details/ChAndre>>. Acesso em: 13 maio 2025.

ARANTES, Paulo. *Um departamento francês de ultramar*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *Obra crítica de Araripe Júnior – v. III (1895-1900)*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1963. Disponível em: <<https://bit.ly/Araripe1963>>. Acesso em: 13 maio 2025.

ARAÚJO RIBEIRO, José de (publicado anonimamente). *O fim da criação ou a natureza interpretada pelo senso comum*. Rio de Janeiro: Perseverança, 1875. Disponível em: <<http://bit.ly/JdeAROfim>>. Acesso em: 5 maio 2025.

ARISTÓTELES. *Tratados de Lógica (Órganon) II: Sobre la Interpretación; Analíticos Primeros; Analíticos Segundos*. Introduções, traduções e notas de Miguel Candel Sanmartín. Madrid: Gredos, 1988.

ARISTÓTELES, *Retórica*. Tradução Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

ASSIER, Adolphe d'. *Essai de philosophie positive au XIX^e siècle*. Paris: Germer Baillière, 1870. Disponível em: <<https://bit.ly/3StAWC2>>. Acesso em: 13 maio 2025.

BAIN, Alexander. *Logique*. Tradução para o francês de Gabriel Compayré. Paris: Germer Baillière, 1875. Disponível em: <<https://bit.ly/3FbXdRT>>. Acesso em: 13 maio 2025.

BANDEIRA FILHO, Herculano. Uma renovação literária entre nós. *Revista Brasileira*, 1º ano, 1º tomo, junho a setembro de 1879, p. 80-93 e 166-180. Disponível em: <<https://bit.ly/AHSBF1879>>. Acesso em: 13 maio 2025.

BARCELLOS, Thaís Bartolomeu. A imortalidade vendida em frascos: representações da morte na crônica machadiana. In: *Anais do V Sappil* (Seminário dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras), UFF, n. 1, 2014, p. 5-12. Disponível em: <<https://bit.ly/44RnrBf>>. Acesso em: 13 maio 2025.

BARRETO, Luiz Antonio. Tobias Barreto: uma biobibliografia. CDPB (Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro). *Tobias Barreto (1839-1889): Bibliografia e estudos críticos*. Salvador: CDPB, 1990. Disponível em: <<https://bit.ly/3TRMQrn>>. Acesso em: 8 maio 2025.

BARRETO, Luiz Antonio. Oratura e Escritura em Sílvio Romero. In: CARVALHO, Ana Conceição Sobral; ROCHA, Rosina Fonsêca (orgs.) *Sílvio Romero e a Sergipanidade*. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura do Governo do Estado de Sergipe; Impressão Gráfica e Editora, 2004, p. 24-25.

BIRAN, Maine de. *Nouvelles considérations sur les rapports du physique et du moral de l'homme*. Paris: Ladrangé, 1834. Disponível em: <<https://archive.org/details/b29307879>>. Acesso em: 5 maio 2025.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902. 7 v. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/221681>>. Acesso em: 13 maio 2025.

du BOIS-REYMOND, Emil. Über Geschichte der Wissenschaft – 04/07/1872(a). In: *Reden von Emil du Bois-Reymond* – v. I, 2. ed. Leipzig: Veit & Comp, 1912, p. 431-440. Disponível em: <<https://bit.ly/4jFC7uh>>. Acesso em: 8 maio 2025.

du BOIS-REYMOND, Emil. Über die Grenzen des Naturerkennens – 14/08/1872(b). In: *Reden von Emil du Bois-Reymond* – v. I, 2. ed. Leipzig: Veit & Comp, 1912, p. 441-473.

du BOIS-REYMOND, Emil. Darwin versus Galiani – 06/07/1876. In: *Reden von Emil du Bois-Reymond* – v. I, 2. ed. Leipzig: Veit & Comp, 1912, p. 540-566.

du BOIS-REYMOND, Emil. Kulturgeschichte und Naturwissenschaft – 24/03/1877. In: *Reden von Emil du Bois-Reymond* – v. I, 2. ed. Leipzig: Veit & Comp, 1912, p. 567-629.

BOUSSINESQ, Joseph. La liberté morale et le déterminisme scientifique. In: *Revue Scientifique de la France et de l'Étranger*, n. 42, 14 de abril de 1877, p. 986-991. Disponível em: <<https://bit.ly/Boussinesq>>. Acesso em: 23 abr. 2025.

BRASIL. *Constituição política do Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1824. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/514067>>. Acesso em: 5 maio 2025.

BRASIL. *Código Criminal do Império do Brasil*. Recife: Typographia Universal, 1858. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221763>>. Acesso em: 5 maio 2025.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *História Geral da Civilização Brasileira: do Império à República*, v. 7, t. 2, 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2006.

BUCHANAN, Robert. Hugo in 1872. *A Poet's Sketch-Book: Selections from the Prose Writings of Robert Buchanan*. Londres: Chatto and Windus, 1883. Disponível em: <<https://bit.ly/BuchananPS>>. Acesso em: 13 maio 2025.

BÜCHNER, Ludwig. *Kraft und Stoff*. Leipzig: Theodor Thomas, 1869(a). Disponível em: <<https://archive.org/details/Buchner-KuS1869>>. Acesso em: 5 maio 2025.

BÜCHNER, Ludwig. *Force et matière*. Obra traduzida do alemão com a aprovação do autor. Paris: Reinwald, 1869(b). Disponível em: <<http://bit.ly/45t5oDZ>>. Acesso em: 13 agosto 2025.

BUCKLE, Thomas. *History of Civilization in England*, v. I. Nova York: Appleton, 1884. Disponível em: <<https://bit.ly/3FV9t5p>>. Acesso em: 13 maio 2025.

BUCKLE, Thomas. *History of Civilization in England*, v. II. Nova York: Longmans, Green & Co, 1903. Disponível em: <<https://bit.ly/BuckleHCE>>. Acesso em: 13 maio 2025.

BURNOUF, Émile. *La science des religions*. Paris: Maisonneuve, 1872. Disponível em: <<https://bit.ly/Burnouf-1872>>. Acesso em: 13 maio 2025.

CANDIDO, Antonio. *O método crítico de Sílvio Romero*. São Paulo: EDUSP, 1988.

CANHADA, Júlio. *O discurso e a história – a filosofia no Brasil no século XIX*. São Paulo: Loyola, 2020.

CARVALHO, Ana Conceição Sobral de; ROCHA, Rosina Fonsêca (org.). *Sílvio Romero e a Sergipanidade*. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura do Governo do Estado de Sergipe; Impressão Gráfica e Editora, 2004.

CASTELAR, Emilio. *Cartas sobre política europea – segunda serie*. Madri: Bailly-Bailliere, 1876. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11169/7231>>. Acesso em: 23 abr. 2025.

CERQUEIRA, Luiz Alberto. Sílvio Romero – A Filosofia no Brasil. Reedição fundamentada do texto original. In: *Blog Textos de Filosofia Brasileira*, julho 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/Romero1878>>. Acesso em: 13 maio 2025.

CHARCOT, Jean-Martin. Les localisations cérébrales. *Revue Scientifique de la France et de l'Étranger*, n. 20, 11 de novembro de 1876, p. 457-467. Disponível em: <<https://bit.ly/3Vb53OZ>>. Acesso em: 13 maio 2025.

CHAUI, Marilena. *Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro*. Organização de André Rocha. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013.

COMTE, Auguste. *Cours de philosophie positive*. Tomo II. Paris: Baillière, 1869. Disponível em: <<https://archive.org/details/coursdephiloso02comt>>. Acesso em: 5 maio 2025.

COMTE, Auguste. *Cours de philosophie positive*. Tomo III. Paris: Bachelier, 1838. Disponível em: <<https://bit.ly/3SvdioR>>. Acesso em: 13 maio 2025.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. *Dicionário biográfico de pernambucanos célebres*. Recife: Typographia Universal, 1882. Disponível em: <<https://bit.ly/3ObvVx8>>. Acesso em: 13 maio 2025.

COUSIN, Victor. *Fragments philosophiques*. Paris: Ladrangue, 1833. Disponível em: <<https://bit.ly/4jM9Fql>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

COUSIN, Victor. *Premiers essais de philosophie*, 3. ed. Paris: Nouvelle, 1855. Disponível em: <<https://bit.ly/CousinPEP>>. Acesso em: 23 fev. 2025.

COUSIN, Victor. *Philosophie de Locke*. Paris: Didier, 1861. Disponível em: <<https://bit.ly/CousinLocke>>. Acesso em: 5 maio 2025.

CRUZ COSTA, João. *A Filosofia no Brasil*. Porto Alegre: Globo, 1945.

CRUZ COSTA, João. *Contribuição à história das ideias no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

DCC, *Diccionario de Culturas Clásicas*. Barcelona: Larousse; Vox, 2012.

DELAUNAY, Charles. *Cours élémentaire d'astronomie*, 4. ed. Paris: Masson & Garnier, 1864. Disponível em: <<https://bit.ly/DelaunaY>>. Acesso em: 5 maio 2025.

DELBCEUF, Joseph. *La psychologie comme science naturelle*. Paris: Germer Baillière, 1876. Disponível em: <<https://bit.ly/Delboeuf1876>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

DELBCEUF, Joseph. Les Mathématiques et le transformisme, une loi mathématique applicable à la théorie du transformisme. *Revue Scientifique de la France et de l'Étranger*, n. 29, 13 de janeiro de 1877, p. 669-679. Disponível em: <<https://bit.ly/Delbœuf1877>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

DEMÓFILO. *Catecismo constitucional*. Rio de Janeiro: Garnier, 1873. Disponível em: <<https://archive.org/details/Cathecismo-constitucional-1873>>. Acesso em: 13 maio 2025.

DENYSE, Jean. *La nature expliquée par le raisonnement et par l'expérience*. Paris: Mongé, 1719. Disponível em: <<https://archive.org/details/Denys-Nature-1719>>. Acesso em: 13 maio 2025.

DESCARTES, René. *Discours de la Méthode suivi des Méditations Métaphysiques*. Paris: Flammarion, 1900. Disponível em: <<https://archive.org/details/discoursdel00desc>>. Acesso em: 13 maio 2025.

DICIO, *Dicionário Online de Português*. Porto: 7Graus, 2025. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

DOMINGOS VIEIRA, Fr. *Thesouro da Lingua Portuguesa*. Porto: Chardron & Moraes, 1871–1874. 5 v. Disponível em: <<http://bit.ly/3UKqqYt>>. Acesso em: 13 set. 2025.

DPLP, *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, 2023. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/>>. Acesso em: 23 fev. 2025.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos; ANDRADE, Mário de. *Carlos e Mário: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade: 1924-1945*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002.

DUPUIS, Charles-François. *Abrégé de l'Origine de tous les cultes*. Paris: Chasseriau, 1822. Disponível em: <<https://bit.ly/4mcTbcM>>. Acesso em: 13 maio 2025.

DUPUIT, Jules. L'économie politique est-elle une science ou n'est-elle qu'une étude? *Journal des Économistes*, n. 36, fevereiro de 1863, p. 237-248. Disponível em: <<https://bit.ly/Dupuit1863>>. Acesso em: 23 fev. 2025.

DUVAL, Mathias. *Cours de physiologie, d'après l'enseignement du professeur Küss*. Paris: Baillière, 1873. Disponível em: <<https://bit.ly/44x6TOP>>. Acesso em: 5 maio 2025.

FAYE, Hervé. *Hervé Faye, Sur l'origine du monde – théories cosmogoniques des anciens et des moderne*. Paris: Gauthier-Villars, 1896. Disponível em: <<https://bit.ly/3FcYc4e>>. Acesso em: 13 maio 2025.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FICHTE, Johann Gottlieb. *Reden an die deutsche Nation*. Halle: Otto Hendel, 1892. Disponível em: <<https://bit.ly/Fichte-D>>. Acesso em: 5 maio 2025.

FLOURENS, Pierre. *De la vie et de l'intelligence*. Paris: Garnier, 1858. Disponível em: <<https://bit.ly/42I7BK4>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

FONSECA, Maria Rachel Fróes da. As ‘Conferências Populares da Glória’: a divulgação do saber científico. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, v. II, n. 3, fev. 1996, p. 135-166. Disponível em: <<https://bit.ly/CPG1996>>. Acesso em: 13 maio 2025.

FONTES, Aglaé d’Ávila. Um homem e sua história. CARVALHO, Ana Conceição Sobral de; ROCHA, Rosina Fonsêca (orgs.). *Sílvio Romero e a Sergipanidade*. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura do Governo do Estado de Sergipe; Impressão Gráfica e Editora, 2005, p. 10-13.

FOUQUÉ, Ferdinand André. La Détermination des minéraux microscopiques des roches. *Revue Scientifique de la France et de l’Étranger*, n. 25, 16 de dezembro de 1876, p. 589-596. Disponível em: <<https://bit.ly/Fouque>>. Acesso em: 5 maio 2025.

FRANCA, Leonel. *Noções de história da filosofia*. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

FRANÇA, Eduardo Ferreira. *Ensaio sobre a influência dos alimentos e das bebidas sobre o moral do homem*. Tradução de João Ferreira Bittencourt. Salvador: Typographia Liberal do Seculo, 1851.

FRANÇA, Eduardo Ferreira. *Investigações de psicologia*. 2. ed. São Paulo: Grijalbo/ Edusp, 1973. Disponível em: <<https://archive.org/details/EFF-InvPsic>>. Acesso em: 5 maio 2025.

GANGANELLI (Joaquim Saldanha Marinho). *A Igreja e o Estado*. Rio de Janeiro: Villeneuve, 1873. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/222294>>. Acesso em: 13 maio 2025.

GAUTIER, Armand. La Chimie des plantes. *Revue Scientifique de la France et de l’Étranger*, n. 33, 10 de fevereiro de 1877, p. 765-771. Disponível em: <<https://bit.ly/GautierA>>. Acesso em: 5 maio 2025.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto*. Tradução de Jenny Klabin Segall. São Paulo: Ed. 34, 2016.

GONÇALVES DE MAGALHÃES, Domingos José. *Suspiros poéticos e saudades*. Rio de Janeiro: João Pedro da Veiga; Paris: Dauvin et Fontaine, 1836. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000017244>>. Acesso em: 5 maio 2025.

GONÇALVES DE MAGALHÃES, Domingos José. *Antonio José – ou o poeta e a Inquisição*. Rio de Janeiro: Typographia Imparcial de F. de Paula Brito, 1839. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4161>>. Acesso em: 5 maio 2025.

GONÇALVES DE MAGALHÃES, Domingos José. *Olgianto – tragédia em cinco atos*. Rio de Janeiro: Typographia Imparcial de F. de Paula Brito, 1841. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000017236>>. Acesso em: 5 maio 2025.

GONÇALVES DE MAGALHÃES, Domingos José. *A Confederação dos Tamoios*. Rio de Janeiro: Typographia Dous de Dezembro, 1857. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/179487>>. Acesso em: 5 maio 2025.

GONÇALVES DE MAGALHÃES, Domingos José. *Fatos do espírito humano*. Paris: Auguste Fontaine, 1858. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008694>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

GONÇALVES DE MAGALHÃES, Domingos José. *Urânia*. Rio de Janeiro: Garnier, 1862. Disponível em: <<http://bit.ly/GMUrânia>>. Acesso em: 5 maio 2025.

GONÇALVES DE MAGALHÃES, Domingos José. *Cânticos fúnebres*. Rio de Janeiro: Garnier, 1864. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4171>>. Acesso em: 5 maio 2025.

GONÇALVES DE MAGALHÃES, Domingos José. *Opúsculos históricos e literários*, 2. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1865. Disponível em: <<https://bit.ly/44Cbi2U>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

GONÇALVES DE MAGALHÃES, Domingos José. *A alma e o cérebro, estudos de psicologia e de fisiologia*. Rio de Janeiro: Garnier, 1876. Disponível em: <<https://archive.org/details/a-alma-e-o-cerebro-1876>>. Acesso em: 13 maio 2025.

GRÉCO, Gérard (dir.). *Dictionnaire Grec-Français – Bailly 2020 – Hugo Chávez*, 2020. Disponível em: <<https://bailly.app/>>. Acesso em: 23 abr. 2025.

GUEDES CABRAL, Domingos. *Funções do cérebro*. Bahia: Imprensa Econômica, 1876. Disponível em: <<https://archive.org/details/DGC-Funcoes-do-cerebro>>. Acesso em: 13 maio 2025.

GUILLEMIN, Amédée. *Le Ciel – notions élémentaires d’astronomie physique*. Paris: Hachette, 1877. Disponível em: <<https://bit.ly/4iXQlp9>>. Acesso em: 13 maio 2025.

GUIZOT, François, *Méditations et études morales*. Paris: Didier, 1852. Disponível em: <<https://archive.org/details/mditationsettude00guiz>>. Acesso em: 5 maio 2025.

HAECKEL, Ernst. *Natürliche Schöpfungsgeschichte*, 3. ed. Berlim: Reimer, 1868. Disponível em: <<https://bit.ly/4dcmo3e>>. Acesso em: 13 maio 2025.

HAECKEL, Ernst. *Natürliche Schöpfungsgeschichte*, 4. ed. Berlim: Reimer, 1873. Disponível em: <<https://bit.ly/Haeckel288>>. Acesso em: 13 maio 2025.

HAECKEL, Ernst. *História da criação dos seres organizados segundo as leis naturais*. Tradução de Paulo Pimenta. Porto: Lello & Irmão, 1961.

HARTMANN, Eduard von, *Die Selbstzersetzung des Christenthums und die Religion der Zukunft*. Berlim: Carl Duncker's, 1874. Disponível em: <<https://bit.ly/4j8ckdi>>. Acesso em: 13 maio 2025.

HARTMANN, Eduard von. *Wahrheit und irrthum in darwinismus*. Berlim: Carl Duncker's, 1875. Disponível em: <<https://bit.ly/44xDnLm>>. Acesso em: 13 maio 2025.

HEINSFELD, Adelar. O Cetro contra o Báculo: a questão religiosa brasileira no Parlamento Imperial. *Revista Brasileira de História das Religiões*, ANPUH, ano XIV, n. 40, maio/ago. 2021, p. 193-219. Disponível em: <<https://bit.ly/Heinsfeld2021>>. Acesso em: 23 fev. 2025.

HELMHOLTZ, Hermann von. Das Denken in der Medizin – 1877(a). In: Hermann von Helmholtz, *Vorträge und Reden*, v. 2. Braunschweig: Friedrich Vieweg und Sohn, 1896, p. 165-190. Disponível em: <<https://bit.ly/3GEoPzI>>. Acesso em: 7 maio 2025.

HELMHOLTZ, Hermann von. Über die akademische Freiheit der deutschen Universitäten – 1877(b). In: Hermann von Helmholtz, *Vorträge und Reden*, v. 2. Braunschweig: Friedrich Vieweg und Sohn, 1896, p. 191-212.

HERCULANO, Alexandre. *O monge de Cister – ou a época de D. João I*, t. I, 13. ed. Lisboa: Typographia Universal, 1918. Disponível em: <<https://bit.ly/3MmmAS3>>. Acesso em: 23 maio 2025.

HERCULANO, Alexandre. A Abóbada, 2023. Disponível em: <<https://bit.ly/42uamfH>>. Acesso em: 13 maio 2025.

HERDER, Johann Gottfried von. *Briefe, das Studium der Theologie betreffend*. Weimar: Carl Ludolph Hoffmanns, 1785. Disponível em: <<https://bit.ly/HerderBriefe>>. Acesso em: 13 maio 2025.

HERZEN, Alexandre. *Physiologie de la volonté*. Tradução para o francês de Letourneau. Paris: Germer Baillière, 1874. Disponível em: <<https://bit.ly/3I7ItC7>>. Acesso em: 5 maio 2025.

HORÁCIO. *The Works of Horace*. Philadelphia: Whetham, 1836. Disponível em: <<https://bit.ly/HoraSat>>. Acesso em: 13 maio 2025.

HOUAISS, Antônio. *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 2025. Disponível em: <www.houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 3 maio 2025.

HUET, François. *La révolution philosophique au XIX^e siècle*. Paris: Michel Lévy, 1871. Disponível em: <<https://archive.org/details/Huet-1871>>. Acesso em: 5 maio 2025.

HUME, David. *An enquiry concerning human understanding*. Oxford: Clarendon Press, 2000.

HUXLEY, Thomas H. *Lessons in elementary physiology*. Londres: Macmillan, 1866. Disponível em: <<https://bit.ly/3hBzUSh>>. Acesso em: 5 maio 2025.

HUXLEY, Thomas H. *Methods and results*. Nova York: Appleton, 1899. Disponível em: <<https://archive.org/details/cu31924010857468>>. Acesso em: 5 maio 2025.

ITAPARICA, Fr. Antônio da Virgem Maria. *Compêndio de filosofia elementar*. Bahia: Epiphania Pedroza, 1852. Disponível em: <<https://archive.org/details/Frei-Itaparica-1852>>. Acesso em: 13 maio 2025.

JANET, Paul. *Le matérialisme contemporain en Allemagne – examen du système du docteur Büchner*. Paris: Germer Baillière, 1864. Disponível em: <<https://bit.ly/3MDDx7E>>. Acesso em: 5 maio 2025.

JANET, Paul. *Le cerveau et la pensée*. Paris: Germer Baillière, 1867. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k76823q>>. Acesso em: 3 maio 2025.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*, 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

JOUFFROY, Théodore. *Nouveaux mélanges philosophiques*, 2. ed. Paris: Joubert, 1861. Disponível em: <<https://bit.ly/42wPS5l>>. Acesso em: 5 maio 2025.

JOURNAL DES SÇAVANS. Resenha de *La Nature expliquée par le Raisonnement & par l'Experience*, de Jean Denyse. *Journal des Sçavans*, setembro de 1719, p. 267-281. Disponível em: <<https://bit.ly/JS-1719>>. Acesso em: 5 maio 2025.

KOSERITZ, Karl von. *Karl von Koseritz: Seleção de textos*. Organização de René Gertz. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

KANT, Immanuel. *Prolegômenos a toda metafísica futura*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988.

LAGRECA, Silvério. *O naturalismo em medicina – ou dos progressos da medicina moderna*. Bahia: Imprensa Econômica, 1876. Disponível em: <<https://archive.org/details/Lagreca-1876>>. Acesso em: 13 maio 2025.

LASSON, Adolf. Eduard von Hartmann und seine neuesten Schriften. In: *Deutsche Rundschau*, ano 2, n. 12, setembro de 1876. Disponível em: <<https://bit.ly/ALasson>>. Acesso em: 5 abr. 2025.

LAURENT, François. *Études sur l'histoire de l'humanité* – t. 17. Paris: Librairie Internationale, 1870. Disponível em: <<https://bit.ly/Laurent1870>>. Acesso em: 5 maio 2025.

LEITE, Carlos Willian. A última entrevista de Castro Alves. *Revista Bula*, 14 de março de 2023. Disponível em: <<https://bit.ly/3pyii0S>>. Acesso em: 13 maio 2025.

LEMONS, Miguel. *Pequenos ensaios positivistas*. Rio de Janeiro: Brown & Evaristo, 1877. Disponível em: <<https://bit.ly/MLem1877>>. Acesso em: 13 maio 2025.

LEMONS, Miguel. Lettre à M. Littré. *La Philosophie Positive – Revue*. Tomo XXI, jul./dez. 1878, p. 308-310. Paris: Bureau de la Philosophie Positive. Disponível em: <<https://bit.ly/Lemons1878>>. Acesso em: 3 maio 2025.

LENORMANT, François. *Les premières civilisations*, v. II. Paris: Maison Neuve, 1874. Disponível em: <<https://bit.ly/Len1874>>. Acesso em: 13 maio 2025.

LÉVÊQUE, Charles. *La science de l'invisible*. Paris: Germer Baillière, 1865. Disponível em: <<https://bit.ly/Leveque1865>>. Acesso em: 13 maio 2025.

LEWES, George Henry. Les fonctions du cerveau, d'après Ferrier. *Revue Scientifique de la France et de l'Étranger*, n. 30, 20 de janeiro de 1877, p. 699-704. Disponível em: <<https://bit.ly/3ChHcEB>>. Acesso em: 13 maio 2025.

LIAIS, Emmanuel. *Suprématie intellectuelle de la France – réponse aux allégations germaniques*. Paris: Garnier, 1872(a). Disponível em: <<https://bit.ly/3wKLSB0>>. Acesso em: 13 mar. 2025.

LIAIS, Emmanuel. *Supremacia intelectual da raça latina – resposta às alegações germânicas*. Versão de Abranches Gallo. Rio de Janeiro: Garnier, 1872(b). Disponível em: <<https://bit.ly/4cCXee7>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

LIEBMANN, Otto. *Kant und die Epigonen*. Berlim: Reuther & Reichard, 1912. Disponível em: <<https://bit.ly/KantudEp>>. Acesso em: 13 maio 2025.

LIMA, Jackson da Silva. Sílvia Romero e a Sergipanidade. CARVALHO, Ana Conceição Sobral de; ROCHA, Rosina Fonsêca (orgs.). *Sílvia Romero e a Sergipanidade*. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura do Governo do Estado de Sergipe; Impressão Gráfica e Editora, 2004, p. 14-17.

LITTRÉ, Émile. *Auguste Comte et la philosophie positive*. Paris: Hachette, 1864. Disponível em: <<https://bit.ly/Littre-1863>>. Acesso em: 13 maio 2025.

LITTRÉ, Émile. *Médecine et médecins*. Paris: Didier, 1872. Disponível em: <<https://archive.org/details/mdecineetmdecin02littgoog>>. Acesso em: 5 maio 2025.

LITTRÉ, Émile. *La science au point de vue philosophique*. Paris: Didier, 1873. Disponível em: <<https://archive.org/details/lascienceaupoin01littgoog>>. Acesso em: 5 maio 2025.

LITTRÉ, Émile. Variétés. In: *La Philosophie Positive – Revue*. Tomo XIX, jul./dez. de 1877. Paris: Bureau de la Philosophie Positive. Disponível em: <<https://bit.ly/LLemos>>. Acesso em: 13 maio 2025.

LITTRÉ, Émile. Carta (1878). In: CARVALHO, Alberto de. *Duas palavras sobre a Filosofia Positiva, com uma carta de Émile Littré*. Rio de Janeiro, 1878, p. 5-7. Disponível em: <<https://archive.org/details/alberto-de-carvalho-1878>>. Acesso em: 13 maio 2025.

LOTZE, Hermann. *Medizinische Psychologie, oder Physiologie der Seele*. Leipzig: Weidmann, 1852. Disponível em: <<https://bit.ly/3C9CF7a>>. Acesso em: 3 maio 2025.

LYELL, Charles. *Principles of Geology*, 4 v. Londres: John Murray, 1837. Disponível em: <<https://archive.org/details/Lyell1837jf09J-a>>. Acesso em: 23 maio 2025.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Mont'Alverne. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 1858, p. 6. Disponível em: <<https://bit.ly/3NXrKnB>>. Acesso em: 13 jan. 2025.

MALEBRANCHE, Nicolas. *Ceuvres – Recherche de la vérité*. Edição e introdução de Jules Simon. Paris: Charpentier, 1842. Disponível em: <<https://bit.ly/3E8yTA6>>. Acesso em: 13 mar. 2025.

MANGUEL, Alberto. *Encaixotando minha biblioteca*. Tradução de Jorio Dauster. São Paulo: Cia. das Letras, 2021.

MARGUTTI, Paulo. *As ideias filosóficas de Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882)*. Cachoeirinha: Fi, 2023(a). Disponível em: <<https://bit.ly/3NTlc9x>>. Acesso em: 13 jan. 2025.

MARGUTTI, Paulo. *As ideias filosóficas de Eduardo Ferreira França (1809-1857)*. Porto Alegre: Fi, 2023(b). Disponível em: <<https://bit.ly/3vCsiJi>>. Acesso em: 13 jan. 2025.

MARQUES, Lúcio Álvaro. Em busca de uma filosofia colonial brasileira. *Veritas*, Porto Alegre, v. 66, n. 1, p. 1-12, jan./dez. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/433c3DH>>. Acesso em: 13 maio 2025.

MARSELLI, Niccola. *La scienza della storia*. Turim: Ermanno Loescher, 1873. Disponível em: <<https://bit.ly/Marselli1873>>. Acesso em: 5 maio 2025.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*, v. III (1855-1877). São Paulo: Cultrix; Edusp, 1977.

MENEZES, Evily Lima; SILVA, Weinar Santos. A face obscura do Padre Mestre: as denúncias contra o Frei Caetano de Messina no papel re-doutrinador em Taubaté-SP em 1876. *Anais do XVII Simpósio Nacional da ABHR e do II Simpósio Nacional de Estudos da Religião da UEG*, 2021, p. 250-259. Disponível em: <<https://bit.ly/4kdFgBi>>. Acesso em: 23 abr. 2025.

MILL, John Stuart. *A System of Logic, Ratiocinative and Inductive*. Londres: Parker, 1843, 2 v. Disponível em: <<https://bit.ly/3pjntld>> e <<https://bit.ly/3LILOc1>>. Acesso em: 13 maio 2025.

MILL, John Stuart. *Auguste Comte and Positivism*. Londres: Trübner & Co, 1865. Disponível em: <<https://bit.ly/3VW4zx7>>. Acesso em: 5 maio 2025.

MILL, John Stuart. *Public and Parliamentary Speeches – part II*. Toronto: University of Toronto Press, 1988. Disponível em: <<https://archive.org/details/SM-PPS-1873>>. Acesso em: 13 maio 2025.

MIRANDA AZEVEDO, Augusto César de. Darwinismo: seu passado, seu presente, seu futuro. *Conferências Populares*, n. 1, Rio de Janeiro, 1876, p. 40-63. Disponível em: <<https://bit.ly/MdeA1876>>. Acesso em: 13 maio 2025.

MONT'ALVERNE, Fr. Francisco de. *Compêndio de filosofia*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1859. Disponível em: <<https://bit.ly/4kbigmr>>. Acesso em: 13 maio 2025.

MONT'ALVERNE, Fr. Francisco de. *Obras oratórias*. Porto: Podestá, 1867. Disponível em: <<https://archive.org/details/montalverne-oo>>. Acesso em: 5 maio 2025.

MORAES E VALLE, Manoel Maria de. *Elementos de filosofia – compêndio apropriado à nova forma de exames da Escola de Medicina do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Vianna, 1851. Disponível em: <<https://bit.ly/4dbfKup>>. Acesso em: 13 maio 2025.

MORAES SILVA, Antonio de. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Lacerda, 1823, 2 v. Disponível em: <<https://bit.ly/43r2j68>>. Acesso em: 13 maio 2025.

MORFAUX, Louis-Marie. *Vocabulaire de la philosophie et des sciences humaines*. Paris: Armand-Colin, 1980.

MÜLLER, Max. *Chips from a German workshop – volume I, Essays on the science of religion*. Nova York: Charles Scribner, 1872. Disponível em: <<https://bit.ly/42zwkxS>>. Acesso em: 13 maio 2025.

MUNIZ, Patrício. *Teoria da afirmação pura*. Rio de Janeiro: Correio Mercantil, 1863. Disponível em: <<https://archive.org/details/PMuniz-TAP-1863>>. Acesso em: 5 maio 2025.

MUNIZ, Patrício. *Oração Fúnebre – nas exéquias de Dom Miguel de Bragança*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1867. Disponível em: <<https://bit.ly/3tLzfHA>>. Acesso em: 7 maio 2025.

NABUCO, Joaquim. *Droit au meurtre – lettre a M. Ernest Renan sur L’homme-femme*. Rio de Janeiro: Garnier, 1872. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4592>>. Acesso em: 13 maio 2025.

NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Introdução de Gilberto Freyre. Brasília: Senado Federal, 1998. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1019>>. Acesso em: 13 mar. 2025.

NÄGELI, Carl von. Les bornes de la science. *Revue Scientifique de la France et de l'Étranger*, n. 41, 13 de abril de 1878, p. 957-969. Disponível em: <<https://bit.ly/41uBUAl>>. Acesso em: 23 maio 2025.

NOLAN, Lawrence. Malebranche's Theory of Ideas and Vision in God. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Spring 2022 Edition. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2022/entries/malebranche-ideas/>>. Acesso em: 13 mar. 2025.

NUNES, Maria Thétis. O Sesquicentenário de Sílvio Romero. CARVALHO, Ana Conceição Sobral de; ROCHA, Rosina Fonsêca (orgs.). *Sílvio Romero e a Sergipanidade*. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura do Governo do Estado de Sergipe; Impressão Gráfica e Editora, 2004, p. 18-23.

O GLOBO. Notícias. Edição n. 136, 3 de junho de 1877. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/369381/3980>>. Acesso em: 2 maio 2025.

O NOVO MUNDO. O Novo Mundo. Edição n. 1, 24 de outubro de 1870, p. 2. Disponível em: <<https://bit.ly/3W5D6c7>>. Acesso em: 2 maio 2025.

O NOVO MUNDO. Nem filósofo nem crítico. Edição n. 62, 23 de novembro de 1875, p. 38-39. Disponível em: <<https://bit.ly/ONM1875>>. Acesso em: 2 maio 2025.

OBERACKER Jr., Carlos H. Tobias Barreto de Menezes, o mais significativo germanista do Brasil (1990). Tradução de Geraldo Moser. MENEZES, Tobias Barreto de. *Monografias em alemão*. Rio de Janeiro: Record; Brasília: INL, 1990(b), p. 267-277.

PABÓN S. DE URBINA. José, *Diccionario Manual Griego clásico-Español*. 24ª ed. Barcelona: Vox, 2011.

PACHECO, Alberto José Vieira; TEIXEIRA, Andréa. Editando e interpretando recitativos de salão (resumo). *Atas do Congresso Internacional Musicologia Transatlântica*, Lisboa, Portugal, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/4jL85Fx>>. Acesso em: 7 maio 2025.

PAIM, Antonio. Introdução. FRANÇA, Eduardo Ferreira. *Investigações de psicologia*. 2. ed. São Paulo: Grijalbo; Edusp, 1973, p. 13-39.

PEDRO AMÉRICO de Figueiredo e Melo. *La science et les systèmes – questions d’histoire et de philosophie naturelle*. 2. ed. Bruxelas: Gustave Mayolez, 1869. Disponível em: <<https://archive.org/details/PedroAmerico-1869>>. Acesso em: 5 maio 2025.

PEDRO AMÉRICO de Figueiredo e Melo. *A ciência e os sistemas*. Tradução de Gabriel Alves de Oliveira, revisada por Maria de Guadalupe Melo Coutinho. 4. ed. João Pessoa: UFPB, 2001.

PEREIRA, Pe. António (trad.) *A Bíblia Sagrada – contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em português segundo a Vulgata Latina*. Lisboa: Depósito, 1885. Disponível em: <<https://archive.org/details/Biblia-Antonio-Pereira-1885>>. Acesso em: 5 maio 2025.

PEREIRA, Pe. António. Prefácio. *A Bíblia Sagrada – contendo o Velho e o Novo Testamento* – v. I. São Paulo: Editora das Américas, 1950. Disponível em: <<https://bit.ly/Bib-AP>>. Acesso em: 5 maio 2025.

PEREIRA BARRETO, Luiz. *Obras filosóficas de Luís Pereira Barreto* – v. I. Organização de Roque Spencer Maciel de Barros. São Paulo: Grijalbo; Edusp, 1967.

PEREIRA BARRETO, Luiz. *Obras filosóficas de Pereira Barreto* – v. II. Organização de Roque Spencer Maciel de Barros. Londrina: Ed. UEL, 2001.

PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da Lingua Brasileira*. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5414>>. Acesso em: 23 fev. 2025.

PONELLE, Edme. *Nouveau manuel complet des aspirants au baccalauréat ès-lettres*. Paris: Mansut, 1828. Disponível em: <<https://bit.ly/3EWBe1p>>. Acesso em: 13 maio 2025.

PORTO ALEGRE, Achylles. *Homens ilustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1917. Disponível em: <<https://bit.ly/3OCjDfT>>. Acesso em: 8 maio 2025.

POULTON, Edward. *Charles Darwin and the Origin of species*. Londres: Longman, 1909. Disponível em: <<https://bit.ly/3xsAkUf>>. Acesso em: 5 maio 2025.

QUEPAT, Nérée. *La Lorgnette philosophique – dictionnaire des grands et des petits philosophes de mon temps*. Paris: Librairie des Bibliophiles, 1872. Disponível em: <<https://bit.ly/QuepatLLP>>. Acesso em: 13 maio 2025.

QUETELET, Adolphe. *Physique sociale – ou essai sur le développement des facultés de l'homme*. 2 v. Paris: Baillière, 1869. Disponível em: <<https://bit.ly/3nwPrtf>> e <<https://bit.ly/3NIaP9v>>. Acesso em: 13 maio 2025.

QUINET, Edgar. *Les révolutions d'Italie*. Paris: Pagnerre, 1857. Disponível em: <<https://bit.ly/41f05IW>>. Acesso em: 13 maio 2025.

RENAN, Ernest. Nouvelles considérations sur le caractère général des peuples sémitiques, et en particulier sur leur tendance au monothéisme. *Journal Asiatique*, 1859, n. 3. Disponível em: <<https://bit.ly/Renan1859>>. Acesso em: 13 maio 2025.

RENAN, Ernest. *Essais de morale et de critique*. Paris: Michel Lévy, 1860. Disponível em: <<https://bit.ly/Renan1860>>. Acesso em: 5 maio 2025.

RENAN, Ernest. *La vie de Jésus*. Paris: Michel Lévy, 1863. Disponível em: <<https://bit.ly/3o1SlXa>>. Acesso em: 13 maio 2025.

RENAN, Ernest. *L'avenir de la science*. Paris: Calmann Lévy, 1890. Disponível em: <<https://bit.ly/3B4KmLZ>>. Acesso em: 13 maio 2025.

REVUE DE PHILOSOPHIE POSITIVE, tomo XI, jul./dez. 1873, ano VI. Paris: Bureau de la Philosophie Positive. Disponível em: <<https://bit.ly/4jgA0MF>>. Acesso em: 13 maio 2025.

REVUE SCIENTIFIQUE DE LA FRANCE ET DE L'ÉTRANGER. Les Planètes intra-mercurielles, n. 26, 23 de dezembro de 1876, p. 608-612. Disponível em: <<https://bit.ly/LesPIM>>. Acesso em: 3 maio 2025.

REVUE SCIENTIFIQUE DE LA FRANCE ET DE L'ÉTRANGER. Resenha de Les Foraminifères de la Barbade, n. 37, 10 de março de 1877, p. 878-879. Disponível em: <<https://bit.ly/LesDlaB>>. Acesso em: 13 maio 2025.

RIBOT, Théodule. *La philosophie de Schopenhauer*. Paris: Germer Baillière, 1874. Disponível em: <<https://bit.ly/3G3YXJf>>. Acesso em: 13 mar. 2025.

ROCHA PITA, Sebastião da. *História da América Portuguesa*. 2. ed. revista e anotada por J. G. Goes. Lisboa: Francisco Arthur da Silva, 1880. Disponível em: <<https://bit.ly/RochaPita>>. Acesso em: 13 maio 2025.

ROMERO, Sílvio. *Se a Economia Política é uma ciência* (1873). Romero, Sílvio. *Estudos de Literatura Contemporânea*. Organização de Luiz Antonio Barreto. Rio de Janeiro: Imago; Aracaju: UFSE, 2002, p. 25-33.

ROMERO, Sílvio. Avis Rara (1). *A Província*, Recife, 15 de dezembro de 1875, p. 3-4. Disponível em: <<https://bit.ly/4j39Tsh>>. Acesso em: 13 maio 2025.

ROMERO, Sílvio. *A Filosofia no Brasil: ensaio crítico*. Porto Alegre: Typographia da Deutsche Zeitung, 1878. Disponível em: <<https://bit.ly/3YbbEvf>> e <<https://bit.ly/3O3ZcKh>>. Acesso em: 13 maio 2025.

ROMERO, Sílvio. A prioridade de Pernambuco no movimento espiritual brasileiro. *Revista Brasileira*, 1º ano, 2º tomo, p. 486-496, 1879. Disponível em: <<https://bit.ly/Romero1879>>. Acesso em: 13 maio 2025.

ROMERO, Sílvio. *Valentim Magalhães: estudo*. Rio de Janeiro: Typographia da Escola, 1884. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242764>>. Acesso em: 13 maio 2025.

ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis – estudo comparativo de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1897. Disponível em: <<https://bit.ly/3RNct5d>>. Acesso em: 7 jan. 2025.

ROMERO, Sílvio. Haeckelismo em sociologia. In: ROMERO, Sílvio. *Ensaio de Sociologia e Literatura*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901.

ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*, tomo II. Rio de Janeiro, Garnier: 1903.

ROMERO, Sílvio. *Zeuerissimações ineptas da crítica (repulsas e desabafos)*. Porto: Commercio do Porto, 1909.

ROMERO, Sílvio. *Autores brasileiros*. BARRETO, Luiz Antonion (org.). Rio de Janeiro: Imago; Aracaju: UFSE, 2002.

RÓNAI, Paulo. *Não perca o seu latim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

ROSTAN, Léon. *Exposition des principes de l'organicisme*. Paris: Labé, 1846. Disponível em: <<https://archive.org/details/b22287085>>. Acesso em: 5 maio 2025.

ROSTAN, Léon. *De l'organicisme*. Paris: Asselin, 1864. Disponível em: <<https://archive.org/details/b28098055>>. Acesso em: 5 maio 2025.

RUSH, Benjamin. *The selected writings of Benjamin Rush*. Edição de Dagobert D. Runes. Nova York: Philosophical Library, 1947. Disponível em: <<https://bit.ly/3NIzI4U>>. Acesso em: 13 maio 2025.

SALLUSTIUS CRISPUS, Caius. *Bellum Iugurthinum*. Edição de Axel W. Ahlberg. Perseus Digital Library, 1919. Disponível em: <<https://bit.ly/Sal-10-2>>. Acesso em: 9 maio 2025.

SAUZE, Alfred. Recherches sur la folie pénitentiaire. *Annales médico-psychologiques*, 1857, t. 3, p. 28-56. Disponível em: <<https://bit.ly/AMP1857>>. Acesso em: 13 maio 2025.

SCHÉRER, Edmond. *Études critiques sur la littérature contemporaine*. Paris: Michel Lévy, 1863. Disponível em: <<https://bit.ly/EScherer>>. Acesso em: 13 maio 2025.

SCHIMPER, Wilhelm Philipp. *Traité de paléontologie végétale*. Paris: Baillière, 1874. Disponível em: <<https://bit.ly/3I4w6q2>>. Acesso em: 13 maio 2025.

SILVA, Ana Rosa Cloclet da; CARVALHO, Thais da Rocha. Ultramontanismo, Maçonaria e Protestantismo no contexto da Questão Religiosa (1872-1875). *Estudos de Religião*, v. 33, n. 2, maio/ago. 2019, p. 27-53. Disponível em: <<https://bit.ly/3StiGc6>>. Acesso em: 23 abr. 2025.

SILVA, Pe. Fernando Augusto da; MENESES, Carlos Azevedo de. *Elucidário Madeirense*, v. II (F-N). Funchal: DRAC, 1998. Disponível em: <<https://bit.ly/3tBMMBB>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

SILVA, José Seabra da. *Dedução cronológica*. Lisboa: Miguel Manescal da Costa, 1768. Disponível em: <<https://bit.ly/DCA1767>>. Acesso em: 13 fev. 2025.

SIMONIN, Louis. *Histoire de la Terre*. Paris: Hetzel, 1867. Disponível em: <<https://archive.org/details/simonin-histoire-de-la-terre>>. Acesso em: 1 maio 2025.

SISSON, Sebastião Augusto. *Galeria dos brasileiros ilustres*, v. 1. Brasília: Senado Federal, 1999. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/1027>>. Acesso em: 5 maio 2025.

SOUTHALL, James Cocke. *The Recent Origin of Man as Illustrated by Geology and the Modern Science of Pre-Historic Archæology*. Philadelphia: Lippincott, 1875. Disponível em: <<https://archive.org/details/recentoriginman01soutgoog>>. Acesso em: 5 abr. 2025.

SOUZA, José Soriano de. *Lições de filosofia elementar, racional e moral*. Pernambuco: Medeiros, 1871. Disponível em: <<https://archive.org/details/details/JSS-LFE-1871>>. Acesso em: 5 maio 2025.

SOUZA, José Soriano de. *Considerações sobre a Igreja e o Estado*. Recife: Typographia da União, 1874. Disponível em: <<https://archive.org/details/details/JSS-1874>>. Acesso em: 5 maio 2025.

SPENCER, Herbert. *Principles of sociology*, v. I. Nova York: Appleton, 1899. Disponível em: <<http://bit.ly/3R48llr>>. Acesso em: 13 maio 2025.

SÜSSEKIND DE MENDONÇA, Carlos. *Sílvio Romero: sua formação intelectual – 1851-1880*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

TAINE, Hippolyte. *Philosophes français du XIX^e siècle*. Paris: Hachette, 1860. Disponível em: <<https://archive.org/details/lesphilosophesf01taingooq>>. Acesso em: 5 maio 2025.

TAINE, Hippolyte. *Les philosophes classiques du XIX^e siècle en France*. Paris: Hachette, 1905. Disponível em: <<https://archive.org/details/lesphilosophescl00tainuoft>>. Acesso em: 5 maio 2025.

TAVARES BASTOS, Aureliano Cândido. *Cartas do solitário*. Rio de Janeiro: Cruz Coutinho, 1863. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/222265>>. Acesso em: 13 maio 2025.

TAVARES BASTOS, Aureliano Cândido. *A província: estudo sobre a descentralização do Brasil*. Rio de Janeiro: Garnier, 1870. Disponível em: <<https://bit.ly/3I4BycL>>. Acesso em: 13 maio 2025.

TEIXEIRA DE SOUZA, José Eduardo. Estudos: A alma e o cérebro. *A Reforma – Órgão democrático*, edições de 9, 10, 12 e 14 de junho de 1877. Disponível em: <<https://bit.ly/ARef1877>>. Acesso em: 13 maio 2025.

TEODORO DE BEZA. *Epistolæ Theologicæ*. Genebra: Vignon, 1573. Disponível em: <<http://bit.ly/BezaEpT>>. Acesso em: 5 maio 2025.

TEMPLO DA HUMANIDADE. *A Religião da Humanidade*, 2025. Disponível em: <<http://templodahumanidade.org.br/a-religiao-da-humanidade/>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

TIMANDRO (Francisco de Sales Torres Homem). *O libelo do povo*. Lisboa: Typographia da Nação, 1868. Disponível em: <<https://bit.ly/4mtgvDp>>. Acesso em: 13 maio 2025.

TOBIAS BARRETO de Menezes. *Ensaio e estudos de filosofia e crítica*. Pernambuco: José Nogueira de Souza, 1889. Disponível em: <<http://bit.ly/TB-EE>>. Acesso em: 5 maio 2025.

TOBIAS BARRETO de Menezes. *Estudos Alemães*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1892. Disponível em <<https://archive.org/details/TB-EA-1892>>. Acesso em: 13 maio 2025.

TOBIAS BARRETO de Menezes. *Vários escritos*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1900. Disponível em: <<https://bit.ly/TB-VE>>. Acesso em: 13 maio 2025.

TOBIAS BARRETO de Menezes. *Dias e noites*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. Disponível em: <<https://archive.org/details/TB-DeN>>. Acesso em: 13 maio 2025.

TOBIAS BARRETO de Menezes. *Estudos de filosofia*. 2. ed. São Paulo: Grijalbo, 1977. Disponível em: <<https://archive.org/details/TB-1977>>. Acesso em: 13 maio 2025.

TOBIAS BARRETO de Menezes. *Crítica de religião*. Organização, introdução e notas de Luiz Antonio Barreto. 2. ed. Rio de Janeiro: Record; Brasília: INL, 1990(a).

TOBIAS BARRETO de Menezes. *Monografias em alemão*. Rio de Janeiro: Record; Brasília: INL, 1990(b).

TOBIAS BARRETO de Menezes. Um discurso em mangas de camisa. In: *Blog Textos de Filosofia Brasileira*, jul./2014. Disponível em: <<https://bit.ly/3u1V29S>>. Acesso em: 13 maio 2025.

TSCHERMAK, Gustav von. La Formation des météorites et le volcanisme. *Revue Scientifique de la France et de l'Étranger*, n. 21, 20 de novembro de 1875, p. 497-501. Disponível em: <<https://bit.ly/Tschermak>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

VAN DEN BROECK, Ernest. Étude sur les Foraminifères de la Barbade (Antilles). *Annales de la Société belge de microscopie: Mémoires*, v. 2, p. 55-152, 1876. Disponível em: <<https://bit.ly/3BjDcTX>>. Acesso em: 13 maio 2025.

VEIGA, Luiz Francisco da. *O Primeiro Reinado estudado à luz da ciência – ou A Revolução de 7 de abril de 1831, justificada pelo direito e pela história*. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1877. Disponível em: <<https://bit.ly/O1oReinado>>. Acesso em: 13 maio 2025.

VERA, Augusto. *Strauss, l'ancienne et la nouvelle foi*. Nápoles: Detken & Rocholl, 1873. Disponível em: <<https://bit.ly/4dhi3Mq>>. Acesso em: 13 maio 2025.

VERNALEKEN, Theodor. *In the land of marvels – Folk-tales from Austria and Bohemia*. Londres: Swan Sonnenschein & Co., 1889. Disponível em: <<https://bit.ly/3G8Y7ih>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

VÉZIAN, Alexandre. Les Périodes glaciaires et les causes de leur apparition. *Revue Scientifique de la France et de l'Étranger*, n. 23, 2 de dezembro 1876, p. 536-543. Disponível em: <<https://bit.ly/Vezian>>. Acesso em: 13 maio 2025.

VIANNA, Francisco Vicente. *Memória sobre o estado da Bahia*. Bahia: Typographia e encadernação do Diário da Bahia, 1893. Disponível em: <<https://bit.ly/Vianna1893>>. Acesso em: 13 maio 2025.

VIRCHOW, Rudolf. *Die Freiheit der Wissenschaft im modernen Staat*. Berlim: Wiegandt, Hempel & Parcy, 1877. Disponível em: <<https://bit.ly/4mlmpq2>>. Acesso em: 8 maio 2025.

VITA, Luís Washington (ed.). *Sílvio Romero – Obra Filosófica*. Introdução e seleção de Luís Washington Vita. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Edusp, 1969.

VOGT, Carl. Le péché de vivisection. *Revue Scientifique de la France et de l'Étranger*, n. 36, 3 de março de 1877, p. 837-840. Disponível em: <<https://bit.ly/CarlVogt>>. Acesso em: 13 maio 2025.

VOLNEY, Constantin-François de. *Les ruines, ou méditations sur les révolutions des empires*. Paris: Baudouin, 1826. Disponível em: <<https://bit.ly/3GPuqTS>>. Acesso em: 13 maio 2025.

WIKIPEDIA, Reprodução de “A Carioca” (Pedro Américo), 2022. Disponível em: <<http://bit.ly/PACarioca>>. Acesso em: 5 maio 2025.

WIKIPEDIA, Batalha do Avaí (Pedro Américo), 2023. Disponível em: <<https://bit.ly/PABdeAv>>. Acesso em: 23 maio 2025.

WOLZOGEN, Alfred von. *Rafael Santi – sein Leben und seine Werke*. Leipzig: Brockhaus, 1865. Disponível em: <<https://archive.org/details/Wolzogen-1865>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

WUNDT, Wilhelm. *Grundzüge der physiologischen Psychologie*. Leipzig: Wilhelm Engelmann, 1874. Disponível em: <<https://bit.ly/3GdKzSH>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

WYROUBOFF, Grégoire. Les civilisations de l'extrême Orient sont-elles soumises à la loi de trois états? In: *Revue de Philosophie Positive*, tomo XI, jul./dez. 1873, ano VI, p. 5-35.

ZABOROWSKI-MOINDRON, Sigismond. *De l'ancienneté de l'homme*. Paris: Germer Baillière, 1874. Disponível em: <<https://archive.org/details/ZM-1874>>. Acesso em: 5 abr. 2025.

ZEILLER, Charles René. Análise do *Traité de paléontologie végétale*, de W. P. Schimper. *Revue Scientifique de la France et de l'Étranger*, n. 22, 28 novembro de 1874, p. 527-528. Disponível em: <<https://bit.ly/ZSchimper>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

Copyright © Fundação Alexandre de Gusmão



Acompanhe nossas redes sociais

@funagbrasil



Impressão: Gráfica e Editora Qualytá Ltda.

Papel da capa: cartão duplex 250g/m²

Papel do miolo: pólen similar 80g/m²

A historiografia culturalista, sob influência de Miguel Reale, reuniu Gonçalves de Magalhães, suposto primeiro filósofo brasileiro, a Farias Brito e Tobias Barreto, como os fundadores da filosofia nacional. Tobias Barreto se consagrou com duas afirmações tão célebres quanto caricatas: *não há domínio algum da atividade intelectual, em que o espírito brasileiro se mostre tão acanhado, tão frívolo e infecundo, como no domínio filosófico*. Em outro lugar, sem mesmo se dar o trabalho de apresentar uma justificativa, ele foi ainda mais categórico: *o Brasil não tem cabeça filosófica. Renuncio ao prazer e à glória de uma tal demonstração*. Na pena do maior polemista brasileiro do século XIX – Sílvio Romero –, tais afirmações foram suficientes para decretar a pretensa ausência de filosofia durante todo o período colonial.

Diversamente, nas últimas décadas, filósofos como Antônio Joaquim Severino, Paulo Margutti e outros estão escrevendo uma nova historiografia filosófica brasileira, inclusive retomando sua gênese desde o século XVI. É nessa perspectiva que a edição crítica de Sílvio Romero preenche uma lacuna secular. Os editores dão o devido destaque à sua figura, inserindo-o no curso da história do pensamento nacional que tem nele a expressão de um grande momento, mas que só alcança pleno sentido e justa compreensão em diálogo com as sabedorias lusa, indígena e africana que moldaram a *intelligentsia* brasileira e, por sua vez, ensinam a pensar a Colônia e as lutas pela Independência em um país que ainda precisa se reconciliar com sua história para não ser escravo de seu passado.

Lúcio Marques (UFTM / CNPq)

